ESTADO ACTUAL DAS PESCAS

EM

PORTUGAL

POR

A. A. Baldaque da Silva

Capitão tenente da armada,
engenheiro hydrographo e membro da commissão permanente de pescarias

EDIÇÃO ILLUSTRADA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1892

ESTADO ACTUAL DAS PESCAS EM PORTUGAL

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

ESTADO ACTUAL DAS PESCAS

EM

PORTUGAL

COMPREHENDENDO

A PESCA MARITIMA, FLUVIAL E LACUSTRE EM TODO O CONTINENTE DO REINO, REFERIDO AO ANNO DE 1886

POR

A. A. BALDAQUE DA SILVA

Capitão tenente da armada,
engenheiro hydrographo e membro da commissão permanente de pescarias

EDIÇÃO ILLUSTRADA

COM MAPPAS, GRAVURAS E CHROMOS

« As *pescarias* são um manancial de innumeraveis vantagens para as nações maritimas, não só pela quantidade de braços que empregam, pelos capitaes que põem em giro, pelos seus productos como alimentos, ou como materiaes para as artes e para usos domesticos; mas tambem por serem uma excellente escola de marinheiros. »

O Panorama, vol. III, 1839, pag. 10.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1891

NUFFIELD COLLEGE,
OXFORD.

BODLEIAN LIBRARY
11
SEP
1958
RADCLIFFE

INDICE

DAS

GRAVURAS E MAPPAS

	Pag.
Antigo barco de pesca do curso inferior do rio Tejo	XXVI
Antigo barco de agua arriba do Tejo	opp. a XXVI
Antigos barcos de pesca dos cursos inferiores do Tejo	XXVII
Antigo barco de pesca do rio Douro	XXVIII
Antigos barcos de pesca do rio Minho	XXIX
Antigo barco de pesca maritima costeira	XXX
Antiga lancha de pesca maritima	XXXI
Antigo calão de pesca maritima	opp. a XXXI
Antiga rasca de pesca maritima	XXXII
Antigo cahique de pesca maritima	XXXIII
Orographia submarina da costa de Portugal	opp. a 2
Detalhes do percebe	69
Esqueleto do ouriço	70
Canôas pescando o bacalhau á linha sobre o banco da Terra Nova	opp. a 168
Espinel da pesca do bacalhau	176
Anzol da pesca do bacalhau (tamanho natural)	177
Anzol do bacalhau empatado (tamanho reduzido)	177
Canôa da pesca do bacalhau	178
Cahique pescando o sarrajão com amostra	183
Pesca da cavala no mar de Larache	184
Rede das pescadas	opp. a 188
Carro de suspender as redes	189
Nomenclatura e marcas das pescadas	opp. a 190
Rasca do alto	opp. a 192
Pandulho	193
Rede petisqueira	opp. a 194
Padiolas de conduzir redes	196
Sardinheira	opp. a 196
Ganapão vulgar	197
Ganapão poveiro	197
Anzol da pescada (tamanho natural)	198
Espinel	opp. a 198
Linha da pescada (tamanho reduzido)	199
Linha do peixe espada	201
Anzol do congro	202
Grade e linha do congro	202
Anzol bicheiro do congro	203

Pag.

Anzol do ruivo 204
Linha do ruivo 204
Canôa pescando ao linhavão 205
Barco pescando ao ruivo 206
Xarrásca 207
Rasca das lagostas 210
Repuxo e maço da majoeira 211
Majoeira ..... opp. a 212
Branqueira ..... opp. a 214
Armação fixa de atum á valenciana ..... opp. a 216
Almadrava para a pesca do atum de direito 222
Almadrava para a pesca do atum de revez 223
Armação fixa de sardinha á valenciana 225
Bolo da armação redonda 232
Sacada das armações redondas 232
Planta das armações redondas de Peniche ..... opp. a 234
Peças que compõem o galeão ..... opp. a 236
Rede de galeão ..... opp. a 238
Rede da barca volante 239
Tarrafa 241
Arte de arrastar para a terra ..... opp. a 242
Cinto de alar as redes 244
Arte de chávega ..... opp. a 244
Chinchorro 247
Bugiganga ..... opp. a 248
Zorra 249
Rede pé ..... opp. a 250
Vapor pescando com arrastão ..... opp. a 260
Sacada do alto 262
Enchelevar de rabo 263
Bosca ou cachoça 264
Boia da bosca 265
Copo para o camarão 266
Encinho 267
Agulha de fazer rede 268
Fôrma de fazer rede 268
Maneira de matar as malhas 268
Gamella de encascar redes 268
Anzol para a pesca da faneca 269
Barqueira de arame 269
Cordas maritimas 270
Barqueira de meia varestilha 271
Barqueira de varestilha inteira 272
Estronca de barro 273
Anzol para a pesca do roballo 273
Amostra para o roballo 274
Pescador com canna maritima ..... opp. 274
Taloeira de chumbo 275
Taloeira de madeira 275

	Pag.
Batelinhos pescando á canna	276
Fisga das toninhas	277
Bicheiro das enguias	278
Bicheiro do polvo	278
Rasco do mexilhão	278
Covo	279
Muregona	280
Pilado	280
Redeiro de margem	282
Salto ou Parreira	opp. a 282
Barga das solhas	opp. a 284
Cabaça da barga das solhas	285
Tresmalho	opp. a 286
Barga da tona	opp. a 288
Redeiro derivante	290
Lampreeira	opp. a 290
Botirão de deitar	291
Pesqueira de caneiro	opp. a 292
Botirão fixo	293
Pesqueira da pedra furada em Monsão	opp. a 294
Rede cabeceira	295
Rede pesqueira	opp. a 296
Botirão de deitar	opp. a 298
Muleta de pesca	300
Primeira azenha do rio Coura	opp. a 300
Côa de dois	301
Côa de um	302
Ponte de Villar de Mouros	opp. a 302
Redenho de pesca	303
Tartaranha do camarão	303
Lanchinha pescando com tartaranha	304
Chumbeira ou tarrafa de mão	305
Barco pescando com a chumbeira	305
Tranqueira	opp. a 306
Rede de tapa-esteiros	opp. a 308
Tala do espinel	309
Cabaça para isca	310
Vendedor de peixe em Lisboa	opp. a 310
Cesta da venda do peixe	311
Cordas da pesca fluvial	312
Barco pescando ao linhol	314
Anzol da enguia	314
Chumbada	314
Linha de pesca fluvial	315
Fisga das solhas e linguados	316
Estacada	opp. a 316
Fisga das lampreias	317
Bicheiro das lampreias	317
Pesca ao candeio	318

Pag.

Nassa ... 320
Muzuar ... 320
Apparelhos automaticos ... opp. a 320
Canastra da Povoa de Varzim ... 321
Colhér ... 322
Letráche ... opp. a 322
Xilréu ... 323
Draga ou rasto das ostras ... 324
Espinel fluvial ... opp. a 324
Draga de coiro ... 325
Redefolle ... 325
Peneira ... 326
Encinho de fundo ... 326
Pesqueiras do rio Coura ... opp. a 226
Conto ... 327
Minhocada ou rosulho ... 328
Cambôas ... opp. a 328
Sertelha ... 329
Arranha ... 329
Bolsa para o caranguejo ... 329
Pescador do longueirão ... 330
Esteira derivante ... opp. a 330
Enxada para o marisco ... 331
Garrafa de pesca ... 332
Pesca por apprehensão directa ... opp. a 332
Truta ... 333
Canna de pesca lacustre ... 336
Fisga semicircular ... 336
Chincha ... opp. a 336
Fisga em U ... 337
Fisga de colhér ... 337
Cabaz da venda do peixe ... 338
Recoveira dos cabazes ... 338
Rede-esteira ... opp. a 338
Enguia ... 339
Canna do amador da pesca ... 344
Molinete ... 345
Amador pescando com linha de fundo ... 347
Nós para atar as linhas aos estrovos ... 348
Nós de emendar as linhas de pesca ... 348
Empate em 8 ... 349
Empate em circulo ... 349
Empate em S ... 349
Empate do anzol sem pata ... 349
Empate do anzol com fundo de agulha ... 349
Redenho ... 350
Face interna da tampa da alcofa do amador da pesca ... 351
Alcofa ... 352
Carteira do amador da pesca ... 353

Pag.

Moscas artificiaes para a pesca 354
Tue-diable 356
Pesca á canna 359
Foice 364
Rapadeira 364
Fueiro 364
Encinho ou engaço 365
Redenho do sargaço 366
Encinho de ferro 366
Maceira 366
Jangada de Anha 367
Jangada de Neiva e S. Bartholomeu 367
Jangada das Marinhas 367
Jangada da Costa de Fão 367
Jangada de Fonte Bôa 368
Jangada de Apulia 368
Barca da Apulia 368
Alga 369
Cahique da costa do Algarve, Setubal e Lisboa 372
Ancorote 374
Fateixa 374
Lancha do alto do porto de Caminha 375
Lancha do alto poveira 376
Barco da pescada de Buarcos 377
Cahique de Peniche 378
Antiga rasca da Ericeira 380
Canôa do alto com coberta 381
Canôa do alto com bailéus 382
Canôa do alto de Belem 383
Canôa de Cezimbra e Setubal 384
Vapor de pesca com arrasto ..... opp. a 384
Vertedouro vulgar 385
Galeão 386
Galeonete 387
Buque 388
Canôa do galeão 389
Batel das armações de Peniche 390
Lancha das armações de Peniche 391
Remos das lanchas e bateis de Peniche 391
Barca da testa das armações 392
Barca das armações de Setubal ..... opp. a 392
Barca das portas das armações de Setubal 393
Barca das gachas 394
Laude hespanhol ..... opp. a 394
Calão do Algarve 395
Meias-luas 396
Saveiros 397
Muleta dos saveirōs 397
Remo dos saveiros 397

Pag.

Vertedouro de cabo 398
Xávega 398
Muleta com todo o panno largo 398
Barco de pesca costeira de Caminha 399
Maceira 400
Poita das embarcações do norte do paiz 400
Remo do barco poveiro 400
Bote do Seixal e Barreiro ..... opp. a 400
Barco poveiro de Vianna do Castello 401
Barco da Povoa de Varzim 402
Carrão para encalhar os barcos 402
Barco ilhavo 403
Batel da pesca costeira de Peniche 404
Remo dos bateis de Peniche 404
Focinheira de porco da Ericeira 405
Cahique de Sines 406
Barco do Minho 407
Remo do barco do Minho 407
Barquinha do Lima 408
Barco do Douro ..... opp. a 408
Batel do Cavado 409
Esgueirão 409
Varinos ou batis-batis 410
Bateira do Mondego 411
Lancha de Villa Franca 412
Lancha de transportar peixe no Tejo 413
Lanchinha do Tejo 414
Chata do Tejo 415
Bateira caçadeira 416
Focinheira da Ericeira 416
Barco de pesca da ilha da Madeira ..... opp. a 416

Carta geral de pesca do continente do reino (no fim do volume).

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTA OBRA

Pag.

Prologo XXIII
Introducção XXV

CAPITULO I

Grandeza, exposição, natureza e profundidade da costa occidental e meridional do reino — Extensão, orientação e profundidade dos rios que atravessam o paiz — Descripção das lagôas litoraes do continente
Sob o ponto de vista das pesca

Rio Minho 6
Rio Lima 7
Rio Neiva — Rio Cavado — Rio Ave 8
Rio Douro 9
Rio Vouga — Rio Mondego 10
Rio Tejo 11
Rio Sado — Rio Mira 12
Rio Odelouca — Ria de Faro e Tavira — Rio Guadiana 13
Rio Ancora — Rio Leça 14
Rio Liz — Alcôa — Alfeizirão — Aljezur — Alvor 15
Lagôa de Paramos — Pateira de Fermentellos — Lagôas de Mira — Lagôas do Bom Successo 16
Lagôa dos Linhos — Lagôa de Obidos — Lagôa de Albufeira 17
Lagôa de Melides — Lagôa de Santo André — Lagôa dos Passaros 18

CAPITULO II

Divisão das pescas em pesca maritima, pesca fluvial e pesca lacustre — Sub-divisão da pesca maritima em pesca longinqua, pesca do alto e pesca costeira — Classificação geral de todos os apparelhos de pesca
Descripção das principaes especies de peixes, crustaceos e molluscos que povoam as nossas aguas e que têem valor commercial definido para o consumo

Peixes de agua salgada

Primeiro grupo:

Atum 23
Corvina 24
Pescada 25
Teiroga ou ourega, raia, ratão e uje 26
Teiroga ou ourega — raia 27
Ratão — uje — tamboril ou peixe-sapo 28
Cação ou galhudo, lixa, caneja, cascarra, melca 29

Pag.

Cascarra ou gata 30
Esturjão ou solho-rei — congro 31
Peixe-espada, lirio — rodovalho e pregado 32
Pargo, cherne 33
Badejo 34
Segundo grupo:
Choupa, dourada 34
Sargo, goraz, cachucho 35
Besugo, peixão, ruivo 36
Robalo, safio 37
Mureia, peixe agulha, peixe gallo, cavalla e sarda 38
Carapau ou chicharro, sardinha 39
Imperador, olhudo, salema, cantarilho, emprenhador, judeu, serra, sarrajão ou bonito 41
Chaputa ou freira, abrotea, biqueirão 42
Terceiro grupo:
Salmonete 42
Faneca, tainha ou fataça, alvor, limento, negrete ou negrão e mugem 43
Linguado e azevia — solha e patença ou solho 44
Enguia — charrouco 45
Bodião e maragota — peixe rei 46
Breta ou piarda — escorpião 47

Peixes que se encontram nas aguas doces

Primeiro grupo — peixes emigrantes:
Salmão 48
Savel 50
Lampreia 51
Segundo grupo — peixes domiciliados:
Barbo — truta 53
Boga 54
Escalo — bogardo — morca — enguia 55

Especies da agua salgada e da agua doce

Que não têem grande valor sob o ponto de vista do consumo

Toninha — golphinho — roaz 56
Peixe cão, anequim, sardo, barroso, arreganhada, lixa de pau, pailona, raposo, zorro — agulhão 57
Escolar — mero, cherna e garoupa — barbo do mar, alcaboz, peixe-rato 58
Peixe voador, bulideira 59

Principaes crustaceos das aguas de Portugal

Lagosta 59
Lavagante 60
Lagostim, caranguejola 61
Santola, caranguejo, pilado 62
Caranguejo molle, camarão 63

Molluscos comestiveis das aguas de Portugal

Primeiro grupo: Pag.
Polvo ... 64
Lula, choco ... 65
Segundo grupo:
Ostra ... 66
Mexilhão ... 67
Ameijoa, cadellinha, brebigão, vieira, lapa ... 68
Caramujo, burrié, corneta, buzio, freirinha, berberixo, percebe ... 69
Longueirão ... 70

Echinodermes

Ouriço de mar ... 70
Ouriço da ribeira, estrella do mar ... 71

CAPITULO III

Descripção e classificação de todos os portos maritimos e fluviaes de pesca do continente do reino
Portos de apanha de sargaço — Qualidade e numero de embarcações empregadas em cada porto
Numero de pescadores — Quantidade, qualidade e valor do pescado
Outras informações relacionadas com a pescaria

Rio Minho

Monsão — Geito Velho de Córtes — Lapella — Gingleta — Segadaes — S. Pedro da Torre — Carvalha — Villa Nova de Cerveira — Motta de Gondarem — Lanhellas — Seixas — Caminha ... 74

Entre os rios Minho e Lima

Ponta do Cabedello — Insua de Caminha ... 81
Moledo — Cahide ... 82
Porto Novo — Portinho de Gontinhães ... 83
Rio Ancora ... 84
Penedim — Caneiro ... 85
Affife — Carreço ... 86
Fornellos — Fonte do Mar ... 87
Rego de Fontes ... 88

Rio Lima

Vianna do Castello ... 89
Darque ... 91

Entre os rios Lima e Cávado

Moinho do Bispo ... 92
Neiva ... 93
S. Bartholomeu do Mar — Marinhas ... 94

Rio Cávado

Pag.
Espozende e Fão 95

Entre os rios Cávado e Ave

Costa de Fão 98
Frade ou Gramadoira 99
Sedovem — Apulia 100
Aguçadoura — Abremar — Povoa de Varzim 101

Rio Ave

Villa do Conde 104

Entre os rios Ave e Douro

Villa Chã — Lavra 105
Leça e Mattosinhos 106

Rio Douro

Foz — Afurada 107
Porto — Valbom 108
Foz de Sousa — Pedorido 109

Entre os rios Douro e Vouga

Lavadores — Granja 110
Espinho 111
Paramos 112
Esmoris — Furadouro 113
Torreira 114
S. Jacinto 115

Ria de Aveiro

Ria 115
Pateiras de Fermentellos e Frossos 117

Entre os rios Vouga e Mondego

Costa Nova 117
Arião — Mira 118
Tocha — Costinha — Quiaios — Lagôas do Bom Successo — Buarcos 119

Rio Mondego

Figueira da Foz — Montemór o Velho 121
Coimbra 122

Entre os rios Mondego e Tejo

Pag.
Cova ... 123
Lavos — Leiroza — Pedrogão ... 124
Vieira — Nazareth ... 125
S. Martinho — Foz do Arelho ... 126
Peniche ... 127
Seixal — Atalaya — Ribamar ... 128
Porto Novo — Santa Cruz — Assenta ... 129
Ericeira — Cascaes ... 130

Rio Tejo

Paço de Arcos ... 132
Belem — Lisboa ... 133
Villa Franca — Barreiro e Seixal ... 135
Trafaria ... 136

Entre os rios Tejo e Sado

Caparica ... 137
Cezimbra ... 138

Rio Sado

Setubal ... 139

Entre o rio Sado e o cabo de S. Vicente

Melides e Santo André — Sines ... 142
Porto Covo — Milfontes ... 143
Calheta do Sardão — Arrifana ... 144

Entre o cabo de S. Vicente e o rio de Portimão

Salema — Almadena — Burgau ... 145
Senhora da Luz — Porto de Moz — Lagos ... 146
Aivôr ... 148

Rio Odelouca ou Portimão

Portimão ... 149
Ferragudo ... 150

Entre a foz de Portimão e o cabo de Santa Maria

Carvoeiro — Benagil ... 151
Senhora da Rocha — Armação de Pera — Pedra da Galé ... 152
Albufeira ... 153
Vallongo — Quarteira — Forte Novo — Ramalhete ... 154
Cabo de Santa Maria — Faro ... 155

Entre o cabo de Santa Maria e a Foz do rio Guadiana

Pag.
Olhão ... 157
Fuzeta ... 158
Tavira ... 159
Cacella — Torre Velha ... 160
Cabeço — Monte Gordo ... 161

Rio Guadiana

Villa Real de Santo Antonio ... 162
Pomarão — Mertola ... 164

CAPITULO IV

Pesca longinqua — Portos que actualmente apparelham navios para a pesca do bacalhau no banco da Terra Nova
Temporada de pesca
Descripção das embarcações, apparelhos de pesca e processos empregados n'esta exploração
Pesca da cavalla, sarrajão e outras especies no mar de Larache — Epocha de pesca
Embarcações, apparelhos e processos usados n'esta industria

Pesca do bacalhau no banco da Terra Nova ... 165
Pesca no mar de Larache ... 182

CAPITULO V

Pesca do alto — Descripção dos apparelhos e processos empregados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino

Pesca do alto com apparelhos de rede de enmalhar permanentes ou de fundo

Volante ... 188
Zangarelho — Rasca ... 192
Petisqueira ... 193

Pesca do alto com apparelho de rede de enmalhar fluctuante ou de superficie

Sardinheira ... 194
Ganapão ... 197

Pesca do alto com apparelhos de muitos anzoes

Espinel do alto ... 198
Palangre — Gorazeira ... 199

Pesca do alto com apparelhos singelos de anzol ou linhas de pesca

Linha da pescada ... 200
Linha do peixe-espada ... 201
Linha de congro ... 202
Linha do ruivo — Linhavão — Xarrásca ... 203
Canna da cavalla ... 204

CAPITULO VI

Pesca costeira — Descripção dos apparelhos e processos usados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino

Apparelhos de rede de enmalhar fixos

PAG.
Rasca das lagostas — Caçonaes — Corvineiras ... 210
Majoeira ... 211

Apparelhos de rede de enmalhar volantes

Branqueira ... 212
Saval — Valo ... 313

Apparelhos de rede envolvente fixos

Armações de atum ... 214
Corpo da armação de atum ... 215
Armações de sardinha á valenciana ... 225
Armações de sardinha redondas ... 232

Apparelhos de rede envolvente de cerco volante

Galeão ... 235
Barca volante ... 238
Tarrafa ... 240
Atalho e Coador ... 241

Apparelhos de rede envolvente de arrastar

Artes de arrastar ... 242
Chávega ... 245
Murgeira ... 246
Chinchorro ou chinchoxo — Chincha ... 247
Bugiganga — Lavada — Solheira — Zorra ... 248
Rede-pé ... 249
Arrasto a vapor ... 250

Apparelhos de rede envolvente de suspensão

Sacada ... 262
Bosca ... 263
Camaroeiro — Copo — Enchelevar ... 266
Ganapão — Encinho ... 267

Apparelhos de muitos anzoes

Espinel — Cordas ... 269
Barqueiras ... 271

Apparelhos singelos de anzol ou fisga

Pag.
Linha de pesca — Amostra ... 273
Canna de pesca maritima ... 274
Taloeiras ... 275
Fisga — Bicheiro ... 277
Rasco ... 278

Apparelhos de verga em fórma de ratoeira

Covos — Muregonas ... 279

CAPITULO VII

Pesca fluvial — Descripção dos apparelhos e processos de pesca usados nos rios e rias do continente do reino

Apparelhos de rede de enmalhar fixos

Redeiro de margem ... 282
Salto ou parreira ... 283
Solheira ... 284

Apparelhos de rede de enmalhar volantes

Barga das solhas ... 285
Barga da tona — tresmalho ... 286
Barbal — Lampreeira ... 289
Redeiro derivante ... 290

Apparelhos de rede envolvente fixos

Botirão ... 290
Cabaceira ... 294
Redes pesqueiras ... 295

Apparelhos de rede envolvente volantes

Algerife ... 296
Sacada ou arrasto ... 297
Emballos — Varina — Rede das morcas ... 298
Tartaranha ... 299
Côa de dois — Côa de um — Estremalho ... 302
Redenho — Camaroeiro ... 303
Chumbeira ... 304

Apparelhos de rede de estacada

Estacada ... 306
Tranqueira ... 307
Cerco fixo ... 308
Rede de tapa esteiros ... 309

Apparelhos de muitos anzoes

Pag.
Espinel 309
Cordas 311
Apparelhos 313

Apparelhos singelos de anzol ou fisga

Linhol 313
Linha de pesca 314
Canna de pesca 315
Varinha de pesca — fisga das solhas e linguados 316
Fisga das lampreias — bicheiro 317
Abaixa 319

Apparelhos de verga ou arame em fórma de ratoeira

Covo — nassa 319
Muzuar 320

Apparelhos automaticos

Engenho de pesca dos rios do norte do paiz 320

Variedades

Redes — colhér — letrache 322
Xilréu — draga ou rasto 323
Redefolle — peneira 325
Encinho — conto 326
Installações fixas — pesqueiras — camboas 327
Engodos — minhocada ou rosulho — sertelha 328
Bolsa — arranha 329
Esteira 330
Auxiliares de pesca — arame do longueirão — cavadeira ou enxada — garrafas — systemas de pesca por apprehensão directa 331

CAPITULO VIII

Pesca lacustre — Descripção dos apparelhos e processos de pesca empregados nas lagôas litoraes do continente do reino

Chincha 335
Rede esteira — canna de pesca — fisga 336

CAPITULO IX

Pesca recreativa — Amadores da pesca, apparelhos e processos aperfeiçoados que empregam os amadores, instrucções sobre a construcção dos apparelhos de anzol e de rede usados n'esta pesca

Canna de pesca 344
Linha de pesca 346

Pag.
Anzoes 348
Fluctuadores — chumbadas — redenho — fisga — bicheiro 350
Desenrascador — prumo 351
Descravador — agulha para iscar ao vivo — colhedor — alcofa 352
Carteira 353
Pesca do salmão 355
Pesca da truta 356
Pesca de bogas e escalos — pesca da tainha, mugem e xarrouco 357
Pesca da enguia — pesca do solho-rei 358

CAPITULO X

Apanha das plantas marinhas — Sargaço, portos de sargaço, utensilios, redes e jangadas que se empregam na colheita das plantas marinhas

Portos de apanha de sargaço ou limos 362
Rapadeira — foice — enxada — fueiro 364
Encinho ou engaço — redenho 365
Encinho de ferro ou graveto 366
Jangadas de Anha, Neiva, S. Bartholomeu, Marinhas, Costa de Fão 367
Jangadas de Fonte Boa, Apulia 368

CAPITULO XI

Embarcações de pesca — Descripção de cada um dos typos de embarcações empregadas na pesca exercida pelos pescadores do continente do reino

Embarcações da pesca maritima longinqua 371
Embarcações da pesca maritima do alto 373
Embarcações da pesca maritima costeira 385
Embarcações da pesca fluvial e lacustre 407

CAPITULO XII

Importancia actual da pesca em Portugal 417

CAPITULO XIII

Collecção de grande numero de leis e providencias, usos e costumes sobre a pesca em Portugal 432

CAPITULO XIV

Vocabulario 477

PROLOGO

Esta obra representa, tanto nos traços geraes como nos mais minuciosos detalhes, o producto da observação e estudo directo que fizemos, durante dez annos, em toda a costa, portos, rias, rios e lagôas do continente do reino, sobre os cetaceos, peixes, crustaceos, molluscos e algas, que vivem n'estas aguas, e os apparelhos, embarcações e processos de exploração empregados na pesca.

Apresentâmos e descrevemos com toda a fidelidade e segundo a nossa exclusiva apreciação, o que vimos praticamente percorrendo as differentes localidades, acompanhando os pescadores nas suas excursões, e familiarisando-nos com os seus habitos, dialectica, segredos e methodos profissionaes.

É um trabalho essencialmente pratico, que sem pretensões de sciencia, póde auxiliar os poderes publicos, os homens illustrados, e os economistas a resolver alguns dos problemas menos conhecidos e mais interessantes sobre as pescarias nacionaes.

Para tornar mais clara a descripção do material e processos de pesca, mandámos construir nas diversas localidades modelos reduzidos das redes, armações, apparelhos e utensilios de pesca, assim como os de todas as embarcações empregadas n'esta industria, conseguindo reunir a primeira collecção d'este genero que possue o nosso paiz, a qual por acquisição do estado figura actualmente no museu industrial maritimo da escola de desenho industrial «Pedro Nunes», em Faro.

Ao sr. conselheiro Henrique de Barros Gomes, ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que ordenou a publicação por conta do estado d'esta obra, que foi feita por nossa iniciativa e gratuitamente, e a todas as pessoas que a coadjuvaram com os seus conhecimentos profissionaes e informações, tributâmos n'este logar muita gratidão, attribuindo-lhes qualquer merecimento que ella possa ter, e reservando-nos exclusivamente o trabalho que nos deu, e os erros que commettemos na sua coordenação.

A. A. Baldaque da Silva.

INTRODUCÇÃO

Sob diversos pontos de vista se póde orientar o estudo das pescas em Portugal: estabelecendo o direito fundamental do seu exercicio; fazendo a sua historia; coordenando a sua legislação especial; descrevendo o seu material e os seus processos; fazendo a comparação d'estes processos com os de outras nações; investigando as suas relações e resultados; emfim, encarando este assumpto tão importante pelas multiplices feições especiaes que aproveitem a quaesquer investigações de ordem scientifica, commercial, industrial ou economica.

Destina-se unicamente esta introducção a levantar uma ponta do véu que encobre os processos de pesca e os typos de embarcações usados nos primeiros seculos da monarchia portugueza.

A principio foi considerada a pesca como um direito senhorial, exercido pelo rei ou delegado por elle nos titulares e corporações religiosas, que em virtude de favor ou doação regia, ou em resultado de patrimonio, faziam da pesca uma especie de caça reservada em toda a area dos respectivos condados, dioceses, castellos e mosteiros, que constituiam então a divisão da propriedade e do poderio em Portugal.

É difficil averiguar o que seria a pesca n'este primeiro periodo, envolvido em denso véu para todas as averiguações historicas, que demandam maior detalhe e precisão, quanto mais para o conhecimento de uma exploração muito limitada, por se restringir ás aguas encravadas no territorio do reino, e quando muito ás que o banhavam de perto pelo lado do mar.

Os primeiros monarchas, preoccupados com as conquistas do territorio, e apertados entre os dois potentes colossos do clero e nobreza, mal podiam attender aos ramos principaes da administração, moldada em costumes primitivos, e cuja resolução verbal e immediata andava dependente dos acontecimentos e vontade do soberano. A nação estava no periodo da sua constituição politica e administrativa.

Do tempo de D. Sancho II ha uma lenda bem conhecida e assás verosimil que lança alguma iuz sobre uma das especies mais vulgares dos rios do norte, e que já a esse tempo os povoava, e era muito apreciada para o consumo. Diz a tradição que durante o cerco do Castello de Celorico, passára no ar uma aguia, deixando cair entre os sitiados uma *truta* que levava no bico, havendo o alcaide, Fernando Pacheco, mandado offerecel-a aos inimigos como regalo, para lhes fazer suppor que tinha muitos viveres, estratagema que surtiu o effeito desejado de os sitiantes levantarem o cerco. Este facto naturalissimo, encontra completo fundamento na aguia-pescadora, que na America do Norte chega a tirar das aguas com as garras enormes salmões [1], e leva-nos a inferir que não só as *trutas,* mas tambem o *salmão,* constituiam uma pescaria muito estimada n'aquelle tempo, e para a qual já havia uma exploração apropriada e trivial, consistindo os apparelhos empregados na captura d'estas duas especies, e provavelmente de muitas outras das aguas fluviaes, *em nassas de verga,* das quaes ha noticia muito antiga no tempo de D. João I.

Tambem era importante a pesca dos *saveis* nos rios do paiz, feita nos chamados *canaes* e *pescarias,* por meio de *caniços* de *rama* ou *verga;* correspondendo os primeiros ás *pesqueiras* que ainda hoje se vêem no rio Minho, e sendo os caniços uma especie de rede feita em bandas, formando um tecimento com vãos abertos para a passagem da agua e das creações, mas que retinham as especies maiores.

Segundo a mais fundamentada tradição, resumia-se a pesca, no primeiro seculo da monarchia portugueza, ás aguas interiores, e quando muito á zona costeira, porque o litoral sempre sujeito ás razzias dos arabes, ainda não era povoado, e até uma costa importante, como era a do sul do reino, só em 1249 foi libertada por D. Affonso III, expulsando definitivamente

---

[1] *Péches dans l'Amerique du Nord,* par Bénédict-Henry Revoil, pag. 56.

do Algarve o dominio mourisco; sendo de crer que este monarcha, cuja iniciativa vigorosa se encontra na vida agricola, industrial e commercial da sua epocha, fosse o primeiro a promover alguma medida util para desenvolvimento das pescarias, que veremos serem attendidas e favorecidas no reinado seguinte.

As redes que então se usavam nas aguas interiores eram as *avargas* e as *savaares,* que correspondem ás redes *varga* e *saval* que ainda hoje existem; consistindo a primeira em um unico panno de enmalhar e a segunda em uma rede de tresmalho; isto é, de tres pannos sobrepostos tambem de enmalhar.

N'esse tempo, os pescadores trabalhavam por imposição dos senhores, que se apropriavam do producto da exploração, permittindo-lhes unicamente ficar com uma pequena parte para a alimentação diaria; em todos os condados, mosteiros, confrarias, etc., havia um certo numero de pessoas encarregadas da pesca para a communidade, e com penas graves, quando não apresentavam provisão sufficiente, a ponto de com frequencia serem açoutados em publico, nas prisões ou nas esplanadas dos castellos, por denuncia e convencimento de descaminho da pescaria.

Difficil se torna tambem reconstituir os typos das antigas embarcações de pesca, porque os desenhos da epocha nem sempre representam uma copia fiel do original, e as mais das vezes enfeitam-se com allegorias, que desorientam os investigadores até nos traços principaes.

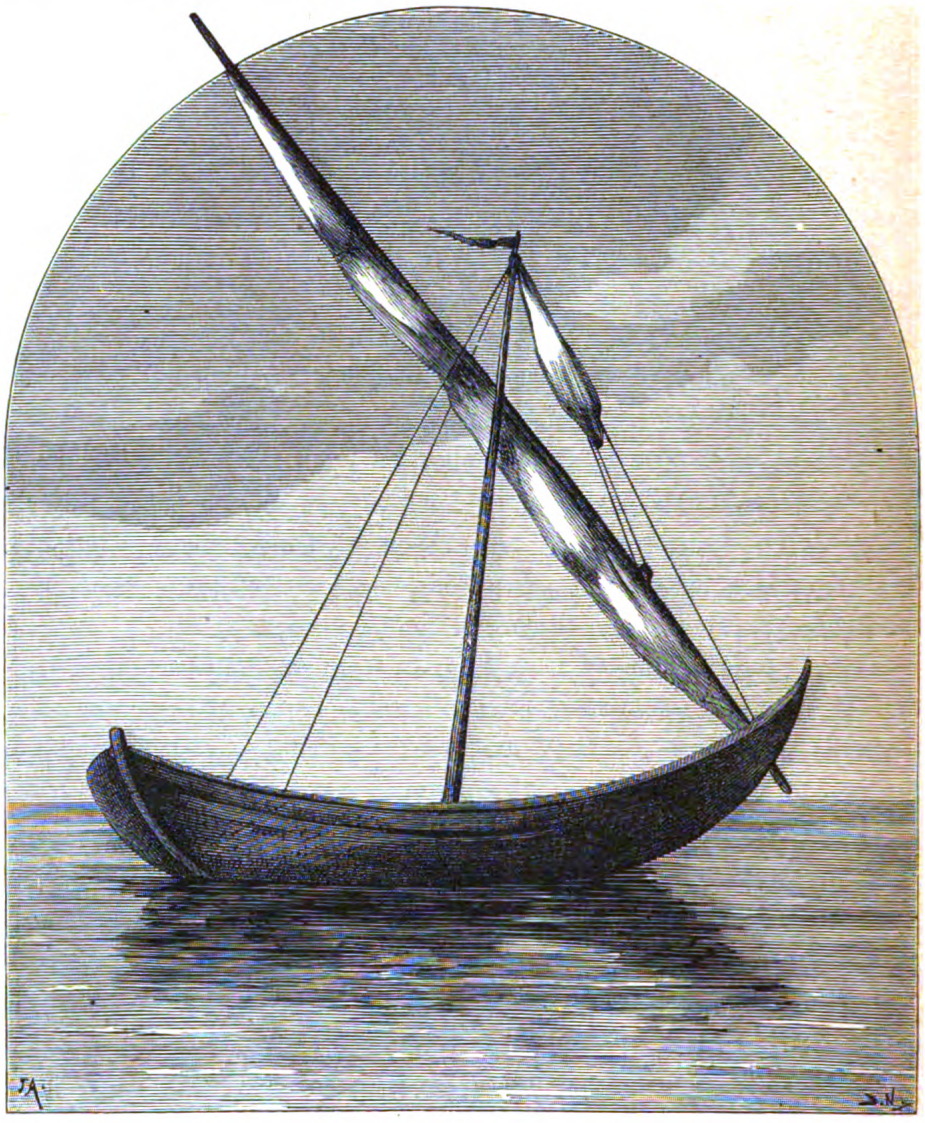
Consultando alguns quadros, azulejos e descripções antigas, julgàmos poder apresentar os typos mais caracteristicos das embarcações usadas na pesca fluvial e costeira dos primeiros tempos da monarchia, dos quaes alguns ainda continuaram alem do seculo XVI.

Começaremos pelas embarcações da pesca fluvial, referindo-as aos typos usados nos tres rios principaes: Tejo, Douro e Minho.

As embarcações antigas da pesca fluvial do Tejo, segundo um desenho do seculo XVI, representando a vista de Lisboa, por Simão Beninc, affectavam dois generos differentes; um era a embarcação maior apparelhando com véla, e o outro o pequeno barco do curso superior do rio.

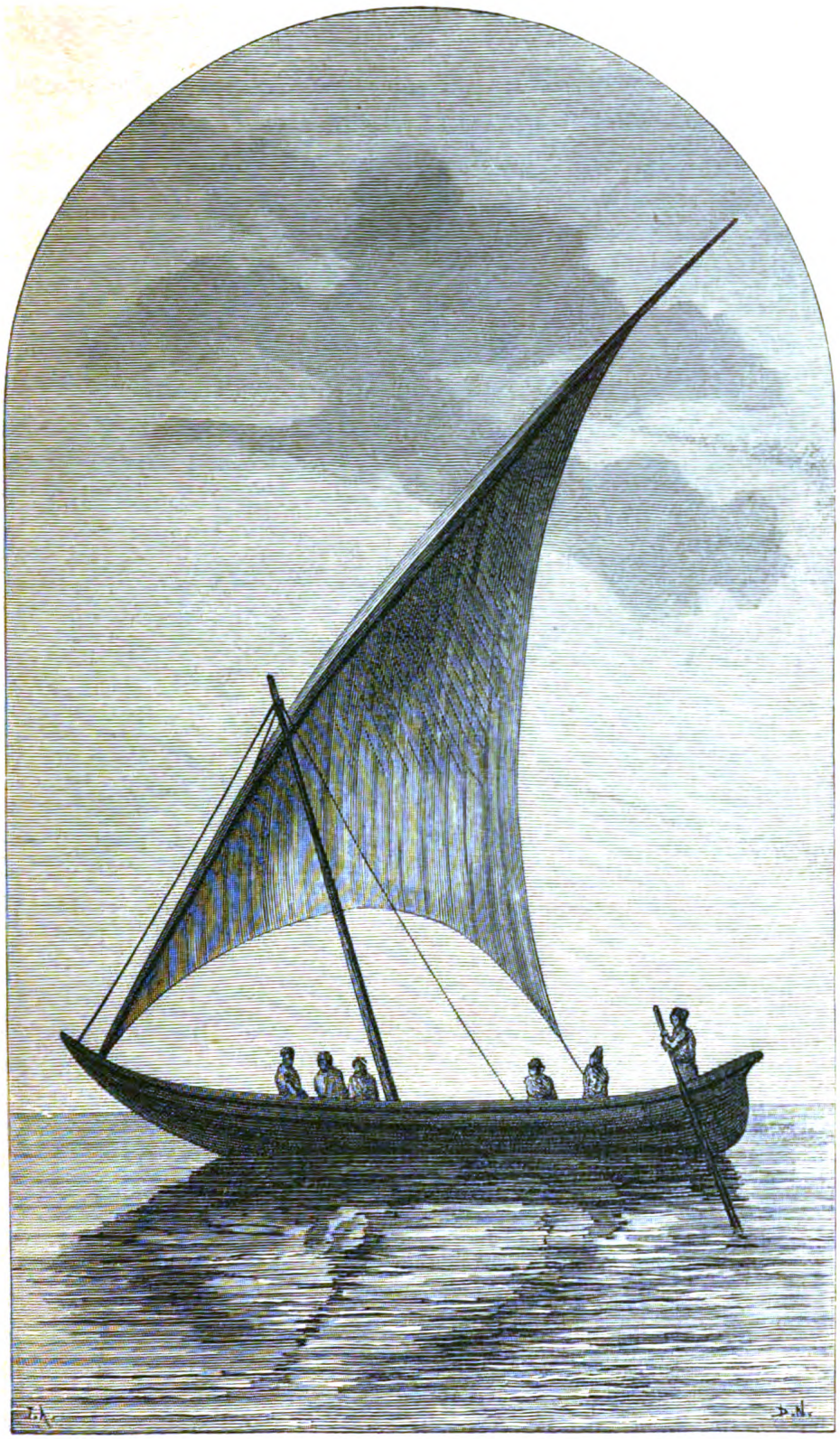
No genero de maiores dimensões temos dois typos: o da embarcação de pesca do curso inferior até ás proximidades da barra, barco com a prôa arrufada, para melhor poder resistir ás vagas, que por vezes encapelam o Tejo, tendo tambem a poupa boieira e levantada, caracteristica dos pri-

mitivos modelos da arte naval, e apparelhando com um simples bastardo, içando em um mastro acunhado a meio do barco.



Barco antigo do Tejo

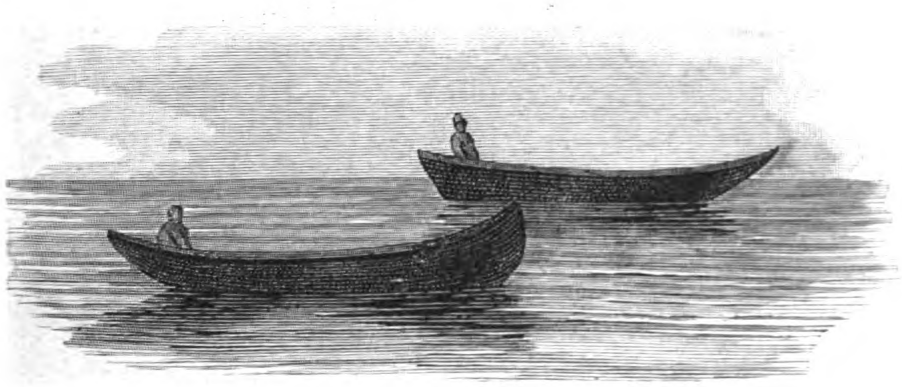
O outro typo, tambem grande, póde ser considerado o de *agua arriba*, que exercia a pesca até a montante de Santarem e transportava a pescaria de Lisboa. Apresenta este a prôa rasa, propria para abicar á margem, a poupa tambem elevada, e apparelhando com o mastro muito caído para vante, içando n'elle um latino triangular.



Barco antigo de agua arriba do Tejo

O typo do pequeno barco, muito parecido com o varino actual, prestava-se á navegação por entre os esteiros e calas marginaes, offerecendo ainda a particularidade da maior elevação da poupa em relação á prôa que terminava em bico. Era n'estas pequenas embarcações que provavelmente se executavam os trabalhos da pesca por meio de *caniços,* installados nos *canaes* e *pescarias,* e de bordo das quaes se lançavam os apparelhos de rede, denominados *avargas* e *savaaras.*

O barco de pesca do rio Douro, com a prôa muito avançada e a poupa quadrada, apparelhava com uma véla de pendão, içada em um mastro situado a meio, governando com uma esparrella, como vae indicado na figura da pagina seguinte, copia de uma embarcação da localidade, que Forrester apresenta na sua carta *the Portuguese Douro.*



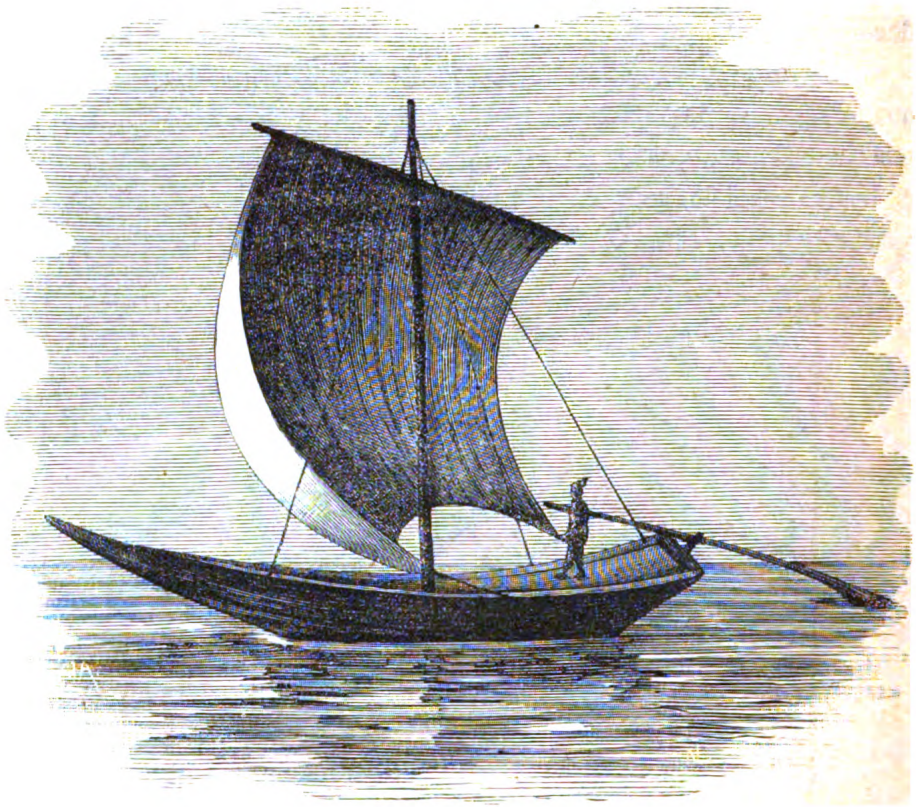
Barcos antigos do Tejo

As embarcações actuaes do rio Douro ainda são muito similhantes a este typo, que reune condições de fórma e manobra, assás adequadas á navegação fluvial em correntes caudalosas, podendo atracar a margens abruptas ou escarpadas com a sua comprida e elevada prôa.

Remotissimo é o uso das *pescarias* e das redes chamadas *camaroeiras* ou de *conchinha* na pesca fluvial do Douro, existindo differentes accordãos do senado da camara do Porto de 1560 e 1561 estabelecendo a bitola das malhas permittidas para esta exploração e prohibindo algumas redes nocivas á facil repovoação das aguas d'este rio.

Pelo tratado de 20 de outubro de 1353 feito em Londres, entre os moradores de Lisboa e Porto e Eduardo III de Inglaterra, para os pescadores d'estas cidades poderem pescar livremente nos portos de Inglaterra e de

Bretanha, e nos portos e logares que elles julgarem convenientes, se deprehende que a pesca longinqua, exercida por portuguezes, remonta a grande antiguidade, podendo assignalar-se-lhe o começo no seculo XIV, empregando os typos de embarcações que adiante descrevemos para a pesca maritima, com a denominação de *rascas* e *cahiques*.



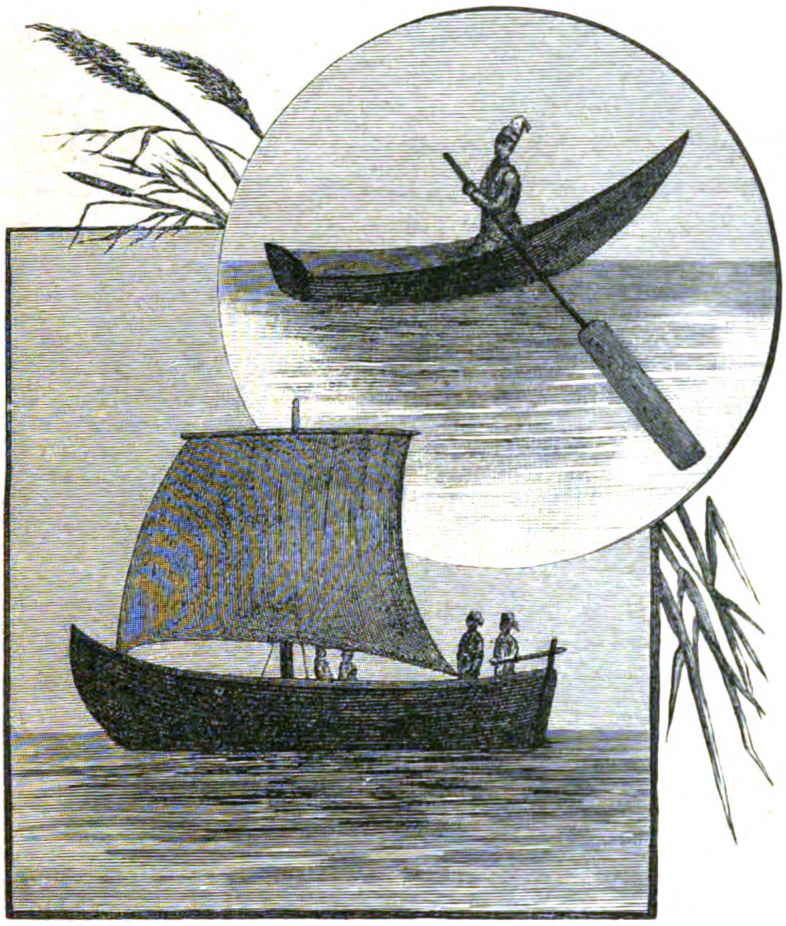
Barco antigo do Douro

Tambem na pesca costeira se usavam barcos mais fortes e de maiores dimensões, que permittiam explorar, por exemplo: o coral, industria antiquissima exercida no costa do Algarve; e ha muitas probabilidades de que a pesca da baleia, constituia n'essa epocha uma exploração costeira muito lucrativa e para a qual se empregavam embarcações ligeiras de construcção muito primitiva.

Encontram-se em documentos do tempo de D. Diniz, disposições relativas á pesca costeira; estabelecendo a obrigação de determinadas povoações maritimas apparelharem um certo numero de *caravellas* para pescaria,

mas n'esta denominação de *caravellas* parece comprehender-se uma designação generica de differentes typos de embarcações, com fórmas e construcções diversas e que n'essa epocha se empregavam na pesca.

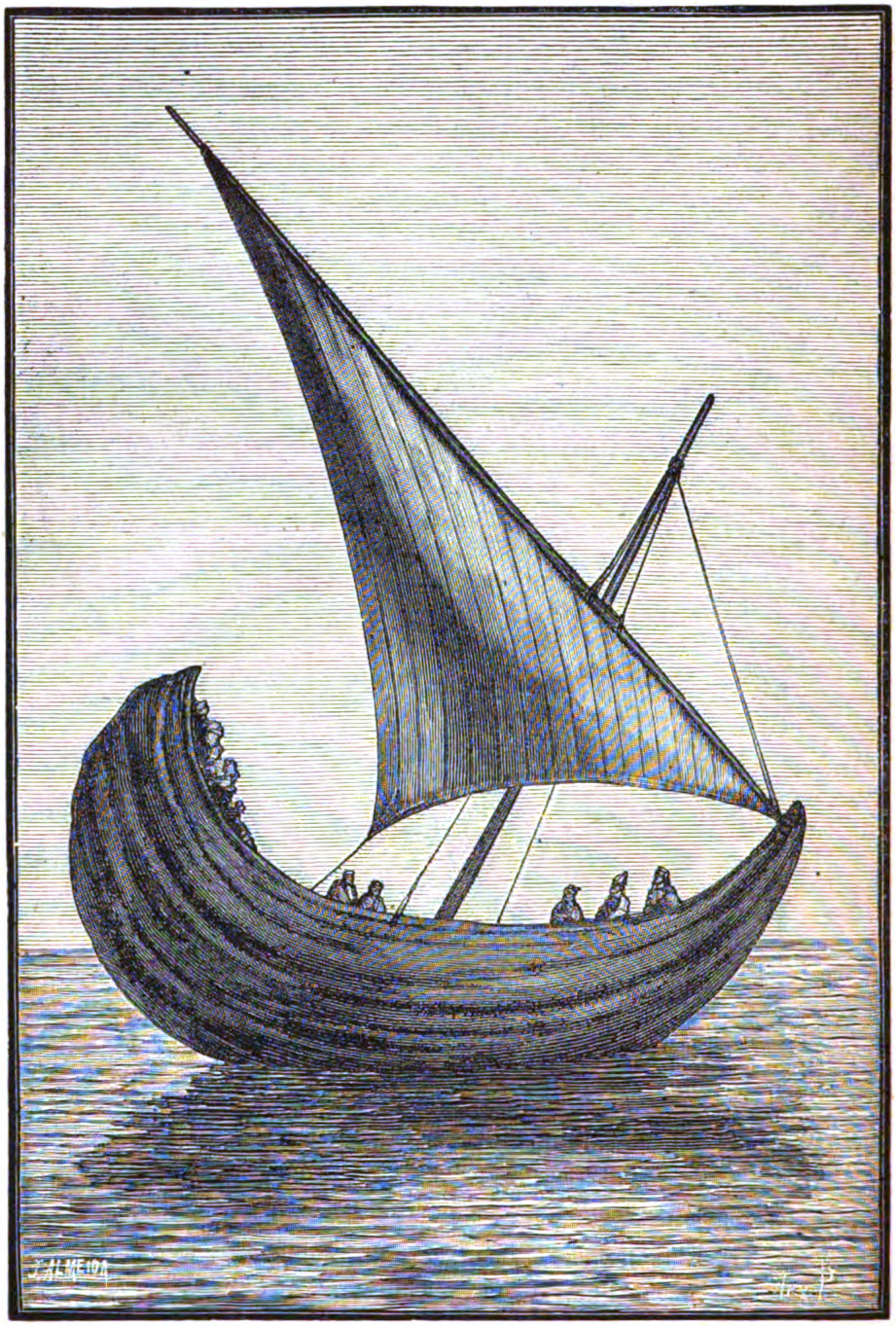
Dos antigos barcos de pesca do rio Minho, póde-se fazer uma idéa muito approximada por um quadro do côro do antigo convento de Santo Antonio da Insua de Caminha (1592), de onde tirámos os desenhos juntos.



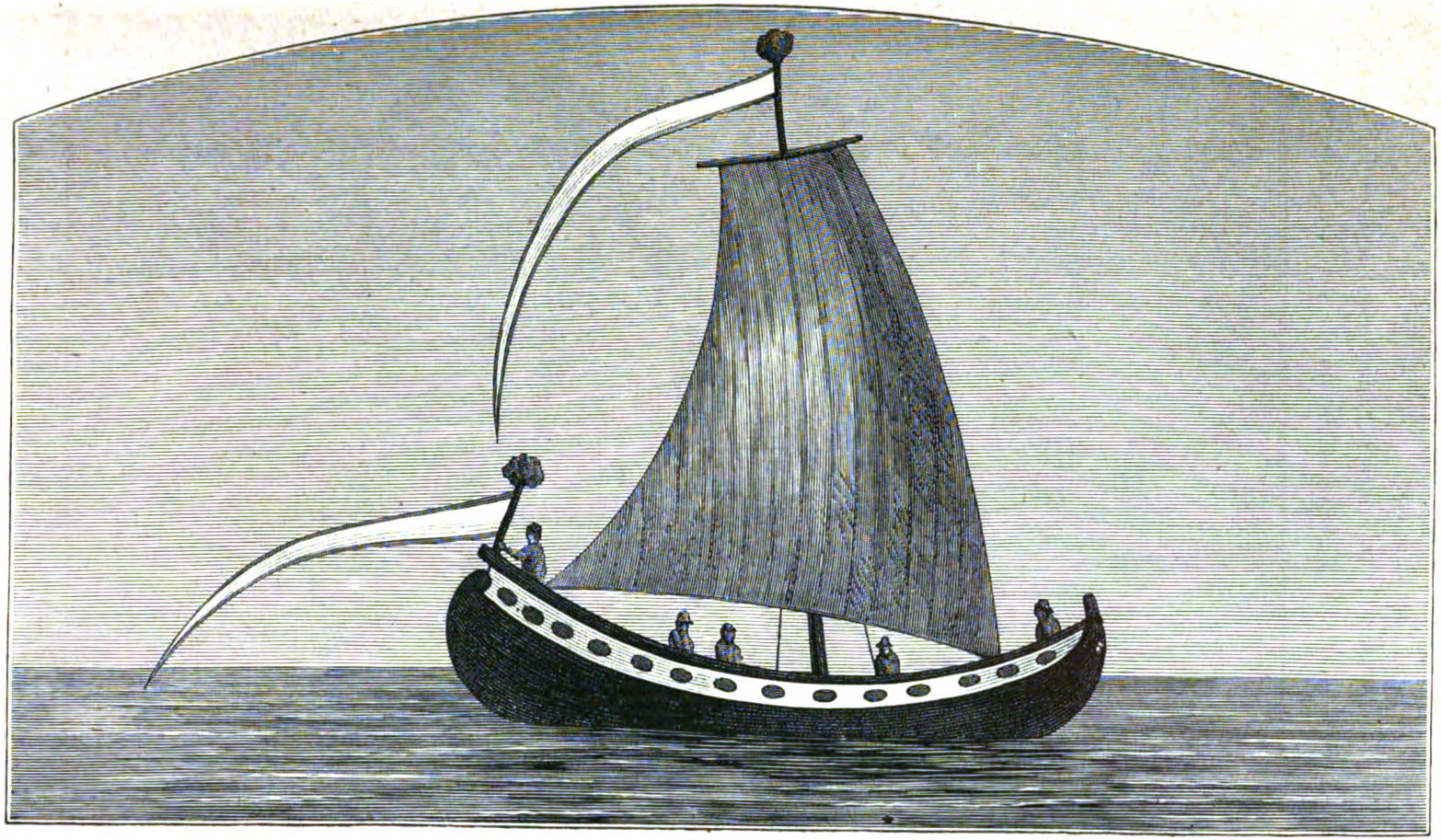
Barcos antigos do rio Minho

Segundo este quadro antiquissimo, exercia-se a pesca fluvial em pequenas canôas de fundo chato, e empregavam-se outras embarcações maiores de véla e munidas de leme, para a pesca na proximidade da barra, constituindo dois typos muito similhantes aos que ainda hoje existem no rio Minho, aperfeiçoados unicamente na fórma e systema de construcção menos grosseira e dispendiosa.

Effectivamente hoje, ainda se empregam na pesca fluvial do Minho uns pequenos barcos, manobrados por um unico homem, manejando dois remos



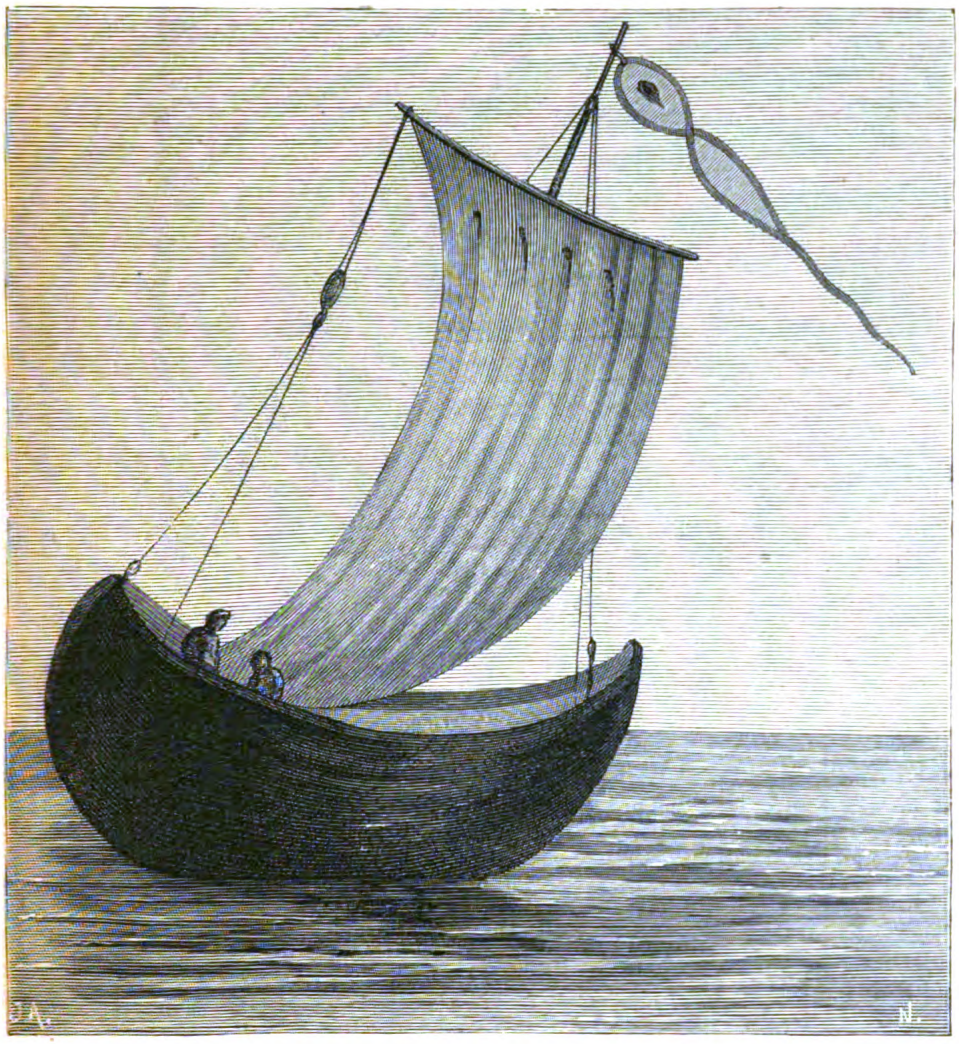
Barco antigo da pesca maritima



Calão antigo

de pá; e na exploração das aguas da bacia inferior e das vizinhanças da barra, um outro barco maior, munido de véla.

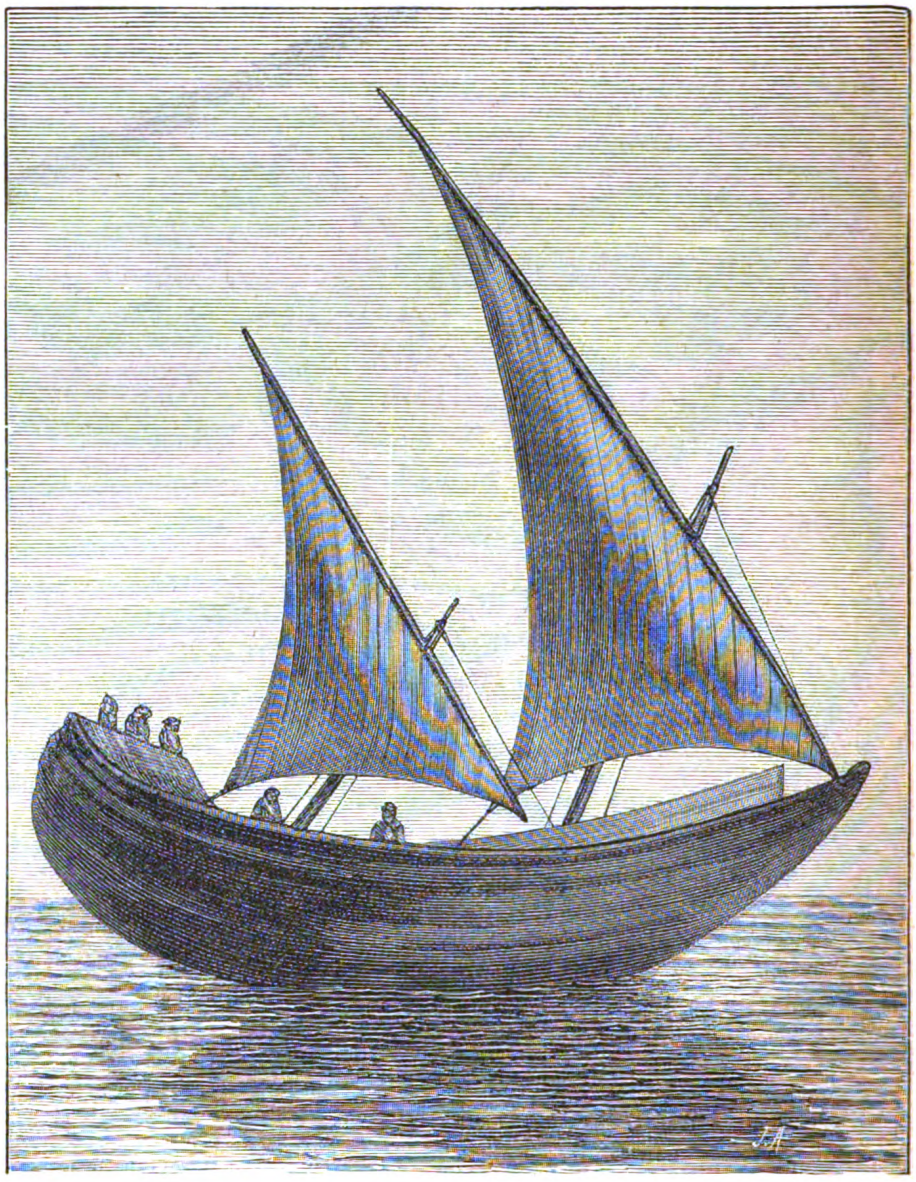
Mais interessantes e variados são os typos das embarcações antigas da pesca maritima.



Lancha antiga de pesca

O barco de pesca costeira, apropriado para varar em terra, offerece uma fórma muito simillhante á das actuaes meias-luas, mostrando comtudo uma construcção assás tosca e primitiva. O castello da poupa muito elevado; o mastro caído para vante; e a véla reduzida a um simples triangulo envergado em comprida vara içada ao longo do mastro.

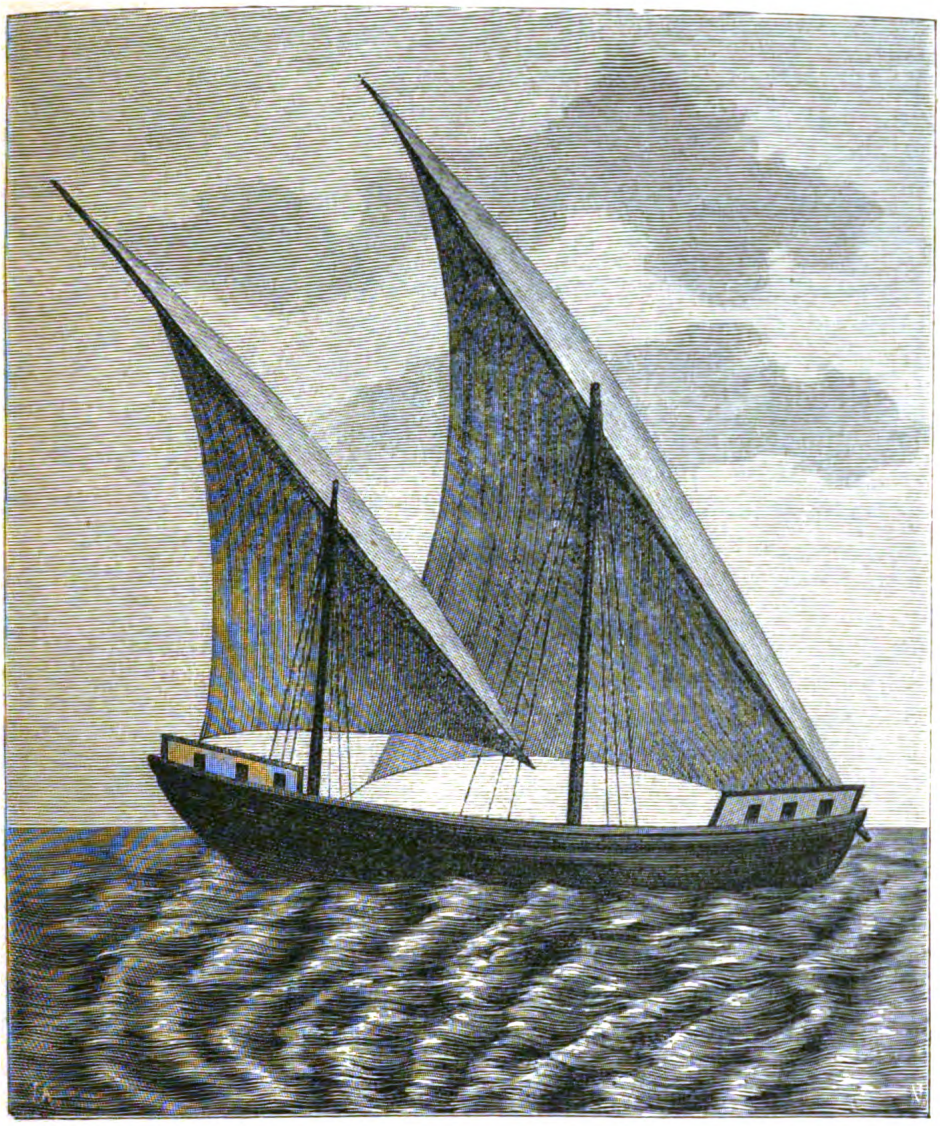
A lancha do alto apparelha com vèla de pendão, e tem o mesmo aspecto tosco do barco anterior.



Rasca antiga

O calão era, como ainda é hoje, uma embarcação comprida e forte, adequada ao transporte de numerosa companha e de redes e cabos pesados. Estas embarcações eram empregadas nas antiquissimas *almadravas,*

e muito provavelmente nas *baleações* estabelecidas em alguns pontos da costa occidental do paiz. A figura representa o calão com um cintado de vante a ré, adornado de vistoso desenho.



Cahique antigo de pesca

Muito antigo é tambem o typo de embarcação, denominada *rasca,* munida de convez ou com dois toldos, um a vante e outro a ré, para abrigo da tripulação. Este typo offerecia grande segurança, e o seu emprego leva

a admittir a pesca exercida ao largo, ou em regiões afastadas da costa do reino. Apparelhava a rasca antiga, assim como a que existia ha alguns annos, com dois latinos içados em mastros muito pendidos para a prôa.

Estes quatro typos de embarcações antigas de pesca foram tirados de azulejos fabricados em Portugal no seculo XVI, e cujo emprego era tão vulgar nas nossas edificações, que mostra a grande voga que estas embarcações tinham n'esse tempo, e que portanto provinham de uma epocha muito anterior.

Apresentaremos por ultimo o typo do cahique antigo, segundo um desenho tambem do seculo XVI, feito por Simão Beninc na vista de Lisboa.

Embarcação maior e melhor apparelhada do que a rasca antiga, mostra ainda assim ser um aperfeiçoamento d'este typo.

E assim terminâmos esta pequena divagação sobre um assumpto tão obscuro, reservando para os capitulos seguintes as notas positivas que podem esclarecer o estado actual das pescas em Portugal.

CAPITULO I

Grandeza, exposição, natureza e profundidade da costa occidental e meridional do reino — Extensão, orientação e profundidade dos rios que atravessam o paiz — Descripção das lagôas litoraes do continente — Sob o ponto de vista das pescas.

Portugal, situado geographicamente no extremo SW. da peninsula iberica, possue uma superficie de 8.962:531 hectares, com a figura approximada de um rectangulo orientado N.-S. na direcção do comprimento.

Em tão diminuta area proporciona-lhe a sua configuração especial 426 milhas de costa maritima, banhada pelas aguas piscosas do oceano Atlantico e 91:335 hectares occupados pelas ferteis aguas das vastas rias, extensos rios, numerosas ribeiras e algumas lagoas que formam o systema hydrographico do paiz.

A costa occidental do reino tem 331 milhas e a costa meridional mede 95 milhas.

A primeira, tendo por limites ao norte, a foz do rio Minho, e ao sul o cabo de S. Vicente, em virtude da sua exposição aos ventos dos quadrantes NW. e SW., os mais tempestuosos d'esta região do Atlantico, é muito batida pelas vagas e portanto desabrigada em quasi toda a extensão do litoral, exceptuando apenas as enseadas de Peniche, Cascaes, Setubal e Sines, nas quaes do contorno e altura da terra deriva algum resguardo para os temporaes do NW.

A costa meridional, limitada a oeste pelo cabo de S. Vicente e a leste pela foz do rio Guadiana, completamente defendida dos ventos do norte, os mais frequentes no nosso paiz, só em occasiões muito excepcionaes de *Levante* e SW. se apresenta encapellada, podendo considerar-se, por este facto, uma costa geralmente abrigada.

Da orientação de cada uma das duas linhas de costa, que acabamos de considerar, em relação á direcção dos ventos mais frequentes e tempestuosos, se póde concluir facilmente a vantagem que offerece a costa do sul para os trabalhos da pesca maritima, principalmente da pesca por meio de apparelhos permanentes complicados, que têem de se conservar dentro de agua durante muito tempo.

É o que a experiencia de muitos annos tem confirmado com o emprego das armações de pesca do atum e da sardinha em toda a costa do Algarve, emquanto que na costa oeste do reino a installação d'estas armações, destinadas apenas para a pesca da sardinha, só se encontra nas enseadas da Pederneira, Peniche, Cascaes, Setubal e Sines e modernamente ao sul do Porto de Leixões e na costa de Caparica.

Ainda assim outros apparelhos permanentes de pesca se usam tambem na costa occidental em pontos desabrigados onde a costa corre a direito, e alguns até installados a grande distancia da terra, mas a sua composição é mais simples e a permanencia no mar não é de tanta duração como a das armações de pesca do atum e da sardinha.

Na costa occidental e meridional do paiz e nas grandes enseadas do litoral, a natureza do fundo submarino, concorrendo muito para a diversidade e abundancia das especies de peixes, crustaceos e molluscos, que povoam as aguas dos nossos mares, tambem tem servido de indicação para a escolha dos apparelhos de pesca que a experiencia tem apontado como os mais proprios de empregar nas differentes localidades.

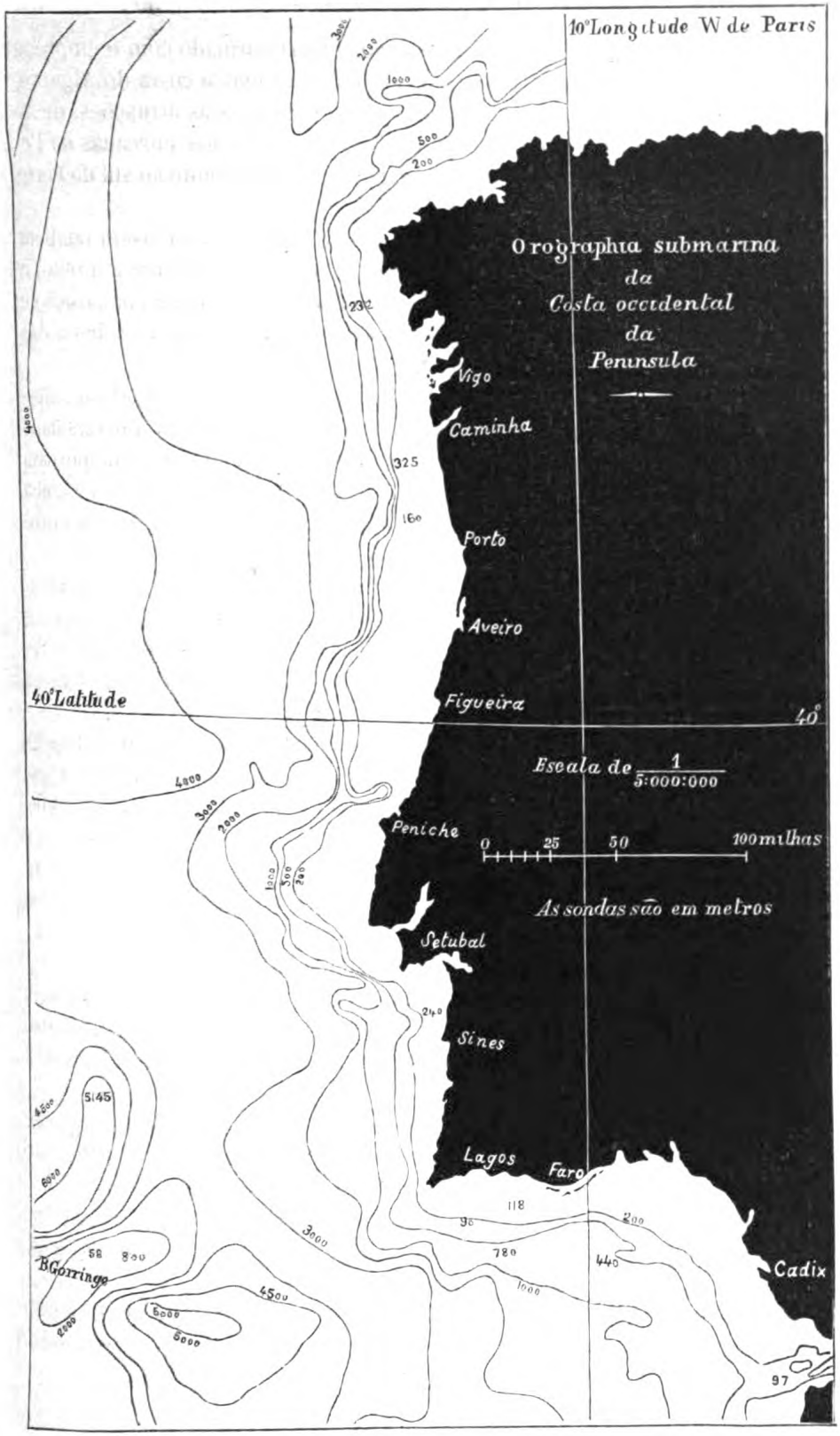
Na costa de oeste, desde a foz do rio Minho até á foz do rio Douro, o fundo é em geral pedregoso desde curta distancia da terra até profundidades de 40 a 60 metros, apresentando por fóra uma zona, não muito larga, de areia e concha, e em seguida rocha alta e ligada até ao ponto onde começa o *pairau* ou encosta do valle oceanico.

Da foz do rio Douro até á enseada da Pederneira e Nazareth, a faxa litoral de fundo arenoso estende-se até maior distancia da terra, encontrando-se por fóra a zona pedregosa e de concha, e em seguida a mesma rocha ligada que vem do norte.

Esta rocha alta, que os pescadores do norte denominam a *serra* ou *canna*, constitue um relevo caracteristico do solo submarino, a grande distancia da terra, estendendo-se ao longo da costa occidental de Portugal, desde as alturas da Nazareth e continuando ainda para o norte da foz do Minho até Vigo, sendo na encosta de leste d'esta *serra* que se largam as redes volantes e os apparelhos de linha para a pesca da melhor pescada que vem aos nossos mercados, e da que é apanhada pelos pescadores hespanhoes e dá entrada pelo porto de Vigo.

Para o sul, entre a Nazareth e o cabo da Roca, exceptuando alguns pontos da enseada de Peniche, é o fundo pedregoso até grande distancia da terra, e ao mar do cabo Carvoeiro emergem de agua grandes rochedos conhecidos pelos nomes de Berlenga, Estellas e Farilhões, nas proximidades dos quaes existem pesqueiros muito abundantes de algumas variedades de peixes, crustaceos e molluscos.

Na enseada comprehendida entre o cabo da Roca e o cabo de Espichel, na enseada de Setubal, na de Sines e ao longo da costa até proximo do cabo


10° Longitude W de Paris
Orographia submarina
da
Costa occidental
da
Peninsula
Vigo
Caminha
Porto
Aveiro
Figueira
40° Latitude
40°
Escala de 1/5:000:000
0 25 50 100 milhas
As sondas são em metros
Peniche
Setubal
Sines
Lagos
Faro
Cadix
B. Gorringe
232
325
160
240
118
90
780
440
97
5145
58
800
4500
6000
3000
2000
1000
500
200
4000

de S. Vicente, encontra-se geralmente fundo de areia limpa, ou com lodo, até grande distancia da terra.

O fundo da costa meridional do reino é, em geral, arenoso até grande distancia da terra, apresentando comtudo ao largo algumas restingas de pedra em posições bem conhecidas pelos maritimos, como são: em frente da costa do Burgau, enseada de Pera e costa de Cacella; e fundo pedregoso na zona oriental da bahia de Lagos, Ponta da Piedade, proximidades de Albufeira e do cabo de Santa Maria. Portanto, da natureza do fundo tambem se conclue logo o quanto a costa meridional do reino leva vantagem á costa occidental para a facil e segura installação de apparelhos de pesca mais completos e complicados, exigindo sempre um fundo limpo, para que as redes e cabos que os compõem não se embaracem ou deteriorem, como acontece quando o solo submarino possue rocha alta ou mesmo pedras soltas.

A profundidade das aguas é muito variavel ao longo das costas do reino e tambem influe na distancia da terra a que convem largar os differentes apparelhos de pesca.

Adoptando, por exemplo, a distancia de 6 milhas da terra, tomada no convenio de pesca de 1878 entre Portugal e Hespanha para limite exterior das aguas privadas á pesca por nacionaes, encontra-se: E.-W. com a foz do rio Minho, no parallelo divisorio das aguas dos dois estados, assignalado por duas marcas em terra, a profundidade de 75 metros; E.-W. com a foz do rio Lima, 75 metros; do rio Cavado, 80 metros; do rio Ave, 65 metros; do rio Douro, 50 metros; do rio Vouga, 40 metros, minima profundidade n'este limite da costa occidental do norte.

D'aqui para o sul augmenta a profundidade, sendo E.-W. com o cabo Mondego, 50 metros; com a Nazareth, 45 metros; com o cabo Carvoeiro, 65 metros; com o cabo da Roca, 65 metros; com o cabo Espichel, 115 metros; com a ponta de Sines, 120 metros; com o cabo Sardão, 155 metros; e com o cabo de S. Vicente, 150 metros.

D'onde se conclue que a linha das 6 milhas, desde o cabo de Espichel até ao cabo de S. Vicente, tem em media o dobro da profundidade da que se desenvolve desde aquelle cabo até á foz do rio Minho.

Na costa meridional esta linha passa N.-S. com o cabo de S. Vicente na profundidade de 100 metros; com a ponta da Piedade, 80 metros; com o cabo Carvoeiro, 70 metros; com o cabo de Santa Maria, 160 metros; com a costa de Tavira, 65 metros; e com a foz do rio Guadiana, 30 metros.

Fóra d'este limite, em frente da costa de Villa do Conde, á grande distancia de 20 milhas da terra, encontra-se 140 metros de profundidade; em frente de Aveiro e cabo Mondego, 110 metros; da Nazareth e cabo Carvoeiro, 130 metros; e do cabo da Roca, 110 metros.

Na costa meridional tambem a profundidade a grandes distancias da terra é muito maior do que na costa occidental, achando-se por exemplo, á dis-

tancia de 10 milhas, metade da que tomamos na costa de oeste, N.-S. com o cabo de S. Vicente, 180 metros; com a ponta da Piedade, 150 metros; e com o cabo Carvoeiro 110 metros.

E á distancia de 20 milhas da ponta da Piedade e do cabo Carvoeiro, attinge 640 metros de profundidade, sendo a 18 milhas da foz do Guadiana de 170 metros.

D'estes dados se deprehende que a orientação da costa, a natureza do fundo e a profundidade das aguas que orlam o continente do reino, offerecem excellentes condições para a exploração da industria de pescas, porquanto em 426 milhas de costa, mais de um terço proporciona abrigo para o estabelecimento dos apparelhos permanentes de pesca; o fundo em geral arenoso, presta-se em quasi todo o litoral, ao lançamento não só d'estes apparelhos, mas tambem dos de uso volante, tanto de rede como de linha; e a profundidade media das aguas, sendo pouco exagerada, requer o emprego de apparelhos menos despendiosos e facilita os trabalhos da pesca.

Alem d'isto, Portugal comprehendido entre os parallelos de 37° e 42°, gosa de um clima temperado em excellentes condições meteorologicas pouco variaveis, não experimentando tempestades tão frequentes e violentas como muitos outros paizes, onde a pesca tem enorme desenvolvimento e faz annualmente centenas de victimas.

Por exemplo: a França em 1885 perdeu no mar 363 pescadores, que deixaram 212 viuvas e 416 orphãos.

A maior parte, se não a totalidade, dos sinistros que se dão na nossa costa, é devida principalmente á falta de obras maritimas nos portos de pesca que carecem das condições necessarias para poderem servir de refugio nas occasiões de temporal; e em alguns casos tambem á imprudencia ou, talvez mais exacto, á necessidade que obriga o pescador a ir arriscar a vida para alcançar os parcos meios de subsistencia.

Na costa occidental do norte do paiz, desde a foz do rio Minho até ao cabo Carvoeiro, em occasiões de tempestade de travessia, não ha um unico porto ou refugio que as embarcações de pesca possam demandar sem correrem imminente risco de naufragio.

Se não conseguem alcançar a Guardia, pequeno porto de pesca hespanhol, situado pelo norte da foz do rio Minho ou a bahia de Vigo distante 20 milhas, estão irremediavelmente perdidas.

De Peniche para o sul podem as embarcações encontrar guarida nos portos de Lisboa e Setubal, que são de facil accesso.

Na costa meridional do reino, debaixo de temporal de *Levante*, travessia, ou SW., dá-se o mesmo facto de não haver um unico porto ou refugio praticavel, sendo frequentes os casos de os pescadores do Algarve, colhidos inesperadamente no mar pela tempestade, verem-se forçados a arribar a Setubal, distante 90 milhas, para se salvarem.

J. d'Almeida

ATUM *(scomber thynus)*, pag. 23

Ainda assim as condições naturaes do nosso clima são taes, que o numero de victimas é aqui relativamente muito inferior ao dos outros paizes.

Para dar uma idéa da differença, basta tomar a mortalidade por sinistros no mar dos pescadores da França em 1885. De 148:592 pessoas empregadas na pesca pereceram, como já dissemos, 363. Em Portugal, no mesmo anno, em 30:000 pessoas houve apenas 15 victimas.

Isto é: em França uma percentagem de 0,24 e em Portugal de 0,05. Se applicarmos a primeira percentagem ao nosso paiz encontramos 72 victimas, numero muito superior ao que houve no excepcional anno de 1888, no qual só em um dia, 19 de outubro, morreram no mar 33 pescadores, sendo 24 de Espozende e 9 de Buarcos.

Em França, no referido anno de 1885, para valer ás viuvas e orphãos dos pescadores, despendeu só pela sua parte o ministerio da marinha réis 23:000$000, alem do auxilio das associações de soccorros mutuos e da beneficencia particular.

Em Portugal, não só o serviço de soccorros a naufragos carece de ser montado em quasi todo o litoral, como tambem em nenhum dos portos do continente os maritimos se agrupam em associações de soccorros mutuos para os casos de desastre, nem mesmo a caridade é despertada e se estimula com as grandes catastrophes no mar, sendo aliás de um exagero frizante quando se trata de sinistros occorridos em terra por effeito de incendio, inundação, desastre ou cataclismo.

As tragedias maritimas, mais do que nenhumas, commovem profundamente o coração dos portuguezes. Basta a descripção de um naufragio com o colorido de todos os seus horrores, para lhes fazer vibrar o sentimento mais intimo da dor, e se acaso o presenceiam, facto que não é raro dar-se annualmente em qualquer dos nossos portos ou na costa, a afflicção é extrema e as lagrimas correm abundantes, mas, passada esta impressão, succede-se uma calma indifferente, os donativos para valer á viuvez e orphandade não apparecem, e fica, por ultimo, unicamente a lembrança historica de tão lamentavel acontecimento para ser contado aos serões.

Em contraste flagrante com este procedimento acontece que, para soccorrer os que ficam ao desamparo ou na indigencia, em virtude de desastres de natureza diversa d'aquella, se constituem logo commissões locaes de iniciativa particular em todos os pontos do continente, das ilhas, do ultramar e até do estrangeiro, chegando a obter sommas exageradas em relação ao fim limitado para que se implorava a beneficencia.

A classe dos pescadores em Portugal está completamente sujeita ás vicissitudes do acaso, por isso que nenhuma obra ou meio previdente a acautela ou protege das tempestades do oceano, nem soccorro mutuo algum póde esperar nos momentos de revez.

Os postos de soccorros a naufragos escasseiam em todo o litoral e portos, e mesmo onde os ha falta-lhes um pessoal instruido e bem organisado para poder tirar todo o partido d'estes estabelecimentos de salvação.

*
* *

Se as aguas do Atlantico, que banham o continente do reino, offerecem condições naturaes muito favoraveis ao exercicio da pesca, as dos rios, bacias litoraes e lagoas encravadas no territorio portuguez, muito mais se prestam á captura das innumeras especies de peixes que entram por emigração e no fluxo da maré, provenientes do oceano, e das que nascem e se criam nas aguas doces que abastecem os receptaculos hydrographicos do paiz.

Os rios de Portugal, onde a pesca é mais importante, são, a começar do norte: Minho, Lima, Neiva, Cavado, Ave, Douro, Vouga, Mondego, Tejo, Sado, Mira, Odelouca e Guadiana.

Rio Minho. — O rio Minho que começa a servir de limite a Portugal e Hespanha, proximo da confluencia do rio Trancoso, uns 8 kilometros a montante de Melgaço, banha, durante o seu curso inferior, Monsão, Lapella, Valença, S. Pedro da Torre, Villa Nova da Cerveira, Lanhellas, Seixas e Caminha na margem esquerda, e desagua no oceano pelo sul do monte de Santa Tecla, situado na margem direita, depois de um percurso de 65 kilometros, desde a raia, seguindo uma direcção de NE. para SW.

D'estes 65 kilometros, 45 são navegaveis a partir de Monsão, ainda que offereçam difficuldades, em consequencia dos sensiveis saltos ou desnivelamentos, que ali denominam *ranhas,* e que exigem embarcações de fundo chato e de pequeno porte para tornar menos perigosa a passagem.

A influencia das marés oceanicas faz-se sentir até uns 35 kilometros da foz.

O rio Minho possue logo junto da embocadura um alargamento consideravel, formando uma extensa bacia hydrographica desde a foz até Lanhellas, distante 8 kilometros e da largura maxima de 2 kilometros.

A montante d'esta grande bacia forma-se outra, com 1 kilometro entre as margens oppostas, desde a Motta de Gondarem até proximo de Villa Nova da Cerveira, tendo 2 kilometros de extensão.

Acima de Villa Nova, a partir do forte de Lovelhe, abre ainda outra bacia, de 800 metros de maxima largura, até ao sitio da Furna.

E assim continúa o rio, ora expandindo-se em largas areas, ora formando canal, até um pouco acima de Monsão, onde começa a correr entre margens alcantiladas e sensivelmente parallelas, até ao ponto onde deixa de banhar

J. Almeida

CORVINA *(sciaena aquila)*, pag. 24

Portugal. N'esta parte do curso não é possivel a navegação, a não ser de margem para margem nas passagens e entre as fortes ranhas, ou saltos de rocha, de que o leito do rio é formado de distancia a distancia no sentido transversal.

A vastidão d'estas bacias hydrographicas, a extensão dos ramos que as ligam, a natureza arenosa do fundo, a diminuta profundidade das aguas, e os muitos bancos de areia, que ali chamam *areinhos*, e que cobrem e descobrem com as marés, assim como as insuas, proporcionam excepcionaes condições favoraveis á pesca e bellas praias para os trabalhos das artes de arrastar.

O principal affluente do rio Minho é o *rio Coura*, que desce da serra de Corno de Bico, banha Villar de Mouros e termina junto a Caminha.

Entre Monsão e Valença tambem desagua a *ribeira da Gadanha*.

O rio Coura é navegavel apenas para pequenos barcos de fundo chato até um pouco acima da ponte de Villar de Mouros, no sitio onde está a primeira barragem das azenhas.

A ribeira da Gadanha é innavegavel.

Rio Lima. — Este rio entra em Portugal um pouco acima de Lindoso e corre do NE. para o SW. pelo espaço de 58 kilometros até entrar no oceano junto a Vianna do Castello, banhando, durante o seu curso, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Darque e aquella cidade.

Começa a ser navegavel para barcos de fundo chato em Ponte da Barca, distante da foz 37 kilometros.

O leito d'este rio é muito pouco profundo e bastante obstruido por insuas e bancos de areia, tornando difficil a navegação fluvial de Ponte para Vianna, que tem de fazer-se aproveitando as marés.

A pesca n'este rio não tem a importancia da do rio Minho, deixando até de haver algumas especies importantes que ali entram, como, por exemplo, o salmão, peixe que antigamente era muito abundante tambem no Lima, mas que actualmente só apparece como raridade.

Ainda assim, presta-se o rio Lima ao exercicio da pesca das especies que entram com a maré e das que se criam na agua doce, por isso que a sua diminuta profundidade e a fraca amplitude das marés, facilitam muito o emprego em grandes áreas de apparelhos de rede de estacada, os quaes encurralam o peixe que sobe o rio e que no descenso das aguas fica em secco.

Estas mesmas condições e a qualidade arenosa do fundo, são muito favoraveis á pesca a pé dentro de agua, que se póde fazer sem risco e que dá grande resultado com os apparelhos especiaes que ali se usam.

Dos affluentes do rio Lima, é o *rio Vez*, que desagua defronte de Ponte da Barca, o de mais volumoso curso.

Rio Neiva. — Nasce este pequeno curso de agua na serra de Oural e desagua no mar quasi a igual distancia da foz do rio Lima e da foz do rio Cavado.

Apesar de não ser extenso, nem largo, e de estar, desde muito proximo da embocadura, obstruido com açudes destinados ás azenhas, ainda assim no seu curso inferior, até á primeira azenha, a jusante da ermida de Santa Tecla, recolhe algumas especies emigrantes e maritimas, e nos ramos intermediarios dos açudes possue excellentes especies de agua doce.

O leito d'este rio é de areia e lodoso em alguns sitios, as margens são razas no curso inferior e de forte declive no ramo superior; a foz não é praticavel, e o rio apenas é navegavel em alguns pontos para barcas de passagem e pequenas bateiras de pesca.

Rio Cavado. — O rio Cavado nasce na raia, segue de NE. para SW., banha Montalegre, passa entre Barcellos e Barcellinhos á distancia de 17 kilometros da foz, e desemboca no oceano depois de um percurso de 100 kilometros, dos quaes 12 navegaveis até ás azenhas de Fornellos, formando junto á embocadura o porto de Fão e Espozende.

Tem por affluentes os rios *Rabagão* e *Homem*.

Tambem a bacia hydrographica do Cavado se presta aos trabalhos da pesca, em virtude da fraca corrente das suas aguas e da sua pequena profundidade. O fundo é, em geral, arenoso e o curso das marés faz-se sentir até ás primeiras azenhas.

A barra do Cavado fica a secco nas grandes baixamares de aguas vivas e portanto só é accessivel para navios de pequeno porte durante o preamar.

Entram n'este rio algumas especies de peixes emigrantes e maritimas, e abundam as de agua doce.

Rio Ave. — Tem este rio 73 kilometros de curso desde a serra da Cabreira, onde nasce, desenvolvendo-se sinuosamente desde a origem até á confluencia com o *Vizella*, de NE. para SW. e d'aqui até á foz do nascente para o poente.

Banha Santo Thyrso, e proximo da embocadura Azurara e Villa do Conde.

O seu leito é de profundidade diminuta, sendo navegavel apenas junto á foz.

Tem por affluentes o *Vizella*, que passa proximo de Fafe, e o *Deste*, que banha os arredores de Braga.

Este rio é muito obstruido pelas azenhas, que começam logo acima da ponte do caminho de ferro da Povoa de Varzim, deixando sob as influencias da maré unicamente o porto de Villa do Conde, accessivel ás especies de peixes emigrantes e maritimas. No curso, innavegavel, dão-se muitas especies de agua doce.

As condições hydrographicas d'este receptaculo das aguas do oceano facilitam os trabalhos da pesca interior, que ainda assim não tem grande importancia.

Rio Douro. — O rio Douro, o segundo rio mais importante do continente do reino pela sua grandeza e volume de agua, entra em Portugal na Barca d'Alva, depois de ter corrido entre a provincia de Traz os Montes e as provincias hespanholas de Zamora e Salamanca, ás quaes serve de limite desde um pouco acima de Miranda do Douro.

O seu curso em Portugal é de 255 kilometros, desenvolvendo-se em uma direcção principal de E. para W. formando curvaturas de bastante sinuosidade, desde Barca d'Alva pelo espaço de 165 kilometros, e banhando Peso da Regua, Porto, Villa Nova de Gaia e S. João da Foz, junto á embocadura; e correndo do NE. para SW. desde montante de Miranda do Douro até á Barca d'Alva.

A largura media do rio Douro em territorio portuguez é de 300 metros; apertado sempre entre margens alcantiladas, as suas aguas são muito profundas em alguns pontos e por vezes a sua correnta é violentissima.

A foz do Douro está muito obstruida pelas areias.

É navegavel até á cidade do Porto, distante uma legua da foz, para navios de alto bordo, e d'aqui para cima até Barca d'Alva para embarcações pequenas.

O rio Douro tem por affluentes na margem direita os rios: *Sabor, Tua, Pinhão, Corgo, Tamega* e *Sousa;* e na margem esquerda os rios: *Agueda, Côa, Teja, Forte, Tavora, Thedo, Varoza, Paiva* e *Arda.*

Alguns d'estes affluentes ainda recebem outros cursos de agua, dos quaes os de maior importancia são: *Rabaçal* e *Tinhella,* confluentes do *Tua;* e as ribeiras de *Ade, Cabras* e *Massueime,* que correm para o *Côa.*

D'esta rede fluvial da bacia hydrographica do Douro, alguns ramos são navegaveis para pequenas embarcações, tendo em geral os leitos muito obstruidos pelos açudes das azenhas.

Em tão grande extensão de aguas, em geral muito pouco profundas e de fraca correnteza, exceptuando o leito do Douro, abundam as especies de peixes de agua doce, que são capturadas facilmente com os apparelhos que ali se empregam; não se dando o mesmo no rio Douro, propriamente dito, no qual a aspereza das margens, a falta de uma bacia larga e de praias favoraveis á pesca, a grande velocidade das aguas e a sua profundidade muito irregular, formam um conjuncto de condições contrarias ao lançamento dos apparelhos de rede que melhores resultados costumam dar e que mais geralmente se usam em condições diversas d'estas.

Não está n'este caso a enseada de S. Paio, mesmo junto á embocadura, na margem esquerda, onde os pescadores largam diariamente as suas redes de estacada.

No rio Douro entram algumas especies emigrantes e maritimas, sendo a pesca importante nas epochas proprias em que se dá a affluencia de peixe.

Rio Vouga.—Nasce este rio na serra da Senhora da Lapa, passa entre S. Pedro do Sul e Vouzella, atravessa os campos de Angeja e, depois de um curso de 113 kilometros, entra na extensa *ria de Aveiro,* que communica com o oceano pela *barra nova de Aveiro,* aberta no areal que orla a ria, leste-oeste com a cidade d'aquelle nome e a 8 kilometros de distancia.

Do seu curso apenas 42 kilometros são navegaveis para embarcações pequenas.

O estuario inferior, ou bacia litoral do Vouga, ramifica-se em cinco braços principaes:

1.° A *ria de Ovar,* que corre para o norte ao longo da costa até á villa do mesmo nome;

2.° A *ria de Estarreja,* que se dirige para o NE., banhando a Murtosa e a villa de Estarreja;

3.° A *ria de Aveiro,* que inflecte para leste, e a que na localidade dão o nome de *Cale da cidade;*

4.° A *ria de Vagos,* que segue para o sul, banhando Ilhavo e Vagos;

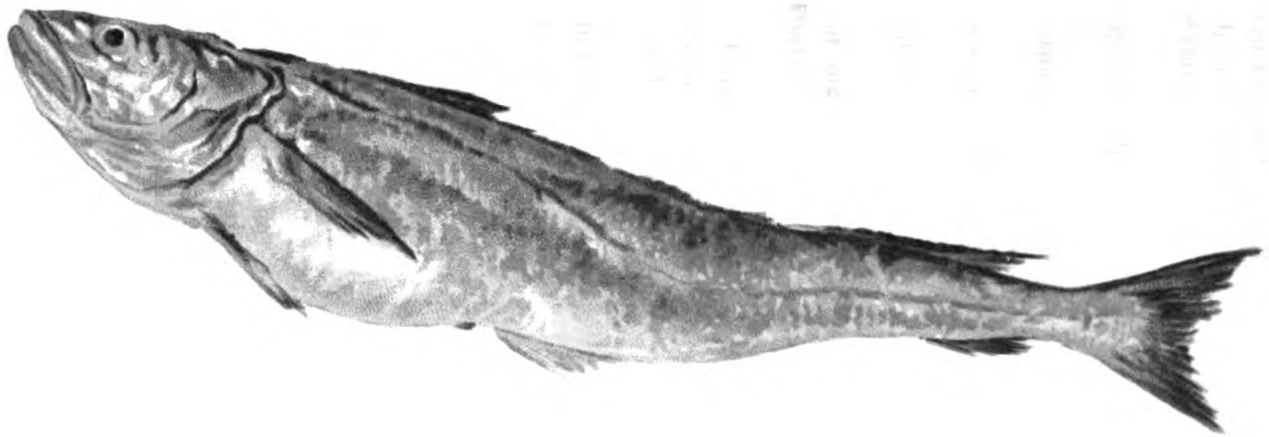
5.° A *ria de Mira,* que corre por oeste da Gafanha, parallelamente á costa até á lagoa de Mira.

Alem d'estes braços mais importantes ha o leito por onde o Vouga entra na ria, e uma infinidade de canaes e esteiros que circumdam grande numero de ilhas e sapaes, e que recortam toda esta extensa bacia hydrographica.

Os affluentes do Vouga são os rios: *Sul, Caima* e *Ul,* na margem direita, e o rio *Agueda,* formado pela juncção dos rios *Alfosqueiro* e *Agadão,* na margem esquerda.

É tão vasta a superficie occupada pelas aguas em toda a ria de Aveiro, apresentando uma profundidade media tão regular, fundo de areia e lodoso, e uma velocidade de corrente tão fraca, que as condições naturaes d'este receptaculo hydrographico, sob o ponto de vista das pescas, não se podem exceder, não só pela facilidade do emprego dos apparelhos mais efficazes, como tambem pela largueza, abrigo e comedouro que ahi encontram as especies que entram com a maré e as que derivam da agua doce.

Rio Mondego.—Nasce este rio na serra da Estrella, passa entre Celorico e Algodres, banha Penacova, Coimbra e seus vastos campos, bifurca-se um pouco a montante de Montemór Velho, indo um braço pelo norte, junto a esta villa, a que dão o nome de *valla de Montemór,* e outro pelo sul, proximo de Alfarellos, reunindo-se os dois em S. Fins, passando em Lares e dividindo-se novamente na bacia hydrographica inferior, formando dois canaes, um que corre ao longo da cidade da Figueira do Foz, e outro ao sul junto á Gala, chamado *rio de Lavos,* configurando no centro um *delta* que na localidade denominam *Murraceira.*



J.ª Almeida

PESCADA *(gadus merlucius)*, pag. **25**

Estes dois canaes desaguam no oceano pela mesma embocadura ao sul do forte de Santa Catharina.

O curso do rio Mondego é de 200 kilometros, navegavel para jusante da Foz Dão pelo espaço de 84 kilometros até ao porto da Figueira, para embarcações de fundo chato.

O porto é accessivel para navios até em frente da estação do caminho de ferro da Beira Alta.

O rio Mondego corre sensivelmente de SW. para NE. desde a sua origem até Celorico; de NE. para SW. d'esta villa até Coimbra, e do nascente para o poente, d'ahi até á sua foz.

Os seus affluentes são, na margem direita, o rio *Dão,* que recebe as aguas de outros cursos, e na margem esquerda os rios *Alva, Ceira* e *Arunca.*

O leito do Mondego é muito obstruido pelas areias em quasi toda a sua extensão, e os campos marginaes sujeitos a consideraveis inundações nas epochas de chuva e de degelo.

A velocidade das aguas attinge algumas vezes grande intensidade, difficultando a navegação e os trabalhos da pesca.

O rio Mondego é muito abundante de peixes de agua doce, e junto á foz de especies que entram do mar, prestando-se, pelas suas condições de profundidade e natureza do fundo e das margens, ao emprego dos apparelhos de pesca mais simples.

Rio Tejo. — O rio Tejo, de todos o mais importante do reino, entra em Portugal separando o Alemtejo da Beira, atravessa a Extremadura e termina no oceano uns 16 kilometros a W. de Lisboa, formando ao longo d'esta cidade um porto grandioso que póde conter todas as esquadras do mundo.

As principaes povoações que banha em Portugal, são: Abrantes, Santarem, Villa Franca, Alhandra, Lisboa, Belem e Paço d'Arcos, na margem direita; Chamusca, Alcochete, Aldegallega, Barreiro, Almada e Trafaria, na margem esquerda.

O seu curso em territorio portuguez é de 256 kilometros, começando a sua principal navegação em Villa Velha.

A consideravel vastidão do Tejo na sua bacia hydrographica inferior, attingindo a montante de Lisboa uma largura maxima de 12 kilometros, dalhe, só por si, a condição mais importante para se prestar á exploração, em grande escala, das suas aguas tão ferteis em variadas especies de peixes de origem maritima e fluvial.

A abundante entrada das aguas do oceano no periodo da enchente, concorre para o ingresso dos grandes cardumes e facilita a derivação das especies maritimas de maiores dimensões para este enorme reservatorio natural.

As aguas do Tejo são profundas e attingem velocidades consideraveis durante as *aguas vivas* e as *aguas do Monte.*

As margens d'este rio, umas vezes alcantiladas, outras vezes planas, proporcionam excellentes praias para os trabalhos da pesca.

São muitos os affluentes do Tejo e os rios e ribeiras que n'elles vão desaguar.

Indicaremos unicamente os primeiros, que são: *Erges, Aravil, Ponsul, Ocreza, Zezere, Almonda, Alviella, Asseca* e *Trancão,* na margem direita; e *Sever, Niza, Mugem, Sorraia* e *Almansor,* na margem esquerda.

Alem d'estes cursos de agua, divide-se o Tejo em diversos braços e canaes que banham muitas povoações marginaes, e nos quaes é muito activa a pesca em epochas determinadas.

Rio Sado. — Ao fundo da enseada de Setubal desemboca o rio Sado, entre a fortaleza do Oitão e a ponta do Cabedello, formando a montante um extenso porto fluvial, com fundo limpo de 8 a 15 metros de profundidade em baixamar de aguas vivas, em frente e ao sul da cidade de Setubal.

O curso d'este rio, que tem origem na serra de S. Martinho ou Caldeirão, é de 155 kilometros, navegavel para pequenas embarcações até Porto de Rei, pelo espaço de 61 kilometros, na direcção NW.-SE. e para navios de pequeno porte até Alcacer do Sal, situado a 42 kilometros da foz.

A bacia inferior do rio Sado é muito extensa e divide-se em tres braços principaes:

1.° Segue para leste e n'elle desemboca o ramo principal do rio Sado;

2.° Corre para o norte, inflectindo depois para o nascente até Maratèca;

3.° Dirige-se para o sul, banhando *Troia,* e continuando ao longo da costa da Galé até ao logar da Comporta.

Os affluentes do Sado, na margem direita, são:

Roxo, Figueira, Odivellas, Xarrama, Diege, S. Martinho e *Maratèca:* e na margem esquerda: *Campilhas, Corona e Areão.*

As aguas do Sado são muito abundantes de peixe, e a sua grandeza, qualidade do fundo, profundidade e o esparcellamento das suas margens, proporcionam boas condições para o lançamento dos apparelhos de pesca.

Rio Mira. — Nasce este rio na serra de Mú, que faz parte da serrania do Algarve, banha a villa de Odemira, e lança-se no Oceano junto a Villa Nova de Milfontes.

O rio que defronte da villa tem uns 150 metros de largura, vae estreitando para montante, sendo ainda assim navegavel com as marés para pequenos hiates até Odemira, pelo espaço de 27 kilometros e para vapores que demandem menos de 18 pés até á *Casa Branca,* distante 12 kilometros.

Tem por affluentes na margem esquerda o *rio Torto* e outras pequenas ribeiras que descem da serra de Mesquita.

TEIROGA OU OUREGA *(raja lintea)*, pag. 27

A industria da pesca só toma algum desenvolvimento no rio Mira durante a temporada de banhos, apesar das condições de fundo, profundidade, movimento das marés e disposição das margens serem favoraveis ao seu exercicio em qualquer epocha.

Rio Odelouca. — Nasce nas serras de Mesquita e Mú, recebe o *rio de Silves*, banha Mexilhoeira Pequena e Villa Nova de Portimão, e entra no Oceano junto á povoação de Ferragudo, formando na sua bacia inferior o melhor porto do Algarve.

Até Silves, distante do mar 13 kilometros, podem subir pequenas embarcações aproveitando as marés.

As suas aguas não são muito ferteis de peixe, mas em compensação possuem algumas variedades muito estimadas de molluscos, que vivem nos bancos de areia e lodo do seu leito inferior.

Ria de Faro e Tavira. — A costa do Algarve, nas proximidades do cabo de Santa Maria, é formada por uma linha de ilhas de areia, que se desenvolve desde a barra do Ancão, a oeste, até muito para leste de Tavira, proximo de Cacella, e que limitam pelo sul, entre as ilhas e a terra firme, uma extensa ria semeada de parceis de areia e sapaes de lodo, recortados por uma intrincada rede de esteiros e canaes.

Esta enorme ria communica com o mar por seis aberturas ou barras, denominadas: *Ancão, Barra do Bispo, Barra Nova, Barra grande da Armona, Barra da Fuzeta, Barra de Tavira.*

Os canaes mais profundos da ria, que servem de portos a Faro, Olhão, Fuzeta e Tavira, são povoados, bem como os esteiros, de variadas especies de peixes que entram com a maré, alem das variedades de molluscos que abundam em quasi todos os bancos e margens d'este receptaculo.

Dois cursos de agua de pequena importancia desaguam n'esta ria, um: o *Rio Secco,* proximo a Faro, o outro denominado *Asseca,* banha Tavira.

As condições hydrographicas da ria de Faro e Tavira, são as mais vantajosas para a pesca, attenta a diminuta profundidade, a abundante massa de agua que entra com a maré, a natureza arenosa e lodosa do fundo e margens, a pequena velocidade das aguas, e a vasta superficie d'esta ria ao abrigo das tempestades do mar.

Rio Guadiana. — Tem origem o rio Guadiana nas lagoas de Regdera, atravessa as provincias de Ciudad Real e Badajoz, onde começa a servir de limite a Portugal até Monsaraz; atravessa a zona oriental do Alemtejo até ao Pomarão, e de novo fórma o limite do reino até á sua foz.

Em Portugal, banha Juromenha, Mertola, Pomarão, Alcoutim, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio, proximo da sua embocadura.

O seu curso é de 700 kilometros, dos quaes 207 em Portugal.

É navegavel até Mertola pelo espaço de 66 kilometros, começando logo a montante d'esta villa a primeira barragem para a installação das azenhas.

Do Pomarão até á foz, na extensão de 48 kilometros, é navegavel para navios de grande calado.

As aguas do Guadiana são muito profundas em alguns sitios, e a velocidade da corrente durante as cheias é tão impetuosa que impede a navegação fluvial.

Apesar do grande volume e extensão do Guadiana, os peixes do mar não procuram muito este rio, porque as suas aguas, desde a foz até ao Pomarão, estão muitas vezes inquinadas dos saes venenosos trazidos pelos despejos das minas em exploração nas zonas marginaes, sendo frequente o ver-se a boiar á tona de agua grande numero de peixes mortos.

Do Pomarão para montante encontram-se algumas especies do mar, que conseguiram transpor a salvo o curso inferior, e em abundancia as de agua doce.

*
* *

Em Portugal ainda ha outros rios de importancia secundaria, que se prestam em pequena escala á pesca profissional em determinadas occasiões, e que são procurados pelos amadores para passatempo recreativo e hygienico de uma arte tão interessante sob qualquer ponto de vista que se encare.

Por assim dizer, em todos os sitios em que ha cursos de agua, existem especies mais ou menos importantes, nascidas e creadas n'esse meio, que se podem aproveitar para a applicação dos processos de pesca mais simples e que proporcionem distracção aos amadores ou exemplares para os naturalistas.

Não nos referindo ás correntes de menor importancia, vamos indicar aquellas que constituem rios desaguando no oceano e que, ainda que em diminuta escala, são aproveitados para a pesca das especies maritimas junto á embocadura, e das de agua doce, em qualquer ponto do seu curso, pelos que se deleitam com este divertimento para passarem algumas horas.

Os rios n'estas condições, são:

Ancora. — Nasce na serra de Arga e desagua no mar, entre a foz do rio Minho e a foz do rio Lima, pelo sul do *Portinho de Gontinhães.*

Na sua embocadura presta-se á pesca das especies maritimas que entram com a maré, e para montante, apesar das levadas e seixaes que muito o obstruem, contém especies de agua doce e sedentarias de boas dimensões.

Rio Leça. — Nasce na serra de Litania e termina entre Mathosinhos e Leça da Palmeira, formando junto á embocadura um pequeno porto, onde só po-

dem entrar barcos de pesca para vararem nas margens. Actualmente desagua dentro do porto de Leixões que já está em adiantada construcção.

O curso do rio Leça mede uns 35 kilometros, sendo o leito muito obstruido.

As aguas d'este rio possuem algumas especies de agua doce muito procuradas pelos amadores da pesca á canna.

Rio Liz. — Este rio tem origem na serra de Aire e desagua no oceano perto da Vieira. A 27 kilometros da foz banha a cidade de Leiria. Tem por affluente o rio *Lena*. A sua embocadura, muito obstruida, serve de aberta para pequenos barcos.

Rio Alcôa. — Nasce na serra de Rio Maior, banha Alcobaça e termina perto da Pederneira.

Rio Alfeizirão. — Começa nas alturas de Ribafria, banha os campos de Alfeizirão, recebe a ribeira da *Tornada* e acaba na concha de S. Martinho, pequeno golpho circular que communica com o oceano por uma estreita barra, actualmente accessivel apenas para embarcações de pequeno porte.

Rio Aljezur. — Desce da serra de Monchique e banha a villa de Aljezur.

Rio Alvôr. — Tem origem na serra de Marmellete e termina junto á villa de Alvôr, formando a sua bacia inferior uma pequena ria, situada ao fundo da bahia de Lagos. Esta ria é accessivel por duas barras e serve de ancoradouro a pequenos hiates. Os barcos de pesca da localidade sobem até em frente da villa.

* * *

Alem d'estes rios secundarios, algumas lagoas ha tambem no paiz, onde a pesca se póde exercer com certa vantagem em determinadas epochas do anno, e que bem aproveitadas constituiriam excellentes viveiros ou depositos temporarios de peixe, para abastecimento dos mercados quando houvesse escassez ou falta d'este alimento proveniente do mar.

O systema lacustre em Portugal não apresenta grande desenvolvimento, e póde classificar-se em dois grupos muito distinctos: um abrangendo as pequenas lagoas das montanhas, e o outro comprehendendo os lagos ou lagoas do litoral, todos situados a curta distancia da costa, communicando até algumas com o mar em certas epochas.

Do primeiro grupo sobresáem as lagoas da serra da Estrella, denominadas: *Secca, Redonda, Escura e Comprida,* abertas na base do norte da montanha do *Canariz;* e as pequenas *lagoas de Manteigas,* assim chamadas por estarem a pequena distancia da povoação d'este nome.

São as lagôas do segundo grupo, que vamos descrever, por isso que são ellas que têem alguma importancia sob o ponto de vista das pescas, e que maior utilidade poderiam prestar a esta industria sendo convenientemente aproveitadas.

Começaremos do norte para o sul.

Lagôa de Paramos. — Está situada esta lagôa, a que na localidade dão o nome de *Barrinha de Esmoriz,* a 4 leguas ao sul da foz do rio Douro, e é aberta na areia a 100 metros da costa adjacente á povoação de Paramos.

Tem de comprimento 1:450 metros e na maxima largura 1:300 metros. A sua profundidade attinge em alguns pontos 5 metros. Em algumas epochas forma-se uma aberta que communica esta lagôa com o mar, facto este que lhe fez dar o nome de *barrinha.* As especies principaes de peixes que ali se encontram são: a tainha, enguia, solha e linguado. As condições hydrographicas d'esta lagôa adaptam-se perfeitamente aos processos de pesca mais simples, e a sua proximidade a uma estação de caminho de ferro dava-lhe uma importancia capital desde que a aproveitassem para viveiro ou piscina.

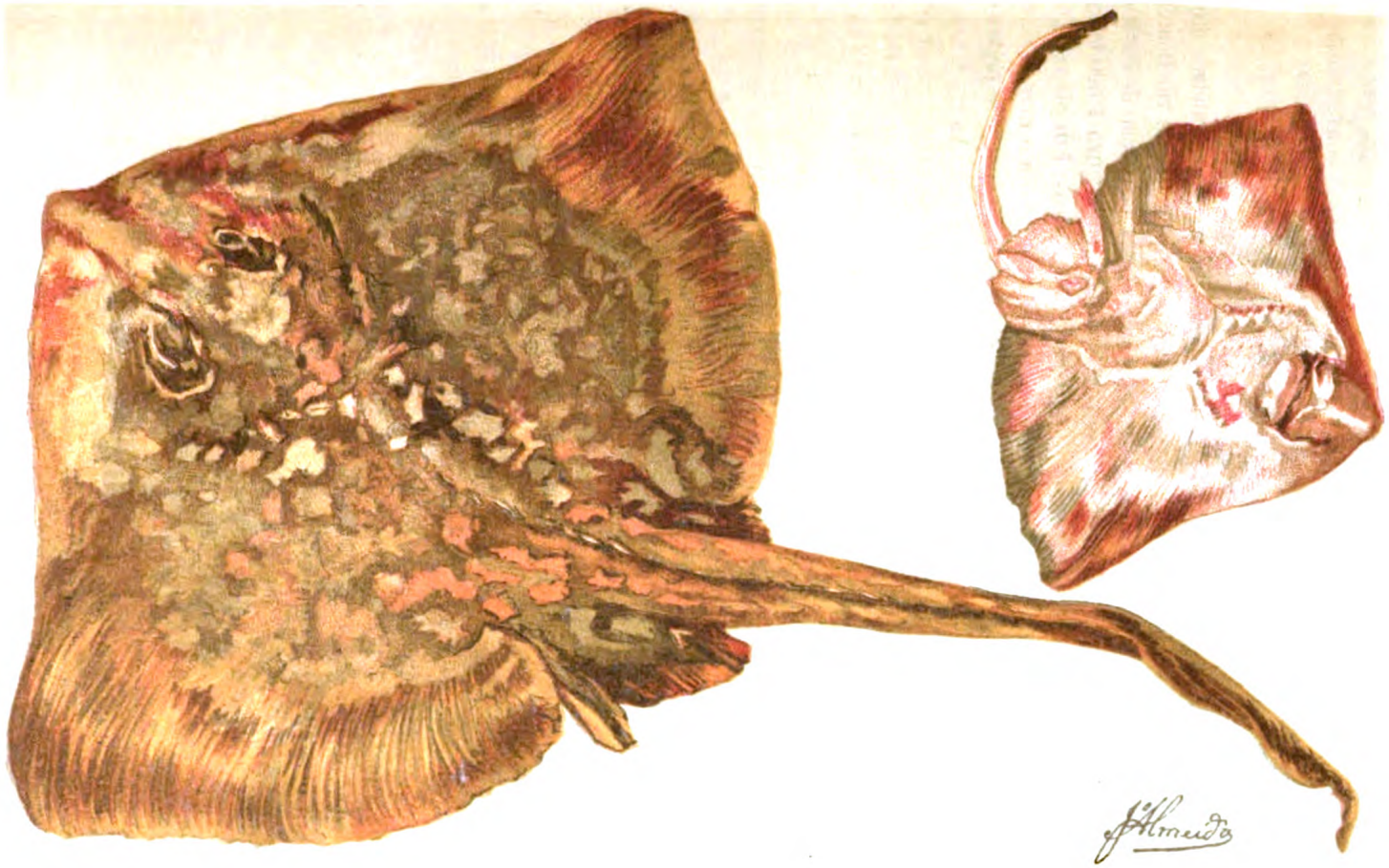
Pateira de Fermentellos. — A lagôa d'este nome fica ao SE. de Aveiro, a 12 kilometros de distancia d'esta cidade e a 4 leguas da costa. A Pateira de Fermentellos tem 3:300 metros de comprimento e 600 metros de largura; orientada na direcção NW.-SE., é alimentada pelo rio *Certima,* que desce da serra do Bussaco, e por outras ribeiras que n'ella desaguam. Nas suas aguas abundam muitas especies de peixes de agua doce, e as suas condições hydrographicas prestam-n'a para uma pesca facil e segura.

Lagôas de Mira. — Proximo de Mira existem duas lagôas: a primeira fica situada por leste dos Palheiros de Mira á distancia de 400 metros da costa, e tem de comprimento 1:300 metros e de largura 600 metros; a segunda é formada ao nascente da anterior, a 2 kilometros de Mira e a 3,7 kilometros da costa, medindo 1:200 metros de comprimento e 800 metros de largura. Á primeira tambem dão o nome de *Barrinha de Mira.*

As condições de pesca d'estas lagôas são muito importantes, tanto pela sua disposição hydrographica, como pelas especies de peixes a que as suas aguas podem servir de meio.

Lagôas do Bom Successo. — Ao NE. do Cabo Mondego fica um grupo de lagôas, muito proximas umas das outras, a que dão o nome de *lagôas do Bom Successo,* e que ficam dispostas em um alinhamento quasi N-S.

As duas mais do norte, chamadas *lagôas da Salgueira,* demoram ao SE. dos palheiros da Praia da Tocha, a 6 kilometros de distancia, e são approxi-



RAIA ESPINHOSA

madamente iguaes, medindo 600 metros de comprimento e 400 metros de maxima largura.

A immediata, *lagôa da Véla,* fica ao NE. de Quiaios, a 7 kilometros de distancia, orientada N.-S., e tendo 2:300 metros de comprimento por 1:000 metros na maxima largura.

A ultima do sul, *lagôa dos Tres Braços,* de fórma circular com 800 metros de diametro, demora ao NE. de Quiaios e a 4:500 metros de distancia.

As aguas d'estas lagôas são pouco profundas mas abundantes de especies de peixes de agua doce, e as suas margens e a qualidade do fundo são muito favoraveis ao emprego de apparelhos de pesca os mais simples.

A *lagôa da Véla,* a maior d'este grupo, tem de profundidade maxima 4 metros no verão e 6 metros no inverno.

Estas lagôas possuem excellentes enguias e outras especies como *ruibacos* e *pimpões.*

Lagôa dos Linhos.—Fica esta lagôa ao norte do Pinhal d'Urso, distante da costa 2:700 metros. Tem 900 metros de comprimento e 700 de largura, affectando a fórma circular. É muito pouco profunda e as suas aguas não são muito ferteis de peixe, apesar das suas condições naturaes facilitarem a sua transformação em uma excellente piscina.

Lagôa de Obidos.—Esta lagôa, a mais extensa de todo o paiz, está situada a 3:800 metros das Caldas da Rainha e a 5:000 metros de Obidos. Corre do NW. para SE., tendo de comprimento 5:500 metros e na maxima largura 1:500 metros, e communicando com o mar por uma estreita *aberta,* obstruida pelas areias durante a maior parte do anno. Fórma quatro braços principaes: o da *Barrosa* para E.; o de *Arelho,* onde vae desaguar o rio *Arnoia,* que desce da serra de Monte Junto, para o SE; o do *Bom Successo* para SW.; e o denominado *Caneiro de Maria Garcia,* para W.

São excellentes as condições hydrographicas d'esta enorme lagôa sob o o ponto de vista da pesca; a sua proximidade e communicação com o oceano, a natureza do fundo; o fraco declive das suas margens e a sua extensão, dão-lhe qualidades preciosas para o seu aproveitamento como viveiro. As suas aguas são pouco profundas, mas muito ferteis de peixes de grande variedade de especies, tanto de agua doce, como de origem maritima nas epochas em que communica com o mar, e os seus bancos possuem magnificas ameijôas.

Lagôa de Albufeira.—Esta lagôa fica a 12 kilometros ao norte do Cabo de Espichel, orientada NE.-SW., tendo de comprimento uns 3:700 metros e de maxima largura 600 metros. Vem desaguar n'ella o rio *Albufeira,* que nasce na serra de Cezimbra. As suas aguas são muito abundantes de peixes

de agua doce. Esta lagôa não communica naturalmente com o mar, do qual dista 150 metros.

Lagôa de Melides. — Fica distante de Melides 4:300 metros e da costa 200 metros. É de fórma rectangular, orientada NW.-SE., medindo 1:300 metros de comprimento e 350 metros de largura. Desemboca n'ella o rio *Melides*, que desce da serra de Grandola.

Lagôa de Santo André. — Está situada a 2:100 metros ao sul da lagôa de Melides, e dista da costa 150 metros.

Corre N-S., tendo 2:600 metros de comprimento e 1:500 metros na maxima largura. Vem desaguar n'esta lagôa o rio *Santo André*, que nasce na serra de S. Thiago do Cacem.

Tanto a lagôa de Melides, como a de Santo André, offerecem excellentes condições para a pesca.

Lagôa dos Passaros. — Denominam-se assim duas pequenas lagôas, distanciadas 1:500 metros, uma ao NW. da outra, que ficam por leste do curso superior do rio Sado, a 3 leguas de Alvallade e de Messajana. Affectam sensivelmente a mesma fórma e dimensões, tendo cada uma uns 450 metros de comprimento por 300 metros de largura.

Todas as lagôas que temos descripto são actualmente mais frequentadas pelos caçadores do que pelos pescadores, em consequencia da grande abuudancia de aves aquaticas que procuram as suas aguas para d'ellas extrahirem a sua alimentação predilecta, que a maior parte das vezes consiste nos pequenos peixes e vermes que vivem n'aquelle meio em grande quantidade.

Todas ellas são navegaveis para pequenas bateiras de fundo chato, muito usadas tanto para a caça como para a pesca.

A lagôa de Obidos, porém, faz excepção a todas, na grande importancia que a pesca ali attinge durante o verão, na epocha dos banhos das Caldas da Rainha, contando-se não menos de 40 embarcações no exercicio da pesca com destino a este mercado, onde o peixe se paga por elevado preço.

RAIA CÓRVA, pag. 28

CAPITULO II

Divisão das pescas em pesca maritima, pesca fluvial e pesca lacustre — Subdivisão da pesca maritima em pesca longiqua, pesca do alto e pesca costeira — Classificação geral de todos os apparelhos de pesca — Descripção das principaes especies de peixes, crustaceos e molluscos que povoam as nossas aguas e que têem valor commercial definido para o consumo.

Nas aguas maritimas que circumdam o continente do reino, nos cursos de agua que o sulcam, nas lagoas do litoral, e ainda em regiões oceanicas bastante distantes da patria, exercem os portuguezes a pesca dos seres que vivem nas aguas, e que maior valor commercial e alimenticio podem offerecer para o consumo e para a remuneração do trabalho arduo a que se entregam, movidos pela necessidade de procurar os indispensaveis meios de subsistencia, para si e para suas familias, de modo que o capital empregado seja, por assim dizer, insignificante e o rendimento o maximo possivel.

É o pescador o operario que, quasi sem capital, póde conseguir mais resultado do seu trabalho, mas em troca é tambem aquelle que maior risco de vida encontra no exercicio do seu mister.

Só assim se explica a força de vontade que o impelle a lances tão perigosos, indo muitas vezes em um fragil batel, que representa um infimo valor, affrontar as aguas tempestuosas do mar, offerecendo ao acaso a vida, a maior preciosidade que elle possue e que tão altamente cotada é por todos em todas as applicações do trabalho humano.

Apenas com alguns arrateis de linho, que o pescador pobre quasi sempre compra a credito sobre os lucros problematicos que lhe podem advir de uma pesca feliz, fabrica elle as redes, e partindo dentro de um tosco barco em arrojada expedição sobre as aguas do oceano, acompanhado ás vezes unicamente por um filho ainda creança, consegue, quando a sorte lhe é propicia, tirar de um simples lance uma quantidade de peixe representando um valor cem vezes maior do que aquelle em que importou todo o seu material de pesca; quando porém a sorte lhe é adversa, cáe de privação em privação até ao ultimo grau da indigencia, restando-lhe como ultimo recurso o implorar a caridade publica, esmolando pelos caminhos e povoados; dando-se o meio termo, o que é mais vulgar, ganha hoje tudo quanto ha de despender ámanhã.

Não acontece o mesmo ao industrial de pesca, isto é, áquelle que possue armações, artes, redes, embarcações, armazens e que explora esta industria por conta propria, assalariando os pescadores pobres ou interessando-os, com uma diminuta percentagem, nos resultados da pesca. Este, nos annos de safara, aufere lucros exageradissimos em relação ao capital que tem empregado; nos annos de pesca regular, tira ainda uma grande percentagem; e nos annos de escassez, emquanto o pescador que elle despediu anda esmolando de porta em porta, armazena os seus apparelhos e embarcações de pesca, e trata-se regaladamente com o farto rendimento dos bens que já tem adquirido, até que as aguas novamente lhe proporcionem a continuação de uma riqueza na qual elle absorve o grande quinhão.

O pescador representa na industria da pesca o papel que o operario desempenha nas outras industrias: serve de instrumento de riqueza para o argentario e passa a vida sempre pobre sem ter participação alguma nos lucros, e ficando desempregado havendo crise.

*
* *

O pescador exerce a sua profissão não só longe da patria nas aguas do oceano e dos outros paizes, mas tambem nas aguas litoraes e nos rios e lagôas que sulcam o seu paiz.

D'aqui se póde inferir a divisão das pescas, relativamente ao meio onde tem logar, em: *pesca maritima, pesca fluvial* e *pesca lacustre.*

A primeira é a que se exerce em qualquer ponto das aguas do mar, fóra dos portos; a segunda, a que tem logar das embocaduras dos rios para dentro; e a ultima, a que se faz nas lagôas litoraes.

A *pesca maritima* ainda se póde subdividir, attendendo ao campo mais ou menos distante em que se effectua, em: *pesca longinqua, pesca do alto* e *pesca costeira.*

A pesca longinqua requer o emprego de embarcações de coberta, de maiores dimensões, que possam atravessar o oceano até alcançar regiões muito afastadas do porto de armamento, e faz-se em temporadas especiaes e paragens determinadas, exigindo, alem d'isto, um equipamento regular e provisões correspondentes á lotação das embarcações que a ella se destinam.

Os pescadores do continente do reino não se dedicam aos muitos generos de pesca longinqua que podiam explorar, como são: a do coral, madre perola, baleia, espermacete, etc.; apenas nos nossos portos se armam alguns navios para a pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova, e algumas embarcações de coberta para a pesca da cavala e sarrajão no mar de Larache.

São estes, pois, os dois unicos generos de pesca longinquo que temos, e ainda assim em pequena escala, não nos referindo, é de ver, á

pesca da baleia feita pelos marinheiros dos Açores, porquanto este trabalho diz respeito unicamente aos portos do continente do reino.

A pesca do alto tambem exige embarcações de maior lotação e segurança, poucas com coberta corrida, porque se effectua fóra das nossas aguas territoriaes, a grande distancia da terra, attingindo algumas vezes 20 milhas, e estando sujeitas portanto aos effeitos do mau tempo, quando este se levante repentinamente, sem permittir alcançar o porto com a presteza necessaria para poderem escapar á sua maior violencia.

Esta pesca destina-se ás especies de peixes que vivem em maior profundidade e que sómente em occasiões muito excepcionaes se approximam da costa.

A pesca costeira, feita junto ao litoral, o maximo até 3 milhas de distancia da terra, não precisa de embarcações tão grandes e seguras, e portanto tão despendiosas, porque, em quasi todos os casos, havendo prudencia, qualidade rara de encontrar no pescador, podem demandar o porto a tempo de fugir á tempestade.

Para a pesca fluvial empregam-se geralmente nos nossos rios pequenas embarcações, quasi todas de fundo chato, e para a pesca lacustre unicamente bateiras de pequenissimas dimensões.

De todas as embarcações usadas na pesca, daremos noticia detalhada quando tratarmos em capitulo especial de cada um dos generos de pesca acima referidos.

Os apparelhos empregados na pesca podem grupar-se em quatro categorias differentes: *apparelhos de anzol* ou *fisga*, *apparelhos de rede*, *armadilhas de verga* ou *metal* e *engenhos de pescar*.

Nos apparelhos de anzol aproveita-se a voracidade natural dos peixes e de alguns molluscos, para os tentar com as iscas que revestem e encobrem a farpa que os ha de prender, e com as fisgas consegue-se cravar essa farpa directamente, alcançando o mesmo resultado.

Da reunião dos peixes em cardumes nasceu naturalmente a idéa de construir redes de fórma tal que, deixando passar livremente a agua, evitassem comtudo que os peixes se escapassem. Effectivamente, os apparelhos de rede consistem sempre no emprego e combinações de redes formadas de malhas convenientemente proporcionadas á grossura dos peixes, de modo que em elles mettendo as cabeças fiquem seguros pelos operculos, focinho ou barbatanas; ou então feitos de redes de malhas menores que envolvam o peixe de modo que elle não possa escapar-se até ser apanhado ou conduzido dentro d'ellas para bordo ou para terra. Os apparelhos de rede são mais despendiosos do que os de anzol.

As armadilhas de verga ou metal constituem uma especie de ratoeira, onde o peixe póde entrar facilmente, mas não consegue saír, em virtude da fórma ponteaguda do vertice do funil que lhe deu passagem para dentro.

Os engenhos de pescar são dispostos de maneira tal que o peixe é apanhado na sua marcha e deitado automaticamente para um deposito fechado. Estes engenhos encontram-se nos nossos rios do norte.

Daremos uma minuciosa descripção de todos os apparelhos, que pertencem a estas quatro categorias, nos capitulos relativos ás differentes pescas, limitando-nos por agora a esta classificação geral.

*
* *

As principaes especies de peixes que atravessam e povoam as aguas do oceano Atlantico nas proximidades da costa de Portugal, e que têem um valor commercial definido, podem dividir-se, sob o ponto de vista das pescas, em tres grupos, caracterisados pelas dimensões que esses peixes apresentam depois de attingirem o seu maximo desenvolvimento, e por outras condições de vida e particularidades que os distinguem.

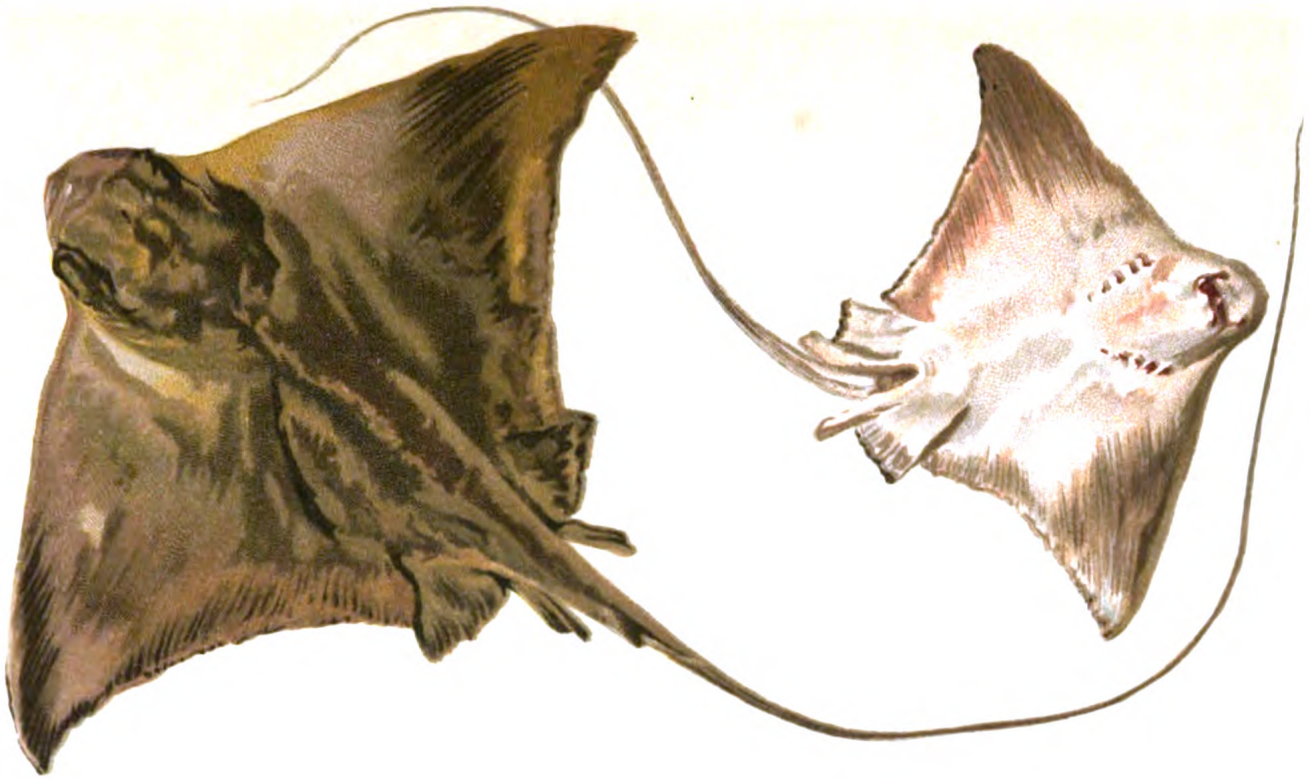
Para designar estes peixes, adoptâmos os nomes triviaes por que são conhecidos dos pescadores e do publico de cada localidade.

Ao primeiro grupo pertencem os peixes grandes que geralmente frequentam as aguas mais profundas, a maior distancia da terra, mas que tambem se approximam da costa em epochas determinadas de passagem ou com o fim de procurarem alimentação nas especies de menores dimensões que vivem junto do litoral ou para desovarem nos rios, bacias hydrographicas, etc. Estão n'estes casos: *atum, corvina, pescada, badejo, teiróga* ou *ouréga, raia, ratão, uje, peixe-sapo* ou *tamboril, peixe-anjo, cação* ou *galhudo, lixa, caneja, cascarra, melca, esturjão* ou *solho rei, congro, peixe espada, lyrio, redovalho, pregado, sâmo, capatão, pargo, dentudo, cherne*, etc.

O segundo grupo é formado pelos peixes que habitam indistinctamente as grandes profundidades e os fundos mais baixos, ora afastando-se da costa ora approximando-se d'ella, como são: a *dourada, choupa, goraz, cachucho, ruivo, robalo, sargo, safio, mureia, agulha, peixe-galo, sarajão, judeu, bonito, sarda, cavala, chicharro, carapau, sardinha*, etc.

O terceiro grupo é constituido pelos peixes que vivem proximo da terra e que entram nas rias e nos rios com as marés, entre os quaes indicaremos como principaes: o *robaliço* ou *robalete, salmonete, faneca, xarroco, budião, verdelho, lucinha, maragota, enguia, linguado, solha, tainha, alvôr, limento, negrete, mugem*, etc.

As especies que se encontram nas aguas dos nossos rios, não incluindo as de origem maritima do terceiro grupo, podem classificar-se em dois grupos, figurando no primeiro os peixes emigrantes: *salmão, savel* e *lampreia*, e no segundo os de agua doce: *barbo, truta, boga, bogardo, escalo, morca, enguia*, etc.



RATÃO *(myliobatis aquila)*, pag. 28

Outras especies ha nas aguas salgadas e doces, que sob o ponto de vista commercial têem diminuto valor, como são: *roaz, toninha, peixe-cão, bódinho, barbo do mar, breta, alcabroz, escorpião, bulideira*, etc.

Os crustaceos mais vulgares nas nossas aguas são: *lagosta, lavagante, aróla, caranguejola, caranguejo, lagostim, pilado* ou *mexoalho* e *camarão.*

Os molluscos mais frequentes de encontrar nas aguas portuguezas tambem se podem distribuir em dois grupos, pertencendo a um o *polvo, lula* e *choco,* e ao outro os molluscos providos de conchas, como são: *ostra, mexilhão, lapa, laparão, vieira, berbigão, ameijoa, caramujo* ou *burriê, cadelinha, percebe, navalha,* etc.

Alguns echinodermes ha nas aguas salgadas da nossa costa, muito procurados, principalmente pelos pescadores do norte do paiz, pertencendo a este numero o *ouriço do mar, ouriço da ribeira,* a *estrella do mar,* etc.

De cada um dos peixes, crustaceos, molluscos e echinodermes, que acima fizemos menção e de muitos outros que povoam ou transitam pelas nossas aguas, ou mesmo a grande distancia da terra, faremos a descripção, procurando tornal-os conhecidos pela sua fórma e caracteristicos exteriores, e apresentando os seus desenhos tirados do natural. Igualmente indicaremos os pontos da costa e dos rios, em que se encontram em maior abundancia, e outras particularidades mais interessantes, que digam respeito á sua vida, alimentação, desova e valor alimenticio e commercial, fugindo quanto possivel de entrar na estructura intima, systema osseo e outras investigações scientificas, proprias do estudo de um naturalista, que requer a dissecação e exame minucioso de todos os orgãos, detalhes alheios ao objecto principal d'este trabalho e que consignados aqui iriam dar um vulto enorme a esta obra, exclusivamente destinada a dar informações sobre o estado actual das pescas no continente do reino.

PEIXES DE AGUA SALGADA

Primeiro grupo

Atum *(scomber thynus).* — Este peixe de corpo grosso e rabo adelgaçado, attinge grandes dimensões, chegando a medir mais de 1 metro de comprimento. O seu dorso côr de aço, apresenta reflexos prateados. Possue duas barbatanas dorsaes, duas peitoraes muito desenvolvidas, duas abdominaes, uma anal, uma caudal em fórma de meia lua, e oito barbatanas falsas na linha do dorso até ao rabo, e oito em baixo em posição symetrica. A carne do atum é de côr avermelhada, quasi sem espinhas, e de um sabor muito agradavel. Este peixe transita pela costa do Algarve, muito proximo da terra, passando de oeste para leste em demanda do Mediterraneo nos mezes de

abril a julho, recebendo n'esta epocha o nome de *atum de direito,* o mais gordo e apreciado para o consumo. Os atuns formam cardumes dispostos em linha continua, a que os pescadores dão o nome de *fios de atum* e não passam tão rapidamente pela costa que não se conservem pairando do mar para a terra e d'esta para o largo durante alguns dias, como que reconhecendo o meio em que navegam para se poderem orientar até ao termo da sua viagem. N'esta pequena demora afastam-se mais ou menos da terra conforme o ponto d'onde parte o ataque do seu mais terrivel inimigo o ***Roaz.***

Se este anda ao largo, vem o atum para a terra e portanto cáe nas armações mais facilmente; se o roaz se approxima da costa, foge o atum para fóra e a sua pesca é mais difficil.

Nos mezes de julho e agosto volta o atum para o oceano, passando novamente na costa do Algarve em sentido inverso, apresentando-se mais magro, pelo que diminue de valor, sendo então chamado *atum de revez.*

Esta differença de gordura é attribuida á desova que o atum foi fazer nos rios do Mediterraneo.

A orientação da costa do Algarve comprehendida entre o cabo de S. Vicente e o cabo de Santa Maria, presta-se com grande vantagem á pesca d'este peixe na viagem para leste; chegado porém a este cabo dirige-se o atum para fóra e portanto não entra nas armações que com a mesma disposição de direito se estabelecessem na costa até á foz do Guadiana, rasão por que, do cabo de Santa Maria para leste, as armações são lançadas de revez, tirando grande resultado na segunda epocha da passagem do atum.

Tanto o atum fresco como o salgado e de conserva constituem um alimento muito nutritivo e saboroso, representando a sua preparação uma das industrias mais importantes e lucrativas da provincia do Algarve, a unica do paiz em cujas aguas maritimas se exerce esta pesca, por meio de apparelhos fixos de rede, denominados antigamente *almadravas* e a que hoje chamam *armações de pesca.*

Portanto, em relação ao mar da costa do Algarve, o atum deve ser considerado um peixe de passagem em um periodo de cinco mezes durante o anno. Nas aguas da costa occidental do reino é um peixe raro, comquanto entrem aos 8 ou 9 nas armações de sardinha de Peniche e Setubal.

Todos os pescadores são concordes em attribuir ao atum uma força consideravel quando é perseguido pelo roaz ou quando se sente ferido pelo arpéo, apesar de em quaesquer outras circumstancias ser extremamente manso e até timorato.

Anda quasi sempre perto da superficie, mergulhando excepcionalmente em procura do fundo, e prefere as aguas claras para se approximar da terra.

Corvina *(sciaena aquila).* — De todos os peixes comestiveis que apparecem nas aguas da nossa costa, é a corviña o que apresenta maiores dimen-

TREMELGA (*raja torpedo)*, pag. 28

sões, excedendo mesmo em tamanho o atum, ainda que lhe seja inferior em qualidade e valor.

O corpo da corvina é comprido e largo, estreitando muito pouco para o rabo, que é desenvolvido e forte. Tem duas barbatanas dorsaes, possuindo a primeira sete raios, duas peitoraes, duas abdominaes, uma anal, e uma caudal. As maxillas são guarnecidas de dentes ponteagudos e fortes.

O corpo coberto de grandes escamas é de côr acastanhada e esverdeada escura para o dorso. A sua carne é branca, rija e formada de lascas sobrepostas em camadas espessas.

A corvina, assim como o atum, affluе á nossa costa de abril a agosto, mas differe d'elle em procurar os nossos rios para effectuar a desova, emquanto que o atum passa alem em demanda de outros cursos de água.

Durante esta epocha é muito abundante na costa occidental do reino, do cabo Mondego para o sul, e em toda a costa do Algarve, chegando a subir alguns rios, como o Tejo e o Sado, onde é pescada em grande quantidade.

Na costa é apanhada nas armações de pesca estabelecidas para o atum e para a sardinha, e nos rios, principalmente no Tejo, para montante de Lisboa, com redes de enmalhar e com anzol.

Tambem na costa do Algarve é a corvina pescada com as redes de enmalhar, denominadas *corvineiras,* e constitue uma pescaria muito importante n'aquella região, aonde affluе com abundancia, caindo nas armações do atum e da sardinha, tão numerosas em toda aquella costa.

É pois a corvina, não só um peixe de passagem na nossa costa, em uma epocha determinada, mas tambem de entrada nas aguas interiores, procurando-as para desovar.

As corvinas andam geralmente em cardumes, nadando mais proximo do fundo do que da superficie.

A corvina femea depõe os ovos nos fundos lodosos ou de pedra e o macho espalha sobre elles o liquido fecundante.

Pescada *(gadus merlucius).* — Este peixe é um dos que maior valor tem nos nossos mercados, e que em maior abundancia é apanhado em toda a costa, existindo até uma pesca especial e regular d'ella durante todo o anno.

A pescada attinge no seu maximo desenvolvimento 80 centimetros de comprimento; tem o dorso cinzento escuro e a barriga prateada, a bôca muito fendida, os olhos grandes, e oito barbatanas, sendo duas dorsaes, a primeira com nove a dez raios e a segunda continua, duas peitoraes, duas abdominaes separadas, uma anal continua, desde o umbigo até ao rabo, e uma caudal pouco desenvolvida. A carne é branca, com muito poucas espinhas, e de um sabor delicado.

A apanha da pescada exerce-se em grande profundidade e a muita distancia da terra, nas paragens onde este peixe está domiciliado, isto é, onde desova e tem os comedouros e abrigos.

Em toda a costa occidental do reino a região da pescada é na encosta de leste da serra de pedra submarina que corre parallelamente ao litoral e de 5 a 7 leguas de distancia da terra, em profundidades que variam desde 100 até 800 metros, conforme a latitude que considerarmos. Até 200 metros de profundidade faz-se a pesca com redes de enmalhar, e em profundidades superiores, como acontece para o sul do cabo da Roca, emprega-se a linha e o anzol.

A pescada conserva-se quasi sempre n'essas paragens, sendo considerada peixe do alto e do fundo, approximando-se da costa unicamente os cardumes de individuos de pouca idade, quando afugentados pelos peixes mais vorazes e fortes.

Desova nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro, largando os ovos pelas infractuosidades das rochas que existem a grande profundidade, onde o macho esparje sobre elles o semen.

Nos mercados apparecem pescadas de tres dimensões principaes: a grande *pescada do alto* de lombo preto; a *pescada* vulgar de menores dimensões; e a *pescadinha* que constitue ainda a creação d'este peixe.

Como veremos, no capitulo em que tratarmos dos apparelhos empregados pelos nossos pescadores para a captura d'esta especie, os processos de pesca usados para este fim são apropriados a um resultado vantajoso, evitando comtudo a destruição dos comedouros e das creações, rasão pela qual este peixe é tão abundante na nossa costa e tão vulgar nos nossos mercados.

Uma outra especie de pescada *(centrolophus pompilus,* C.) conhecida pelo nome de *pescada preta,* pouco vulgar nas aguas dos nossos mares, onde apparece como individuo exotico, sem epocha determinada de passagem, não tem importancia sob o ponto de vista das pescas.

A pescada, que em todas as povoações do litoral se come fresca, póde conservar-se salgada durante muito tempo, sendo transportada assim para o interior do paiz, constituindo um excellente alimento de que se póde lançar mão havendo escassez de peixe fresco.

Os portos do continente d'onde sáem embarcações para esta pesca em grande escala, são: Caminha, Gontinhães, Vianna do Castello, Espozende e Fão, Povoa de Varzim, S. João da Foz, Valbom, Buarcos, Nazareth, Peniche, Ericeira, Cezimbra, Setubal e Olhão.

Teiroga ou **ourega, raia, ratão** e **uje.** — Pertencem estes peixes á mesma ordem e estão grupados no genero *raias* ou *arraias,* caracterisado pela fórma do corpo chato e redondo, munido de grandes barbatanas peitoraes, pare-

cendo duas azas, que se desenvolvem desde a cabeça até ao começo da cauda, a qual é delgada e comprida em fórma de rabo. Os olhos, cobertos por uma membrana contractil, estão situados na face superior da cabeça; e a bôca muito rasgada, dispõe-se transversalmente na face inferior. A sua pelle é escura e em algumas especies axaroada na face superior, e branca em toda a face inferior.

As raias têem o estomago robusto e muito desenvolvido, e são dotadas de grande voracidade.

As raias machas distinguem-se das femeas por terem uns appendices sexuaes que faltam nas femeas.

A reproducção das raias dá-se pela fecundação e geração interior, nascendo os pequenos seres no mez de maio.

Nas femeas a madre abre para o anus e é munida de dois grandes prolongamentos tubulares, por onde passam os ovos, que são contidos em um envolucro coriaceo, escuro e com a fórma rectangular.

As raias habitam e vivem no fundo de aguas lodosas e profundas, a grande distancia da terra, approximando-se d'esta algumas vezes e entrando nas rias e bacias litoraes, mas conservando-se sempre nas aguas salgadas.

Vamos descrever as raias mais frequentes de encontrar nas aguas da nossa costa.

Teiroga ou ourega *(raja lintea).*—Este peixe, denominado pelos pescadores do norte, *teiroga,* e pelos do sul, *ourega,* attinge dimensões enormes, medindo vulgarmente 2 metros de comprimento desde o bico que termina a cabeça até á ponta do rabo, e 1 metro de largura entre as extremidades das azas.

A *teiroga* macho apresenta uma particularidade notavel, qual é a de possuir dois appendices cylindricos carnudos, de um e de outro lado do anus, munidos no sentido do comprimento de uma especie de lamina cortante, que os pescadores chamam ***navalhas,*** e que se tornam muito perigosas ao desenmalhar estes peixes da rede, pelas contorsões e rabanadas que elles dão procurando ferir os pescadores.

A face superior do corpo da teiroga é escura, de uma mistura de castanho e cinzento, a face de baixo é toda branca.

Este peixe vive geralmente no mar do alto, onde é pescado pelas redes de enmalhar denominadas *rascas,* raras vezes se approxima da terra e só por excepção entra nos receptaculos salgados do litoral.

Constitue um alimento muito estimado pelos pescadores, sendo preferido a qualquer das outras especies de raias que cáem nas mesmas redes.

Raia.—Os pescadores dão indistinctamente o nome de *raia* a qualquer das especies de raias que não terminam em bico do lado da cabeça e que

apresentam uma grandeza media, comprehendida entre as enormes dimensões da *teiroga* e a pequenez da *uje* ou do *ratão*, caracterisadas alem d'isto pela fórma da cauda mais larga e com barbatanas carnudas, o que não se vê nas caudas d'estas duas ultimas especies.

Dão portanto o nome de *raia* ás especies mais proximas d'este genero, sendo a mais vulgar na nossa costa a *raia pintada (raja capensis)*, que cáe em grande quantidade nas redes de enmalhar.

As raias d'este grupo approximam-se da costa, caindo tambem nos apparelhos de pesca costeira, e durante o inverno entram nas rias litoraes com o fluxo das marés, não passando das aguas mais salgadas e profundas.

Ratão *(myliobatis aquila)*.—Este peixe pequena differença faz da raia na configuração geral do corpo, é porém de menores dimensões e tem a cauda em fórma de rabo de rato e munida de um grande espinho na parte superior, o qual é muito para receiar, rasão por que os pescadores o costumam cortar logo que apanham este peixe.

O *ratão* approxima-se muito da costa; chegando a ser envolvido pelas redes de arrastar para a terra destinadas á pesca da sardinha, e a sua carne é pouco estimada.

Uje *(trigon pastinaca)*.—É uma especie de raia muito pequena, de fórma quasi triangular, terminada em bico do lado da cabeça, e em cauda adelgaçada sem espinhos.

Outras especies mais, como: *tremelga (raja torpedo), rebeca (rhinobatus colomnae), raia brocheada (raja clavata)*, etc., apparecem nas nossas aguas, mas em tão pequena quantidade, ou offerecendo qualidades tão contrarias para o consumo, que não interessam ao estudo das pescas.

As *teirogas* e as *raias* são aproveitadas geralmente para cozer, fazendo em seguida no caldo excellentes e saborosas sopas, muito apreciadas pela classe pescadora, mas que não são bem recebidas nas mesas mais escolhidas.

Tamboril ou **peixe-sapo** *(lophius piscatorius)*.—Este peixe chamado *peixe-sapo* na costa do norte do paiz e *tamboril* para o sul, tem geralmente 60 a 80 centimetros de comprimento, corpo muito largo, a bôca enorme e munida de dentes moveis implantados nas maxilas. A cabeça é achatada e possue na parte anterior e superior quatro espinhos dispostos quasi na mesma linha transversal. O corpo é de côr castanho esverdeado. Tem dez raios na barbatana dorsal; duas barbatanas lateraes symetricas e as barbatanas anal e caudal pouco desenvolvidas. Os olhos são pequenos e muito afastados.

Este peixe offerece uma particularidade muito notavel, que é possuir na parte media do labio superior dois appendices tubulares, com uns 30

PEIXE-SAPO OU TAMBORIL *(lophius piscatorius)*, pag. 28

centimetros de comprimento, terminados por uma membrana larga, que elle applica na pesca dos peixes mais pequenos de que se alimenta, porque, como é muito vagaroso nos seus movimentos, colloca-se quasi á superficie, de modo que fiquem as extremidades dos barbilhões ao lume de agua e produz com elles, durante a noite, uma especie de phosphorescencia que attrahe o peixe miudo, o qual n'essa posição elle devora com facilidade.

O *tamboril* não é muito conhecido, nem estimado nos nossos mercados, sendo quasi que exclusivamente consumido pela classe pescadora.

É peixe domiciliado na nossa costa, vivendo muito ao largo em aguas profundas, e approximando-se mais da terra e da superficie durante a noite para procurar a sua alimentação predilecta.

Não ha pesca especial d'este peixe, que costuma caír nas redes de enmalhar ou nos apparelhos de anzol destinados a outras especies do alto.

O tamboril é muito vulgar em todo o anno, tanto na costa occidental como na meridional do continente.

Cação ou galhudo, lixa, caneja, cascarra, melca.—Pertencem todas estas especies á importante familia ichthyologica dos *squalos,* caracterisada principalmente pela fórma arredondada e comprida do corpo, a situação da bôca na parte inferior, debaixo do bico, a pelle mais ou menos aspera, a disposição particular dos dentes, e a desmedida voracidade de que são dotados os individuos que a compõem.

A reproducção dos seres d'esta familia dá-se no mez de maio em todas as aguas do nosso litoral. Os ovos são contidos em um envolucro coriaceo transparente, de fórma rectangular, tendo nos quatro angulos uns prolongamentos muito finos que depois de seccos parecem uns fios de oiro, pela côr que adquirem, assim como o envolucro, chamando-lhe os rapazes *relogios* e pondo-os pendurados ao pescoço pelos fios, atados como o cordão ou cadeia de um relogio de algibeira.

Estes peixes estão domiciliados nas aguas mais profundas da nossa costa e a grande distancia da terra, da qual se approximam dando caça ao peixe miudo de que se alimentam, e raras vezes entram nos cursos de agua que desaguam no oceano, limitando-se a procurar as rias do litoral.

Referiremos de passagem um dos membros mais vorazes e destruidores d'esta familia o *tubarão (squalus carcharius)* por ser rarissimo o seu apparecimento nos nossos mares do continente, circumstancia que infelizmente se não dá nos das nossas possessões em Africa, onde chegam a apparecer até dentro dos portos, fazendo annualmente crescido numero de victimas. Dos que acima indicamos como mais vulgares nas nossas aguas, vamos dar uma ligeira descripção.

Cação ou *galhudo (mustelus vulgaris).*—Este squalo é muito abundante em toda a costa do continente e é geralmente conhecido pelo nome de *ca-*

ção, ainda que em algumas localidades o denominam *galhudo,* em virtude dos *galhos* ou *espinhos* que possue nas barbatanas dorsaes, a primeira das quaes apparece ao lume de agua frequentes vezes quando o peixe anda á superficie.

Encontra-se nas nossas aguas de todos os tamanhos, desde o caçãosinho de 1 palmo até ao adulto de 2 metros de comprimento.

O corpo do cação é alongado e as barbatanas peitoraes desenvolvem-se em fórma de azas, mas muito menores do que as das raias; o dorso e lados são de côr cinzenta e a face inferior branca; os olhos são pequenos, e a bôca atravessada na face inferior da cabeça. A pelle do cação é aspera.

A sua carne não é muito saborosa, mas constitue um alimento barato em todos os portos de pesca, pelo grande numero d'estes peixes que cáem nos apparelhos de pesca do alto e costeira. Quando são de pequenas dimensões costumam os pescadores deixal-os na praia por serem improprios para o consumo.

Lixa. — Differe este peixe do cação em ter as azas menos desenvolvidas e a pelle muito aspera depois de secca, rasão por que é aproveitada no preparo das madeiras, metaes e outros materiaes que carecem de um desbastamento superficial muito igual e suave.

A lixa tem a pelle esbranquiçada, com malhas pardas, e a cabeça de fórma mais arredondada do que o cação.

Não é tão vulgar nas nossas aguas como este, e é apanhado nos mesmos apparelhos de pesca do alto e costeira.

Caneja. — É da configuração do cação; as barbatanas peitoraes são menores, e, tanto no dorso como nos lados, apresenta pintas escuras.

A caneja, alem de ser muito vulgar em todas as estações do anno nos mares do continente, é muito estimada pelos pescadores, porque depois de secca, embora não offereça as qualidades da pescada, presta-se comtudo a uma alimentação toleravel para as occasiões de necessidade.

A sua pesca faz-se com as redes da pescada e as rascas.

Cascarra ou **gata** *(scyllium catulus,* Mull.). — A *cascarra* ou *gata,* a que tambem chamam em algumas localidades *feiticeira,* tem seis barbatanas, sendo as dorsaes desprovidas de espinhos. A cabeça é de fórma redonda e a pelle com pintas acastanhadas e amarellas, tanto no dorso como nos lados e barriga, um pouco similhante á pelle de tigre.

A cascarra tambem é muito vulgar nos nossos mares, mas é inferior á caneja na qualidade da carne.

Apanha-se nos mesmos apparelhos de pesca do alto e costeira.

Melga ou *melca.* — Tem este squalo a configuração da caneja, mas possue os espinhos das dorsaes mais pequenos do que os do cação, sendo menos apreciada do que qualquer dos dois.

TUBARÀO *(squalus carcharius)*, pag. **29**

Esturjão ou solho-rei. — O *esturjão* ou *solho-rei* é um peixe cartilaginoso que vive no mar, mas que sobe os rios para desovar em abril e maio. Este peixe, que attinge algumas vezes dimensões enormes, tem o corpo alongado e grosso; o focinho muito rombo e quasi igual á largura da bôca; a pelle guarnecida por placas osseas dispostas em series; a bôca desprovida de dentes e com quatro barbilhões.

A sua alimentação consiste em peixes, vermes, reptis e insectos.

Depois de desovar volta para o mar, assim como a creação.

A carne do esturjão é muito estimada e a bexiga natatoria fornece a *colla de peixe*.

Este peixe de passagem na nossa costa nos mezes da desova, os unicos rios do continente em que entra é no rio Guadiana, onde annualmente se pescam uns seis ou oito, e no rio Douro, tendo em media 2 metros de comprimento.

O *esturjão* e o *salmão* são os melhores e mais lucrativos peixes que se podem capturar nas aguas interiores, mas infelizmente para o nosso consumo, o primeiro apparece em pequeno numero apenas no Guadiana e Douro e o ultimo como já dissemos unicamente no rio Minho, rios limitrophes de Portugal e Hespanha, nos quaes o exercicio da pesca é commum aos dois paizes. Ainda o anno passado encalhou na foz do rio Mondego um d'estes peixes, que não era conhecido na localidade, e que foi comprado aos pescadores que o encontraram por 4$500 réis.

O grande esturjão, muito vulgar nos rios Danubio e Volga, chega a ter de comprimento $6^{m},60$.

Congro. — Pertence este peixe á ordem dos *malacopterygios apodes*, a qual tem por caracter especial a falta de raios espinhosos na barbatana dorsal e a carencia de barbatanas abdominaes.

O *congro* tem o corpo cylindrico e muito comprido, a pelle macia, a barbatana dorsal começando proximo da cabeça, e a maxila superior mais avançada do que a inferior.

Attinge vulgarmente grandes dimensões, chegando a medir 3 metros de comprimento e $0^{m},50$ de circumferencia, parecendo uma grande serpente.

Conserva-se sempre nas aguas salgadas e desova no alto mar em julho e agosto.

A sua côr é cinzenta no dorso e lados, e branca na face inferior.

É muito difficil de pescar pela força consideravel que desenvolve ao sair da agua, mas é muito abundante nos nossos mares, conservando-se geralmente a grande distancia da terra em fundos de pedra.

A carne do congro é muito agradavel ao paladar e torna-se verdadeiramente saborosa guisada ou ensopada.

Peixe-espada, lirio. — Estes peixes muito compridos e lateralmente chatos, têem a fórma de uma lamina de sabre ou espada, d'onde lhe deriva o nome.

O *peixe-espada (lepidopus caudatus)* que frequenta as nossas aguas, attinge $1^{m},5$ de comprimento e apenas $0^{m},10$ de maxima largura e offerece uma côr uniforme de cinzento e prateado.

As duas barbatanas abdominaes são muito pouco desenvolvidas, e as peitoraes, situadas de um e outro lado da parte anterior da cabeça, tambem são pequenas.

A barbatana dorsal segue desde a cabeça, onde fórma um leque, com nove raios espinhosos, até ao rabo; a anal pouco extensa está situada junto á cauda; e a caudal é bifurcada.

Este peixe tem quatro dentes muito fortes na maxila superior, que é muito mais curta do que a inferior, e n'esta, terminada em bico, tambem possue dois dentes grandes, sendo alem d'isto as duas maxilas guarnecidas de dentes miudos e ponteagudos.

O *lirio (trichiurus lepturus)* differe do *peixe-espada* apenas na fórma do rabo que não é bifurcado e na qualidade da carne que não é tão saborosa; ainda assim nos nossos mercados confundem quasi sempre as duas especies com o fim de venderem a mais inferior pelo preço da melhor.

Antigamente pescava-se o *peixe-espada* e o *lirio* em todo o mar do alto da nossa costa occidental e meridional, hoje desappareceu do norte e sómente se encontra em abundancia do cabo da Roca para o sul.

Estes peixes andam a grande distancia da terra e cáem nos apparelhos de anzol da pesca do alto, construidos de uma maneira especial para poderem resistir aos fortes dentes que elles possuem.

Desovam no alto mar nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro.

O peixe-espada é muito apreciado em Lisboa e Setubal e presta um grande concurso na alimentação.

Ainda apparece nas nossas aguas uma outra especie: o *peixe-espada preto (aphanopus carbo)*, mas é muito pouco vulgar.

Rodovalho e pregado. — O *rodovalho (pleuronecte maximus)* tem o corpo de fórma rhomboidal e chato, sem symetria, guarnecido em todo o dorso e ventre por barbatanas continuas que terminam junto á da cauda. A cabeça tambem não é symetrica, pois que os olhos e a bôca ficam para o mesmo lado, á direita, e as guelras á esquerda.

A face superior do corpo é escura, com manchas castanhas e esverdeadas, e a face de baixo é branca.

Tem duas barbatanas peitoraes e duas abdominaes de pequenissimas dimensões.

O *rodovalho* encontra-se nas altas profundidades, em fundos de pedra, por toda a costa do continente do reino, não sendo ainda assim muito abun-

dante, mas podendo considerar-se um peixe domiciliado nas aguas dos nossos mares, que apparece vulgarmente nos mercados, chegando a attingir 0m,60 de comprimento por 0m,40 de largura.

O *pregado* differe *do rodovalho* em ter na face superior do corpo umas asperezas em fórma de cabeças de prego, que se encontram facilmente percorrendo a pelle com o dedo no sentido da cauda para a cabeça, e em não chegar a tão grandes dimensões.

Estes peixes approximam-se da costa e entram mesmo nas bacias litoraes, mas em pequena quantidade; procuram, para desovar, os fundos de lodo e areia, onde se enterram ou cobrem com uma camada, na epocha da desova, que é em fevereiro e março.

Tanto o *pregado* como o *rodovalho* são muito apreciados pelo seu sabor delicado e a sua carne muito branca e macia, com um leve gosto amariscado.

Pargo. — O *pargo (pagrus vulgaris)* é um dos peixes de grande valor alimenticio, que apparece em maior abundancia nas aguas profundas dos nossos mares. Apresenta o corpo largo e espesso, coberto por grandes escamas circulares, os olhos grandes, dentes salientes implantados em beiços carnudos e uma côr avermelhada na cabeça, dorso e barbatanas, esbranquiçando para os lados e barriga.

N'este peixe a relação entre o comprimento e a altura do dorso á barriga é de 2,7; a barbatana dorsal tem vinte e tres raios, sendo os doze primeiros espinhosos e os restantes moles; a barbatana anal, onze raios, dos quaes tres espinhosos; as duas barbatanas peitoraes são muito compridas.

Está domiciliado nas nossas aguas, vivendo ao largo, onde desova em dezembro, janeiro e fevereiro, e tambem se approxima da costa, procurando os fundos pedregosos e de areia.

Ha muitas variedades d'este peixe, algumas de grandes dimensões; as que apparecem mais nos nossos mercados são:

Pargo therezo (pagrus auriga), que não apresenta a côr avermelhada, mas sim escura e azulada.

Pargo de morro ou *pargo mouro (dentex filosus)*.

Capatão (dentex filosus, C.) que possue uma enorme protuberancia na parte superior da cabeça, e chega a ter de comprimento quasi 1 metro. Chamam-lhe para o norte *sâmo*, e em alguns pontos para o sul *corcunda*.

Dentão (dentex vulgaris) com os dentes muito salientes.

Estes peixes são apanhados no alto com apparelhos de anzol e constituem uma das alimentações mais escolhidas em quasi todos os mercados.

Cherne *(polyprion cernium).* — O *cherne* é um peixe geralmente de dimensões regulares, attingindo até 0m,60 de comprimento, e que tem uma côr escura com as barbatanas pretas.

Tem dez raios espinhosos na primeira barbatana dorsal e a segunda é em fórma de leque; duas barbatanas peitoraes, duas abdominaes, uma anal, tambem em fórma de leque, e a da cauda larga.

De um e outro lado dos operculos possue um grande espinho e as guelras são orladas tambem de pequenos espinhos ou bicos. Os olhos são pequenos; os beiços carnudos, sendo o de baixo mais comprido que o superior, e ambos providos de uma especie de lixa, ou pequeninos dentes ponteagudos. A lingua é carnuda e as escamas muito miudas.

O *cherne* está domiciliado nas nossas aguas, vivendo a grande distancia da terra, em fundos de pedra, e approximando-se accidentalmente da costa em circumstancias muito especiaes. Apparece nos mercados com frequencia e a sua carne é muito estimada.

Badejo *(gadus pollachius).*—Este peixe, muito parecido com o bacalhau na fórma e disposição das barbatanas, é comtudo de menores dimensões e apresenta uma côr escura e amarellada, caracteristica.

Encontra-se algumas vezes nas nossas aguas, onde é apanhado nas redes para a pescada e nos apparelhos de anzol do alto.

Tem dez raios na primeira barbatana dorsal, as peitoraes são esverdeadas, as abdominaes vermelhas e as outras pretas. Olhos grandes e escamas miudas. A maxila inferior mais avançada do que a de cima.

Em sabor e qualidade é muito inferior ao bacalhau e á pescada, rasão porque, mesmo nos mercados do continente em que apparece com menos frequencia, tem um valor muito baixo.

Segundo grupo

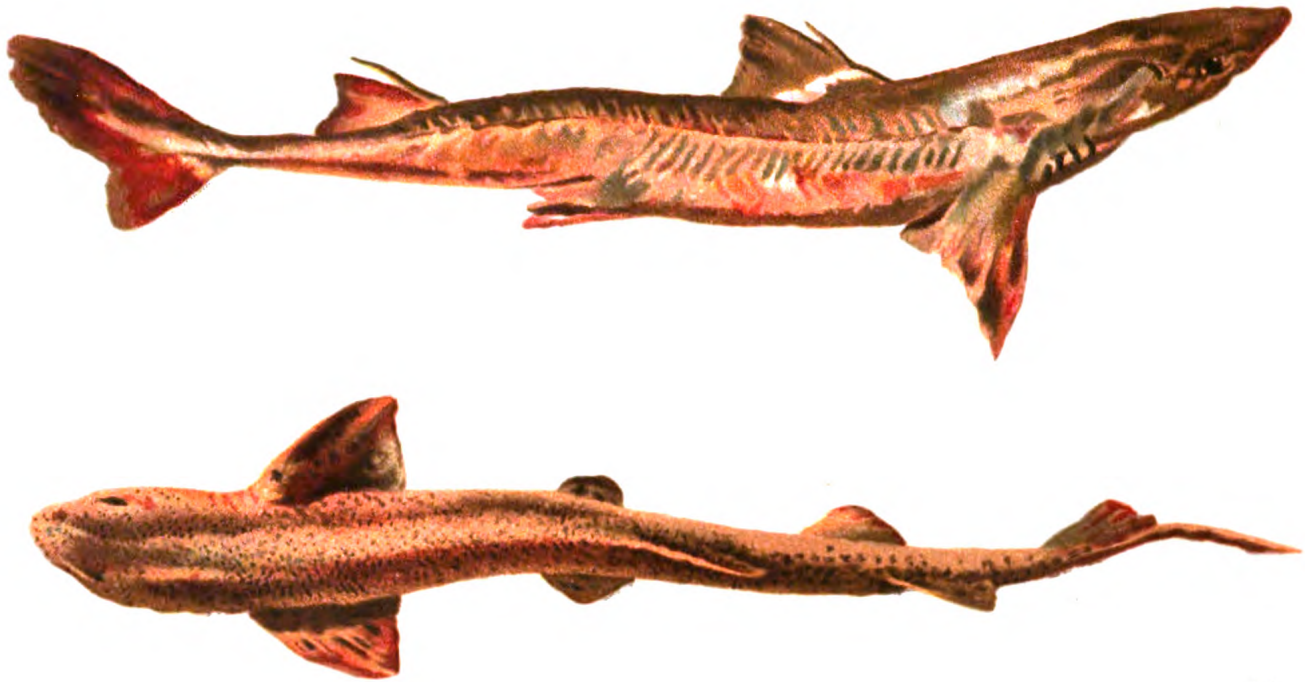
Choupa *(cantharus lineatus).*—É um peixe de fórma oval, terminando por cauda delgada e curta, munida de uma barbatana bifurcada muito desenvolvida; cabeça aguda, com olhos grandes e a bôca provida no bico de dentes muito salientes nas duas maxillas.

A barbatana dorsal tem vinte e quatro raios e as barbatanas peitoraes são muito desenvolvidas. O corpo é coberto de escamas miudas, e a sua côr azulada. Tem geralmente 30 centimetros de comprimento por 15 centimetros de largura.

A *choupa* é muito vulgar em toda a costa, principalmente na do norte, é pescada com apparelhos de linha e anzol, e a sua carne é boa e saborosa.

Approxima-se da costa e entra nas bacias litoraes, desovando em dezembro, janeiro e fevereiro nos bancos de areia e nas encostas submarinas.

Dourada *(crysophis aurata).*—Tem a fórma geral da choupa, mas a cauda não é tão curta e liga com o corpo por uma curvatura suave; as suas esca-



CAÇÃO OU GALHUDO *(mustelus vulgaris)*, pag. 29

PATA-ROXA *(scyllium canicula)*, pag. 30

mas apresentam um reflexo dourado, d'onde deriva o nome por que este peixe é conhecido pelos pescadores.

A *dourada* larga a ovação nos bancos de areia e nas encostas submarinas, nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro; approxima-se da terra e cáe nos apparelhos de pesca de anzol.

É muito frequente nos nossos mares, chegando a medir 40 centimetros de comprimento, e sendo muito apreciada pelo seu bom sabor.

Sargo *(sargus fasciatus).* — Este peixe tem a fórma da *dourada,* mas não apresenta reflexos dourados como ella, é azulado e com manchas escuras no dorso, não attingindo mais de 35 centimetros de comprimento.

O *sargo* não entra nos rios, mas aproxima-se muito da terra, tendo como o robalo o habito de correr na crista das ondas, rasão por que é apanhado nas mesmas redes de enmalhar destinadas para a captura d'aquelle peixe, e nos apparelhos de anzol com *amostra.*

A carne do sargo é branca e de sabor muito delicado.

Desova nos bancos de areia e nas encostas submarinas nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro.

Goraz *(pagellus centrodontus).* — Este peixe tem uma fórma eliptica muito elegante, os olhos grandes, labios carnudos e dentes miudos. Attinge algumas vezes 35 centimetros de comprimento. É amarellado em todo o corpo, excepto nas faces lateraes da cabeça, que são prateadas, e as barbatanas que apresentam um tom encarnado e roxo.

A barbatana dorsal tem vinte e dois raios.

O principal caracteristico d'este peixe são duas manchas pretas situadas symetricamente uma de cada lado do corpo proximo da cabeça.

O *goraz* vive em grande quantidade nas aguas da nossa costa, approximando-se da terra para desovar nos bancos de areia e nas encostas submarinas, nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro.

É pescado com apparelhos de linha e anzol especialmente destinados á sua captura.

Os pescadores do Minho dão-lhe o nome de *olhos moles.*

É muito apreciado este peixe, que em todos os nossos mercados apparece abundantemente nos mezes de janeiro e fevereiro, facto d'onde resultou o ditado: *janeiro gorazeiro;* e muito saboroso em agosto, dizendo o vulgo: *agosto para gosto.*

Cachucho *(dentex macrophthalmos).* — Differe este peixe do goraz em não ter as manchas pretas nos lados, possuir maior altura no dorso junto á cabeça, ter esta maior e apresentar uma côr encarnada mais ou menos viva em todo o corpo e barbatanas.

O *cachucho* tem vinte e tres raios na barbatana dorsal, olhos muito grandes, labios carnudos e os dentes salientes. Attinge 40 centimetros de comprimento.

Na costa do norte dão-lhe o nome de *tambor*.

Este peixe é tão abundante nas nossas aguas como o goraz; tambem se approxima da terra e desova pela mesma epocha, caindo igualmente nos apparelhos de linha e anzol da pesca do alto e costeira.

Besugo *(pagellus acarne).* — Este peixe é geralmente menor do que o *goraz* e o *cachucho,* approximando-se bastante da configuração do primeiro e tendo como elle umas manchas escuras caracteristicas não nos lados, mas nas articulações das barbatanas peitoraes.

Larga a ovação no alto, em dezembro, janeiro e fevereiro; approxima-se da terra e entra algumas vezes nos rios e rias litoraes.

É pescado com apparelhos de linha e anzol.

Peixão. — É um peixe pequeno, de côr prateada, escama miuda, olhos grandes, com vinte e cinco raios na barbatana dorsal, tendo a bôca disposta como a do pargo, mas possuindo, em vez dos dentes, uma especie de lixa nos bordos internos dos labios.

É mais largo do que o *besugo* e não tem manchas nos lados, nem nas articulações das barbatanas peitoraes.

Frequentemente o apresentam nos mercados por besugo, do qual no emtanto se differença facilmente.

Approxima-se da terra e entra nas bacias hydrographicas do litoral durante o tempo quente.

Desova na mesma epocha do goraz, cachucho e besugo, e é pescado com apparelhos identicos.

Ruivo.—Este peixe tem um feitio muito notavel: a cabeça é grande e quadrada, com fortes peças osseas, e munida de espinhos ou bicos; a bôca está situada em um mesmo plano por baixo do focinho e tem a fórma semicircular.

A linha dorsal é recta desde a cabeça até á cauda e tem duas barbatanas: a primeira com nove raios e a segunda com dezoito raios, sendo guarnecida de um e de outro lado por vinte e sete espinhos curtos.

Não tem escamas, mas pelle de côr encarnada no dorso e cabeça, e branca nos lados e barriga.

Na barbatana annal possue dezeseis raios, e as barbatanas abdominaes, implantadas muito proximas da cabeça, por baixo das peitoraes, são formadas por quatro filamentos separados. Os olhos do *ruivo* são grandes.

Este peixe chega a medir 60 centimetros de comprimento, quando adquire o seu maximo desenvolvimento, e emquanto é pequeno confunde-se

J. Arruda

OVO DA CANEJA

OVA DO SALMÃO

muito com o *peixe cabra* ou *cabrinha,* que lhe é muito similhante, mas que constitue uma especie proxima — o *trigla lyra* de Lin.

Ha diversas especies de ruivo nas nossas aguas, sendo as principaes o *trygla pini* de Bloch, o *trigla hirundo,* e o *trigla poeciloptera* de Cuv.

O *ruivo* é muito abundante em toda a costa de Portugal, tornando-se muito estimado dos pescadores que o salgam e conservam escalado durante muito tempo.

Anda em grandes profundidades, approxima-se da terra, entra mesmo nas bacias litoraes, procurando os fundos arenosos, e é pescado á linha, ainda que tambem cáe nas redes de enmalhar destinadas á captura de outras especies.

Desova em dezembro, janeiro e fevereiro.

Robalo *(labrax lupus,* C.). — Este peixe é muito vivo e rapido nos seus movimentos, approxima-se da terra e brinca na crista da vaga, na rebentação dos baixos, e entra nos rios e rias com o fluxo da maré.

O corpo é azulado escuro no dorso, com malhas pretas e prateado para a barriga. Tem sete raios na primeira barbatana dorsal.

Geralmente o *robalo* que se apanha em toda a nossa costa e portos, tem de comprimento 30 a 40 centimetros, tomando, quando é d'estas dimensões, nomes muito diversos segundo as localidades. Assim: em Caminha, chamam-lhe *robaliço;* Gontinhães, *peixe branco;* Vianna do Castello e Espozende, *chaliço;* Figueira da Foz, *robalete;* Lisboa e Setubal, *robalinho;* e no Algarve *baila.*

Na costa, porém, pescam-se algumas vezes robalos de grandes dimensões, 60 a 70 centimetros, que os pescadores designam pelo nome de *robalo marisco.*

O *robalo* apparece ovado em abril e maio e póde ser considerado como um peixe domiciliado nas nossas aguas durante todo o anno.

Pesca-se com apparelhos de rede e de anzol, alguns muito engenhosos, aproveitando o habito e vivacidade d'este peixe, como veremos no capitulo que tratar d'este assumpto,

Safio *(muraena anguilla).* — Este peixe, muito similhante ao congro, na apparencia, não attinge as dimensões d'elle e constitue uma outra variedade, vivendo mais proximo da terra, nos bancos de rocha e pedras que orlam a costa e nos sitios pedregosos das bacias hydrographicas, não passando da agua salgada.

O *safio* reproduz-se em julho e agosto, procurando por esta occasião os logares mais profundos.

É muito frequente todo o anno nas aguas da nossa costa e nas bacias inferiores dos rios, onde é pescado ao anzol e á fisga.

Mureia. — Este peixe é muito molle, mas possue um systema espinhoso muito delicado, e tem a pelle axaroada de amarello, castanho e preto, como a tartaruga.

A cabeça da *mureia* é pequena e terminada em bico pela bôca, que, similhante á bôca de um gato, é munida de dentes muito agudos e fortes; os olhos são pequenos, de côr azul e cobertos por um véu transparente.

O seu corpo attinge 90 centimetros de comprimento e 10 centimetros de maxima largura, estendendo-se a barbatana dorsal desde a cabeça até ao rabo, e a anal desde este até meio do corpo.

É um peixe muito avido de sangue, largando com difficuldade a preza a que consegue agarrar-se com os dentes, circumstancia esta porque a historia aponta a *mureia* como tendo sido empregada pelos antigos romanos nos requintes de barbaridade a que entregavam os escravos.

Este peixe apparece com frequencia em toda a nossa costa, frequentando os logares pedregosos e profundos, e caindo nos anzoes destinados a outras especies.

Amanhada em agua salgada e preparada pelos pescadores, constitue um manjar muito delicado, mas lavada em agua doce, como vulgarmente se pratica, torna-se insipida e mesmo repugnante.

Peixe agulha. — Este peixe tem o corpo comprido e cylindrico e é de côr azulada. As duas maxillas muito alongadas formam um bico bastante delgado, guarnecido de dentes muito miudos nos bordos. Apparece em toda a costa, entra nos rios e portos, e desova em março, abril e maio.

Cáe nos apparelhos de pesca destinados a outras especies e tambem se apanha á fisga e ao candeio.

O valor commercial do *peixe agulha* é muito diminuto.

Peixe gallo *(leus faber,* Lin.). — O *peixe gallo,* tambem denominado *alfaquim* ou *alfaquique,* tem o corpo comprimido e de fórma oval, apresentando côr azul e acinzentada, com reflexos dourados.

A cabeça é romba e ossuda, as barbatanas dorsal e anal muito compridas e do feitio de pluma, ou rabo de gallo, tornam-n'o muito notavel, e a barbatana caudal é muito pequena.

Alguns chegam a ter 50 centimetros de comprimento.

Apparece com muita frequencia na nossa costa e é pescado com apparelhos de linha e anzol.

O *peixe gallo* é muito estimado pela sua carne branca e saborosa.

Cavala e sarda. — A *cavala (scomber colias,* Lin.) é muito alongada, de côr azul esverdeada no dorso, em listas transversaes, e barriga prateada. O queixo inferior é mais comprido do que o de cima, e ambos providos de dentes miudos.

Tem dez raios na barbatana dorsal, cinco barbatanas falsas nas linhas do dorso e abdominal, junto ao rabo, e a barbatana caudal muito bifurcada.

A *sarda (scomber scomber,* Cuv.) differe da *cavala* em ter os olhos maiores, o focinho mais agudo, a côr mais azulada, e attingir maior corpulencia.

Tanto uma como outra são muito frequentes na nossa costa, onde affluem no verão em grandes cardumes, caindo nas redes de enmalhar, nas armações de pesca, nas sacadas e nos apparelhos de linha e anzol.

Podem ser consideradas como peixes de arribação ou de passagem na nossa costa, caminhando geralmente de SW. para NE.

Tambem se encontram enormes bancos d'estes peixes no mar de Larache, a umas 6 milhas ao largo d'aquella costa, onde são pescados em grande escala pelos pescadores de Olhão, na temporada de maio a agosto.

A cavala e a sarda conservam-se salgadas, constituindo um dos alimentos mais importantes de algumas das nossas populações maritimas, sendo de grande fama a sarda de Peniche e de Olhão que chega a medir 35 centimetros de comprimento, e é enviada para o interior do paiz.

Carapau ou **Chicharro** *(Caranx trachurus).* — O *carapau* é um peixe pequeno com a cauda em fórma de quilha de ambos os lados e apresentando uma serie de espinhos ou serrilha, desde a cabeça até ao rabo, que é muito adelgaçado.

A sua côr é azul esverdeado no dorso e branca para a barriga. Os olhos são grandes e a bôca rasgada e inclinada para cima. Mede geralmente 15 centimetros de comprimento, ainda que attinge muito maiores dimensões.

Em Lisboa dão a este peixe o nome de *carapau* quando é pequeno, e chamam-lhe *chicharro* quando é grande; isto é, quando tem de 20 a 30 centimetros de comprimento.

No Algarve dizem: *charro* ao chicharro pequeno e *carapau* ao grande. Para o norte do paiz denominam este peixe: *sorêlo.*

Apparece em grande abundancia em toda a nossa costa, andando em cardumes enormes, que entram nas armações fixas de pesca, e que cáem nas artes de arrastar e nas redes de enmalhar.

O carapau é considerado pelos pescadores como peixe de arribação e de passagem, ainda que se conserva durante alguns dias pairando do mar para a terra e d'esta para o largo. Desova em junho e julho.

O seu valor é insignificante, lançando mão d'elle a classe pescadora como ultimo recurso de alimentação nas occasiões de penuria.

Sardinha *(Clupea spratus).* — Este peixe, bem conhecido de todos, é o mais vulgar e até hoje mais abundante em toda a costa de Portugal, e aquelle pelo qual os pescadores mostram maior predilecção, porque, sendo facil de apanhar grande numero em um unico lance, é de um valor relativo consideravel pelas suas boas qualidades de conservação e sabor.

A *sardinha,* considerada por todos como uma especie *nomada,* tem geralmente 17 centimetros de comprimento, a fórma do corpo é muito elegante e offerece á vista uma mistura de azul e prata na côr das suas brilhantes e numerosas escamas.

Os olhos são pequenos e a bôca tambem de diminuta grandeza.

A sardinha desova geralmente em dezembro, janeiro e fevereiro, segundo o rigor da estação invernosa, procurando para este fim os logares arenosos e pouco profundos da costa.

Informam os pescadores de todos os portos do continente, que os grandes cardumes marcham de inverno do norte para o sul, contornando as inflexões da terra e demorando-se mais ou menos tempo nas differentes paragens do litoral, conforme a menor ou maior facilidade em desovar, os comedouros que encontram, a perseguição que lhe fazem, e o estado de tranquilidade das aguas do oceano, bem como a direcção e velocidade do vento e a temperatura da atmosphera.

De verão, caminham os cardumes mais rapidamente em sentido inverso, e na primavera e outono conservam-se pairando do mar para a terra e d'esta para o mar.

Ainda assim: a maior ou menor affluencia dos grandes *bancos de sardinha,* nas differentes paragens do atlantico, é attribuida a influencias cosmicas e physicas que se dão n'este immenso meio.

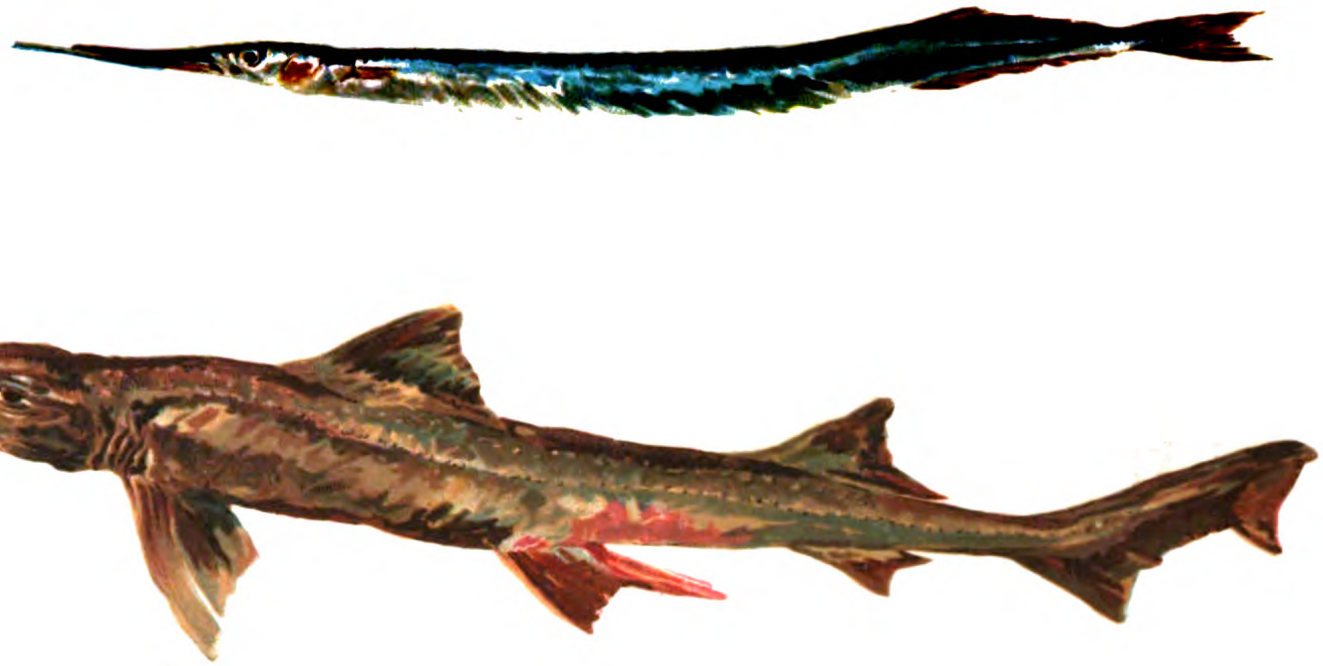
A sardinha consome-se geralmente fresca, ou salgada, ou em conserva de azeite, sendo muito saborosa de qualquer das maneiras.

Ha diversos apparelhos para esta pesca, dos quaes faremos a descripção em outro capitulo, limitando-nos por agora a dizer que na costa occidental do reino, desde a foz do rio Minho até ao Douro, se empregam unicamente redes de enmalhar; do Douro até á Nazareth, usam-se apenas as artes de arrastar para a terra; e d'este ponto da costa para o sul e em toda a costa meridional do Algarve, empregam-se as armações permanentes de pesca, as artes de arrastar, e as redes de galeão e de cerco.

A grandeza da sardinha que vem aos mercados e a maior ou menor quantidade de escamas que a cobre, não são caracteristicos de variedades d'este peixe, mas sim da idade dos cardumes e do processo que se adoptou na pesca.

A sardinha apanhada nas redes de enmalhar e nas armações, apresenta-se com muitas escamas, o que não acontece á que cáe nos saccos das redes de arrastar e dos cercos, porque da fricção e esmagamento de uma contra a outra resulta a perda de grande quantidade de escamas.

A natureza dos comedouros que este peixe temporariamente frequenta, tambem concorre muito para o seu sabor, facto que se dá na afamada sardinha de Vigo, pescada dentro da ria, cujo fundo é coberto de uma variedade de algas marinhas, a que na localidade chamam *sebas* e que communicam ao peixe um gosto amariscado muito agradavel.



PEIXE AGULHA, pag. 38

CANEJA, pag. 30

A nossa sardinha do norte e da costa do Algarve tambem é muito superior em gosto á da costa occidental do sul, pela mesma rasão da natureza mariscosa do fundo se prestar n'aquellas paragens a uma melhor alimentação d'este peixe.

*
* *

Ainda pertencem a este grupo outras especies comestiveis, que cáem algumas vezes nos apparelhos de pesca destinados á captura dos peixes principaes, não sendo no emtanto tão vulgares que se empreguem processos de pesca especiaes para as apanhar. Daremos noticia das seguintes:

Imperador *(Beryx decadactylus,* Cuv.).—É um bello peixe de 35 a 45 centimetros de comprimento, de corpo achatado e ellyptico, apresentando um colorido de encarnado lacre muito vistoso. Desova em março, abril e maio.

Olhudo.—Mede este peixe 30 a 40 centimetros de comprimento, e é notavel pelos enormes olhos que tem.

Salema *(Bex salpa,* Cuv.).—Tem 30 a 35 centimetros de comprimento, de côr clara nos lados e barriga e escura para o dorso, possuindo de um e outro lado do corpo listas longitudinaes de um amarello dourado.

Cantarilho *(Sebastes kuhlii).*—Este peixe é muito singular pela fórma da sua cabeça com fortes ossos e munida de bicos ou espinhos muito agudos. Os olhos são pequenos. O corpo é todo encarnado com algumas pintas acastanhadas nos lados e barbatanas.

Emprenhador *(Trigla gurnardus,* Lin.).—Na Povoa de Varzim dão este nome a um peixe muito parecido com o ruivo na fórma da cabeça e do corpo, mas de côr menos viva do que elle.

Judeu *(Thynnus thunnina,* Cuv.).—Este peixe é uma variedade de atum de muito menores dimensões.

Serra *(Pelamys sarda).*—Do feitio da sarda, mas muito maior do que ella.

Sarrajão ou **Bonito.**—É branco listado de escuro, côr de ferro novo e azulado como aço. O seu comprimento varia de 40 a 50 centimetros. Apparece durante todo o anno na costa do Algarve de passagem; e é muito abundante no mar de Larache em abril a junho, epocha d'esta pesca ali.

Chaputa ou **Freira** *(Brama raii)*. — O corpo d'este peixe mede 35 centimetros de comprimento, e offerece uma côr de chumbo notavel.

A cauda é em fórma de rabo de andorinha; as barbatanas peitoraes claras e transparentes; as restantes com laivos pretos.

A lingua é carnuda e os dentes miudos e ponteagudos.

Vive a *freira* nas aguas maritimas do alto, approximando-se raras vezes da costa, podendo ser considerada como uma especie sedentaria nas nossas paragens.

Abrotea *(Physis blemiodes)*. — É pouco frequente nas aguas maritimas costeiras.

Biqueirão. — Este peixe tem uns 14 centimetros de comprimento por 22 millimetros de largura, e é muito parecido com a sardinha, tendo como ella o dorso azul, a barriga prateada e reflexos dourados na cabeça.

O focinho é agudo, tendo a maxilla inferior muito mais curta; a bôca é rasgada e os olhos grandes.

Tem uma unica barbatana dorsal, situada a meio do corpo e com quinze raios molles; duas peitoraes, duas abdominaes e uma anal, transparentes; e a da cauda é bipartida.

Apparece com frequencia na nossa costa, sendo considerado como peixe de arribação e passagem, desovando em fevereiro, março e abril.

Apesar de ser inferior á sardinha, é comtudo aproveitavel para o consumo.

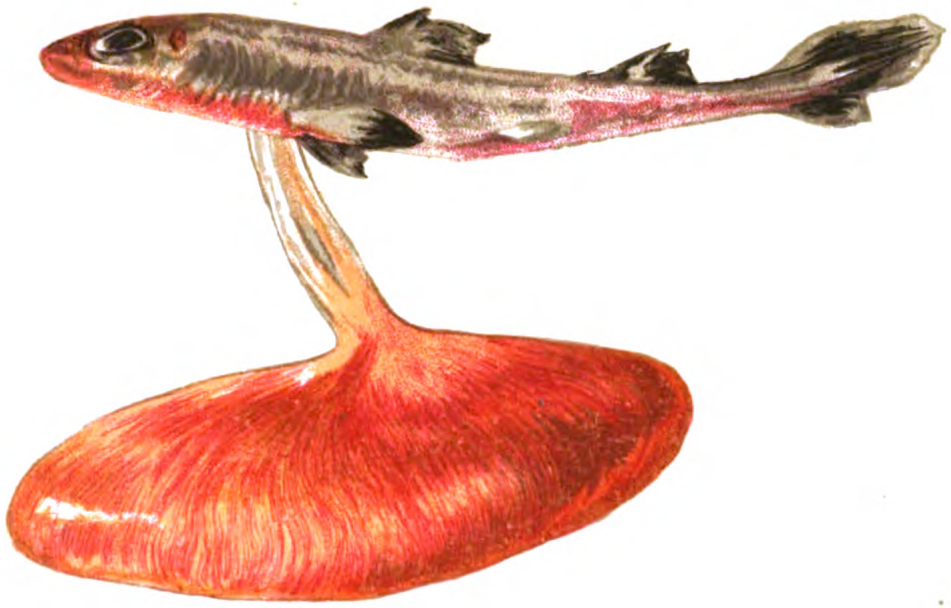
Terceiro grupo

Salmonete *(Mullus surmuletos)*. — Este peixe, que geralmente mede uns 15 centimetros de comprimento, tambem chega a ter 35 centimetros de comprimento, grandeza em que é mais raro de encontrar. O *salmonete* tem sete raios na primeira barbatana dorsal; o peito deprimido, a cabeça um pouco bicuda, o corpo é coberto de escamas redondas e grandes, offerecendo reflexos azulados e manchas carminadas, parecendo nodoas de sangue que o tornam muito caracteristico, e não tem dentes.

É muito abundante e afamado em Setubal, onde frequenta os baixos da barra e todo o estuario inferior do rio Sado, desovando n'estas paragens em dezembro, janeiro e fevereiro.

O *salmonete* que entra nos rios do norte, por exemplo, no Lima, é de maiores dimensões, de côr amarella esverdeada, tambem com manchas ensanguentadas no corpo e nas faces, as barbatanas inferiores vermelhas, e tem, como o de Setubal, dois barbilhões por baixo da maxilla inferior.

O *salmonete* é um peixe de sabor muito amariscado e agradavel, constituindo um dos manjares mais appetitosos quando feito na grelha e aprovei-



J. Almeida

CAÇAO RECEMNASCIDO (tamanho natural)

tados os seus volumosos figados. Vem grande quantidade d'elles ao mercado de Lisboa, vendendo-se por elevado preço.

Este peixe é apanhado em grande escala em Setubal com as redes de tresmalho, e em outras regiões pesca-se com as redes de estacada ou de arrastar.

Faneca *(Gadus luscus).*—A *faneca* considerada pelos pescadores de toda a costa do continente do reino como peixe de arribação, encontra-se em todo o litoral e tambem entra nos portos, rias e rios com o fluxo da maré.

Mede geralmente 20 centimetros de comprimento, tem o corpo largo, de côr amarellada e escura, tres barbatanas dorsaes, duas peitoraes, duas abdominaes em fórma de filamentos, duas anaes e uma caudal. A bôca não tem dentes e os olhos são grandes. Desova no alto em dezembro e janeiro.

A *faneca* é muito procurada pelos pescadores, apesar da sua carne ser molle, de gosto insipido e muito cheia de espinhas, mas como cáe facilmente nos apparelhos de anzol, e se encontra em abundancia nas proximidades da terra, merece que se dediquem á sua pesca, que é facil e quasi sempre lucrativa, ou, pelo menos, o que não é pouco, contribue para a alimentação quotidiana.

Tainha ou **Fataça, Alvôr, Limento, Negrete** ou **Negrão** e **Mugem.**—Todos estes peixes pertencem ao mesmo genero *(Mugil,* Cuv.), e apresentam aspectos e caracteres muito similhantes, tendo tambem proximamente os mesmos habitos.

São de corpo um pouco alongado e elegante, côr cinzenta no dorso, prateados nos lados e barriga, e com listas longitudinaes mais ou menos escuras; a cabeça é coberta de escamas, os olhos são pequenos e a bôca desprovida de dentes.

Possuem duas barbatanas dorsaes, tendo a primeira quatro raios, duas abdominaes, duas peitoraes, uma anal e a da cauda bifurcada.

Habitam as proximidades da terra, entram nas rias, portos e rios na enchente, e sáem com a vasante, alimentando-se de plantas marinhas e materias gordurosas, que algumas vezes lhes dão um gosto pronunciado a lodo, desagradavel ao paladar.

Segundo uns desovam de inverno, procurando as praias arenosas para este fim, conforme outros desovam tambem no verão.

Estes peixes saltam fóra da agua com extrema facilidade, sendo até conhecidos pelo nome de *peixes saltões,* e os pescadores aproveitam-se d'este habito ou costume para construirem apparelhos adaptados á sua captura no momento do salto.

Raras vezes pegam no anzol.

A *tainha* ou *fataça,* como lhe chamam na Extremadura, é de todos estes peixes o que attinge maiores dimensões, e que tem o focinho mais rombo.

A *fataça* chega a medir 40 centimetros de comprimento.

O *alvôr, negrete* ou *negrão* e *limento* são menores do que a *tainha*, têem a cabeça mais aguda, e distinguem-se porque o primeiro é muito prateado; o segundo tem as listas longitudinaes muito negras, e o ultimo é de fórma mais adelgaçada.

Os pescadores da ria de Aveiro tambem dão o nome de *ilhavo* a uma d'estas especies, e o de *garranto* a outra, talvez correspondendo ao *alvôr* e *limento* do rio Minho.

O *mugem*, tão vulgar, é o menor de todos, mais branco em todo o corpo e o de maior largura em relação ao comprimento.

Linguado e **Azevia.** — O *linguado (solea vulgaris)* pertence ao mesmo genero do rodovalho de que já fallámos, mas não chega a dimensões tão grandes, e o seu corpo é sobre o comprido, em fórma de folha. Visto pela face escura, tem os olhos do lado esquerdo da bôca e a abertura das guelras do mesmo lado d'esta. Possue duas barbatanas continuas: uma em toda a linha do dorso e a outra desde a guelra, na linha do ventre, tambem até á cauda. As barbatanas peitoraes são pequenas, e a da face superior é preta na extremidade; as abdominaes pequenissimas e a da cauda em fórma de leque.

O linguado do alto, que habita fundos de rocha, attinge maiores dimensões, e tem o gosto mais amariscado do que o linguado que vive nas proximidades da terra e o das aguas interiores, que frequenta os fundos de areia e lodosos, onde deposita a ova nos mezes de abril e maio.

É muito abundante este peixe domiciliado em toda a nossa costa e nas rias, rios e portos, pescando-se geralmente com redes, fisga e mesmo ao anzol, sendo assás estimado pela sua carne branca, delicada e de facil digestão. Alguns linguados do alto chegam a medir $0^{m},45$ por $0^{m},20$.

A *azevia (solea azevia)* é mais alongada que o linguado, muito abundante na costa do Algarve, e participa das mesmas qualidades e costumes que elle, pescando-se da mesma maneira. Desova em março, abril e maio.

Ainda ha nas nossas aguas uma outra variedade de linguado, tendo na face escura pintas pretas, que denominam *lingua de vacca (synaptura lusitanica)*, mas que não é tão vulgar.

Solha e **Patença** ou **Solho.** — A *solha (pleuronecte flexus)* ainda do mesmo genero do rodovalho e linguado, é menor do que qualquer d'elles, e tem o corpo relativamente mais largo do que o ultimo, mas menos rhomboidal do que o primeiro. Os olhos são, como no linguado, situados do lado esquerdo da bôca. As barbatanas dorsal e anal são continuas, mas não da mesma largura em todo o comprimento: a primeira começa junto da cabeça na linha do dorso, vae seguindo esta linha, e augmentando de largura gradualmente até á parte mais larga do corpo, e depois diminue, estreitando novamente

até ao rabo; a anal, principia por baixo das barbatanas abdominaes e vae tambem alargando até attingir o maximo na mesma linha transversal do da anterior, e decresce igualmente até ao rabo, terminando em posição symetrica com a dorsal.

A face do corpo do lado dos olhos apresenta uma côr de castanha uniforme, e a face opposta é branca.

A *solha* dá-se na agua salgada, na agua doce, e na mistura das aguas do mar e fluviaes, sendo esta ultima a mais saborosa e muito abundante nos rios do norte, como o Minho, Lima e Cavado, tendo grande fama a solha de Lanhellas pescada no primeiro d'estes rios nos areinhos fronteiros a esta povoação.

Na ria de Aveiro apparece grande quantidade d'este peixe durante todo o anno.

As solhas começam a desovar em novembro, e a epocha da creação miuda é nos mezes de abril, maio, junho e julho.

A solha de agua doce tem a côr esverdeada, o corpo um pouco mais esguio, e as barbatanas de raios curtos.

As solhas pescam-se quasi sempre com rede ou á fisga, ainda que algumas vezes cáiam nos anzoes dos apparelhos lançados para outras especies.

O *solho* ou *patença (pleuronecte platessa)* é como a solha, mas um pouco maior e apresentando na face escura do corpo malhas avermelhadas. É muito menos vulgar.

Enguia *(Muræna).*—Este peixe vulgarissimo em Portugal, tem a fórma do safio, comquanto seja menor do que elle, e apresente uma côr esverdeada differente.

A *enguia* tem por caracter principal a posição dos ouvidos por debaixo das barbatanas peitoraes; as barbatanas dorsal e anal ligam com a da cauda, que termina em ponta. Este peixe é muito voraz, sustenta-se de vermes, molluscos e da desova dos outros peixes, preferindo ás aguas salgadas as aguas doces, tanto correntes como estagnadas.

Os pescadores são concordes em informar que as enguias se enterram no lodo, até uma profundidade de 2 palmos, do principio de novembro em diante, ahi nascem os pequeninos seres, e que em março e abril sáem as creações. São muito fecundas, abrindo-se os ovos ainda dentro do ventre.

Para esta pesca emprega-se uma grande variedade de apparelhos, que adiante descreveremos, e até se apanha a enguia unicamente com o auxilio dos dedos pollegar e index na epocha em que está enterrada no lodo, por uma classe de pescadores, a que na ria de Aveiro dão o nome de *unhantes*.

Charrouco *(Batrachus dydactylus).*—O *charrouco* tem a cabeça grande, larga e chata e a bôca enorme, fendida horisontalmente, possuindo nos bor-

dos dentes miudos. Os olhos são saidos, e estão collocados um pouco aos lados da cabeça.

A pelle é de côr amarella, axaroada de castanho escuro, como a da tartaruga, no dorso, lados e barbatanas, e branca na barriga. Tem duas barbatanas dorsaes; a primeira com tres espinhos e a segunda de raios molles, termina proximo do rabo; duas barbatanas peitoraes em fórma de leque, partindo dos lados da cabeça, com tres espinhos sobre a articulação de cada uma; duas barbatanas abdominaes junto á cabeça; uma anal, e a cauda tambem em fórma de leque.

Este peixe, que anda nos rios e proximidades das barras, mede geralmente 25 centimetros de comprimento, e apresenta um aspecto nojento que lhe prejudica bastante o valor, ainda que feito de caldeirada não seja inferior a muitos outros de estimação.

O *charrouco* tem movimentos de cauda muito vivos; é escorregadio como a enguia, e pesca-se com apparelhos de rede e anzol.

Bodião e **Maragota.**—O *bodião (labrus turdus)*, a que tambem dão o nome de *verdelho*, é um peixe que attinge uns 30 centimetros de comprimento, com o corpo largo e coberto por escamas grandes e arredondadas, de côr esverdeada escura no dorso e lados, verde claro na cabeça e azulada na barriga; as barbatanas são verde escuro, excepto as peitoraes, que apresentam uma bella côr de ambar.

O *bodião* tem vinte raios espinhosos na barbatana dorsal, que continúa para o lado do rabo em raios molles; os olhos são pequenos, os beiços salientes e interiormente guarnecidos de dentes miudos.

Anda proximo da terra, e entra nas bacias litoraes com a enchente. No norte chamam-lhe *lucinha*.

A sua carne não é muito estimada.

A *maragota (labrus hergylta)* tem a mesma fórma do *bodião*, mas differe na côr. A cabeça é marchetada de castanho e verde claro; a barriga azulada com pintas castanhas; o dorso acastanhado, as barbatanas pintadas de verde e castanho, e as peitoraes amarello acastanhado.

Na costa do norte denominam-n'a *lucinheira*.

Peixe-rei *(Atherina presbyter)*.—Este peixinho, com 8 centimetros de comprimento, apparece frequentemente no mercado de Lisboa juntamente com o camarão, com o qual é pescado no Tejo dentro dos mesmos apparelhos de malha miuda.

O corpo é amarellado e transparente; tem seis raios na primeira barbatana dorsal, a cabeça ponteaguda e a bôca provida de dentes muito pequenos, tendo na garganta um pequeno triangulo aspero como a lixa em cada uma das faces superior e inferior.

J. Almeida

ESTURJÃO OU SOLHO-REI *(acipenser sturio)*, pag. 31

Breta ou **Piarda.** — A *breta* é um peixinho com 8 centimetros de comprimento, attingindo raras vezes 12 centimetros, com o corpo arredondado e de côr amarella e prateada, escamas muito miudas, que vive na agua salgada proximo da terra.

A cabeça é ponteaguda e os olhos grandes; tem duas barbatanas dorsaes, duas peitoraes, duas abdominaes, uma anal, e a do rabo sem ser bifurcada.

Chamam-lhe *breta* em Gontinhães e *piarda* em Vianna do Castello.

Apesar da sua pequenez é agradavel ao paladar.

Escorpião (*Trachinus vipera,* Cuv.). — Este pequeno peixe, que em alguns pontos da costa de Portugal é conhecido pelo nome de *aranha do mar* ou *peixe aranha,* tem 10 centimetros de comprimento, a cabeça grande, bôca fendida verticalmente, abrindo para cima, os olhos grandes e saidos, e offerece um tom esverdeado com cambiantes multicolores, tendo as barbatanas de um amarello vivo côr de canario.

O que torna notavel este peixinho é a sua primeira barbatana dorsal com quatro espinhos ligados por uma membrana preta a que chamam *capello.* Uma picada de qualquer d'estes espinhos produz dor muito intensa, seguida de inchação da parte ferida durante muitas horas consecutivas.

Não é raro nas praias de banhos do nosso litoral, durante a epocha balnear, acontecer a algum banhista pisar dentro de agua este peixe e ser ferido por elle.

A segunda barbatana dorsal, desenvolve-se desde perto da primeira até á cauda; as barbatanas peitoraes são grandes e ligam com a cabeça; as abdominaes são pequenas; a anal é muito extensa, porque este peixe tem o anus muito proximo da cabeça e ella estende-se até á cauda; a barbatana do rabo não é bifurcada.

De um e outro lado da cabeça, por cima dos operculos, tem o *escorpião* dois espinhos, cuja picada produz o mesmo effeito da do capello.

É perigoso deitar a mão a este peixe quando elle vem no anzol, porque se encaracolla todo, eriça os espinhos das barbatanas e abre o capello, procurando ferir o pescador e empregando taes movimentos que é necessario haver a maior cautela com elle.

Nas povoações marginaes do rio Minho, quando pescam muitos d'estes peixes, preparam com elles um guizado que é muito saboroso e estimado n'aquella localidade.

*
* *

Nas proximidades da terra encontram-se ainda outros peixes que tambem cáem nos apparelhos de pesca, e que podem ser aproveitados para a alimentação, mas que são menos estimados.

Os principaes entre elles são: *balhadeira (labrax punctatus*, Cuv.)—*dentelha (dentex parvulus*, Cuv.)—*bica (pagellus erythrinus)*—*ferreiro (pagellus mormyrus)*—*bebo* ou *bebedo (trigla lineata)*—*caboz (blennius pholis)*—*judia* ou *peixe-piça (julis vulgaris)*—*tentelhão (crenilabrus bailloni)*.

Em virtude da pouca importancia commercial e industrial d'estes peixes, não nos demoraremos com a sua descripção.

PEIXES QUE SE ENCONTRAM NAS AGUAS DOCES

Primeiro grupo

Peixes emigrantes

Salmão. — O *salmão* é um peixe muito notavel pelo seu alto preço, sabor e tamanho, apparecendo rarissimas vezes nos rios que correm em territorio portuguez, podendo apenas ser explorado pelos nossos pescadores no rio Minho, limitrophe de Portugal e Hespanha, onde este peixe entra em grande quantidade.

O salmão commum tem o corpo alongado, focinho redondo, mais comprido nos machos do que nas femeas, e com uma pequena cova na maxilla superior para accommodar uma saliencia correspondente da extremidade do queixo inferior, sendo ambas providas de dentes fortes e ponteagudos. Os olhos do salmão são pequenos.

Tem a barbatana dorsal a meio do corpo e uma badana, ou appendice carnudo, na linha do dorso, entre a barbatana e o rabo; duas barbatanas peitoraes; duas abdominaes afastadas das anteriores; uma anal e a da cauda muito desenvolvida e bifurcada. O salmão adulto tem as escamas redondas, muito brilhantes e com reflexos metallicos.

Não é da indole d'este trabalho, essencialmente pratico e referido apenas ás nossas aguas, desenvolver aqui o muito que se tem procurado investigar em outros paizes sobre a vida, emigração e habitos do salmão, ciscumstancias estas ainda cheias de pontos obscuros e desconhecidos, cujo estudo pertence mais propriamente aos naturalistas, limitando-nos portanto a consignar que este peixe vem do norte e entra a barra do rio Minho do meiado de janeiro em diante, sobe o rio vagarosameute, demorando-se nos poços, ou fundões, que o rio tem em differentes sitios, e passa os *rapidos*, que ali chamam *ranhas*, procurando sempre subir o rio até grande distancia.

Nos primeiros tempos da chegada, é o salmão mais abundante na grande bacia que o rio fórma desde a foz até Gondarem, depois povôa todo o rio, passando até para montante de Melgaço e dando entrada no curso superior encravado em Hespanha.

ENGUIA *(muraena)*, pag. 45

CONGRO OU SAFIO *(muraena anguilla)*, pag. 37

Alimenta-se de pequenos peixes, insectos, vermes, e desova, e vê-se durante a calma dando caça ás borboletas que pousam sobre a agua.

Dizem os pescadores do Minho que o salmão que entra no rio nunca mais torna a sair, e que ou é pescado ou morre naturalmente depois de ter desovado.

O melhor salmão é o de março e abril, e o mais magro, a que chamam *trancas,* apparece depois da desova, mas do fim de setembro em diante não se encontra mais nenhum.

Em contradicção com o que escrevem todos os naturalistas com respeito á vida d'este peixe, affirmam os mais antigos e experimentados pescadores do Minho, que o salmão não se cria dentro do rio, nem aqui entra emquanto é pequeno, pois que não ha noticia de se ter apanhado um salmão novo, sendo a pesca aqui tão activa e empregando-se n'ella tão grande quantidade e variedade de apparelhos durante todo o anno. Admittindo este facto, que é de todo o ponto authentico e verdadeiro, porque a rede nunca deu no rio Minho nenhum salmão pequenino, e sendo tambem ponto averiguado que estes peixes entram o rio para desovar, porque vem a principio gordos e volumosos e se pescam com ovas, mas que passado tempo os que se apanham estão magros e sem ovas, só podemos attribuir o facto que se dá a duas circumstancias importantes: uma, a guerra intensa e sem treguas que os numerosos pescadores, das duas nações, fazem ao salmão, podendo d'ella resultar que os apanhem todos antes de desovar, ou antes dos machos fecundarem os ovos postos pela femea, ou mesmo depois da desova, serem destruidos pelas redes de arrastar que trabalham incessantemente em todo o leito do rio, os poucos germens que tivessem sido procreados em condições normaes; outra, os seres embryonarios d'este peixe, serem arrastados pela corrente, logo ás primeiras aguas que avolumem o curso do rio, e lançados no oceano, onde vão procurar para se desenvolverem as regiões apropriadas ao seu crescimento.

A não se acceitar qualquer d'estas duas hypotheses, dá-se um facto muito extraordinario e que até hoje tem escapado á observação cuidadosa dos pescadores, sempre os mais interessados em conhecer todas as circumstancias que envolvem a vida e habitos dos peixes, porque d'ahi lhes póde resultar a sua momentanea felicidade.

Nos rios do sul do continente do reino não entra o salmão e mesmo nos do norte: Lima, Cavado, Ave e Douro, apparece apenas, na epocha propria, como caso extraordinario, um, ou o maximo dois d'estes peixes.

Em 1886 foram apanhados no rio Minho, pelos pescadores portuguezes, mais de 300 salmões; emquanto que no rio Lima, foi pescado 1; no Cavado, 2; e no Ave e Douro, nenhum.

O nosso estudo sobre este ponto leva-nos ao convencimento de que no rio Minho, onde não tem havido obras hydraulicas de barra e porto, e por-

tanto o cortejo accessorio d'estes trabalhos: tiros de dynamite para destruir rochedos, estrondo e vibrações produzidas pelo lançamento de blocos e pedras, estreitamento da embocadura, obstruccionismo causado pelas machinas de dragagem, e muitos outros accidentes que produzem agitação nas aguas e espantam os seres que n'ellas vivem, entram facilmente e em grande numero, todas as especies emigrantes, de arribação, e provenientes do oceano no fluxo da maré; emquanto que nos rios Lima, Cavado, Douro, Vouga, Mondego e outros, onde as obras têem sido continuadas, as especies d'estes generos, têem sido afugentadas pelo instincto natural d'estes animaes em evitar o meio onde reconheçam haver perigos que ameacem a sua vida.

Não é sómente o salmão que tem abandonado os rios de que acabámos de fallar, mas tambem o savel, a lampreia e ainda outras especies maritimas, que, apesar de actualmente se encontrarem n'estes cursos, são com tudo em muito menor abundancia do que ha noticia de terem sido antigamente, d'onde resaltam factos curiosos como o de a maior parte das pessoas do sul do reino julgarem que actualmente se pescam salmões no rio Lima, quando n'este rio é caso raro apparecer um em todo o anno.

Mesmo em Lisboa quando expõem á venda o salmão e a lampreia, dão-lhe a proveniencia de Vianna do Castello, dando-se a circumstancia de que tambem esta ultima é muito pouco vulgar no Lima.

O salmão constitue um dos productos mais valiosos das aguas do rio Minho, e d'aqui é enviado para differentes centros de consumo do paiz, ainda fresco, mas mais geralmente em conserva de escabeche. A principio tem um preço muito elevado, vendendo-se os primeiros de 18$000 réis a 12$000 réis cada um, depois vae decrescendo até 4$000 réis, preço em que estaciona muito tempo, e no fim da epocha de pesca tiram-se alguns por 1$200 réis.

O alto valor d'este peixe, explica o grande numero de pessoas das povoações marginaes do Minho, que, largando os trabalhos agricolas, vem procurar na pesca um resultado mais remunerador do exercicio do seu trabalho.

A pesca do salmão no curso inferior do rio Minho faz-se exclusivamente com redes envolventes e de arrastar, e no curso superior com as redes de *cabaceira* e *botirões* estabelecidas nas pesqueiras fixas da margem. De umas e outras daremos adiante desenvolvida descripção.

Savel *(Clupea alosa).* — Este peixe tambem constitue uma exploração muito lucrativa em todos os rios do paiz, onde entra em grande abundancia durante a primavera, sendo cotado por bom preço em todos os mercados.

O *savel* é um peixe de tamanho regular, que attinge 60 centimetros de maximo comprimento, sendo a relação d'este para a largura 3,8. Possue dezoito raios molles na barbatana dorsal, vinte e quatro na anal, que é muito desenvolvida, duas barbatanas peitoraes pequenas, situadas muito abaixo, duas

abdominaes muito pequenas a meio do corpo e a da cauda muito grande e bifurcada.

A linha do dorso é preta, o lombo azulado e a barriga prateada. As pontas das barbatanas são pretas, os olhos pequenos e as escamas circulares. O labio inferior mais avançado, não tem dentes, mas uma especie de lixa sobre a lingua.

O savel vem do mar para os cursos dos rios em março, abril e maio, e não só sobe estes, como tambem passa aos affluentes, caminhando até ás primeiras azenhas, que transpõe quando as aguas alteiam a ponto de cobrir os açudes.

Desova nos bancos de areia, dos fins de junho em diante até agosto, e as femeas depois d'esta operação morrem em grande numero, e são arrojadas á margem, onde se vêem em secco, ao longo do rio, por esta epocha [1].

Nas primeiras aguas do inverno os pequenos saveis descem os cursos de agua a fim de sairem para o mar, onde vão continuar o seu crescimento.

Os rios mais abundantes de saveis são: Minho, Lima, Cavado, Douro, Vouga, Mondego, Tejo, Sado e Guadiana. No rio Minho, no periodo da pesca, tem acontecido em um unico lance de rede apanharem-se 3:000 saveis. A 29 de abril de 1889 foram pescados no rio Tejo, proximo de Villa Franca, para cima de 2:000 saveis. É extraordinario o numero d'estes peixes que annualmente são pescados nos rios do paiz, subindo o seu valor á importante cifra de 100:000$000 réis.

O savel pesca-se mais geralmente com apparelhos de rede. A sua carne é muito saborosa.

Os pescadores dão o nome de *savelhas* e *savelhinhas* á creação miuda do savel.

Lampreia. — Ha tres variedades de *lampreias*, a *lampreia do mar*, a *lampreia fluvial* e a *lampreia de agua doce*.

A primeira vem do mar, e sobe os rios na primavera para desovar. Tem o corpo roliço alongado, terminando em rabo com barbatana carnuda; duas barbatanas dorsaes, começando a primeira no terço do lado do rabo; cabeça oblonga com sete buracos de cada lado, similhantes aos orificios de uma flauta; a bôca circular com labio carnudo disposto para sugar, e munida de muitas ordens de dentes, uns simples e outros dobrados. Olhos muito pequenos collocados dos lados da cabeça com a iris escura e orla amarella.

Pelle lisa e escorregadia, colorida por um axaroado verde, castanho e amarello, no dorso, e branca na barriga.

---

[1] Este facto da morte das femeas depois da desova, carece de explicação scientifica.

A lampreia sustenta-se de vermes, molluscos e do sangue dos peixes que ella suga. Esta variedade attinge 1 metro de comprimento.

A *lampreia fluvial* differe da anterior em ter menos comprimento e apenas uma ordem de dentes.

A *lampreia de agua doce* vive sempre n'este meio, as duas barbatanas dorsaes são reunidas em uma unica barbatana continua, e mede geralmente 25 a 30 centimetros de comprimento.

D'estas variedades, as mais frequentes nos nossos rios são as duas primeiras; a ultima apparece principalmente no curso superior dos rios que atravessam o continente, mas ainda em territorio hespanhol, sendo rarissima nas nossas aguas.

A *lampreia do mar* deixa o oceano em fins de dezembro, entra as barras, e sobe quasi todos os nossos rios do norte e seus affluentes, transpondo até os açudes e outros obstaculos, dando saltos fóra da agua, ou passando por pequenas fendas, indo até grandes distancias da foz.

Desova nos leitos arenosos dos rios em março e abril e a creação fica enterrada na areia e nos seixos, mas foge para o mar logo que as aguas começam a aquecer.

No rio Minho, onde ella é muito abundante, dizem os pescadores:

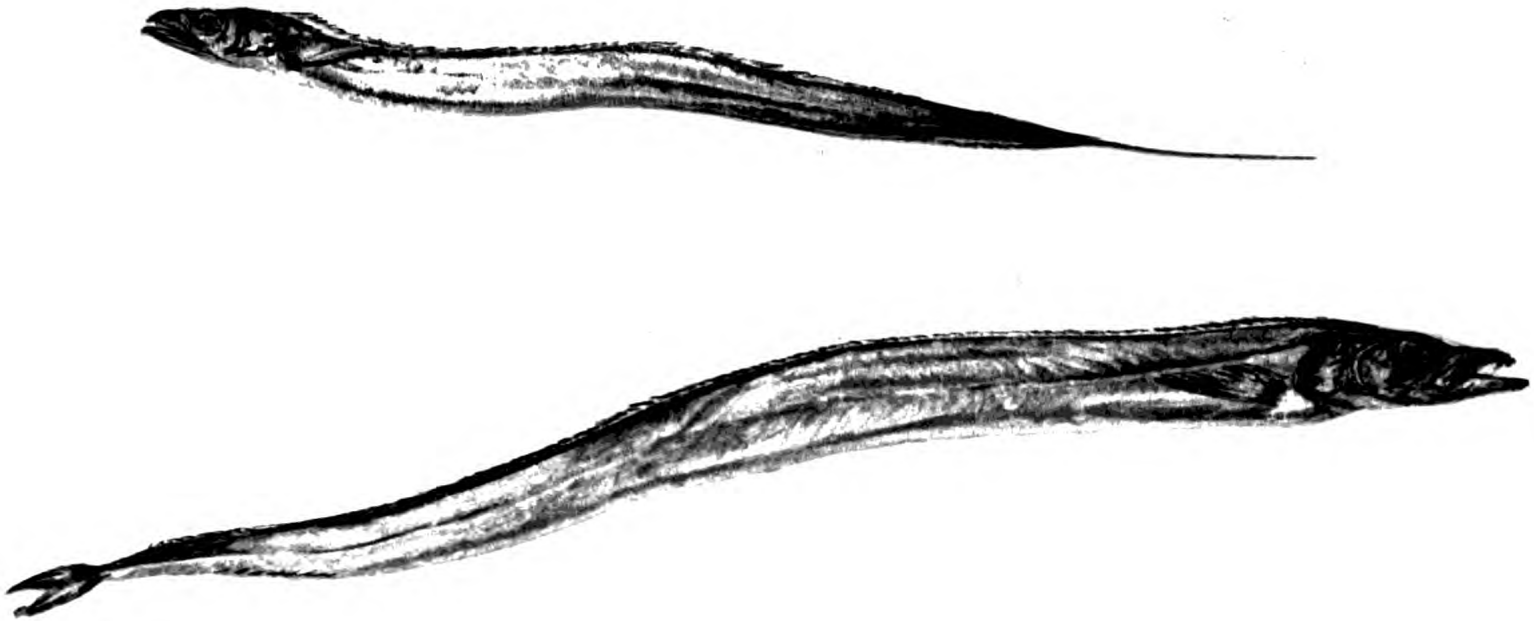
em abril,
vistel-as ir,

referindo-se ao facto de abandonarem o rio por esta epocha.

Estando as aguas claras, vê-se distinctamente o trabalho de fecundação d'estes peixes. Juntam-se macho e femea, abrem uma cova ou pocinho entre os seixos, e a femea ferra a bôca em uma das pedras do fundo e fica, segundo a expressão dos pescadores, *amarrada*. Vem em seguida o companheiro, e fixa-se tambem pela bôca na mesma pedra ou na cabeça da femea, chegando a tirar-lhe os olhos com a força de sucção; viram as barrigas um para o outro, e n'esta posição o macho exerce a fecundação interior, e desprende-se para continuar a sua viagem pelo rio acima.

A femea ainda ahi se conserva até desovar, e cobre a creação com pequenos seixos ou areia, e depois larga-se tambem. É vulgar os pescadores do Minho apanharem estes peixes n'esta occasião, e verificarem o que fica dito, acrescentando que a maior parte das femeas depois da desova, morrem; facto averiguado por elles, porque ao navegarem á vara vêem frequentemente uma cova escura no fundo, mettem n'ella a ponta da vara, e tiram a lampreia morta e algumas vezes já molle e despedaçada.

Nos rios do sul do paiz não é vulgar a lampreia do mar; aquelles em que ella entra em maior quantidade, são: Minho, Lima, Neiva, Cavado, Ave, Douro, Tamega, Vouga, Agueda, Mondego, Tejo e Zezere, sendo comtudo os



LIRIO *(trichiurus lepturus)*, pag. 32

PEIXE-ESPADA *(lepidopus caudatus)*, pag. 32

mais ricos d'este peixe o Minho, Mondego e alto Tejo, nos quaes tambem se dá a lampreia fluvial. No Guadiana tambem apparece proximo de Mertola.

Muitos e variados são os apparelhos que se empregam na pesca da lampreia, como veremos mais tarde.

Este peixe tem elevado preço nos mercados, em virtude das qualidades de sabor e aroma da sua carne, e porque se presta a ser conservado durante muito tempo.

Segundo grupo

Peixes domiciliados

Passâmos agora aos peixes de agua doce, que têem maior valor, e que pelas suas qualidades são aproveitados para a alimentação, não mencionando as pequenas especies que só são procuradas pelos amadores para as lançar nos aquarios, ou pelos naturalistas para investigações de ordem scientifica.

Os peixes domiciliados, ou especies sedentarias mais vulgares nas aguas doces dos nossos rios e lagoas, são:

Barbo.—Este peixe, de corpo oblongo e coberto de escamas grandes, tem a cabeça comprimida e a bôca sem dentes, mas munida de quatro filetes ou barbilhões, dois de cada lado. Chega a medir 35 centimetros de comprimento e a sua côr é amarella dourada.

A barbatana dorsal, situada a meio do corpo, tem dez raios. Possue mais: duas barbatanas peitoraes muito proximas das guelras; duas abdominaes bastante distantes d'estas; uma anal, e a da cauda bipartida. As barbatanas são avermelhadas. Desova em abril e maio.

A sua alimentação principal compõe-se de limos, vermes e peixes pequenos. A epocha em que este peixe é mais saboroso é de outubro a maio.

O *barbo* é muito abundante nas aguas dos nossos rios.

Pesca-se em grande quantidade com as redes de estacada e de arrastar ou cêrco, e raras vezes cáe nos apparelhos de anzol.

Truta.—A *truta* é coberta de escamas oblongas e estriadas, e tem a cabeça grande, o focinho largo e os olhos grandes. O labio superior é mais curto que o inferior, e ambos providos de dentes agudos e fortes. A lingua é presa pela face de baixo, e tem na face livre, no sentido do comprimento, duas ordens de dentes parallelas e no céu da bôca tem tres fiadas de dentes, tambem parallelas, qne alternam com as da lingua.

Possue a truta doze raios na barbatana dorsal, e, entre esta e o rabo, um appendice carnudo em fórma de barbatana, como a do salmão; tem duas barbatanas peitoraes situadas muito abaixo; duas abdominaes, uma anal; e uma caudal assás desenvolvida.

Ha nos nossos rios tres variedades principaes de trutas: a *truta salmoneja (salmo levenensis)*, a *truta marisca (salmo fario Ausonii)* e a *truta sapeira (salar Ausonii)*.

A primeira é que attinge maiores dimensões, e a sua carne é amarellada como a do salmão. O corpo é prateado e com pintas pretas. No rio de Ancora, a montante da ponte de Soutello, foi pescada, a 18 de julho de 1887, por um distincto amador da pesca, uma d'estas trutas, que media 62 centimetros de comprimento e pesava 2:850 grammas.

A *truta marisca*, a mais vulgar, é menor, tendo geralmente 22 centimetros, tamanho em que se chama uma truta já *palmoeira*, por ter de comprimento 1 palmo.

O corpo é coberto de pintas castanhas e encarnadas, e a sua carne não é tão amarellada. Desova de setembro a março, mais tarde ou mais cedo, segundo a temperatura, e vive alternadamente no mar e na agua doce.

A *truta sapeira* não sáe da agua doce; o seu corpo é claro com algumas pintas escuras; a carne é branca; e desova de setembro a novembro.

As *trutas* são muito vorazes, e a disposição especial do seu systema dentario torna-as muito terriveis para com a presa. Alimentam-se de vermes, ovação, peixes, e dão caça aos insectos aquaticos, que em todos os nossos rios andam esvoaçando sobre as aguas, onde depõem os ovos.

Prefere a agua clara, fria e corredia, nadando quasi sempre contra a corrente. É vulgar vêl-as pelas horas de calma, com a cabeça de fóra, recebendo as aguas frescas que correm dos regueiros marginaes para o rio. N'esta posição podem os amadores algumas vezes matal-as a tiro.

Este peixe é de um sabor muito delicado, mas a sua carne é tão sensivel que se deteriora facilmente, sendo preciso não medeiar muito tempo entre a morte da truta e o momento de a cozinhar e comer, para que ella não perca o gosto particular que a caracterisa.

A pesca da truta faz-se geralmente ao anzol, empregando como isca insectos ainda vivos, ou preparando *moscas artificiaes* com plumas de differentes cores; qualquer que seja o processo de pesca de que se lance mão, é sempre muito difficil alcançar bom resultado, não sendo um pescador muito experimentado n'este genero de pesca, quasi sempre exercida por amadores.

Boga. — A *boga* é um peixe pequeno que vive aos milhares em todos os nossos rios e algumas lagoas, e que é muito aproveitado na alimentação dos povos ribeirinhos, pela facilidade de ser apanhada e pela sua enorme abundancia.

O seu corpo oblongo é coberto de escamas grandes ellipticas e estriadas, e offerece uma côr azulada escura no dorso e clara para a barriga. A cabeça é pequena e adelgaçada, tendo o labio superior mais avançado que o inferior, e os olhos são pequenos.

RODOVALHO *(rhombus laevis)*, pag. **32**

Tem dez raios na barbatana dorsal, que é situada a meio do corpo; duas barbatanas peitoraes; duas abdominaes; uma anal; e a da cauda bifurcada. As barbatanas são amarelladas. Sustenta-se de insectos, vermes, etc.

Ha uma variedade de *boga* a que no rio Minho dão o nome de *pintada*, porque as suas escamas são pretas no vertice, e dão ao peixe um tom geral ás pintas. O maximo comprimento que a boga attinge é de 20 centimetros.

Desova em maio e junho entre as hervas do fundo, e é muito fecunda.

Pesca-se ao anzol e com apparelhos de rede.

Escalo. — A configuração geral d'este peixe é como a da boga, differindo d'ella em o corpo ser maior, chegando a 25 centimetros; as escamas serem muito miudas; a cabeça mais larga; a bôca abrir por baixo do focinho; os olhos serem maiores e ter a côr mais amarellada.

O *escalo* é tão abundante nos nossos rios e lagoas como a boga, e desova tambem em maio e junho.

Bogardo. — É um peixe pequeno com 10 a 12 centimetros de comprimento, que tambem vive em grande quantidade nas aguas doces do nosso paiz. Tem a cabeça arredondada e a bôca muito pequena e de fórma circular. A barbatana dorsal possue dez raios; alem d'esta tem: duas peitoraes, duas abdominaes, uma anal e uma caudal pequenissima, apresentando todas côr avermelhada. O corpo é coberto de escamas muito miudas, e offerece um tom escuro no dorso e claro na barriga.

Desova em maio e junho.

O *bogardo* cáe nos mesmos apparelhos destinados á boga e ao escalo.

Morca. — É tambem um peixinho muito vulgar nas aguas doces dos nossos rios, similhante ao bogardo, mas um pouco mais largo e de côr prateada.

Enguia. — A *enguia* de agua doce não attinge nunca as dimensões das que anteriormente descrevemos, mas participa dos mesmos caracteres. É abundantissima nos grandes rios e nas lagoas do litoral.

ESPECIES DA AGUA SALGADA E DA AGUA DOCE

QUE NÃO TÊEM GRANDE VALOR SOB O PONTO DE VISTA DO CONSUMO

Algumas especies de cetaceos e peixes frequentam as nossas aguas salgadas e doces, mas cujo valor commercial é insignificante, e para as quaes não se empregam processos de pesca especiaes, embora, uma ou outra vez,

cáiam nos apparelhos destinados aos peixes alimentares. Vamos apontar algumas no intuito de tornar este trabalho mais completo, e mesmo porque podem ser aproveitadas para a extracção do oleo, ou para o consumo, á falta de outras melhores, não nos referindo, é de ver, ás *baleias* e *baleotes* ou *cachalotes*, porque o seu apparecimento nas aguas costeiras do continente do reino, só se dá por excepção.

Toninha *(Delphinus communis,* Lin.). — Este cetaceo que se vê com tanta frequencia, cortando as aguas da nossa costa, acompanhando a marcha dos grandes vapores de maior andamento, e que por vezes entra nos portos e rios em perseguição dos cardumes de peixe miudo, chega a attingir 2 metros de comprimento.

A *toninha* tem a pelle luzidia, de côr trigueira esverdeada no dorso e branca na barriga.

Pertence á categoria dos animaes viviparos, não tendo de cada vez mais de um, ou o maximo, dois filhos.

Não é comestivel, aproveitando-se apenas a sua gordura para fazer azeite, e quando muito o figado para cozinhar.

Os pescadores do alto costumam trazer dentro das embarcações uma fisga apropriada para apanhar este cetaceo, quando acontece passar ao alcance.

Nos rios Tejo e Sado, entram frequentemente bandos de toninhas, até grande distancia da foz.

Golphinho *(Delphinus delphis,* Lin.). — O *golphinho* muito similhante á toninha, tambem passa algumas vezes nos nossos mares.

Roaz *(Delphinus maximus,* Lin.). — Este cetaceo, que chega a medir 8 a 10 metros de comprimento, é o terror dos pescadores da costa do Algarve pelos estragos que, a sua pertinaz perseguição ao atum, occasiona nas armações fixas de pesca.

O *roaz* tem o corpo redondo e luzidio, a cabeça bicuda, olhos pequenos e a bôca muito fendida. A barbatana dorsal é carnuda e muito desenvolvida. Tem um *respiro* no alto da cabeça. A cauda é bipartida e muito forte.

Os pescadores conhecem duas variedades de *roaz,* que denominam: *roaz de bandeira* e *roaz corvineiro.*

O primeiro é o maior, e tem a barbatana dorsal muito comprida, a ponto de sair fóra da agua quando este cetaceo anda proximo da superficie; têem-se pescado alguns de 250 a 300 kilogrammas de peso.

O *roaz corvineiro* é mais pequeno, medindo vulgarmente uns 4 metros de comprimento, e tem a barbatana dorsal similhante á da corvina.

De um e outro se extrahe o azeite, e se aproveita a carne para salgar, merecendo comtudo pouca importancia como alimento.

Estes cetaceos approximam-se da terra, dando caça aos cardumes de atum, e é tal o terror que d'este se apodera, que destroe completamente as redes das armações para se pôr em fuga veloz e desordenada.

Os pescadores, a fim de evitarem os prejuizos causados pelo *roaz*, logo que o avistam proximo da costa, saltam nas embarcações, e vão ao seu alcance, batendo a agua com os remos, e fazendo grande alarido para o afugentar para o largo.

Peixe-cão. — Os pescadores da Povoa de Varzim dão o nome de *peixe-cão* a um peixe de grandes dimensões, que apparece algumas vezes na nossa costa do norte e que chega a attingir 3 metros de comprimento e grossura correspondente.

O corpo é espesso, adelgaçando para o rabo, e terminando em bico do lado da cabeça; é coberto de pelle, tendo o dorso azul escuro e a barriga branca.

As barbatanas são carnudas e de côr escura.

Tem duas barbatanas dorsaes, uma, a maior, terminando em fórma de meio crescente, situada a meio do corpo, e a outra triangular, proxima do rabo; duas barbatanas peitoraes maiores do que a dorsal, implantadas muito a baixo, logo a seguir ás guelras; duas abdominaes mais pequenas, uma anal em symetria com a segunda dorsal, e a da cauda em fórma de meia lua e atravessada.

Os olhos são muito pequenos, a bôca é por baixo como nos tubarões, e é provida de tres ordens de dentes.

De um e outro lado da cabeça tem cinco aberturas transversaes que communicam com as guelras.

Quando este peixe não excede 1 metro de comprimento, chamam-lhe os poveiros *bódinho*.

É muito voraz, perseguindo os cardumes de peixe miudo.

Anequim, Sardo, Barroso, Arreganhada, Lixa de pau, Pailona, Rapozo, Zorro. — Outras variedades ha de esqualos com os nomes acima indicados, que frequentam de passagem as aguas da nossa costa, dando caça aos peixes menores de que se alimentam. É tão numerosa a lista d'elles, que nos limitâmos a citar apenas estes mais conhecidos.

Agulhão *(Xiphias gladius).* — O *agulhão* apparece algumas vezes nas nossas aguas maritimas. É um peixe grande, de 1^{m},50 de comprimento, com o dorso azul escuro e a barriga branca, tendo como principal caracteristico o prolongamento da maxilla superior em fórma de espada, com 60 centimetros de extensão, e o bico inferior mais curto com 10 centimetros apenas.

A barbatana dorsal é muito desenvolvida e a da cauda tem a fórma de crescente.

Escolar *(Ruvettus pretiosus).*—O *escolar* tem a fórma vulgar dos peixes, tornando-se notavel pela côr preta e pelos grandes olhos que tem. Mede $1^{m},50$ de comprimento.

É um peixe de passagem nos nossos mares, muito difficil de cair nos apparelhos de pesca, installados para a captura de outras especies.

Mero, Cherna e Garoupa.—Estes peixes são variedades da mesma especie, que transitam excepcionalmente pelas nossas aguas. O maior é a *cherna (serranus cernioides,* Cuv.); segue-se-lhe o *méro (serranus gigas,* Cuv.); e por ultimo a *garoupa grande (serranus cabrilla,* Cuv.), e a *garoupa pequena (serranus scriba,* Cuv.). Qualquer d'estes peixes presta-se para o consumo, mas são muito pouco vulgares nas aguas maritimas do continente do reino.

Barbo do mar.—É um peixe pequeno, sem escamas, de pelle esverdeada e muito molle, com a cabeça aguda, tendo no focinho tres barbilhões, um a meio do labio superior, e, dois, um de cada lado do queixo inferior. O *barbo do mar* tem as barbatanas molles. Possue duas barbatanas dorsaes; a primeira é pequena e começa logo por detrás da cabeça, a segunda é continua e extensa, desde proximo da anterior até á cauda, duas peitoraes, duas abdominaes em fórma de filamentos, uma anal muito extensa até á cauda; e a do rabo ponteaguda. Os olhos são pequenos. Este peixe tem vulgarmente 20 centimetros de comprimento e a sua barriga é muito grossa.

Vive proximo da terra, alimentando-se de vermes e limos, e é repugnante para servir de alimento.

Alcaboz.—É um peixe muito feio, sustentando-se principalmente de limos; mede 12 centimetros de comprimento, a barriga é muito saliente, a cabeça redonda, olhos pequenos e a bôca fendida, tendo na frente saidos os dentes; a sua côr esverdeada e negra torna-o repellente.

Vive entre as pedras que orlam a costa, sendo pescado apenas pelos rapazes para divertimento, por isso que a sua carne não é boa.

A barbatana dorsal desenvolve-se desde o pescoço até á cauda, tem duas peitoraes, duas abdominaes, uma anal e a do rabo é bifurcada.

No norte do paiz chamam-lhe *cabrão.*

Peixe-rato.—Este peixe tem 40 a 50 centimetros de comprimento, a pelle preta, cabeça larga e a cauda muito adelgaçada, pesca-se no mar do alto.

PREGADO *(pleuronecte maximus)*, pag. 32

É muito notavel pela propriedade do seu fel, o qual esfregado sobre a parte carnosa de outro qualquer peixe illumina de noite o interior da embarcação ou a agua em que o mergulham, produzindo *luzerna* ou *candil*, segundo a expressão dos maritimos.

Os pescadores de Setubal servem-se do peixe assim preparado com o fel do *peixe-rato* para as iscas dos anzoes da pescada, rasão por que este peixe attinge o preço de 800 a 1$200 réis no mercado.

Peixe voador. — Este peixe, que não passa de uns 30 centimetros de comprimento, tem por debaixo das barbatanas peitoraes, outras muito maiores, que lhe servem unicamente para sustentar um largo *vôo* quando se lança fóra da agua, e que parecem duas azas como as das aves.

Todos os maritimos conhecem o *voador*, tão vulgar em todos os mares, e que frequentemente vem cair dentro das embarcações.

Bulideira. — Este peixinho com 5 centimetros apenas de comprimento, tem o corpo quasi transparente, com umas pequeninas listas escuras, parecendo-se na fórma com uma pescadinha.

Encontra-se nos portos do norte em diminutas profundidades debaixo das pedras, e nas poças que ficam depois de vasar a maré.

PRINCIPAES CRUSTACEOS DAS AGUAS DE PORTUGAL

Já vimos que dos crustaceos que vivem nas nossas aguas, aquelles que se utilisam para a alimentação são: *lagosta, lavagante, lagostim, caranguejola, aróla, caranguejo* e *camarão;* e para ser empregado no adubo das terras: o *pilado, mexualho* ou *escasso,* nomes diversos que toma este caranguejo, conforme as differentes localidades em que o usam para este fim.

Lagosta *(Palinurus vulgaris,* Latr.). — Este crustaceo tem uma couraça espinhosa de côr escura esverdeada, com manchas circulares de amarello vivo e avermelhadas, coberta de pellos grossos e curtos, terminando do lado da cabeça por duas especies de lanças farpadas. O abdomen é comprido e formado de seis segmentos ou anneis de côr vermelha, rematados por um grande leque que constitue o rabo. Os olhos são esphericos e grandes, e implantados no extremo de uns filamentos que partem do meio da cabeça, da parte media da qual se destacam dois troncos grossos e dentados, que terminam por filetes delgados, cujo comprimento corresponde ao de todo o corpo da *lagosta.*

Este crustaceo tem cinco pares de patas, bastante desenvolvidas, terminando em fórma de unha ponteaguda, sendo o primeiro par do lado da cabeça o mais grosso e forte.

O comprimento medio da *lagosta* é de 35 centimetros.

É muito voraz e essencialmente carnivora, alimentando-se de molluscos, vermes, restos de peixes, e de quaesquer substancias animaes que encontre em suspensão na agua ou depostas no fundo.

A *lagosta* vive nos fundos pedregosos não muito distantes da terra em toda a costa de Portugal, sendo abundantissima desde Vianna do Castello até á Povoa de Varzim e nas aguas de Peniche, devido á natureza do solo submarino d'estas paragens, coberto de rochas e vegetação.

A carne d'este crustaceo é muito saborosa, d'onde resulta o elevado preço por que é cotada nos mercados, tornando-se muito importante a sua pesca na nossa costa, feita por pescadores nacionaes, mas aproveitada pelos cultivadores francezes que a exportam quasi na totalidade para a conduzirem para viveiros seus, d'onde a vendem carissima nas epochas em que esta pesca é defeza. Os negociantes francezes mantêem annualmente na nossa costa seis navios viveiros, explorando esta industria da qual colhem todo o resultado. Emquanto os navios as não carregam, depositam-n'as os pescadores em viveiros fluctuantes de madeira.

Uma *lagosta* adulta põe 100:000 ovos, conservando-os durante o periodo de seis mezes de incubação, adherentes á superficie do ventre por meio de um liquido viscoso, e em chegando a epocha do nascimento, março, abril e maio, ella propria facilita a desaggregação dos pequenos seres, estendendo a cauda e sacudindo-a dentro de agua. As larvas da *lagosta,* logo após o nascimento, ganham o alto mar, e sómente depois de certo desenvolvimento, quando o seu peso as faz afundar é que, caminhando pelo fundo, se dirigem para a costa, onde veem habitar.

Lavagante *(Homarus vulgaris,*Edw.).—Este crustaceo, que tambem chamam *labagante* ou *navegante,* mas cujo nome mais conforme com a maneira de pronunciar dos nossos pescadores é *lavagante,* é do feitio da lagosta, differindo no emtanto d'ella pela côr, grandeza e robustez do primeiro par de patas, alem de outros caracteristicos secundarios.

Mede geralmente 25 centimetros de comprimento; a couraça é lisa e de côr escura azulada; o primeiro par de patas ou mais propriamente os braços, são muito fortes e munidos de *torquezes* desiguaes, sendo a da direita muito maior.

As pinças d'estas torquezes são providas de dentes fortes e largos, com tal força que podem partir um dedo ou mesmo um braço, a quem não seja cauteloso em pegar-lhe.

Os olhos do *lavagante* são menores do que os da lagosta.

A epocha de maior actividade de fecundação é no outono, tendo logar a emissão dos ovos quinze a vinte dias depois, e durando a incubação seis mezes, nascendo os pequenos seres em março, abril e maio.

PARGO *(pagrus vulgaris)*, pag. 33

Por ser muito curiosa a fecundação d'estes crustaceos indicaremos as principaes circumstancias d'esta operação.

A epocha da reproducção começa em outubro, e prolonga-se até janeiro algumas vezes. Reunem-se macho e femea, oppostos ventre com ventre, de maneira que os orificios externos dos orgãos genitaes do macho correspondam proximamente aos da femea, dando-se uma especie de copla incompleta, na qual o fluido fecundante passa para o seio maternal.

Logo que os ovos chegam a um estado de maturação completa, as femeas applicam a face debaixo do ventre contra o peito, formando uma cavidade para a qual abrem os oviaductos, e por estes sáem em jactos successivos uns 20:000 ovos, que ficam reunidos e seguros por um liquido viscoso, segregado n'essa occasião.

N'este meio se produz a incubação, que dura seis mezes, finda a qual nascem as larvas e sobem á superficie, procurando o largo para começarem o seu desenvolvimento.

O *lavagante* não é tão vulgar nas nossas aguas como a *lagosta,* mas ainda assim apparece em grande quantidade, e é pescado com os mesmos apparelhos nos fundos de rocha da costa do continente. A sua carne é mais adocicada do que a da lagosta.

Lagostim[1] *(Nephrops norwegicus,* Lin.). — Este crustaceo, outr'ora tão abundante nas aguas da nossa costa, apparece actualmente em pequeno numero na região meridional e occidental do sul do continente do reino. A fórma do corpo e da cauda é como a da lagosta, em ponto pequeno, pois que o *lagostim* mede geralmente 15 a 20 centimetros; differe comtudo muito na disposição de duas fortes peças farpadas e compridas que substituem o primeiro par de patas da lagosta, e que n'elle constituem uma especie de mandibulas que faltam n'aquella. A carne do *lagostim* é muito saborosa, e pena é que elle seja tão raro nos nossos mercados.

O lagostim tem duas antenas dentadas e de côr avermelhada; tem quatro pares de patas delgadas e cinco pares de patas falsas, um em cada annel da cauda. Duas pequenas mandibulas na base da bôca. Olhos grandes e implantados em pedunculos curtos.

Caranguejola *(Cancer pagurus,* Lin.).—A *caranguejola,* que os pescadores do norte denominam *burro* e os do sul *sapateira,* parece um enorme caranguejo, sendo comtudo de um genero differente d'este. A sua couraça, ou *casco,* é elliptica e lisa, recortada nos bordos, e offerecendo uma

---

[1] O *lagostim* não corresponde á *écrevisse (astacus longicornes)* dos francezes, é uma outra variedade.

côr de amarello avermelhado. Attinge 35 centimetros de comprimento e 20 centimetros na maior largura. Os seus braços ou mandibulas são consideravelmente desenvolvidos e fortes, terminando por torquezes dentadas, como as do *lavagante,* mas iguaes nos dois braços. Tem quatro pares de patas rematadas por unhas ponteagudas. Os olhos são muito pequenos e esphericos, implantados nos extremos de filetes curtos. A bôca é collocada inferiormente e resguardada por duas peças em fórma de tesoura. A cauda é revirada sobre a face inferior do casco, e não tem leque como na *lagosta* e *lavagante.*

Este crustaceo é muito vulgar em toda a nossa costa, e cáe nos apparelhos de rede destinados a outras especies; quando o casco está bem cheio e pesado, é preferivel a *caranguejola* á *lagosta* pela saborosa carne que possue.

Santola *(Maja squinado,* Roudelet).—Os pescadores tambem dão a este crustaceo os nomes de *aróla* e *aranhola.* Tem o casco oval coberto de bicos fortes e curtos na face superior, e é de côr avermelhada. Mede no seu maximo desenvolvimento 20 centimetros de comprimento por 14 centimetros de largura. A bôca é disposta como a da *caranguejola* e os olhos são menores do que os d'esta. Tem quatro pares de patas e um de braços grossos, munidos de pinças iguaes com unhas ponteagudas.

A *santola* é tambem abundantissima em toda a costa, e a sua carne muito estimada.

Caranguejo.—É tão conhecido de todos este pequeno crustaceo, que abunda aos milhares por toda a costa de Portugal, que ocioso seria demorarmo-nos sobre a sua descripção, bastando apenas consignar aqui que, das muitas variedades que vivem nas nossas aguas, sómente se aproveitam para o consumo as de maiores dimensões e de carne mais branca.

Geralmente o casco do *caranguejo* é liso, quasi redondo e recortado do lado dos olhos; tem quatro pares de patas e um par de mandibulas com pequenas torquezes, a que os pescadores dão o nome de *navalhas.*

As variedades mais frequentes que se utilisam, são: *navalheiras, bôcas, seixas* e *gafas,* que attingem vulgarmente 8 centimetros de comprimento por 6 centimetros de largura.

Pescam-se facilmente de cima dos rochedos que orlam a costa e dos caes, muralhas e praias dos portos maritimos, empregando pequenas redes em fórma de sacco.

Pilado *(Portunus puber,* Lin.). — É uma variedade de caranguejo que tem a fórma circular com 5 centimetros de diametro, couraça lisa, de côr escura acastanhada, muito vulgar nas aguas dos nossos mares, e que em

certas epochas anda em bandos consideraveis, tanto ao largo como nas aguas litoraes, comendo os peixes enmalhados nas redes dos pescadores.

Não é comestivel, mas tem grande valor para ser applicado como adubo no amanho das terras, sendo muito procurado pelos lavradores.

Chamam-lhe *patêlo,* do rio Minho até ao rio Lima; *pilado* d'aqui até ao Douro; *mexualho* ou *escasso* para o sul até Aveiro e Figueira da Foz.

Ha uma pesca regular d'este crustaceo em quasi todos os portos da costa occidental, empregando-se para este fim apparelhos de rede de arrastar, sendo consideravel a quantidade de *pilado* que annualmente se apanha, principalmente na costa do norte do paiz.

Caranguejo molle. — As larvas das differentes especies de caranguejos vão experimentando mudanças successivas até tomarem a fórma vulgar d'estes crustaceos, e depois ainda mudam o casco em epochas determinadas, conservando-se temporariamente molles, periodo este em que são pertinazmente perseguidos pelas especies mais vorazes, a fim de lhes servirem de alimento predilecto.

Quando o caranguejo está n'esta phase, em que o casco é molle e tão desejado pelos peixes e crustaceos maiores, aproveitam-o os pescadores para o empregarem como isca nos apparelhos de anzol, e denominam-o *caranguejo molle.*

Camarão. — Nas nossas aguas ha tres variedades principaes de *camarão:* o *camarão mouro,* o *camarão do rio* e o *camarão da costa.*

O *camarão mouro (crangon vulgaris,* Fabr.) não excede 6 centimetros de comprimento; a testa do casco não é aguda e dentada, mas tem apenas um bico curto; a cauda é composta de quatro folhos largos, e do lado da cabeça tem um systema parecido, feito de um tecido transparente e flexivel, e tem dois filetes do comprimento do corpo, que é transparente e um pouco esverdeado.

Este *camarão* que se dá em agua doce, e que apparece tambem nos nossos rios em regiões salgadas, é muito abundante, mas não constitue a melhor qualidade para a alimentação, nem depois de cozido toma a côr encarnada do bom camarão, sendo a sua carne molle e desgostosa.

O *camarão do rio (palaemon serratus,* Penn.) tem uma especia de *serrote* ponteagudo em prolongamento da cabeça, e as antenas são compridas e compostas de seis filetes maiores do que o corpo, a que os pescadores dão o nome de *barbas,* e a sua côr é de um verde desmaiado, um pouco mais vivo na cabeça, mas depois de cozido apresenta um bello tom encarnado.

Este camarão é muito saboroso, e vive em grande quantidade nas rias e bacias litoraes dos rios invadidos pelo fluxo maritimo.

O *camarão da costa (penaeus Bocagei*, Johnson.) é muito similhante ao anterior, mas attinge grandes dimensões, chegando a medir 18 centimetros de comprimento, e habita a nossa costa maritima, procurando refugiar-se por baixo das pedras e das algas em sitios profundos, onde a luz penetra com fraca claridade.

A epocha da reproducção dos camarões começa em outubro, e dura uns dois mezes, conservando as femeas os ovos entre as falsas patas e o ventre, como as lagostas, até ao momento da eclosão, que tem logar em março e abril, refugiando-se os pequeninos seres debaixo das algas a fim de evitar os numerosos inimigos que os procuram.

O numero de ovos de uma femea raras vezes chega a 1:000.

A pesca do camarão faz-se com grande variedade de apparelhos, como adiante veremos.

Aos camarões pequeninos dão o nome de *pichas* em algumas localidades do paiz, como por exemplo, na Figueira da Foz.

MOLLUSCOS COMESTIVEIS DAS AGUAS DE PORTUGAL

Como já vimos podem distribuir-se em dois grupos os molluscos que vivem nas nossas aguas, pertencendo ao primeiro, o *polvo, choco* e *lula;* e ao segundo, *ostra, mexilhão, lapa, berbigão, ameijoa, caramujo, burrié, cadellinha, percebe, navalhas* e alguns outros de menor importancia.

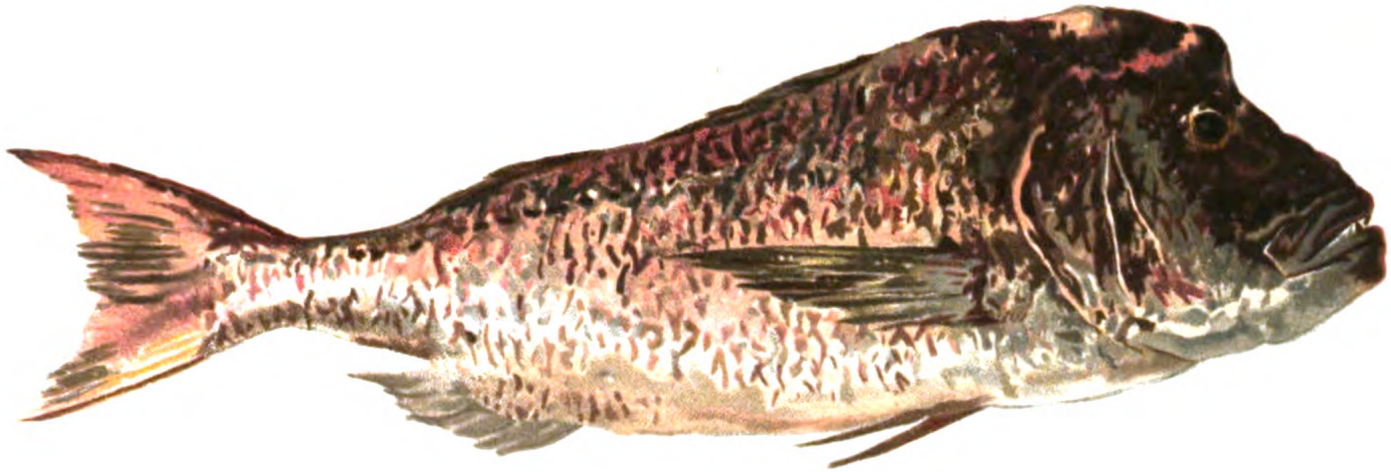
Primeiro grupo

Polvo, Lula e **Choco.** — Estes molluscos *cephalopedes* encontram-se em grande abundancia nas aguas costeiras do continente.

Polvo *(Octopus vulgaris).* — Este mollusco apresenta o aspecto de um sacco espesso, de fórma ovoide, liso e viscoso; tendo em uma das extremidades a cabeça arredondada, com grandes olhos achatados, que brilham de noite como os do gato; possuindo no vertice um bico corneo cortante, similhante ao bico do papagaio, em volta do qual sáem oito braços vigorosos, dos quaes dois mais compridos e fortes.

O polvo é muito frequente na costa do N. do reino, habitando nas anfractuosidades dos rochedos; é sêcco para se conservar durante muito tempo e attinge grandes dimensões, tornando-se um monstro disforme.

A temporada da pesca do polvo é de junho a agosto. Sustenta-se de outros molluscos de concha, caranguejos e peixes, sendo dotado de grande voracidade e como que prazer de destruição, para o que se segura aos rochedos com os braços maiores, agarrando com os restantes a presa, que mata e destroe com o bico.



CAPATÃO OU SAMO *(dentex filosus*, C.), pag. 33

O polvo aproveita a noite e o crepusculo para sair das tocas e dar caça aos animaes de que se alimenta.

Possue uma especie de reservatorio contendo um liquido escuro segregado por glandulas, o qual é expellido por elle quando se vê atacado, a fim de preparar a fuga, turvando o meio que o envolve.

Este liquido serve para o fabrico da *sépia*, tão usada na pintura a aguarella.

O polvo põe os ovos agglomerados em cachos, sobre uma planta marinha, muito vulgar na nossa costa, denominada *bodelha*, formando um ninho que a vaga algumas vezes arroja á praia.

Os ovos são de fórma ovoide, um pouco molles e transparentes, apresentando-se no momento da desova cobertos de uma materia gelatinosa servindo para os fixar sobre a vegetação submarina.

Os braços do polvo são guarnecidos de duas ou tres ordens de ventosas ou sugadores, em fórma de pequenos buracos, que servem para adherir com grande força ás superficies lisas das pedras.

Lula *(Loligo vulgaris)*. — O corpo d'este mollusco, tambem membranoso, é mais alongado do que o do polvo, e possue duas especies de azas lateraes. Da cabeça sáem dez tentaculos, dos quaes dois maiores, que servem ao mesmo tempo de orgãos de tacto, apprehensão e movimento, possuindo tambem pequenas ventosas, distribuidas em linha na face interna de cada tentaculo.

A lula tem uma cartilagem transparente em fórma de lança.

Vive nas aguas do litoral, sendo mais abundante de Peniche para o S.; sustenta-se de crustaceos e peixes, e reproduz-se de abril a julho.

Choco *(Sepia elegans)*. — Os pescadores descrevem o choco em tres partes, que denominam: *casco, azas* e *cabeça;* o primeiro é formado por uma concha de côr branca jaspe, coberta da membrana carnuda que fórma o corpo do animal, e as azas, menores do que as da lula, estão symetricamente colocadas de um e outro lado.

A cabeça é pequena e d'ella sáem os tentaculos como os da lula, mas menos desenvolvidos, tendo tambem ventosas na face interna.

Da concha interior do choco fabrica-se finissimo pó, applicado em pharmacia para o pó dentifrico e na industria para limpar os metaes.

Este mollusco tambem possue o liquido escuro com que se prepara a *sépia*.

Os ovos do choco são transparentes, molles e côr de palha, envolvidos em um liquido gelatinoso claro, que serve para os collar á vegetação.

A epocha da reproducção do choco é em junho e julho.

É muito abundante nas aguas maritimas da costa de Portugal e o seu corpo attinge algumas vezes 40 centimetros de comprimento.

Segundo grupo

Ostra. — Dos molluscos bivalves de maior irregularidade exterior, é a *ostra* o mais notavel sob este ponto de vista. As suas conchas apresentam-se redondas, ovaes, angulosas, de todas as fórmas mais ou menos symetricas e espessas que se podem imaginar, parecendo exteriormente umas pedras.

Examinadas com cuidado, encontra-se-lhes uma juncção muito unida e disfarçada, que se póde abrir com algum esforço, pondo então a descoberto a sua parte interna composta de duas folhas concavas de côr branca esmaltada, uma mais achatada, que serve por assim dizer de tampa, e outra mais funda, onde está alojado o mollusco, ligado a ella por um musculo carnudo e curto.

Adherente á face interna d'esta concha existe um largo véu raiado e transparente, servindo de manto ao corpo d'este mollusco hermaphrodita.

De entre as muitas variedades de ostras que ha, a mais vulgar nas nossas aguas é a *ostra commum*, de dimensões regulares e de sabor muito apreciavel; existindo tambem nas ostreiras naturaes da costa do Algarve, proximo do cabo de Santa Maria, uma variedade de ostras grandes e saborosas.

A epocha da desova das ostras tem logar de junho ao fim de setembro. Os ovos desenvolvem-se no ovario, ahi são fecundados, e quando a sua maturação está completa, descem por canaes especiaes até ás pregas do manto, onde ficam em incubação, mergulhados em uma materia, que o animal segrega, indispensavel para a sua evolução e desenvolvimento embryonario, que leva approximadamente um mez, passado o qual tem logar a expulsão dos pequeninos seres, já providos de conchas e completos para uma vida independente.

O lodo é um veneno mortal para estes seres e mesmo para a ostra adulta, devendo-se attribuir a desapparição d'este precioso mullusco aos enlodamentos que se têem dado nas nossas rias e bacias litoraes dos rios, como causa principal, ainda que tambem para isso tenha concorrido muito a selvagem exploração que entre nós se tem feito d'esta industria.

Cada *ostra* tem 1 a 2 milhões de ovos.

A *ostra* tem grande valor pelas suas boas propriedades alimenticias e culinarias, mas não é muito apreciada em Portugal, nem para o consumo, nem para tirar d'ella a riqueza que a sua bem dirigida exploração poderia produzir.

Que nos conste, faz se a pesca da ostra, em pequena escala, em pontos da costa muito limitados, e em algumas rias, apenas para satisfazer a um pequeno numero de consumidores; e a sua cultura praticava-se unicamente nos parques do Montijo, apesar de possuirmos nas extensas rias

CHERNE *(polyprion cernium)*, pag. 33

de Aveiro e de Faro, condições excellentes para a cultura d'este mollusco em grande escala.

Sobre a vida da *ostra* muito haveria a dizer, se a indole d'esta obra o permittisse: as admiraveis descobertas de M. Coste; as investigações microscopicas de M. Davaine; as observações de M. Chomel; os estudos de M. Mouls, M. Gerbe, M. Grandmont e de tantos outros benemeritos da sciencia, lançam brilhante luz, nas mil circumstancias intimas e particularidades da reproducção, crescimento e existencia d'este singular mollusco.

Mexilhão. — (*mytilus edulis,* Lin.) Este outro mollusco bivalve é muito vulgar em toda a penedia que orla a costa de Portugal e nas pedras, obras de arte e estacas de todos os nossos portos. As suas conchas são lisas e apresentam uma fórma alongada, larga para um dos extremos e aguda para o outro, de côr preta exteriormente, excepto no vertice de juncção das conchas que é branco. Mede no seu maximo desenvolvimento uns 15 centimetros de comprimento.

O corpo d'este mollusco é mais carnudo do que o da ostra, e, apesar de não ser tão apreciado como ella, possue um gosto mais amariscado e aromatico, prestando-se a ser cozinhado de muitas maneiras diversas e saborosas, facto por que em alguns paizes, onde o mexilhão é abundantissimo, e portanto barato, lhe chamam a *ostra do pobre.*

Em toda a nossa costa é este mollusco muito procurado, e reproduz-se em tão grande abundancia e com tanta facilidade, que, apesar de não haver entre nós estabelecido um regimen racional para a sua apanha, e de se commetterem verdadeiros vandalismos para occasionar o seu completo exterminio, ainda assim não diminue sensivelmente de quantidade e continúa a abastecer regularmente todos os mercados.

Os *mexilhões* encontram-se ás pinhas ou cachos presos ás pedras e estacas que permanecem debaixo de agua, ou que descobrem em grandes marés de aguas vivas, são hermaphroditas como as ostras, reproduzem-se da mesma maneira, nascendo os pequenos seres em fevereiro, março e abril, fluctuando então ao acaso nas aguas, até se fixarem a algum corpo solido, morrerem enterrados no lodo, ou servirem de pasto aos seus inimigos.

Entre nós não existe a cultura artificial do *mexilhão* em parques especiaes, nem providencia alguma tem sido adoptada para preservar a creação miuda d'este mollusco até á idade de ser comestivel. A gente do campo que affluе á costa na epocha da apanha do sargaço e musgo marinho, destroe completamente a grande massa de pequenos seres d'este e de outros molluscos que estão agarrados aos rochedos, sem se preoccuparem com o resultado nocivo que causam ao desenvolvimento d'estes animaes; rasão por que estas especies tendem a desapparecer, apesar de muito fecundas.

O *mexilhão* leva quatro vezes menos tempo do que a *ostra* para attingir a idade propria para o consumo.

A apanha d'este mollusco faz-se á mão ou com o auxilio de grandes garfos curvos de ferro, que mais tarde descreveremos.

Ameijoa. — Este mollusco bivalve é muito menor do que os que anteriormente mencionámos. As suas conchas são symetricas e iguaes, de fórma triangular, lisas e coloridas exteriormente de verde claro com laivos escuros ou amarellados, conforme a areia em que vivem enterrados é mais ou menos lodosa.

A *ameijoa* attinge algumas vezes 5 centimetros de comprimento por 3 centimetros de largura, e é muito abundante nos baixos de areia das nossas bacias litoraes, nas regiões em que a agua é mais salgada, constituindo verdadeiros bancos d'estes molluscos.

É muito saborosa em quasi todo o litoral, merecendo grande fama a ameijoa branca de Setubal e a da ria de Faro, Olhão e Tavira.

Cadellinha. — É da fórma da ameijoa, mas um pouco mais pequena; as conchas são brancas com laivos amarellos, não é tão saborosa como ella, mas tambem tem grande consumo.

Brebigão. — Existe este mollusco bivalve em grande abundancia, formando bancos occultos sob camadas delgadas de areia, nos logares em que a agua é mais salgada, nas rias e embocaduras dos nossos rios.

As suas conchas são esphericas e frisadas, de côr clara com laivos amarellos, medindo o maximo 3 centimetros de diametro.

Pela sua barateza e boas qualidades alimenticias, constitue uma refeição importante para as classes pobres do nosso litoral, e tambem se emprega em alguns pontos para adubo das terras.

Vieira. — As conchas d'este mollusco são em fórma de coração, attingindo 10 centimetros de diametro. A *vieira* parece um berbigão muito grande.

É actualmente pouco vulgar nas aguas da nossa costa.

Lapa. — A *lapa* possue uma unica concha funda, de fórma pyramidal, adherindo pela base sobre os rochedos, ajustando perfeitamente o bordo da sua concha.

Quando a *lapa* attinge maiores dimensões dão-lhe o nome de *laparão*.

É muito vulgar em todas as rochas que orlam a nossa costa e que cobrem e descobrem com as marés, comendo-se geralmente crua e ainda viva, acabada de tirar da superficie a que está fortemente ligada; o seu sabor é muito agradavel.

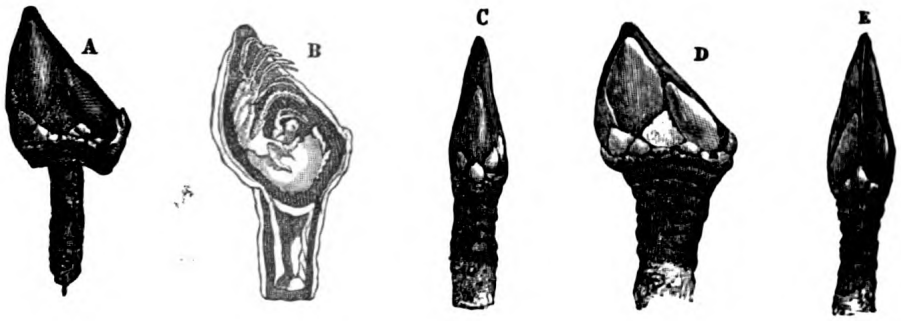
Caramujo, Burrié, Corneta, Buzio e Freirinha. — Estes differentes molluscos, que se encontram nas nossas aguas, vivem dentro de conchas com a fórma especial, a que vulgarmente se dá o nome de *buzios*.

Encontram-se agarrados aos penedos e rochas que recortam o litoral do paiz, e são aproveitados para a alimentação pelas classes pobres.

A concha do *caramujo* e *burrié* é escura exteriormente; a da *corneta* é branca com uma espira avermelhada, o *buzio* tambem é branco, mas tem os laivos vermelhos dispostos em direcção diversa da precedente, e a *freirinha* tem a concha multicolor.

Berberixo. — Dão este nome em Caminha a um mollusco bivalve, de conchas iguaes, lisas e brancas, que vive nos bancos de areia da embocadura do rio Minho, e que é aproveitado para o consumo.

Percebe. — O *percebe* consta de uma parte carnuda de fórma cylindrica, coberta por pelle aspera de côr acastanhada, tendo no extremo uma especie de unha ponteaguda, formada de pequeninas conchas de côr azul e rosada, e ligada pelo outro extremo a uma excrescencia calcarea adherente aos rochedos.



Encontram-se ás pinhas ou cachos, como os mexilhões, agarrados ás pedras, estacas e até aos cascos dos navios.

É muito abundante em toda a costa, principalmente nas penedias que sómente descobrem em marés vivas, e come-se depois de cozido, sendo de todos os molluscos comestiveis aquelle que tem o gosto mais amariscado.

Chega a attingir 10 centimetros de comprimento, quando está completamente desenvolvido.

Na juncção das conchinhas que constituem a unha é de uma côr de carmim muito viva.

As figuras *A, B, C, D* e *E* dão idéa do *percebe* em differentes posições. Os maiores *percebes*, creados nas nossas aguas, encontram-se nas Estellas e Farilhões da Berlenga.

Longueirão *(Soleu).* — Os nossos pescadores dão o nome de *longueirão* ou *lingueirão de canudo* ou *navalhas* a um mollusco de fórma cylindrica e comprido, cujas conchas parecem duas meias cannas ajustadas pelos bordos, tendo de comprimento uns 12 centimetros. A côr exterior é amarellada.

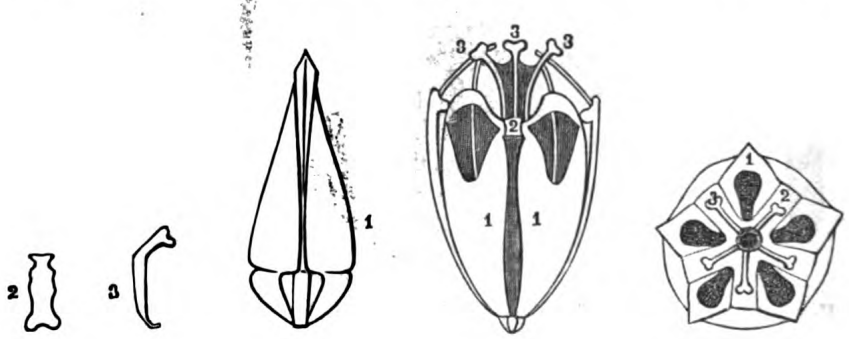
Vivem enterrados verticalmente na areia em sitios de diminuta profundidade, conhecendo-se o ponto onde estão por um pequeno buraco circular ou orificio que se vê no fundo.

É muito vulgar nos baixos arenosos das rias e rios do paiz, prestando-se excellentemente para o consumo.

Adiante indicaremos a maneira de os apanhar.

ECHINODERMES

Ouriço do mar *(Echinus).* — O *ouriço do mar* tem um casco de fórma espherica com 14 centimetros de diametro, e coberto de espinhos moveis de côr roxa, tendo as extremidades brancas. Esta esphera é achatada em um ponto, apresentando uma cavidade circular de 25 millimetros de diametro, tendo no centro um pequeno annel contractil, do qual sáem cinco dentes ponteagudos, unidos pelos bicos, mas soltos uns dos outros, podendo-se afastar ou approximar conforme o annel se dilata ou contrahe.



A extremidade do anus abre em um ponto diametralmente opposto a este.

O esqueleto do animal que está alojado dentro d'esta esphera, compõe-se de quinze ossos, e é symetrico, formando o todo uma especie de pyramide, em cujo vertice estão os dentes, e na base uma especie de corolla formada de cinco pequenos ossos ligados por cartillagens. O systema nervoso é radiario e abriga-se n'este esqueleto, da base do qual parte o intestino, que depois de algumas voltas termina no anus.

Esta esphera, ou casco, está cheia de agua salgada, e nas doze estrias internas tem uma materia granulosa de um amarello alaranjado, que os

BADEJO *(gadus pollachius)*, pag. 34

pescadores chamam *milheras,* e que constitue a parte que se come e que é muito saborosa.

O *ouriço* move-se no fundo com o auxilio dos espinhos, e póde vir á superficie, ou subir mais ou menos dentro de agua, segundo a quantidade de liquido que faz entrar ou sair do seu casco.

É muito vulgar em toda a costa, apanhando-se nas redes destinadas a outras especies.

As figuras da pagina anterior mostram, em grandeza natural, os detalhes do esqueleto do *ouriço* alojado dentro do casco.

Ouriço da ribeira.—Tem a mesma estructura do *ouriço do mar,* mas é muito mais pequeno e de côr preta. Vive junto á costa, onde é apanhado nas occasiões de marés vivas, durante a baixamar.

Costumam assal-os nas brazas, abril-os e comerem as *milheras* internas, sendo os lavradores do Minho, que vem á costa á apanha do sargaço, muito gulosos d'este manjar.

Estrella do mar *(Asterias rubens).*—A bem conhecida *estrella do mar* com cinco raios, tambem é muito vulgar na nossa costa, mas pouco aproveitada para consumo, porque a parte comestivel não é tão desenvolvida e saborosa como a dos *ouriços.*

CAPITULO III

Descripção e classificação de todos os portos maritimos e fluviaes de pesca do continente do reino—Portos de apanha de sargaço—Qualidade e numero das embarcações empregadas em cada porto—Numero de pescadores—Quantidade, qualidade e valor do pescado—Outras informações relacionadas com as pescarias.

Começando do norte para sul, vamos indicar as localidades do paiz, banhadas pelas aguas maritimas e fluviaes que podem considerar-se portos de pesca, entendendo por *porto de pesca* o conjuncto da parte do litoral, das margens das rias, rios e lagôas, e da zona aquatica adjacente, onde por uso e costume se reune um certo numero de pessoas munidas de apparelhos apropriados, para com o auxilio de embarcações e jangadas, ou apenas com esses instrumentos, se dedicarem á pesca como modo de vida, com o fim de valerem á sua manutenção e auferirem lucro vendendo nos mercados o producto do seu trabalho.

Em geral, estas pessoas residem nas povoações maritimas e ribeirinhas que offerecem as condições acima apontadas, ou então habitam em logares mais internados do litoral e das margens, e reunem-se nos pontos banhados pelas aguas, que pelas suas condições especiaes de posição, profundidade, abrigo, facilidade de accesso ás embarcações, e proximidade de aguas piscosas, são favoraveis como centros de irradiação d'onde possam partir para o exercicio do seu mister.

É sempre costume, nos pontos que estão n'estes casos, verem-se amarradas nos fundeadouros, ou varadas nas praias, as embarcações de pesca, e existirem ahi algumas barracas e cabanas, para servirem de abrigo aos pescadores, ou para arrecadar n'ellas as palamentas dos barcos e outros apparelhos e utensilios de pesca.

Incluiremos tambem n'esta descripção, os logares da costa, onde convergem as pessoas que exploram as aguas do mar e as linhas pedregosas do litoral, com o fim de apanharem as algas marinhas e depositos embryonarios, que depois têem applicação para adubar as terras.

N'estes logares tambem costumam os individuos empregados n'esta colheita construir cabanas para abrigo e arrecadação dos utensilios e bar-

cos ou jangadas de que se servem; sendo conhecidos estes locaes pela designação de *portos de sargaço,* do nome vulgar que têem as algas marinhas nas povoações do norte do continente do reino.

Outras paragens ha na costa maritima e nas aguas fluviaes, onde se exerce, permanente ou temporariamente, a pesca, e que merecem com maior propriedade o nome de *estações de pesca,* como são: Côrte dos Farilhões, Berlenga, Costa da Galé, etc., porquanto os pescadores que frequentam estas paragens vivem sempre a bordo das suas embarcações e pertencem a portos do litoral, para onde enviam toda a pescaria.

Agruparemos os portos e estações de pesca por zonas bem definidas, tendo por limites os rios principaes, ou os pontos mais notaveis do litoral.

RIO MINHO

Não nos referindo ás muitas pesqueiras fixas que ha no ramo navegavel do rio Minho e ás que obstruem o seu leito de Monsão para montante, estas ultimas pertencentes a particulares que as exploram por sua conta e que não permittem a qualquer pessoa servir-se d'ellas, podemos classificar como portos de pesca portuguezes, os seguintes:

Monsão.
Geito Velho de Córtes.
Lapella.
Gingleta.
Segadães.
S. Pedro da Torre.
Carvalha.
Villa Nova de Cerveira.
Motta de Gondarem.
Lanhellas.
Seixas.
Caminha.

D'estes doze portos, sómente um, o de Caminha, é que, alem de ser de pesca fluvial, é tambem porto de pesca maritima do alto e costeira, constituindo ainda um centro de pescarias de alguma importancia.

Em 1885, havia matriculados na capitania do porto de Caminha para a pesca no rio Minho 442 barcos, tripulados por 1:148 pessoas.

D'estes 442 barcos, 122 empregavam-se na pesca a montante de Villa Nova da Cerveira e 320 desde este ponto até á foz.

Em 1886, eram 498 os barcos registados e 1:252 os tripulantes; dos quaes 128 barcos para a pesca a montante de Cerveira e 370 para juzante.

J. Almeida

CHOUPA *(cantharus lineatus)*, pag. **34**

Para a pesca maritima do alto e costeira, existiam na praia da Ribeira do porto de Caminha, em 1885 e 1886, as embarcações e tripulantes que constam do mappa seguinte:

Annos	Pesca do alto		Pesca costeira		Total	
	Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
1885.....	7	91	23	92	30	183
1886.....	7	91	25	100	32	191

Os portos de pesca fluvial, acima mencionados, é claro que ficam todos em territorio portuguez na margem esquerda do rio, porém a pesca exercida pelos pescadores portuguezes faz-se, não só ao longo de toda esta margem, mas tambem nos cabeços de areia que ficam a descoberto no meio do rio e nas praias das insuas, quer estas sejam portuguezas ou hespanholas.

O regulamento de 5 de agosto de 1880 sobre o exercicio da pesca no rio Minho, fundado no convenio de 14 de julho de 1878, preceitua o seguinte:

«A industria da pesca é indistinctamente exercida por hespanhoes e portuguezes, não sendo permittida a pesca nas margens da terra firme de uma das nações por pescadores da outra, entendendo-se por terra firme o terreno da margem do rio que não fica alagado ou circumdado de agua na baixamar, e nenhum barco poderá pescar sem estar previamente registado na respectiva capitania. Este registo começa no dia 1.° de dezembro e termina no dia 31 do mesmo mez.»

Entre as diversas disposições d'este regulamento, puramente local e variavel, faremos menção de algumas mais interessantes.

Os apparelhos cujo uso é permittido na pesca do rio Minho, são:

1.° Algerife (salmão e savel) malha de 118 millimetros[1].
2.° Tresmalho (salmão e savel) malha do panno interior 140 millimetros.
3.° Lampreeira (lampreia) malha do panno interior 70 millimetros.
4.° Estacada (todas as qualidades de peixe) malha de 60 millimetros.
5.° Saccada (todas as qualidades de peixe) malha de 50 millimetros.
6.° Varga (solhas) malha de 50 millimetros.
7.° Morca (morcas) malha de 30 millimetros.
8.° Fisga (solhas).

---

[1] A grandeza das malhas adoptada n'este regulamento é medida entre os vertices oppostos da malha, depois de molhada e bem estendida.

As temporadas de pesca assignaladas para cada apparelho, são:

1.º apparelho — 1 de março a 30 de junho.
2.º apparelho — 1 de março a 30 de junho.
3.º apparelho — 1 de janeiro a 30 de junho.
4.º apparelho — 1 de junho a fim de fevereiro.
5.º apparelho — todo o anno.
6.º apparelho — 1 de junho a fim de fevereiro.
7.º apparelho — 1 de outubro a fim de fevereiro.
8.º apparelho — 1 de julho a fim de fevereiro.

O regulamento estabelece as horas do dia e as condições em que alguns d'estes apparelhos de rede podem funccionar, determinando que os lanços do algerife se façam do nascer ao pôr do sol; os do tresmalho, do pôr ao nascer do sol; e os da lampreeira, tanto de dia como de noite; comtanto que o tresmalho e a lampreeira sejam lançados a distancia não inferior a 25 metros de barco a barco, quando concorrerem na pesca duas ou mais embarcações.

Quando houver *aguas negras* póde pescar-se com o tresmalho, durante o dia, na zona da foz do rio até Caminha e Campos Ancos.

Dos turnos:

Com o tresmalho e lampreeira podem pescar portuguezes e hespanhoes, comtanto que a distancia entre os apparelhos não seja inferior a 25 metros.

Com o algerife, havendo duas cobradas[1], uma portugueza e outra hespanhola, alternam os lanços, começando a que chegou primeiro ao local da pesca, que os pescadores denominam porto.

Quando uma tiver mais barcos do que outra, alternam os lanços até igual numero e depois seguem successivamente os restantes da maior, e começam alternados outra vez, etc.

Interrompendo por caso de força maior, seguem depois a mesma regra que tinham adoptado no começo para as circumstancias em que estavam.

Em portos fronteiros, não podendo calar as redes ao mesmo tempo alternam tambem.

Duas cobradas da mesma nação não podem pescar simultaneamente no mesmo porto de um areinho ou banco.

«A policia da pesca no rio Minho pertence ás auctoridades maritimas de Caminha e da Guardia.»

«As embarcações de uma e outra nação continuam sujeitas, durante o exercicio da pesca, em tudo quanto diga respeito a delictos communs e contravenções legaes á jurisdicção do paiz a que pertencerem.»

---

[1] Cobrada equivale a companha, ou numero de individuos, barcos e redes, que se associaram ou reuniram para a pesca em commum.

«Quando porém o delicto ou contravenção for commettido em embarcação adherente á terra firme ou tão proximo que seja possivel passar para ella a pé enxuto, ficará sujeito á jurisdicção do paiz em cujo territorio a embarcação se achar.»

O regulamento estabelece as multas para as diversas infracções.

«Artigo addicional—O regulamento será revisto pelas auctoridades maritimas de Caminha e da Guardia no primeiro mez de cada anno, para o effeito de serem mantidas ou modificadas, conforme as circumstancias, as disposições n'elle contidas.»

No rio Minho ha uma canhoneira hespanhola e uma lancha de guerra portugueza para a fiscalisação das pescas.

A principal temporada de pesca é de janeiro a junho, e como os pescadores do Minho não vivem exclusivamente d'esta industria, têem que pagar a jornaleiros para durante este periodo lhes amanharem as terras, emquanto elles andam explorando as aguas do rio, muito abundantes de salmão, savel e lampreia, onde encontram mais lucro do que nos trabalhos agricolas das suas propriedades ruraes, que elles proprios cultivam passada esta epocha.

A pesca no rio faz-se de duas maneiras differentes: ou os pescadores têem barcos, e providos dos apparelhos de pesca, geralmente de rede, se transportam a differentes pontos para deitarem os lanços de rede, isto em toda a parte navegavel; ou mesmo sem o auxilio de embarcações, elles percorrem a margem e de cima d'esta e das pesqueiras, lançam os apparelhos de pesca, sendo conveniente notar que as pesqueiras marginaes começam em maior numero de Valença para montante, e as grandes pesqueiras de caneiro sómente principiam nas proximidades de Melgaço. De umas e outras daremos noticia, bem como dos apparelhos de pesca usados no rio quando tratarmos d'este assumpto.

No rio Minho alem das tres especies emigrantes—salmão, savel e lampreia—que constituem a pescaria de maior valor, e que se encontram em todo o curso do rio, entram com as marés as variedades de peixes mais pequenos das aguas salgadas, subindo de verão o rio até Gondarem, o muito até Villa Nova da Cerveira, e de inverno caminham mais, chegando a attingir a Furna e S. Pedro da Torre. Para montante d'estes pontos apenas se encontram: tainha, mugem, enguia, truta, escallo, boga, bogardo e algumas solhas.

Os pescadores da ribeira de Caminha sáem a barra em grandes lanchas para a pesca do alto, e em barcos de maiores dimensões do que os do rio, para a pesca costeira.

A principal pesca do alto que se pratica é a da pescada e conjuntamente com este peixe cáem nas redes de enmalhar outras especies como: caneja, cação, badejo, etc.

A pesca costeira consiste em: raia, ruivo, congro, lagosta, robalo, pargo, goraz, cachucho, faneca, etc.

Em cada um dos portos de pesca do rio Minho existe um posto fiscal aduaneiro, onde se cobra o imposto do pescado, pelo qual se póde calcular o valor annual do peixe que n'elles deu entrada.

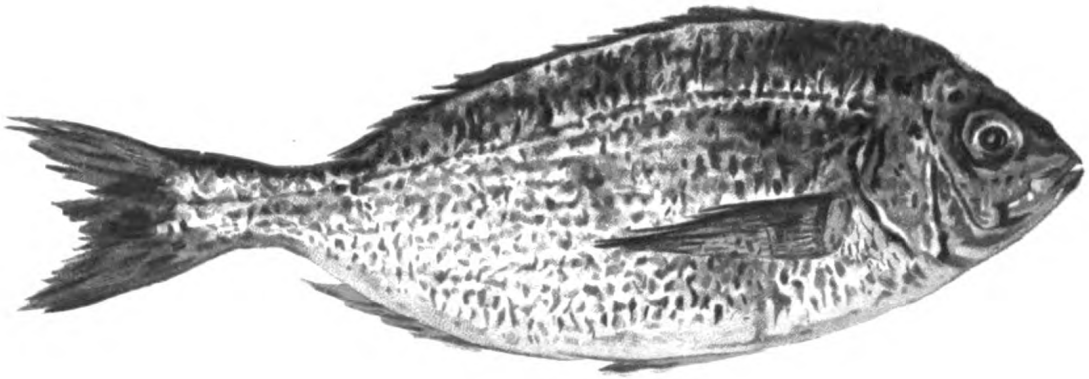
Os mappas seguintes indicam este valor, assim como a qualidade e quantidade de pescaria, referida aos annos de 1885 e 1886.

Nota das quantidades, qualidades e valores dos peixes pescados no rio Minho e dados ao manifesto nos differentes postos da alfandega de Valença, durante os annos de 1885 e 1886

Postos aduaneiros	1885				1886			
	Quantidade			Valor — Réis	Quantidade			Valor — Réis
	Saveis	Salmões	Lampreias		Saveis	Salmões	Lampreias	
Motta de Gondarem.....	7:962	89	8	1:906$235	7:386	37	66	1:290$580
Cerveira.....	9:250	120	135	2:190$235	7:254	65	441	1:848$240
Carvalha	2:124	60	–	641$830	2:729	30.	–	624$215
S. Pedro... .	1:549	10	–	445$210	1:084	4	5	138$640
Segadães	2:895	18	97	565$400	5:870	35	209	1:239$980
Gingleta.....	1:440	36	–	492$020	419	4	–	258$880
Lapella.....	2:033	15	22	573$420	686	3	7	210$610
Geito Velho..	2:697	37	32	818$970	1:610	7	45	666$380
Monsão.....	–	8	39	41$510	–	8	89	80$400
Somma...	29:950	393	333	7:674$830	27:038	193	862	6:358$425

Nota da quantidade, qualidade e valor dos peixes pescados no rio Minho e dados ao manifesto no posto fiscal aduaneiro de Lanhellas, durante os annos de 1885 e 1886

Annos	Lampreias		Salmões		Saveis		Valor total
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	
1885..	621	190$400	129	394$660	2:842	764$400	1:349$460
1886..	1:203	449$780	31	111$600	4:179	1:247$800	1:809$180



DOURADA *(crysophis aurata)*, pag. **34**

Nota da quantidade, qualidade e valores dos peixes, dados ao manifesto no posto fiscal aduaneiro de Seixas, durante os annos de 1885 e 1886

Annos	Lampreias		Saveis		Salmões		Congros		Sardinha		Peixe miudo		Valor total
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	
1885	661	263$080	14:216	2:385$390	235	386$100	4	1$300	400	1$200	2:986	447$500	3:484$570
1886	924	356$510	19:124	3:872$330	80	285$800	–	-$-	10.300	12$500	14:787	337$880	4:865$020

Os congros e sardinhas incluidos n'esta nota, são provenientes da pesca maritima, e deram entrada pelo posto fiscal de Seixas.

Nota das quantidades, qualidades e valores dos peixes pescados no rio Minho e dados ao manifesto no posto fiscal da Ribeira de Caminha, durante os annos de 1885 e 1886

Annos	Saveis		Salmões		Lampreias		Mugens		Robaliços		Tainhas		Valor total
	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	Quantidade	Valor	
1885	9:473	2.230$290	55	179$100	349	142$960	8:057	92$000	1:568	83$960	343	24$150	2:753$060
1886	16:078	3:751$800	36	134$360	193	78$760	5:370	111$200	440	18$000	–	–	4:097$120

Estes quatro mappas mostram que a pesca no rio Minho, não contando o peixe miudo, produziu no anno de 1885: saveis 56:481; salmões 812; lampreias 1:964; sendo o valor total da pescaria 15:260$920 réis. E no anno de 1886: saveis 66:319; salmões 340; lampreias 3:182; e um valor total de 17:129$745 réis.

Mappa da quantidade, qualidade e valor da pesca maritima, dada ao manifesto no posto fiscal da Ribeira de Caminha, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Pescadas	17:872	18:565	2:881$260	3:019$600
Robalos	102	454	17$300	36$200
Ruivos	334	41	27$500	2$500
Congros	197	–	24$180	-$-
Fanecas	166	–	2$600	-$-
Sardinhas	12:000	86:000	15$000	75$000
			2:967$840	3:134$200

Na extensa bacia litoral do rio Minho, desde a foz até proximo de Seixas, empregam-se diariamente algumas pessoas na apanha do sargaço, podendo calcular-se approximadamente durante o anno o movimento e valor d'esta industria pelos dados seguintes:

Numero de pessoas empregadas na apanha do sargaço 60
Numero de carradas de sargaço..... 240
Valor do sargaço 960$000 réis.

Nas insuas *Canosa* e *Terroeiro,* proximas da margem hespanhola, tambem os portuguezes todos os dias fazem grande colheita de herva, a qual ali cresce rapidamente, por assim dizer de um dia para outro, em virtude do excellente e fertil nateiro que constitue aquellas insuas.

A exploração dos animaes e vegetaes das aguas do rio Minho, feita por portuguezes, incluindo o valor do peixe colhido de Monsão para cima e o que logra passar ao manifesto, póde computar-se, nos annos de 1885 e 1886, em 25:000$000 a 30:000$000 réis, em cada anno.

ENTRE OS RIOS MINHO E LIMA

Na costa comprehendida entre o rio Minho e o rio Lima, existe um unico porto de pesca de importancia, que é o *Portinho de Gontinhães,* situado pelo norte e a curta distancia da embocadura do rio *Ancora.*

Ha porém outros pequenos portos de pesca, de importancia muito secundaria, e alguns portos de sargaço, tanto no litoral como na *Insua de Caminha,* proxima da entrada do rio Minho, assim como *cambôas de pesca* feitas de pedras que captivam as especies quando a maré desce.

O rio Ancora tambem se presta á pesca, sendo procurado principalmente pelos amadores d'esta arte.

Estes portos de pesca e sargaço, começando do norte, são:

Ponta do Cabedello.
Insua de Caminha.
Moledo.
Cahide.
Porto Novo.
Portinho de Gontinhães.
Penedim.
Caneiro.
Affife.
Carrêço.
Fornellos.
Fonte do Mar.
Rego de Fontes.

SARGO *(sargus fasciatus)*, pag. 35

D'estes 13 portos, 4 são de pesca maritima, possuindo embarcações e apparelhos adequados; 2 de pesca por meio de cambôas; e os 7 restantes são exclusivamente portos de sargaço.

Ponta do Cabedello. — No extremo do areal que fórma a margem do sul da embocadura do rio Minho, do lado do mar, existem algumas barracas para abrigo das pessoas que ali se reunem para a apanha dos vegetaes na praia adjacente. N'este local ha um posto fiscal aduaneiro. Constitue esta praia um porto de sargaço, onde convergem em epocha propria uns quinze homens da freguezia de Venade, proximo de Caminha, os quaes sem auxilio de embarcações, ou de jangadas, mas apenas com os utensilios especiaes para esta colheita, apanham nas aguas quatro a cinco carradas cada um, podendo, pois, calcular-se annualmente para este porto o movimento seguinte:

Numero de homens empregados na apanha do sargaço	15
Numero de carradas	70

Valor do sargaço 280$000 réis

Insua de Caminha. — Fica situada esta insua por fóra da embocadura do rio Minho, formando com a costa do continente portuguez um canal, ou barra, por onde passam os navios que demandam o porto. N'esta insua existe uma fortaleza antiga rodeada de penedia e tendo do lado do NE. uma pequena praia de areia, por onde é abordavel.

Na penedia ha tres *cambôas* de pesca, uma pelo lado do N., outra ao S. e ainda outra do lado de W. onde entra algum peixe, apesar de não estarem em bom estado de conservação, e dando-se a circumstancia singular de ser mais abundante de solhas a cambôa do norte, de robaliços a de W., e de outras variedades a do S.

Tambem os rochedos que formam a insua estão cobertos de mariscos, como: mexilhão, laparão, corneta, buzio, caramujo e freirinha.

A pesca é aqui feita apenas pelos veteranos que guarnecem a fortaleza, pelo pessoal do pharol, e pelos homens que ali residem no periodo da apanha das plantas marinhas.

É a insua um excellente porto de sargaço, que, pela ultima arrematação, rendia ao ministerio da guerra 103$300 réis annualmente, pelo privilegio que este concedia de ali apanharem as algas do mar.

O sargaço é tirado das aguas e de cima dos rochedos apenas com os utensilios proprios, havendo unicamente um barco para dar passagem aos homens e ao producto da exploração, entre a insua e a terra.

Numero de embarcações	1
Numero de homens empregados na apanha do sargaço	22
Numero de carradas	176

Valor do sargaço 704$000 réis.

Estes dados representam a importancia d'este porto de sargaço.

Não é possivel obter elementos de confiança para calcular com exactidão a quantidade e valor do peixe annualmente pescado na insua, por isso que ali não cobram imposto por onde elle possa ser avaliado, mas não ha exagero em computal-o em 100$000 réis, o minimo, attendendo ao consumo, por assim dizer diario, que a guarnição do forte e os sargaceiros fazem d'este alimento.

Moledo.—A excellente praia de banhos de Moledo, situada para o sul da foz do rio Minho, a menos de 1 legua de distancia, presta-se extraordinariamente á colheita do sargaço, vendo-se, na epocha da apanha, centenares de monticulos d'este adubo espalhados por todo o areal até á penedia que o limita ao sul, no sitio denominado *Pia dos Burros.*

Ha aqui grande numero de casas e telheiros especialmente destinados para guardar o sargaço e as *maceiras* que empregam na sua apanha, ainda que vulgarmente o recolham apenas com os instrumentos respectivos.

São os proprios lavradores que vem á costa para explorar esta industria, havendo tambem pessoas exclusivamente empregadas n'ella para negocio.

Este adubo vae d'aqui para grande parte do extremo norte da provincia do Minho, transportado pelos barcos do rio, que o conduzem para Campos, S. Pedro, Cerveira, etc.

Sem grande erro podem-se acceitar para este porto de sargaço os seguintes dados:

Numero de *maceiras* empregadas n'esta exploração... 10
Numero de pessoas..... 300
Numero de carradas de sargaço..... 900
Valor annual do sargaço, 3:600$000 réis.

Cahide.—Para o sul de Moledo,antes de chegar a Gontinhães, na altura da capella de Santo Izidoro, ha um pequeno porto de apanha de sargaço, formado por uma enseada de rocha solta, limitada ao norte pela *Ponta do Salto.* Esta enseada é dividida em duas por uma ponta de pedras, dando-se o nome de *Cahide* á do norte, e de *Melfurado* á do sul.

Contornando a margem da primeira contam-se onze casas e barracas para abrigo dos sargaceiros, podendo calcular-se os seguintes dados para este porto:

Numero de pessoas..... 66
Numero de carradas de sargaço..... 264
Valor annual do sargaço, 1:056$000 réis.

Para esta colheita não empregam aqui maceiras, mas unicamente os utensilios proprios.

A meio da enseada de Cahide costumam os sargaceiros enterrar um tronco de arvore, bem seguro no fundo com pedras em volta, saindo duas pernadas para fóra da agua, para a ellas se agarrarem nas occasiões do mar estar batido, emquanto apanham a vegetação marinha.

Porto Novo.—Pelo norte do forte de Ancora existe uma especie de varadouro, cortado na penedia, começo de uma obra para refugio das embarcações de pesca, que não se chegou a concluir, conhecido pelo nome de *Porto Novo,* que é actualmente aproveitavel como porto de sargaço, fazendo-se a exploração d'este adubo, não só ali, como tambem em toda a penedia que se estende para um e outro lado, por pessoas da freguezia de Gontinhães, em numero variavel e segundo a necessidade que têem d'elle para amanho das terras, podendo-se ainda assim acceitar para este porto os seguintes elementos estatisticos:

Numero de pessoas..... 40
Numero de carradas de sargaço..... 80
Valor annual do sargaço, 320$000 réis.

Não empregam aqui para esta apanha senão os utensilios proprios.

Portinho de Gontinhães.—Situado entre a embocadura do rio Ancora e o forte do mesmo nome, fica um pequeno porto oceanico formado por dois paredões ou quebra-mares convergentes, que o abrigam um pouco das vagas, a que chamam o *Portinho de Gontinhães* ou da *Lagarteira.*

Para o interior da praia d'este porto estão as casas dos pescadores, habitando tambem alguns na povoação de Gontinhães e nas freguezias circumvizinhas d'esta.

Antigamente havia aqui apenas tres ou quarto barcos de pesca pertencentes a lavradores dos arredores, não existindo ainda obra alguma para abrigo; depois uma pequena colonia de pescadores gallegos do porto da Guardia veiu estabelecer-se n'este ponto, conseguindo mais tarde que o governo mandasse construir o varadouro, e desenvolvendo-se pouco a pouco, chegou a constituir um centro de pescarias de alguma importancia, como se póde avaliar pelos dados seguintes:

Numero de embarcações de pesca e de tripulantes do Portinho de Gontinhães, no anno de 1886

Lanchas	Barcos	Maceiras	Total das embarcações	Tripulantes
5	28	32	65	164

Mappa da quantidade, qualidade e valor da pesca maritima dada ao manifesto no posto fiscal de Gontinhães, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Pescadas	11:780	8:012	1:879$015	1:241$981
Congros	1:289	810	362$800	281$100
Robalos	745	1:152	46$800	79$110
Gorazes	679	24	39$820	2$000
Ruivos	1:246	48	97$500	3$000
Lagostas	1:374	1:013	211$530	68$290
Sardinhas	430:700	3.621:100	1:009$825	4:197$990
Fanecas	10:634	300	76$530	6$000
			3.723:820	5:879$475

Os pescadores de Gontinhães dedicam-se principalmente á pesca da sardinha e da pescada, deitam apparelhos para a pesca costeira do congro, ruivo e faneca, e pescam á canna de cima dos paredões do porto, na enchente, o *cachiço* ou *peixe branco.*

As condições actuaes de accesso do *Portinho,* quando o mar embravece, são pessimas, vendo-se os pescadores forçados a arribar ao porto da Guardia n'estas occasiões, tornando-se de urgente necessidade a construcção de um bom varadouro no local do *Portinho Novo* pelo norte do forte.

Tambem n'este pequeno porto se recolhe o sargaço na seguinte escala:

Numero de pessoas..... 30
Numero de carradas de sargaço..... 70
Valor annual do sargaço, 280$000 réis.

Rio Ancora.—Este pequeno rio fórma, logo a partir da embocadura, uma especie de cotovelo, que termina na primeira *levada* por debaixo da ponte do caminho de ferro. O seu curso d'este ponto para montante é muito obstruido pelos açudes, possuindo algumas pontes, como a da estrada de Vianna do Castello para Caminha, a da Torre e as de Abadim e de Soutello.

O leito do rio tem 10 a 15 metros de largura, é muito baixo, apresentando poços fundos em alguns sitios; as margens possuem farta vegetação e copados salgueiros. Em alguns pontos existem *passadeiras* de pedra

GORAZ *(pagellus centrodontus)*, pag. 35

que o atravessam de um a outro lado, dando serventia entre as duas margens.

Nos ramos do rio, comprehendidos entre as *levadas,* apparecem trutas, bogas e enguias; e junto á foz entram tainhas, mugens e solhas.

Os pescadores de Gontinhães empregam algumas vezes redes de arrastar dentro do rio, proximo da embocadura, mas a pesca é feita quasi sempre por amadores que procuram este sitio pittoresco para se divertirem na pesca á canna.

O salmão, o savel e a lampreia não entram n'este curso de agua.

Ha na foz do rio uma maceira que dá passagem entre as margens, e que póde ser aproveitada para a pesca, e, proximo de Soutello, uma pequena barca, tambem de passagem, de que se póde lançar mão para o mesmo fim.

Na epocha de banhos costumam os frequentadores de Ancora passear no rio, mandando previamente passar uma ou mais maceiras para os ramos acima das levadas.

Não é possivel calcular a quantidade e valor do peixe que aqui se apanha annualmente, pela absoluta falta de dados para este calculo, mas o que se póde affirmar é que se captivam muito boas trutas, que a pesca é exercida pelos amadores das povoações marginaes e pelos banhistas de Ancora, e que os pescadores de profissão do Portinho de Gontinhães apenas fazem alguns lanços junto á foz, de inverno quando o tempo não permitte irem ao mar.

Penedim.—Este porto de sargaço fica pelo norte do Forte do Cão, no extremo sul da enseada de Ancora, convergindo a elle as pessoas das freguezias de Ancora e Soutello, que colhem este adubo na seguinte proporção:

Numero de pessoas	60
Numero de carradas de sargaço	120

Valor annual do sargaço, 480$000 réis.

Estendem o sargaço a seccar na praia adjacente, e na sua apanha não empregam embarcações nem jangadas.

Entre os rochedos do *Penedim* estão construidas algumas *cambôas* para a pesca, feita aqui pelos sargaceiros unicamente.

Caneiro.—Situado pelo sul do Forte do Cão ha uma especie de carreiro aberto na penedia que n'este ponto guarnece a costa, a que dão o nome de *Caneiro,* constituindo um centro de colheita de sargaço, onde affluem as pessoas da freguezia de Ancora que se entregam a esta industria.

Para auxiliar a apanha ha aqui duas embarcações —uma maceira e uma barqueta— as quaes tambem os donos empregam na pesca para seu consumo, vendendo ás vezes o peixe que lhes sobra, podendo calcular-se para este porto os dados seguintes:

Numero de embarcações empregadas na pesca e apanha do sargaço	2
Numero de tripulantes	3
Numero de pessoas empregadas na apanha do sargaço	40
Numero de carradas de sargaço	160

Valor annual do pescado, 48$000 réis.
Valor annual do sargaço, 640$000 réis.

Seccam as algas marinhas nas dunas de areia, e em cima dos grandes penedos que aqui existem.

Os sargaceiros possuem duas casas para abrigo, onde tambem guardam os instrumentos da sua profissão.

Affife.—Estende-se este porto de sargaço desde as *cambôas* do sul do Forte do Cão até á foz da ribeira de Affife, no ponto onde ella desagúa no mar pelos regueiros que faz na areia da praia. Por fóra, ao longo da praia, corre uma restinga de pedras, interrompida em alguns pontos, a que na localidade dão o nome de *Bico de Affife,* chamando tambem *insua* a uma parte d'esta restinga destacada em fórma de ilha.

O sargaço é aqui apanhado em grande escala, não só em toda a praia, com o auxilio unicamente dos apparelhos adequados, como tambem nas restingas de pedras e na insua fronteira, para o que ha um certo numero de maceiras, sendo esta apanha feita pelas pessoas da freguezia de Affife, na proporção indicada na nota seguinte:

Numero de pessoas empregadas na colheita do sargaço	100
Numero de maceiras para auxiliar esta colheita	8
Numero de carradas de sargaço	400

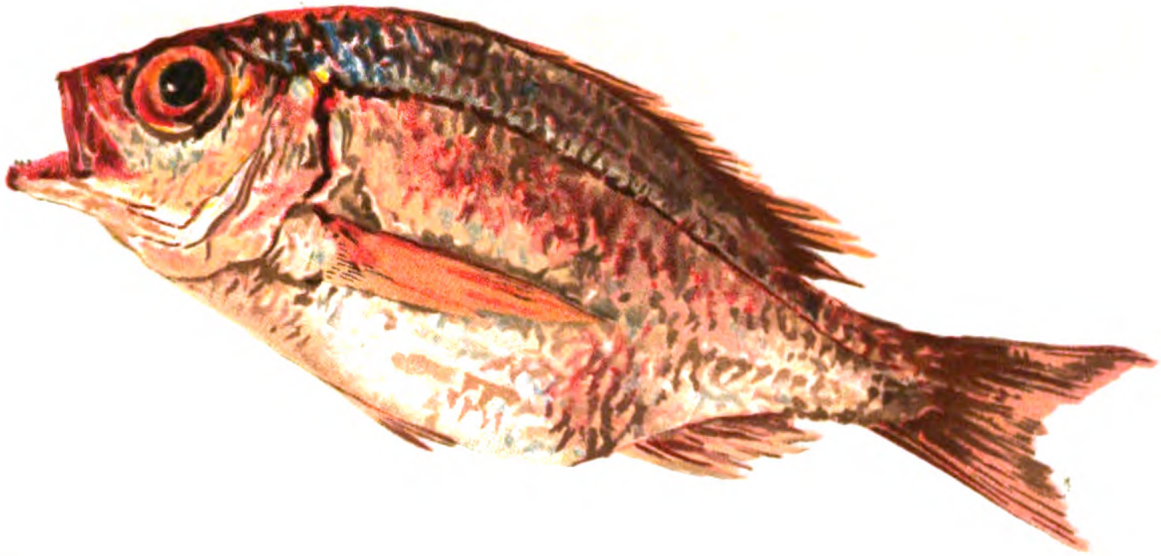
Valor annual do sargaço, 1:600$000 réis.

Carreço.—Este pequeno porto de pesca e de sargaço, que tambem denominam de *Paçô,* fica situado em uma enseada que a costa fórma pelo norte da *Ponta de Montedor,* tendo ao centro o *Forte de Paçô.*

Pelo norte d'este forte ha seis armazens para arrecadação de embarcações de pesca, construidos dois a dois, tendo uma parede commum.

Proximo do forte, onde guardam as maceiras, ha uma fonte de agua doce, que os pescadores utilisam para lavar as suas redes.

A pescaria consiste principalmente em sardinha, pescada, congro e peixe miudo da costa.



CACHUCHO *(dentex macrophthalmos)*, pag. 35

Em 1887 havia aqui as embarcações e tripulantes seguintes:

Numero de barcos de pesca..... 6
Numero de maceiras..... 12
Numero de tripulantes..... 48

A colheita do sargaço era representada pelos seguintes numeros:

Numero de pessoas..... 30
Numero de carradas de sargaço..... 120
Valor annual do sargaço, 480$000 réis.

A quantidade e valor do pescado vão incluidos adiante com os dados relativos ao porto de pesca da *Fonte do Mar,* por isso que em um unico posto fiscal aduaneiro, situado no alto de Montedor, se cobra o imposto respectivo a estes dois portos.

Fornellos. — Pelo sul de Montedor fórma a costa um fundo barranco, limitado do lado do mar para uma pequena praia de areia, que constitue o porto de sargaço de *Fornellos.*

Em frente da praia e distante d'ella uns 250 metros, corre uma restinga de pedras, orientada N.-S., a que chamam a *insua de Fornellos.*

Do lado do sul do barranco ha duas casas para abrigo dos sargaceiros e das maceiras que os coadjuvam na apanha do sargaço, que aqui é feita na seguinte escala:

Numero de pessoas empregadas no sargaço..... 18
Numero de maceiras..... 2
Numero de carradas de sargaço..... 72
Valor annual do sargaço, 288$000 réis.

Fonte do Mar. — Ainda mais para o sul de Montedor, existe um pequeno porto de pesca, que toma este nome, por abrirem na areia, entre os rochedos do meio da praia, tres fontes, ou nascentes de agua doce.

O porto é formado por uma pequena bacia litoral, defendida do lado do mar por restingas de rocha parallelas á terra.

Em um ponto d'estas restingas ha uma interrupção em fórma de carreiro, por onde entram e sáem os barcos, ficando orientado NW.-SE. em consequencia de uma insua de pedras que se antepõe á entrada pelo lado da terra.

O accesso é portanto perigoso, em virtude da exposição do canal de passagem ser tal que a vaga apanha as embarcações quasi pelo través, atirando-as para cima da insua.

Se porém fosse destruido este obstaculo, não correriam risco as embarcações que demandam este portinho, porque entrariam com a vaga pela popa.

O mar não rebenta durante o mau tempo senão muito proximo da penedia, por ser funda esta região da costa, e portanto este local prestava-se

até para n'elle se construir um refugio salva-vidas, indicado pela luz do pharol que está projectado para o alto de Montedor, até grande distancia da terra, e mais proximo por uma luz de direcção.

A elle se poderia acolher qualquer lancha de pesca quando batida fóra pela tempestade, ou que conduzisse tripulantes de algum navio que houvesse ganho a costa com agua aberta e que tivesse naufragado á vista da luz do pharol.

Para o sul d'este portinho desenvolvem-se dunas de areia de pequena elevação, a que chamam a *ribeira,* e onde os pescadores estendem as redes a enxugar.

Ha ao cimo da praia quatro casas para arrecadação dos barcos e apparelhos de pesca.

Os pescadores d'este porto dedicam-se principalmente á pesca da sardinha e pescada, embora tambem façam alguma pesca costeira.

Numero de barcos de pesca..... 4
Numero de maceiras..... 6
Numero de tripulantes..... 40

A apanha do sargaço tem aqui o seguinte desenvolvimento:

Numero de pessoas empregadas na colheita do sargaço 25
Numero de carradas de sargaço..... 100
Valor annual do sargaço, 400$000 réis

O seguinte mappa dá o movimento do pescado d'este porto e do de Carrêço nos annos de 1885 e 1886.

Mappa da quantidade, qualidade e valor da pesca maritima, dada ao manifesto no posto fiscal de Montedor, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Sardinhas.....	5:600	50:050	11$930	104$000
Pescadas.....	300	–	48$000	–
Congros.....	100	172	27$590	34$020
Gorazes.....	–	76	–	5$135
Robalos.....	–	5	–	1$260
Robaliços.....	116	–	7$125	–
			94$645	144$415

Rego de Fontes. — Pelo sul de um antigo forte situado um pouco ao norte da embocadura do rio Lima, fica um regueiro de agua que desagua no oceano por entre os seixos de uma pequena praia, onde geralmente se

reunem para a apanha da vegetação marinha as pessoas da freguezia da Areosa, para d'ali irradiarem em differentes sentidos por toda a penedia que orla a costa até á foz do Lima.

Referindo-nos unicamente á quantidade de sargaço que é recolhido n'esta região do litoral sem auxilio de embarcações, e não entrando em linha de conta com o que é apanhado pelas jangadas de Anha, que sáem o rio Lima para irem explorar este adubo n'esta facha de costa, podèmos apresentar para o porto de sargaço de *Rego de Fontes* os seguintes dados:

Numero de pessoas 150
Numero de carradas de sargaço 450
Valor annual do sargaço, 1:800$000 réis

*
* *

Recapitulando em um unico mappa os dados relativos á colheita do sargaço em toda a costa comprehendida entre os rios Minho e Lima, teremos:

Mappa da exploração do sargaço na costa comprehendida entre os rios Minho e Lima, adoptando um anno de colheita regular

Numero dos portos de sargaço	Numero de embarcações empregadas	Numero de pessoas	Numero médio de carradas	Valor annual medio do sargaço
13	33	896	2:982	11:928$000

RIO LIMA

Na margem norte e junto á embocadura do Lima, fica situada a cidade de Vianna do Castello, formando o rio entre ella e a margem opposta um porto fluvial, actualmente muito estreitado e obstruido pelas areias, que alem de porto commercial é tambem porto de pesca maritima.

Na margem esquerda e a montante da ponte do caminho de ferro, existe um pouco para dentro, disposta em amphitheatro, a povoação de Darque, em cuja margem, junto ao rio, é o varadouro de um certo numero de barcos de fundo chato, tripulados por individuos d'esta localidade, que se empregam na pesca fluvial.

Vianna do Castello. — Os pescadores d'este porto dedicam-se principalmente á captura da pescada do alto e da sardinha, e á pesca costeira de especies de peixes de menores dimensões e da lagosta.

Este porto armava annualmente um navio para a pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova, mas desde 1885 que deixou de concorrer para esta exploração da pesca longinqua.

O mercado de Vianna é sempre muito abundante de peixe.

Pelos dados fornecidos pela capitania do porto, havia em 1886, para a pesca maritima, 73 embarcações, tripuladas por 141 pescadores, e em 1887 90 embarcações com 183 tripulantes.

Para o anno de 1888 obtivemos os seguintes dados:

Nota do numero de embarcações de pesca e tripulantes do porto de Vianna do Castello, no anno de 1888

Pesca do alto		Pesca costeira		Pesca fluvial		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Barquinhas	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
9	108	90	360	12	24	111	492

A quantidade, qualidade e valor da pesca maritima d'este porto nos annos de 1885 e 1886 podem apreciar-se pelo mappa seguinte, elaborado pela alfandega de Vianna do Castello.

Mappa da quantidade, qualidade e valor da pesca maritima dada ao manifesto na alfandega de Vianna do Castello, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Sardinhas	618:940	1.644:615	1:322$490	3:107$480
Pescadas	16:788	17:832	2:304$666	2:480$610
Congros	788	1:698	190$053	415$947
Rodovalhos	–	28	–$–	5$970
Ruivos	350	406	31$135	24$545
Robalos	–	33	–$–	13$560
Pargos	–	15	–$–	6$060
Badejos	–	220	–$–	17$845
Fanecas	331	1:095	6$670	86$235
Vermelhos	630	281	14$157	17$880
Cabras	–	60	–$–	1$880
Gorazes	938	686	53$150	40$600
Raias	94	–	8$030	–$–
Robaliços	276	–	29$695	–$–
Lagostas	908	1:397	66$955	111$760
Mexilhões	–	1:500	–$–	1$220
			4:027$001	6:331$592

BESUGO *(pagellus acarne)*, pag. 36

Tambem n'este porto se explora a industria do sargaço, não só na penedia do norte da barra e na da bacia do Castello, mas tambem na ponta do Cabedello e na praia de banhos, empregando jangadas e utensilios especiaes para esta apanha, que póde ser representada pelos seguintes dados:

Numero de pessoas empregadas n'esta industria..... 60
Numero de jangadas de Anha..... 7
Numero de carradas de sargaço..... 300
Valor annual do sargaço, 1:200$000 réis.

Vianna possue enormes armazens para depositos de bacalhau, por isso que por este porto se faz quasi toda a importação d'este peixe, de proveniencia estrangeira, para consumo da provincia do Minho.

Darque. — Os pescadores de Darque empregam-se exclusivamente na pesca fluvial, havendo approximadamente para este fim 22 embarcações com 50 tripulantes.

A quantidade, qualidade e valor da pesca fluvial no rio Lima podem-se avaliar no mappa que se segue, elaborado pela alfandega de Vianna:

Mappa da quantidade, qualidade e valor da pesca fluvial do rio Lima, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Lampreias	361	1:019	143$315	284$825
Saveis	267	252	79$945	99$421
Salmões	3	-	12$720	-$-
Mugens	9:100	44:003	45$414	179$290
Chaliços	5:122	6:690	29$075	51$195
Solhas	-	50	-$-	1$360
			310$469	616$091

A maior parte do peixe pescado no rio escapa ao manifesto, rasão por que, sendo abundantissima no Lima, a pesca das solhas, figuram apenas no mappa fornecido pela alfandega cincoenta d'estes peixes em todo o anno de 1886, numero muito inferior ao que d'ellas apanham frequentes vezes em um unico dia, e os chaliços, nome que ali dão aos robalos pequenos, pescados diariamente em grande escala, não chegam no mappa a 60$000 réis.

ENTRE OS RIOS LIMA E CÁVADO

Em toda a costa maritima comprehendida entre o rio Lima e o rio Cávado se exploram as aguas em grande escala, embora não haja um porto de pesca propriamente dito dentro d'estes limites.

Os lavradores do litoral, que affluem á praia para a colheita do sargaço, empregam jangadas e barcos n'esta exploração, e ao mesmo tempo servem-se das embarcações para o lançamento de apparelhos de pesca, com o fim de alcançarem peixe para o seu consumo, e não poucas vezes tambem para negocio.

No rio Neiva, que desemboca no oceano quasi a meia distancia do Lima ao Cávado, tambem se exerce a pesca, podendo até considerar-se importante a captura da lampreia na zona fluvial proxima da embocadura até onde chegam as aguas das marés.

Os portos de pesca e de sargaço que ha n'esta costa são:

Moinho do Bispo.
Neiva.
S. Bartholomeu do Mar.
Marinhas.

Moinho do Bispo.—Entre os rios Lima e Neiva, mas mais proximo d'este ultimo, existem no litoral, na primeira elevação das dunas adjacentes á praia, algumas barracas ou cabanas e um posto fiscal aduaneiro, no sitio denominado *Moinho do Bispo*, constituindo um centro de colheita de sargaço, que não só é apanhado na praia, como tambem nos rochedos fronteiros, com o auxilio de embarcações e jangadas.

O mappa seguinte dá uma idéa approximada d'esta exploração:

Numero de pessoas ao sargaço	50
Numero de embarcações	7
Numero de jangadas	15
Numero de carradas	250

Valor annual do sargaço, 1:000$000 réis.

O valor do peixe pescado n'esta zona do litoral é difficil de calcular, porque o posto fiscal não cobra o imposto respectivo á pesca que os lavradores fazem para seu consumo, ainda que elles, como succede em outros pontos da costa, vendam a excedente, indo até muita pescaria para Castello de Neiva e arredores.

Para dar idéa, porém, da pesca n'esta região, e podermos entrar com o seu valor approximado na avaliação que mais tarde fizermos de todo o

PEIXÃO, pag. 36

peixe apanhado pelos pescadores do continente do reino, calcularemos pelas informações locaes, naturalmente de calculo baixo, em 600$000 réis a importancia do peixe, que de bordo das sete embarcações e da praia e rochedos se captiva n'esta região.

Neiva. — Apesar da foz do Neiva ser muito obstruida pelas areias, ainda assim entram o rio algumas especies de peixes do mar, e encontram-se em abundancia *tainhas, mugens, robaliços, solhas, trutas* e *bogas,* tanto no curso inferior como nos ramaes entre as azenhas.

N'este rio é muito importante a pesca da lampreia, dando-se a respeito d'ella um facto muito extraordinario, que nos foi confirmado por diversas pessoas da localidade, qual é o de um individuo d'ali ter-se apropriado do privilegio d'esta pesca, que elle diz ter comprado á casa de Bragança, colocando uma rede de estacada a curta distancia da foz, impedindo assim que as lampreias subam o rio, e captivando-as todas, para o que tem uma embarcação e apparelhos convenientes, os quaes, passada esta epocha, arrecada em uma casa que fez construir na margem esquerda, mesmo á beira do rio.

Segundo informações locaes, em cada maré pescam-se aqui umas dezeseis a dezoito lampreias, termo medio, podendo-se pois calcular, em quatro mezes de temporada d'este peixe, um total de duas mil lampreias, das quaes este individuo não paga imposto algum, apesar de haver mesmo ao lado do local da pesca um posto fiscal aduaneiro.

Proximo da foz ha uma barca de passagem, que os amadores utilisam na pesca das especies miudas, subindo o rio até perto do primeiro açude junto á ermida de Santa Tecla.

No segundo açude, que atravessa este rio, existe um engenho automatico de pesca, cuja descripção mais tarde apresentaremos quando tratarmos dos apparelhos usados na pesca fluvial.

Ainda que não haja dados officiaes para avaliar a pesca no rio Neiva, formaremos um quadro approximado, segundo os esclarecimentos que ali obtivemos, referidos a 1887.

Nota sobre a pesca no rio Neiva durante o anno de 1887

Pesca na foz		Pesca da lampreia na estacada			Pesca nos engenhos		Pesca no curso superior — Valor do pescado	Valor total do pescado
Numero de embarcações	Valor do pescado	Numero de barcos	Numero de lampreias	Valor	Numero de engenhos	Valor do pescado		
2	40$000	1	2:000	480$000	1	45$000	60$000	625$000

Os habitantes da costa do Neiva tambem colhem o sargaço na praia e nos rochedos fronteiros, usando de jangadas para este fim.

Numero de pessoas empregadas na apanha do sargaço 40
Numero de jangadas 7
Numero de carradas de sargaço..... 160
Valor annual do sargaço, 640$000 réis.

S. Bartholomeu do Mar. — Na costa de *S. Bartholomeu,* que se desenvolve para o sul da foz do rio Neiva, tambem se apanha o sargaço em grande escala, não só com os apparelhos respectivos, mas empregando as jangadas em grande numero.

Apesar de não usarem embarcações n'esta região da costa, ainda assim pesca-se em toda ella de cima dos rochedos e das jangadas.

Costumam aqui, nas grandes baixamares de marés vivas, colher os depositos calcareos que se formam sobre a penedia, e que consistem em agglomerados dos nateiros depostos pelas aguas e dos embryões e pequenos seres —crustaceos, molluscos e radiarios— que em grande abundancia aqui se propagam, para os applicar como adubo das terras, e dando-lhe o nome de *barranha.*

Podèmos dar idéa d'esta colheita nos dados seguintes:

Numero de pessoas empregadas n'esta exploração.... 70
Numero de jangadas 15
Numero de carradas de sargaço e *barranha*..... 280
Valor annual do sargaço e *barranha,* 1:120$000 réis.

Com respeito á importancia da pesca n'esta costa, póde-se ella calcular annualmente em 200$000 réis.

Marinhas. — Fica situada a costa das *Marinhas* entre a de *S. Bartholomeu* e a foz do rio Cávado.

Tambem n'esta parte do litoral se explora o sargaço do mar, e se exerce a pesca, principalmente a do *polvo,* nos rochedos da *Redonda, Salto, Cardas, Robaleiras* e muitas outras pedras que orlam a praia.

Ha aqui quatro barcos para a pesca costeira, que tambem se empregam na pesca fluvial do Cávado, quando o mar não permitte a pesca fóra, e doze jangadas de madeira e cortiça para irem ao polvo.

A pesca n'esta costa tem o movimento seguinte:

Numero de barcos de pesca..... 4
Numero de jangadas 12
Numero de tripulantes..... 30
Valor annual do pescado, 450$000 réis

A colheita do sargaço é assim representada:

Numero de pessoas..... 40
Numero de carradas..... 160
Valor annual do sargaço, 640$000 réis.

*
* *

Reunindo em um unico mappa os dados relativos á pesca feita entre os rios Lima e Cávado, teremos:

Mappa do movimento da pesca na costa comprehendida entre os rios Lima e Cavado e no rio Neiva, referido ao anno de 1887

Embarcações		Jangadas		Valor total do pescado
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	
13	48	12	16	1:875$000

A colheita do sargaço e barranha, feita em toda esta costa, desde o Lima até ao Cávado, é representada pelos numeros seguintes:

Numero de pessoas..... 200
Numero de jangadas..... 37
Numero de carradas..... 850
Valor annual do sargaço e barranha, 3:400$000 réis.

Estes dados referentes á pesca e á colheita do sargaço, ainda os julgâmos inferiores ao seu valor real; mas uma avaliação exacta no estado actual da fiscalisação d'estas duas industrias é completamente impossivel, não sendo comtudo muito longe da verdade os que apontámos.

RIO CÁVADO

A curta distancia da foz do rio Cávado fica na margem direita a villa de Espozende, possuindo em frente um porto fluvial, que se estende até á villa de Fão, estabelecida na margem opposta para montante d'aquella.

Este porto de importancia commercial muito limitada é no emtanto um centro de grande movimento de pesca maritima do alto e costeira e de pesca fluvial, possuindo Espozende muito maior numero de embarcações e pescadores do que Fão.

No rio Cávado entram as especies de peixes emigrantes —savel e lampreia, sendo rarissimo o salmão— affluem com a maré as especies menores de proveniencia maritima, e dão-se quasi todas as variedades de agua doce.

O rio para montante de Fão, uns 8 kilometros, é obstruido pelo primeiro açude das azenhas de Fornellos, sendo difficil a passagem do peixe para o curso superior, a não ser nas occasiões em que o volume de agua augmenta a ponto de cobrir as levadas.

N'este primeiro açude ha um engenho automatico de pesca, onde uma ou outra vez cáe o salmão.

Os pescadores de Espozende e Fão dedicam-se de preferencia á pesca da pescada e da lagosta, sendo esta ultima de grande importancia, mas dando o maior lucro aos estrangeiros que têem para aqui estabelecida uma carreira regular de navios viveiros e que a compram por baixo preço para a transportar para os depositos da costa de França, de onde a lançam nos principaes mercados por elevado preço; bastando para dar idéa d'este negocio o notar que o preço medio d'este crustaceo vivo aqui é de 120 réis, e que o menor preço por que se vende, por exemplo, em Paris na epocha de abundancia é de 10 francos, attingindo, fóra da temporada de pesca, quando a lagosta é unicamente fornecida pelos viveiros—25 francos, valor medio, e até a importante cifra de 60 francos no mercado de Madrid.

O mappa seguinte mostra o numero de embarcações de pesca e de tripulantes do porto de Espozende e Fão no anno de 1887.

Mappa das embarcações de pesca e respectivas tripulações, pertencentes ao porto de Espozende e Fão, referido a 1887

Pesca do alto		Pesca costeira		Pesca fluvial		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Bateis	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
13	200	40	160	8	16	61	376

A pesca fluvial no Cávado, feita geralmente com redes de estacada e á fisga, póde avaliar-se pelo mappa que se segue:

Mappa da qualidade, quantidade e valor da pesca fluvial no rio Cávado dada ao manifesto, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Lampreias	72	353	30$050	141$200
Mugens	554	9:000	55$540	90$000
Solhas	500	3:049	5$000	30$490
			90$590	261$690

J. Almeida

RUIVO *(trigla hirundo)*, pag. 37

A pesca maritima do alto e costeira vae representada no quadro seguinte fornecido pela delegação aduaneira de Espozende:

Mappa da qualidade, quantidade e valor da pesca maritima dada ao manifesto no posto fiscal de Espozende, durante os annos de 1885 e 1886

Designação das especies	Quantidade		Valor	
	1885	1886	1885	1886
Sardinhas	22:000	45:000	33$000	90$000
Pescadas	15:263	10:270	1:711$560	2:054$000
Raias	2:700	70	261$000	9$800
Fanecas	2:514	2:069	12$570	10$345
Congros	200	91	40$000	27$300
Cações	–	50	–$–	1$500
Rodovalhos	27	6	22$400	10$000
Ruivos	960	–	48$000	–$–
Mureias	–	11	–$–	1$100
Lagostas	13:100	29:700	1:310$000	2:928$000
Arolas	–	130	–$–	7$800
Pilado (barcadas)	–	27	–$–	282$067
			3:438$530	5.421$912

Começa d'este porto para o S. a apanha do caranguejo, que denominam *pilado*, para ser empregado no adubo das terras.

A colheita do sargaço, feita pelas pessoas d'esta localidade, no interior do porto, embocadura do rio e costa adjacente, tem a seguinte importancia:

Numero de pessoas 50
Numero de carradas 200
Valor annual do sargaço, 800$000 réis.

Não mencionámos ainda o valor do peixe, capturado no engenho da azenha de Fornellos, nem do que é pescado em todo o curso de agua doce do rio, sendo difficil o seu calculo, que por estimativa computaremos em 120$000 réis annualmente.

ENTRE OS RIOS CÁVADO E AVE

Na costa, limitada ao N. pelo rio Cávado e ao S. pelo rio Ave, existe o porto de pesca maritima mais importante de todo o continente do reino,

importancia devida ao grande numero de embarcações de pesca e de pescadores, e ao consideravel valor annual do peixe por elles apanhado. É a Povoa de Varzim.

Alem d'este ha tambem outros portos de importancia secundaria, onde a pesca tem maior ou menor desenvolvimento, e que devem ser principalmente considerados portos de sargaço.

Os centros de pesca e de apanha de sargaço comprehendidos n'esta zona do litoral, são:

Costa de Fão.
Frade.
Sedovem.
Apulia.
Aguçadoura.
Abremar.
Povoa de Varzim.

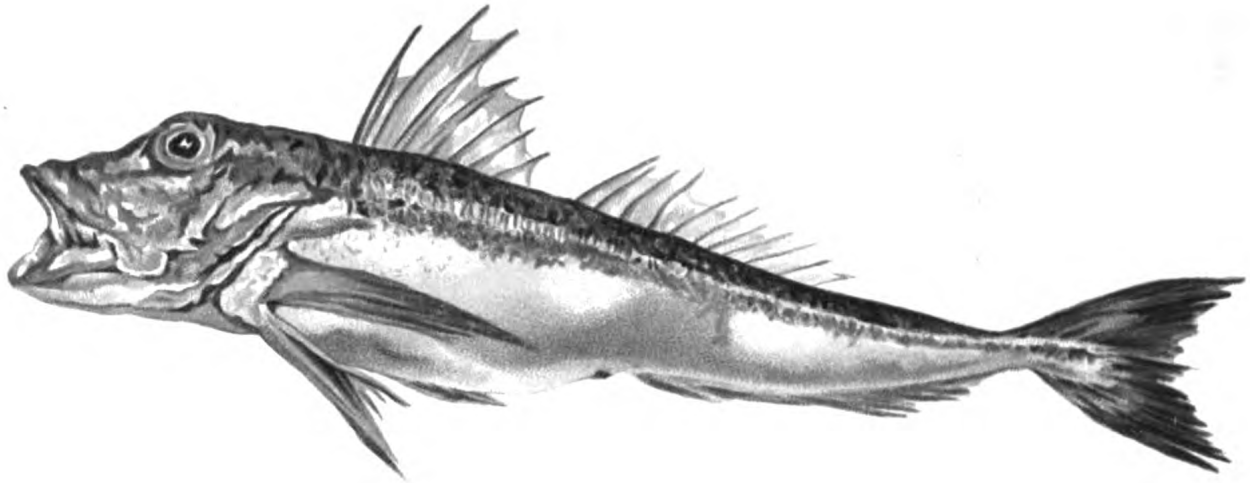
RADCLIFFE

Costa de Fão. — No areal que se estende para o S. da foz do rio Cávado, formado por uma praia de fraco declive com dunas para o interior, ha umas dezeseis barracas, quasi E.-W. com a villa de Fão, onde os lavradores que vem á apanha do sargaço e os pescadores guardam os utensilios, barcos e jangadas.

Um pouco ao N. d'esta costa, em frente dos Cavallos de Fão, ha um ponto da praia, denominado *Lanchas*, onde os pescadores podem varar as embarcações quando a barra de Espozende já não é accessivel. Para conseguir isto esperam elles ao largo o momento da baixamar, e demandam então a terra pelo N. da pedra chamada *moinho do norte,* seguindo para S. por E. dos Cavallos de Fão e remando com força ao abrigo d'estes até alcançar a praia pelo S. da casa do *salva-vidas* que ali existe; esta manobra é arriscada mas impõe-se pela força do temporal.

Esta embarcação de soccorro tem casa propria, mas nas condições em que está actualmente de nada póde servir, porque não tem pessoal adestrado, nem póde ser lançada ao mar, em consequencia do impedimento que as dunas de areia fizeram em volta da casa, elevando-se já ao nivel do telhado e obstruindo completamente a porta.

A situação dos Cavallos de Fão e a profundidade que ha entre elles e a costa, prestavam-se excellentemente á construcção n'este ponto de um refugio ou abrigo para valer ás embarcações de pesca e até aos navios quando houvesse tempestade na costa do N. do continente, possuindo para porto de abrigo condições muito superiores aos Leixões do Porto, onde actualmente está quasi a concluir-se uma obra para satisfazer a este fim, mas contra a qual todos os maritimos são concordes em affirmar que é de difficil, mesmo perigoso, accesso nas occasiões de travessia.



ALMUNHA (gen.° *trigla*), pag. 36

Na *Costa de Fão* ha para a pesca e para a colheita do sargaço as seguintes embarcações e jangadas:

Embarcações, jangadas, tripulantes e pessoas empregadas na apanha do sargaço e na pesca na costa de Fão, referido ao anno de 1887

Barcos		Jangadas		Pessoas que colhem o sargaço das praias	Numero total de pessoas empregadas na pesca e na colheita do sargaço
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes		
7	28	5	10	30	68

A importancia d'esta costa é dada pelos seguintes numeros:

Numero de carradas de sargaço..... 272
Valor annual do sargaço apanhado, 1:088$000 réis
Valor annual do pescado, 280$000 réis.

Frade ou *Gramadoira.*—Pelo S. da Costa de Fão ha um outro arraial com umas trinta e cinco barracas, pertencentes á freguezia de Fonte Boa, onde se reunem as pessoas d'esta freguezia que exploram as aguas da costa fronteira, constituindo este sitio o denominado porto de sargaço e de pesca do *Frade* ou *Gramadoira.*

É importante a colheita de algas marinhas que se faz n'esta parte da costa, e a pesca da lagosta, na epocha propria, para vender aos navios francezes que frequentam esta paragem.

Ha n'este porto grande numero de embarcações, como se vê no mappa seguinte:

Embarcações, jangadas, tripulantes e pessoas para a colheita do sargaço e pesca do porto do Frade, referido ao anno de 1887

Barcos		Bateiras		Jangadas		Sargaceiros a pé	Numero total de pessoas
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes		
50	150	4	8	12	24	18	200

A colheita do sargaço e a pesca têem aqui o valor indicado nos numeros que se seguem:

Numero de carradas de sargaço..... 600
Valor annual do sargaço, 2:400$000 réis.
Valor annual do pescado, 2:160$000 réis.

Sedovem. — Ainda mais para o S., existe um outro porto de sargaço e pesca, mais importante do que o anterior, possuindo cincoenta e seis barracas, denominado de *Sedovem.*

A principal pesca consiste em lagosta e polvo, começando n'este ponto da costa a apanha em grande escala do caranguejo empregado para adubo das terras, exploração esta que, em todo o litoral, a partir d'aqui, até á foz do rio Mondego, toma grande incremento, substituindo em grande parte a colheita do sargaço, usado para o mesmo fim.

No porto de *Sedovem* ha o movimento seguinte:

Embarcações, jangadas, tripulantes e sargaceiros do porto de Sedovem, anno de 1887

Barcos		Bateiras		Jangadas		Sargaceiros a pé	Numero total de pessoas
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes		
53	159	3	6	4	8	30	203

Numero de carradas de sargaço..... 609
Valor annual do sargaço, 2:436$000 réis.
Valor annual do pescado, 2:240$000 réis.

Apulia. — Esta tão conhecida e agradavel praia de banhos, tambem é um porto de sargaço e de pesca, não possuindo muitas embarcações, mas tendo em compensação grande numero de jangadas de uma construcção especial, a que chamam *barcas,* e sobre as quaes vão explorar os rochedos das extensas restingas que orlam a costa para o lado do norte.

A principal pesca consiste aqui em *polvo, pilado* e variedades de peixe miudo que se approximam muito da costa.

Os dados que abaixo apresentâmos elucidam sobre o movimento d'este porto, que merece alguma importancia como porto de sargaço:

Embarcações, jangadas, tripulantes e sargaceiros do porto da Apulia, anno de 1887

Barcos		Bateiras		Jangadas		Sargaceiros a pé	Numero total de pessoas
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes		
9	27	3	6	157	157	10	200

Numero de carradas de sargaço..... 600
Valor annual do sargaço, 2:400$000 réis.
Valor annual do pescado, 600$000 réis.

Aguçadoura. — Para o sul da Apulia fórma a linha de costa uma ponta arenosa, muito avançada para o mar, que tem o nome de *aguçadoura,* d'onde vem o nome ao pequeno porto de pesca que ali existe.

O mappa seguinte, fornecido pela delegação maritima da Povoa de Varzim, mostra a importancia da pesca no porto da *Aguçadoura:*

Mappa do movimento de pesca no porto da Aguçadoura, em 1885 e 1886

Numero de embarcações		Numero de tripulantes		Designação das especies	Quantidade		Valor	
1885	1886	1885	1886		1885	1886	1885	1886
43	43	120	140	Pilado (barcos)....	1	31	4$160	257$720
-	-	-	-	Sardinhas.....	-	-	3$940	20$000
-	-	-	-	Outras especies....	11:000	12:000	60$000	68$320
							68$100	346$040

N'este porto tambem se colhe o sargaço, mas em muito menor escala do que nos portos que lhe ficam para o norte.

Abremar. — Na curvatura formada pela costa a partir da Aguçadoura, no recanto do sul proximo da *Forcada,* existe a praia de banhos de *Abremar,* que tambem é porto de pesca costeira, avultando n'ella a apanha do caranguejo para adubo.

Os dados abaixo mencionados dão idéa da importancia da pesca n'esta localidade:

Mappa do movimento de pesca no porto de Abremar, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações de pesca		Valor do peixe pescado	Valor do pilado	Valor total
	Numero	Tripulantes			
1885	24	138	1:887$260	-$-	1:887$260
1886	46	162	1:909$700	3:044$640	4:954$340

Povoa de Varzim. — A uns 3 kilometros para o norte da foz do rio Ave, fórma a costa uma enseada muito aberta entre a *Ponta da Insua* e a

Ponta da Gaivoteira, distante 2:700 metros, e constituindo o porto da *Povoa de Varzim.*

Alem de ser uma excellente praia de banhos, é esta localidade um centro de pescarias de grande actividade, o mais importante de todo o litoral do paiz, sendo notavel pelo arrojo e tenacidade da classe pescadora, constantemente dedicada aos trabalhos no mar, durante todo o anno, tendo apenas como igual em coragem e aptidão profissional os pescadores do porto de Olhão, que, alem da pesca do alto e costeira, a que os poveiros se applicam, ainda vão procurar em mares distantes campo mais vasto para exercer a sua arte.

O poveiro está tão identificado com a vida fluctuante sobre as aguas, e é de uma originalidade tão singular, que nasce, por assim dizer, sobre ellas, passa a existencia luctando com o oceano e convivendo de perto com os seres que o habitam, terminando os seus dias ainda n'este mesmo elemento, sem ter durante aquelle longo periodo pensado e vivido senão do mar, barcos, peixes, redes, anzoes e linhas.

Os pescadores da Povoa vão levar o peixe a todos os portos do continente.

Em havendo abundancia d'elle, expandem para todo o litoral em demanda de mercado, navegando nos seus toscos barcos, que constituem um mixto de *atelier* de trabalho, meio de villegiatura e exercicio recreativo. Quando escasseia o peixe, ou quando a tempestade bate a costa durante dias successivos, tambem irradiam para todos os pontos povoados, mas então por terra, a pé, estendendo a mão á caridade publica para lhes mitigar a fome, forçados pela necessidade real, que, em Portugal, apenas se encontra nos centros populosos de pesca nas occasiões de penuria.

Os poveiros entregam-se em grande escala á pesca do alto, sendo consideravel o valor annual das pescadas por elles capturadas a grande distancia da terra, e das especies de peixes de maiores dimensões que cáem nas redes do alto.

A importancia da sardinha por elles pescada com redes de enmalhar excede annualmente 50:000$000 réis.

O mappa que abaixo apresentâmos, sobre o movimento de pesca d'este porto, é por si assás eloquente para bem fazer realçar a grande somma de trabalhos e perigos, a que esta densa e forte colonia de luctadores tem de se entregar, para arrancar das aguas annualmente uma riqueza superior a 115:000$000 réis.

Os poveiros exploram as aguas do oceano desde a linha da baixamar, empregando redes de alar para a terra, até ao banco da pescada, com terra alagada, a muitas leguas de distancia da costa, onde lançam as grandes redes de fundo de enmalhar, e em toda a zona maritima comprehendida entre estes limites, não deixam um unico ponto que não seja reconhecido

CABRA DE ARGEL, pag. 36

pelos milhares de apparelhos de pesca, tanto de rede como de anzol, que constantemente empregam na exploração dos seres que vivem nas aguas.

Mappa do movimento de pesca maritima do porto da Povoa de Varzim, referido aos annos de 1885 e 1886

Numero de embarcações		Numero de pescadores		Designação das especies	Quantidade		Valor do pescado	
1885	1886	1885	1886		1885	1886	1885	1886
				Sardinhas..	32.360:000	25.473:000	64:723$660	50:947$460
				Raias	83:606	75:000	5:000$000	7:500$000
				Fanecas ...	350:000	280:000	1:000$000	800$000
				Pescadas...	150:000	197:000	31:815$940	39:502$440
				Congros ...	11:666	8:600	3:500$000	2:600$000
				Cações	100:000	138:000	5:000$000	6:900$000
674	699	4:300	4:500	Rodovalhos	4:000	3:200	2:000$000	1:600$000
				Moreias ...	2:000	1:000	200$000	100$000
				Ruivos	28:000	40:000	2:800$000	4:000$000
				Lagostas...	10:000	7:000	1:000$000	700$000
				Arolas	12:500	20:000	500$000	400$000
				Pilado (barcos)	–	13	–$–	564$000
							117:539$600	115:613$900

Na enseada da Povoa de Varzim está actualmente em construcção um quebramar, para servir de abrigo ás embarcações de pesca, tornando accessivel este porto nas occasiões de tempestade.

RIO AVE

A pesca na bacia litoral do rio Ave é insignificante, por isso que logo a curta distancia da foz passa a ponte do caminho de ferro, e é o leito do rio obstruido pelos açudes das azenhas, tornando muito limitada a area onde o fluxo e refluxo das marés se faz sentir, e portanto aquella tambem para a qual podem entrar as especies de peixes domiciliadas na costa e as emigrantes.

Nos intervallos das levadas ha as pequenas variedades de agua doce.

Na margem direita d'este rio fica Villa do Conde, em cujo porto, formado pela zona salgada do Ave, ha muitas embarcações de pesca que sáem a barra para exercer esta industria nas aguas maritimas.

Villa do Conde. — Os pescadores d'este porto dedicam-se á pesca do alto e costeira, fazendo tambem abundante colheita de pilado.

A principal pescaria consiste em pescada, sardinha, faneca, congro e ruivo, como se deprehende do mappa do movimento da pesca d'este porto, que abaixo se segue.

Mappa do movimento de pesca maritima do porto de Villa do Conde, comprehendendo Villa Chã, nos annos de 1885 e 1886

Numero de embarcações		Numero de pescadores		Designação das especies	Quantidade		Valor do pescado	
1885	1886	1885	1886		1885	1886	1885	1886
67	71	302	310	Sardinhas	300:000	500:000	600$000	1:000$000
				Raias	1:000	2:200	100$000	220$000
				Fanecas	200:000	360:000	360$000	1:080$000
				Pescadas	6:400	12:000	960$000	2:400$000
				Congros	1:000	2:000	300$000	600$000
				Cações	800	1:000	40$000	50$000
				Ruivos	2:000	4:000	200$000	400$000
				Lagostas.....	2:000	3:000	200$000	300$000
				Arólas	1:000	1:500	40$000	60$000
				Pilado (barcos)	40	45	1:183$770	2:705$580
							3:983$770	8:815$580

O porto de Villa do Conde, outr'ora tão notavel pelos estaleiros navaes que possuia e pelo seu movimento commercial, está hoje reduzido ás modestas proporções de pequinissima cabotagem e de pesca.

ENTRE OS RIOS AVE E DOURO

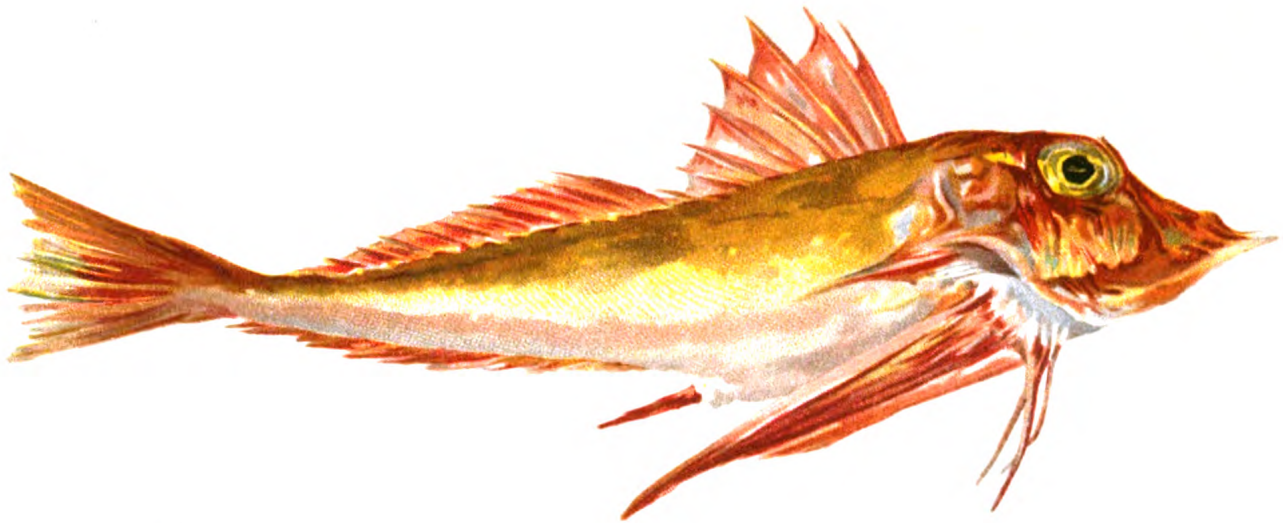
São relativamente importantes os pequenos portos de pesca situados na costa comprehendida entre o rio Ave e o rio Douro, principalmente o de Leça e Matosinhos, no qual, em 1886, o valor do pescado foi superior a 42:000$000 réis.

Estes portos são:

Villa Chã.

Lavra.

Leça e *Matosinhos.*



J. Almeida

CABRA *(trigla lyra*, Lin.), pag. 37

Villa Chã. — A praia d'este nome fica situada a pouco mais de uma legua para o sul da foz do rio Ave, tendo algumas barracas pelo norte de um pequeno riacho, que desagúa no mar, no sitio denominado Facha, um pouco ao sul da celebre praia do Mindello.

Os pescadores d'este porto entregam-se principalmente á pesca costeira, a qual póde ser representada pelos algarismos seguintes:

Nota do movimento de pesca do porto de Villa Chã

Numero de embarcações	Numero de pessoas	Designação das especies pescadas	Valor do pescado	
			1885	1886
35	140	Sardinhas	247$580	56$160
		Peixes diversos	1:187$080	5:957$960
		Pilado	-$-	740
			1:434$660	6:014$860

Lavra. — A uns 4 kilometros ao sul do porto anterior e a menos de 3 kilometros para o norte da Memoria do desembarque do exercito libertador, que se eleva na praia de Pampelido, fica a praia de *Lavra,* que tambem é porto de pesca costeira, sendo até importante em alguns annos a colheita de pilado que ali se faz.

Mappa do movimento de pesca do porto de Lavra

Numero de embarcações	Numero de tripulantes	Designação das especies pescadas	Valor do pescado	
			1885	1886
40	160	Sardinhas	36$760	-$-
		Peixes diversos	357$780	2:041$960
		Pilado	-$-	4:718$260
			394$540	6:760$220

N'este porto, alem dos tripulantes das embarcações indicados no mappa respectivo, ha tambem pescadores da beiramar, e mulheres que coadjuvam as companhas a puxar as redes para a terra, o que em geral succede em todos os pontos da nossa costa, onde se empregam as artes de arrastar para a terra.

Leça e *Matosinhos.*—A embocadura do rio Leça constitue um porto de pesca maritima, exercida pelos pescadores das duas povoações marginaes e fronteiras —Leça da Palmeira e Matosinhos— onde o valor do pescado attinge em media 40:000$000 réis.

A pesca da sardinha é aqui muito importante.

Este porto fica actualmente encravado dentro do porto artificial de Leixões.

Os mappas seguintes dão medida da exploração d'esta industria:

Nota das embarcações e tripulantes do porto de Leça e Matosinhos destinados á pesca, anno de 1887

Pesca do alto		Pesca costeira		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
1	23	37	148	38	171

Nota do valor do pescado no porto de Leça e Matosinhos, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Pilado	Sardinha	Peixes diversos	Valor total
1885.....	139$380	24:544$380	17:621$220	42:304$980
1886.....	3:846$420	27:769$500	11:034$160	42:650$080

Os pescadores d'este porto pescam tambem dos rochedos que orlam a costa, e sobem o rio Douro na epocha da pesca fluvial para se dedicarem a esta exploração.

RIO DOURO

É muito importante a pesca do alto, costeira e fluvial, exercida pelos pescadores dos portos situados nas margens do Douro.

Estes portos são, a partir da embocadura, os seguintes:

Foz.

Afurada.

Porto.

Valbom.

Foz do Sousa.

Pedorido.

Os quatro primeiros são portos de pesca maritima e fluvial, os dois ultimos sómente de pesca no rio.

Foz.—Fica situado este porto de pesca no angulo que fórma a margem direita do rio Douro na embocadura.

Os pescadores d'aqui dedicam-se principalmente á pesca do alto, empregando-se na pesca do rio unicamente quando não podem saír para o mar.

Quasi todo o pescado d'este porto é para consumo da cidade.

Os mappas seguintes dão idéa do seu movimento:

Mappa das embarcações de pesca e tripulantes do porto da Foz, referido a 1887

Pesca do alto		Pesca costeira e fluvial		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
6	100	20	80	26	180

Mappa do valor do pescado na Foz, durante os annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	405$680	3:129$560	13:763$640	17:298$880
1886.....	14:775$740	8:256$080	19:731$160	42:762$980

Afurada.—Situado na margem esquerda do rio Douro, na parte de leste da enseada de S. Paio, que o rio fórma ao sul junto á embocadura, fica este importante porto de pesca do alto, costeira e fluvial.

Este centro de pescarias é constituido na maior parte pelos pescadores emigrantes da ria de Aveiro, principalmente da Murtoza, que exploram em grande escala o *mexoalho*, nome que começam aqui a dar ao caranguejo empregado para adubo das terras, e que se dedicam nas epochas proprias á pesca no rio Douro.

O mappa que se segue mostra a sua importancia:

Mappa do numero de embarcações de pesca e tripulantes da Afurada, referido a 1887

Pesca do alto		Pesca costeira e fluvial		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
4	80	250	400	254	480

O peixe apanhado pelos pescadores da *Afurada* entra quasi todo no Porto, o que torna impossivel apresentar um mappa d'esta pescaria.

Porto.—Propriamente da cidade do Porto poucas pessoas se dedicam á pesca, a não ser á da linha de cima das margens do rio, no emtanto o valor do peixe, que dá entrada na cidade é importante, porque de todos os portos de pesca mais proximos é trazido para este grande centro de consumo, o primeiro do norte do reino.

Ainda assim pertencem á cidade duas embarcações da pesca do alto, como se vê no mappa seguinte:

Mappa das embarcações de pesca do Porto, em 1888

Pesca do alto				Total	
Vapor		Lancha		Numero de embarcações	Numero de tripulantes
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes		
1	5	1	23	2	28

É muito moderna entre nós a pesca a vapor com redes de arrastar pelo fundo, por isso que foi este o primeiro barco munido de *chalut,* que obteve licença em 1888 para esta exploração.

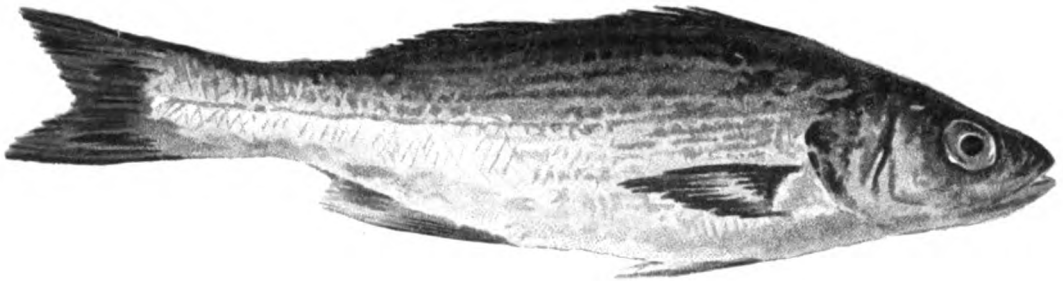
O mappa que se segue indica o valor do peixe, proveniente de differentes portos, que deu entrada nos mercados da Cordoaria e Guindaes, durante os annos de 1885 e 1886.

Mappa do valor do pescado que deu entrada nos mercados da Cordoaria e Guindaes da cidade do Porto, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	—$—	47:533$180	47:533$180
1886.....	491$840	35:236$820	35:728$660

Valbom.—Fica situado este populoso centro da classe pescadora na margem direita do rio Douro a 2 leguas da foz, empregando-se parte na pesca do alto e costeira, e outra parte na pesca fluvial.

É d'este porto que sáem as lanchas para a captura da pescada do alto.



J. d'Almeida

ROBALO (*Labrax lupus*, C.), pag. 37

O numero de embarcações e tripulantes vae consignado no mappa seguinte:

Mappa das embarcações de pesca e tripulantes de Valbom, no anno de 1888

Pesca do alto		Pesca costeira e fluvial		Total	
Lanchas	Tripulantes	Barcos	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
8	222	150	300	158	522

O peixe apanhado pelos pescadores de *Valbom* dá entrada no Porto e nas povoações marginaes do Douro.

Foz do Souza.—Pequena povoação de pescadores na margem direita do rio Douro, a 3 leguas da foz, proximo da confluencia com o rio *Souza,* onde tem grande importancia a pesca fluvial na epocha da entrada do savel e da lampreia, principalmente no sitio denominado —*Moinho do Verdugo*— que constitue um excellente pesqueiro.

Pedorido.—Na margem esquerda do Douro, 4 leguas acima da foz do Souza, um pouco a oeste da confluencia do rio *Arda,* fica este porto de pesca fluvial.

N'este porto, no anterior e em todo o rio Douro, para cima ainda de Castello de Paiva, ha muitas embarcações de pesca, cujo numero e tripulações é difficil de indicar, podendo apenas dizer-se que, na epocha do savel e da lampreia, as duas especies mais importantes que procuram este volumoso curso de agua, até os lavradores largam o arado e veem para o rio, e as companhas do alto e da costa, dividem-se em grupos de tres e quatro por barcos pequenos, que exploram todo o curso mais importante do rio e seus affluentes, não sendo longe da verdade o calculo de umas quinhentas embarcações empregadas na pesca fluvial durante esta temporada.

ENTRE OS RIOS DOURO E VOUGA

É muitissimo importante toda esta costa, comprehendida entre a foz do rio Douro e a barra de Aveiro, sob o ponto de vista da pesca, exercendo-se em toda ella principalmente a pesca costeira por meio de apparelhos de rede de arrastar para a terra, denominados *artes de pesca.*

A principal pescaria é a sardinha e o mexoalho, ainda que nas redes destinadas a estas especies possa cair toda a variedade de peixes, que se approximam de terra dentro da área de lançamento das *artes.*

N'esta costa, em 1885, foi muito escassa a pesca da sardinha, porém no anno immediato tornou-se muito abundante, podendo considerar-se — 1885 um anno mau e 1886 um anno bom, e avaliar-se pelos dados relativos a estes dois annos a importancia media de cada porto.

Os portos de pesca d'esta costa são:

Lavadores.
Granja.
Espinho.
Paramos.
Esmoris.
Maceda.
Furadouro.
Torreira.
S. Jacinto.

Lavadores. — Fica situado na costa, logo pelo sul da embocadura do rio Douro, a pouco mais de 1 kilometro da Ponta do Cabedello.

Não é importante a pesca n'esta localidade, empregando-se apenas alguns barcos na pesca costeira do mexoalho, mas apanha-se muita pescaria quando a esta praia affluem os pescadores da Afurada, fazendo aqui varadouro para as suas embarcações, e dedicando-se á pesca maritima nas occasiões em que o peixe escasseia no rio Douro.

O mappa seguinte mostra o valor do pescado n'este porto:

Mappa do valor do peixe dado ao manifesto no posto fiscal de Laveiras, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	327$600	385$600	9:032$680	9:745$880
1886.....	66$880	-$-	2:597$120	2:654$000

Granja. — É bem conhecida a praia de banhos da *Granja,* situada a 2 1/2 leguas para o sul da foz do rio Douro, e distante apenas uns 3 kilometros para o norte de uma outra praia, tambem bastante frequentada, que é a de *Espinho.*

A pesca na *Granja* é muito limitada, restringindo-se unicamente á apanha do mexoalho e á captura de algumas especies, que se approximam muito da praia.

N'este ponto da costa ha um arraial de umas dez barracas, algumas grandes, pertencentes aos pescadores, existindo tambem quatro embarcações, tripuladas por trinta homens.

J. Almeida

LAMPREIA *(petromizon marinus)*, pag. 51

MUREIA *(muraena helena)*, pag. 38

Os pescadores da Afurada aproveitam este porto quando ha pouco peixe no Douro, e têem aqui uns vinte e cinco barcos varados na praia para lhes servirem n'estas occasiões.

Espinho.—Este porto de pesca costeira é muito importante pela grande quantidade de sardinha, que fornece annualmente para exportação. Esta sardinha vae salgada ou de salmoura para Hespanha e Brazil, e em conserva de azeite para estes dois paizes e tambem para França e Inglaterra.

Na preparação das conservas em latas empregam-se umas cento e trinta pessoas.

Regula o preço de um milheiro de sardinhas em salmoura por 900 réis, e cada lata contendo cinco a seis sardinhas em conserva custa 100 réis.

A apanha do mexoalho é muito importante n'esta praia, onde é vulgarissimo ver-se a permutação d'estes fetidos caranguejos por nozes e fructas.

Ha cinco *companhas* de pesca com as embarcações e numero de pessoas que constam do mappa seguinte:

Mappa do numero de companhas e embarcações do porto de Espinho nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de embarcações	Numero de pessoas
5	10	240

Geralmente cada *companha* de arte tem duas embarcações e cincoenta a sessenta homens, não contando as mulheres e rapazes que tambem auxiliam a puxar as redes para a terra.

Começa em Espinho o emprego dos bois para o arrastamento das artes, regulando o preço de aluguer de uma junta de bois entre 300 e 400 réis para cada lanço.

O valor da pescaria está representado no mappa que se segue:

Mappa do pescado dado ao manifesto no posto fiscal de Espinho nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	9:869$740	13:890$100	1:254$500	25:014$340
1886.....	4:891$120	50:556$220	5:843$980	61:291$320

N'este porto, como em toda a costa para o S., não se faz a pesca do alto, usando-se unicamente as artes de arrastar para a terra, destinadas á apanha da sardinha e do mexoalho, onde tambem cáem outras variedades de peixes que se approximam muito da praia. Póde dizer-se que desde o rio Douro até Buarcos não ha porto algum d'onde saiam embarcações para a pesca do alto, nem mesmo de Aveiro, importante centro de pescarias, que antigamente até contribuia com grande numero de navios para a pesca do bacalhau.

Paramos. — A 3 kilometros de Espinho fica no areal a ermida da Senhora Apparecida e para o S. d'esta, na margem oriental da lagôa, demora a povoação de pescadores de *Paramos,* os quaes exercem a pesca costeira em grande escala, principalmente a da sardinha, e que tambem algumas vezes pescam na lagôa litoral, a que dão o nome de *Barrinha de Esmoris.*

Na costa de *Paramos* lançam quatro companhas de pesca com o numero de embarcações e homens que constam do mappa seguinte:

Mappa das companhas e embarcações da costa de Paramos referido a 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de embarcações	Numero de homens
4	8	213

O valor da pesca maritima é o que se segue:

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no posto fiscal de Paramos nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	175$680	9:500$660	767$420	10:443$760
1886.....	256$140	34:277$860	2:058$120	36:592$120

A pesca na *Barrinha de Esmoris* é geralmente feita por amadores em pequenas bateiras, sendo portanto difficil o calculo do valor do pescado d'esta lagôa; ainda assim o mappa seguinte dá uma idéa da pesca feita pelos profissionaes, que a ella vem dar alguns lanços de rede, uma ou duas vezes durante o anno.

Mappa do movimento de pesca da Barrinha de Esmoris referido ao anno de 1888

Numero de bateiras	Numero de tripulantes	Qualidade do pescado	Valor do pescado
10	25	Tainhas, enguias, linguados e solhas.	9$000

Esmoris. — Fica situada esta povoação pelo S. de Paramos e ainda por E. da lagôa do mesmo nome, vindo á costa alguns dos seus habitantes pescar proximo dos *Palheiros da Cortegaça* e no sitio dos *Palheiros de Maceda*, conjunctamente com os pescadores d'estas ultimas povoações.

Na costa dos *Palheiros da Cortegaça* lança uma companha de arte de arrastar para a terra, com dois barcos e quarenta e cinco homens.

Na costa dos *Palheiros de Maceda* pesca uma companha de arte identica, com dois barcos e quarenta homens.

A importancia de toda esta costa, desde Cortegaça até Maceda, como centro de pesca vae indicada no mappa seguinte:

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no posto fiscal de Esmoris nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	349$800	5:850$920	428$920	6:629$640
1886.....	174$000	11:101$360	190$000	11:465$360

Furadouro. — A praia do *Furadouro* fica a pouco menos de 1 legua a W. de *Ovar*. Junto ao mar estão os palheiros dos pescadores.

É muito importante a pesca da sardinha n'este porto, onde ha seis companhas com o numero de barcos e homens apontados no quadro que se segue:

Mappa das companhas e embarcações da costa do Furadouro referido a 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas
6	12	600

A maior parte da sardinha que se apanha aqui é salgada e consumida no reino, e tambem alguma exportada para Hespanha.

A importancia d'este porto de pesca, unicamente maritima e costeira, póde avaliar-se no mappa que se segue:

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no posto fiscal do Furadouro nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do mexoalho	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	1:478$580	135$460	140$580	1:754$620
1886.....	661$360	36:283$700	480$500	37:433$560

Como se deprehende d'este mappa e dos que temos apresentado, relativos a toda esta costa do N., o anno de 1885 foi de grande penuria e como tal não deve ser tomado por norma.

Por exemplo: o mez de setembro de 1887 deu o seguinte resultado para as seis companhas do *Furadouro*:

Companha de S. Pedro.....	3:234$580
Companha da Senhora do Soccorro.....	2:115$980
Companha da Senhora dos Esquecidos.....	1:919$840
Companha de Panélah.....	1:793$420
Companha da Senhora da Saude.....	1:641$390
Companha de Manuel Pinto.....	875$790
Diversos barcos de pilado.....	793$230
Valor total.....	12:374$230

Por estes algarismos se póde afferir a grande importancia que tem a industria da pesca da sardinha n'este ponto da costa.

Torreira. — Os palheiros da *Torreira* ficam a igual distancia de 2,5 leguas do Furadouro e da barra de Aveiro, situados na extensa peninsula de areia comprehendida entre o oceano e o braço da ria de Aveiro que se dirige para o lado de Ovar.

Tambem tem grande desenvolvimento a pesca da sardinha n'esta localidade, como se póde ver nos mappas seguintes:

Mappa das companhas e embarcações de pesca da Torreira nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas
6	12	450

PEIXE-GALLO *(zeus faber,* Lin.), pag. 38

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no posto fiscal da Torreira nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do escasso	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	1:007$340	121$300	244$720	1:373$360
1886.....	457$880	42:260$860	38$580	42:757$320

Ainda n'este mappa se nota a grande differença de sardinha que tranzitou pela costa occidental do continente do reino em 1885 e 1886.

S. Jacinto. — A costa de *S. Jacinto,* situada pelo N. da barra de Aveiro, tem os palheiros dos pescadores a uns 2 kilometros de distancia da barra, na altura da ermida da Senhora das Areias, que fica na praia de E.

O movimento de pesca d'esta costa vae indicado nos mappas seguintes:

Mappa das companhas e embarcações da costa de S. Jacinto referido a 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas
2	4	150

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no posto fiscal da costa de S. Jacinto nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do escasso	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	172$920	348$480	196$240	717$640
1886.....	310$680	8:364$740	3:266$100	11:941$520

RIA DE AVEIRO

Em toda esta extensa ria, que comprehende a bacia litoral do Vouga, é muito importante a pesca das especies que n'ella entram provenientes do mar, e das que nascem e se desenvolvem n'este receptaculo salgado.

Durante o inverno é que a pesca na *ria de Aveiro* attinge o maximo interesse, ainda que ella tambem se exerça durante o resto do anno em menor escala.

O valor do pescado póde deduzir-se, com alguma approximação, dos mappas alfandegarios da cobrança do imposto nos postos fiscaes de Aveiro, Ilhavo, Ovar e Pardelhas, porquanto, apesar de n'elles dar entrada algum peixe colhido no mar, é ainda assim em pequena quantidade, exceptuando a sardinha, que se deve abater d'aquelle valor, podendo sem grande erro o peixe restante ser considerado como proveniente da ria.

Para os annos de 1885 e 1886 podèmos apresentar os dados seguintes:

Postos fiscaes	Valor do marisco		Valor da sardinha		Valor do peixe diverso		Valor total	
	1885	1886	1885	1886	1885	1886	1885	1886
Aveiro	1:215$620	720$920	1:004$780	5:166$880	9:185$300	9:410$140	11:405$700	15:297$940
Ilhavo.....	53$240	7$900	-$-	-$-	1:778$260	1:970$380	1:831$500	1:978$280
Ovar.....	878$260	238$440	-$-	38$480	3:460$080	3:144$900	4:338$340	3:421$820
Pardelhas ...	314$120	35$640	603$220	-$-	18:140$800	18:235$740	19:058$140	18:271$380
	2:461$240	1:002$900	1:608$000	5:205$360	32:564$440	32:761$160	36:633$680	38:969$420

Analysando este mappa, vê-se que o maior valor dos peixes que entraram n'estes mercados é o do peixe diverso, sendo até notavel a circumstancia de ser sensivelmente constante para cada uma d'estas praças, nos dois annos indicados, facto que destôa do que se dá com a sardinha.

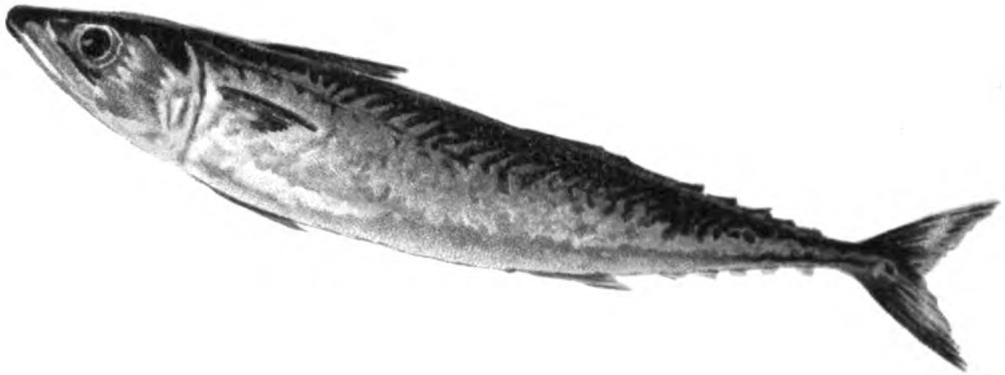
No valor do marisco dá-se uma quebra importante de 1885 para 1886.

Portanto, se tomarmos sómente o valor do marisco e do peixe diverso, para cada um dos annos referidos, abstrahindo do valor da sardinha, teremos para valores do pescado nas aguas interiores da ria de Aveiro:

1885.....	35:025$680
1886.....	33:764$060

Estes numeros são os que se deduzem dos documentos officiaes, mas mais tarde em capitulo especial lhes faremos as correcções necessarias para que elles exprimam maior approximação da verdade, assim como praticaremos para todos os portos do continente do reino.

O numero de barcos de pesca da ria de Aveiro varia muito com as temporadas de pesca, porque os pescadores d'esta região emigram para os rios Douro, Tejo e Sado, em maior ou menor numero, conforme a affluencia ou escassez de peixe n'estes rios e na ria, podendo no emtanto



J. Almeida

CAVALA *(scomber colias,* Lin.), pag. 38

sem grande erro calcular-se em trezentos e cincoenta barcos, tripulados por oitocentos setenta e dois homens.

É tambem muito importante na ria de Aveiro a colheita do *moliço,* algas marinhas que se dão exuberantemente nas praias baixas constantemente alagadas, ou que descobrem, e nos terrenos sempre submersos[1].

O *moliço* constitue o adubo predilecto que os lavradores empregam em verde nos campos marginaes, ou depois de secco nos mais distanciados.

Pateiras de Fermentellos e *Frossos.*—N'estas lagôas, situadas a curta distancia de Aveiro, apenas pescam os habitantes das margens e dos campos proximos, as especies sedentarias de agua doce, não havendo dados alguns para avaliar da sua importancia.

Empregam-se n'estas aguas bateiras de fundo chato, tripuladas por uma a tres pessoas, que auxiliam o lançamento das pequenas redes de arrastar, ou de cerco, mais usadas para este genero de pesca.

ENTRE OS RIOS VOUGA E MONDEGO

Da barra de Aveiro para o S. até á foz do rio Mondego, tambem a pesca tem bastante importancia, sobresaindo a pesca costeira da sardinha que se faz em todos os portos d'esta costa, e a captura da pescada do alto, com redes de enmalhar, explorada apenas em um d'elles.

Começando do N. deparâmos com os seguintes centros de pesca:

Costa Nova.
Arião.
Mira.
Tocha.
Costinha.
Quiaios.
Buarcos.

Alem d'estes portos, tambem a pesca se exerce em diminuta escala nas lagôas de Mira e nas do Bom Successo ao N. do cabo Mondego.

Costa Nova.—Logo ao S. da barra de Aveiro, a 3 kilometros de distancia, ficam á beiramar os palheiros da *Costa Nova do Prado,* onde o movimento da pesca é o que vae representado no mappa seguinte:

---

[1] Na excellente publicação *A ria de Aveiro e as suas industrias, 1889,* do illustrado official da armada sr. Fonseca Regalla, vem indicado o numero de mil trezentos quarenta e dois barcos com dois mil quinhentos quarenta e dois tripulantes empregados na colheita do *moliço,* cujo valor annual ali se calcula em 157:987$500 réis.

Mappa do movimento de pesca da Costa Nova, nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas	Valor do pescado	
			1885	1886
8	16	600	41$940	12:731$340

A unica pescaria a que se dedicam os habitantes d'esta costa é a sardinha, que apanham por meio das artes de arrastar para a terra.

Acaba n'esta parte do litoral o emprego dos bois para alar as redes.

Arião. — Para o S. da Costa Nova, proximo da antiga barra da *Vagueira*, hoje totalmente obstruida, existe o porto de pesca do *Arião*, onde se exerce unicamente a pesca costeira, na proporção seguinte:

Mappa do movimento de pesca da Costa do Arião, nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas	Valor do pescado	
			1885	1886
2	4	200	50$000	7:000$000

O valor da sardinha regula, em media, aqui, por 360 réis o milheiro.

Mira. — A 22 kilometros para o S. da barra de Aveiro demoram os palheiros de Mira, no areal comprehendido entre o mar e a lagôa litoral, constituindo um porto de pesca de alguma importancia, onde ha cinco companhas, tendo em media cada uma sessenta homens e compondo-se a tripulação do barco de trinta e seis homens.

A principal pescaria a que se dedicam é a sardinha, pescada e caranguejo.

Mappa do movimento de pesca na Costa de Mira, nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas	Valor do pescado	
			1885	1886
5	10	350	13:265$000	24:080$000

Nas duas *lagôas de Mira* pescam os habitantes dos palheiros marginaes as especies de agua doce que ali abundam e que muito concorrem para o consumo da localidade, quando o mar não permitte a pesca na costa.

Tocha.—A 14 kilometros para o S. dos palheiros de Mira, ficam á beiramar os palheiros da praia da *Tocha,* onde os pescadores se dedicam unicamente á pesca da sardinha, embora outras especies de peixes sejam envolvidas nas mesmas redes.

O mappa seguinte dá idéa d'esta industria:

Mappa do movimento da pesca na praia da Tocha, nos annos de 1885 e 1886

Numero de companhas	Numero de barcos	Numero de pessoas	Valor do pescado	
			1885	1886
3	9	200	3:264$000	3:379$000

Costinha.—A duas leguas pelo N. do cabo Mondego, e a 7 kilometros para S. dos palheiros da Tocha, demora um outro porto de pesca costeira, denominado *Costinha,* possuindo uma companha com tres barcos e cincoenta homens, que se dedicam especialmente á apanha da sardinha.

Quiaios.—A 4 kilometros ao N. do cabo Mondego ficam os palheiros e a praia de *Quiaios,* formando um outro porto de pesca costeira com duas companhas, quatro barcos e cento vinte homens.

A somma do valor do pescado da *Costinha* e de *Quiaios,* quasi todo sardinha, durante os annos de 1885 e 1886, foi o seguinte:

1885.....	6:232$000
1886.....	5:540$000

Lagôas do Bom Successo.—A pesca n'estas lagôas é exercida unicamente pelos habitantes das margens, os quaes colhem excellentes enguias e outras pequenas especies, empregando-se n'esta industria, em maior ou menor numero, conforme a escassez ou abundancia da pescaria maritima trazida pelos almocreves, sendo difficil calcular o seu valor.

Buarcos.—A meio approximadamente da enseada de *Buarcos,* pelo S. do cabo Mondego, fica o porto de pesca d'aquelle nome, muito importante pelo grande desenvolvimento que esta industria aqui tem, tornando-se de maior interesse a apanha da sardinha e da pescada, e muito re-

centemente a do caranguejo, que para o N. chamam *escasso,* o qual começa aqui, em grande escala, a ser utilisado para adubo das terras.

Os pescadores d'este porto dedicam-se principalmente á pesca do alto e costeira, sendo as lanchas do alto que vão á pescada tripuladas por vinte homens e os barcos das artes por uns vinte e cinco homens.

As artes deitam-se em frente da praia adjacente aos Palheiros.

Os rochedos do cabo Mondego e de Buarcos são muito ferteis em mexilhão, percebe e lapa, e toda esta costa abunda em camarão, empregando-se muitas pessoas tanto n'aquella apanha como na pesca d'este crustaceo.

O mappa que se segue mostra o movimento de pesca d'este porto, referido aos annos de 1885 e 1886.

Mappa do movimento de pesca do porto de Buarcos, nos annos de 1885 e 1886

Pesca do alto		Pesca costeira			Total		Valor do pescado	
Lanchas	Tripulantes	Companhas	Barcos	Homens	Embarcações	Homens	1885	1886
15	300	1	4	50	19	350	28:609$000	28:167$000

Os pescadores de Buarcos percorrem a margem de toda a enseada, largando diversos apparelhos de rede adequados á captura das especies que se approximam da terra, tornando-se muito notavel a rede *majoeira,* fluctuante na crista da vaga, pelo N. do forte de Santa Catharina, para a pesca do robalo e do sargo, da qual mais tarde daremos a descripção.

Na costa tambem se empregam algumas bateiras, com os apparelhos de anzol denominados *gorazeiras,* na pesca do goraz, cachucho, besugo, pargo, etc.

RIO MONDEGO

N'este rio, como já vimos, entram na temporada propria a lampreia e o savel, e abundam todo o anno as tainhas, robaletes, linguados, bogas e enguias, e o berbigão dá-se nas corôas de areia do leito salgado.

No paredão do S. e na barra tambem ha o mexilhão.

No curso inclinado do rio até proximo das origens, alem das especies emigrantes, que apontámos, existem as de agua doce.

De inverno é muito importante a pesca fluvial do Mondego, não se empregando n'ella menos de cem embarcações, tripuladas geralmente por dois a quatro homens, conforme o typo da embarcação, por isso que para este fim se usam no rio: varinos, bateiras e barcos.

SARDA *(scomber scomber,* Cuv.), pag. 39

A pesca exerce-se em todo o rio, quer de cima das margens, quer das embarcações, ou mesmo a pé dentro d'agua; no emtanto os pontos de maior concentração, coincidindo com as povoações principaes, são:

Figueira da Foz.
Montemór o Velho.
Coimbra.

Figueira da Foz. — No porto fluvial que o rio Mondego fórma em frente d'esta cidade, surgem as pequenas embarcações de pesca da bacia inferior do rio, e apparelham annualmente dois navios para a pesca do bacalhau no Grande Banco da Terra Nova, sendo este o unico porto do continente do reino, exceptuando o de Lisbôa, onde ainda se não abandonou esta exploração outr'ora tão desenvolvida entre nós.

N'este porto não ha embarcações para a pesca do alto, nem costeira, a não ser a da apanha do *escasso,* recentemente, ao longo da enseada.

O mappa que se segue mostra o movimento de pesca d'esta localidade:

Mappa do movimento de pesca do porto da Figueira da Foz nos annos de 1885 e 1886

Pesca do bacalhau no banco da Terra Nova				Pesca fluvial				Valor total do pescado	
Numero de navios	Numero de tripulantes	Valor do bacalhau		Numero de embarcações	Numero de tripulantes	Valor do pescado		1885	1886
		1885	1886			1885	1886		
2	34	4:500$000	10:800$000	50	200	1:865$254	2:170$567	6:365$254	12:970$567

Montemór o Velho. — Os pescadores d'este porto fluvial espalham-se pelos rios de Verride e de Soure e pelo Mondego, até para cima de Santo Varão e Pereira, empregando redes de arrastar e de tresmalho na captura do savel e da lampreia no tempo proprio, e pescando ao *encosto,* com *botirões, cóvos* e pequenas redes, durante todo o anno: tainhas, bogas, enguias, escalos, ruibacos, etc.

O valor annual d'esta pescaria é muito difficil de determinar por não haver registo algum d'ella, nem matricula das embarcações empregadas n'esta exploração, e mesmo porque a pesca a pé tem n'este rio grande desenvolvimento, em consequencia da sua diminuta profundidade, que o torna vadeavel em quasi todos os pontos.

Pelas informações dos pescadores, construimos uma nota approximada da qualidade e valor do peixe apanhado em toda esta extensão do rio, referindo-a ao porto de *Montemór o Velho* como centro:

Mappa do movimento de pesca fluvial do porto de Montemór o Velho, referido a 1886, comprehendendo todas as embarcações que exploram esta industria na zona do rio mais proxima

Numero de embarcações	Numero de tripulantes	Numero de pessoas empregadas na pesca a pé	Numero total de pessoas	Designação das especies	Valor do pescado
35	110	36	146	Saveis.....	800$000
				Lampreia.....	500$000
				Peixes diversos	80$000
					1:380$000

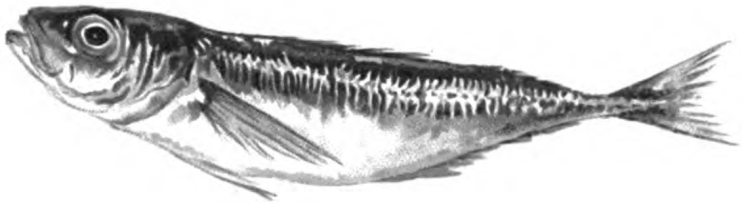
Coimbra. — O rio Mondego nas proximidades d'esta cidade, e para montante até grande distancia, é muito explorado pelos pescadores durante a epocha de emigração do savel e da lampreia, e em menor escala no resto do anno, em que as aguas do rio são unicamente povoadas pelas variedades de peixes de agua doce; de uns e outros encontram elles na cidade de Coimbra um largo consumo, sendo até muito estimada e procurada a lampreia, que grangeou em todo o paiz grande fama, pela maneira gostosa como ali é preparada.

Para este curso superior do rio já são mais empregados os apparelhos de fundo permanentes: *botirões, cóvos* e *guelrichos,* do que os de rede de arrastar ou de enmalhar, por isso que os primeiros dispensam até algumas vezes o auxilio de embarcação, lançando-se mesmo da margem e levantando-se tambem de terra com uma vara.

A nota approximada do movimento de pesca, no ramo do Mondego mais proximo de Coimbra, foi elaborada segundo as informações locaes, visto não haver registo algum d'esta industria.

Mappa do movimento de pesca fluvial do porto de Coimbra, referido a 1886, comprehendendo as embarcações que exploram esta industria na zona do Mondego mais proxima

Numero de embarcações	Numero de tripulantes	Numero de pessoas empregadas na pesca a pé	Numero total de pessoas	Designação das especies	Valor do pescado
18	50	20	70	Saveis.....	400$000
				Lampreias	300$000
				Peixes diversos	50$000
					750$000



J. Almeida

CARAPAU *(caranx trachurus)*, pag. 39

ENTRE OS RIOS MONDEGO E TEJO

Em toda a costa comprehendida entre a embocadura do rio Mondego e a foz do rio Tejo, é muito activa a pesca maritima, começando nas aguas da Nazareth a apparecerem os apparelhos permanentes, denominados *armações fixas de pesca,* que depois para o S. se generalisam nas grandes enseadas litoraes e em toda a costa meridional do reino.

Principiando do N., temos n'esta costa os portos de pesca seguintes:

Cova.
Lavos.
Leiroza.
Vieira.
Pedrogão.
Nazareth.
S. Martinho.
Foz do Arelho.
Peniche.
Seixal.
Atalaya.
Ribamar.
Porto Novo.
Santa Cruz.
Assenta.
Ericeira.
Cascaes.

Na Leiroza termina a área do departamento maritimo do norte.

Cova. — A 2:500 metros para o S. da foz do rio Mondego ficam no areal, junto ao mar, os *Palheiros da Cova,* pequeno porto de pesca, onde ha duas companhas de artes de arrastar e algumas embarcações de pesca costeira, como se vê pelo mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca da Cova, referido a 1885 e 1886, segundo a nota da alfandega

Barcos		Artes de arrastar			Total		Valor do pescado	
Numero	Tripulantes	Numero	Barcos	Pessoas	Embarcações	Pessoas	1885	1886
22	100	2	4	100	26	200	4:785$000	4:188$000

A maior parte da pescaria consiste aqui em sardinha e carapau, apanhados não só nas artes de arrastar para a terra, mas tambem nas redes *sardinheiras* de enmalhar lançadas de bordo dos barcos.

Lavos.—Para o S. 6 kilometros da foz do rio Mondego, demora a costa de *Lavos,* onde existem os palheiros dos pescadores.

A pesca n'este porto é mais importante do que na Cova, restringindo-se igualmente á sardinha e carapau. Para a exploração das aguas ha duas companhas de artes de arrastar com sessenta homens cada uma.

N'esta costa não possuem os pescadores outras embarcações de pesca, a não serem os barcos das artes.

O mappa que se segue mostra a importancia d'esta localidade de pesca:

Mappa do movimento de pesca de Lavos, referido a 1885 e 1886

Artes de arrastar			Valor do pescado	
Numero	Barcos	Pessoas	1885	1886
2	4	120	9:642$000	7:738$000

Leiroza.—A 4 kilometros de Lavos, na margem esquerda do *Rego da Leiroza,* estão situados na praia os palheiros dos pescadores d'esta costa, onde é muito importante a pesca da sardinha com as artes de arrastar, como se póde avaliar pelo mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca da Leiroza, referido a 1885 e 1886

Artes de arrastar			Valor do pescado	
Numero	Barcos	Pessoas	1885	1886
2	4	120	13:782$000	11:073$000

Alem d'estas duas companhas de pesca permanentes costumam haver n'esta localidade outras companhas volantes, que trabalham de ordinario em novembro e dezembro, e extraordinariamente quando ha affluencia de peixe na costa.

Pedrogão.—Para o sul da Leiroza, a 16 kilometros de distancia, vêem-se á beiramar os *Palheiros de Pedrogão,* pequeno centro de pesca, de pouca importancia, onde ha unicamente uma arte de arrastar, de companha muito variavel em numero, porque trabalha com as pessoas que se podem reunir na occasião do lançamento.

Mappa do movimento de pesca de Pedrogão, referido a 1885 e 1886

Artes de arrastar			Valor do pescado	
Numero	Barcos	Pessoas	1885	1886
1	2	40	570$000	64$000

Vieira.—Ao norte do pinhal de Leiria, um pouco pelo S. da embocadura do rio Liz, á distancia de 1 legua de Pedrogão, ficam situadas na praia junto ao mar as barracas dos pescadores da *Vieira*.

Esta costa é algumas vezes muito abundante de pescaria, havendo n'ella tres companhas de artes de arrastar, que se dedicam principalmente á pesca da sardinha.

Mappa do movimento de pesca da Vieira, referido a 1885 e 1886

Artes de arrastar			Valor do pescado	
Numero	Barcos	Pessoas	1885	1886
3	6	180	1:117$000	12:130$000

Nazareth.—A 6,5 leguas para o S. da foz do rio Liz fórma a costa a enseada da *Pederneira,* tendo ao fundo a praia da *Nazareth,* importante porto de pesca costeira e do alto.

N'esta localidade ha quinze artes de arrastar, trabalhando cada uma com quinze a vinte e seis homens de companha, conforme o numero menor ou maior que podem reunir.

A pesca do alto e costeira ao anzol é feita em *catraios* tripulados por seis a oito homens.

Lançam annualmente n'esta enseada duas *armações de pesca* de sardinha.

O mappa seguinte mostra o grande desenvolvimento que a pesca tem na costa da *Nazareth.*

Mappa do movimento de pesca da costa da Nazareth, nos annos de 1885 e 1886

Embarcações		Artes de arrastar			Armações de pesca			Total		Valor do pescado	
Numero	Tripulantes	Numero	Barcos	Pessoas	Numero	Barcos	Pessoas	Embarcações	Pessoas	1885	1886
27	189	15	30	300	2	8	50	65	539	82:125$000	86:605$000

A principal pescaria d'esta costa é a sardinha, ainda que tambem apanhem no alto em grande quantidade muitas variedades de peixes domiciliados de apreço, como são: a pescada, pargo, linguado, etc.

S. Martinho.—A 2 leguas para S. da Nazareth e a 5 leguas para NE. da peninsula de Peniche, abre a *Concha de S. Martinho,* outr'ora de grande importancia, e possuindo excellentes condições hydrographicas, mas reduzida hoje a um mau porto de pequena cabotagem e de insignificante pesca, limitada a diminuto numero de embarcações para pescar ao anzol fanecas e safios e com as *boscas,* lagostas, e uma ou outra *zorra* de arrastar, destinada á captura dos linguados, solhas e enguias. O caminho de ferro acaba de dar o ultimo golpe no movimento maritimo do porto de S. Martinho.

Mappa do movimento de pesca do porto de S. Martinho referido a 1885 e 1886

Embarcações		Valor do pescado	
Numero	Tripulantes	1885	1886
12	46	236$000	243$000

Foz do Arelho.—Quasi a igual distancia de S. Martinho e de Peniche fica a *Lagôa de Obidos,* onde os pescadores das pequenas povoações marginaes pescam tainhas, linguados, enguias, solhas, etc., e fazem grande colheita de ameijoas, capturando tambem algumas especies que entram do mar pela aberta que a communica com elle.

Esta industria limita-se ás aguas da *Lagôa,* não saindo nunca os pescadores para o mar.

A lagôa de Obidos, alem de ser muito piscosa, possue tambem abundante caça.

Mappa do movimento de pesca da lagôa de Obidos, referido a 1885 e 1886

Embarcações		Valor do pescado	
Numero	Tripulantes	1885	1886
17	34	1:225$000	1:107$000

Na epocha de banhos das Caldas da Rainha affluе á Lagôa grande numero de barcos ilhavos, explorando as aguas e vendendo o producto por bom preço n'aquelle mercado. A colheita dos limos de que a lagôa é fertil, póde ser representada em media annual por uns 150:000 kilogrammas, com o valor approximado de 300$000 réis.

J. Ahmed

CHICHARRO *(caranx trachurus)*, pag. **39**

Peniche. — A umas 13,5 leguas do Cabo da Roca demora a peninsula de *Peniche,* avançada muito para W., formando pelo S. uma vasta enseada defendida dos ventos do N., e portanto muito adequada aos trabalhos da pesca permanente por meio de *armações fixas,* as quaes lançam approximadamente em uma linha N-S. com a Cidadella.

Recentemente têem obtido licença para deitar n'esta enseada, em pontos dispersos, *armações á Valenciana,* de systema differente das anteriores, das quaes mais tarde faremos minuciosa descripção.

Como porto de pesca é *Peniche* muito importante, porque, alem das *armações permanentes,* onde diariamente cáe abundante pescaria, possue grande numero de embarcações empregadas n'esta industria, explorando o alto, o mar das Berlengas e as aguas da costa, muito ferteis em pescada, pargo, congro, cavalla, sardinha, etc., e crustaceos de apreço, como a lagosta, lavagante, caranguejola e santola, sendo tambem abundantissimas todas as variedades de molluscos, que vivem na penedia do Cabo Carvoeiro e nos rochedos das Berlengas, Estellas e Farilhões.

Os mappas seguintes, mais do que qualquer explanação sobre este assumpto, dão idéa da importancia d'este porto:

Mappa das armações, artes e embarcações de pesca do porto de Peniche referido a 1885 e 1886

Annos	Embarcações de pesca		Armações e artes		Numero total de pessoas empregadas na pesca
	Numero	Tripulantes	Numero	Numero de pessoas das companhas	
1885.....	80	250	12	192	442
1886.....	94	390	10	143	533

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no porto de Peniche nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do marisco	Valor das sardinhas	Valor do peixe diverso	Valor total
1885.....	5:044$520	11:988$680	41:265$620	58:298$820
1886.....	3:284$460	14:013$060	46:634$940	63:932$460

A grande quantidade de lagostas, que se pesca n'esta localidade, é quasi toda transportada para os depositos de Brest e Audierne pelos exploradores dos navios viveiros francezes, que na temporada propria frequentam o porto de Peniche, comprando-as aos pescadores portuguezes.

Tambem nas praias e rochedos da peninsula de Peniche se exploram as algas marinhas para depois applicar como adubos agricolas.

As paragens da Berlenga, Farilhões, Baleal e Peniche de Cima, podem ser consideradas como estações de pesca, porque embora os pescadores as frequentem temporariamente, pertencem ao porto de Peniche, onde levam a vender toda a pescaria.

Seixal. — A pouco mais de 2 leguas para o S. de Peniche fica a Foz da Areia Branca, onde ha um pequeno porto de pesca costeira denominado Seixal, cuja importancia se vê no mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca do porto do Seixal, referido a 1888

Embarcações de pesca		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Peixes diversos	Lagostas	Total
2	8	14$000	72$000	136$000

Atalaya. — Meia legua para o S. do anterior demoram os dois logarejos de Atalaya de Cima e Atalaya de Baixo, a W. da Lourinhã, que constituem tambem um centro de pesca de pouca importancia como se deprehende da nota que se segue:

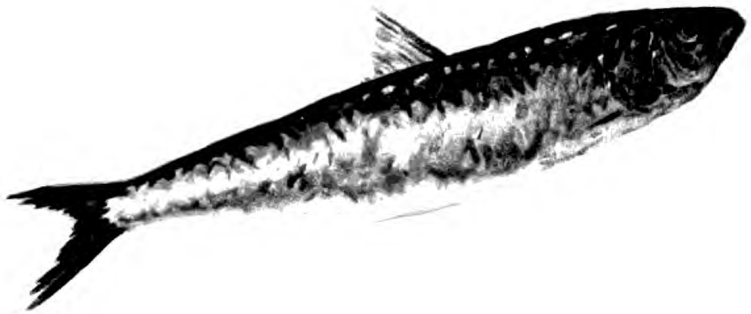
Mappa do movimento de pesca do porto da Atalaya, referido a 1888

Embarcações de pesca		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Peixes diversos	Lagostas	Total
4	16	153$000	144$000	297$000

Ribamar. — Ainda para baixo da Atalaya fica outro porto de pesca costeira, um pouco mais importante e com o movimento seguinte:

Mappa do movimento de pesca do porto de Ribamar, referido a 1888

Embarcações de pesca		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Peixes diversos	Lagostas	Total
9	36	340$000	324$000	664$000



SARDINHA *(clupea spratus)*, pag. 39

Porto Novo.—Na altura do Vimeiro, notavel pela celebre batalha d'este nome, tambem ha na costa um porto de pesca de pequena importancia chamado Porto Novo, situado entre a Praia das Carreiras, ao norte, e a Foz Velha, ao sul, e limitado por duas pontas de rocha com ilheus destacados, d'onde veiu o nome de Praia do Ilhéu ao areal que se desenvolve na frente.

Mappa do movimento de pesca de Porto Novo, referido a 1888

Embarcações de pesca		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Peixes diversos	Lagostas	Total
3	12	110$000	108$000	218$000

Santa Cruz.—Ao N. da Ponta da Lamparoeira, no sitio denominado Penedo do Guincho, abre na costa o porto de pesca costeira de Santa Cruz, cuja importancia é dada pelo mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca do porto de Santa Cruz, referido a 1888

Embarcações de pesca		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Peixes diversos	Lagostas	Total
4	16	170$000	132$000	302$000

Assenta.—A 6,5 leguas de distancia do Cabo da Roca, um pouco pelo sul da Ponta da Lamparoeira, fica a *Praia da Assenta,* constituindo um pequeno porto de pesca, cuja importancia se póde avaliar no mappa que se segue:

Mappa do movimento de pesca da Praia da Assenta, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações de pesca		Valor do pescado		
	Numero	Tripulantes	Marisco	Peixe diverso	Total
1885.....	23	51	-$-	1:016$900	1:016$900
1886.....	17	38	80$260	635$680	715$940

Ericeira.—A pouco mais de 4 leguas ao N. do Cabo da Roca, demora a bem conhecida praia de banhos da *Ericeira,* que tambem é um porto de pesca do alto de alguma importancia, mas que actualmente está muito longe de dar idéa do consideravel desenvolvimento maritimo, que possuiu em outras datas, tornando-se celebre pelos experimentados homens do mar d'esta localidade, que tripulavam os melhores navios da nossa antiga marinha mercante.

A meio da costa da Ericeira fica o forte d'este nome, tendo tanto pelo norte como pelo sul uma praia, a cada uma das quaes corresponde um bairro de pescadores. O do norte é composto de pequenas casas abarracadas, e o do sul constitue o centro de movimento mais importante.

Um typo de embarcações de pesca d'este porto, as *rascas,* está hoje completamente acabado, sendo para lamentar que se não conservasse um modelo d'ellas no nosso museu naval para authenticar a historia das construcções navaes em Portugal. No capitulo respectivo ás embarcações de pesca, apresentaremos a descripção e um desenho da *rasca,* da qual possuimos um modelo reduzido no nosso gabinete de estudo.

Os pescadores da *Ericeira* vão largar as redes de enmalhar no banco da pescada, fazendo abundante captura d'esta especie, e de outras que cáem nos mesmos apparelhos do alto.

Mappa do movimento de pesca da Ericeira, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações		Valor do pescado			
	Numero	Tripulantes	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885	46	145	–$–	–$–	13:168$680	13:168$680
1886	45	126	796$340	2:160$300	9:852$200	12:808$840

Cascaes.—A 1 1/2 legua a W. da torre de S. Julião da Barra do Tejo, fórma a costa a enseada de *Cascaes,* ao fundo da qual está a villa do mesmo nome, possuindo uma praia de areia, que serve de varadouro para as embarcações das *armações de pesca,* que lançam ao longo d'esta costa e da que continua para W., chamada costa da *Guia.*

A maior parte da pescaria apanhada pelas armações dá entrada no porto de Lisbôa durante quasi todo o anno, excepto na temporada de banhos, em que a villa faz grande consumo d'este alimento.

O mappa seguinte mostra o numero d'estes apparelhos de pesca, embarcações e companhas respectivas, e o valor do pescado que no anno economico de 1885–1886 foi dado ao manifesto no posto fiscal d'este porto.

Mappa do movimento de pesca da costa de Cascaes e valor do pescado que ali deu entrada no anno economico de 1885–1886

Armações de pesca de sardinha				Valor do pescado
Logares do lançamento	Numero	Embarcações	Numero de pessoas	
Costa de Cascaes.....	4	24	80	10:382$160
Costa da Guia.....	4	28	80	
	8	52	160	

RIO TEJO

N'este vasto rio ha muitos portos de pesca, constituindo populosos centros de irradiação dos que exploram esta industria em paragens longinquas, no alto mar, nas aguas costeiras e nas fluviaes, sendo de consideravel importancia o movimento e o valor das pescarias promovidas por este activo meio industrial.

Os portos de pesca comprehendidos na bacia fluvial hydrographica do baixo Tejo são:

Paço de Arcos.
Belem.
Lisbóa.
Villa Franca.
Barreiro e *Seixal.*
Trafaria.

A pesca fluvial do Tejo toma grande incremento na epocha do savel, lampreia e corvina, porque, sendo estas especies muito abundantes, não só ella se exerce em grande escala na parte mais importante do rio, desde a embocadura até Vallada e Abrantes, mas tambem d'aqui para montante esta exploração continúa com certa actividade, empregando-se n'ella uns apparelhos especiaes que se largam de cima dos penedos marginaes, conhecidos, como no Minho e Douro, pelo nome de *pesqueiras.*

Pelos dados officiaes não é possivel determinar o numero de embarcações e de pessoas empregadas na pesca fluvial do Tejo, durante as temporadas de safra, nem qual o valor annual do pescado proveniente do rio, porque não ha registo especial das embarcações, tripulantes e pessoas que exercem esta industria, nem nos postos de cobrança de imposto se descrimina a proveniencia do peixe.

No emtanto, pelo inquerito directo a que procedemos, podemos averiguar que esta pesca é feita nas proporções seguintes: quarenta barcos *varinos,* denominados *batis-batis,* tripulados por oitenta homens, numero medio d'estas embarcações, que do districto de Aveiro emigram para o Tejo; trinta barcos *ilhavos,* tripulados por quatrocentos e cincoenta homens, que depois da pesca costeira á *tarrafa,* vão pelo rio acima para a pesca do savel; doze *botes* e *bateis* do Barreiro e Seixal, tripulados por cento quarenta e quatro homens, que durante todo o anno exploram as aguas do Tejo; vinte *canôas* da Trafaria com cento e vinte homens de tripulação, que tambem se empregam na pesca fluvial durante este periodo; e vinte *barcos* de pesca que ha nas povoações marginaes de Villa Franca para montante, geralmente com dois homens cada um.

O numero de pescadores do alto Tejo é muito variavel, porque, conforme a abundancia de peixe, assim os lavradores em maior ou menor numero procuram o rio para o explorar; calculando, porém, pela quantidade de *pesqueiras,* não será longe da verdade adoptar-se uns duzentos pescadores a pé no curso do rio da Barquinha para montante.

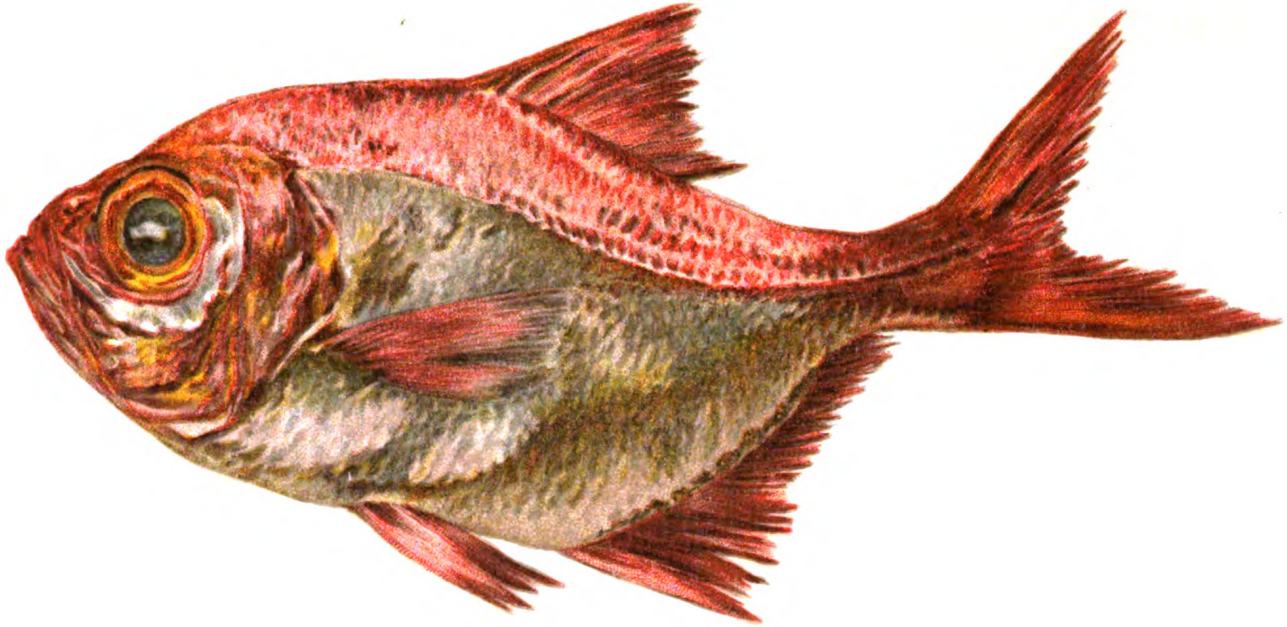
O peixe proveniente do rio dá entrada quasi todo em Villa Franca, Aldeia Gallega, Barreiro e Lisbôa; ora o valor do pescado que, durante o anno economico de 1885–1886, foi dado ao manifesto nos postos fiscaes das tres primeiras localidades foi: Villa Franca, 15:865$680 réis; Aldeia Gallega, 720$000 réis; e Barreiro, 893$380 réis; e portanto addicionando-lhe o valor do que entrou em Lisbôa, principal centro de consumo d'este alimento, poderemos, conjuntamente com os dados acima expostos, formular o mappa seguinte, para representar o movimento da pesca fluvial do Tejo no anno economico de 1885–1886:

Mappa do movimento da pesca fluvial do Tejo no anno economico de 1885–1886

Embarcações de pesca fluvial		Numero de pessoas empregadas na pesca marginal	Numero total de pessoas empregadas na pesca fluvial	Valor da pesca fluvial
Numero	Tripulantes			
122	834	200	1:034	34:000$000

Vamos agora passar em revista os portos de pesca do Tejo, indicando para cada um o genero de exploração a que se entrega e a importancia que tem.

Paço de Arcos. — Este porto fluvial, situado na margem direita do Tejo, uns 3:600 metros para leste da Torre de S. Julião da Barra, era antigamente muito frequentado pelos pescadores, que n'elle procuravam abrigo,



IMPERADOR (*Beryx decadactylus*, Cuv.), pag. 41

ficando ao mesmo tempo proximos do mar para continuar o seu mister, logo que o tempo abonançava; hoje, porém, é insignificante como porto de pesca, limitando-se esta industria a algumas *canôas* e *lanchinhas,* tripuladas quasi sempre por um unico homem, que se empregam na pesca ao anzol apenas no rio.

Ainda assim, de quando em quando, principalmente na epocha dos banhos, aportam aqui embarcações de pesca de outros portos para venderem peixe, augmentando o valor do pescado que dá entrada n'este porto, sem que comtudo elle possa representar o resultado do trabalho do diminuto numero de pequenas embarcações pertencentes a esta localidade.

Mappa das embarcações de pesca de Paço d'Arcos e do pescado que deu entrada por este porto no anno economico de 1885–1886

Canôas e lanchinhas		Valor do pescado			
Numero	Tripulantes	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
5	9	3$940	2:262$020	2:969$380	5:235$340

Belem. — A uns 1:500 metros para leste da Torre de Belem, em frente da praça de D. Fernando, é o ancoradouro das *canôas* de pesca d'esta localidade, que vão barra fóra, até grande distancia para oeste do Cabo da Roca, exercer a pesca do alto, ao anzol, da pescada, pargo, goraz, cachucho, etc.

Estas embarcações, quando ha tempestade no Tejo, vêem-se encalhadas sobre o caes de Belem.

O pescado que dá entrada no mercado de Belem não é unicamente producto da industria dos pescadores d'esta localidade, mas em grande parte trazido por embarcações de outros portos.

Mappa das embarcações de pesca de Belem e do pescado que deu entrada por este porto no anno economico de 1885–1886

Canôas		Valor do pescado			
Numero	Tripulantes	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
12	96	211$340	2:620$320	14:177$140	17:008$800

Lisbôa. — O porto de Lisbôa serve de fundeadouro a grande numero de embarcações de pesca que, em determinadas epochas, sáem para exercer a sua industria em mares distantes ou, quotidianamente, vão ao alto e á

costa, ou percorrem as aguas fluviaes, voltando depois a este grande centro com o producto da sua exploração.

No porto de Lisbôa têem apparelhado nos ultimos annos alguns *navios* para a pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova; existe grande numero de *cahiques* e *canôas,* conhecidos pelo nome de *canôas da Picada,* que vão diariamente á costa de Caparica, Cezimbra, Setubal e da Galé buscar pescaria para abastecimento da cidade; empregam-se algumas d'estas embarcações na pesca do alto com apparelhos de anzol e na pesca costeira da *tarrafa* na temporada do inverno; procuram este porto tambem no inverno, vindo do Algarve, umas trinta embarcações, entre *cahiques* e *canôas,* para pescar no alto e na costa, com apparelhos de anzol: a pescada, peixe-espada, pargo, goraz, cachucho, etc., ou para conduzir pescaria dos portos d'aquelle littoral; emigram para aqui os barcos *ilhavos* e *varinos,* que exploram a costa e o rio em epochas determinadas; e, finalmente, ha *botes* e pequenas *lanchinhas* de pesca fluvial ao safio, tainha, xarroco, camarão, etc., muito variaveis em numero, porque se empregam na pesca quando não têem outros serviços, ou quasi sempre como recreio, ainda que algumas vezes lucrativo.

É preciso notar que de todas estas embarcações apenas podêmos excluir como sendo de diminuta capacidade os varinos, botes e lanchinhas, por isso que as restantes são de grandes dimensões e algumas de coberta corrida ou bailéus, constituindo um total de tonelagem assás elevado, que dá bem medida da importancia d'este porto, sob o ponto de vista das pescas, embora o numero de embarcações não seja muito grande e até inferior ao de outros portos de pesca do continente.

Recentemente obteve licença para exercer a pesca de arrasto por meio de vapor nas aguas maritimas, uma embarcação pertencente á moderna companhia de pescarias d'este porto.

Podêmos portanto apresentar para o porto de Lisbôa o mappa seguinte, referido ao anno de 1888–1889:

Mappa das embarcações de pesca e tripulantes do porto de Lisboa referido a 1888–1889

Navios		Vapor		Cahiques		Canôas		Ilhavos		Varinos		Botes e lanchinhas		Total	
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes
6	108	1	5	10	80	24	144	30	450	40	80	15	25	126	892

JUDEU (*thynnus thunnina*, Cuv.), pag. 41

O valor do pescado que deu entrada na cidade de Lisbôa pela alfandega e delegação do Aterro, no anno economico de 1885–1886, vae representado no mappa seguinte:

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto no porto de Lisbôa no anno economico de 1885–1886

Estabelecimento aduaneiro por onde deu entrada	Valor do pescado			
	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Somma
Alfandega de Lisbôa	284$400	6:882$920	116:764$000	123:931$320
Delegação do Aterro	3:397$820	68:902$540	324:005$440	396:305$800
	3:682$220	75:785$460	440:769$440	520:237$120

Villa Franca.—Na margem direita do Tejo, 6 leguas para montante de Lisbôa, fronteira ás Lezirias, fica esta villa, que possue um porto fluvial de bastante movimento, onde se reunem nas temporadas de pesca as embarcações que exploram o rio em toda a bacia hydrographica que se desenvolve para juzante e no curso menos largo que continúa para cima d'este porto.

Como já dissemos, o valor do peixe que deu entrada no posto fiscal d'esta povoação no anno economico de 1885–1886 foi de 15:865$680 réis.

Alem d'este pescado ha grande quantidade d'elle, que muito a miudo é transportado de Lisbôa para Villa Franca em embarcações especiaes pertencentes a este ultimo porto.

Barreiro e *Seixal.*—Situadas na margem sul da grande bacia fluvial que o Tejo fórma para leste de Lisbôa e Almada, tambem estas duas povoações concorrem em grande escala para a pesca no rio, conduzindo o peixe que apanham para o mercado de Lisbôa ou para as suas localidades, conforme a maior ou menor quantidade que lograram pescar.

Das antigas e originaes *muletas de pesca* do Barreiro e Seixal, resta hoje apenas uma desarmada, tendo sido substituidas as muitas que ali havia pelos modernos *botes* e *bateis* de arrastar, sendo alem d'isso o numero d'estes actualmente muito reduzido.

Os pescadores do Barreiro e Seixal pescam geralmente dentro do rio, caindo com as embarcações atravessadas á feição do vento e da maré, arrastando em todo o trajecto uma rede de sacco, cuja tralha inferior assenta sobre o fundo; raras vezes sáem a barra para arrastar na grande enseada de Entre Cabos.

Mappa do movimento de pesca do Barreiro e Seixal referido ao anno economico de 1885–1886

Muletas		Botes e bateis		Total		Valor do pescado
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes	
1	16	12	144	13	160	893$380

Trafaria.—É importante o movimento de pesca d'este porto fluvial, situado na margem esquerda, proximo da embocadura do rio, a uns 6 kilometros para leste da Torre do Bugio.

Da Trafaria sáem a barra alguns *saveiros* para a pesca do alto e canôas para a pesca costeira, ou para irem buscar pescaria á costa de Caparica e de Cezimbra, conduzindo-a para o mercado de Lisbôa.

Pertencem tambem a este porto um certo numero de pequenas embarcações, que se empregam unicamente na pesca fluvial.

O mappa que se segue mostra a importancia d'este porto:

Mappa do movimento de pesca da Trafaria e do valor do pescado que aqui deu entrada no anno economico de 1885–1886

Saveiros		Canôas		Botes e lanchinhas		Total		Valor do pescado			
Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Embarcações	Tripulantes	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
3	35	20	120	9	15	32	170	12$000	226$120	5:702$840	5:940$960

Alem do numero de tripulantes indicado n'este mappa, ha mais umas cem pessoas empregadas nos trabalhos da pesca na praia, carregamento do peixe, salga e muitos outros misteres relativos a esta industria.

O valor do pescado refere-se unicamente ao peixe entrado na Trafaria para consumo local, por isso que a maior parte da pescaria colhida pelos pescadores d'esta localidade, vem pagar imposto em Belem e Lisbôa, onde é consumida.

Nos ultimos annos funccionou no antigo forte da Trafaria uma fabrica de guano de peixe, que aproveitava não só a pescaria deteriorada d'este porto, mas tambem a que da Costa, Belem e Lisbôa era dada por impropria para o consumo.

ENTRE OS RIOS TEJO E SADO

Na costa que se desenvolve entre a foz do rio Tejo e a embocadura do rio Sado, ha dois portos de pesca de muita importancia, que são:

Caparica.

Cezimbra.

O valor do pescado, que entra n'estes dois portos, não dá idéa de todo o movimento de pesca d'estas localidades, porque a maior parte do peixe que aqui é apanhado, é logo conduzido para Lisbôa e Setubal, pelas embarcações especiaes que se empregam exclusivamente n'este transporte, para consumo d'aquella cidade e para as fabricas de conserva de peixe de Setubal.

A principal pescaria a que se dedicam é a sardinha.

Caparica.—As barracas dos pescadores da costa de *Caparica* ficam no areal que se estende para o sul da foz do Tejo, a 6 kilometros de distancia da Torre do Bugio.

N'esta região faz-se unicamente a pesca costeira por meio de artes de arrastar para a terra, cuja importancia vae indicada no mappa seguinte:

Mappa do movimento do pescado na costa de Caparica no anno economico de 1885–1886

Embarcações		Artes de pesca			Total		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Numero	Barcos	Pessoas	Embarcações	Pessoas	Sardinha	Peixe diverso	Total
30	80	10	38	700	68	780	59:651$360	2:077$400	61:728$760

Alem do numero de pessoas indicadas n'este mappa ha mais umas quinhentas empregadas no carregamento da pescaria, salga, concerto de apparelhos, etc.

Recentemente obtiveram licença para lançar n'esta costa quatro armações de pesca de sardinha, para o sul da praia onde as artes costumam arrastar.

Diariamente veem a esta costa embarcações do porto de Lisbôa para conduzirem a pescaria para esta cidade.

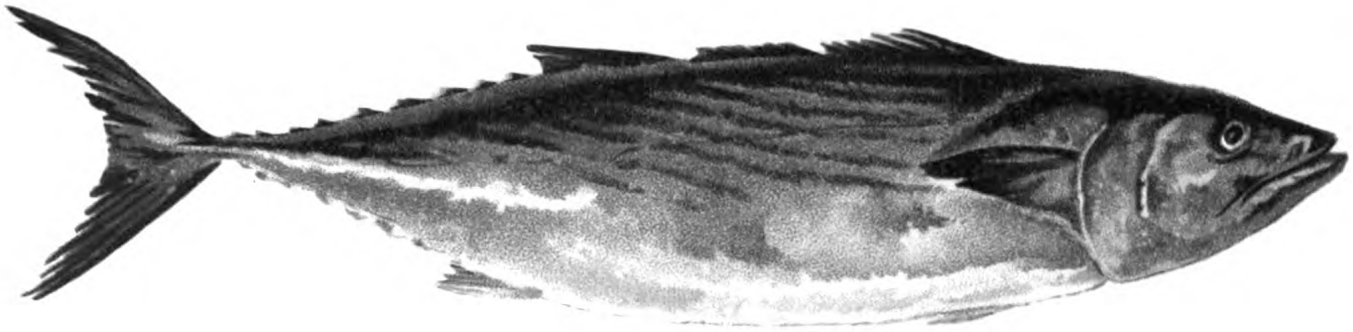
Cezimbra.—A 9 kilometros para leste do Cabo do Espichel demora a Ponta da Varanda, limite occidental da enseada de *Cezimbra,* ao fundo da qual fica a povoação de pesca do mesmo nome, a qual póde ser considerada unicamente entregue a esta industria.

Na costa que se desenvolve desde o Cabo do Espichel até ao Portinho da Arrabida, denominada «Costa de Cezimbra ou da Serra», em uma extensão de 4,5 leguas, lançam vinte e tres armações de pesca, como consta do mappa seguinte, referido a 1886:

Numero	Nomes das armações	Proprietarios
1	Balieira Velha	Manuel Caldeira da Costa.
2	Balieira Nova	Sociedade de pescarias Lisbonense.
3	Valle Covo	Frade & Rumina.
4	Forninho	Viuva Roquette.
5	Baixas	Soares & Polvora.
6	Bolará	Bernardino José da Silva.
7	Burgau	Manuel Caldeira da Costa.
8	Ilhéu das Gaivotas	Frade & Rumina.
9	Varanda	Sociedade de pescarias Lisbonense.
10	Cavallo	Soares & Polvora.
11	Remechida	Preto & Franco.
12	Torre	Soares & Polvora.
13	Charanga	Frade & Rumina.
14	Moeda	Viuva Roquette.
15	Agulha	Alipio Loureiro.
16	Cova de Cabo de Ares	Alipio Loureiro.
17	Cabo de Ares	Sociedade de pescarias Lisbonense.
18	Cozinhadoira	Manuel da Cruz Fernandes.
19	São Penedo	Sociedade de pescarias Lisbonense.
20	Risco	Mauuel Caldeira da Costa.
21	Ilhéu dos Olhos	João Maria Cruz.
22	Greta	Soares & Polvora.
23	Lagosteira	D. Diogo de Sousa.

Posto que as *armações de pesca* d'esta costa sejam destinadas á captura da sardinha, ainda assim cáem n'ellas muitas outras variedades de peixes das que mais se approximam da terra.

Este systema de pesca é o principal e o que maior quantidade de pescaria produz, no emtanto tambem o porto de *Cezimbra* possue canôas de



J. Almeida

SARRAJÃO OU BONITO *(thynnus pelamis)*, pag. 41

pesca do alto e costeira ao anzol, e os pescadores lançam na enseada as armadilhas de verga denominadas *cóvos*.

O mappa que se segue mostra o movimento de pesca do porto de Cezimbra no anno de 1885 a 1886.

Mappa do movimento do pescado em Cezimbra no anno economico de 1885–1886

Barcos		Armações de pesca			Total		Valor do pescado		
Numero	Tripulantes	Numero	Barcos	Numero de homens das companhas	Embarcações	Pessoas	Sardinha	Peixe diverso	Total
39	195	23	130	575	169	770	89:527$040	262:055$960	351:583$000

RIO SADO

Os pescadores que exploram as aguas do rio Sado, da costa maritima adjacente e do alto, residem quasi todos na cidade de Setubal, e alguns vivem a bordo das embarcações, como acontece com os pescadores ilhavos que emigram para esta localidade em grande numero.

Setubal é um centro de pesca de grande actividade, e a industria da preparação do peixe em conserva tem aqui consideravel desenvolvimento, a ponto de em 1886 haver na cidade a funccionarem onze fabricas d'este genero, dedicando-se principalmente á conserva da sardinha.

É por assim dizer uma cidade de pescadores, por isso que os que não exercem propriamente a arte, são em grande numero proprietarios ou interessados nas fabricas, armações e embarcações de pesca.

Já houve tempo em que, aqui, uma barcada de sardinha se vendia no mercado por 50$000, 70$000 e até 100$000 réis, dando excellente resultado a industria da pesca n'esta localidade; hoje porém que as fabricas dictam o preço, e se combinam para o estabelecer, attinge um valor muito baixo, regulando por 5$000, 6$000 até 10$000 réis, e algumas vezes tem acontecido deitarem a pescaria ao mar, por não haver comprador, e as condições da estação não permittirem conserval-a para a levar a outro mercado, onde poderia obter melhor preço.

As armações de pesca, pertencentes ao porto de Setubal, lançam ao longo da costa que, desde a foz do Sado, corre para SE. e que é denominada *Costa da Galé*.

Estas armações em 1886 eram as que constam do mappa seguinte:

Numero	Nomes das armações	Proprietarios
1	Galheta	Francisco Augusto de Assis & C.ª
2	Cecilia (em cabos e ferros)	Idem.
3	Chicote	Raposo, Folque & C.ª
4	Amisade	Soares & Polvora.
5	Sorte de Cima	Sebastião Augusto.
6	Cavallo Branco	Idem.
7	Liberdade	Pinto, Irmão & C.ª
8	Manteiga 1.ª	José Gonçalves da Cunha & C.ª
9	Manteiga 2.ª	Idem.
10	Liberdade	Soares & Polvora.
11	Sorte de Baixo	Sebastião Augusto.
12	Maria	Castro & C.ª
13	Confiança	Raposo, Folque & C.ª
14	Recreio	Francisco Augusto de Assis & C.ª
15	Boa Sociedade	Idem.

Por esta epocha andava em litigio o lançamento da armação denominada *Vereda*, de Assis & C.ª [1].

Pertencem ao porto de Setubal cinco *galeões de pesca*, que calam as suas redes em toda a enseada, e que tambem vão a outros pontos da costa exercer a sua industria, conforme os bancos de sardinha se fazem sentir mais ao norte ou mais ao sul d'esta região, chegando estas embarcações a irem pescar á costa meridional do Algarve e á enseada de Entre Cabos da Roca e Espichel.

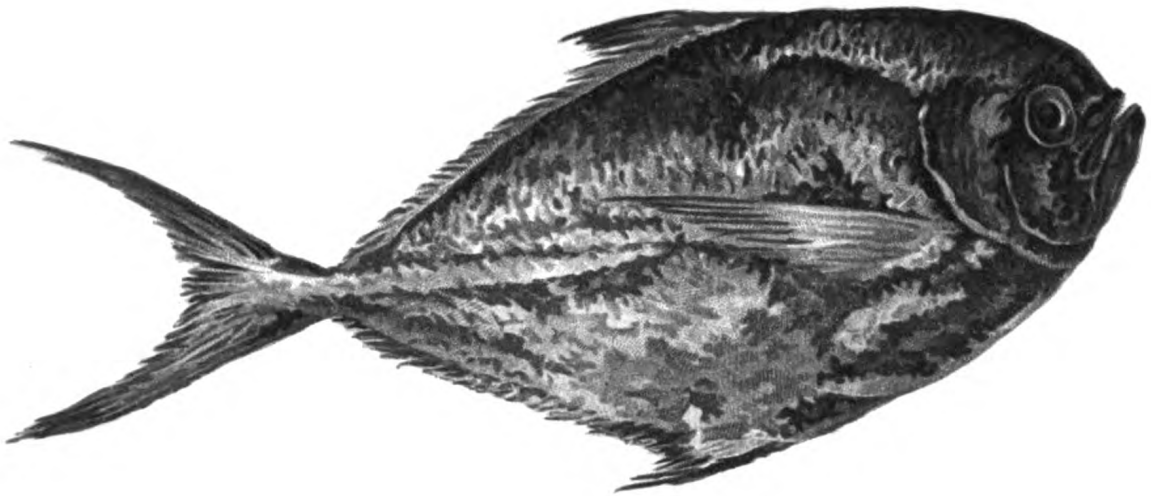
Tambem ha n'este porto nove *artes* de arrastar para a terra, que lançam em toda a costa da Galé.

Um grande numero de embarcações, comprehendendo: cahiques, canôas, barcas, lanchas, bateis e botes, empregam-se umas na pesca do alto ao anzol, outras na pesca costeira com redes de enmalhar e com apparelhos de anzol, e muitas no transporte do pescado para o porto e para differentes mercados.

Os pequenos varinos, tripulados pelos ilhavos, pescam unicamente na costa proxima dos bancos da barra e em todo o rio Sado, que sobem até

---

[1] Sobre esta questão póde-se consultar *Planta hydrographica da enseada, barra e porto de Setubal e Relatorio sobre a pesca maritima e fluvial n'esta localidade*, por Baldaque da Silva.—Lisboa, imprensa nacional, 1887.



CHAPUTA OU FREIRA *(brama raü)*, pag. 42

Valle de Guizo e Porto de Rei, fazendo uma exploração muito activa, principalmente na temporada do savel.

O mappa seguinte mostra a qualidade e quantidade de todos os apparelhos de pesca e embarcações pertencentes a este porto e o numero de pessoas empregadas n'esta industria, tudo referido ao anno de 1886.

Mappa dos apparelhos de pesca, embarcações e pessoas empregadas n'esta industria, pertencentes ao porto de Setubal, no anno de 1886

Armações de pesca			Galeões			Artes de arrastar			Embarcações de diversos typos		Varinos		Total	
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas
15	90	375	5	35	350	9	18	162	300	1:500	107	214	550	2:601

O valor da pescaria que deu entrada em Setubal nos annos de 1885 e 1886 vae designado no quadro que se segue:

Mappa do valor do pescado dado ao manifesto em Setubal, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885.....	385$970	122:991$439	107:492$455	230:869$864
1886.....	120$293	126:038$905	111:310$530	237:469$728

Como já dissemos, grande parte da pescaria colhida nas armações da Costa da Galé e pelas embarcações do porto de Setubal, vem para o mercado de Lisbôa, onde dá entrada, e por tanto o valor total do pescado, que o mappa antecedente indica, não dá medida do producto completo da exploração feita pelos pescadores d'esta localidade.

ENTRE O RIO SADO E O CABO DE S. VICENTE

No extenso litoral comprehendido entre a embocadura do rio Sado e o Cabo de S. Vicente, exceptuando a costa da Galé já mencionada, onde os pescadores de Setubal lançam as armações de sardinha, não merecem grande

importancia os pequenos portos de pesca que existem, e que são a partir do norte:

Melides e *Santo André.*
Sines.
Porto Covo.
Milfontes.
Calheta do Sardão.
Arrifana.

Melides e *Santo André.*—A umas 9 leguas para o sul da foz do rio Sado, ficam as duas lagôas litoraes conhecidas pelos nomes de *Lagôa de Melides* e *Lagôa de Santo André*, onde a pesca se exerce geralmente durante a temporada de banhos, em que esta costa é mais frequentada.

Pequeno numero de pescadores exploram as aguas lacustres com redes de arrastar, ou de cerco, e sáem para o mar no lançamento das redes de sardinha, de arrastar para a terra, quando o tempo está seguro.

O diminuto movimento de pesca, tanto maritima como fluvial, d'esta localidade póde aferir-se pelos dados seguintes:

Mappa do movimento de pesca em Melides e Santo André, nos annos de 1885 e 1886

Numero de embarcações	Numero de tripulantes e pessoas empregadas na pesca	Valor do pescado	
		1885	1886
3	37	2:092$938	2:696$542

Sines.—A 13 leguas de distancia para o sul da embocadura do rio Sado, demora a *Ponta de Sines* muito avançada para o mar, formando para leste e para o sul uma enseada ao abrigo dos ventos do N., na qual lançam algumas armações de sardinha, trabalham as artes de arrastar para a terra, e surgem as embarcações da pesca costeira, que n'este porto attinge algum desenvolvimento. Os pescadores de Sines não exercem a pesca do alto.

Em 1886 havia na costa de Sines as seguintes armações de sardinha:

Numero	Nomes das armações	Proprietarios
1	Silveira	João Francisco dos Santos.
2	Senhora das Salas	Idem.
3	Santa Catharina	João Soares de Jesus.

O quadro seguinte mostra o movimento de pesca maritima em Sines nos annos de 1885 e 1886.

Mappa do movimento de pesca em Sines, nos annos de 1885 e 1886

Armações de pesca			Barcos		Total		Valor do pescado	
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas	1885	1886
3	18	70	13	29	31	99	10:615$589	12:332$133

Porto Covo.—A 3 leguas de distancia para SE. da Ponta de Sines demora a calheta de *Porto Covo da Bandeira,* onde ha algumas embarcações que se empregam na pesca costeira, constituindo um porto quasi insignificante sob este ponto de vista, como se póde avaliar pelo mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca de Porto Covo da Bandeira, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações	Tripulantes	Valor do pescado
1885	6	18	201$765
1886	9	27	484$100

Os pescadores de Porto Covo vão algumas vezes pescar no Canal do Pecegueiro, estabelecendo redes nas passagens do canal, de modo que o peixe que entra não possa depois sair.

Milfontes—A 27 kilometros para o sul da Ponta de Sines, desagúa no oceano o rio Mira, formando junto á embocadura um pequeno porto, que possue algumas embarcações de pesca tripuladas por habitantes de Villa Nova de Milfontes, situada na margem direita a 1 kilometro da foz do rio.

Os pescadores d'esta localidade exercem a pesca costeira, saindo a barra nas occasiões de bom tempo, e refugiando-se no Porto das Barcas, pelo norte da embocadura, quando não podem entrar aquella, ou para ficarem mais livres de sairem para o mar no verão. Tambem pescam á linha e com redes dentro do rio, dando grande caça ás corvinas, na temporada em que sobem este curso de agua, mas o movimento de pesca é aqui de muito pequena importancia.

Mappa do movimento de pesca de Milfontes, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações	Tripulantes	Valor do pescado
1885	15	45	351$506
1886	18	54	419$955

Calheta do Sardão.—Proximo do Cabo Sardão ha uma pequena calheta que possue dois barcos de pesca tripulados por individuos de S. Theotonio, os quaes exercem a pesca costeira á linha durante o verão.

Arrifana.—A esta enseada, pelo sul de Aljezur, vão duas ou tres lanchas de pesca estacionar nos mezes de verão, para ali exercerem a exploração dos seres que vivem nas aguas da costa, vendendo o producto na villa proxima.

ENTRE O CABO DE S. VICENTE E O RIO DE PORTIMÃO

N'esta parte da costa meridional do Algarve é a pesca muito importante da Praia da Salema para leste, havendo algumas armações de pesca do atum, muitas da sardinha, artes de arrastar para a terra, e embarcações que se empregam na pesca ao anzol; d'este ponto, porém, até ao Cabo de S. Vicente, comprehendendo as enseadas do Zavial, Ingrina, Balieira, Sagres e Belixe, não ha portos de pesca, muito embora ella se exerça de cima dos rochedos que formam as margens, e que orlam todo o litoral, por pescadores isolados que veem procurar nas aguas peixe para seu consumo e não para negocio, e na costa por embarcações pertencentes aos outros portos, e que tambem demandam estas paragens no exercicio da sua industria.

Os portos de pesca, comprehendidos n'esta linha de costa desde o Cabo de S. Vicente até á foz do rio Odelouca ou Portimão, são os seguintes, começando de oeste:

Salema.
Almadena.
Burgau.
Senhora da Luz.
Porto de Moz.
Lagos.
Alvôr.

J. d'Almeida

ABROTEA *(physis blemiodes)*, pag. 42

A muitos d'estes centros de pesca pertencem os individuos que formam as companhas das armações, situadas algumas em pontos da costa bastante afastados dos varadouros dos barcos.

Salema. — Na enseada que a costa fórma entre a Ponta da Torre e a Ponta do Burgau, fica a 14 kilometros da Ponta de Sagres, a *Praia da Salema,* pequeno porto de pesca, onde ha uma arte de arrastar para a terra, que vae ao mar com a gente do campo que na occasião se póde reunir.

Os dados seguintes mostram a pouca importancia d'este porto:

Mappa do movimento de pesca da praia da Salema, no anno de 1886

Artes de pesca			Valor do pescado		
Numero	Barcos	Companha	Sardinha	Peixe diverso	Total
1	2	25	196$340	69$060	265$400

Almadena. — A pouco mais de 1 kilometro para leste da Salema, demora a embocadura do rio de *Almadena,* formando um pequeno porto conhecido pelo nome de *Bôca do Rio,* onde se recolhem os barcos das armações que costumam largar nas proximidades.

Em 1885 havia aqui apenas uma armação de sardinha, porém no anno de 1886 largou tambem uma de atum, propriedade de João Marreiros Netto, dono da primeira, embora a experiencia já houvesse anteriormente demonstrado que a localidade não era propria para a pesca do atum, facto que nos ultimos annos tambem se comprovou, o que leva a crer que o atum não começa a investir com a costa meridional, senão das alturas de Lagos para leste.

Temos, pois, para este porto de pesca duas armações, uma de atum e outra de sardinha que alternam no lançamento, sete barcos e uma companha de uns quarenta e cinco homens.

O pescado de Almadena, que não é consumido na localidade, dá entrada em Lagos, indo o seu valor incluido no mappa relativo a esta cidade.

Burgau. — A 1,5 kilometro para leste da Ponta do Burgau fica a praia d'este nome, pequeno porto de pesca, a que pertence uma armação de sardinha e uma arte de arrastar para a terra.

A armação deita em frente da Ponta da Cama da Vacca, situada ao nascente da Praia do Burgau, a cerca de 2 kilometros de distancia, sendo proprietario d'ella Joaquim Nunes Pires.

O quadro que segue mostra o movimento da pesca d'este porto em 1886:

Mappa do movimento de pesca do porto do Burgau, referido a 1886

Armação de sardinha			Arte de arrastar			Total		Valor do pescado		
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Embarcações	Pessoas	Sardinha	Peixe diverso	Total
1	7	40	1	2	28	9	68	106$420	30$920	137$340

Este mappa indica unicamente o valor do peixe que deu entrada no Burgau para consumo, porque a pescaria vae toda para Lagos, onde as fabricas de conserva têem grande actividade.

Senhora da Luz.—Quasi a igual distancia da Ponta do Burgau e da Ponta da Piedade, extremo occidental da bahia de Lagos, fica a *Praia da Senhora da Luz*, onde varam as embarcações d'esta localidade, á qual pertencem duas armações de sardinha, uma situada em frente da Ponta da Ferraria, cujo proprietario é o dr. Braklamy, dono de uma fabrica de conserva de peixe, que funcciona aqui, e a outra chamada *Mata Porcas*, que lança ao sul da praia da Senhora da Luz, pertencente a Fernando Galvão.

A pescaria que entra n'este porto para consumo e para a fabrica, vae incluida no mappa relativo ao porto de Lagos.

Temos pois para esta costa duas armações de sardinha, dezeseis barcos e noventa homens empregados nos trabalhos da pesca.

Porto de Moz.—Esta pequena praia demora a 2 kilometros para W. da Ponta da Piedade, e serve algumas vezes de varadouro ás embarcações de uma armação de atum, conhecida pelo nome de *armação da Torr'alta*, que lança em frente, e da qual é concessionario Fernando Galvão. O valor do pescado tambem vae reunido ao de Lagos. Esta armação tem oito embarcações e quarenta e cinco homens de companha.

Lagos.—Para E. da Ponta da Piedade estende-se a vasta bahia de Lagos, na qual deitam geralmente tres armações, sendo duas destinadas á pesca da sardinha e uma á do atum.

Em frente da cidade, situada em amphitheatro na margem occidental d'esta bahia, fórma a costa uma lingua de areia que defende um pequeno porto, onde se abrigam as embarcações de pesca e as de cabotagem.

PEIXE-ANJO *(squatina vulgaris)*

Pertencem a este porto seis lanchas de pesca costeira que vão quasi diariamente pescar até proximo de Sagres: uma canôa do alto, uma arte de galeão e duas artes de arrastar para terra, com o numero de embarcações e de homens mencionados no quadro seguinte, referido a 1886:

Mappa dos apparelhos de pesca, embarcações e companhas do porto de Lagos, referido ao anno de 1886

Armações de pesca			Galeões			Artes de arrastar			Lanchas e canôas		Total	
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas
3	22	130	1	7	50	2	4	56	7	33	40	269

A armação de atum denomina-se da *Torr'altinha,* e lança um pouco a leste da Ponta da Piedade; pertence a Domingos Antonio de Abreu, que tambem é proprietario de uma das armações de sardinha. A outra armação de sardinha, chamada *Vinha Nova,* é de João Maria Cruz.

A armação da Torr'altinha captura principalmente peixe diverso e sardinha, com quanto já tenha pescado grande valor de atum, mas não tem aqui esta pesca as probabilidades favoraveis que a rodeiam em outros pontos da costa do Algarve. Em 1885 o valor do atum apanhado n'esta armação foi de 620$240 réis.

O valor do pescado, incluindo atum, que deu entrada em Lagos nos annos de 1885 e 1886, vae representado no mappa que se segue:

Mappa do valor do pescado que foi dado ao manifesto em Lagos, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885.....	49:299$480	8:081$320	57:380$800
1886.....	63:027$780	5:899$780	68:927$560

Na cidade de Lagos ha cinco fabricas de conserva de peixe, principalmente de sardinha.

O mappa que se segue, fornecido pela capitania do porto de Lagos, contém o movimento de pesca dos portos e costa da área de jurisdicção

d'esta capitania, que abrange o litoral desde o Cabo de S. Vicente até ao extremo leste do concelho de Lagos, nos dez annos anteriores a 1885: [1]

Annos	Numero de embarcações	Numero de tripulantes	Numero de armações e artes	Numero de pessoas das companhas	Total das pessoas	Valor do pescado
1875.....	29	201	13	157	358	38:400$000
1876.....	25	178	11	130	308	56:480$000
1877.....	28	169	11	127	296	32:600$000
1878.....	25	176	11	127	303	54:320$000
1879.....	30	180	11	121	301	42:525$000
1880.....	24	159	11	132	291	35:685$000
1881.....	12	47	9	79	126	70:800$000
1882.....	24	204	11	162	366	60:080$000
1883.....	27	177	11	130	307	45:680$000
1884.....	35	205	10	127	332	47:716$000

Alvôr.—Na parte oriental da bahia de Lagos existe o pequeno porto de pesca de *Alvôr*, formado pela ria, comprehendida entre o areal e a terra, que se estende até um pouco acima da povoação d'este nome.

Do porto de Alvôr sáem diariamente uns vinte e cinco botes para a pesca costeira ao anzol, e ha duas artes de arrastar para a terra, que trabalham quando não faltam braços para exercer esta industria.

Este porto poderia tomar grande desenvolvimento de pescarias se fosse accessivel facilmente ás grandes lanchas de pesca, mas a sua entrada está muito obstruida pelo banco de areia, e fórma duas barras ou canaletes, navegaveis unicamente em preamar, ou dois terços de enchente, rasão pela qual alguns hiates que frequentam este surgidouro, entram nas aguas vivas, e dão fundo proximo da foz, a W., abrigando-se com a lingua de areia que fórma o prolongamento da praia de S. Roque.

Os pescadores d'este porto lançam *cóvos* e *muregónas* na região pedregosa da bahia, fazendo boa pescaria com este systema de pesca.

Tambem dentro da ria, cujo fundo é semeado de abundantes *sebas*, se faz alguma pesca, ainda que em diminuta escala.

Pertence o porto de Alvôr, pela divisão maritima actual, á capitania de Villa Nova de Portimão.

---

[1] Em 1885 ainda os mappas alfandegarios da pescaria do Algarve descriminavam o atum, sardinha, peixe diverso e marisco, mas d'este anno em diante mencionam sómente as tres ultimas qualidades, incluindo o atum no peixe diverso, por ordem superior da administração de Lisboa.

O mappa que se segue dá idéa do movimento de pesca d'este porto, nos annos de 1885 e 1886, não incluindo a pescaria que entra em Lagos:

Mappa do movimento do pescado em Alvôr, nos annos de 1885 e 1886

Artes de arrastar			Botes		Total		Valor do pescado			
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
2	4	56	25	90	29	146	1885	877$940	2:309$900	3:187$840
							1886	282$620	1:285$520	1:568$140

Os dados relativos a este porto não vão mencionados no mappa que apresentámos referido a Lagos, durante os dez annos de 1875 a 1884, por isso que pela divisão maritima e alfandegaria elle pertence a Villa Nova de Portimão. Em 1885 deu entrada em Alvôr atum na importancia de 52$800 réis.

RIO ODELOUCA OU PORTIMÃO

No rio de *Odelouca* ou *Portimão,* na bacia inferior a montante da embocadura, ha dois portos de pesca maritima e fluvial, que são:

Portimão.

Ferragudo.

Portimão. — Em frente de Villa Nova de Portimão fórma o rio o principal ancoradouro d'este porto commercial, ao qual tambem pertencem muitas embarcações tripuladas por gente d'esta localidade que, tanto no rio, como na costa e no alto, se dedicam á industria da pesca.

O mappa seguinte, referido a 1885 e 1886, dá idéa do movimento de pesca d'este porto:

Mappa do movimento de pesca de Portimão, nos annos de 1885 e 1886

Artes de arrastar			Lanchas e botes		Total		Valor do pescado			
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Barcos	Pessoas	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
3	6	75	36	162	42	237	1885	6:604$000	5:110$440	11:714$440
							1886	6:868$260	7:402$700	14:270$960

Alem do numero que este mappa indica, ha tambem muitos homens, mulheres e menores, a pé, que se empregam nas tapadas e chavegas de arrastar á praia e na pesca marginal do rio. Em 1885, o valor do atum entrado em Portimão, foi de 710$400 réis.

Ferragudo.—Na margem esquerda do rio muito proximo da foz fica este porto de pesca maritima e fluvial, cuja importancia se póde avaliar pelo mappa abaixo indicado:

Mappa do movimento de pesca de Ferragudo, nos annos de 1885 e 1886

Artes de arrastar			Lanchas e botes		Total		Valor do pescado			
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
3	6	75	11	69	87	144	1885	60$160	1:363$580	1:423$740
							1886	28$920	790$360	819$280

Proximo de Ferragudo ha uma importante fabrica de conserva de peixe, que consome em grande parte a pescaria que dá entrada por este porto e pelo de Portimão.

A pesca fluvial é exercida tanto pelos pescadores de Portimão como pelos de Ferragudo, apanhando uns e outros os saborosos mariscos que povoam os bancos do rio, e capturando ao anzol as especies de peixes que entram no fluxo da maré.

ENTRE A FOZ DE PORTIMÃO E O CABO DE SANTA MARIA

É muito importante toda a costa comprehendida entre a embocadura do rio de Portimão e o cabo de Santa Maria, sob o ponto de vista da pesca.

Ao longo d'ella, em differentes pontos, que abaixo indicaremos, lançam periodicamente armações de atum e de sardinha; de alguns dos seus portos saem muitas embarcações para a pesca maritima ao anzol e para o lançamento de artes de arrastar para a terra nas praias que a marginam, e nos bancos e canaletes da ria de Faro exploram-se em grande quantidade os mariscos e as pequenas especies de peixes de que ella é muito abundante.

PEIXE-PORCO

Os principaes centros de pesca são, começando de oeste:
Carvoeiro.
Benagil.
Senhora da Rocha.
Armação de Pera.
Pedra da Galé.
Albufeira.
Oura.
Olhos de Agua.
Vallongo.
Quarteira.
Forte Novo.
Ramalhete.
Faro.
Cabo de Santa Maria.

Carvoeiro.—A 4,5 kilometros para leste da Ponta do Altar, que limita ao sul a enseada de Portimão, fica a *Praia do Carvoeiro,* em frente da qual deita uma armação de atum e uma armação de sardinha, alternadamente, pertencentes a Joaquim de Almeida Negrão.

Em 1885 e 1886 foi insignificante o valor do peixe dado ao manifesto no posto fiscal d'este porto, como se vê no mappa abaixo mencionado, devendo a pescaria ter dado entrada em Portimão, embora a armação de atum não tenha produzido resultado n'esta localidade com a captura do atum.

Mappa do movimento de pesca no Carvoeiro, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Armações de pesca			Valor do pescado
	Numero	Barcos	Companhas	
1885	2	7	40	43$680
1886	1	7	40	32$620

Benagil.—A 1,5 kilometro para leste do Cabo Carvoeiro demora o *Barranco de Benagil,* tendo em frente uma pequena praia que serve de varadouro a algumas embarcações de pesca. No posto fiscal de Benagil foi dado ao manifesto em 1885 e 1886 peixe diverso, cujo valor foi o seguinte:

1885	100$400
1886	26$460

Senhora da Rocha. — Uns 3 kilometros para o nascente de Benagil fica um outro insignificante porto de pesca, possuindo tres pequenos barcos, achando-se só um em condições de poder servir, o qual é tripulado por cinco homens.

O valor do peixe diverso dado ao manifesto no posto fiscal da Senhora da Rocha, nos annos de 1885 e 1886, foi o seguinte:

1885	38$600
1886	15$640

Armação de Pera. — Para o oriente do Cabo Carvoeiro, fórma a costa uma enseada muito aberta, flan[queada] da de praia na margem de E., ao centro da qual está a povoação de [Armação] *de Pera,* quasi que exclusivamente entregue á industria da pesca.

Os pescadores d'esta localid[ade] [lan]çam as aguas do alto empregando apparelhos de anzol, e lançam a[rte] arrastar para a terra em toda a praia da enseada.

O mappa seguinte mostra a importa[ncia] d'este centro de pesca:

Mappa do movimento de pesca de Armação de Pera, nos annos de 1885 e 1886

Artes de arrastar			Barcos		Total		Valor do pescado			
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Dias	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
4	8	100	19	76	27	176	18[illegible]	:665$940	3:060$600	10:726$540
							1[illegible]	3:068$920	2:015$260	8:084$180

Alem das pessoas indicadas no [quadro] antecedente, ha mais um certo numero, não pequeno, de homens, [rapazes] e menores, que coadjuvam o arrastamento das artes, a conducção [da] pescaria e muitos outros trabalhos inherentes a esta industria.

Em Armação de Pera ha uma fabrica de conserva de peixe.

Pedra da Galé. — No extremo oriental da enseada de Pera, ha no areal um agrupamento de barracas pertencentes á armação de atum, que costuma deitar em frente da *Pedra da Galé,* da qual é proprietario Diogo João Mascarenhas Manuel.

Pertencem a esta armação sete barcos que varam na praia em frente do arraial, e a sua companha compõe-se de quarenta e cinco homens.

A pescaria apanhada por esta armação dá entrada em Armação de Pera.

J. Almeida

VERMELHINHO

Albufeira. — Pertencem a este porto de pesca, situado na enseada de Albufeira, cinco artes de arrastar e vinte e quatro barcos de pesca maritima.

Em frente da villa costuma lançar uma armação de atum e uma armação de sardinha, alternadamente, que têem o seu arraial de barracas e varadouro para as embarcações, no local denominado *Oura,* a E. da enseada. O proprietario d'estas armações é Francisco de Paula Sousa Leite Junior.

Ainda mais para E. no ponto da costa chamado *Olhos de Agua* existe um outro arraial de barracas e varadouro, da armação de sardinha da *Semina,* pertencente a Paulo Marreiros Mascarenhas Neto.

O movimento de pesca de Albufeira, Oura e Olhos de Agua, em 1885 e 1886, póde ser avaliado pelo mappa seguinte:

Mappa do movimento de pesca de Albufeira, Oura e Olhos de Agua nos annos de 1885 e 1886

Armações de pesca				Barcos		Total		Valor do pescado			
Locaes	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Barcos	Pessoas	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
Oura.....	2	7	45	24	120	37	205	1885	2:059$260	2:131$420	4:190$680
Semina..	1	6	40					1886	2:815$760	1:599$140	4:414$900

A pescaria d'esta costa dá entrada pelo posto fiscal de Albufeira.

O mappa seguinte mostra o numero de apparelhos de pesca, embarcações e pessoas empregadas na pesca, em todo o litoral e portos da área de jurisdicção da capitania de Villa Nova de Portimão, desde Alvôr até á Semina, nos dez annos anteriores a 1885:

Annos	Numero de embarcações de pesca matriculadas	Numero de tripulantes matriculados	Numero de armações e chavegas matriculadas	Companhas das armações e chavegas matriculadas	Numero total de pessoas matriculadas
1875.....	107	350	22	465	815
1876.....	108	354	18	454	808
1877.....	110	375	19	453	828
1878.....	112	387	20	471	858
1879.....	110	379	21	489	868
1880.....	114	387	22	525	912
1881.....	100	352	23	543	895
1882.....	109	358	21	507	865
1883.....	108	354	21	482	836
1884.....	110	350	22	545	895

Vallongo. — Cerca de 2 leguas para E. de Albufeira, fica o antigo forte de Vallongo, em frente do qual deita uma armação de atum, havendo na praia varadouro para as embarcações d'esta armação, cujo proprietario é Francisco de Paula Galvão.

A pescaria colhida por este apparelho dá entrada pela praia de Quarteira, que demora um pouco a E. d'este forte.

A armação de atum de direito de Vallongo, possue sete barcos e tem uma companha de quarenta e cinco homens.

Quarteira. — A praia de Quarteira que se desenvolve ao nascente de Vallongo, constitue um centro importante de pescarias, porque alem de duas armações de sardinha que deitam em frente: uma a W. do rio e outra a meio da praia, possue grande numero de artes de arrastar, que lançam em todo o areal que orla a costa n'esta zona até á barra do Ancão.

Em Quarteira tambem tem grande incremento o fabrico da conserva de peixe.

O proprietario das duas armações é Manuel Joaquim de Almeida.

O mappa que se segue mostra a importancia d'este porto de pesca, nos annos de 1885 e 1886:

Mappa do movimento de pesca de Quarteira, nos annos de 1885 e 1886

Armações de pesca			Artes de arrastar			Total		Valor do pescado			
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Barcos	Companhas	Embarcações	Pessoas	Annos	Sardinha	Peixe diverso	Total
2	13	80	8	16	200	29	280	1885	12:858$260	17:219$700	30:077$960
								1886	9:897$680	6:091$100	15:988$780

Forte Novo. — A 2 kilometros para E. do forte de Quarteira, demora um outro, denominado *Forte Novo,* em frente do qual costuma deitar uma armação de atum de direito, pertencente a Francisco de Paula Sousa Leite Junior.

A praia adjacente serve de varadouro para as sete embarcações d'esta armação, que tem uma companha de quarenta e cinco homens.

A pescaria d'este centro de pesca dá entrada no posto fiscal da praia de Quarteira.

Ramalhete. — A W. da barra do Ancão costuma deitar uma armação de atum de direito, denominada do *Ramalhete,* propriedade de João da Fonseca.

O arraial d'esta armação fica na margem do esteiro que da barra do Ancão vae entroncar com o canal de Faro, dentro da ria do mesmo nome.

Pertencem a esta armação sete embarcações e a companha conta cincoenta homens.

Parte da pescaria entra em Faro e outra parte vae para Villa Real.

N'esta costa lança tambem uma armação de sardinha, denominada *Ossonoba*, pertencente a Antonio Frederico Gomes, tendo seis barcos e quarenta homens de companha, e fornecendo pescaria para Faro.

Mais para E. na costa occidental do cabo de Santa Maria, ainda costuma deitar a armação de sardinha, chamada S. João, propriedade de João Francisco Rodrigues de Passo, e que possue seis embarcações e quarenta homens.

Cabo de Santa Maria. — A W. um pouco do cabo de Santa Maria, na ilha da Barreta, demora o arraial das barracas e o varadouro das embarcações da armação de atum de direito do cabo de Santa Maria, pertencente a Ventura José Coelho de Carvalho, contando oito embarcações e uma companha de cincoenta homens.

A pescaria colhida por este apparelho tambem dá entrada em Faro.

Faro. — Em frente da cidade de Faro, séde do departamento maritimo do sul, fórma a extensa ria do mesmo nome um porto de pesca, de onde irradiam muitas embarcações para a exploração das aguas maritimas interiores e exteriores, constituindo um centro de pesca de grande actividade e muito importante pelo valor da pescaria que n'elle dá entrada e pelo numero de braços que emprega.

A pesca não só se exerce aqui de bordo das embarcações, mas tambem grande numero de pessoas a fazem a pé por entre os esteiros, colhendo abundante quantidade de mariscos nas praias e sapaes que ficam a descoberto na baixamar.

O numero de embarcações, apparelhos de pesca e pessoas empregadas n'esta industria, que pertencem ao porto de Faro, vae indicado no quadro seguinte:

Mappa dos apparelhos de pesca, embarcações e pessoas empregadas n'esta industria pertencentes a Faro, no anno de 1886

Artes de arrastar			Embarcações		Numero de pessoas na pesca a pé	Total	
Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes		Embarcações	Pessoas
4	8	110	65	195	42	73	347

O valor do pescado dado ao manifesto em Faro nos annos de 1885 e 1886, proveniente das armações de pesca da costa adjacente e dos pescadores d'este porto, é o que consta do mappa que se segue:

Mappa do valor do pescado que deu entrada em Faro, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885.....	922$820	1:585$280	16:969$360	19:477$460
1886.....	1:557$120	3:084$360	23:050$240	27:691$720

As artes de arrastar pertencentes ao porto de Faro lançam desde a barra do Ancão até á Armona.

Vamos apresentar em seguida um mappa do numero de embarcações, armações, artes de arrastar, e pessoas empregadas na pesca, durante os dez annos anteriores a 1885, na area da jurisdicção da capitania de Faro, que comprehende desde Vallongo até á Armona, um pouco a E. do cabo de Santa Maria.

Annos	Embarcações		Armações		Artes de arrastar		Numero total de pessoas
	Numero	Tripulantes	Numero	Companhas	Numero	Companhas	
1875	59	162	3	248	5	66	476
1876	64	163	3	231	4	35	429
1877	68	178	4	277	8	93	548
1878	43	127	3	229	–	–	356
1879	66	157	4	312	3	39	508
1880	71	181	3	253	1	7	441
1881	54	163	2	167	11	81	411
1882	62	198	2	168	2	41	407
1883	70	190	3	251	12	118	559
1884	58	162	4	320	9	90	572

Ao SW. da barra do Ancão existe uma restinga de pedra, que constitue uma ostreira natural, onde os pescadores de Faro vão explorar este precioso mollusco, não só para consumo da cidade, como tambem para exportar para Gibraltar. Quando fazem abundante colheita, depositam as ostras em um dos esteiros da ria para d'aqui as tirarem á medida da procura que têem no mercado.

J. d'Almeida

BOGA DO MAR *(box vulgaris,* Cuv.)

ENTRE O CABO DE SANTA MARIA E A FOZ DO RIO GUADIANA

Esta parte da costa meridional do Algarve ainda é mais importante do que a anterior, possuindo portos de intensa concentração de pescaria muito valiosa e nos quaes a labutação d'esta industria toma proporções consideraveis, podendo dizer-se que vivem exclusivamente do producto da pesca. Olhão, Fuzeta e Tavira, são centros de pesca de enorme actividade, que em todo o continente sómente podem ser comparados com a Povoa de Varzim, Peniche, Lisbôa, Cezimbra e Setubal.

Os portos de pesca situados entre o cabo de Santa Maria e a foz do rio Guadiana são os seguintes a partir de W.:

Olhão.
Fuzeta.
Tavira.
Cacella.
Torre Velha.
Cabeço.
Monte Gordo.

Olhão. — Os arrojados e vivos pescadores d'este populoso centro de pesca, exercem a sua industria em toda a parte onde ha aguas para explorar; elles demandam de verão, maio a setembro, o mar de Larache, fronteiro á costa marroquina, tirando partido da grande affluencia de cavala, pescada, dentão, lirio, sarrajão e outras especies que ali procuram comedouros durante esta temporada; exercem a pesca do alto no chamado *Mar da Mama Gorda,* distante 5 leguas da costa de Tavira e no *Mar de Xarnal,* situado mais para W., frequentando muitissimo toda a região fronteira á barra de Olhão até 3 leguas de distancia, que denominam *O Nosso Mar;* dedicam-se á pesca costeira e á pesca na ria de Faro, Olhão, e Tavira; e largam a sua costa para aportar a pontos distantes onde possam encontrar mercado para o producto do seu trabalho.

Foi de Olhão que saiu e aportou ao Brazil um cahique de pesca, levando a D. João VI a noticia do triumpho das idéas liberaes em Portugal.

O pescador de Olhão é, como o poveiro, destemido para o mar, considerando-o como propriedade sua, da qual elle possue todos os segredos e tira todo o resultado, por direito de posse real de todos os instantes, conhecendo-o de viver com elle toda a vida na maior intimidade recebendo as suas caricias e sendo tambem sua victima.

Ao movimento de pesca de Olhão está ligado o de um outro porto a *Fuzeta,* pertencente á mesma área da capitania do primeiro, e exercendo

a pesca em identicas condições e com igual actividade, ainda que a sua população seja muito inferior em numero.

Fuzeta. — Ao N. 56° E. e a 8 milhas do pharol de Santa Maria, termina a extensa ilha de areia da Armona e fórma-se uma communicação entre o mar e a ria, praticavel na maré cheia para embarcações de pesca, que denominam barra da *Fuzeta,* por dar accesso ao pequeno porto de pesca fronteiro á povoação d'este nome.

As artes de arrastar de Olhão e Fuzeta deitam desde a Armona até á barra da Fuzeta.

Ao longo d'esta costa lançam tres armações de sardinha: a 1.ª, de W. chamada de *S. Lourenço,* pertencente a Francisco Antonio Alberto, deita ao S. da barra da Armona por E. do banco da *Cabeça dos Mortos;* a 2.ª, *Vergões,* lança a E. da ponta d'este baixo a 1,5 milha da praia; a 3.ª de E., *Armona,* fica N.-S. com a torre da igreja da Fuzeta, a pouco mais de 0,5 milha da praia.

Os mappas seguintes mostram o movimento de pesca de Olhão e Fuzeta nos annos de 1885 e 1886:

Mappa das embarcações, armações e pescadores de Olhão e Fuzeta nos annos de 1885 e 1886

Annos	Embarcações para a pesca em Larache		Armações de pesca			Embarcações		Total	
	Numero	Tripulantes	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas
1885.....	30	360	3	18	120	102	682	150	1:162
1886.....	30	360	3	18	120	102	682	150	1:162

Mappa do valor do pescado em Olhão e Fuzeta, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor do pescado				
	Postos fiscaes	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885	Olhão.....	329$840	39:155$300	51:336$980	90:822$120
	Fuzeta.....	81$880	723$200	9:946$360	10:751$440
1886	Olhão.....	413$160	62:116$820	43:594$820	106:124$800
	Fuzeta.....	—$—	2:168$360	11:758$080	13:926$440

J. Almeida

SALMONETE *(mullus surmuletos)*, pag. **42**

O quadro que se segue da idéa do movimento de pesca dos portos de Olhão e Fuzeta nos sete annos anteriores a 1885:

Annos	Embarcações		Artes de arrastar		Numero total de pessoas	Valor do pescado
	Numero	Tripulantes	Numero	Companhas		
1878.....	144	857	10	96	953	58:259$754
1879.....	167	928	10	99	1:027	62:067$832
1880.....	182	961	12	126	1:087	46:136$746
1881.....	168	968	12	129	1:097	55:006$186
1882.....	172	1:030	10	105	1:135	118:657$016
1883.....	180	1:041	11	101	1:142	76:778$855
1884.....	167	1:014	16	122	1:136	83:410$270

Tavira.—Os pescadores d'este porto exercem a pesca do alto com apparelhos de anzol e a pesca costeira, deitando armações de atum de revez ao longo da ilha de Tavira, e empregando as artes de arrastar em toda a costa do litoral d'este concelho, indo até á Armona e a Monte Gordo, fóra dos limites do seu concelho, lançando mão tambem de todos os outros processos de pesca em uso para a captura das especies de peixes que frequentam a ria de Tavira e as aguas costeiras.

Ha muitos annos que na costa de Tavira deitam quatro armações de atum de revez. A 1.ª de W. denominada do *Livramento*, pertencente a João Rodrigues Gomes Centeno, em frente do extremo occidental da ilha de Tavira, onde está o arraial das barracas e o varadouro das embarcações; a 2.ª do *Barril* ou *Tres Irmãos,* de José Pires Padinha, ao NE. da anterior, possuindo tambem sobre o areal barracas e varadouro; a 3.ª do *Médo das Cascas,* ainda mais para o NE., propriedade de Manuel Joaquim de Almeida; e a 4.ª, finalmente, da *Abobora,* de Sebastião José Teixeira Neves de Aragão, no extremo oriental da ilha; tendo tambem estas duas arraiaes e varadouros sobre a praia.

O mappa abaixo mencionado dá idéa do movimento de pesca d'este porto em 1885 e 1886:

Mappa do movimento de pesca em Tavira, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Armações			Barcos		Total		Valor do pescado			
	Numero	Barcos	Companhas	Numero	Tripulantes	Embarcações	Pessoas	Marisco	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885	4	28	200	75	585	103	785	154$840	3:722$560	35:482$520	39:359$920
1886	4	28	200	74	548	102	748	97$380	5:624$100	36:238$260	41:959$740

Os pescadores de Tavira fazem grande colheita de mariscos em toda a ria.

O valor do atum pescado em 1885 foi de 29:071$800 réis.

O quadro seguinte mostra o movimento de pesca do porto de Tavira nos dez annos anteriores a 1885:

Annos	Embarcações		Armações e artes			Total das pessoas	Valor do pescado		
	Numero	Tripulantes	Armações	Artes	Companhas		Atum	Sardinha	Total
1875	104	510	3	12	197	707	22:348$800	6:735$000	29:083$800
1876	62	507	4	12	226	733	30:528$200	3:780$000	34:308$200
1877	50	181	4	12	232	413	32:425$500	3:566$000	35:991$500
1878	50	163	3	12	172	335	28:057$600	3:490$000	31:547$600
1879	60	180	4	11	202	382	27:850$000	5:030$000	32:880$000
1880	70	246	4	13	173	419	30:388$100	3:560$000	33:948$100
1881	63	255	4	14	203	458	25.380$000	3:110$000	28:490$000
1882	60	245	4	14	211	456	29:499$300	3:125$000	32:624$300
1883	105	260	4	14	336	596	31:400$000	6:310$000	37:710$000
1884	161	314	3	15	279	593	1:290$700	5:325$000	6:615$700

Cacella.—O Forte de Cacella demora ao S. 72° W. e a 6,7 milhas da foz do rio Guadiana; a W. do forte desagúa a ribeira de Junco e a E. a ribeira de Cacella, e na praia proxima de *Cacella* é o varadouro das embarcações da armação de sardinha, que lança ao SSE. e a 2 milhas de distancia do forte, da qual é proprietario Jacinto José de Andrade. Esta armação denomina-se de Nossa Senhora da Assumpção, e possue seis embarcações e uma companha de quarenta homens.

A pescaria dá entrada no posto fiscal da *Torre Velha,* a leste da Praia de Cacella.

Torre Velha.—Para o oriente de Cacella, na praia adjacente ao posto fiscal d'este nome, fica o varadouro das embarcações de uma armação de sardinha, que recentemente deita ao sul d'este ponto. O mappa seguinte mostra o movimento da pesca d'este pequeno porto:

Mappa do movimento de pesca da Torre Velha, nos annos de 1885 e 1886

Annos	Armação de sardinha			Valor do pescado		
	Numero	Barcos	Companhas	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885	1	6	40	2:788$960	32:902$700	35:691$660
1886	1	6	40	263$220	386$300	649$520

No valor do peixe diverso que deu entrada por este posto fiscal em 1885, figuraram 29:332$840 réis de atum, que aqui foi dado ao manifesto, segundo a nota que nos foi fornecida pela alfandega de Faro.

Cabeço.—Para o nascente da Torre Velha, demora uma eminencia ao sopé da qual fica uma praia que serve de varadouro a pequeno numero de embarcações de pesca, denominando-se este ponto da costa o *Cabeço*.

O movimento de pesca d'este pequeno porto está ligado com o de um outro que lhe fica para E., e que é o ultimo d'esta costa, e estes dois com o de Villa Real de Santo Antonio na margem direita do rio Guadiana, a 1 milha de distancia da embocadura.

Monte Gordo.—A *Praia de Monte Gordo* fica ao N. 72° E. a 4,7 milhas de distancia do forte de Cacella, proxima da foz do rio Guadiana, na zona de dunas de areia, que limitam a E. a costa meridional do Algarve.

É muito activa a pesca n'esta localidade, dedicando-se os pescadores principalmente á exploração das aguas costeiras com as artes de arrastar ou de chavega, de que ha grande numero.

Sobre a praia vêem-se muitas barracas de madeira, e algumas casas de alvenaria, que servem de habitações para esta população de pesca, e as embarcações varam na areia.

O numero de artes e companhas de Monte Gordo vae incluido no mappa relativo a Villa Real de Santo Antonio, bem como n'elle vae consignada a grande quantidade de pescaria que vem dar entrada n'este porto.

O valor do pescado que nos annos de 1885 e 1886 foi dado ao manifesto no posto fiscal de Monte Gordo é o seguinte:

Annos	Valor do pescado		
	Sardinha	Peixe diverso	Total
1885	193$560	2:327$380	2:520$940
1886	500$880	852$380	1:353$260

RIO GUADIANA

A pescaria n'este tão extenso rio vae diminuindo de anno para anno, devido positivamente ás aguas sulfatadas que periodicamente a mina de S. Domingos e as minas hespanholas lançam para o Guadiana, por isso que durante o tempo que estão abertas as comportas das *tapadas*, que encerram as aguas carregadas de saes de cobre, vê-se em todo o rio, principalmente para jusante, grande quantidade de peixe morto, boiando á superficie ou

arrojado á margem, sendo opinião geral que o peixe acabará por abandonar este curso, se não se adoptarem medidas que obstem á destruição actual devida áquella causa.

Ainda assim algumas especies maritimas entram e sobem o Guadiana de janeiro a junho, procurando-o para desovar, taes são: o savel, saboga, lampreia e o solho-rei, peixe de grande valor, mas que infelizmente é rarissimo de encontrar nas nossas aguas interiores, excepto n'este rio, onde annualmente por aquella epocha apparecem alguns.

Os pescadores no resto do anno dedicam-se á pesca das especies de peixes que entram com a maré no leito salgado, e mais para montante no curso superior á do mugem, barbo, picão, machinho e enguia.

Antigamente as povoações marginaes do Guadiana constituiam centros de pesca fluvial de onde irradiavam para todo o rio; assim: Foz de Odeleite, Guerreiros, Laranjeiras, Alcoutim e Penha de Aguia, possuiam embarcações para esta exploração; hoje, os portos de pesca são:

Villa Real de Santo Antonio.

Pomarão.

Mertola.

Os pescadores de Villa Real sobem o rio até Alcoutim, distante 17 milhas, exercendo a sua industria; e os de Mertola descem, até este ponto, distante 16,6 milhas, para o mesmo fim.

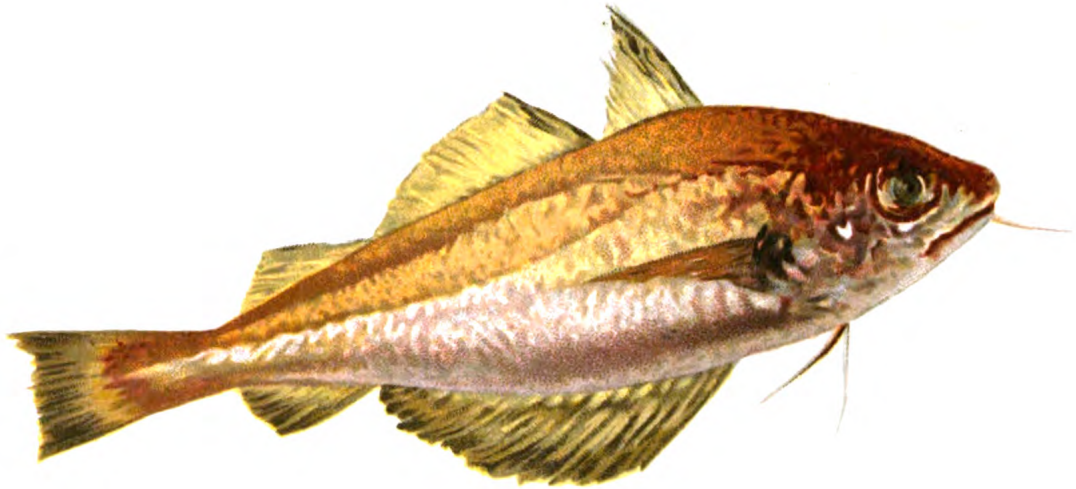
Villa Real de Santo Antonio.—Na margem direita do Guadiana, a 1 milha de distancia da embocadura, fica a povoação d'este nome, tendo em frente um bom porto de grande actividade de pescarias, e de grande importancia pelo valor d'ellas que annualmente ahi dão entrada.

O numero de embarcações, artes e pescadores pertencentes á capitania do porto de Villa Real, que comprehende este porto, Monte Gordo, Cabeço, Torre Velha e Cacella, nos annos de 1885 e 1886, vae representado no quadro seguinte:

Embarcações, artes e pescadores matriculados na capitania de Villa Real de Santo Antonio nos annos de 1885 e 1886

Annos	Artes	Embarcações	Tripulantes
1885	26	153	1:750
1886	26	173	1:848

A qualidade e valor do pescado que, durante os annos de 1885 e 1886, deu entrada no porto de Villa Real de Santo Antonio, consta do mappa que se segue:



J. A. Almeida

PAÑECA *(gadus luscus)*, pag. 43

Mappa da qualidade e valor do pescado que deu entrada em Villa Real de Santo Antonio nos annos de 1885 e 1886

Annos	Valor da sardinha	Valor do peixe diverso	Valor total
1885	25:735$220	100:181$440	125:916$660
1886	46:734$400	94:096$720	140:831$120

No valor do peixe diverso está incluido o do atum, que só por si foi de 91:864$400 réis em 1885.

O movimento da pesca fluvial relativo a este porto póde ser avaliado pelos dados fornecidos pela capitania, referidos aos annos de 1883 a 1887:

Movimento de pesca no Guadiana, relativo ao porto de Villa Real de Santo Antonio

Annos	Numero de embarcações	Valor do pescado
1883	58	6:329$630
1884	59	9:375$000
1885	81	8:578$760
1886	78	6:102$820
1887	81	10:693$720

O quadro seguinte mostra o movimento de pesca maritima e fluvial de Villa Real de Santo Antonio durante os dez annos anteriores a 1885:

Mappa do movimento de pesca em Villa Real de Santo Antonio, de 1875 a 1884

Annos	Embarcações		Artes de arrastar		Numero total de tripulantes	Valor do pescado
	Numero	Tripulantes	Numero	Companhas		
1875	60	204	23	262	466	202:617$893
1876	64	219	26	307	526	127:742$984
1877	65	211	28	320	531	125:772$636
1878	67	198	29	444	642	119:869$227
1879	53	178	29	469	637	116:830$469
1880	96	285	29	563	848	166:820$424
1881	91	229	28	575	804	188:823$727
1882	62	187	27	581	768	157:787$242
1883	118	245	26	499	744	161:723$045
1884	116	203	26	495	698	211:587$090

Em Villa Real de Santo Antonio tem grande desenvolvimento o fabrico da conserva de peixe, principalmente de atum.

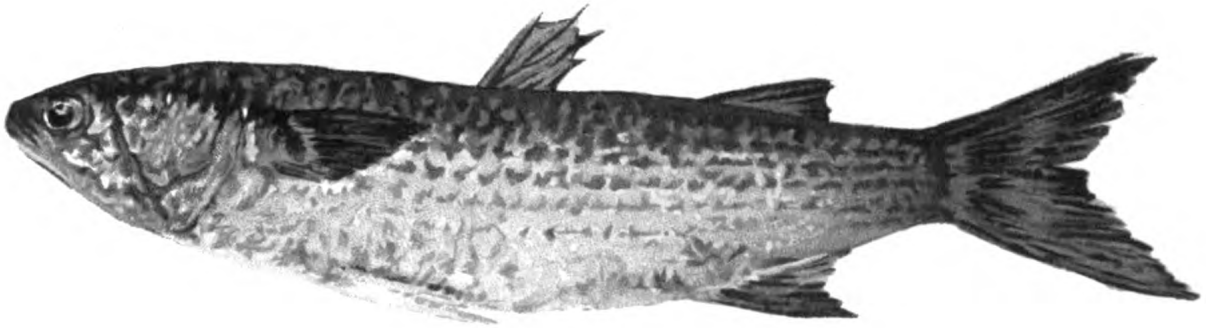
Pomarão.—Situado na margem esquerda, a 26 milhas da foz do Guadiana, fica o porto de *Pomarão,* até onde sobem grandes vapores que carregam o minerio da mina de S. Domingos; este porto, actualmente de pequeno movimento de pesca fluvial, conta apenas uma embarcação d'este genero tripulada por dois homens, podendo calcular-se em 150$000 réis o valor medio annual da pescaria por elles realisada no rio.

Mertola.—A 35,6 milhas da embocadura do Guadiana demora na margem direita, junto á ribeira de Oeiras, a villa de *Mertola,* tendo ao sopé um pequeno porto fluvial de pesca, donde partem as embarcações para explorar as aguas do rio até ao Pomarão e Alcoutim, ao sul, e até á levada das primeiras azenhas, ao norte, um pouco acima da villa.

N'este porto ha actualmente seis barcos de pesca com doze tripulantes, e o valor do pescado póde calcular-se annualmente em 1:890$000 réis. O peixe mais valioso que o pescador póde apanhar n'este rio é o *estrujão* ou *solho-rei.*

Os systemas de pesca consistem principalmente no emprego das redes de *malheiro, tresmalho* e *tarrafa de mão.*

A pesca do alto Guadiana é de alguma importancia, mas limita-se aos habitantes das povoações marginaes, que no rio vem procurar peixe para seu consumo, não havendo dados alguns para calcular o numero d'elles, nem o valor do peixe que annualmente retiram das aguas.



J. F. Almeida

TAINHA OU PATAÇA. pag. 43

CAPITULO IV

Pesca longinqua.—Portos que actualmente apparelham navios para a pesca do bacalhau no banco da Terra Nova—Temporada de pesca—Descripção das embarcações, apparelhos de pesca e processos empregados n'esta exploração—Pesca da cavala, sarrajão e outras especies no mar de Larache—Epocha de pesca—Embarcações, apparelhos e processos usados n'esta industria.

PESCA DO BACALHAU NO BANCO DA TERRA NOVA[1]

Não é nosso proposito fazer a historia d'esta industria, reivindicando a prioridade dos portuguezes na pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova, a que anda ligado o nome de Gaspar Côrte Real, mas sim relatar o estado actual d'esta exploração, indicando por mero incidente alguns promenores comparativos do grau de desenvolvimento que ella hoje tem entre nós, chamando a attenção dos poderes publicos para o aproveitamento de tão importante riqueza.

---

[1] Da *Memoria sobre a pesca do bacalhau* offerecida á companhia de pescarias lisbonense pelo conselheiro Jacob Frederico Torlade Pereira de Azambuja, e mandada imprimir pela direcção da mesma companhia em 1835, extrahimos a materia que se segue:

O Bacalháo *Gadus morhua,* he o Peixe mais prolifico da ordem dos Jugulares; e summamente importante, pela occupação que dá a tantos milhares de gente de mar, e pelo alimento que fornece a huma parte mui consideravel do genero humano. Elle he preferido pelas suas superiores qualidades ao *Gadus merluccius,* ou nossa Pescada commum, que em Inglaterra he unicamente destinada para a meza dos pobres.

Mr. Packhurst deu huma conta do estado desta pescaria em 1578, em que mostra que, n'aquelle tempo as Embarcações Inglezas, que frequentavão a pesca do Bacalháo nos Bancos da Terra Nova, não excedião ás dos Portuguezes. Os Basques de Cabo Bretão junto a Bayonna, attrahidos pela pesca da Balêa até ás Costas do Canadá, fisérão esta descuberta hum Seculo antes de Christovão Colombo; e he mui provavel que por aquelle mesmo tempo os nossos pescadores os seguissem.

Os nomes de varias partes da Ilha da Terra Nova, ainda attestão a presença dos Portuguezes n'aquelles mares; e se consultar-mos os nossos fastos, acharemos a importancia que dávamos, como pescadores, á pesca do Bacalháo nos tempos d'El-Rei D. João 3.º,

Esta exploração, outr'ora tão importante e activa, na qual estavam empenhados capitaes e interesses tão avultados, concorrendo para ella tantos portos do nosso continente, vê-se hoje reduzida a uma duzia de navios que a entretêem apenas em dois centros de pescarias: Figueira da Foz e Lisbôa.

---

e d'El-Rei D. Sebastião, a qual merecêo tanto a attenção do Governo, que foi providenciada por hum Regimento particular para as Frotas, que annualmente expediamos a esta pescaria.

Não he de admirar, que os Portuguezes se dedicassem a estas emprezas n'aquelles tempos de nossa verdadeira grandeza; pois que já em 1353, no Reinado d'El-Rei D. Pedro 1.º os pescadores de Lisboa, e do Porto tinhão feito hum Tratado com Duarte 3.º de Inglaterra, para poderem pescar pelo decurso de 50 annos sobre as Costas d'aquelle Reino. A Nação Portugueza era iminentemente pescadora, e seus pescadores reputados nobres, gozavão de extraordinarios privilegios; e nesta escóla he que ella formou aquelles intrépidos marinheiros, que tanto servirão para a destinguir nas suas descubertas, nas suas Conquistas, e no seu vastissimo Commercio no Oriente, e Occidente.

As Guerras da Rainha Elisabeth, e dos Hollandezes contra a Hespanha no Reinado de Filipe 2.º, afugentárão os Portuguezes, e Hespanhoes da pescaria dos Bancos da Terra Nova; e desde aquelle tempo, data a grande preponderancia que os Inglezes alli adquirirão; pois o sábio Ministerio d'aquella Rainha tratou de animar este ramo de industria, de modo tal, que no fim de seu Reinado, já os Inglezes expedião para alli mais de 200 Embarcações pescadoras, que erão tripuladas por mais de 3:000 Marinheiros.

A Grã Bretanha, e os Estados Unidos empregão annualmente 3:000 Embarcações pequenas nesta pescaria, que occupa para cima de 100:000 pessoas. A Portugal, Hespanha, e Brazil, fornece a Grã Bretanha annualmente 300:000 a 500:000 L.as de Bacalháo. Os differentes Officios, que esta pesca alimenta, além da actividade que dá ás embarcações, que exportão este producto para Paizes Estrangeiros, dobrão o seu valor, e contribuem consideravelmente para augmentar as forças do Estado.

A Inglaterra, e a Hollanda devem huma grande parte do seu poder actual, ás suas pescarias, Portugal não deveo menos ás suas, a sua grandeza passada.

A França mostra pelas Tabellas Officiaes, do Estado do Commercio Estrangeiro, e da Navegação publicado em 1792, que entre os annos de 1787, e 1789 sahirão hum anno por outro, para a pesca do Bacalháo da Terra Nova 372 Navios, computados em 41:711 Toneladas, e para a pesca do Bacalháo na Islanda 59 Navios, computados em 3:516 Toneladas.

Por isto, he esta pescaria reputada pelos autores Inglezes, mais precioza que as minas do Perú. O Doutor Franklin lhe chamava por emphasis, a Agricultura do Occeano; e o Barão de Bielfield observa, que feliz seria a Nação, que podesse participar das vantagens que ella produz[1].

O Grande Banco chamado da *Terra Nova*, distante 25 legoas ao Sueste desta Ilha, o qual se estende desde 50.º até perto de 40.º de Lat. Septentrional, e he reprezentado como huma vasta montanha submaritima de mais de 200 legoas de comprimento, e perto de 60 de largura.

O bom exito da pesca depende todo, em qualquer parte em que se faça, de escolherem os mestres sobre a Carta as melhores paragens, e o tempo proprio em que o peixe alli accode; e em serem pacientes, laboriósos, e não se desanimarem, levando sempre suas Embarcações bem providas de mantimentos, como fazem os Hollandezes, para 6 ou 8 mezes.

---

[1] Institution politique. Tom. I. P. II Cap. XI. §. 50.

J. Almeida

BACALHAU *(gadus merlangus,* Lin.), pag. 170

Em contraposição aos interesses que adviriam de uma industria tão lucrativa, se a protecção official a beneficiasse com medidas sabias e praticas, recorre-se á importação avultada de grande quantidade de bacalhau que, negociada por estrangeiros, deixa apenas para o thesouro uma determi-

---

A melhor estação da pesca do Bacalháo sobre o grande Banco da Terra Nova, he desde o meado d'Abril até ao fim de Junho; porque os ventos de S. S. Oeste que então alli reinão, trazem o bom tempo, e as calmarias que obrigão o Bacalháo a vir para o Banco; neste tempo he indizivel a quantidade de Navios de differentes Nações, que pescão ao mesmo tempo, fundeados sobre elle, posto que no principio da Primavera, sejão muitas vezes incommodados pelos Ilhotes de Gelo solto, e pelos constantes nevoeiros que sempre cobrem este Banco, e que exigem da parte das equipagens muita vigilancia. A melhor pesca faz-se ordinariamente desde 43.° até 45.° ao Sul do Banco. Nas bordas deste Banco, não se acha fundo em 150 braças, mas d'alli até ao meio vai gradualmente diminuindo de 80 até 22 braças: o mesmo acontece nos outros Bancos menores d'aquellas vizinhanças. No mez de Mayo principia o Bacalháo a accudir ao cabo d'arêa (de sable) e nos primeiros dias de Mayo apparece sobre o Banco d'arêa. No mez d'Abril he a pesca pouco certa sobre o Banco da Terra Nova; porque o Bacalháo só passa por alli para ir desovar ás Costas d'America do Norte. A desova ás vezes continúa n'America até Junho.

Pelo meado de Junho, chega-se o Bacalháo para os Bancos, e para perto das Costas. No mez de Junho he que a maior pesca se faz no grande Banco: em Agosto não acode tanto: em Setembro torna o Bacalháo a apparecer sobre os Bancos, quando os ventos o permittem pescar: em Outubro, produzem as bordas dos Bancos da Ilha da Terra Nova muito Bacalháo; mas então o gelo principia a ser muito fórte. Os que são vizinhos do grande Banco pódem fazer a pesca todo o anno, como fazem os Hollandezes sobre Dogers Bank. Os Pescadores Francezes da Bretanha, partem em Fevereiro, e Março para o Grande Banco, e gastão ordinariamente 5 a 6 mezes na sua viagem, e chegão tambem a fazer duas viagens no anno; mas póde acontecer em alguns annos, que estas viagens durem 10 mezes. Alguns destes pescadores tambem partem em Abril, ou Maio.

Os Inglezes, Americanos, e Francézes empregão ordinariamente na pesca dos Bancos, Embarcações de 70, 100, a 150 toneladas: as Embarcações de Honfleur são de 40, e 50 toneladas: as de Fecamp, S. Maló, Grand Ville de 90 a 100 toneladas. Nos melhores dias de pesca, que são quando o Céo está nevoado, e mar chão, e a Embarcação em sitio favoravel, basta os pescadores deitarem a linha, para no mesmo instante o peixe lhe pegar, e tem se visto hum só marinheiro, pescar n'hum dia 350, até 400 Bacalháos, porem isto he o mais que se póde fazer; porque o pezo dos peixes, e a friagem dos Bancos cança muito.

As Escunas de 80 toneladas de Salem ou Marblehead, e outras partes da Nova Inglaterra, que os Americanos empregão, levão 10 homens, e hum, ou dous moços. O agente geral, ou principal armador, he o que suppre a Embarcação. De todo o producto do peixe que se pescou, deduzida a despeza de o curar, e seccar, e huma sexagessima quarta parte para o Mestre da Embarcação, ao qual tambem se concede huma justa compensação, pelo tempo que elle gasta em conduzir o peixe a qualquer dos mercados de Boston, ou de Nova York &c., quando os pescadores adoptão este expediente; do resto he abatida a conta do Agente Geral, ou armador pelo Sal, Lenha, e Luzes; a que chamão *great average*, ou rateio grande, e do que fica, tira-se uma quarta parte para a Embarcação. Das outras tres quartas partes, pagão-se as despezas chamadas *small generale average*, pequeno rateio geral; isto he o custo das Linhas, Chumbos, Anzóes, Mantimentos, Licores, utencilios,

nada contribuição, redundando em beneficio dos negociantes todo o resultado é proveito, em detrimento do preço de uma alimentação generalisada, e por assim dizer imposta para determinadas refeições, a que é forçoso recorrer, attendendo ao *deficit* de pescaria, fresca e salgada, que resulta do

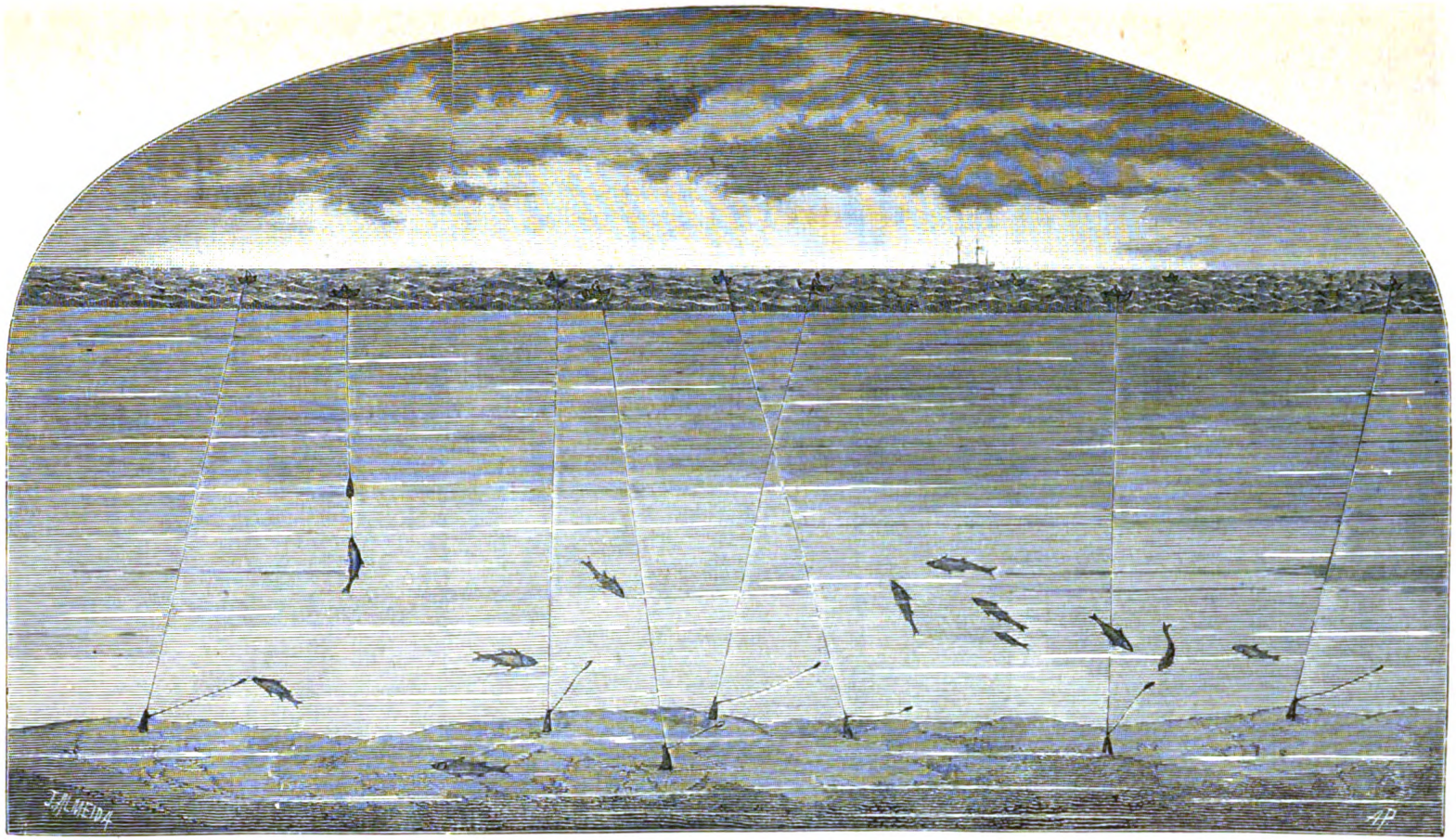
---

&c, e o que fica, he repartido entre os pescadores. segundo as partes que lhes tocão. Estas regulão-se do modo seguinte: Os lugares que cada hum hade occupar a bordo para pescar, são tirados á sorte, e estes são depois regularmente mudados por hum roteamento todos os dias: cada pescador tem o seu lugar rezervado, construido de taboas para os peixes que pesca no dia, os quaes são contados, e registados em frente do seu nome em hum registo que se guarda para este fim: deste modo cada hum recebe o que lhe toca pela sua destreza, e industria na pesca. A's vezes assoldada-se hum cozinheiro para a viagem, e seu salario carrega-se na Conta chamada de *small average* (pequeno rateio); outras vezes faz cada um da Equipagem sem exceptuar o mesmo mestre, o seu dia as funcções de cozinheiro. A Equipagem é em tudo o mais subordenada ao Mestre, segundo as regras, e regulamentos das Leys existentes nos Estados-Unidos relativamente á gente embarcada em Navios mercantes. Este he o costume observado pelos Americanos, o qual ás vezes porém he modificado á vontade dos Contractantes. Estes varião segundo os uzos, e costumes de cada Nação.

Os Portos de França, donde sahem as principaes armações para a pesca do Bacalháo salgado; são Dunkerque, Gravelines, S. Valeri, Fecamp, Dieppe, Le Havre, Honfleur, Cherburgo, Grand Ville, S. Brieux, La Rochelle, S. Maló, Bordeaux, Bayonne, Les Sables d'Olonne &c. Estas Embarcações ou vão a partes, ou são fretadas. Toda esta pesca he feita á linha, e anzol, e a principal isca de que os pescadores se servem he o arenque, e uma pequena qualidade de peixe chamado *Capalon*, ou *Capilim*, que se apanha á rede nos Bancos aonde se pesca o Bacalháo, e toda a qualidade de marisco; e na falta d'estes, uzão os pescadores os bocados de coração, das queixadas, e dos intestinos ensaguentados dos mesmos Bacalháos que se apanhão, e como este peixe he muito voraz, basta ás vezes por-se-lhe no anzol um bocado de carne salgada avariada, ou de trapo de alguma côr mui viva; mas he preciso observar tambem, que este peixe é muito golozo, e que as Embarcações mais bem providas de iscas boas, são as que melhor succedem nesta pescaria, pois acontece que as Embarcações que se servem de iscas inferiores são muitas vezes obrigadas a afastarem-se das outras que attrahem a si todo o peixe. As linhas de que se servem os pescadores da Terra Nova, tem de 6 até 10 linhas de circumferencia, e 75 até 90 Braças d'extenção. Ellas devem ser fórtes pora supportar o Bacalháo, principalmente nos sitios onde elle he grosso, perem não tão grossas que afugentem o peixe. Como he precizo que o chumbo toque no fundo, requerem ás vezes duas linhas ligadas huma na outra. Os chumbos de 3 até 5 arrates, segundo a vontade dos pescadores. O anzol que he prezo por uma fórte linha latteral á linha principal deve ficar afastada do chumbo desde 1 até 3 braças, segundo a altura da borda da Embarcação. Os anzóes de ferro são os melhores para os fundos de pedra, e os d'aço para os fundos d'arêa. A dimensão dos anzóes regula-se pela do peixe. Quando o Bacalháo he abundante, e vem acima d'agoa preferem-se os anzóes maiores, mas quando elle anda no fundo, convem mais de os uzar de marca menor.

Ha dois modos de preparar o Bacalháo, isto he, o salgado, e o secco. O primeiro, ou he salgado a garnel na Embarcação, ou embarricado em salmoura.

O preparo do Bacalháo salgado faz-se todo a bordo durante a pesca, mas o Bacalháo secco exige para ter huma qualidade superior, que as embarcações que se dedicão a elle,



Canôas pescando o bacalhau á linha

limitado desenvolvimento da exploração nacional e da exportação de grande parte d'esta pescaria, tanto em fresco como em conserva.

De todas as especies de peixe é o bacalhau o que, depois de salgado ou secco, melhores condições alimenticias e de conservação offerece para

---

tenhão praias vezinhas ao lugar da sua pesca, para nellas curar, e seccar o seu peixe á medida que se vae apanhando. Algumas Nações porem o conservão a bordo, hum, ou dous mezes para o vir curar, e seccar depois do seu regresso. A parte mais essencial desta pescaria, he ter um Mestre, que saiba bem abrir, e estripar o Bacalháo; hum homem experiente em descabeça-lo, e sobre tudo, hum bom salgador.

Logo que se apanha o Bacalháo, corta-se-lhe a cabeça, abre-se desde a cabeça até ao annus, destripa-se, desossa-se, que he tirar-se-lhe a espinha grande, até hum pouco acima do rabo, e salga-se, introduzindo-se-lhe no corpo a maior quantidade de sal possivel, e esfregando-se em toda a pele; e o salgador o arruma n'hum lugar particular do porão, collocando-o de sórte que fiquem os peixes com os rabos algum tanto reclinados para baixo, estes se cobrem de huma camada de sal, por cima da qual se poem outros Bacalháos, até formar uma pilha de huma, ou duas braças em quadro. Deixa-se assim ficar a escorrer a sua agoa, e sangue 24, ou 48 horas, e mesmo 3 ou 4 dias, segundo o tempo que a pesca dá para isto, tomando muito cuidado de nunca misturar o peixe que he apanhado em differentes dias.

Depois de se achar bem escorrido, remove-se para o lugar do porão, aonde é novamente salgado, e arrumado sobre uma estiva feita de achas, ou pedras grandes, e ramos de esteiras, sobre as quaes se espalha uma camada de sal, que se cobre com as miudas do Bacalháo que pertencem á equipagem, as quaes formão a primeira estiva; dispondo esta arrumação de sórte que cada camada de Bacalháo, seja succedida por huma nova camada de sal, quanto baste para o cobrir, e não se tocarem os peixes huns nos outros, até abarrotar a Embarcação. He precizo notar, que as camadas de Bacalháo se arrumão alternadamente cabeça com rabo. O tempo da Primavera, e Outono he o mais conveniente para esta salga. Toda a fortuna da pesca depende da perfeição com que he feita esta operação.

No modo de pescar, na prompta expedição da abertura, e da salga do peixe, he precizo, que as equipagens observem um methodo regular para que cada um esteja no seu posto competente, e provido de todas as peças, e utensilios necessarios para o desempenho de suas diversas occupações. A degola, e a abertura do peixe, faz-se ordinariamente sobre huma meza, que se arma sobre a coberta em que o Carpinteiro, que de ordinario he o degolador, e o mestre, ou hum dos principaes Officiaes da Embarcação, que he o estripador trabalhão em frente hum do outro, servidos pelos moços, hum dos quaes tem o cuidado de, com huma faca separar da espinha, antes de a deitar ao mar, a bexiga de ar, ou banha, ou buxos que os Inglezes chamam *sounds*, e os Francezes *noves*, que se salgão, e guardão em barris; assim como as linguas, e que formão a mais delicada, e mais procurada parte d'este peixe. As ovas guardão-se do mesmo modo, e reputão-se uma excellente isca para a pesca da Sardinha; e em França vendem-se a 60 e 120 francos o barril; os figados deitão-se n'huma selha que fica ao lado dos Operarios, donde são transportados para uma Barrica em que ficão a esgotar o sangue, e a limpha por buracos feitos hum pouco acima do fundo, e que se fechão quando se conhece, que o azeite que sobre nada principia a correr, então extrahe-se o azeite e embarrica-se. A equipagem aproveita para a sua comida o que póde das Cabeças, o resto deita-se ao mar, assim como o resto das entranhas do peixe, sendo a limpeza, e a boa ordem nestas Embarcações huma parte essencial do cuidado que devem ter os Mestres, e Officiaes.

o consumo, e por tanto aquelle que n'este estado maior extracção encontra em todos os mercados.

O *bacalhau (gadus merlangus,* Lin.) tem o corpo coberto de escamas pequenas e a cabeça e as barbatanas desprovidas d'ellas. A côr é verde

---

O numero de operarios depende da grandeza da Embarcação, e da sua equipagem, elles costumão revestir-se de aventaes de couro, ou encerados, com os braços mettidos em braçaletes da mesma qualidade, os quatro dedos, e as costas da mão guarnecidas de mangotes de panno, e uzão de outras commodidades para conservarem o aceio, e se resguardarem da humidade.

Algumas memorias indicão que estes, assim como o resto dos pescadores estão mettidos em barricas bem amarradas, guarnecidas de palha pelas bordas, e no fundo para se resguardarem da humidade: os Americanos que pescão sobre esta costa, parece que só uzão seus grandes aventaes até ao pescoso, e suas botas de pescadores; o que sem duvida he o que hoje geralmente se pratica. A pratica he a que ensina melhor estes resguardos que são mui necessarios n'aquellas paragens desabridas.

A Pesca para o Bacalháo secco faz-se do mesmo modo; porem occupa mais tempo, e mais gente ainda que não consomem tanto sal. Para isto he precizo ter praias vezinhas aonde se possa curar, e seccar o peixe. He preferivel o peixe pequeno para este uzo; porque, penetrando-lhe mais o sal, conserva-se melhor. Este peixe he salgado sobre huma plataforma que se prepara, emquanto a equipagem está pescando, e á proporção que o peixe se apanha, he conduzido a terra, aonde he aberto, e salgado sobre bancos movediços: a salga principal é feita porem sobre a plataforma. Estando o peixe tomado do sal, lava-se, e dependura-se em grades para seccar; depois estende-se hum a hum sobre a praia por cima de ramos seccos, ou de páos atravessados para lhe passar o ar por baixo, ficando o peixe virado com o interior para cima, alternados rabo com cabeça, e á boca da noite he virado com a pele para cima: a isto se chama o primeiro Sol; no outro dia pelo meio dia, torna-se a virar o bacalháo com o interior para cima: á noite ajuntão-se 3 a 3, se o tempo he bom, e são postos huns, sobre os outros com a pele para cima; este he o segundo sol: no dia seguinte estendem-se de novo, separados sobre a praya, com a pele para cima até ao meio dia, com o interior para cima desde o meio dia até á noite, que são arrumados, para melhor conservarem o calor em montões de 8 peixes com a pele para cima: este he o terceiro Sol. No quarto dia repete-se o que se fez no 3.º, mas ao anoitecer, arrumão-se em maiores porções, formadas cada huma de couza de meio quintal, ficando a pele para cima. O quinto Sol dá-se como o quarto; porem á noite augmentão-se as palhas, o dobro do dia antecedente, virando sempre o peixe como d'antes. O sexto Sol, he como o quinto, mas á noite formão-se as pilhas de 30, 40, e mesmo de 100 quintaes, ficando sempre o peixe com a pele para cima, dispondo as pilhas em modo de têlhas, para que a agoa, em cazo de máo tempo, não as possa penetrar, até o tempo se pôr bom; se no fim de 6, 8, ou 12 dias, o tempo se poem bom, torna-se a estender este peixe sobre a praya, como ao principio, hum a hum com a pele para baixo até ao meio dia, e em que é virado com o interior para cima; e á noite torna-se a empilhar, ficando por baixo o peixe que estava por cima, observando que fiquem sempre superiores os bacalháos que estiverem menos seccos: este é o septimo Sol. Estando o bacalhao trabalhado deste modo, deve elle ficar empilhado 15 dias; depois em fazendo bom tempo, torna-se a estender o peixe sobre a praya, para receber o 8.º Sol, elle fica assim hum mez tendo o cuidado de todas as noites cobrir as pilhas com vélas até ao embarque. No fim deste tempo torna-se a estender o peixe pela praya, hum a hum, como fica explicado, e

amarellada no dorso, esbatendo gradualmente até á barriga, que é de um branco prateado. O bacalhau é muito voraz, não deixa nunca a agua salgada, habitando as grandes profundidades do oceano e approximando-se da costa unicamente para desovar.

á noite formão-se de novo as pilhas; então recebêo o 9.º Sol. Quarenta dias depois, repete-se este mesmo processo, para receber o 10.º Sol, e o mesmo se pratica no fim de 50 dias, nesta occazião separão-se da pilha os bacalháos, que ainda não estão bem seccos, que ordinariamente são os mais grossos, ou os que não receberão bastante Sol, para os assoalhar mais hum ou dois dias. Quando chega a occasião do embarque, convem assoalhar o peixe hum, e hum, para o tornar mais capaz de supportar a viagem. A carregação faz-se depois de estar bem limpo o porão, dispondo-se huma boa estiva de lenha, ou melhor ainda de seixos grossos que servem para lastro, para o peixe se conservar sufficientemente elevado, e secco; estes cobrem-se de ramagem secca, e esteiras de que tambem se fornecem os lados verticáes do Navio, sobre esta estiva dispoem-se o Bacalháo á mão com muito cuidado, em tres camadas, cabeça com cabeça, e a pele para baixo, e todas as mais camadas com a pele para cima, até o Navio ficar abarrotado, deixando com tudo bastante espaço para lhe passar uma véla por cima, a fim de o cobrir, e impedir de tomar ar. Os Americanos, que pescão sobre o banco da Terra-Nova, conservão o seu peixe salgado nas Embarcações, hum, e dous mezes, até completarem as suas cargas, e quando voltão da pesca, fazem lavar, curar, e seccar o seu peixe pela equipagem, ou á custa da mesma pelo armador.

Do Bacalháo embarricado.—Tirada a espinha grande do Bacalháo até pouco mais acima do rabo, cortão-se-lhe as barbatanas. Os moços os lavão na agoa salgada, até não lhe ficar sangue algum, e o pôem a escorrer n'hum cesto; antes de estar de todo escorrido, embarrica-se o peixe, espalhando-se-lhes por cima hum pouco de Sal, enchendo-se-lhes o ventre de mais Sal; porque esta parte he a mais sujeita a se corromper do que as outras. O Bacalháo conserva-se assim dous dias: muda-se para selhas, onde he lavado, na sua propria salmoura. Deixa-se escorrer como d'antes, depois torna-se a embarricar nos barris donde foi tirado, dispondo alternadamente uma camada de Sal, e outra de Bacalháo; e como a sua conservação depende muito de ficar o peixe bem comprimido nos barris, servem-se os embarricadores de um fundo falso de menor diametro que o do barril com bastante solidez, para pôr por cima das camadas, e comprimilas melhor com os pés de quando em quando. As cabeceiras dos barris são atulhadas de Sal, e depois tapão-se com os seus respectivos fundos; e assim são conduzidos ao Porto da descarga, aonde pela terceira vez he salgado o peixe por mulheres que se empregão neste officio. Para isto despejão-se em uma grande Cuba 45 ou 46 Barricas de Bacalháo com a sua salmoura, e quando as barricas a não tem, faz-se uma nova; porque é precizo que o peixe que está na Cuba fique coberto de salmoura: então lavão-se os bacalháos na mesma Cuba, e salmoura, hum por hum, pegando com a mão esquerda no bacalháo, e encostando-o ás bordas da Cuba, de sorte que elle fique sempre mettido na salmoura, esfrega-se com uma pequena brossa, que fica na mão direita, tomando cuidado de não esfolar o peixe. Repetida esta operação 3, ou 4 vezes, he o peixe mettido aos montões, na mesma Cuba em que está a salmoura. Depois de haverem sido lavados os bacalháos deste modo, pega-se-lhe pelo rabo, e mergulhão-se 4, ou 5 vezes em uma selha d'agoa doce, donde se tirão para os tornar a mergulhar em outra selha de nova agoa doce, e quando a agoa fica suja, torna-se-lhe a deitar outra. Lavado assim o Bacalháo na salmoura, e em agoa fresca, examina uma mulher os bacalháos hum a hum, e limpa-os com uma faca de qualquer sangue que lhes ficasse pegado;

A creação fica durante os primeiros mezes em sitios pouco profundos, onde é facil dar-lhe caça, mas depois d'estes peixes attingirem 4 a 5 decimetros de comprimento procuram o alto, voltando aos baixos apenas na epocha da desova.

---

corta todas as manchas, e tudo que póde alterar a alvura, e boa qualidade do peixe. Ella o torna a lavar, se he precizo. Depois poem-se o bacalháo a esgotar sobre a plataforma, que é feita de barrotes assentados sobre tabões, que servem de cavalletes, deixando entre os barrotes bastante distancia, para a agoa que sahe dos bacalháos poder ter toda a evazão: no fim de oito dias he mudado o bacalháo para barricas, que são perfuradas junto ao jabre, para que a salmoura que se fórma pelo derretimento do Sal que se lhe deita, possa ter sahida, mas antes de se embarricar, he o peixe pezado em balanças, dando-se-lhe a conta de peixe, e de Sal, que os Regulamentos determinão; e que em Hollanda são 260 arrates de peixe, e 40 de Sal. Nesta operação póde-se fazer as separações das qualidades superiores, e inferiores. As mulheres que embarricão o bacalháo, espalhão hum par de punhados de Sal no fundo do barril deitão um pouco de Sal sobre a carne do bacalháo, dobrão-lhe as orelhas, curvão hum tanto o peixe, e o amoldão á fórma interior do barril. Dois bacalháos formão pouco mais ou menos, huma camada, as mulheres tornão a deitar-lhe um pouco de Sal, e continuão a encher os barris ás camadas alternadas de bacalháo, e de Sal, quando o barril está meio cheio, introduz-lhe o Tanoeiro hum fundo falso para o acalcar com os pés; tirando o fundo falso acabão as mulheres de encher o barril, o qual he posto debaixo de um macaco, ou imprensa, quando as camadas excendem as bordas, para as comprimir até ao nivel do jabre; deita-se-lhe o resto, que sobeja dos 40 arrates de Sal; o Tanoeiro poem-lhe o competente fundo, e arcos, e acaba de o rebater. Entre o 1.º e 2.º arco, fazem-se oito buracos, pelos quaes se passa um cordel em fórma de losango, que fica prezo na ponta por hum chumbo.

Ha outro methodo de salgar, e entre os quaes entra o de metter o peixe em salmoura, neste cazo chegando-se ao porto da descarga, abrem-se os barris, tira-se o peixe, lava-se em nova salmoura, torna-se a embarricar com 20 a 25 arrates de Sal, estando cheio o barril, tapa-se e introduz-se-lhe huma salmoura fórte pelo batoque.

*
* *

Extrahido do livro: *Péches dans l'Amerique du nord*, por Bénédict-Henry Révoil.—1870.

Newfoundland ou Terra Nova, celebre pelas suas pescarias e pelos cães excellentes que possue, é uma ilha com 300 milhas de comprimento de norte a sul, e cuja largura media no sentido E.-W. regula por 200 milhas, medindo umas 1:000 milhas de perimetro e 36.000 de superficie. Tem maior superficie que a Irlanda, mas deduzindo-lhe a extensão, dos vastos lagos interiores, póde-se equiparar em area a esta ilha. Affecta a fórma de um triangulo irregular com a baze para o sul, tornando-se a ilha mais estreita á medida que segue para o norte. A costa occidental é mais regular e continua que as outras, apesar de recortada em alguns pontos; a costa oriental é a mais accidentada, offerecendo a cada passo: bahias, cabos, ilhotas e promontorios.

O cabo Race fica situado na extremidade sul da ilha, em 46º.40′ de latitude norte e 53º de longitude W. de Greenwich, constituindo um promontorio de grande importancia para a navegação por ser o ponto da America mais proximo da Europa. Está a 1:636

Esta epocha varia com as condições da estação e com a configuração do fundo.

O bacalhau é de uma fecundidade tão grande que, tendo de 8 decimetros a 1 metro de comprimetro, possue nove a dez milhões de ovos.

---

milhas da Irlanda, um pouco mais de metade da distancia entre New-York e Liverpool. Todos os paquetes transatlanticos septentrionaes que vão dos Estados Unidos para a Gran-Bretanha passam á vista do cabo. Dobrando-o e seguindo para a costa oriental da ilha, encontram-se as magnificas bahias da Conceição, Trindade e Boa Vista, e caminhando para oeste, descobrem-se as bahias des Exploits, Notre-Dame e Blanche. Ao norte são as bahias de Orange, Hare e Pistolet, assim como outras mais pequenas.

No interior da ilha ha seis ou sete lagos enormes, com 20 a 50 milhas de comprimento e quarenta a cincoenta mais pequenos, dos quaes sáem cursos de agua que se lançam no mar.

A povoação principal e o porto melhor é S. João, na parte sul da costa oriental, entre Torbay ao norte e a bahia de Bulis ao sul. O porto é formado por uma concavidade encravada entre dois altos montes e a entrada tão bem fortificada que desafiaria as forças navaes mais poderosas. Em tempo de guerra uma enorme cadeia é suspensa entre os dois rochedos que dominam a entrada do porto e torna impossivel a navegação. A cidade de S. João está edificada ao fundo do porto, as casas são quasi todas construidas de madeira, as ruas estreitas e irregulares, e metade da população é composta por pescadores.

Os terranovianos são approximadamente 100:000, metade descendentes de francezes e a outra metade de inglezes. Mais de metade da população é catholica, facto que se explica pelo grande numero de irlandezes estabelecidos na ilha. As igrejas da Inglaterra, da Escocia e a seita methodista, têem comtudo zelosos adeptos, estando annexas aos templos escolas que recebem muitas creanças.

A pesca do bacalhau occupa annualmente (1849) mais de quatrocentos navios francezes; duzentas embarcações de transporte e de cabotagem são destinadas, alem d'aquelles, ás operações accessorias da pesca. Assim, esta industria entretem no mar uma esquadra de 700 vélas e dezoito mil marinheiros, que constituem approximadamente a quarta parte do pessoal valido da inscripção maritima: reserva preciosa, sempre disponivel e endurecida na profissão a mais rude, sobre um mar tempestuoso e sob um clima assaz rigoroso; reserva indispensavel, mas ainda insufficiente para o armamento das esquadras francezas em tempo de guerra.

A producção da pesca do bacalhau é calculada em 60.000:000 kilogrammas, que dão entrada nos mercados da França e dos quaes 19.000:000 a 20.000:000 kilogrammas são reexportados para as colonias, Italia e Hespanha, sendo o restante para o consumo nacional.

A pesca sobre a costa da Terra Nova foi sempre considerada a primeira e a que occupa maior numero de maritimos, empregando-se n'ella embarcações de todos os tamanhos, desde 30 até 350 toneladas. Quando o navio chega á costa, nos principios de junho, é desarmado, e a tripulação vae estabelecer-se em terra, com todo o material, nas cabanas de madeira construidas no litoral, as quaes são sempre reparadas depois do inverno. D'aqui as canôas, tripuladas por dois homens e um principiante, são expedidas, todas as manhãs para a pesca á linha, recolhendo á tarde. Alem d'estas embarcações, cada navio arma uma ou mais lanchas com redes de arrastar para a terra, tendo de companha dez homens e que trabalham quando o bacalhau apparece em maior abundancia. Quando as embarcações recolhem, o peixe é amanhado, salgado e collocado em pilhas: depois de muitos dias de estar no sal, os aprendizes e os moços fazem-n'o seccar sobre os

Ha diversas variedades d'este peixe, sendo a principal muito abundante á entrada da Mancha e no Mar do Norte, medindo 3 a 4 pés de comprimento por 1 pé de largura, muito carnudo e coberto de escamas de côr acinzentada com tons encarnados, no lombo, e branco brilhante com man-

---

bancos de seixos, até que elle apresente um grau de dissecação conveniente para o arrecadar. Os pescadores deixam a costa nos fins de setembro, a maior parte para voltar a França, alguns para levar a carga ás Antilhas.

A pesca em S. Pedro e Miquelon tem grande analogia com a da costa da Terra Nova: faz-se com embarcações de fundo chato, denominadas *warys* ou com pirogas. Estas embarcações em numero de duzentas a trezentas, navegam á véla ou a remos e são tripuladas por dois homens, saindo de manhã e regressando á tarde. Dividem em tres categorias as differentes classes de individuos que se dedicam á pesca ou á preparação do peixe no litoral d'estas duas pequenas ilhas: 1.º, os *pescadores sedentarios*, ou colonos pescadores, em numero de mil a mil e cem; 2.º, os *pescadores invernantes*, que passam ali a estação rigorosa ou que se estabelecem em terra durante muitos annos, regulando por quinhentos individuos, posto que o seu numero varie muito; 3.º, finalmente, os *pescadores temporarios*, vindos de França e que voltam no fim da temporada, em numero de trezentos a quatrocentos cada anno. A pesca e a preparação do bacalhau, sendo a unica industria das ilhas de S. Pedro e Miquelon, occupam todos os pescadores invernantes e quasi todos os habitantes sedentarios: homens, mulheres, velhos e rapazes, desde a idade mais tenra. A pesca começa em abril e prolonga-se até meado de outubro, sendo em geral muito abundante e dando peixe pequeno, como na costa da Terra Nova.

A pesca sobre o grande banco faz-se em navios de 120 a 130 toneladas, possuindo cada um duas chalupas grandes e tendo de tripulação dezeseis a vinte homens para a manobra e guarnecimento das embarcações, partindo de França de 1 a 15 de março. Os navios aportam directamente a S. Pedro e ahi desembarcam os pescadores passageiros; os moços e aprendizes formam o complemento da equipagem e destinam-se ao trabalho da seccagem em terra. D'aqui fazem-se de véla para o grande banco sobre o qual fundeam em 70 a 80 metros de profundidade, para se entregarem ás operações da pesca. As duas chalupas são deitadas ao mar e vão todas as tardes, com cinco homens cada uma, largar os apparelhos de linha, que são providos de quatro mil a cinco mil anzoes. Todas as manhãs levantam os apparelhos, retiram a pescaria e depois do peixe estar amanhado, limpo e salgado, é transportado para bordo e arrumado no porão. A parte da guarnição que fica a bordo do navio tambem pesca com linhas de fundo. A primeira pesca acabada, o que se dá de 15 a 30 de junho, o producto é levado a S. Pedro, para ahi ser secco, emquanto o navio munido de novo sal e isca, volta para sobre o banco a segunda pesca. Algumas vezes mesmo póde fazer terceira, sendo a pescaria apenas salgada e levada directamente para França no estado *verde*. A pesca no grande banco é mais ardua e mais perigosa que a da costa; exige marinheiros feitos e homens intrepidos; executa-se em um mar constantemente agitado; a perda de homens e de chalupas são frequentes por causa das borrascas e nevoeiros: a pesca na costa fórma marinheiros, a pesca sobre o banco acostuma-os aos perigos.

A bordo do navio armam-se compridas mesas, avante e a ré da escotilha grande, dispondo ao longo d'ellas grandes barricas vasias, destinadas a receber os figados. O interior do navio completamente desembaraçado não contém da carga mais do que um monte de sal para as primeiras operações. Desde que o peixe é içado para a tolda começam os trabalhos de abrir e de salgar. O primeiro preparador corta a cabeça do bacalhau de um

chas escuras na barriga. Cabeça larga e achatada, bôca muito fendida, grandes olhos redondos á flôr da cabeça, cobertos por uma membrana transparente, e os dentes moveis, unicamente implantados na carne.

Possue tres barbatanas dorsaes e outras tres annaes e apresenta dois barbilhões.

Nas costas da Flandres e da Belgica aprecia-se muito o bacalhau denominado *de la Meuse*.

Actualmente, porém, os pescadores portuguezes dedicam-se apenas á pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova, banco este que tem approximadamente 200 leguas de comprimento por 60 de largura a meio, sendo mais procurada a parte chamada *Sul do banco*, comprehendida entre os parallelos de 43° e 45° de latitude, onde o fundo é muito irregular.

Nos mares da Europa a pesca do bacalhau, mais temporã do que nos mares da America, começa em fevereiro e continúa em abril; no grande banco da Terra Nova principia em maio e acaba em setembro, dependendo muito o resultado da pesca da posição escolhida sobre o banco para estação de pesca, circumstancia tão importante, que acontece a uns capitães fazerem logo o carregamento completo, por terem encontrado um banco de pescaria, e outros serem forçados a uma mudança repetida de estação em demanda do peixe, e não lograrem carregar por metade.

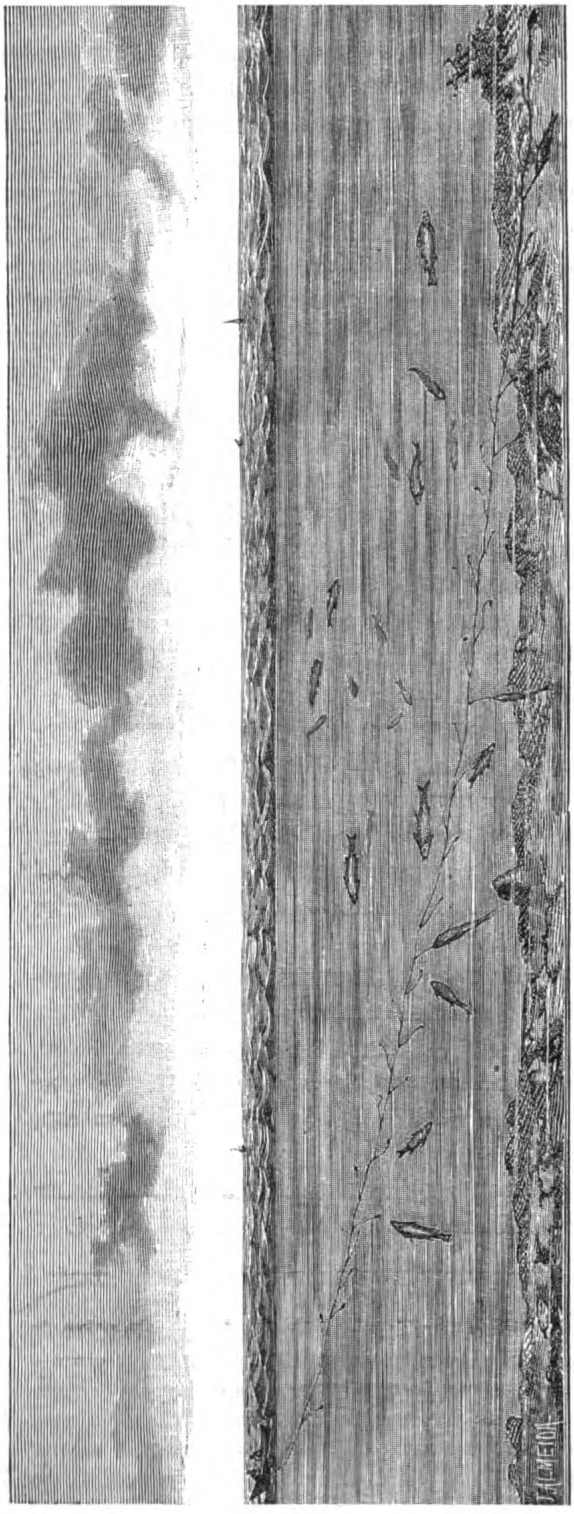
É claro que para a pesca do bacalhau é preciso apparelhar uma embarcação de coberta em condições nauticas de poder fazer uma travessia do oceano, frequentando paragens tempestuosas e longinquas, e portanto possuindo tambem um equipamento regular e a capacidade conveniente para alojamento da tripulação e para o carregamento da pescaria, rasões estas que obrigam a lançar mão dos navios de alto bordo dos typos usados na marinha mercante para esta pesca.

Como já dissemos, no continente do reino, apenas dois portos concorrem actualmente para a pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova, um, o da Figueira da Foz, arma para esta exploração dois navios — um hiate e um lugre— pertencentes ao mesmo dono, e o de Lisbôa, que n'estes ultimos quatro annos tem em media enviado dez navios para esta pesca, dos typos de lugre, patacho e escuna.

Ha dois systemas mais geralmente empregados para a pesca do bacalhau no banco da Terra Nova: o *systema americano* e o *systema inglez*.

---

só golpe e lança-a por cima da borda para o mar, depois abrindo a barriga do peixe de alto a baixo, passa-o para o lado a outro camarada que lhe tira as entranhas, separa o figado, lançando-o em uma das barricas, e arremeça as tripas para o mar. Um terceiro marinheiro introduz a faca por debaixo das vertebras, separando-as da carne e atira o peixe pela escotilha para o porão, onde se encontram os homens encarregados de o salgar e acamar nas barricas.



O primeiro consiste no lançamento de enormes *espineis,* como mostra a figura junta, providos de milhares de anzoes, que permanecem n'agua toda a noite, e são levantados de manhã.

O *espinel* consta de uma linha grossa, *madre,* tendo de espaço a espaço *estrovos* de linha mais fina com os anzoes empatados. Deita-se este apparelho por um dos extremos com um peso que o obrigue a assentar no fundo, e vae-se largando a pouco e pouco até ao outro extremo que igualmente se fundeia, ficando assignalado por duas boias amarradas aos arinques que servem depois para suspender todo o apparelho.

O *systema inglez,* mais usado pelos nossos pescadores, é a pesca á *linha* de mão, munida de um unico anzol.

Para pescar por este processo requer-se o emprego de muitas embarcações pequenas, a que dão o nome de *warys* ou *canôas,* tendo cada navio doze a dezoito d'estas embarcações.

A *canôa* tem duas proas, e é dividida interiormente em tres compartimentos, por meio de anteparas; ao centro é o logar destinado ao pescador, que deita duas linhas de pesca, uma para cada

bordo; os compartimentos extremos recebem o peixe que vae sendo apanhado. Um pescador desembaraçado póde por este systema fazer uma abundante colheita.

As provisões de um navio bacalhoeiro são: mantimentos, utensilios de pesca, isca e sal.

A não ser o sal, que os nossos navios carregam antes de partirem dos portos do continente, costumam fornecer-se de tudo mais nos Estados Unidos, para o que: sáe um navio primeiro em demanda d'aquelle mercado, e ahi faz provisão de comedorias, aprestos de pesca e isca, para toda a temporada, saindo estes artigos por um preço muito mais favoravel.

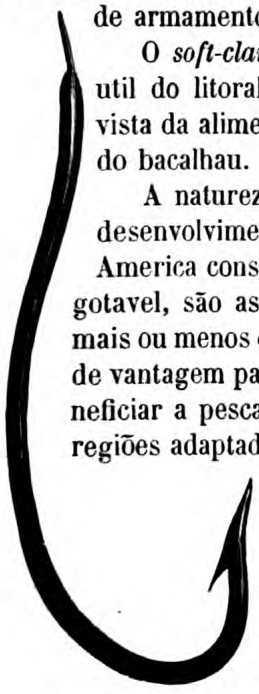
A isca melhor para a captura do bacalhau é o *soft-clam*, abundantissimo em toda a America do Norte, empregando-se tambem as *lulas* e algumas vezes até, quando escasseiam estas, os proprios intestinos do bacalhau.

No anno de 1887, os dois navios do porto da Figueira da Foz compraram nos Estados Unidos 1:000$000 réis d'esta isca, alem da provisão de *lulas* que levaram para o mesmo fim do porto de armamento.

Anzol do bacalhau empatado
(tamanho reduzido)

O *soft-clam (Mya arenaria)* é o mollusco bivalve mais util do litoral dos Estados Unidos, sob o duplo ponto de vista da alimentação publica e da industria da grande pesca do bacalhau.

A natureza do fundo mais conveniente para o desenvolvimento d'este mollusco, que nas aguas da America constitue bancos de uma abundancia inesgotavel, são as areias lodosas, onde elle se enterra mais ou menos conforme as estações, e seria de grande vantagem para nós, tratando-se de promover e beneficiar a pesca nacional do bacalhau, povoarmos as regiões adaptadas para esta cultura com este mollusco tão valioso, em vez de o termos de ir comprar fóra por um preço tão elevado.



Anzol do bacalhau
(tamanho natural)

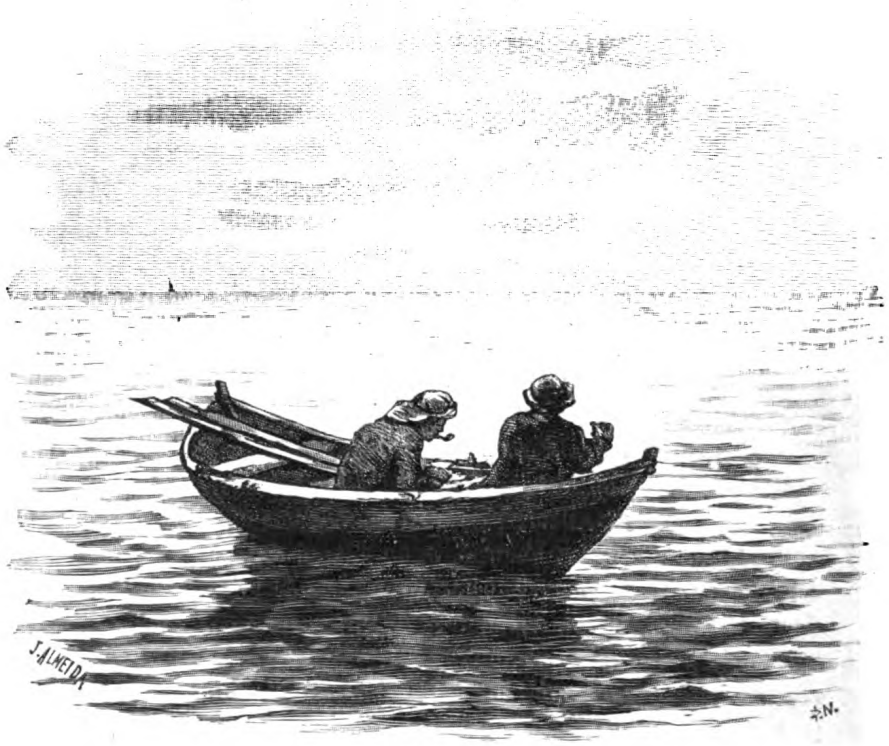
Geralmente para cada pescador destinam-se quatro linhas de 90 braças cada uma e quatrocentos anzoes.

As tripulações dos navios variam conforme a grandeza d'elles e o numero de *canôas* que têem, e são contratadas pela viagem redonda, não influindo no seu ganho a maior ou menor abundancia do pescado, porém os capitães são interessados nos lucros com uma determinada percentagem.

Os pescadores das *canôas* assim que sentem o peixe pegado no anzol de qualquer das linhas, puxam-n'o ao lume de agua, onde o fisgam, tiram-lhe a lingua e abrem-n'o quando precisam aproveitar os intestinos para isca, lançando-o em seguida para um dos compartimentos da canôa.

Algumas vezes tambem se empregam grandes lanchas na pesca do bacalhau sobre o banco da Terra Nova, mas, quasi sempre, quando o systema de pesca é o dos *espineis*.

Depois a bordo do navio é que lhe cortam a cabeça, tiram o figado, e é amanhado, limpo e salgado.



Canôa da pesca do bacalhau

Os pescadores da costa da Bretanha aproveitam as ovas do bacalhau, que conservam salgadas, para servirem de engodo á sardinha durante a pesca.

A seccagem e preparação do bacalhau é feita mais tarde em terra. Na Figueira da Foz, em frente da cidade, no logar denominado *Murraceira*, possue o proprietario dos navios bacalhoeiros d'este porto armazens para este fim e para deposito da pescaria, e no porto de Lisboa é esta operação feita ao sul do Tejo na margem fluvial do Barreiro.

Têem os nossos pescadores a luctar com a distancia de 580 leguas que ha entre o continente do reino e a paragem da pesca do bacalhau, ou 300 leguas entre esta e o archipelago dos Açores, para a operação da seccagem e preparação, que só póde ser feita em terra, emquanto que os inglezes, francezes e americanos possuem ali, ou proximo, territorio e clima adaptados para este fim, para onde transportam o peixe apenas pescado.

Se a pesca do bacalhau tomasse entre nós algum incremento facilmente se remediaria este inconveniente, lançando mão de um navio a vapor de marcha não inferior a 8 milhas, que durante a temporada da pesca se empregasse no transporte do peixe, por isso que em quatro dias e meio o poderia conduzir aos Açores, e em oito dias ao continente do reino, entregando-o logo á preparação.

Alem do que, mesmo com os navios de véla, a viagem é favoravel, porque, durante a maior parte do anno, sopram os ventos de oeste entre os bancos da costa da America septentrional e as ilhas dos Açores.

O mappa seguinte mostra a importancia d'esta pesca para o porto da Figueira da Foz:

Mappa da pesca do bacalhau, feita por navios e tripulações de nacionalidade portugueza pertencentes ao porto da Figueira da Foz, nos annos de 1885 a 1888

Numero de navios	Numero de tripulantes	Annos	Quantidade de bacalhau — Kilogr.	Valor do bacalhau	Imposto pago
2	34	1885	60:000	4:500$000	314$820
		1886	144:000	10:800$000	755$568
		1887	148:200	11:115$000	555$750
		1888	180:000	13:500$000	675$000
			532$200	39:915$000	2:301$138

O bacalhau entrado em Portugal durante os annos de 1886 a 1888, segundo o boletim estatistico do conselho superior das alfandegas, foi o seguinte:

Annos	Quantidades — Kilogr.	Valores
1886	23.760:239	1.796:557$000
1887	21.467:980	1.625:089$000
1888	21.099:787	1.682:261$000

Se tomarmos, por exemplo, o anno de 1888, veremos que a quantidade de bacalhau entrado em Portugal, tem as seguintes proveniencias:

Bacalhau vindo de Inglaterra em navio estrangeiro	14.891:445	kilogrammas.
Bacalhau da Suecia e Noruega, idem.....	5.154:098	kilogrammas.
Bacalhau vindo de Cabo Verde, em navio nacional	131:100	kilogrammas.
Bacalhau pescado por navios portuguezes.....	923:122	kilogrammas.
Bacalhau de procedencia não mencionada.....	25	kilogrammas.
Total.....	21.099:787	kilogrammas.

O valor declarado de todo este bacalhau foi 1.682:261$000 réis, o que dá o valor medio de 79 réis por kilogramma, e os direitos cobrados pela alfandega 791:458$923 réis.

Sommando o valor declarado com os direitos, encontra-se 2.473:719$923 réis, d'onde se conclue o preço de 117 réis por kilogramma.

Mas como o custo de um kilogramma de bacalhau, vendido ao consumidor, nunca é inferior a 160 réis, encontrâmos para o preço anterior uma differença de 43 réis, que multiplicada pelo numero total de kilogrammas, dá 907:290$841 réis para os intermediarios, e finalmente, em numeros redondos 3.400:000$000 réis, para custo da alimentação de bacalhau durante o anno de 1888, ou seja $4^{k},250$ no valor de 680 réis por habitante.

D'estes dados se deprehende que o consumidor paga pelo kilogramma de bacalhau um valor muito elevado em relação ao preço por que se obtem este peixe, sommando as despezas de exploração, direitos de importação e um rasoavel lucro commercial.

Alem, pois, das vantagens importantes que, as nações fornecedoras d'esta pescaria, auferem na educação maritima das classes e em proporcionarem meios de subsistencia a milhares de pessoas, ainda os negociantes estrangeiros absorvem grande quinhão, tornando muito caro um genero de consumo, que é por assim dizer obrigado para a alimentação.

As casas commerciaes mais fortes do norte do paiz, são as casas inglezas importadoras de bacalhau, estabelecidas em Vianna do Castello, Porto e Figueira da Foz; as quaes abastecem d'este genero todas as provincias do Minho, Douro, Traz os Montes, Beira Alta e Beira Baixa.

Em 1888 seis dos navios empregados n'esta pesca, e pertencentes ao porto de Lisbôa representavam uma tonelagem de $2.380^{m^3},079$, e valiam 78:087$569 réis, sendo tripulados por duzentos e oitenta e um homens.

O mappa seguinte mostra a importancia que ainda em 1848 tinha a pesca do bacalhau, explorada pela companhia de pescarias lisbonense.

Mappa demonstrativo da pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, na temporada de 1848

Saída		Armação	Nome da embarcação	Numero	Toneladas	Nome do capitão	Tripulação		Dias de viagem				Entrada		Carga			Custeio de saída	Frete abonado á embarcação	Frete pago á tripulação	Parte de um pescador
Mez	Dia						Pessoas	Naturalidade	Ida	Estada	Volta	Total	Mez	Dia	Bacalhau	Azeite Almudes	Azeite Canadas				
Maio	9	Escuna	Delfim	26	111	Miguel Ferreira	16	Trafaria	22	84	20	126	Setembro	12	30:984	101	–	1:432$975	480$000	835$814	44$839
»	11	»	Dourado	7	108	Gervazio Ferr.ª de Leão	17	Diversos	27	37	18	82	Agosto..	2	7:192	13	–	1:471$030	300$000	181$989	9$564
»	12	Patacho	Perola	17	128½	Antonio Ferr.ª da Silva	17	Trafaria	27	68	21	116	Setembro	5	37:057	134	6	1:481$840	600$000	1:066$244	53$749
»	»	Escuna	Thetis	27	108	Manuel Gomes Xavier	16	Diversos	25	83	22	130	»	19	28:477	84	6	1:479$203	480$000	715$904	38$630
»	15	Brigue	Vestal	1	131	João da Costa Neves..	18	»	25	76	21	122	»	14	39:451	141	6	1:610$960	600$000	1:152$848	57$058
»	18	Patacho	Morea	22	131	Francisco Ribeiro Palha	18	Algarve	19	88	21	128	»	23	30:364	89	–	1:631$325	600$000	765$461	37$061
»	»	»	Lontra	20	120	Manuel dos Reis	17	»	19	64	23	106	»	1	47:355	126	–	1:555$925	600$000	1:403$748	73$595
»	»	»	Sereia	18	126	Francisco José Simas.	17	Diversos	19	78	19	116	»	11	33:686	97	–	1:585$345	600$000	826$756	44$767
»	20	»	Tartaruga ...	19	128	Antonio José de Oliveira	17	»	19	76	20	115	»	12	39:730	101	–	1:570$300	600$000	1:106$894	56$108
»	24	»	Garoupa	21	120	Joaquim Costa Neves .	17	»	25	68	18	111	»	12	31:788	120	6	1:500$040	600$000	881$329	45$829
»	»	»	Boa Fortuna	2	144	Domingos do Ó dos S.tos	18	Algarve	19	73	19	111	»	12	45:807	154	6	1:610$515	600$000	1:220$000	60$620
»	»	»	Espadarte...	4	123	Francisco Roiz Setubal	17	»	20	70	18	108	»	9	41:693	134	6	1:577$920	600$000	1:213$951	62$391
»	»	»	Nova Olinda.	»	129	Joaquim José de Sousa	18	»	25	68	21	114	»	15	35:357	122	6	1:616$615	720$000	898$557	43$514
»	25	Escuna	Tentativa ...	11	81	Antonio dos Santos J.or	15	Diversos	37	49	32	118	»	20	26:917	68	–	1:478$800	480$000	688$054	38$175
»	27	Patacho	Alvacora	3	130	José Pedro de Medeiros Ferreira	17	Trafaria	21	70	17	108	»	12	45:713	168	6	1:579$603	600$000	1:241$192	62$874
»	»	Escuna	Tritão	28	112	João Antonio Vidal ...	15	Algarve	26	64	20	110	»	14	29:376	92	–	1:397$180	480$000	785$679	45$218
»	»	Patacho	Salema	24	121	Joaquim da Silva Reina	17	Diversos	21	75	18	114	»	18	35:335	110	–	1:457$912	600$000	914$507	48$731
Junho	3	»	Abrotea	23	126	João Francisco de Valença Junior	18	»	29	52	17	98	»	9	28:073	102	–	1:499$355	600$000	744$497	35$460
»	18	Barca	Empreza	14	197	Antonio M.el de Aguiar	20	Trafaria	28	57	15	100	»	26	44:698	168	6	1:589$709	800$000	1:287$047	56$672
					2:374½		325								659:053	2:118	6	*29:126$854	10:940$000	17:900$471	

* Nos 29.126$854 estão comprehendidos os utensilios que voltaram, e que se hão de abonar na conta respectiva depois de conferidos e examinados.

Sáe o termo medio 34:687 bacalhaus, 111 ½ almudes de azeite.

Lisboa, 23 de outubro de 1848.

Em 1884 os pescadores francezes pescaram na Terra Nova 25.326:123 kilogrammas de bacalhau, no valor de 1.296:110$060 réis, e em 1885 elevou-se a pescaria a 26.871:000 kilogrammas, no valor de 1.632:402$540 réis, como se vê no mappa seguinte:

Mappa da pesca do bacalhau feita pelos pescadores francezes na Terra Nova em 1884 e 1885

Annos	Numero de homens embarcados	Numero de navios	Tonelagem	Quantidade de bacalhau — Kilogrammas	Valor — Francos
1884.....	6:683	178	28:140	25:326$123	7.200:667
1885.....	6:734	174	28:281	26:871$000	9.068:903

PESCA NO MAR DE LARACHE

Como já dissemos, costumam annualmente sair do porto de Olhão algumas embarcações para irem ao mar de Larache, fronteiro á povoação d'este nome, pescar a cavala, sarrajão e outros peixes do alto que ali affluem no verão.

As embarcações empregadas n'esta exploração têem que percorrer uma distancia de 140 milhas para alcançarem aquella paragem, na qual a tempestade bate por vezes com violencia, sem que haja n'aquella costa um porto de refugio que possa servir-lhe de abrigo n'estas occasiões, o que torna esta pesca assás perigosa, embora seja feita em uma estação em que ha maiores probabilidades de bom tempo do que de temporal, ainda assim os pescadores de Olhão não exitam em a fazer.

São os chamados *cahiques*, os barcos escolhidos para esta campanha, embarcações de coberta corrida, muito veleiros e que constituem um dos typos de pesca mais caracteristicos e de melhores condições para aguentar tempo.

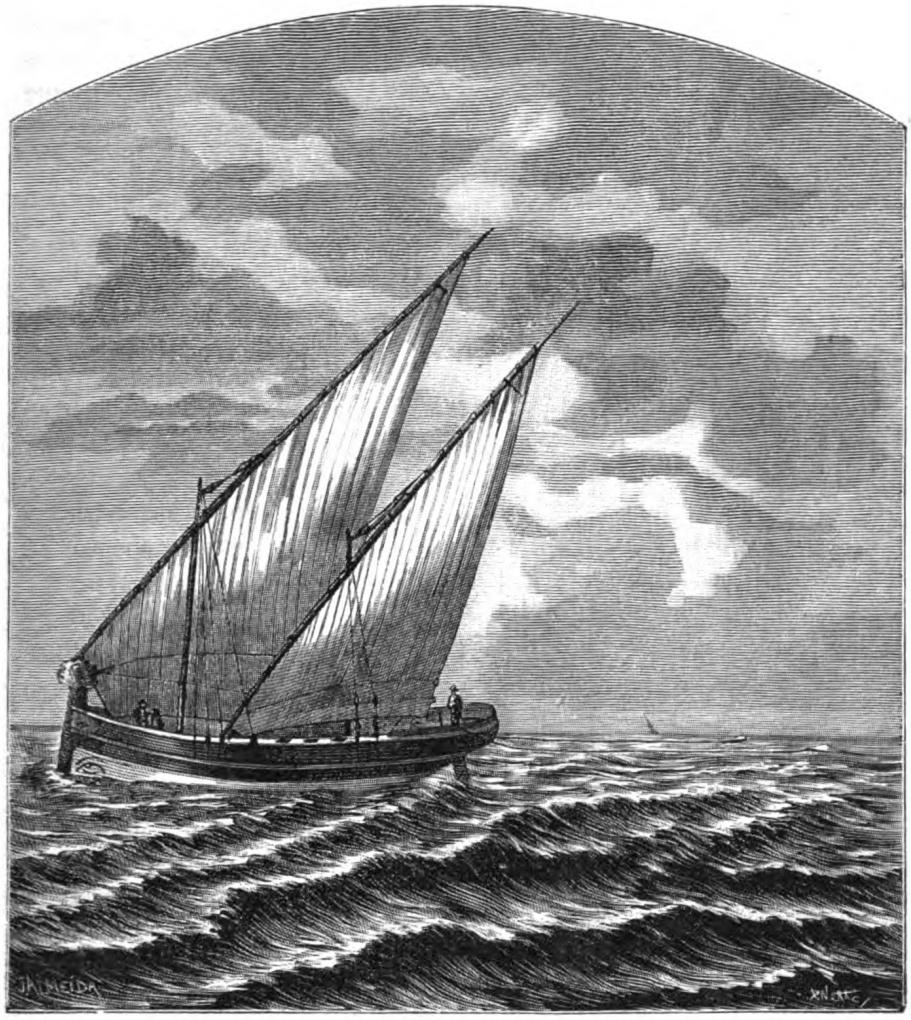
A tripulação de um cahique varia entre dez e dezeseis homens, sendo geralmente de doze homens.

O custo de uma d'estas embarcações apparelhadas regula entre réis 800$000 e 1:600$000 réis.

As despezas com mantimentos, utensilios de pesca e sal são feitas em commum, tomando cada homem uma determinada quantia *a partes* e o producto liquido da pesca é dividido igualmente por todos, pertencendo uma parte ao barco.

Em chegando o mez de maio largam os cahiques de Olhão para o mar de Larache e ahi chegados começam com a pesca do sarrajão que se prolonga até 15 de junho pouco mais ou menos.

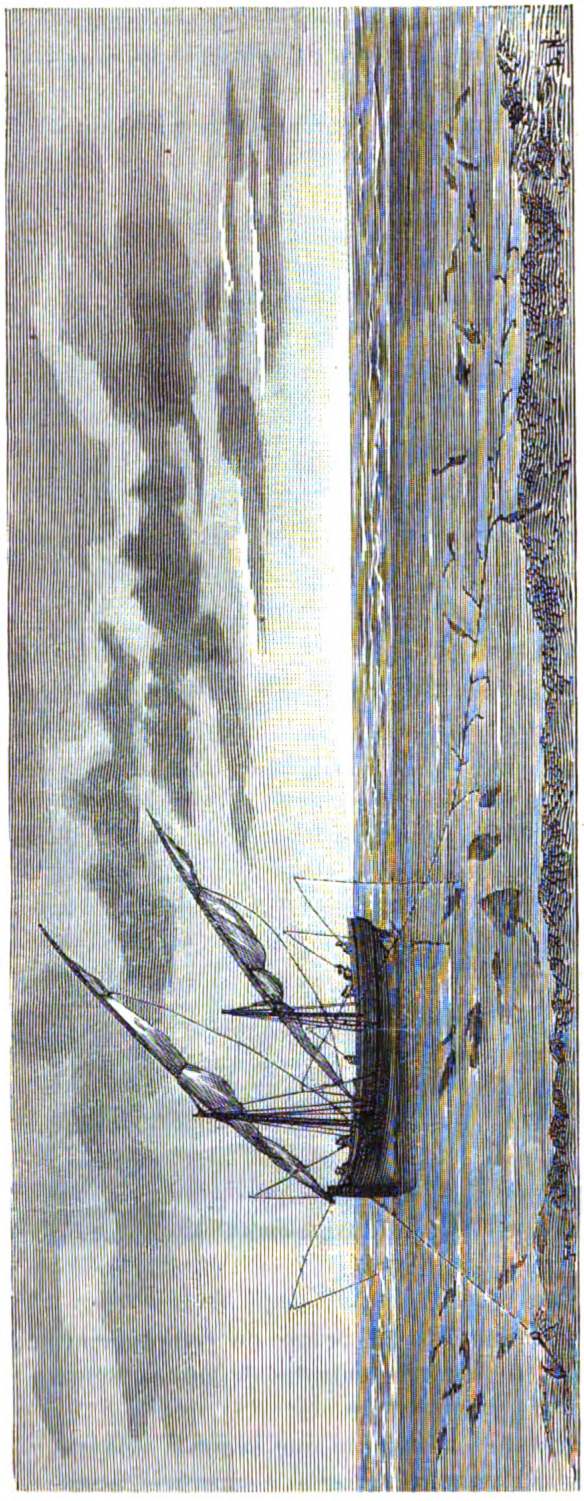
O processo de pesca usado para apanhar o sarrajão é o que denominam pesca com *amostra*, ao *corripo* ou a *cirrar*.



Cahique pescando o sarrajão com amostra

Consiste no emprego de uma linha de 20 braças de comprimento, tendo em uma das extremidades tres *estrovos* munidos de anzoes, sendo estes revestidos com um pedaço de panno branco.

Esta linha deita-se pela poupa da embarcação que segue á vela em differentes direcções. O sarrajão, que anda em correrias á superficie, acom-



panhando o barco, vendo dentro de agua um objecto branco em movimento, lança-se sobre elle e fica preso no anzol. É este um systema de pesca similhante ao que se emprega para o robalo, sargo, alvacóra, tintureira e alguns outros peixes que têem grande velocidade de andamento e que seguem as embarcações, arremessando-se sobre todos os objectos que vêem á superficie.

Acabada a pesca do sarrajão, principia a da cavalla, que termina em agosto ou setembro, fazendo-se conjunctamente a da pescada, dentão e lirio, quando estes peixes apparecem em quantidade n'esta paragem.

O processo de pescar a cavalla é muito differente do anterior, empregando-se uma canna, tendo na ponta uma linha ou arame com o anzol empatado, o qual, depois de estar convenientemente iscado e do barco demandar o pesqueiro, se lança á agua da borda da embarcação, como está indicado na figura d'esta pagina.

Para a pesca dos outros peixes usam o *palangre* ou a *gorazeira*. O primeiro compõe-se de uma linha *madre*, denominada *merlim* com 120 a 130 braças de comprimento, tendo de 2 em 2 braças

um *estrovo*, com 1 braça de comprimento, onde empata o anzol, e lançando-se por um dos extremos no fundo.

A *gorazeira* é feita da mesma maneira, mas com linha mais fina.

Este apparelho fundeia-se com duas pedras nos extremos e fica assignalado com boias ligadas aos arinques de suspensão, de modo que a *madre* fique a 4 ou 5 braças do fundo, conforme a camada de agua em que se reconhece andar o peixe, que é variavel com a temperatura e estado da atmosphera.

O movimento annual da pesca exercida pelos pescadores de Olhão no mar de Larache póde avaliar-se pelo mappa seguinte:

Numero de barcos	Numero de tripulantes	Valor medio do pescado
30	360	7:200$000

O mar de Larache durante a temporada de pesca não é unicamente frequentado pelos pescadores de Olhão, tambem os pescadores hespanhoes ali apparecem e outros d'aquella costa, não sendo inferior a cem o numero de embarcações que ali se juntam para explorar esta industria.

O peixe depois de ser pescado é amanhado e salgado, vindo muitos barcos directamente para o porto de Lisboa fazer venda d'elle.

*
* *

Não terminaremos este capitulo sem, muito de passagem, nos referirmos á consideravel importancia que póde merecer para nós o conhecimento exacto das condições de pesca do banco situado a meia distancia entre o archipelago das ilhas de Cabo Verde e a costa occidental de Africa, sobre o qual afflue em grande quantidade o bacalhau. Os bancos de Freminville e Birkenhead, formando uma elevação do solo submarino com a profundidade de uns 150 metros, distam apenas 150 a 200 milhas da ilha do Sal, comprehendendo-se facilmente a enorme vantagem que resultaria, para a industria nacional da pesca do bacalhau, em poder pescar, salgar e preparar, por assim dizer no mesmo local.

CAPITULO V

Pesca do alto. — Descripção dos apparelhos e processos empregados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino.

Os pescadores de grande numero de portos do continente do reino vão procurar fóra das aguas territoriaes, em grande profundidade e a consideravel distancia da terra, as regiões maritimas mais adequadas, não só á pesca dos peixes que ahi estão domiciliados, e que têem nos mercados mais apreço e maior valor commercial, mas tambem á de outras especies que ahi transitam em maior abundancia, livres das influencias da configuração e proximidade da terra.

Para esta pesca do alto carecem-se boas embarcações, sendo preferiveis as de convez corrido, ou apenas com bailéus e pequenas toldas a vante e á ré, no emtanto em alguns dos nossos portos de pesca nem sempre se segue esta conveniencia, empregando-se embarcações abertas, ás vezes até de pequenas dimensões, como adiante veremos.

Os *apparelhos de pesca do alto* são de duas especies differentes: *apparelhos de rede* e *apparelhos de anzol.*

Os primeiros são todos de *rede de enmalhar,* e dividem-se em *permanentes* ou de *fundo* e *fluctuaveis* ou de *superficie.*

Os de *anzol* dividem-se em *apparelhos de muitos anzoes* ou *apparelhos* propriamente ditos e *apparelhos singelos* ou *linhas de pesca.*

Vamos descrever cada um dos apparelhos e processos empregados na pesca do alto, apontando as especies de peixes a que se destinam, e indicando não só as embarcações que se usam em cada porto para esta exploração, mas tambem qual a composição das suas tripulações, usos e costumes locaes, e outros esclarecimentos sobre o assumpto.

PESCA DO ALTO COM APPARELHOS DE REDE DE ENMALHAR PERMANENTES OU DE FUNDO

As redes d'este grupo denominam-se: *volante, zangarelho, rasca* e *petisqueira,* e destinam-se principalmente á captura da pescada, caneja, cas-

carra, cação, tamboril, teiroga, raia, rodovalho e outros peixes domiciliados no banco, ou pesqueiro do alto, que corre ao longo da nossa costa.

Volante. — É a rede mais usada em toda a costa occidental do reino, desde Caminha até á Ericeira, nos portos que exercem a pesca do alto, empregando-a para a captura da *pescada,* rasão por que tambem a denominam *rede da pescada,* embora cáiam n'ella outras especies que se prendem nas suas malhas, cuja grandeza está proporcionada para as dimensões da pescada adulta. Á volante tambem chamam — *belanta* e *saramona* — no norte do paiz.

A *volante* compõe-se de um panno de rede rectangular com 60 braças de comprimento e 48,5 malhas de altura, ficando o comprimento reduzido a 30 braças depois da rede entralhada.

É feita esta rede com fio de linho n.º 30, e depois tinta em infusão da casca do salgueiro, que lhe dá a côr de canella escura.

A malha tem 57 millimetros de lado em Caminha [1].

As tralhas são de linho com 8 millimetros de diametro, mas o panno não cose logo n'ellas, tendo de permeio um fio de linho, denominado *entralhe,* com 2 millimetros de diametro, que passa pelo meio da malha, de quatro em quatro malhas, e que faz fixe na tralha de palmo a palmo, espaço a que chamam *encála,* deixando um intervallo de 1,5 palmo entre a rede e a tralha.

Na tralha superior tem cento e cinco cortiças e na inferior, de oito em oito *encálas,* tem *amarrilhos* para atar pedras.

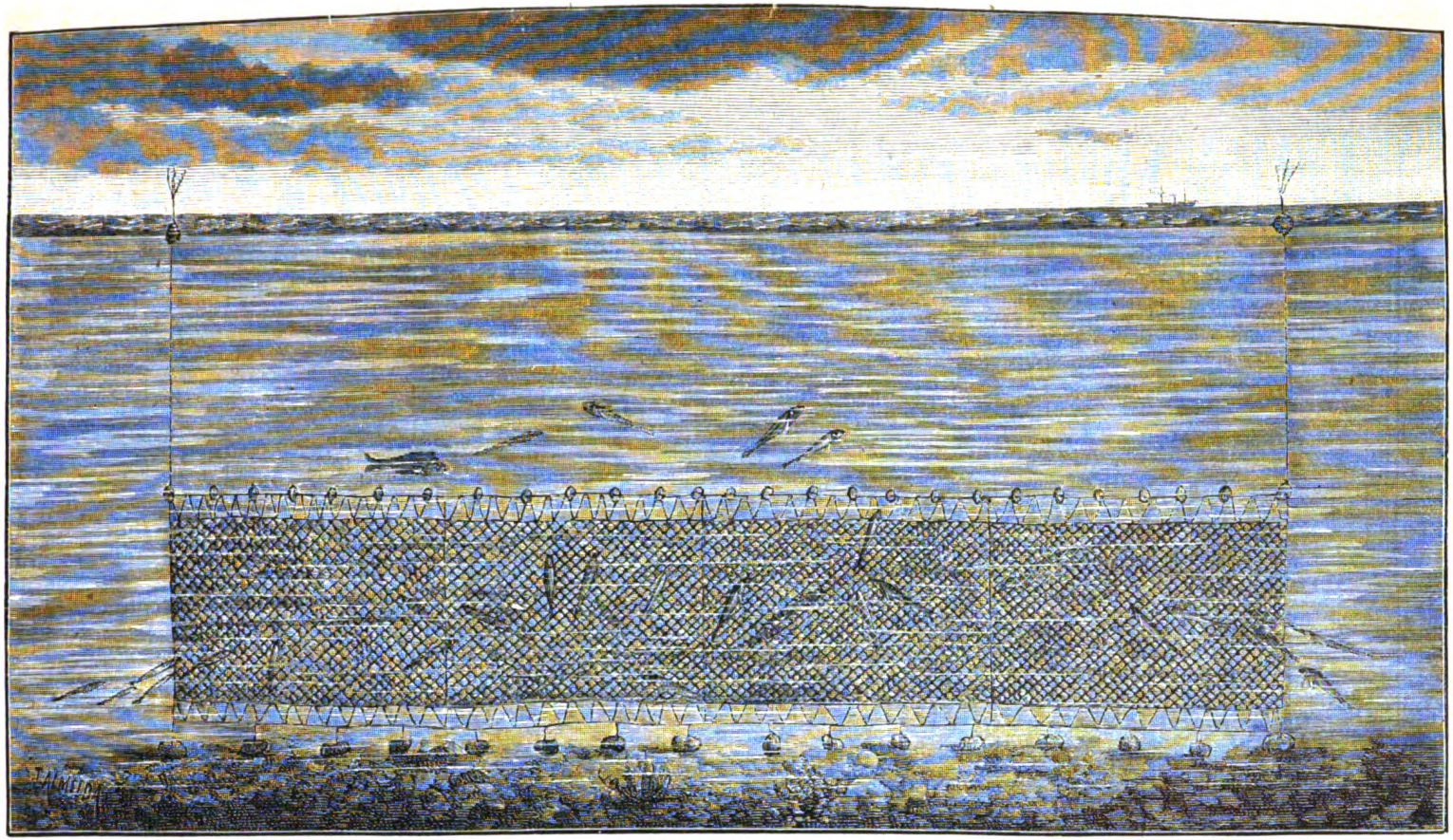
A uma d'estas redes chamam um *mólho* de volante, sendo costume reunir uns aos outros pelas testas, trinta a trinta e seis mólhos quando as vão largar no alto para a pesca.

Nos extremos ou *pontas* d'estes grupos de redes amarram os cabos das *vigias,* denominados *cadouras,* com 15 millimetros de diametro. As *vigias* ou *balisas* são umas grandes *boias* feitas de cortiça em folhas sobrepostas, tendo a fórma pyramidal, e ao centro uma vara com ramos de loureiro no extremo, em quantidade maior ou menor e aspectos diversos, com o fim de distinguir umas das outras as redes dos differentes barcos e companhas.

As lanchas do alto, de Caminha, são tripuladas por dez a doze homens, levando cada homem tres mólhos de volante, pertencendo ás vezes á tripulação tambem um rapaz.

---

[1] Adoptaremos sempre no decurso d'esta obra o comprimento do lado da malha contado de nó a nó, quer ella seja em quadrado ou em losango, para medida da malhagem das redes.



Rede das pescadas

Deitam as redes a grande distancia da terra, em profundidades que variam com a epocha do anno; assim o *mar de verão* é pelas 50 braças de fundo, e o *mar de inverno* é nas 70 braças.

As redes ficam collocadas verticalmente dentro de agua, em seguimento umas das outras, na direcção NE.–SW., assentando a tralha inferior no fundo obrigada pelo peso das pedras.

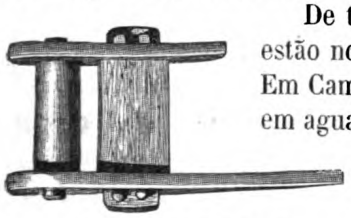
A tralha superior fica ainda muito distante da superficie, e a rede tem nos extremos dois cabos ou arinques —*cadouras*— que prendem ás balisas de signal.

Apesar da posição das redes ficar marcada pelas balisas, é forçoso fazer tambem marcações pela terra para as encontrar no caso de se partirem as vigias, e mesmo pela conveniencia de as demandar facilmente ao navegar para fóra, correndo ao som da corrente.

A *volante* deita-se de manhã, e fica dentro de agua uma ou duas noites, e até muitos dias, quando o mau tempo impede a saida das lanchas.

Em todo o caso quando ha sota vão suspender a rede e tirar o peixe que ficou enmalhado.

Para metter a rede dentro da embarcação emprega-se uma polé, que chamam *carro,* collocada á prôa ou á poupa, consistindo em um cylindro ou rolo de madeira, que ao passar a rede sobre elle adquire movimento de rotação facilitando assim a suspensão de todo o apparelho.



Carro de suspender as redes

De tempos a tempos são levantadas as redes que estão no mar e deitam-se outras que levam de terra. Em Caminha, as redes que trazem do mar são lavadas em agua doce no rio Coura, para cima da ponte do caminho de ferro, durante a vasante, sendo conduzidas em barcos menores, por isso que as lanchas não têem agua para subir o rio, que não só é pouco profundo, como tambem semeado de baixos e corôas de areia.

Estas redes depois da lavagem são estendidas a enxugar nos *tendaes* que os pescadores costumam ter nos quintaes das casas, quasi todas terreas, onde habitam.

Os *tendaes* são formados de varas de pinho com galhos em differentes alturas, enterradas verticalmente em alinhamentos, e é n'aquelles que penduram as redes a seccar.

Em Caminha um mólho de volante importa em 8$000 réis, e cada pescador do alto possue ordinariamente seis mólhos.

Os pescadores fazem sociedade em commum das despezas e receitas de cada lancha de pesca, e sendo, por exemplo: doze homens e um rapaz, dividem os lucros em treze quinhões e meio, um para cada homem, meio para o rapaz e um para a *cabaça,* o qual se divide na vespera do dia de Todos os Santos.

Este quinhão da *cabaça* vae para deposito, mas conserva esta denominação ainda, porque corre a lenda de que em tempos antigos havia um pescador, que o arrecadava em uma cabaça.

É tambem n'este dia da divisão que os pescadores se decidem a continuar ou desfazer a sociedade, constituindo novo contrato valido até igual dia do anno seguinte.

O primeiro porto para o sul de Caminha onde se exerce a pesca do alto é Gontinhães, no qual se usam as redes volantes como as anteriores, que os pescadores vão deitar a W. e NW. do porto.

Em Gontinhães enxugam as redes no campo do Castello, pelo norte do forte, estendendo-as no chão, e de oito em oito dias lavam-n'as no rio de Ancora por baixo da ponte do caminho de ferro.

Em Espozende a *volante* tem 42 braças de comprimento de rede e 22 braças depois de entralhada, com quarenta malhas de altura, tendo cada malha 58 a 62 millimetros de lado.

Aos amarrilhos para as pedras chamam aqui *amantes*.

As redes permanecem seis dias no mar, e os pescadores vão tirar o peixe de dois em dois dias, ou com maior intervallo quando ha mau tempo.

Quando as trazem para terra lavam-n'as em agua doce no Rego, pelo norte da igreja, e põem-n'as a enxugar nos *varaes*, varas de pinho collocadas horisontalmente em cima de postes verticaes que estabelecem nos sitios denominados: *ribeira* e *estaleiro*.

Depois de lavadas e seccas costumam mettel-as na tinta para poderem resistir bem aos estragos da agua salgada.

Aqui, as lanchas da pescada pertencem cada uma a tres ou quatro socios. Cada lancha anda com uns vinte homens, levando cada um tres peças de rede e os donos seis redes. Cada pescador recolhe o peixe que caiu nas suas redes e o ganho da lancha vae sendo depositado na mão de um dos proprietarios, para ser dividido por todos quando se combinar.

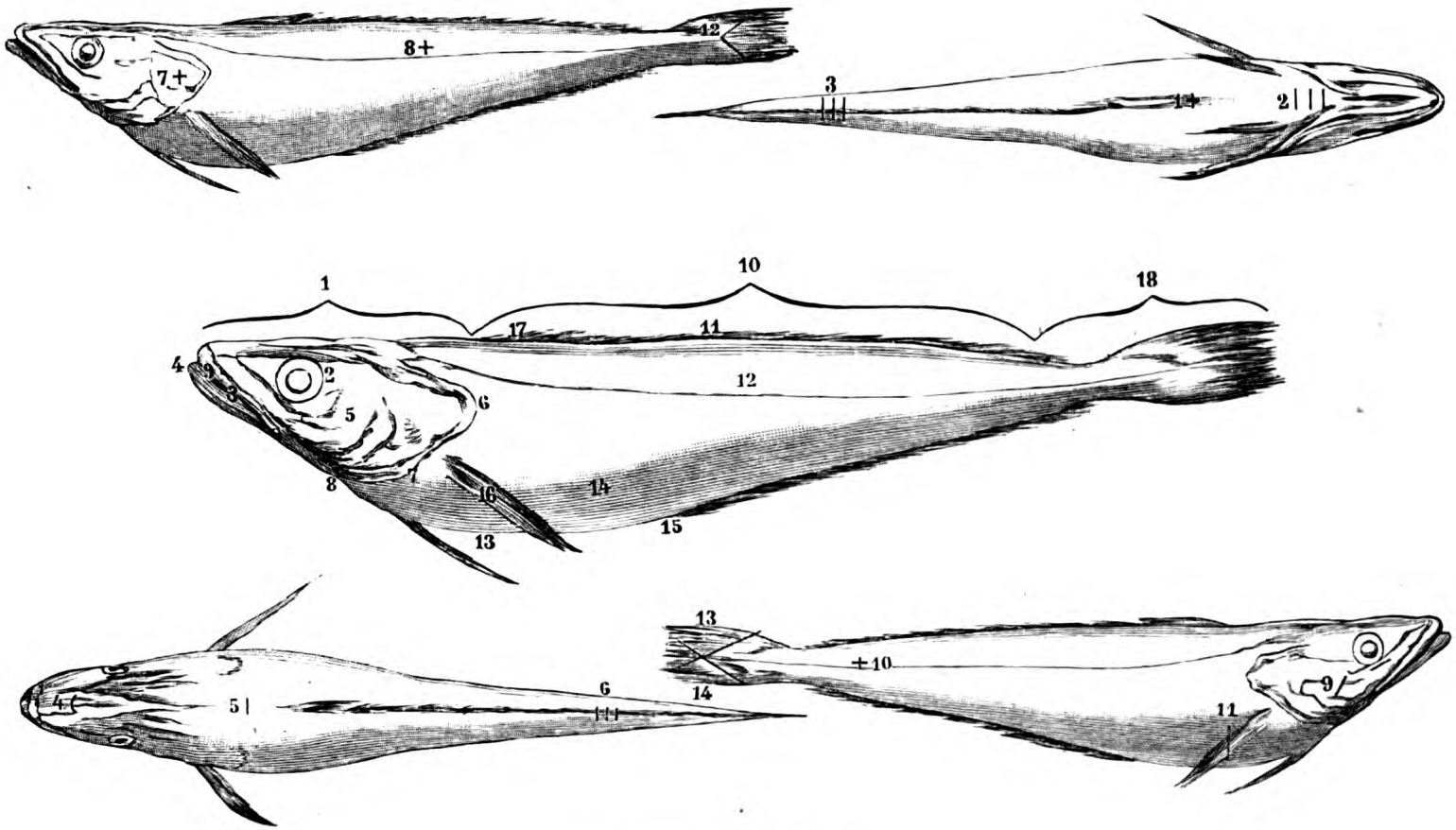
Pescam em 50 braças de profundidade a 4 ou 5 leguas da terra.

Em Vianna do Castello, ao norte de Espozende, as volantes são como as d'este porto, tendo 40 a 41 malhas de altura.

Os pescadores estendem-n'as a enxugar no campo do Castello, e lavam-n'as no tanque ou no rego da praia.

Na Povoa de Varzim e na Foz do Douro e Valbom tambem os pescadores usam as redes *belantas* para a pesca do alto, construidas como as anteriores, mas variando a grandeza da malha, que é aqui de 65 millimetros de lado, e largando-as em fundos de 40 braças até 150 braças, á distancia de 25 milhas de terra. D'estes portos para o sul sómente se encontra esta pesca com certa importancia em Buarcos e em menor escala na Nazareth.

Em Buarcos a *volante* tem de comprimento entralhada 25 braças e 48 malhas de altura, medindo cada malha 60 millimetros de lado.



Quadro da nomenclatura e marcas das pescadas

Na tralha superior põem quarenta e seis cortiças e na inferior dezoito pedras e tres *cachorros* (pedras maiores), um a meio e um em cada cabo dos extremos, os quaes obrigam a tralha a assentar no fundo.

Para amarrar as redes umas ás outras usam de um cabo denominado *alpostis*, que passando pelas malhas das testas as cose juntamente.

Cada rede volante importa aqui em 4$500 réis.

Os barcos da pescada, em Buarcos, pertencem a um, dois ou tres socios, que chamam «senhorios», e são tripulados por vinte a vinte e quatro homens, incluindo o arraes.

Cada homem tem direito a levar duas redes e, querendo empregar mais, ha de dar meio quinhão ao senhorio por cada rede a mais; o barco á sua parte leva dezoito redes para pescar em proveito dos senhorios. Os pescadores têem direito a levar mais uma rede por cada filho menor do sexo masculino com mais de um anno, requerendo previamente licença á companha, sendo porém do sexo femenino não dá direito algum.

As redes são deitadas a 6 e 7 leguas da terra, em fundos de 50 a 70 braças, quasi a tocar na grande restinga ou cavallo de pedra do largo.

Ao levantar das volantes cada pescador fica com o peixe que enmalhou nas suas redes e os senhorios com o que caiu nas dezoito.

Na faina de alar as redes e desenmalhar o peixe, vae o arraes marcando as pescadas com um golpe de faca, possuindo cada pescador o seu signal, como vae indicado nas figuras e no quadro seguintes:

Na figura do centro vae marcada a nomenclatura profissional que os pescadores dão ás differentes partes do peixe, assim: 1, cabeça; 2, olho; 3, bôca; 4, bico; 5, faceira; 6, alheta; 7, guelra; 8, trave; 9, beiço; 10, corpo; 11, albarda; 12, lombo; 13, peito; 14, barriga; 15, umbigo; 16, badana; 17, galha; 18, rabo.

Nas outras quatro figuras estão representados os signaes que designam as pescadas de cada pescador, pela fórma seguinte: 1, cruz no peito (geralmente marca do arraes); 2, peitos (1, 2 ou 3 riscos); 3, penteado por baixo (1, 2 ou 3 riscos); 4, corôa na cabeça (um pedaço de pelle levantada); 5, albarda (1 risco); 6, penteado por cima (1, 2 ou 3 riscos); 7, cruz na faceira; 8, cruz no lombo; 9, um cacho; 10, cruz de rabo á banda; 11, badana cortada; 12, forcado (barbatana partida a meio do rabo); 13, meio rabo (barbatana partida na parte superior do rabo); 14, dois rabos (as duas pontas do rabo partidas).

Ao chegar a terra o peixe, tomam conta d'elle as mulheres dos pescadores, vendem-n'o, e dão depois conta do negocio que fizeram.

Quando está bom tempo, os pescadores passam a noite no mar, esperando a madrugada para levantar as redes e tirar a pescaria, e durante este tempo cozinham a bordo, collocando no fundo do barco á prôa uma porção de *cavacas* de lenha em fórma de pilha, assentando em cima a pa-

nella. Amanham o peixe em agua salgada, e cozem-n'o tambem em agua do mar, ficando saborosissimo quando é feito por este processo tão difficil de alcançar nos nossos centros de consumo, mas que merece a pena de experimentar, acompanhando aquelles rudes luctadores pelo menos uma vez, e participando com elles de tão excellente refeição.

Para o sul de Buarcos ainda se exerce a pesca do alto com as volantes, na Nazareth, Peniche e Ericeira, sendo o processo o mesmo e a construcção das redes identica, variando unicamente nas dimensões.

As redes da pescada, apesar de estarem a grande distancia da terra, no caminho da navegação, não prejudicam a marcha dos navios, porque estão mergulhadas a grande profundidade, assentando no fundo, e tendo apenas á superficie duas boias nos extremos, com arinques de cabo delgado, que facilmente partem, sendo colhidos por o propulsor de qualquer navio de vapor, podendo por este facto serem consideradas inoffensivas.

A pescada colhida nas volantes nem sempre é tão fresca como a que é apanhada á linha, porque permanece algumas vezes durante muitas horas e dias presa na malha e já morta, perdendo as boas qualidades que este peixe possue em tão grande escala quando é frescal.

No Minho á pescada já moida chamam-lhe *bandalho,* e em Buarcos *palama;* vende-se por preço muito inferior, e é geralmente a classe pescadora que se alimenta com ella, pois que reserva a melhor para vender.

Zangarelho.—Rede de enmalhar de um panno, similhante á volante, mas de malha maior, a qual costumam os pescadores de Caminha deitar mais á terra quando o peixe não anda muito amarado.

Tem como a rede volante 60 braças de panno, reduzido a 30 braças de comprimento depois de convenientemente entralhado, com 36 a 40 malhas de altura, e medindo a malha 76 millimetros de lado.

Esta rede é feita com fio de linho e tinta, sendo as tralhas, cortiças, pedras e o processo de pesca o mesmo que se usa com a rede volante.

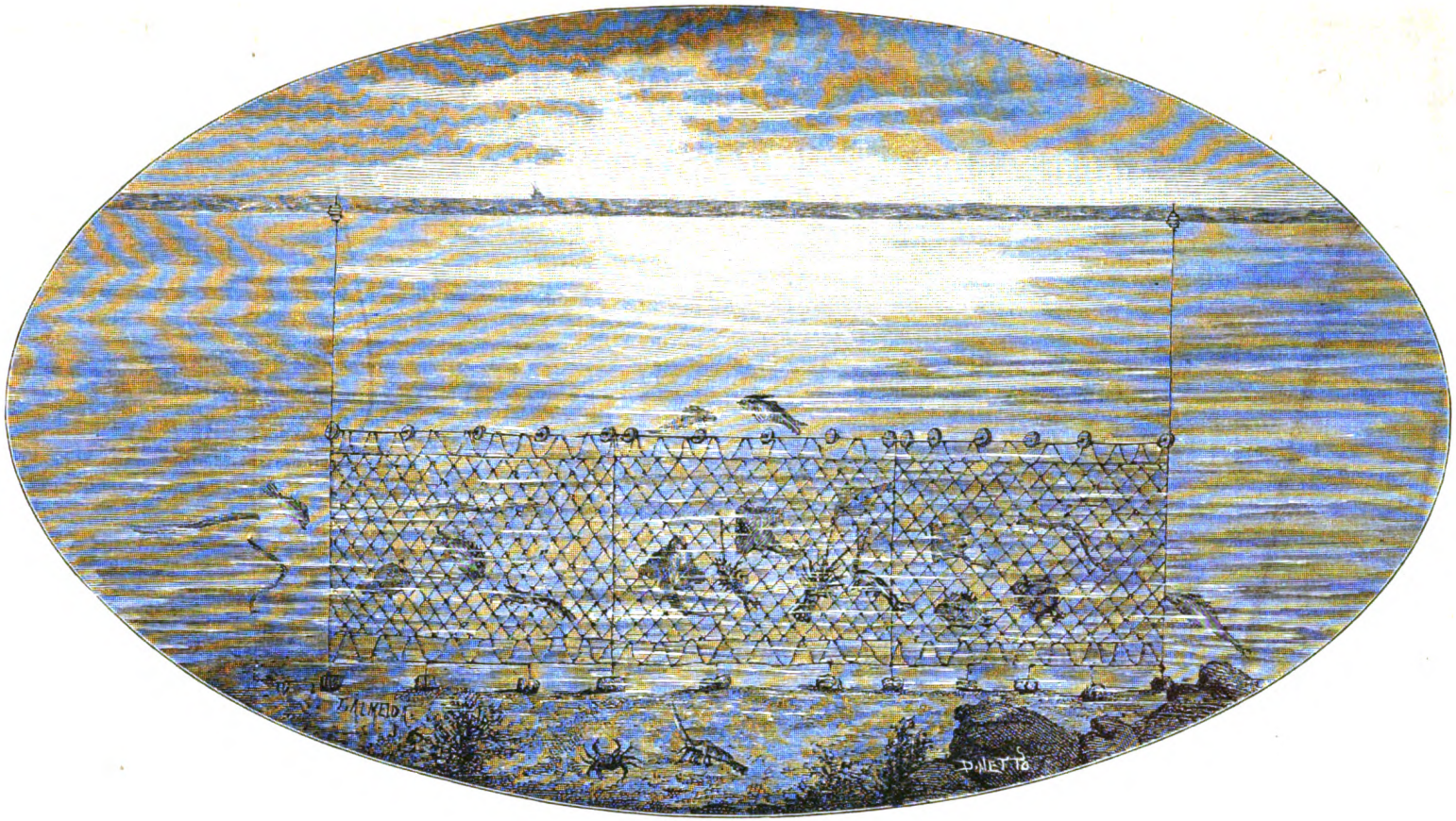
O *zangarelho* emprega-se em profundidades de 30 a 50 braças, e apanha peixe maior do que a volante, embora se destine á pesca do ruivo, caneja, pargo, pescada, etc., porque tem a malhagem maior do que ella.

Um mólho de *zangarelho* importa em 5$000 réis.

Rasca.—É tambem uma rede de enmalhar de um só panno, como a volante e zangarelho, mas de malha ainda maior do que esta ultima, e para lançar mais perto da terra, pelo mesmo processo d'aquellas duas.

Em Gontinhães a *rasca* tem 50 braças de rede em 26 braças de comprimento entralhada. É feita de fio de linho com $^{2}/_{3}$ de millimetro de diametro e depois tinta, na infusão da casca da raiz do pinheiro.

Tem de altura 13 malhas de 130 millimetros de lado.



Rasca do alto

A tralha superior tem cortiças e a inferior *pandulhos* ou pedras. Os *pandulhos* são feitos de panno com areia grossa dentro, offerecendo a fórma exterior de um chouriço, e collocando-se na tralha de intervallo a intervallo.

Pandulho

Larga-se como a volante, mas em 18 a 20 braças de profundidade, e destina-se á pesca da raia, teiroga, caneja, lagosta, etc.

Cada mólho de rasca importa em 3$000 réis.

Em Vianna do Castello, Espozende, Povoa de Varzim e até ao Douro, tambem usam da *rasca,* principalmente para a pesca da lagosta e das raias, caindo tambem n'ella outras especies, que na marcha a encontram.

Em Buarcos a *rasca* tem de comprimento entralhada 30 a 36 braças e de altura 16 malhas com 160 millimetros de lado.

Deitam-n'a como a da pescada, mas não leva *cachorros* e unicamente umas quatorze pedras.

Na Nazareth, Peniche e Ericeira tambem usam estas redes, que tiraram o seu nome das antigas embarcações de pesca do alto denominadas *rascas,* das quaes mais adiante faremos a descripção.

Petisqueira. — Os pescadores de Buarcos usam de uma rede de tres pannos de enmalhar, que denominam *petisqueira,* e que largam no alto pelo mesmo processo da rede da pescada.

A malha das *alvitanas* ou redes exteriores, é como a da *rasca* com 160 millimetros de lado, e a do *miudo* ou rede intermedia, é como a da *volante* com 60 millimetros de lado.

Esta rede em vez de pedras tem *chumbadas* na tralha inferior.

Na *petisqueira* cáem linguados do alto, ruivos, cações, tremelgas, caranguejolas, etc., que ficam enmalhados ou enrascados na rede.

Toda esta pesca do alto com redes de enmalhar permanentes faz-se unicamente desde Caminha até á Ericeira, para o sul, porém em toda a costa até ao cabo de S. Vicente e na costa meridional do Algarve, não se usam estas redes na pesca do largo, mas sim as linhas de pesca e apparelhos de anzol, devido naturalmente á maior profundidade das aguas n'esta região, que embaraça o lançamento das redes, e ao costume inveterado e tradicional de outros systemas de pesca, seguidos desde longa data.

As redes de enmalhar constituem um systema de pesca moderado, que dá muito bons resultados, nos fundos em que se podem empregar, que em geral não vão alem das 80 braças de profundidade, e devem merecer preferencia todas as vezes que se pretenda proteger o repovoamento das aguas.

PESCA DO ALTO COM APPARELHO DE REDE DE ENMALHAR FLUCTUANTE OU DE SUPERFICIE

A unica rede d'este genero que se usa em quasi toda a costa do continente do reino, chama-se *sardinheira,* porque se destina especialmente para a captura da sardinha, comquanto tambem n'ella cáiam outros peixes como: o carapau, chicharro, cavala, sarda, boga, etc.

Do rio Douro para o norte é esta a unica rede que se emprega na pesca da sardinha do alto; do Douro até ao Mondego não se usa; mas d'este ponto para o sul volta de novo a empregar-se, ainda que em menor escala, em toda a costa occidental, desapparecendo completamente na costa do Algarve.

Sardinheira.—Esta rede de enmalhar, tão usada para a pesca da sardinha no norte do paiz, tem um unico panno, e é feita de fio de linho muito fino, com $^1/_3$ de millimetro de diametro, e depois tinta na infusão da casca de salgueiro.

Em Gontinhães, cada peça de *sardinheira* tem 30 ou 50 braças de comprimento entralhada e 400 malhas de altura, tendo cada malha 18 millimetros de lado.

Depois d'esta rede estar collocada dentro da agua attinge 12 braças de altura desde a superficie.

A tralha tem 4 millimetros de diametro, mas a rede miuda não pega directamente com ella, porque tem de permeio uma orla de malhas de fio mais forte.

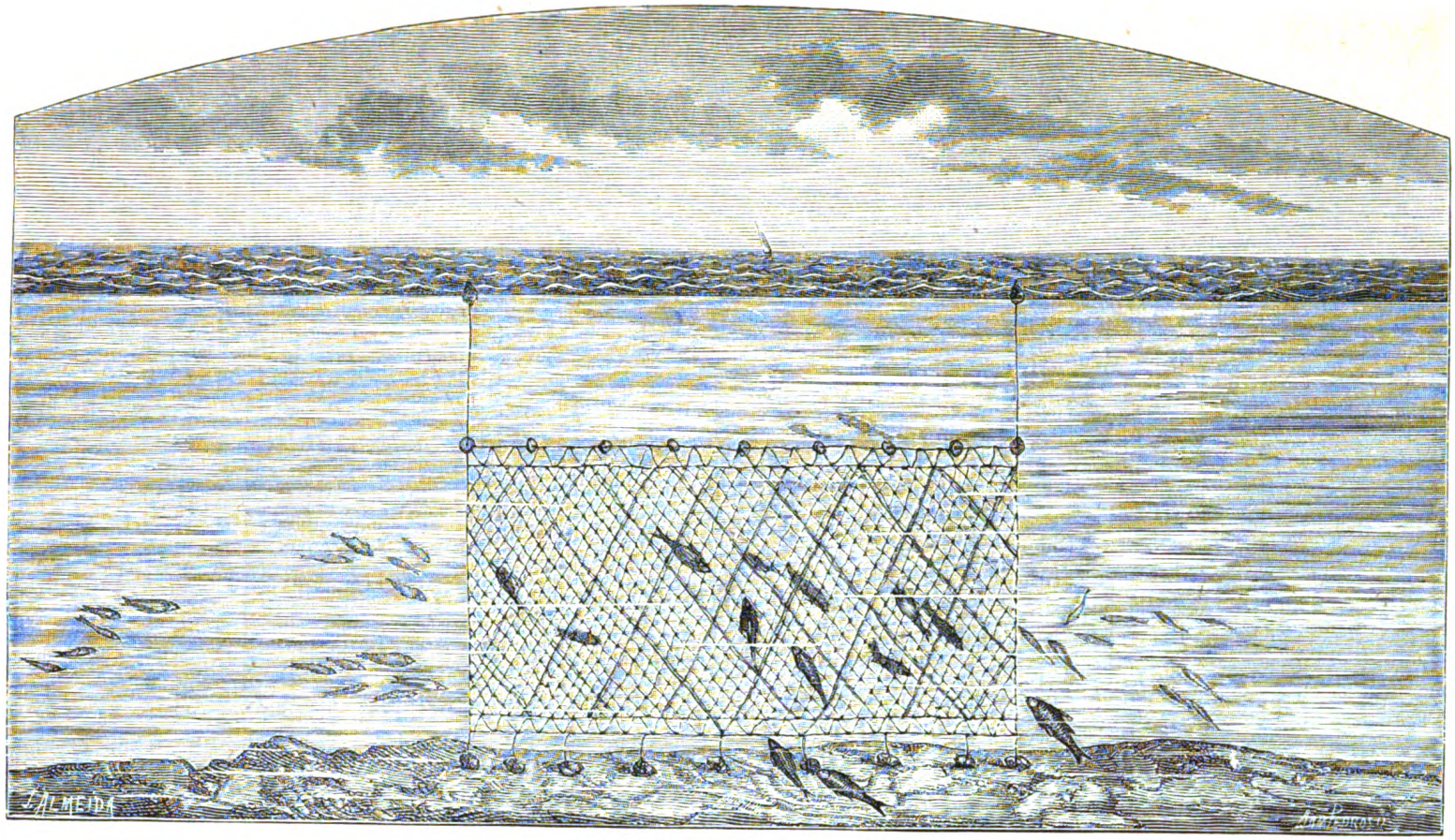
A tralha superior tem boias de cortiça e a inferior chumbos enrolados em volta da tralha.

Outras boias grandes de cortiça aguentam a rede em fluctuação, para que ao cair n'ella a sardinha se não afunde com o peso, o que não impede ainda assim de os pescadores agarrarem immediatamente um dos extremos da rede para ficarem bem senhores d'ella.

Com a *sardinheira* pesca-se em 12, 15, 20 e 40 braças de profundidade, a grande distancia da terra.

Cercam com ella o banco da sardinha, largando a rede com a maior rapidez possivel, ou deixam-n'a caír com a agua á espera que o peixe a encontre no seu caminho, demorando o lance desde um quarto de hora até tres horas, conforme o successo da pesca.

A rede depois mette-se dentro com o auxilio de um *carro* similhante ao que usam para suspender as redes da pescada, collocando-se um homem junto ao *carro* para alar a rede, dois proximos d'este a desenmalhar a sardinha e um na *cadeira* colhendo a rede.



Rede petisqueira

As cabeceiras das redes ligam a outra rede mais grossa e forte. Ás boias grandes dão o nome de *boireis* e são amarradas com 2 braças de comprimento, a fim de as embarcações poderem passar sobre as redes, sem as deteriorarem.

Quando a agua corre muito a rede inclina, por não poder aguentar-se no verticalismo, mas pesca do mesmo modo.

Já se têem dado frequentes casos de a *sardinheira* com o grande peso da pescaria afundar totalmente sobre rochas e perder-se; para evitar quanto possivel estes desastres empregam os pescadores a *cuba de ter mão na rede,* que se compõe de uma rede, com 2 a 3 braças de comprimento, ligada á sardinheira em uma das pontas, rede mais grossa e forte, tendo presa no extremo uma corda com 30 braças de comprimento e 10 millimetros de diametro, que dá volta ao barco de pesca.

A *sardinheira* depois de larga vae ao som da corrente, e o barco acompanha-a preso pela *corda da mão.*

Para largar a *sardinheira* amarram-se primeiramente as peças de rede umas ás outras, constituindo a *caceia,* depois colloca-se o mestre com um pé na *cadeira* e outro na borda, e vae tirando a rede, e deitando-a dentro de agua, e toma posição á pôpa um homem para ir alliviando a cortiçada, e não deixar a rede tomar volta, emquanto que os dois homens que restam remam rapidamente.

A *cadeira* é o vão comprehendido entre as bancadas a meio barco onde colhem as redes.

Os lanços de *sardinheira* repetem-se amiudadas vezes, e antes de suspender a rede colhe-se a *cuba* a fim de ver se está algum peixe enmalhado, porque a sardinha larga-se para o fundo, e escapa-se por baixo da rede, quando esta trabalha em grandes profundidades.

As *cabeceiras* da rede são construidas com fio de 1 millimetro de diametro e malha de 35 millimetros de lado, e têem nas pontas vinte e quatro atilhos para amarrar as peças umas ás outras e a primeira á *cuba,* que tem estes atilhos apenas em uma das testas.

A sardinheira tem na tralha de cima uma cortiça de 40 em 40 centimetros, e na inferior um chumbo de 20 em 20 centimetros.

Nas cabeceiras das redes, leva primeiro cinco carreiras de malhas com fio grosso, depois tres de fio dobrado e em seguida vae a de fio singelo.

A uma carreira de malhas tambem dão o nome de *murada.*

Na tralha superior e inferior tem apenas a ligar com a rede 3 malhas de fio grosso com 40 millimetros de lado.

Os boireis são collocados de 7 em 7 braças e na ponta da rede leva uma boia maior.

A *sardinheira* ensacca um pouco nas pontas por causa da construcção das cabeceiras.

Uma peça de rede de 30 braças de comprimento, tendo 400 malhas de altura, comprada em branco na Guardia ou na ria de Vigo, custa réis 9$000 e é feita de fio n.º 45 tão fino que passa toda a rede por dentro de um annel de creança.

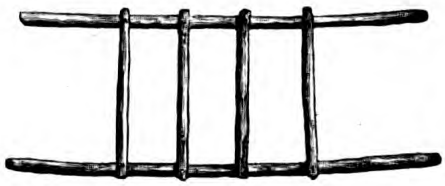
Os nossos pescadores é que depois entralham e tingem estas redes, mas tambem as fazem, podendo-se calcular que, quem trabalhar ligeiro, póde fazer uma braça de rede, com 400 malhas de altura, em dois dias.

As peças maiores, com 60 braças de comprimento, custam na Guardia 22$500 réis.

Os barcos pequenos levam dez ou onze peças de rede e os maiores quinze peças.

Os barcos empregados n'este systema de pesca, são sempre tripulados por quatro homens, os quaes dividem o lucro de uma semana ao meio, sendo metade para o dono das redes, e da outra metade fazem quatro e meio quinhões, competindo um quinhão a cada homem e meio quinhão ao dono do barco, o qual tambem recebe do dono das redes outro meio quinhão.

Para conduzir as redes na praia usam de padiolas de madeira, e para varar os barcos são precisos uns doze homens, mas para os deitar ao mar podem os quatro tripulantes fazel-o com o auxilio de rolos.



Padiolas de conduzir redes

Em Vianna do Castello, as sardinheiras são como as anteriores, mas nos barcos cada homem leva tres redes e depois da venda da sardinha em leilão, divide-se ao meio o producto, sendo metade para o barco e redes e a outra metade para os quatro tripulantes.

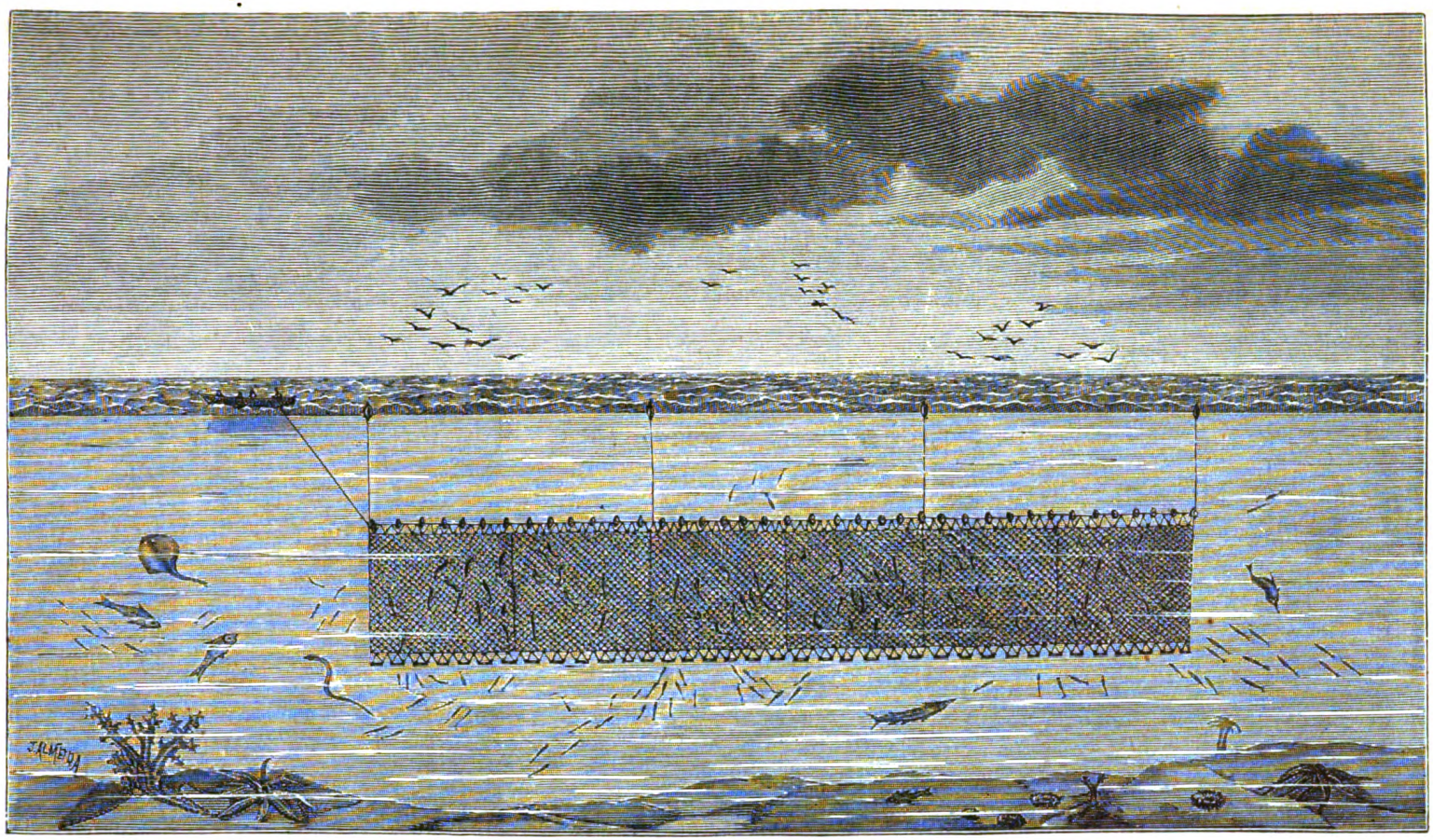
A primeira metade divide-se em quinhões conforme o numero de redes, entrando tambem o barco com um quinhão; a segunda, divide-se igualmente por todos os tripulantes.

Em Espozende as sardinheiras são differentes: cada peça tem apenas 18 a 20 braças de comprimento na tralha e são feitas de fio de linho n.º 60, tendo de altura 150 malhas de 18 millimetros de lado.

A entralhação é construida com fios de 2 e 5 millimetros e as tralhas têem 10 millimetros de diametro.

Na tralha superior tem cortiças e na de baixo as chumbadas em fórma de *anneis*, sendo de 6 arrateis a totalidade do chumbo necessario para fazer os anneis de cada peça, que, construida ali, importa em 5$000 réis.

Cada homem leva duas ou tres redes e o barco entra com igual numero; vendem o peixe por junto e dividem o producto em quinhões iguaes, sendo mais um quinhão para o dono do barco.



Rede sardinheira

Na Povoa de Varzim usam os pescadores as grandes peças de sardinheira com 400 malhas de altura.

Em Buarcos têem estas redes 157 malhas de altura.

Em Setubal tambem se empregam estas redes de enmalhar sardinha, mas não no alto, usando os pescadores ilhavos, que para aqui emigram, uma sardinheira de pequenas dimensões, que descreveremos quando tratarmos da pesca costeira.

Póde-se limitar a zona de pesca da sardinha do alto com esta rede á costa do N. do paiz até ao Douro, porque apesar d'ella se empregar tambem em outros pontos, é sempre em pequena escala e conjunctamente com outros apparelhos de pesca mais vulgarisados.

Ha uma pequena rede accessoria da sardinheira que se denomina *ganapão,* e que se usa para apanhar as sardinhas que cáem á agua na occasião de metter a rede dentro e desenmalhar o peixe.

Ganapão vulgar

O *ganapão* é uma pequena rede, com malha de 12 millimetros de lado, feita com fio de linho, e collocada em fórma de sacco em volta de um arco de verga, com uns 4 decimetros de abertura, ligado a um cabo de pau com 1 metro approximadamente de comprimento.

Ganapão poveiro

Quando o pescador vê cair alguma sardinha ao mar, segura com uma das mãos o cabo do ganapão e mergulha a rede, collocando-a por baixo do peixe, em seguida levanta-a rapidamente e despeja-o dentro do barco.

O ganapão poveiro differe um pouco no feitio, mas emprega-se da mesma maneira.

Tambem ha entre os utensilios da pesca uma rede similhante ao ganapão, denominada *enchelevar,* que tem a fórma de sacco e que amarra na ponta de uma vara.

PESCA DO ALTO COM APPARELHOS DE MUITOS ANZOES

Em toda a costa occidental e meridional do continente do reino, onde se faz pesca do alto, se empregam apparelhos de linha com muitos anzoes, consistindo sempre em uma linha mais grossa e comprida, tendo de distancia a distancia uma linha mais fina com um anzol atado no extremo, tomando estes apparelhos o nome generico de *espineis* ou *espinheis,* por parecerem no seu conjuncto uma longa espinha de peixe.

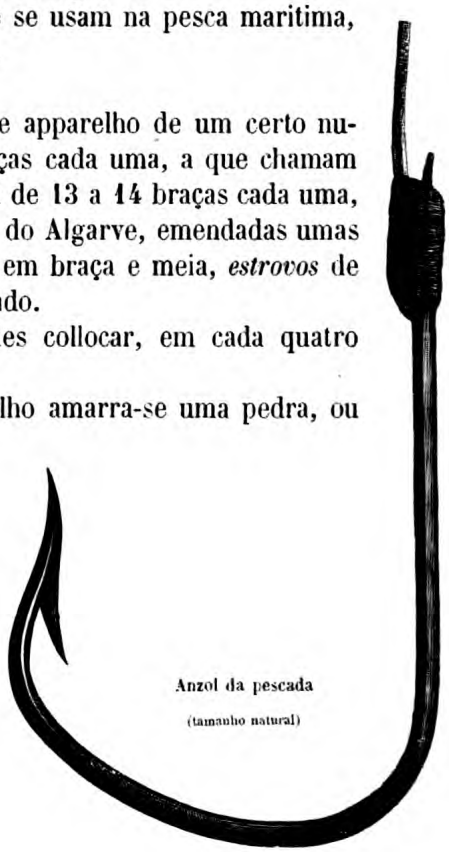
Destinam-se estes apparelhos a um grupo de peixes domiciliados nas nossas aguas e que são de muito apreço para o consumo, sendo abundantissimos em todos os nossos mercados; taes são: o pargo, goraz, cachucho, peixe-gallo, cherne, dourada, choupa, etc.

Os apparelhos d'este genero que se usam na pesca maritima, são: o *espinel, palangre* e *gorazeira.*

Espinel do alto. — Compõe-se este apparelho de um certo numero de linhas de pesca, de 24 braças cada uma, a que chamam *talas* na costa occidental do reino, ou de 13 a 14 braças cada uma, tomando o nome de *manoios* na costa do Algarve, emendadas umas ás outras, e tendo, de braça e meia em braça e meia, *estrovos* de linha mais fina com um anzol empatado.

Costumam em algumas localidades collocar, em cada quatro linhas, cento e dezeseis anzoes.

Em um dos extremos do apparelho amarra-se uma pedra, ou chumbada, para o fazer mergulhar, e depois vae-se largando pouco a pouco para dentro de agua, allivian-do-o de distancia a distancia com boias de cortiça, de maneira que fique entre duas aguas.



Anzol da pescada
(tamanho natural)

Lança-se de bordo, seguindo a embarcação de vagar, ou então á feição da corrente.

Para iscar os anzoes empregam a lula, choco, sardinha ou chicharro.

Muitas vezes, depois do apparelho estar todo lançado, fundeia-se o ultimo chicote e deixam-no ficar no mar durante a noite para suspender de madrugada, ou para levantar quando ha indicios de ter caido peixe.

O espinel é um dos apparelhos de pesca ao anzol mais vulgarisado em toda a costa do continente do reino.

Espinel

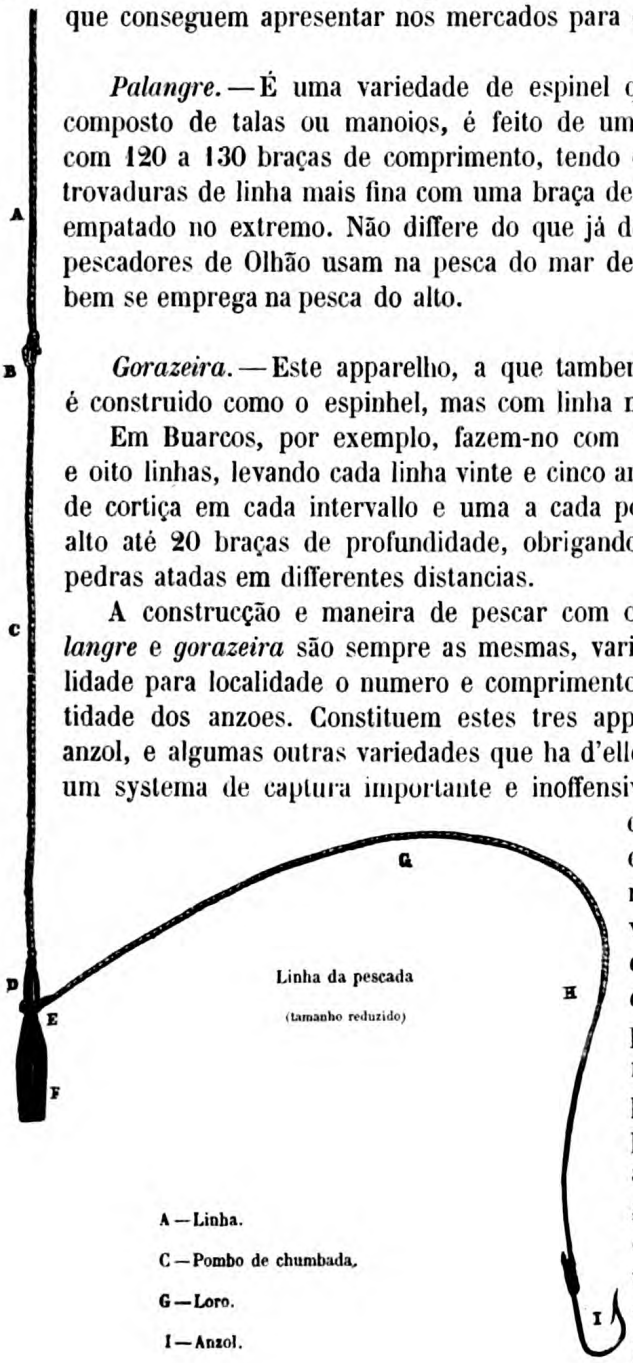
Construem-se apparelhos d'estes tão compridos que chegam a attingir 300 e 500 metros de extensão, e que pelo grande numero de anzoes que possuem dão excellente resultado, pela consideravel variedade de peixes que conseguem apresentar nos mercados para o consumo.

Palangre. — É uma variedade de espinel que em logar de ser composto de talas ou manoios, é feito de uma unica linha madre com 120 a 130 braças de comprimento, tendo de 2 em 2 braças estrovaduras de linha mais fina com uma braça de extensão e um anzol empatado no extremo. Não differe do que já descrevemos e que os pescadores de Olhão usam na pesca do mar de Larache, e que tambem se emprega na pesca do alto.

Gorazeira. — Este apparelho, a que tambem chamam *golazeira*, é construido como o espinhel, mas com linha mais fina.

Em Buarcos, por exemplo, fazem-no com vinte e cinco a vinte e oito linhas, levando cada linha vinte e cinco anzoes. Põem-lhe boias de cortiça em cada intervallo e uma a cada ponta, e largam-no no alto até 20 braças de profundidade, obrigando-o a mergulhar com pedras atadas em differentes distancias.

A construcção e maneira de pescar com o *espinel do alto, palangre* e *gorazeira* são sempre as mesmas, variando apenas de localidade para localidade o numero e comprimento das linhas e a quantidade dos anzoes. Constituem estes tres apparelhos da pesca ao anzol, e algumas outras variedades que ha d'elles, pouco differentes, um systema de captura importante e inoffensivo, que póde abastecer abundantemente os mercados nacionaes, de grande diversidade de peixes do alto, em condições de poderem ser transportados para as terras do interior sem perigo de se decomporem, ou perderem as suas qualidades hygienicas, circumstancia esta muito importante sob o ponto de vista da alimentação publica.



Linha da pescada

(tamanho reduzido)

A — Linha.

C — Pombo de chumbada.

G — Loro.

I — Anzol.

PESCA DO ALTO COM APPARELHOS SINGELOS DE ANZOL OU LINHAS DE PESCA

Em geral o pescador, emquanto está a bordo esperando o resultado de um lanço de rede, ou aguardando a madrugada para levantar as redes e tirar a pescaria, vae-se entretendo com uma linha de pesca á borda da embarcação, procurando uma distracção que lhe faça passar rapidas tão longas horas de espera; e não só n'estas circumstancias elle lança mão da linha, como tambem por ella constituir um processo de pesca usado com grande vantagem para determinadas especies de peixes muito estimados para a alimentação, como são: a pescada, peixe espada, congro, ruivo, cavalla, sarda, pargo, goraz, cachucho, etc.

Os *apparelhos singelos de anzol da pesca do alto,* mais usados, são:

Linha da pescada.
Linha do peixe espada.
Linha do congro.
Linha do ruivo.
Linhavão.
Xarrásca.
Canna da cavalla.

Vamos descrever cada um d'estes apparelhos, tomando o typo mais vulgar de os construir.

Linha da pescada.—Este apparelho, como o usam os pescadores de Setubal, consta da *linha* –A– e do *pesqueiro* –B D I.

A *linha* é de fio de linho com 2 millimetros de diametro e 24 braças de comprimento, esfregada com alfarroba verde, o que lhe dá uma côr escura e grande rijeza depois de molhada.

O *pesqueiro* compõe-se do *pombo de chumbada* –C– e do *loro* –G.

O *pombo de chumbada* consta de um pedaço de chumbo –F– de fórma conica, com 6 centimetros de comprimento e 2 centimetros de diametro maximo, com uma *quarta* (114,750 grammas) de peso, ligado a 3 decimetros de linha alfarrobada, tendo uma alça –B– no extremo e um botão –D– junto ao chumbo.

O *loro* do pesqueiro tem de comprimento uns 8 palmos, sendo 2 de fio forrado de arame e 6 forrados de fio de linho alfarrobado. No extremo do *loro* forrado de arame empata um anzol grande –I– do preço de 80 réis, e na extremidade opposta ha uma alça –E– que encapella no *pombo de chumbada,* entre o chumbo e o botão que a não deixa correr.

A *isca* do pesqueiro é composta de tres *beliscos* de choco, tiras cortadas ao comprido, e de uma *sardinha* ou *chicharro,* atravessados no anzol.

J. d'Almeida

ALVOR, pag. 44

No ponto –H– de separação do fio de arame e do de linho amarra-se o que os pescadores de Setubal chamam *candil*.

O *candil* é feito com um pedaço de peixe esfregado com *fel* de *peixe rato*, que é dotado de uma grande phosphorescencia.

De noite o peixe assim preparado illumina com grande *luzerna* o interior da embarcação que anda á pescada.

O processo usado na pesca é o seguinte: fixa-se a alça do pesqueiro, convenientemente iscado, á primeira linha, arria-se e emendam-se tantas linhas de 24 braças, quantas as necessarias para attingir o fundo, em geral dez a quinze linhas.

Logo que a chumbada toca, sondam repetidas vezes com ella para apreciarem com exactidão a profundidade, e depois suspendem uma porção de linha igual ao comprimento do loro, a fim de que o anzol fique quasi a tocar no fundo, posição esta em que a pescada procura a isca attrahida pela luz do candil.

Esta pesca faz-se tanto de dia como de noite no mar do alto, a grande distancia da terra, e em profundidades consideraveis de 200 a 400 braças, orientando-se os pescadores por marcas em terra só d'elles conhecidas, ou pelas posições dos pharoes durante a noite.

A pescada colhida ao anzol é sempre melhor do que a apanhada na rede, porque esta depois de enmalhada fica a bater na agua e na rede durante muitas horas, emquanto que a primeira sáe da agua ainda viva, e apresenta excellentes condições para ser transportada.

Para o sul de Lisboa a pescada é sempre capturada ao anzol, fazendo-se por este processo uma pesca importante, principalmente entre os pescadores de Lisboa, Trafaria, Cezimbra, Setubal, Olhão e Fuzeta, não nos referindo aos que a vão pescar nas aguas de Larache.

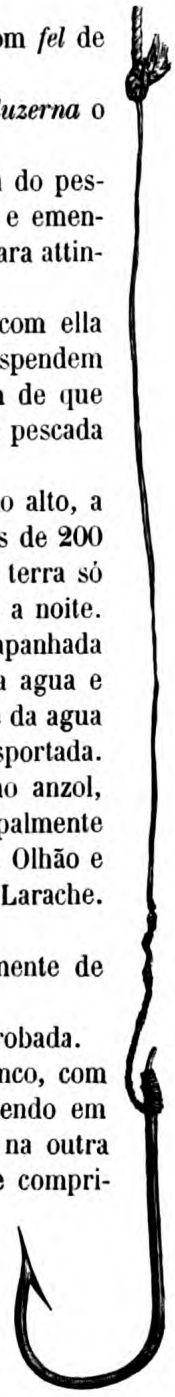
Linha do peixe espada. — Consta este apparelho igualmente de *linha* e *pesqueiro*.

A *linha* differe da antecedente apenas em não ser alfarrobada.

O pesqueiro compõe-se de uma linha de linho em branco, com 1,5 millimetro de diametro e 1 metro de comprimento, tendo em uma das extremidades uma alça para amarrar a *linha*, e na outra um fio de arame dobrado em seio, com 16 centimetros de comprimento depois de dobrado, onde empata nos extremos reunidos um anzol n.º 7, como vae representado na figura d'esta pagina em grandeza natural.

O anzol é empatado unicamente em arame para evitar que o *peixe espada* possa destruir o pesqueiro com os dentes ponteagudos, fortes e muito cortantes que possue.

A isca que se emprega é de *sardinha* ou *chicharro*.



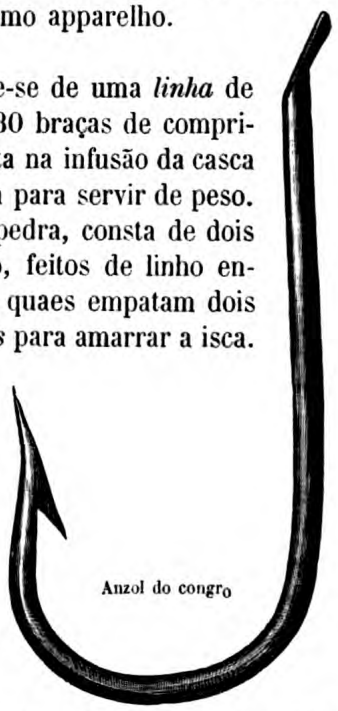
Linha
do peixe espada

RADCLIFFE.

A pesca do peixe espada executa-se sómente de dia, ao largo, no mar do alto, em cinco a dez linhas de profundidade; isto é: 200 a 400 metros.

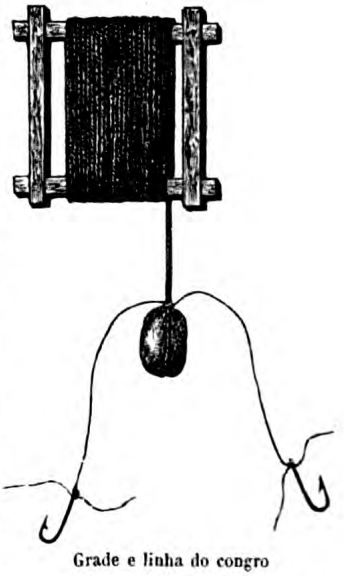
Para a pesca do *lirio* emprega-se este mesmo apparelho.

Linha do congro.—Este apparelho compõe-se de uma *linha* de linho com 3 millimetros de diametro e 25 a 30 braças de comprimento, ou maior conforme a profundidade, tinta na infusão da casca de pinheiro, munida no extremo de uma pedra para servir de peso. O *pesqueiro,* que amarra á linha por cima da pedra, consta de dois estrovos com 60 centimetros de comprimento, feitos de linho engaiado com linha branca, na extremidade dos quaes empatam dois anzoes grandes de 15 réis cada um, com *fieiras* para amarrar a isca.


Anzol do congro

A isca empregada é a *sardinha,* a qual se enfia no anzol pelo rabo a cobril-o completamente, atada com as *fieiras,* que são dois pequenos fios de linho com volta na pata do anzol.

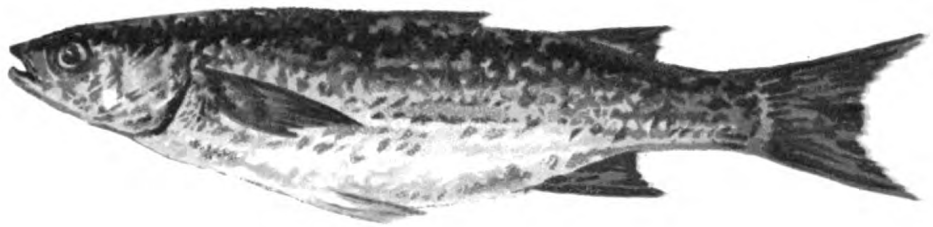
O pescador antes de deitar este apparelho sonda primeiramente o fundo para reconhecer se é de pedra, o que consegue bezuntando a pedra com sebo, deitando-a até assentar bem no fundo e vendo depois de a suspender se ella vem limpa ou se traz lodo ou areia. Os fundos pedregosos é que conveem a esta pesca, porque o *congro* vive habitualmente escondido por entre as pedras e buracos das rochas.


Grade e linha do congro

Reconhecida a profundidade da agua e a natureza pedregosa do fundo, começa o pescador a sua faina; acontece, porém, algumas vezes que tem de mudar de posição, porque a *pulga do mar* cobre completamente a isca, tornando-a impropria para a pesca, e acabando por a devorar.

Costumam tambem os pescadores antes de começar esta pesca deitar á agua um *engôdo* feito de sardinha pisada.

O *congro* é um peixe muito possante para que se possa metter dentro da embarcação apenas com a linha e o anzol, e portanto assim que apparece ao lume de agua cravam-lhe os pescadores um croque ou gancho forte, denominado *bicheiro,* para o segurar bem emquanto o arremessam para dentro do barco e lhe decepam a cabeça com a faca. Tambem o atordoam, dando-lhe uma forte



J. Almeida

MUGEM, pag. 44

pancada sobre o rabo. De qualquer das maneiras é preciso evitar immediatamente que o congro desenvolva dentro da embarcação toda a sua força.

O que admira mais é em algumas localidades, como, por exemplo: em Gontinhães, sairem para a pesca do congro em pequenas *maceiras*.

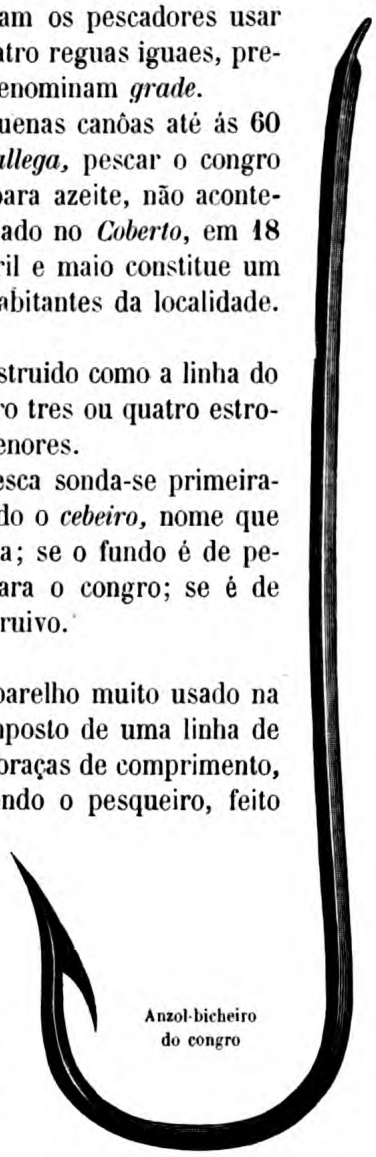
Para colher a linha do congro, costumam os pescadores usar um quadrado de madeira, formado com quatro reguas iguaes, pregadas em angulo recto duas a duas, que denominam *grade*.

Os pescadores de Buarcos vão em pequenas canôas até ás 60 braças de profundidade, sobre a *Pedra Gallega*, pescar o congro do alto, cujos figados apenas aproveitam para azeite, não acontecendo o mesmo ao figado do congro apanhado no *Coberto*, em 18 a 19 metros de profundidade, que em abril e maio constitue um manjar delicioso e muito estimado pelos habitantes da localidade.

Linha do ruivo. — Este apparelho é construido como a linha do congro, com a differença de ter no pesqueiro tres ou quatro estrovos, em vez de dois, e os anzoes serem menores.

Como dissemos, antes de começar a pesca sonda-se primeiramente para reconhecer o fundo, empregando o *cebeiro*, nome que dão no norte á pedra que amarram na linha; se o fundo é de pedra, largam os pescadores o apparelho para o congro; se é de areia, deitam o apparelho para a pesca do ruivo.

Linhavão. — Denomina-se assim um apparelho muito usado na costa do Algarve para a pesca do alto, composto de uma linha de pesca com 5 millimetros de diametro e 24 braças de comprimento, terminando por um prumo de chumbo, tendo o pesqueiro, feito da mesma linha e comprimento, com um anzol na ponta e outro mais acima. O linhavão destina-se á pesca do pargo, cherne, mero, corvina, pescada, etc.



Anzol-bicheiro do congro

Xarrásca. — Os pescadores da Povoa de Varzim, de Vianna do Castello e em geral da costa occidental do norte do paiz, empregam um apparelho de anzol muito engenhoso, para a pesca dos peixes que possuem labios carnudos e que muitas vezes depois de fisgados com os apparelhos vulgares, se escapam, dando um esticão secco pela linha e rasgando os beiços com o anzol.

A *xarrásca*, a pagina 207, compõe-se da *linha* –A– do *junco* –B– que com toda a propriedade podèmos chamar *compensador* e do *pesqueiro* –D.

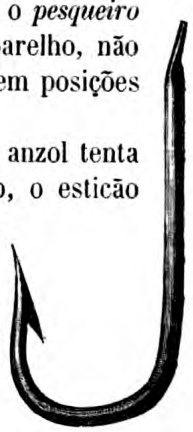
A *linha* é de linho branco, e da bitola das linhas vulgares de pesca.

O pesqueiro é formado por tres *estrovos* de linha mais fina, engaiada com fio branco, tendo nos extremos anzoes n.º 8.

O *compensador* fica collocado entre a linha e o pesqueiro e é feito de um *arco de junco,* vergado com uma certa tensão, atado pelos extremos com uma linha igual á do apparelho, podendo até ser a mesma, com volta dobrada nas extremidades do *arco,* tendo a meio amarrado um pequeno peso de chumbo –C– de fórma pyramidal, ou uma pedra.

A *linha* amarra em uma das extremidades do *arco* e o *pesqueiro* na outra, de modo que, suspendendo verticalmente o apparelho, não ficam, a *linha* e o *pesqueiro,* na mesma vertical, mas sim em posições parallelas, devido á rotação que o prumo dá ao arco.

D'este systema resulta que, quando o peixe preso no anzol tenta desembaraçar-se d'elle puxando vivamente pelo apparelho, o esticão é compensado pela elasticidade do *arco,* cedendo um pouco e quebrando em parte a força que o peixe emprega, evitando assim que o anzol parta, quando está bem cravado, ou que rasgue o beiço do peixe, quando este for fisgado por esta parte carnuda facil de fender, como vulgarmente acontece, escapando-se muitas vezes uma boa pescaria.



Anzol do ruivo

As especies a que este apparelho se destina, são: capatão, pargo, goraz, cachucho, etc. Muitas vezes para a pesca de qualquer d'estes peixes, emprega-se unicamente a linha singela, tendo na extremidade um anzol, convenientemente iscado com lula, choco, ou outra qualquer carnada apropriada para estas especies, mas uma linha d'este genero não dá tão seguro resultado como a xarrásca.

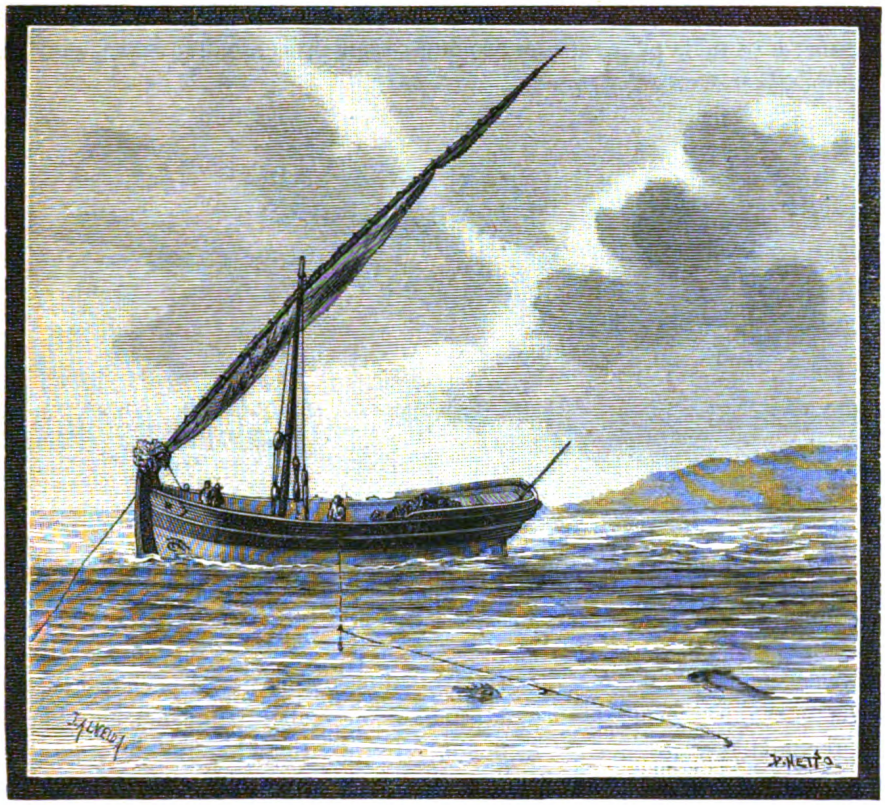
Linha do ruivo

Canna da cavalla. — Os pescadores do Algarve e de Peniche usam, na pesca da cavalla e sarda do alto, tanto ao largo como mais proximo da terra, um apparelho composto de uma *canna* com 2 a 2,5 braças de comprimento, tendo amarrado na extremidade um *fio de arame* onde empata o anzol. Algumas vezes tambem, o arame é substituido por uma linha de linho torcido, com 2 millimetros de diametro.

Com um apparelho d'este systema tambem se faz a chamada pesca ao *abano,* para as especies de peixes que investem com os objectos brilhantes que vêem dentro de agua em movimento, pondo em logar da isca um pedaço de panno branco revestindo a haste do anzol e fazendo correr este á superficie, indo a embarcação a navegar.

*
* *

De todos os apparelhos de rede e de anzol, empregados pelos nossos pescadores na pesca do alto se póde demonstrar a excellente qualidade que possuem de pouparem as creações e não destruirem os comedouros, pesqueiros e abrigos dos peixes domiciliados na nossa costa, nem afugentarem os que passam ou transitam por ella.



Canôa pescando ao linhavão

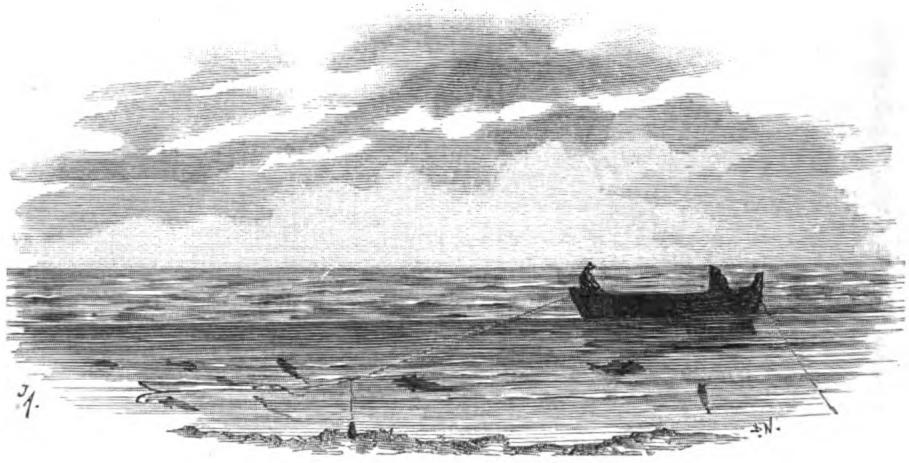
Alem d'esta qualidade eminente, tambem a exploração é moderada e em relação com o consumo, sem exhaurir as fontes de producção, nem escassear nos mercados, mas mantendo um equilibrio conveniente, que apenas uma ou outra vez é prejudicado pela interrupção dos trabalhos da pesca devida á tempestade, ou pela excessiva exportação d'este artigo em deterimento do consumo local.

As redes de enmalhar de fundo, que se lançam verticalmente dentro de agua, assentam apenas no solo submarino, sem arrastar sobre elle,

nem revolver os pesqueiros, e a grandeza das suas malhas é proporcionada ás dimensões de uma pescada adulta, não podendo portanto prender-se n'ella a creação miuda.

As redes de enmalhar de superficie, fluctuando nas aguas sem tocar no fundo, prejuizo algum podem causar aos commedouros, e destinando-se ás especies em transito, principalmente á sardinha, têem as malhas proporcionadas á grandeza d'este peixe, podendo apenas capturar os que como ella apparecem em grandes cardumes, taes como: o carapau, cavalla, sarda, boga, etc.

Os anzoes dos apparelhos da pesca do alto são de taes dimensões, alguns, e os mais pequenos empregam-se por processos tão especiaes, que é impossivel a creação prender-se n'elles.



Barco pescando ao ruivo

Das condições d'estes apparelhos, empregados desde seculos, resulta o facto de apparecer sempre nos nossos mercados a mesma abundancia de pescada, pargo, goraz, cachucho, cherne, linguado do alto, congro, ruivo, peixe espada, e outras especies do alto, proporcionadas ao consumo e por preços regulares, embora se tenham gradualmente elevado a par dos outros artigos de alimentação, em relação a um periodo mais ou menos distante, podendo-se affirmar que até hoje os bancos de pescaria do alto dos peixes domiciliados, se têem conservado inalteraveis, devido unicamente aos processos racionaes de pesca usados pelos pescadores portuguezes, e tornando-se indispensavel que os poderes publicos não permittam outros systemas de pesca que vão destruir uma tão exuberante fonte de alimentação e riqueza.

A moderna introducção das redes de arrastar pelo fundo a reboque de embarcações a vapor, vem fazer uma revolução completa nos bancos

de pescaria, desmanchando o equilibrio que sensivelmente se dá entre a producção e a exploração, desequilibrio que de certo provocará dentro de pouco tempo no nosso paiz uma crise de alimentação piscivera, como demonstraremos, com toda a evidencia e fundamento, em um dos capitulos seguintes.

Os apparelhos de rede de arrastar pelo fundo, fizeram a ruina dos fundos e aguas piscosas das costas da França, causando não só o desapparecimento das melhores especies domiciliadas, mas tambem influindo na affluencia das especies nomadas, que não encontrando nos fundos do litoral da França, os pastos submarinos adequados á sua alimentação, vão procurar em outra parte os comedouros abundantes e mariscosos dos fundos ainda não revolvidos pelas dragas de pesca.

O desapparecimento da sardinha das costas da França é um facto; e, admittindo mesmo que os bancos d'esta pescaria estejam sujeitos a influencias cosmicas e meteorologicas, fazendo-os affluir mais ou menos a uma determinada região, o que é fóra de duvida é que depois d'esta acção se produzir, ainda resta a attender ás condições do meio serem favoraveis ou desfavoraveis á permanencia dos cardumes.

Foi o que se deu n'este caso, em que a sardinha escasseou n'aquelles mares e appareceu em maior numero nas aguas do continente de Portugal, certamente porque os fundos piscosos da nossa costa lhes proporciona uma melhor e mais abundante alimentação.

A Hespanha, com as sabias e praticas medidas que adoptou, ainda conseguiu salvar a tempo as preciosas pescarias das suas aguas, evitando que os fundos fossem revolvidos. Nós, estamos permittindo que devastem os nossos riquissimos bancos de pescaria os vandalos do mar!

Xarrásca

CAPITULO VI

Pesca costeira.—Descripção dos apparelhos e processos usados n'esta pesca pelos pescadores dos differentes portos do continente do reino.

A pesca costeira, dentro das aguas jurisdiccionaes do continente do reino, é a mais importante de todas as que se exercem em todo o litoral do paiz, ora com apparelhos permanentes ou fixos installados no mar, ora com apparelhos lançados de bordo das embarcações ou da terra.

Os *apparelhos da pesca costeira* tambem podem dividir-se, como os da pesca do alto, em *apparelhos de rede* e *apparelhos de anzol* ou *fisga,* mas é preciso acrescentar uma outra categoria: a dos *apparelhos de verga em fórma de armadilha,* para comprehender em uma classificação geral todas as variedades que se empregam n'esta industria.

Os *apparelhos de rede* subdividem-se em *apparelhos de rede de enmalhar* e em *apparelhos de rede envolvente:* os primeiros podem ser *fixos* e *volantes;* os segundos são de quatro especies diversas; *fixos,* de *cerco volante,* de *arrastar* e de *suspensão.*

Os *apparelhos de anzol* ou *fisga* subdividem-se em *apparelhos de muitos anzoes* e *apparelhos singelos de anzol* ou *fisga.*

Vamos descrever cada uma d'estas variedades de apparelhos, as especies de peixes a que se destinam, os respectivos processos de pesca, e as localidades do paiz em que se empregam.

APPARELHOS DE REDE DE ENMALHAR FIXOS

Os apparelhos de rede de enmalhar fixos, que se usam na pesca costeira, fundam-se nos mesmos principios que os analogos da pesca do alto, mas não assentam todos no fundo, havendo até um fluctuante de superficie, cuja composição e systema é muito interessante, por attender na sua maneira de funccionar ao habito dos peixes a que se destina.

Estes apparelhos são: a *rasca das lagostas,* as *caçonaes,* as *corvineiras* e a *majoeira,* rede especial fluctuante a que acabâmos de alludir.

Rasca das lagostas.—Este apparelho é formado de uma rede de enmalhar de um unico panno, construida como a *rasca* da pesca do alto, mas de menor altura, e geralmente a mesma, depois de usada n'esta pesca, porque como tem de ser lançada em fundos pedregosos, nos quaes habita a lagosta, se enrasca facilmente nas rochas, arruinando-se em pouco tempo. Alem da rasca tambem se empregam outras redes na captura das lagostas.

O systema de lançamento é o mesmo, não passando porém das 10 a 15 braças de profundidade, e sendo a rede iscada, algumas vezes, com pedaços de raia atados nos cantos das malhas de distancia em distancia, para engodar mais facilmente os crustaceos vorazes a que se destina.

Como ella assenta a tralha inferior no fundo, obrigada pelo peso das pedras que a guarnecem, succede que a lagosta, lavagante, caranguejola, santola, e demais crustaceos que andam pelo solo submarino, trepam pela rede acima em procura da isca, e ficam presos nas malhas com as pernas enmaranhadas nos fios das redes.

Acontece tambem que os peixes que deparam com este apparelho se enrascam n'elle, e portanto a *rasca* não só apanha as especies a que se destina, mas tambem outras que em transito se embaraçam n'ella.

A *rasca* é muito usada em toda a costa do norte do paiz até ao Douro e na costa occidental de Buarcos, Nazareth, Peniche e Setubal. No Algarve tambem antigamente foi muito empregada, mas hoje está substituida por outras redes similhantes, como adiante veremos.

Este apparelho é lançado de manhã e levantado á tarde, ou se deita pelo dia adiante, permanecendo durante a noite dentro de agua, sendo colhido de madrugada e em qualquer dos casos desenmalhada a pescaria.

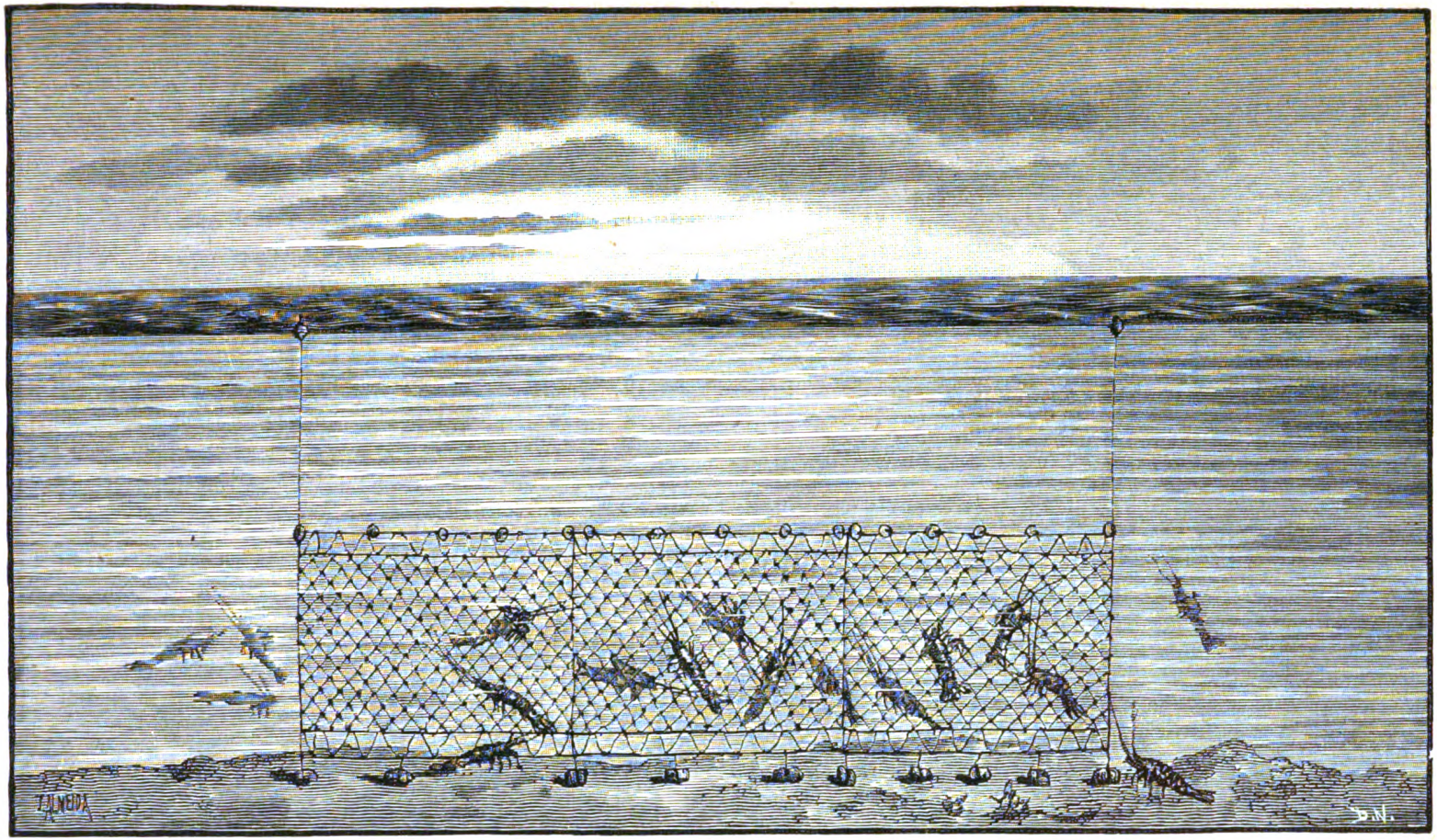
Caçonaes.—Denominam-se assim uns apparelhos de rede de enmalhar, de um só panno, que na costa do Algarve se empregam para a captura dos cações e outros esqualos que frequentam aquellas paragens.

São construidos da mesma maneira do que as rascas, têem malhagem maior, e lançam-se do mesmo modo, fundeando-se com pedras, e tendo boias de cortiça para os manterem em posição vertical.

N'estas redes cáem tambem os crustaceos e outras especies de peixes, que na marcha as encontram no seu caminho.

Corvineiras.—A *corvineira* é uma rede de enmalhar de um unico panno, que durante o verão na epocha de passagem da corvina se deita nas aguas costeiras do Algarve.

A grandeza da malha d'esta rede é proporcionada á grossura do corpo d'este peixe, exactamente como as dimensões das malhas das outras redes de enmalhar estão relacionadas com as grandezas das especies a que se destinam.



Rasca das lagostas

A *corvineira* fica disposta dentro de agua verticalmente, assentando a sua tralha inferior no fundo; lança-se á tarde e suspende-se de madrugada para tirar a pescaria, deitando-se novamente.

A corvina durante a temporada em que afflue á costa do Algarve soffre uma guerra encarniçada; cáe nas armações fixas, nas artes de chavega, nas corvineiras e até nos apparelhos de anzol, constituindo uma das pescas mais importantes que ali se fazem depois do atum e da sardinha.

Majoeira. —Esta rede de enmalhar fixa, com tres pannos, usa-se na costa da Figueira da Foz.

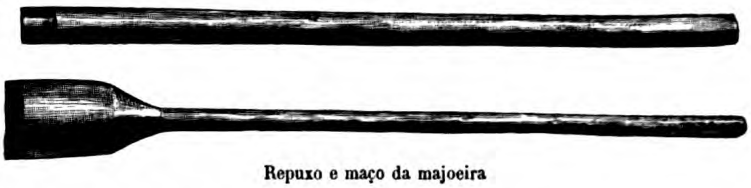
Tem 4 braças de comprimento e 1,5 braça de altura.

As *alvitanas* têem malhas de 215 millimetros de lado, e o *miudo* de 70 centimetros.

As tralhas têem 6 millimetros de diametro, e excedem o comprimento da rede de 3 braças para um e outro lado, formando as *forcadas,* que têem por fim aguentar a rede na posição conveniente.

Na tralha superior tem onze *barquinhas,* boias de cortiça em fórma de barco de duas proas, para poderem deslisar bem sobre a agua. Na tralha de baixo tem onze *chumbadas.*

Para installar a *majoeira* é preciso ter duas estacas de madeira, com palmo e meio de comprimento, e para enterrar estas servem-se do *repuxo* e *maço.*



Repuxo e maço da majoeira

O *repuxo* é uma vara com 5,5 palmos de comprimento, ferrada nos extremos, e tendo no inferior uma cavidade onde possa entrar o topo da estaca.

O *maço* é feito de um pequeno cylindro de madeira, com uma haste tambem de madeira na continuação do eixo, servindo de cabo, e tendo um aro de ferro em volta da base para não deixar abrir a madeira com as repetidas percussões.

Querendo collocar esta rede, aproveita-se o momento da baixamar, e escolhe-se um sitio da costa onde haja corôas de areia; vae um homem até ter agua pelo peito, e enterra uma das estacas, segurando um dos extremos da *forcada* da rede. Para cravar esta estaca passa-a primeiro na alça da *forcada,* e depois segura-a com o *repuxo,* batendo n'este em seguida com o *maço,* vae enterrando-a conjunctamente com elle até estar $^1/_2$ braça enterrada na areia, occasião em que puxa pelo *repuxo,* deixando lá a estaca.

Depois de estar fixa a estaca de fóra, retesa para o lado da terra a tralha superior da rede e a forcada do mar, e crava a outra estaca, pelo mesmo processo, na prumada da ultima *barquinha,* ficando portanto seguro o extremo da forcada do lado da terra.

De modo que a rede assim installada perpendicularmente á vaga tem a folga do comprimento de uma forcada para andar oscillando com o corso do mar.

O apparelho permanece assim durante toda a maré, e na baixamar seguinte é tirado, apanhando-se o peixe que ficou enmalhado.

É destinada esta rede, tão engenhosa, á pesca do robalo, sargo e outros peixes, que têem por habito correrem na crista da vaga, porque estando tambem a *majoeira* com movimento de vae-vem á mercê da onda, estes peixes encontram-lhe as suas malhas no trajecto e enrascam-se n'ellas, ficando presos.

Temos visto empregar a *majoeira* na enseada de Buarcos, geralmente nas corôas de areia que ficam pelo norte do forte de Santa Catharina, não tendo noticia porém d'ella se usar em outros pontos da costa do continente do reino, a não ser na costa da Vieira.

APPARELHOS DE REDE DE ENMALHAR VOLANTES

Os apparelhos d'este genero usados na pesca costeira, são:

Branqueira.

Saval.

Valo.

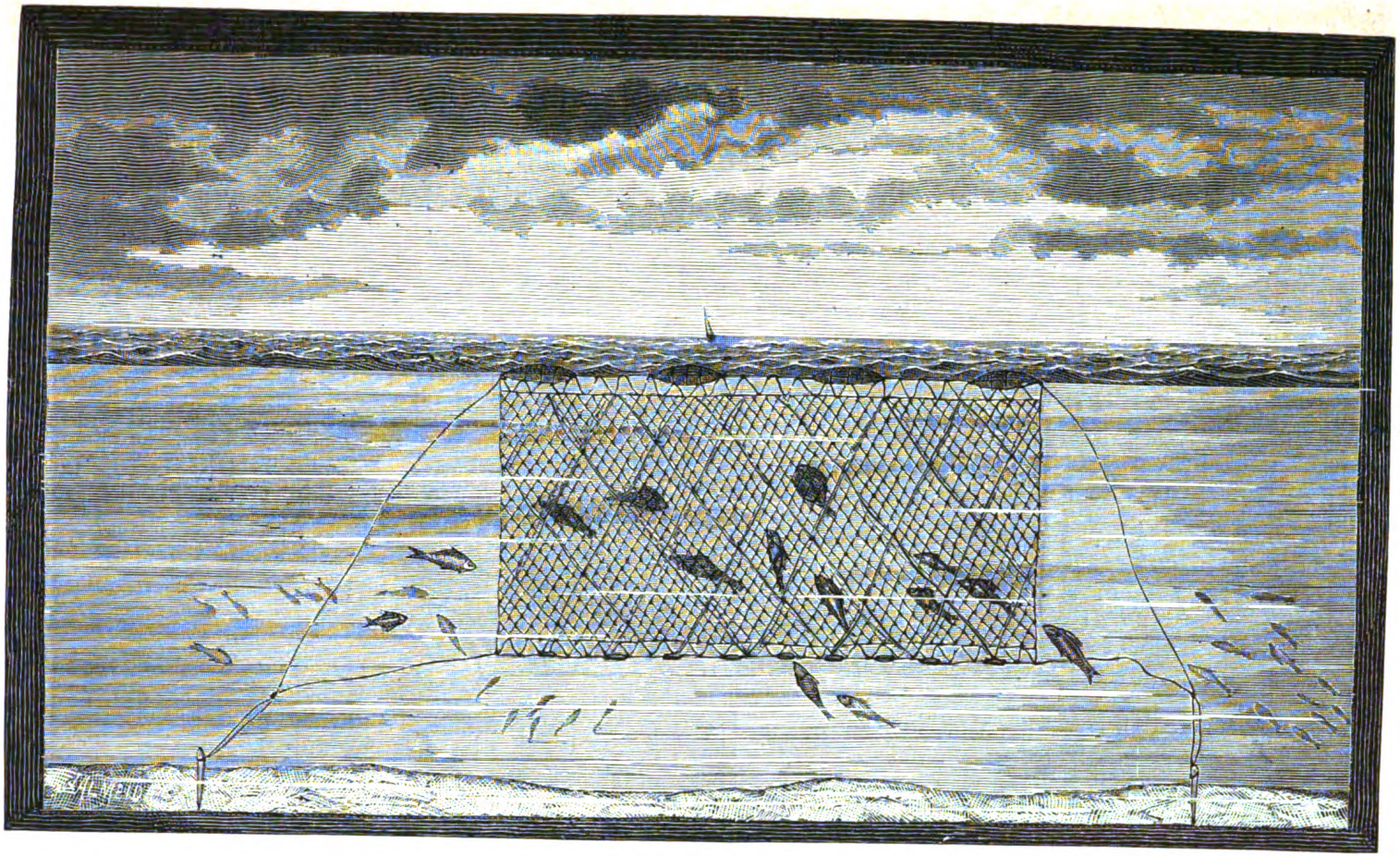
Estes tres apparelhos de rede de tres pannos de uso volante são construidos quasi que nas mesmas condições, differindo apenas nas suas dimensões, como vamos ver:

Branqueira.—A *branqueira* é uma rede de enmalhar, formada de tres pannos sobrepostos, muito usada em toda a costa de Portugal, proximo da terra, nos canalletes que as corôas de areia formam ao longo da praia. As suas dimensões, variaveis entre 30 a 50 metros de comprimento e 3 a 5 metros de altura, divergem segundo as localidades. Na tralha superior tem boias circulares de cortiça e na de baixo pedaços de chumbo ou *pandulhos.*

É construida com fio muito fino de linho sem preparo.

As malhas das *alvitanas* têem geralmente 20 centimetros de lado, e as do *miudo* tem 30 millimetros.

A maneira de pescar com a *branqueira* é reunindo duas, tres e mais d'estas redes, atadas pelas testas ou porfiadas, e deital-as dentro de agua



Rede majoeira

verticalmente, ao longo dos canalletes entre os bancos da costa. A rede conserva-se fluctuando, porquanto as cortiças possuem a fluctuação bastante para a aguentar; n'esta posição os pescadores vão nos barcos bater a agua de um dos lados da rede, a fim de espantarem o peixe, e elle na fugida ir enrascar-se nas malhas.

A *branqueira* que usam os pescadores da Cova de Lavos, ao sul do Mondego, tem de comprimento entralhada 18 braças e de altura 2 braças, importando ali em 3$000 réis.

Em algumas aguas interiores, como por exemplo na ria de Aveiro, empregam a *branqueira,* usando com ella o mesmo processo de pesca adoptado para a *lampreeira,* deixando-a derivar á superficie ao som da corrente.

Saval. — É uma rede de enmalhar de tres pannos, construida como a branqueira, que usam os pescadores de Caminha para a pesca do savel, tanto de dia como de noite, com aguas turvas, da rebentação do mar para dentro da embocadura do rio Minho.

Tambem a empregam na pesca do ruivo e da pescada.

Os pannos têem 70 braças de comprimento e 30 braças depois de entralhados em cabos de linho branco com 5 millimetros de diametro.

As *alvitanas* são feitas de fio de linho n.º 10, com $^1/_2$ millimetro de diametro, tendo 6 malhas de altura com 275 millimetros de lado.

O *miudo* é construido com fio de *ticum,* com $^1/_3$ de millimetro de diametro, e tem 36 malhas de altura com 77 millimetros de lado.

Na tralha superior tem trinta a trinta e uma cortiças, e de dez em dez cortiças uma boia ou cabaça para alliviar o peso da rede.

Na tralha inferior tem quarenta *pandulhos* de panno com pedrulho dentro.

Para a pesca juntam-se quatro d'estas redes, chamadas *mólhos de saval,* amarradas e porfiadas, e lançam-n'as verticalmente dentro de agua, de bordo de um barco tripulado por quatro homens, funccionando como a branqueira.

Um mólho de *saval* importa em 9$000 réis.

Valo. — É tambem uma rede de enmalhar de tres pannos, empregada pelos pescadores de Caminha para a pesca entre os baixos e ao longo da costa.

Tem de comprimento 25 braças depois de entralhada em cabo delgado com 7 millimetros de diametro.

É feita de fio de linha e depois tinta.

As *alvitanas* são construidas com fio de 1 millimetro de diametro e têem 9 malhas de altura com 206 millimetros de lado.

O *miudo* é feito com fio de $^2/_3$ de millimetro de diametro, tem 64 malhas de altura com 45 millimetros de lado.

Tem na tralha de cima trinta e cinco cortiças e na inferior quarenta e oito *pandulhos*.

Costumam saír para esta pesca sete a quatorze barcos, levando cada um quatro d'estas redes, atadas e porfiadas, e compondo-se a tripulação de quatro homens.

Juntam-se as redes de todos os barcos, e deitam-n'as ao correr da costa, ou em volta dos bancos, indo successivamente emendando as redes umas ás outras, até levar o chicote para a terra; feito isto começam a *valar*, quer dizer: batem a agua, fazendo grande barulho nos barcos para espantar o peixe, o qual na fuga, deparando com a rede, se enrasca n'ella.

O *valo* destina-se principalmente á pesca do robalo.

A rede tem, de intervallo a intervallo, *boireis* para a alliviar e assenta a tralha inferior no fundo, contornando os baixos.

Importa o *valo* em 10$000 réis.

Em Gontinhães tambem usam este apparelho com as dimensões approximadas da *lampreeira*.

Tem de comprimento depois de entralhado 30 braças.

As *alvitanas* contam 8 malhas de altura, com 135 millimetros de lado, e o *miudo*, tem 75 malhas com 35 millimetros de lado.

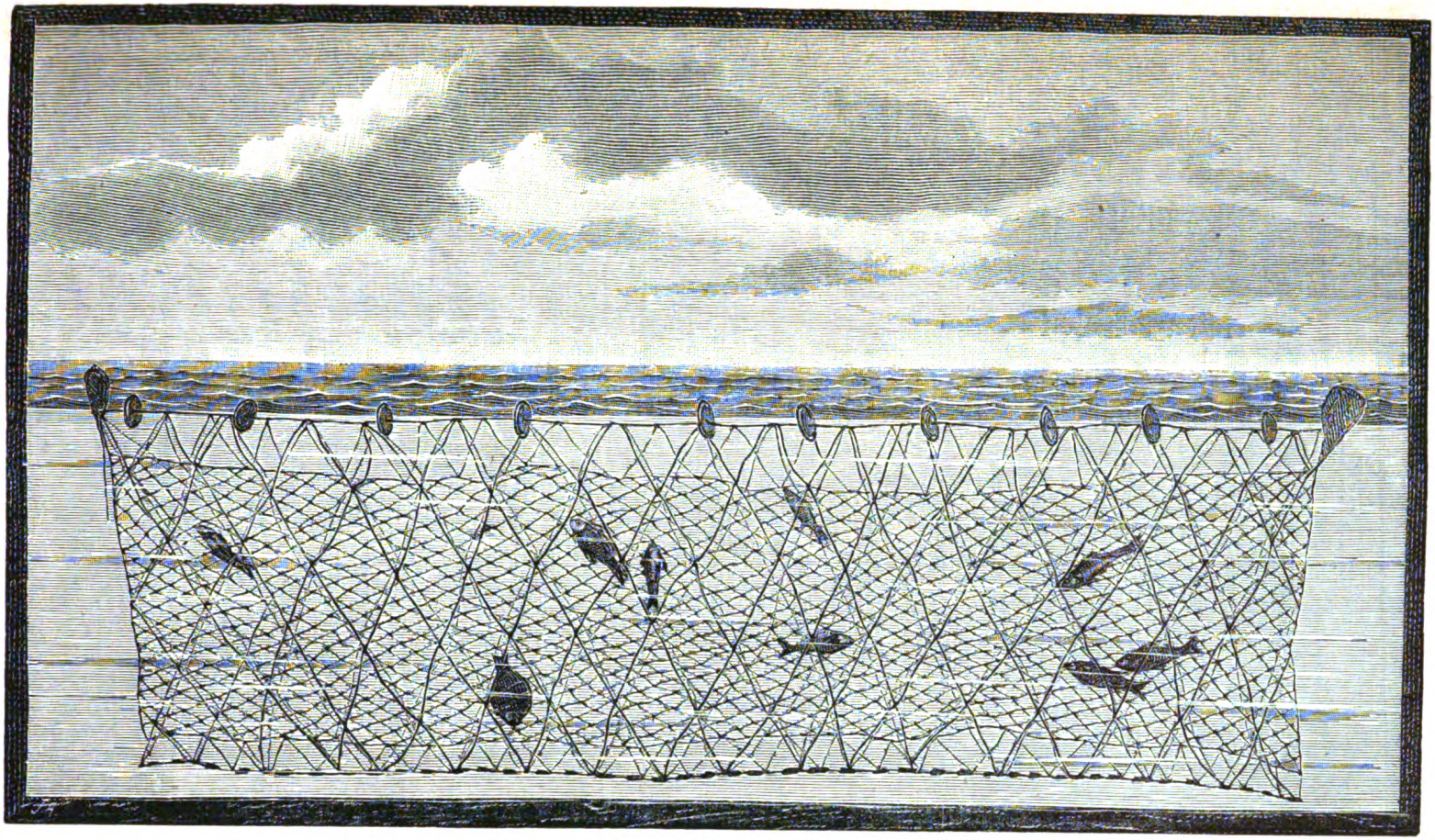
APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE FIXOS

Estes apparelhos de pesca costeira constam, na sua maxima generalidade, de um certo numero de redes com malhas de diversas grandezas, estabelecidas permanentemente dentro de agua, em local apropriado, e dispostas de modo que o peixe possa entrar livremente para o espaço que ellas limitam, e ahi fique em condições de ser apanhado com facilidade e segurança.

Como as duas especies de peixe a que elles se destinam são: o *atum* e a *sardinha*, e as dimensões e resistencias d'estes apparelhos são differentes para cada uma, por isso ha duas variedades de apparelhos fixos de rede envolvente, conhecidos pelos nomes de *armações de atum* e *armações de sardinha*.

Vamos tratar de cada um d'estes generos de armações de pesca, fazendo notar desde já que, assim como n'ellas entra livremente o atum e a sardinha, assim tambem têem ingresso todas as especies que em cardumes ou isoladamente deparam com a entrada d'estes apparelhos, nos quaes são igualmente pescadas.

Armações de atum. — É a costa meridional do Algarve onde actualmente se lançam as *armações* destinadas á pesca do *atum*, embora antigamente



Rede branqueira

ellas se deitassem tambem pelo N. do cabo de S. Vicente, em frente da Barcaceira e da Arrifana.

Uma *armação de atum* compõe-se de tres partes principaes que são: o *corpo da armação,* a *guia* e a *rabeira.*

O *corpo da armação* constitue o espaço central, circumdado de redes por todos os lados, exceptuando a abertura por onde entra o peixe, a que se chama *bôca da armação,* no qual se passam todas as manobras necessarias para matar o peixe que n'elle deu ingresso.

A *guia* forma o muro da rede que se dirige para o mar e que, limitando uma grande zona maritima, encaminha o peixe para a *bôca da armação.*

A *rabeira* constitue a barreira da rede que fecha esta zona pelo lado da terra, fazendo tambem convergir o peixe para a *bôca da armação.*

Em harmonia com a direcção que segue o atum de *direito,* o de *revez* e o *recuado,* e com a orientação da costa, assim se orientam e dispõem estas tres partes principaes de uma armação de atum, attendendo ainda á composição d'este apparelho, que póde ser mais ou menos complexa, conforme o systema moderno ou antigo de construcção que se adoptar no seu lançamento.

D'estas circumstancias derivam pois tres planos differentes de orientação para os apparelhos fixos, segundo a natureza do atum a que se destinam, constituindo dois typos principaes de *armações de pesca,* conhecidos pelos nomes de *armação de direito* e *armação de revez,* comprehendendo este ultimo typo o de *recuado.*

Corpo da armação de atum.—Antigamente esta parte da armação de atum era construida unicamente com redes verticaes suspensas ás entralhações e prolongadas até assentarem no fundo, constituindo o systema fixo, e havia mais um grupo de redes volantes que se empregavam dentro do espaço que aquellas limitavam, quando se pretendia apanhar o peixe, como adiante veremos; hoje, porém, parte do fundo do corpo da armação é tambem provido de redes, e portanto a faina de copejamento é diversa e muito simplificada com este systema.

O *corpo da armação de atum* moderna, consta da *camara, bucho* e *copo.*

As *entralhações* são feitas com cabos de aço galvanisado de 3,5 pollegadas de grossura e as *amarrações* com cabo de cairo.

A *camara* tem de comprimento 70 metros desde a *testinha* á juncção dos *endiches da bôca;* o *bucho* tem 120 metros desde a *camara* até ao *mercaço,* e o *copo* mede tambem 120 metros de comprimento até á *testa* da armação.

A *camara* tem 40 metros de largura na *testinha,* e vae alargando até ao *vão da bôca,* onde mede 50 metros; o *bucho* tem quasi todo a mesma

largura de 50 metros até ao *mercaço;* e o *copo* affecta a fórma trapezoidal, estreitando para o lado da *testa,* onde tem 18 metros de largura.

As *entralhações de aço do corpo da armação* são mantidas á superficie por meio de fluctuadores, e fixas na mesma disposição com amarras de 150 a 180 metros de comprimento com volta em ferros que se fundeiam convenientemente em numero de trinta e dois, sendo seis deitados para aguentar a *testa* da armação para o lado de fóra, dois no mesmo sentido para o *mercaço,* e mais um no ponto de reunião da rabeira com o canto da *bóca,* denominado *ferro da boia,* seis deitados para o lado da terra e outros seis para o lado do mar, aguentando os lados do copo; oito fundeados para fóra ao longo do *bucho* e da *camara,* e tres deitados em leque no canto de fóra da *camara.*

A *bóca* mede de *vão* 25 metros, e é formada por duas redes convergentes para dentro do corpo da armação, denominadas *endiches,* feitas de malhas com 43 centimetros de lado.

As redes dos lados da *camara* e do *bucho* têem malhagem de 25 centimetros de lado.

O *copo* é revestido no fundo de rede com malhas de 9 centimetros de lado, chamada *chão do copo;* os lados do *copo* têem malhas de 8 centimetros de lado; e as *portas,* redes verticaes que servem para fechar o *copo* do lado do *mercaço,* são construidas com malhas de 40 centimetros de lado.

Todas estas redes dos lados do corpo da armação, são amarradas nos cabos de aço que formam as entralhações e mergulham verticalmente obrigadas por pesos que têem nas tralhas de baixo, fazendo-as assentar no fundo.

A entralhação da *guia* tanbem é feita com cabos de aço galvanisados, fixos por meio de amarras de cairo e ferros.

A *guia* compõe-se da *legitima, bicheiro, quartel de fóra* e *pego.*

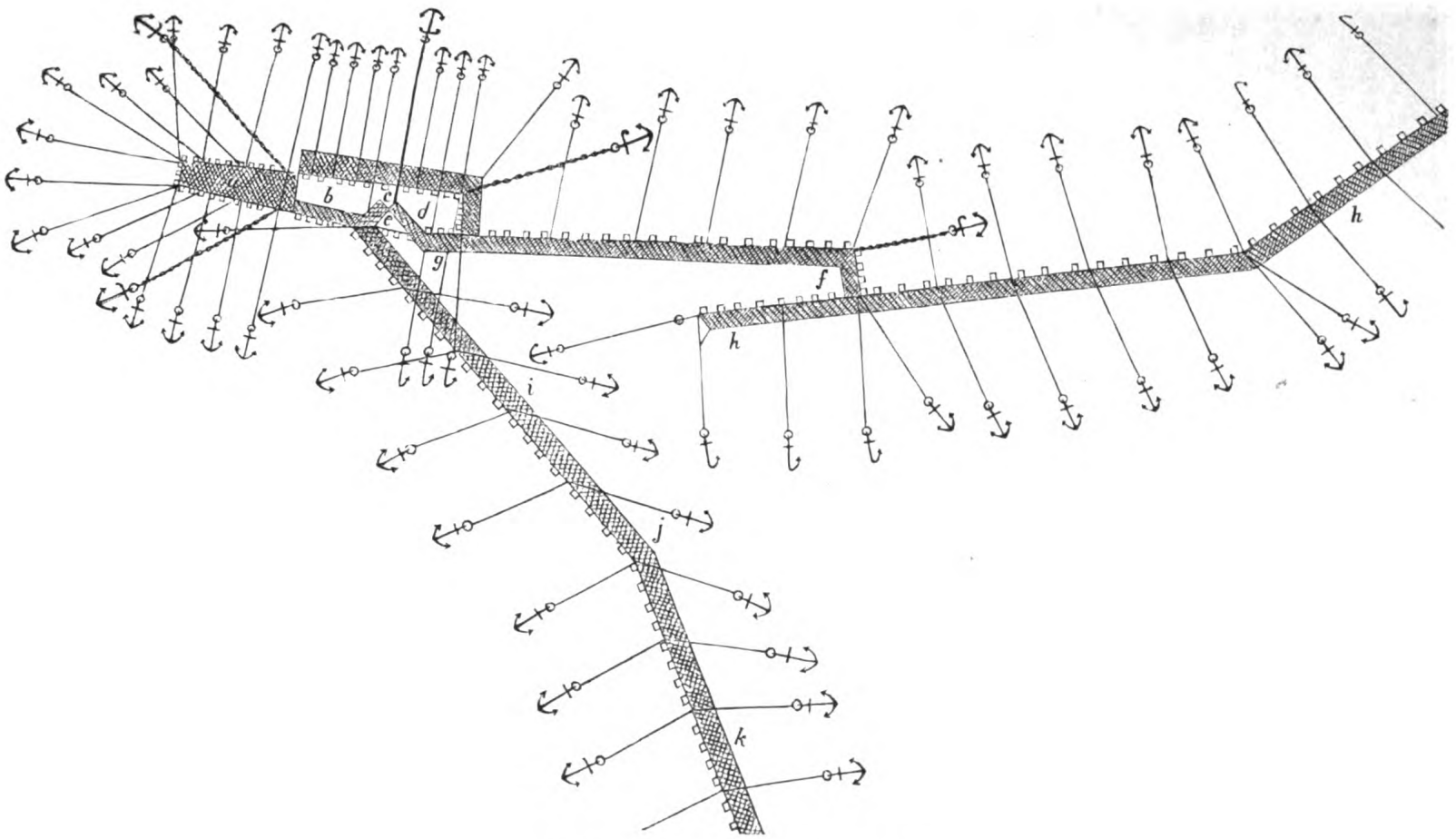
A *legitima* parte do canto de dentro da *camara* e segue por espaço de uns 415 metros, na direcção do corpo da armação em sentido opposto até ao *bicheiro,* que mede 45 metros de largura e 170 de comprimento.

A *legitima* e o *bicheiro* são aguentados por dez amarrações, dispostas como indica a figura respectiva.

A malhagem da *legitima* é de 40 a 50 centimetros de lado, assim como a do *bicheiro.*

Do canto de dentro do *bicheiro* parte a entralhação até á *pontuada,* distante uns 250 metros, e d'este ponto começa o *quartel de fóra* na direcção do mar, desenvolvendo-se em linha recta pelo espaço de uns 2:000 metros até ao *pego,* que mede nos lados 85 metros.

A malhagem do *quartel de fóra* tem 60 a 80 centimetros de lado. Este *quartel* é fundeado com cincoenta e duas amarrações.



Planta de uma armação á valenciana para a pesca do atum

Todas as redes da *guia* são construidas, a partir do *bicheiro*, por cabo de esparto.

A *rabeira*, tambem entralhada em cabo de aço, segue na direcção da terra até ao *ferro do morto* distante 1:700 metros, e é feita de esparto com malhagem de 50 a 60 centimetros de lado. A entralhação é fundeada com quarenta e cinco amarrações.

O total das amarrações de uma armação d'este genero é de cento e trinta e nove ferros.

Os *lados* e *chão do copo* são feitos de linho alcatroado.

O valor do material de uma armação de pesca de atum, com embarcações, arraial, redes, entralhações, ferros, etc., varia de 12:000$000 réis a 24:000$000 réis, conforme o systema e as posições em que são lançadas. Assim: a do Cabo de Santa Maria, a mais despendiosa, por carecer de melhores amarrações, em consequencia das fortes correntes de agua a que está sujeita, importou em 24:000$000 réis; a do Ramalhete, 15:000$000 réis a 16:000$000 réis; as que lançam mais á terra, como as do Forte, Vallongo e Lagos, bem como as que lançam de revez na costa de Tavira, 12:000$000 réis a 14:000$000 réis; isto é, uma armação de atum importa, em media, em 18:000$000 réis.

Agora que já conhecemos a composição de uma armação de atum, vamos ver como modernamente se funcciona com ella para a pesca, transcrevendo sobre este ponto a informação que obsequiosamente nos foi fornecida por um maritimo experimentado e de vasta illustração, o sr. Joaquim de Almeida Negrão, que é proprietario da armação do Cabo Carvoeiro.

«Dada a teima do *atum de direito* em seguir o rumo de leste ou sueste, uma vez mettido o peixe por terra do *quartel de fóra*, prolonga esta rede, e vem muito provavelmente bater na *rabeira*, buscando uma saida que não encontra, e assim se approxima da *bôca*.

«Se não entra logo, prolonga a *legitima*, e encontrando o obstaculo do *bicheiro* d'esta, torna a bater na *rabeira*, naturalmente na parte chamada *palmatorres*, proximo da *bôca*.

«No posto do atalho (P da planta) está um barco, bom corredor, com uma rede a bordo, chamada *atalho*, e que alcança d'aquelle ponto ao *palmatorres*. Esta rede (bem *prumada* e bem *boiada*) é lançada com a maxima presteza ao mar, quando se vê o atum proximo da *bôca*, correndo o barco com ella até ir fechar em *palmatorres*; ficando o peixe entalado entre o *atalho* e a *bôca*.

«Se ainda assim recusa entrar, vae-se apertando o *atalho* de encontro á *bôca*, até que o peixe se vê forçado a investir com esta.

«Uma vez dentro do quadro (camara e bucho) não sáe facilmente, porque parece que o *endiche pequeno* se projecta sobre o grande, e este encobre o pequeno, de modo a dar a illusão de uma rede continua.

«Será assim que o peixe vê estas cousas?

«Em todo o caso é raro que o atum sáia pela *bôca,* mesmo com muitos dias de morada na prisão.

«Para levar o atum ao *copo* emprega-se uma rede similhante ao *atalho,* com a qual se vae *varrendo* ou *coando,* a *camara* e o *bucho,* levada por dois barcos, cada um por sua face do quadro, e que vão caminhando no sentido do *copo.* Quando estes barcos, com a sua rede varredoura, estão proximos do *copo,* arria-se a *porta de cima,* e o peixe, vendo aquella abertura, entra pelo *copo* dentro. Ao ser visto aqui ou ao desconfiar-se que lá esteja, iça-se de repente a porta, e fica o peixe encurralado.

«Resta levantar o *copo,* o que se executa de bordo de tres barcos, collocados sobre as *portas,* no ponto denominado *mercaço,* mettendo dentro a *porta de cima* até deitar a mão ao nascimento do *chão do copo,* chamado *turco,* indo depois puxando este e o *copo* a si, deixando-o logo cair por detrás, ao passo que se levanta por diante.

«A pouco e pouco vae o peixe sendo apertado de encontro á *testa do copo,* até que o barco que ali está, e os que estão aos lados, o vão copejando, isto é, arpoando e embarcando.

«As *portas* são compostas de duas redes denominadas *portas de baixo* e *portas de cima,* com dimensões taes que possam, ao serem arriadas, prolongar-se com os lados e assentar no fundo. São duas, para que ao içar-se a de *cima,* para trazer á mão o *turco,* fique sempre fechado o quadro, onde póde haver ou entrar mais peixe.»

Como se vê, pela clara e completa descripção de tão competente entendedor d'estes assumptos, o *chão do copo* representa um papel importantissimo nas modernas armações, simplificando tanto a faina da pesca com estes apparelhos que vamos apresentar os processos antigos, narrados por João Baptista da Silva Lopes, na *Chorographia do Algarve,* publicada em 1841, a fim do parallelo ser bem frisante:

«Logo que as armações vão ao mar, postam-se atalaias ou vigias em terra, d'onde possam avistar a approximação do peixe, e todos os dias sáe um preguiceiro com alguns companheiros em tres barcos com as redes chamadas *atalhos,* isto nas armações de direito, porque nas de revez basta só um atalho.

«Collocam-se estes barcos, um junto ao *bicheiro* com o primeiro atalho, outro na *galveta* com o segundo, e outro junto á *bôca* com o terceiro, e elle vae em outro metter-se dentro do *bucho.*

«Quando o atalaia dá signal de que o peixe demanda a armação, passa o preguiceiro a observar a direcção que toma, e conforme ella assim manda deitar ao mar qualquer dos atalhos, ou todos, em direitura ao *rabo,* cujo ferro fica quasi em terra, apertando-o mais para a *bôca* com o terceiro, quando d'ella se approxima.

J. d'Almeida

LINGUADO *(solea vulgaris)*, pag. 44

«Conseguindo mettel-o dentro do *bucho*, e sendo sufficiente para uma copejadura, manda cerrar a *bóca*, puxando os *endiches* á direcção da rede do *bucho*. No outro dia, de ordinario, vae o mandador de terra com toda a companha, barcos e apparelhos necessarios, leva a rede chamada *coador* em um barco, o qual entra para dentro do *bucho*, recolhendo-se então a amarra a que estavam presos os *endiches:* lança-se o *coador* ao mar do lado da *testinha*, e vae sendo arrastado pelo barco que o conduziu, e mais outra lancha, em direcção parallela, para fazer passar o peixe alem da *bóca*, amarrando-se de uma e outra parte á entralhação do *bucho;* logo ao passar da *bóca*, abrem-se os *endiches*, ficando a *bóca* desembaraçada para entrar mais peixe, caso appareça.

«Collocam-se em roda do *bucho* pela parte exterior quatro barcos junto ao *coador*, dois na banda da *testa*, tres na parte da *coada*, e entra outro barco com a rede chamada o *cerco*, que se lança ao mar, logo ao entrar junto á *bóca*, e com ella vae o mesmo barco pelo W. forrando o *bucho* pelo interior, amarrando-a os outros barcos á borda, ao passo que a recebem, voltando elle a postar-se no ponto d'onde partiu.

«Á voz ou signal do mandador, que se tem collocado em uma lancha dentro do *bucho* junto á *testa*, começa-se nos barcos a puxar o *cerco* á borda para apertar o peixe, e quando elle conhece que este se acha unido no centro, faz entrar a barca, em que vae a *sacada* (que é a rede de linho) com dois preguiceiros, e manda lançar ao mar esta rede, que tem atadas á entralhação varias *colinas* (cordas de esparto), cujas pontas faz passar aos barcos do cerco; e a outro signal ou voz, começam todos elles a puxar as *colinas*, para a *sacada* ir subindo com o peixe em cima, até que chegando á borda ali se amarra, ficando só a barca que tem tomado posição no canto NE. do *bucho* a puxar e recolher a rede.

«Logo que o peixe tem subido á flor da agua, começa a copejação.

«Faz-se esta nos dois barcos da *testa*, quando o peixe não é muito, e em mais alguns se é. Os companheiros arremessam *bicheiros* ou *arpeus* no peixe, que com a dor da ferida e certos movimentos que o pescador emprega, salta para dentro dos barcos; d'estes conta-se a pescaria para outros, que a conduzem para terra; e continúa a copejação emquanto ha peixe na *sacada*, a qual a companha vae sempre puxando e recolhendo até ao fim, dirigindo-se para o S.

«Se ha mais peixe no *bucho* ou entre os *atalhos*, repetem-se as mesmas operações, pois ha dias em que a pescaria passa de milheiros de peixes.

«Todas estas manobras são feitas com muita gritaria e bulha; o peixe atira com o pescador para dentro do barco sobre os outros peixes; ora o arrebata para si fazendo-o caír na rede: o mar está tinto de sangue que d'elles espadana; debatendo-se com as dores das feridas, correm em diversas direcções, fazendo saltar a agua para dentro dos barcos.

«Todos trabalham, todos gritam, todos andam molhados, todos se enfadam, riem e folgam ao mesmo tempo: é um entretenimento curioso, e que ninguem deixa de ver e de gostar, quando ali vae n'esse tempo».

Antigamente dava-se o nome de *almadravas* ás armações de pesca do atum, e a companha de um d'estes apparelhos era composta do pessoal seguinte:

Um mandador;
Um escrivão;
Dois ou tres preguiceiros;
Quarenta a setenta companheiros.

Na costa do Algarve os locaes onde desde longa data até hoje se installam os apparelhos fixos para a pesca do atum, são approximadamente os mesmos.

Diz João Baptista da Silva Lopes: «Em 1586 se fez o primeiro arrendamento a Manuel Duarte por 30:000$000 réis, pagando aos officiaes, e algumas propinas. Por estes tempos se lançavam armações no Medo das Cascas em Tavira, na Fuzeta, Marim, Barra Nova, chamada do Cabo de Santa Maria, Zimbral, Quarteira, Olhos de Agua em Albufeira, Ponta da Galé, Torraltinha, Torralta, Burgau, Almadena, Pedras Negras, Cabo dos Curraes, Beliche, Barcaceira da banda do N. do Cabo de S. Vicente alem da Torre de Aspa e ultimamente Arrifana ainda mais para o N.».

Em 1886, passados trezentos annos, temos as armações de atum seguintes: Abobora, Medo das Cascas, Barril, Livramento, Cabo de Santa Maria, Ramalhete, Forte, Vallongo, Oira em Albufeira, Pedra da Galé, Cabo Carvoeiro, Torr'altinha, Torr'alta e Almadena.

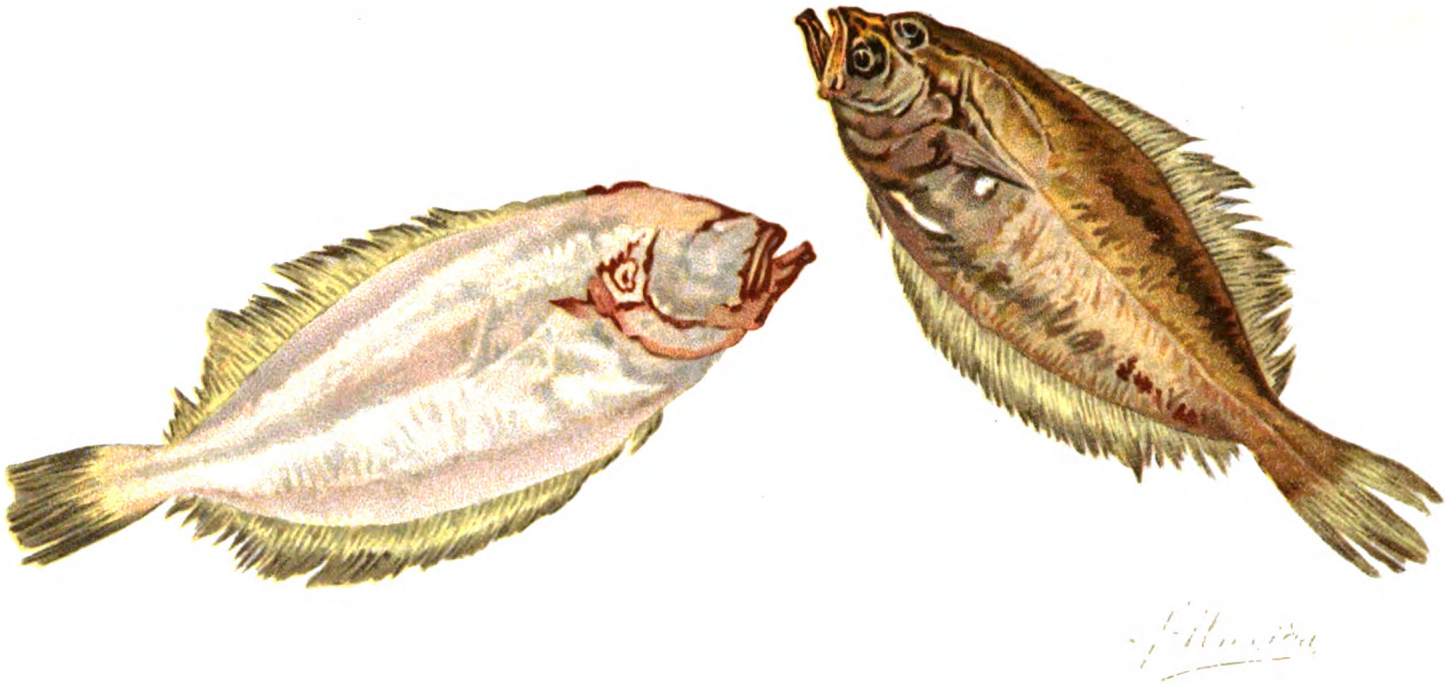
O valor do atum dado ao manifesto em 1885 nas casas fiscaes do Algarve foi de 158:706$540 réis.

É muito intrincada a resolução do problema das condições de posição, resguardo e installação de uma armação de atum, tornando-se indispensavel o conhecimento previo das condições maritimas da costa, natureza do fundo, marcha do atum e sua variação, segundo as condições meteorologicas e hydrographicas, pureza das aguas, grau de transparencia e um sem numero de circumstancias, que só um estudo muito detalhado póde fornecer para estabelecer uma perfeita equação, contendo todos os dados concernentes a este assumpto.

Será possivel pôr o problema em equação com os conhecimentos actuaes d'esta questão?

Julgâmos que não.

Não ha cartas de pesca da costa do Algarve, não existem estudos alguns sobre a trajectoria descripta pelo atum na sua marcha para leste e para oeste; não se sabe positivamente se elle transita ao longo da costa, ou se irradia para ella por effeito de determinadas causas; não possuimos



CARTA *(solea azevia)*, pag. 44

uma serie de observações d'estes elementos, d'onde se possa concluir uma lei definida, ou as anomalias e variantes a que está sujeita esta questão, completamente obscura no momento actual.

Podem pois os poderes publicos promulgar um *regimen racional* sobre a pesca por meio de apparelhos fixos sem primeiro conhecerem os dados precisos para o formular?

Não podem.

Vamos fazer algumas considerações sobre este assumpto com o intuito de mostrar a duvida que transparece logo á primeira discussão de um ponto qualquer d'esta questão, essencialmente pratica, e que portanto só póde ser resolvida pela *observação directa,* porque *à priori,* no campo hypothetico, dá logar a uma resolução indeterminada, pela falta de elementos que a fundamentem.

Primeiro ponto: O atum de direito segue ao longo da costa meridional do Algarve, desde o Cabo de S. Vicente, dirigindo-se para leste e sueste em demanda do Mediterraneo, onde vae desovar, ou vem do oceano directamente para o Mediterraneo a meio do Estreito, e irradia para a costa do Algarve em uma direcção approximadamente perpendicular?

Como se vê é importantissima a resolução d'este ponto, porque no primeiro caso os apparelhos de pesca devem estar dispostos de maneira que os de oeste não *tapem* os de leste, isto é, não estorvem a marcha do peixe até á zona de pesca respectiva a cada apparelho; e no segundo caso o que influe é a posição mais ou menos avançada para o sul em que elles estão, devendo conservar o mesmo parallelo para gosarem de igualdade de condições.

Dar-se-ha qualquer d'estas hypotheses; uma resultante das duas, ou será outra desconhecida a verdadeira marcha do atum?

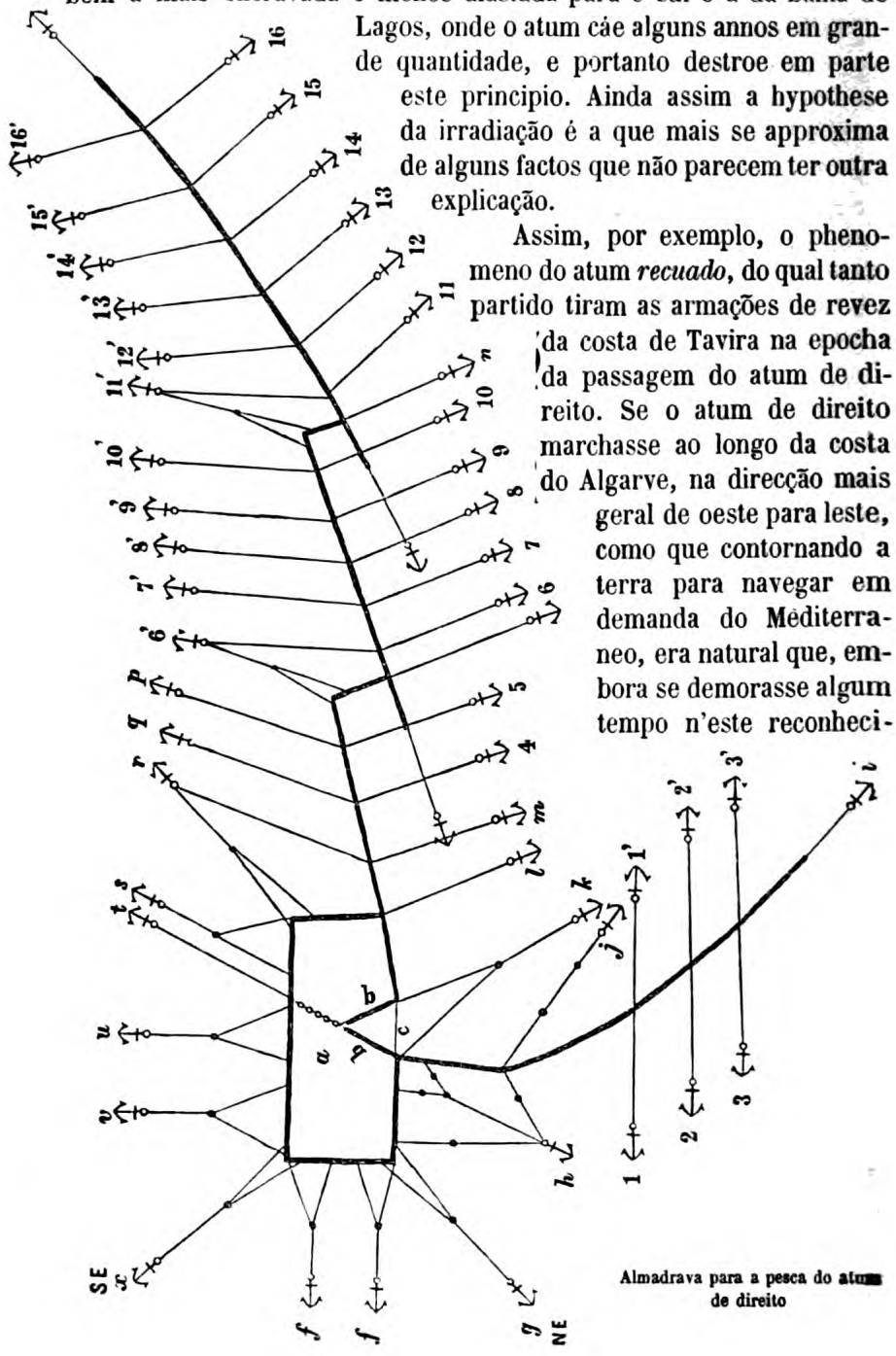
Para o atum seguir ao longo da costa, a partir do Cabo de S. Vicente, deveriam as armações de pesca da parte da costa, comprehendida entre este cabo e o Cabo Carvoeiro, ter vantagem sobre as que demoram para leste até ao Cabo de Santa Maria, porque o apanhavam em primeira mão; mas acontece que é exactamente a mais de leste, situada no Cabo de Santa Maria, que maior quantidade de peixe costuma pescar, e que ha muitos annos que não lançam as armações das Pedras Negras, Cabo dos Curraes, Beliche e Barcaceira, proximas do Cabo de S. Vicente, porque não davam resultado.

Mas, por outro lado, não influindo a situação mais a leste ou a oeste da costa, ou sendo até preferivel a de leste, qual a rasão da guerra que os concessionarios se movem uns aos outros para conseguirem que as zonas maritimas a oeste das suas respectivas armações de pesca, fiquem desembaraçadas e livres para não lhes *taparem* os seus apparelhos de exploração?

Marcha o atum por irradiação para a costa, influindo portanto favoravelmente a posição dos apparelhos mais avançada para o sul?

A armação de pesca mais avançada é a do Cabo de Santa Maria, onde a pescaria afflue em abundancia, o que justifica esta hypothese, mas tambem a mais encravada e menos afastada para o sul é a da bahia de Lagos, onde o atum cáe alguns annos em grande quantidade, e portanto destroe em parte este principio. Ainda assim a hypothese da irradiação é a que mais se approxima de alguns factos que não parecem ter outra explicação.

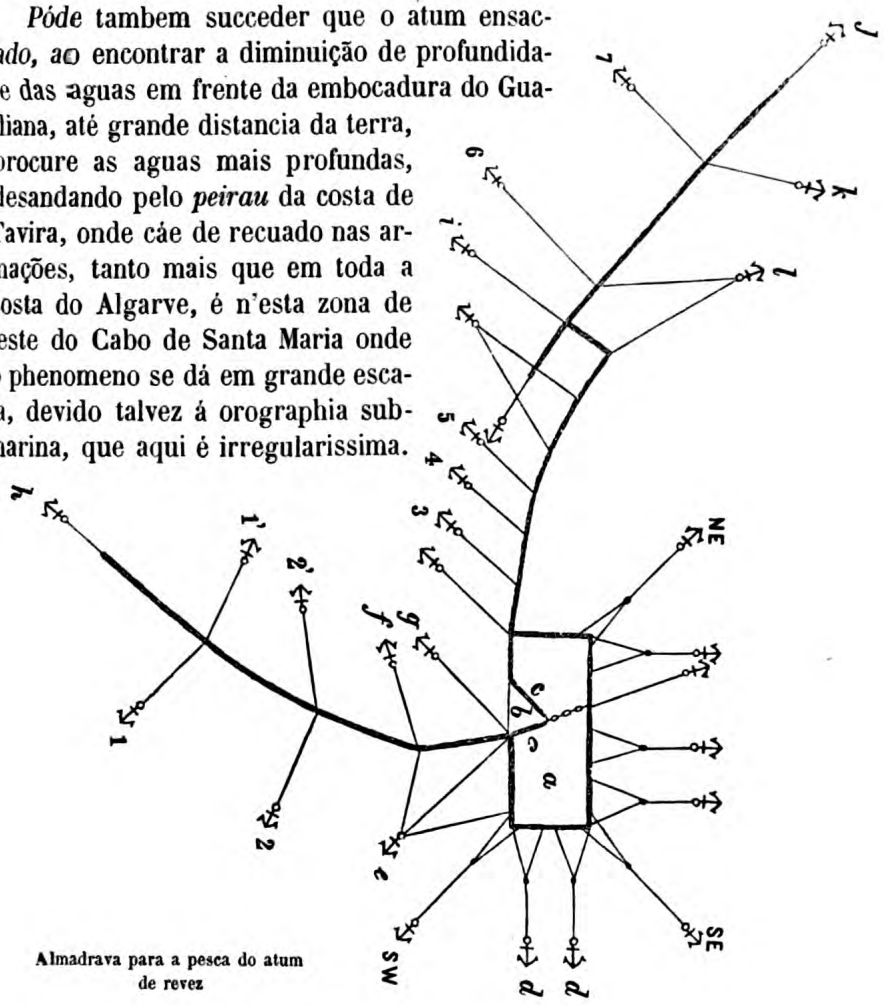
Assim, por exemplo, o phenomeno do atum *recuado*, do qual tanto partido tiram as armações de revez da costa de Tavira na epocha da passagem do atum de direito. Se o atum de direito marchasse ao longo da costa do Algarve, na direcção mais geral de oeste para leste, como que contornando a terra para navegar em demanda do Mediterraneo, era natural que, embora se demorasse algum tempo n'este reconheci-



Almadrava para a pesca do atum de direito

mento, não retrocederia desfazendo caminho, a menos que não fosse espancado por alguma especie voraz, que lhe embargasse momentaneamente a marcha. Vindo porém por irradiação, perpendicularmente á costa, não repugna nada a conceber que ao deparar com a terra, a reconheça, hesitando no rumo a seguir, e tome para oeste, entrando de recuado nas armações de revez da costa de Tavira.

Póde tambem succeder que o atum ensaccado, ao encontrar a diminuição de profundidade das aguas em frente da embocadura do Guadiana, até grande distancia da terra, procure as aguas mais profundas, desandando pelo *peirau* da costa de Tavira, onde cáe de recuado nas armações, tanto mais que em toda a costa do Algarve, é n'esta zona de leste do Cabo de Santa Maria onde o phenomeno se dá em grande escala, devido talvez á orographia submarina, que aqui é irregularissima.



Almadrava para a pesca do atum de revez

No emtanto tambem na armação de atum da bahia de Lagos, o peixe de direito entra de revez no apparelho de pesca, contornando a bahia, de leste para oeste, até entrar na bôca da armação, que está exposta ao NW.; mas aqui é sem duvida devido á configuração semi-circular da costa, que obriga o peixe a seguir n'este sentido em procura do alto.

Segundo ponto: Qual deverá ser a zona de resguardo das armações de atum?

É claro que esta questão está ligada com a anterior, porque depende da direcção que o atum segue, e portanto não póde ficar bem definida sem primeiramente se resolver aquella; mas independentemente mesmo d'esta circumstancia, ainda é muito difficil de resolver de uma maneira racional sem o auxilio de um estudo local muito complexo.

A área de lançamento de uma armação de atum fica comprehendida dentro de um triangulo que tenha por vertices os ferros da *testa,* do *pego* e do *morto,* tendo os lados respectivos as seguintes grandezas:

Do *ferro do pego* ao *ferro do morto,* 4:000 metros;

Do *ferro do pego* aos *ferros da testa,* 3:000 metros;

Do *ferro do morto* aos *ferros da testa,* 2:000 metros.

O circulo circumscripto a este triangulo tem approximadamente de diametro 4:000 metros, e a area de lançamento mede, portanto, 628 hectares de superficie, se a considerarmos igual á metade da superficie total do circulo, onde fica contido o triangulo.

A zona de resguardo deve ser pois contada por fóra do espaço occupado pelos apparelhos, attendendo: á folga necessaria para o caso de um deslocamento proveniente das correntes maritimas; á livre exposição do campo aberto do apparelho; ao amortecimento dos abalos produzidos na massa liquida pelos trabalhos de copejação nos apparelhos mais proximos; á configuração e orientação da costa; e porventura a outras circumstancias reveladas por um exame pratico do assumpto.

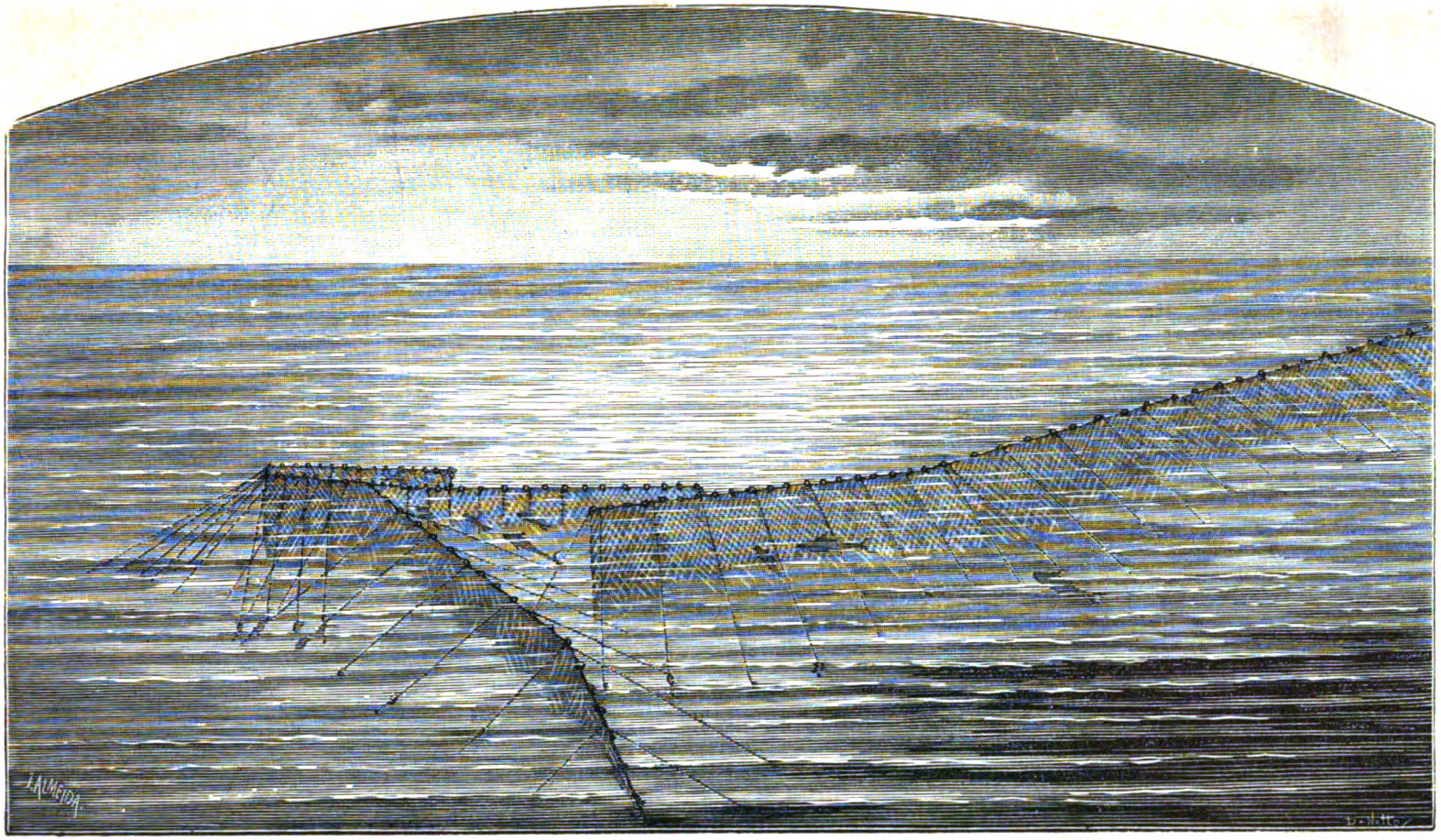
Para attender á primeira condição da zona de resguardo é preciso um estudo de direcções e velocidades das correntes.

A segunda condição mais difficil de resolver, por depender da primeira questão que descutimos, tambem tem outras difficuldades importantes, como, por exemplo: a livre exposição do campo aberto ao ingresso do peixe deve ser dada por distancia de um a outro apparelho, por orientação do eixo medio d'esse campo, ou por distancia e orientação?

No primeiro caso, quaes deverão ser os fundamentos racionaes para arbitrar essa distancia?

Emfim, a materia é assás complexa e as observações locaes para a elucidar carecem de ser feitas segundo um plano de estudos em harmonia com os dados precisos para a resolver de uma maneira pratica e racional, por isso que as leis que possuem estes predicados são duradouras e acatadas, e as que se fundamentam em bases convencionaes estão constantemente sujeitas a uma mudança de regimen.

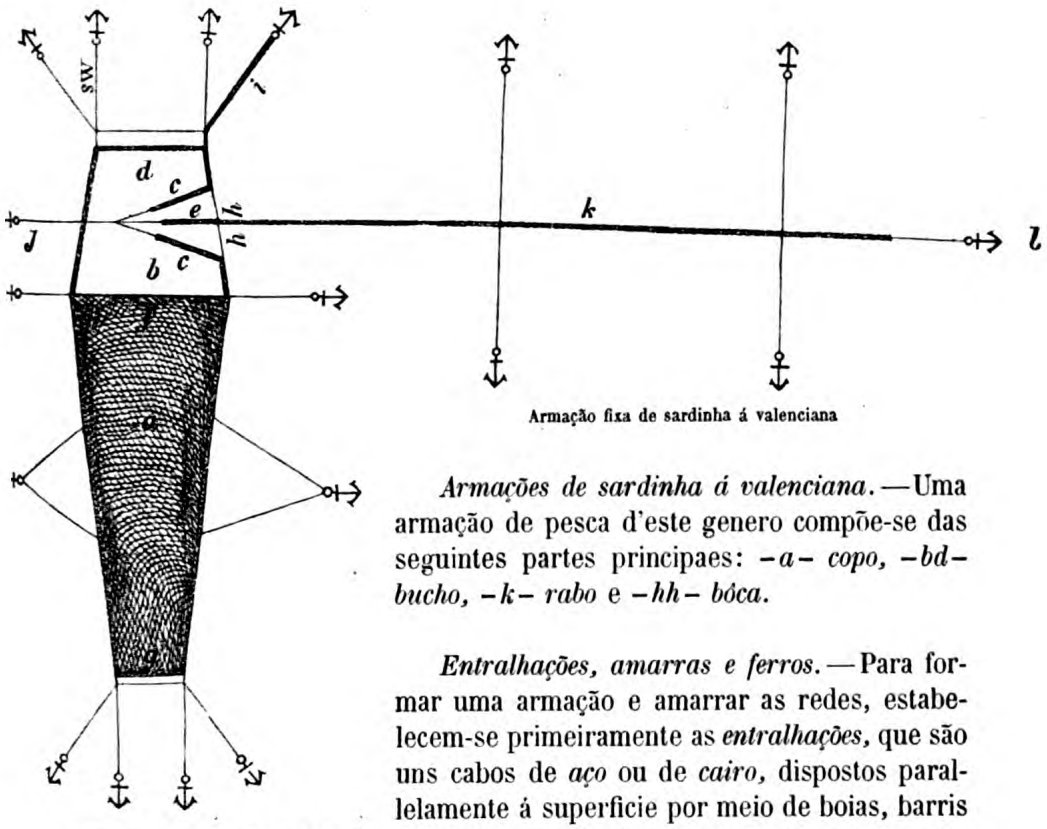
Ligada a esta questão technica, está a questão de direito á apropriação de uma determinada zona de pesca, materia esta de grande transcendencia juridica e administrativa, que entre nós se encontra em um estado por assim dizer nascente, e por ultimo de toda esta copia de conhecimentos e de principios assentes e definidos é que póde resultar uma regulamen-



Vista prespectiva de uma armação de atum

tação clara, equitativa e racional do regimen da pesca por meio de apparelhos fixos, destinados á captura de uma especie tão rica como é o atum.

Armações de sardinha.—Os apparelhos fixos destinados á pesca da sardinha, de menores dimensões e de construcção mais simples do que os do atum, podem classificar-se em dois generos, conhecidos pelos nomes de *armações de sardinha á valenciana* e *armações de sardinha redondas.* As primeiras usam-se em toda a costa meridional do Algarve e nas enseadas de Sines, Setubal, Entre Cabos da Roca e de Espichel, e, modernamente, na enseada de Peniche; as segundas apenas se empregam em Peniche, Berlenga e costa da Nazareth.



Armação fixa de sardinha á valenciana

Armações de sardinha á valenciana.—Uma armação de pesca d'este genero compõe-se das seguintes partes principaes: *–a– copo, –bd– bucho, –k– rabo* e *–hh– bôca.*

Entralhações, amarras e ferros.—Para formar uma armação e amarrar as redes, estabelecem-se primeiramente as *entralhações,* que são uns cabos de *aço* ou de *cairo,* dispostos parallelamente á superficie por meio de boias, barris estanques, e odres, tendo outros cabos a ligal-os transversalmente nos extremos, denominados *travessões da testa –g–* e da *testinha –d–,* e um outro a meio chamado *mercaço de dentro –f.*

O todo tem a fórma polygonal, e é mantido á superficie pelos fluctuadores, e fixo por meio de *ferros,* fundeados nos vertices, com *amarras* de cairo, ou de corrente junto ao fundo.

As amarrações attingem geralmente 50 a 60 braças de comprimento.

O espaço comprehendido entre o *travessão da testa* e o *mercaço*, é destinado para o *copo*, e entre este e o da *testinha* para o *bucho*, que alguns ainda dividem em camara e bucho.

Copo.—A entralhação do *copo* tem a fórma trapezoidal, fundeia-se com oito ferros e mede na *testa* 16 metros, nos *lados* 92 metros, e no *mercaço* 38 metros. Dos ferros, dois são no extremo de fóra do travessão, denominados *encontro do mar* e *lóto do mar*, e outros dois no extremo de dentro, o *encontro* e o *lóto da terra*.

Os encontros devem conservar o *travessão* retezado, e os *lótos* são lançados na direcção das *entralhações* para aguentarem a *testa* da armação.

O *mercaço* é fundeado com dois ferros, um para fóra e o outro para a terra.

A meia distancia entre o *mercaço* e a *testa* são as *entralhações do copo* aguentadas por duas *pernadas*, que ligam com as amarras de dois ferros, um deitado para o mar e outro para a terra.

Bucho.—A entralhação do *bucho*, tem tambem a fórma trapezoidal, medindo 26 metros na *testinha*, 38 metros do *lado* do mar, 10 metros nas duas *facias*, e 28 metros no *vão da bôca*, e fundeia-se com quatro ou cinco ferros, alem dos dois do *mercaço*, que são tambem communs ao *copo*.

O ferro do *sudoeste* e o de *caça*, nos extremos do *travessão da testinha*, lançados na direcção das entralhações e trabalhando de encontro aos *lótos;* e dois outros ferros que conservam o travessão retezado, deitados um para o mar e outro para a terra.

A meio da entralhação lança para o mar um outro, denominado do *sul da bôca* –*j*.

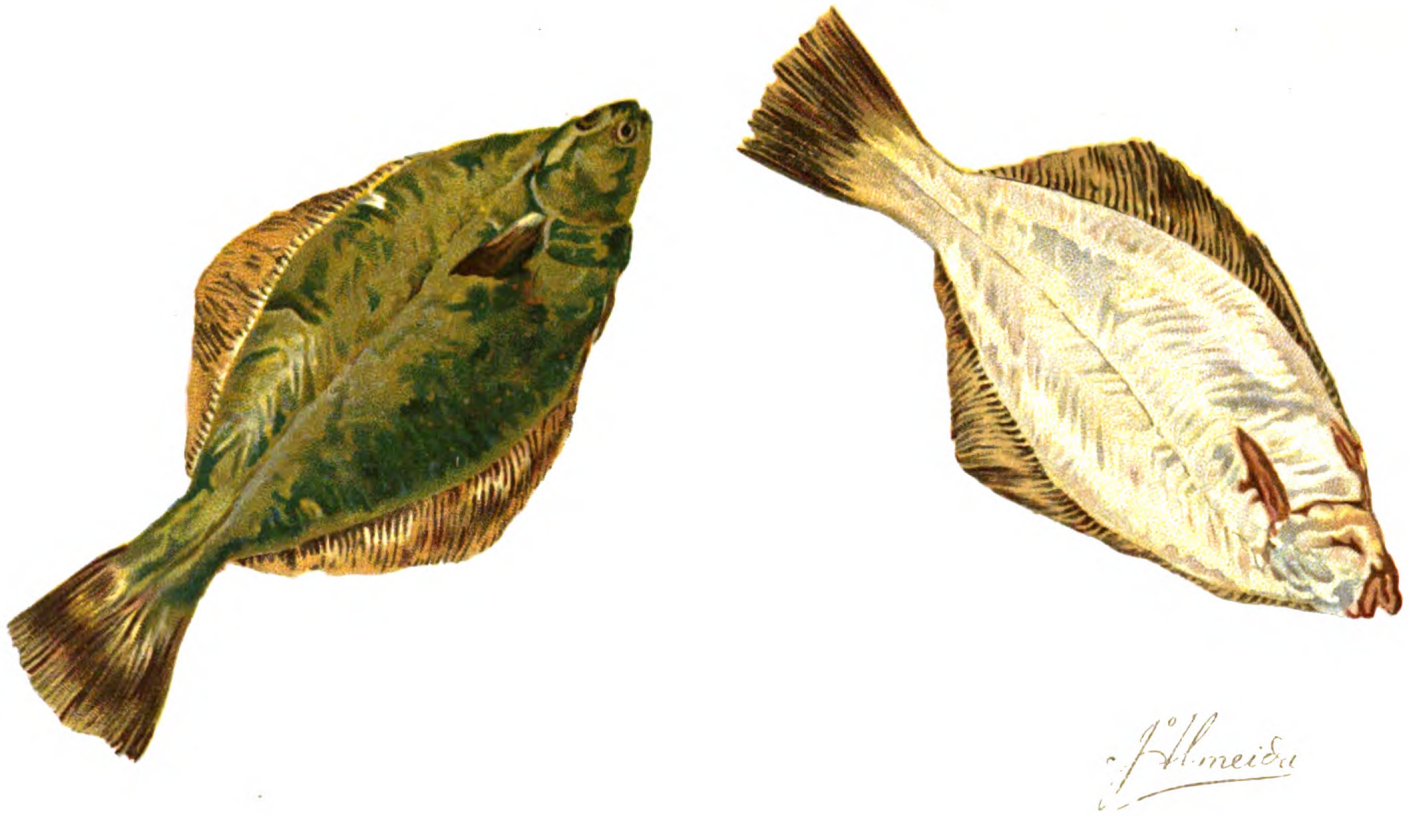
Algumas vezes este ultimo ferro dispensa o do extremo de fóra do travessão da testinha.

Rabo.—A *teia do rabo* –*k*– é formada por um cabo collado á superficie por meio de fluctuadores, em direcção perpendicular á entralhação do *bucho*, aguentado para o mar pelo ferro do *sul da bôca*, e para a terra pelo *ferro do morto* –*l*–, e mantido em alinhamento recto por dez ou doze ferros, deitados em igual numero para cada lado, regulando dois ferros para cada *cordão* que o *rabo* tem de comprimento.

O *cordão* mede 70 metros, e geralmente o rabo tem 350 metros de comprimento, mas esta grandeza varia conforme o espaço livre para o lançamento do apparelho.

Os cabos fixos que conservam o apparelho no mesmo local, são, pois: as *entralhações*, *travessões*, *mercaço* e *teia do rabo*, convenientemente fundeados.

É a este estado que os pescadores chamam a *armação em cabos e ferros*.



SOLHA *(pleuronecte flexus)*, pag. **44**

Redes.—As redes que compõem este apparelho são as seguintes:

O *rabo* da armação é formado por uma rede de cairo delgado de dois fios, com o diametro de 3 millimetros, alcatroado e envernizado, tendo a malha 32 centimetros de lado, collocada verticalmente dentro de agua desde a superficie, onde cose na *teia,* até ao fundo, onde assenta por meio de pesos, feitos com pedras *engaiadas* fixas á tralha inferior.

Cada *cordão* tem sete *talhos* de rede, medindo cada *talho* 5 braças de largura.

O *rabo,* começa a meio do *vão da bôca* e estende-se para o lado da terra até grande distancia.

O *bucho* é guarnecido na entralhação do lado do mar e da testinha por uma rede feita de cairo, como a do rabo, mas tendo a malha de 20 centimetros, collocada tambem da superficie até ao fundo; possuindo o lado do mar oito *talhos* de 3 braças e a *testinha* cinco *talhos* de 5 braças. E na entralhação do lado da terra, por duas redes como a antecedente, chamadas da *fácia,* dispostas verticalmente, deixando um intervallo de um e de outro lado do rabo, formando o *vão da bôca* da armação. As *fácias* têem dois *talhos* de 3 braças cada um. A altura do *bucho* regula por 20 braças, e as redes têem de altura 20,5 braças.

A *bôca* compõe-se de tres redes verticaes *—c—e—c—*, denominadas *endiches,* feitas de cairo com dois fios, alcatroado e envernizado, tendo a malha 15 centimetros.

Os tres *endiches* estão dispostos para o lado de dentro do *bucho:* o do meio na direcção ou prolongamento do rabo e ligado a este; os dos lados pegam com as redes da *fácia* e viram para dentro, formando com o do centro duas entradas ou *portas,* em fórma de corredores, communicando com o *bucho.* Os *endiches* lateraes têem dois *talhos* de 5 braças cada um, e o medio tem *talho* e meio da mesma largura.

O *copo* consta das *redes da gacha,* collocadas verticalmente dentro de agua, de um e outro lado ao longo das entralhações, desde o *bucho* até á *testa.* A *rede da gacha* compõe-se de duas outras redes, de malhas differentes, ligadas por uma tralha de cairo de dois fios com 6 millimetros de diametro: a primeira, ou superior, é feita de fio de linho com 2 millimetros de diametro, tendo a malha 55 millimetros de lado, indo só até uma certa profundidade, 4 a 5 braças, e d'ahi para baixo continúa a segunda, ou inferior, até ao fundo, de malha maior e como a dos *endiches,* constituindo os resguardos lateraes do espaço destinado ao copo.

Da *rede da testa,* disposta verticalmente na cabeça ou *testa* da armação, feita de linho alcatroado e envernizado, tendo a malha 13 millimetros. E do *chão do copo,* formado por tres redes ligadas, de malhas differentes, que assenta no fundo desde o *mercaço* até á *testa,* pegando com esta e com as da *gacha* por meio de cosedura.

A primeira rede do *chão do copo* é de cairo de dois fios, alcatroado e envernizado, e malha de 9 centimetros, pega com outra de linho alcatroado com malha de 35 millimetros, e esta liga a seu turno com uma terceira de fio de linho, com 1,5 millimetro de diametro, alcatroado e envernizado, tendo a malha 25 millimetros, a qual entralha com a rede da *testa*.

O *copo* é alliviado por boias de cortiça dispostas ao longo da tralha superior das *gachas* e da *testa*.

Na altura do *mercaço* existe a corrente das portas, que denominam *arráças*, e que serve para atracar junto ao fundo os lados da armação.

Caça — Esta rede —*i*—, feita de dois *talhos* de 3 braças, é construida como a do *rabo* e serve para amparar o peixe do lado da *testinha*, com a qual liga verticalmente, ficando no prolongamento d'ella, isto é, parallela ao *rabo* da armação.

As armações de sardinha, orientam-se geralmente, ficando o rabo dirigido para o lado da terra, de modo que o peixe entra no seu regresso para o mar.

Lançam-se em fundos limpos com 10 a 20 braças de profundidade.

Apesar de n'estas armações poder entrar qualquer especie, é no emtanto a *sardinha* a principal e mais importante pescaria a que se destinam.

Informam os pescadores da nossa costa que durante o inverno corre a sardinha do N. para o S.; de verão, do S. para o N.; e na primavera, conserva-se pairando do mar para a terra e d'esta para o mar; e em cada um d'estes caminhos segue geralmente o contorno da costa, inflectindo, mais ou menos, conforme a orientação da terra e o relevo do fundo.

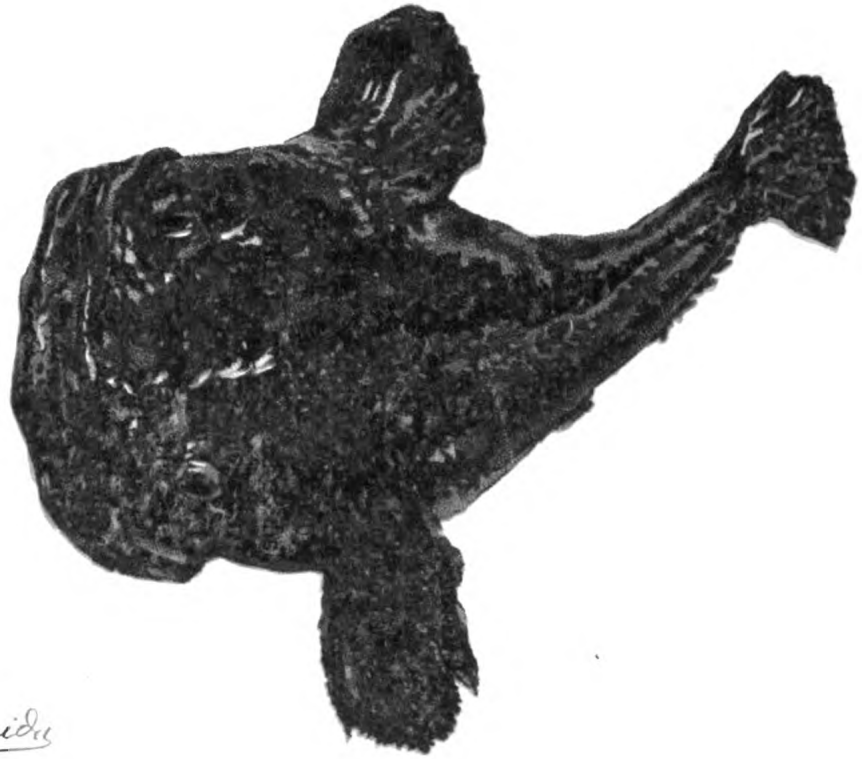
O peixe atravessa na sua marcha os espaços livres entre as armações, procurando ou contornando a terra, e quando tem conhecimento da diminuição da profundidade e se encontra proximo d'ella, volta para o mar a fim de ganhar outra vez o alto.

No caminho para fóra se depara com a rede do *rabo* de uma armação, vae seguindo ao longo d'ella, contornando-a como se fôra um obstaculo natural, e ao chegar ao *vão da bóca*, onde não encontra barreira alguma, entra para o *bucho*, podendo d'aqui passar livremente para o *copo*, conservando-se dentro do corpo da armação *(bucho e copo)*, por isso que vê redes por todos os lados e não tem facilidade em descobrir o intervallo por onde penetrou.

Levantar. — Emprega-se este termo para exprimir a faina do levantamento ou suspensão das redes moveis da armação na occasião da pesca.

Esta manobra executa-se da maneira seguinte:

Dispõem-se pelo menos quatro embarcações em volta do *copo:* a *barca da testa* para sustentar a rede da *testa*, de encontro á qual se dá a pan-



CHARROUCO *(batrachus dydactylus)*, pag. 45

cada do peixe quando começa a ser afugentado do lado do *bucho;* a *barca das portas* que, depois de bater a agua desde a *testinha* até ao *mercaço,* toma as *levas* da rede do *chão do copo* e vae-a suspendendo no sentido da *bôca* para a *testa;* e as duas *barcas da gacha,* uma de cada lado do *copo,* alliviando a rede da *gacha,* tambem no mesmo sentido, e acompanhando successivamente a *barca das portas.*

Na primeira embarcação fica geralmente um homem de vigia para evitar que com o peso do peixe ella se afunde, como já tem acontecido; nas da *gacha* empregam-se quatro a oito homens; e na *barca das portas* uns quinze ou dezeseis; isto é, são precisos vinte a vinte e cinco homens para a faina de *levantar,* não havendo *aguagens.*

O peixe fica por ultimo na rede da *testa,* suspensa em volta pelas embarcações, e d'aqui é tirado para dentro d'ellas por meio das pequenas redes de *enchelevar,* e em seguida conduzido para terra em *enviadeiras* ou nas proprias embarcações da armação quando termina a pesca.

Antigamente usava-se mais uma outra rede movel de linho, denominada *coador,* que se deitava no *bucho,* desde a *testinha* até ás *portas,* e que servia para levar o peixe para o *copo* antes de *levantar;* hoje, porém, já não se emprega, porque difficulta a manobra, e consegue-se o mesmo resultado batendo a agua á superficie até áquelle ponto, para espantar o peixe para o *copo.*

A faina de *levantar* executa-se de madrugada, e repete-se tantas vezes quantas as necessarias para encher as embarcações de pescaria, e sómente então retiram para a terra, ou quando não ha signal de sardinha na costa.

Uma armação de sardinha á valenciana completa, com embarcações, redes, cabos e ferros, não empregando cabos de aço, importa em media em 6:000$000 réis.

Quando as entralhações são feitas de cabos de aço e as amarras são de corrente, e estes apparelhos têem de ser reforçados por haver no local do lançamento fortes correntes de agua, então o preço de uma armação sobe a 9:000$000 réis.

Em geral, o lançamento das *armações de sardinha* deve satisfazer ás *condições* seguintes:

1.ª Não deve constituir estorvo á navegação em paragens consideradas caminhos dos navios ao longo da costa, para demandar os portos ou os ancoradouros;

2.ª Deve collocar-se em logar que a experiencia tenha confirmado ser adequado para a pesca pela affluencia do peixe;

3.ª Não deve ser construida de modo que nas epochas de desova e de creação destrua as especies;

4.ª Deve ser lançada em fundo limpo de 10 a 20 braças de profundidade;

5.ª Não deve prejudicar, seja pela posição, seja pela distancia de resguardo, qualquer outra armação do mesmo ou differente genero.

A primeira condição é muito importante porque, principalmente para os navios de vapor, resulta um grande perigo enrascar-se um cabo da armação na helice ou nas rodas, e mesmo para os de véla, ou qualquer outro motor, atravessando-se um cabo na porta do leme, não permitte governar, ficando á mercê das vagas, correntes ou do vento, pondo em risco a sua segurança, tanto mais, proximo da terra ou dos bancos das barras.

Deve satisfazer á segunda, por isso que só a experiencia indica os locaes, que, pela sua exposição e orographia submarina, constituem verdadeiros pesqueiros, onde póde dar resultado a applicação de tão importante capital como o que representa o material fixo e volante de uma armação de pesca e despezas inherentes á sua exploração.

A terceira condição tem por fim evitar que, empregando redes de malha muito fina, seja destruida a creação das especies e portanto escasseiem ou emigrem para outra região com grave prejuizo dos interesses geraes da pesca e do consumo.

A quarta estabelece os limites que regulam as dimensões dos apparelhos mais proprios e economicos para não dar grande altura ás redes difficultando a pesca, e as circumstancias mais favoraveis para que as amarras dos ferros e as redes do chão do copo não sejam deterioradas facilmente na continua fricção junto ao fundo.

Com a quinta condição tem-se em vista collocar todas as armações de pesca em posições taes que resulte uma exposição igual, quanto possivel, attendendo ao embate do peixe, á orientação da costa, e ás distancias ou zonas que devem manter para não influir na marcha do peixe *tapando* o caminho para qualquer outra armação, o que sempre dá logar a conflictos e questões, que se devem evitar, estabelecendo um regimen racional sobre esta materia.

Os argumentos de que geralmente se servem os pretendentes ou os concessionarios d'estes apparelhos, para conquistar uma posição vantajosa, ou prejudicarem os vizinhos que exploram a mesma industria, são:

1.º Preciso lançar a minha armação de pesca em local pesqueiro, porque não sendo assim não posso tirar resultado algum do importante capital que vou empregar;

2.º Não posso lançar aqui o apparelho, porque o fundo não é limpo, tem pedra, e cortam-se os cabos das amarrações;

3.º Não posso manter as distancias regulamentares para as armações mais proximas, porque aquella armação puxou para o mar, ou para o N., ou para o S., ou etc., saindo da posição que lhe foi concedida;

4.º A armação, aqui, fica muito distante do porto e portanto não posso concorrer no mercado com as que estão mais proximas.

Para avaliar bem estas objecções, é preciso attender e contrapor as considerações seguintes:

1.ª Podem-se considerar pesqueiros todos os pontos de igual exposição e natureza de fundo, que não apresentem differenças sensiveis na configuração do solo submarino e onde a marcha da sardinha não encontre obstaculos, por isso que este peixe procura a costa de todo o continente do reino em cardumes mais ou menos abundantes, sendo considerado um peixe de passagem, em determinadas epochas e sob diversas circumstancias de estado atmospherico e maritimo, que precisam ser estudadas rigorosamente;

2.ª É sempre facil verificar se o solo submarino é limpo ou semeado de pedras, ou rochas, que sejam prejudiciaes á installação de um apparelho d'este genero, para o que é preciso proceder á construcção das cartas de pesca das regiões da costa onde estas armações podem ser estabelecidas;

3.ª A distancia regulamentar mantem-se desde que as posições sejam definidas com rigor, por meio de distancias angulares entre pontos perfeitamente determinados, e não por marcas na terra, como actualmente se faz, porque geralmente estas marcações são indeterminaveis, bastando dar para exemplo: «a malha da serra pela ponta da rocha», ficando-se em duvida sobre o ponto da malha que deve servir de referencia e qual foi a ponta e qual a rocha que se tomou para marca, por isso que o seu reconhecimento depende da informação de pratico, que póde indicar o que lhe aprouver ou a falta de reminiscencia lhe fizer improvisar de momento.

E a falta de rigor nas marcações é o sufficiente para que uma armação se possa deslocar 200 a 300 metros e mais, sem haver meio de rectificar qual a verdadeira posição que lhe foi concedida para lançamento, facto que todos os dias se está a dar pela falta de precisão na determinação do ponto indicado na concessão, devendo notar-se que mesmo pelo systema angular, nunca os angulos devem ser menores do que 30°, nem maiores de 120°, nem os pontos escolhidos para referencia devem estar na mesma circumferencia de circulo com o ponto concedido, caso unico em que o problema geometrico dá indeterminação;

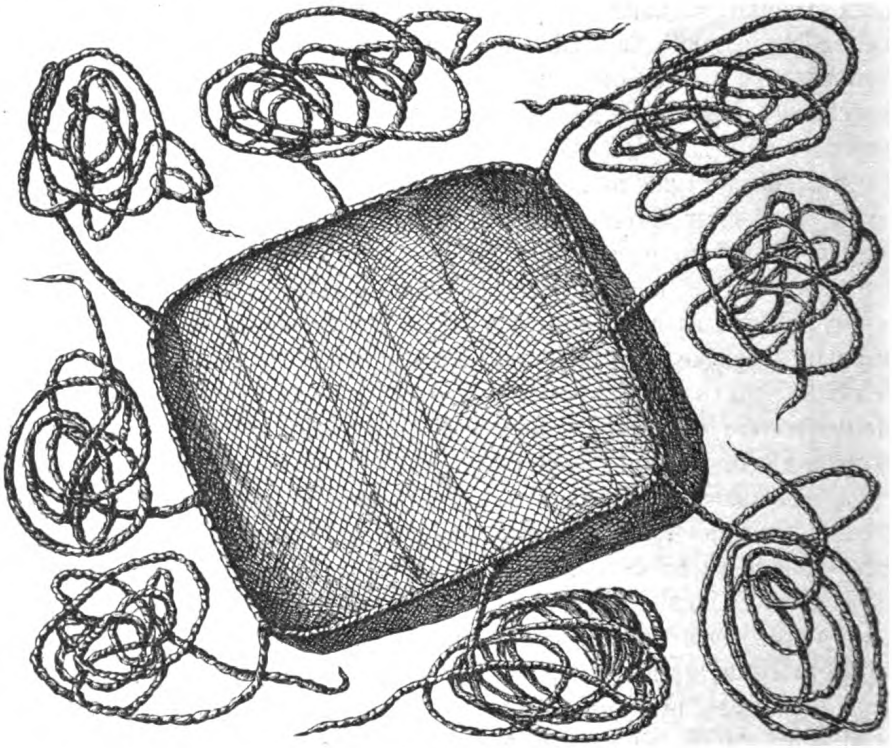
4.ª Emquanto á distancia maior ou menor a que as diversas armações de uma determinada região ficam do porto, circumstancia esta que forçosamente se ha de dar desde que houver muitos d'estes apparelhos, só é possivel igualar o tempo de trajecto empregando lanchas a vapor para o transporte da pescaria dos mais distantes; mas se a proximidade do porto é uma grande vantagem, póde o estado pôr em praça a arrematação dos locaes, preferindo o preço mais elevado para as mais proximas, equilibrando assim na venda, com os encargos de posição, as que estão mais distantes e as menos afastadas.

Armações de sardinha redondas. — Estes apparelhos apenas se usam desde longa data na enseada de Peniche, sendo lançados algumas vezes no mar da Berlenga e na enseada da Pederneira.

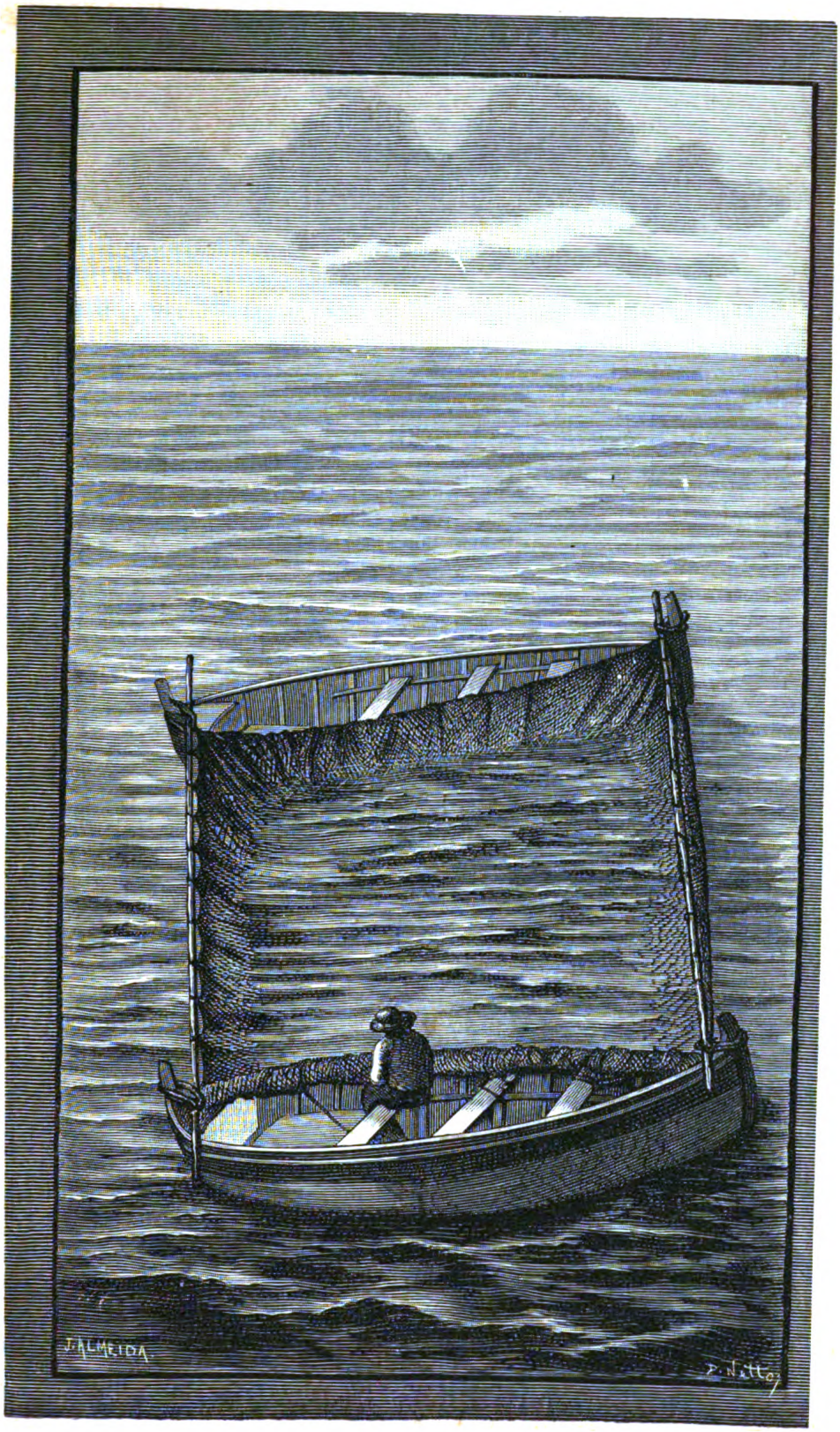
Constam estas armações de um quadrado de redes verticaes, com uma abertura em um dos lados, uma barreira de rede para dirigir o peixe, e tres redes volantes para o apanharem dentro do quadrado.

Este apparelho compõe-se da *encoadura* –EE– *caça* –B– e *bóca* –C– que constituem a parte fixa, *encantadeira, sacada* e *enchelevar,* que formam as redes volantes, para a faina da pesca do peixe que entrou no espaço limitado pelas redes.

A *encoadura* é formada por quatro redes verticaes, estabelecidas desde a superficie até ao fundo, chamadas *quartos,* medindo de comprimento 28 metros, por serem construidas com quatorze *talhos*, geralmente, de 2 metros de largura cada um. Estas redes têem na tralha superior fluctuadores de cortiça e na debaixo uns pesos de barro, denominados *bolos,* figura junta, que são fabricados na povoação de Giraldes, proximo de Peniche. A malha dos *quartos* feitos de rede de linho, tem 20 millimetros de lado.



Sacada das armações



Encoadura

Este quadrado de rede é orientado N.-S. e na face do N. tem a meio o *vão da bôca* –C– com 10 metros de largura, sendo esta munida de duas redes convergentes, a que dão o nome de *linguas* –D e D.

A *caça* é uma rede vertical, com malha de 50 millimetros de lado, que parte do canto de W. da *bôca* e que se dirige para o N., a ligar na primeira armação da terra com a pedra dos Corvos, –A– e nas seguintes, que se desenvolvem para o S., com a *alça do cabo das linguas,* que divide o quadrado a meio. Cada caça tem 22 braças de comprimento, costumando deitar duas, ou duas e meia caças, conforme as condições da marcha da sardinha, attingindo 109 metros o comprimento total.

A *encóadura* é fundeada com seis fateixas de tres arrobas cada uma, com corrente junto ao fundo, nos cantos e a meio dos lados para W. e para E.

A *caça* tambem é fixa por meio de fateixas, regulando duas, lançadas para o mar e para a terra, em cada quartel de 22 braças.

Das redes volantes: a *encantadeira* é uma rede de linho de um panno com malha de 20 millimetros de lado, chumbada na tralha inferior e com cortiçada na de cima, constituindo propriamente uma rede de cerco. A *sacada,* tambem de um panno, tem a malha de 8 millimetros de lado; e o *enchelevar* é feito de um sacco de rede miuda, tendo na bôca um arco de madeira.

Mais adiante veremos como estas redes funccionam.

A cada *armação redonda* pertencem sete a nove barcos, sendo uma ou duas lanchas e seis ou sete bateis.

A companha é geralmente composta de vinte homens, muito embora conte algumas vezes dezesete homens e dois rapazes, ou menos ainda.

Uma *armação redonda* completa, com embarcações, importa em réis 2:500$000.

Actualmente lançam na enseada de Peniche, N.-S. com a Pedra dos Corvos, nove d'estes apparelhos.

O regimen d'este lançamento é regulado por uma postura municipal muito antiga. No 1.º de janeiro de cada anno, cada armação toma um numero e tiram á sorte a posição que lhe deve pertencer a partir do N. para o S.; d'ahi em diante, de oito em oito dias, a primeira armação do N., que está ligada á Pedra dos Corvos, suspende e vae lançar ao S. no logar da ultima, e todas tambem suspendem e tocam ao N. Actualmente esta mudança realisa-se á terça feira.

Depois de terem tirado as sortes, vão as armações para o mar logo que começa a apparecer sardinha na costa, e prolongam a temporada de pesca, geralmente até setembro, emquanto ha abundancia de peixe.

A marcha da sardinha faz-se do SW. para o NE. até ensacar na curvatura da costa comprehendida entre o Cabo da Roca e o Cabo Carvoeiro e Berlenga, e depois este peixe contorna a terra, ao longo d'ella, do S.

para o N. e depois de E. para W., encontrando n'esta direcção a barreira de redes das armações redondas e seguindo a orientação das *caças* entra pela *bôca* d'estes apparelhos, ficando encurralada dentro do quadro. Dado isto, é que partem de terra as embarcações com a companha para ir apanhar o peixe, manobra que chamam ir *encantar,* porque no mar junto ao apparelho apenas costuma estar um batel, amarrado á alça do cabo das linguas, que denominam *Mourão.*

A faina de *encantar* executa-se da seguinte maneira: solta-se o cabo das *linguas* e cruzam-se estas tapando o vão da *bôca;* em seguida, a partir geralmente, do canto de E. da *bôca,* larga-se a *encantadeira* fazendo o cerco do peixe no sentido de E. para W. pelo N., e de W. para E. pelo S., e depois vae-se pouco a pouco apertando o cerco até conduzir o peixe para o canto do NE. Tendo o peixe reunido n'este canto, larga-se para o fundo a *sacada* e vae-se alando horisontalmente até á superficie, trazendo o peixe em cima, apanhando-o então com os *enchelevares* e deitando-o para os bateis, que o conduzem para terra. Quando ha escassez de peixe e os proprietarios se propõem a especular com elle até obter um preço elevado, formam o que na localidade chamam uma *encôadura,* isto é, um quadrado de rede, como o corpo de uma armação, onde conservam fechado o peixe, como se fôra n'um viveiro, e d'aqui o vão tirando pouco a pouco e lançando no mercado.

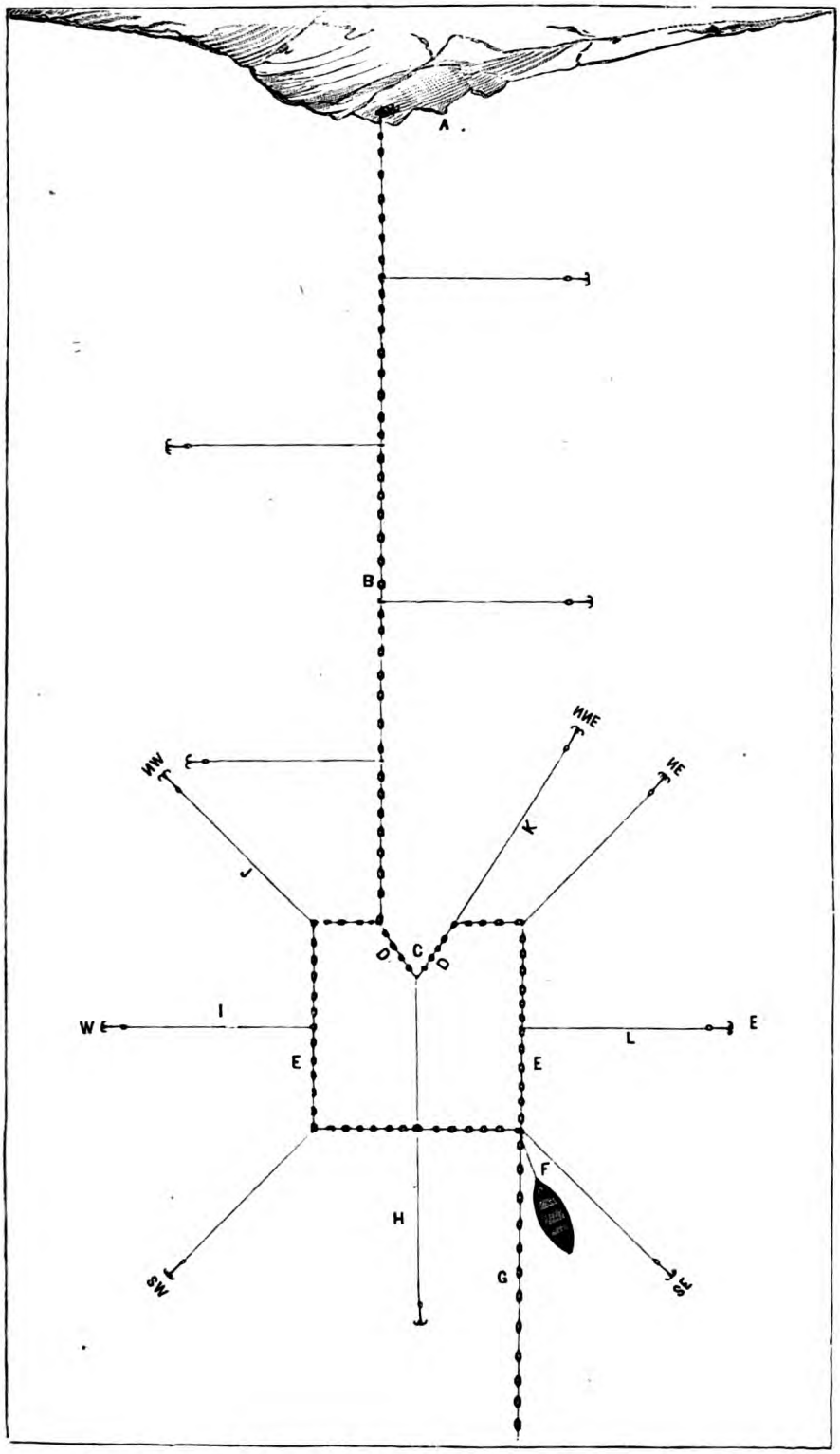
Do valor do peixe vendido, é metade para o dono da armação e a outra metade para dividir pela *companha,* mas esta divisão não se faz logo, e é o proprietario que recebe todo o producto da pesca, e que só no fim da temporada entrega a cada homem a parte que lhe coube em remuneração do seu trabalho, systema este que obriga os pescadores a pedirem emprestado, ou a procurarem em outras pescas, quasi sempre escassas, as quantias de que precisam para a subsistencia quotidiana, dando em resultado o estarem constantemente empenhados, por isso que os adiantamentos — *para o que Deus der* — como elles dizem, e os juros, lhe absorvem toda a parte que lhes compete, ficando a maior parte das vezes ainda devedores, e assim de anno para anno vão vivendo sempre na miseria e na dependencia absoluta dos proprietarios das armações de pesca.

Em 1885 havia doze d'estes apparelhos, com cento noventa e dois homens, pertencentes ás companhas, e em 1886 o numero de armações era de dez e o de homens cento quarenta e tres.

Actualmente são seis os proprietarios das nove armações redondas de Peniche e formam uma *parceria.*

No verão costumam lançar tres ou quatro d'estes apparelhos no mar da Berlenga.

Alem da sardinha, entra nas armações toda a qualidade de peixe, sendo até muito importante a pesca da cavalla e do chicharro, que n'ellas se faz.



Planta das armações redondas de Peniche

Como se vê a composição de uma armação redonda é muito mais simples do que a de uma armação valenciana, mas não dá o resultado d'esta, porque as suas dimensões são muito reduzidas e não possue as condições de resistencia necessarias para se aguentar no mar quando ha correntes fortes ou quando as aguas se encapelam, circumstancias estas que prejudicam a quantidade de peixe que póde entrar no corpo da armação e o numero de dias uteis de permanencia no mar e de exploração.

APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE DE CERCO VOLANTE

Estes apparelhos são feitos de redes de um unico panno, possuindo pesos na tralha inferior e cortiças na superior, e lançam-se verticalmente dentro de agua, começando por uma das extremidades, e cercando com elles uma determinada zona maritima até largar toda a rede e o outro extremo juntar ao primeiro, ficando por esta fórma envolvido todo o peixe que se achava n'esta zona.

Os apparelhos d'este genero que se usam em Portugal na pesca costeira, são: *Galeão, Barca-volante, Tarrafa, Atalho* e *Coador*.

Galeão. — A rede de *galeão* é uma arte de cerco que se emprega, ora perto, ora longe da costa, limitando um determinado espaço, onde o peixe fica contido, e podendo, mesmo ao largo, sem ser perciso arrastar para terra, diminuir pouco a pouco esse espaço até que o peixe se accumule em uma unica rede, de onde possa ser tirado para os barcos. O *galeão* usa-se em toda a costa do Algarve e na costa occidental do cabo de S. Vicente ao da Roca, destinando-se á pesca da sardinha. Para o norte d'este ultimo cabo, até ao Minho, não se emprega este systema de pesca em nenhum ponto da costa do reino.

O apparelho de *galeão* compõe-se de duas partes principaes: a *copejada* e as *bandas* ou *alares,* constituindo a primeira a peça onde se *copeja,* ou apanha o peixe, e as ultimas os pannos de rede que o cercam e encaminham até á primeira.

A *copejada* tem a fórma de um sector de circulo com 60 metros de raio e 96 metros de arco, e é composta por differentes redes com malhas diversas que se ligam a seguir umas ás outras pelos lados maiores. A de cima, denominada propriamente *copejada,* tem a fórma rectangular, medindo 96 metros no lado maior e 32 metros no lado menor, a metade superior d'este rectangulo chama-se *copejada alta* e a metade inferior *copejada baixa,* sendo feita de rede espessa com malhas de 8 a 10 millimetros de lado.

A rede de baixo, chamada *rainha,* é triangular, e tem de lado 28 metros, sendo feita, com malha de 22 millimetros, em duas peças, conheci-

das pelos nomes de *corpo da rainha* e *saia da rainha,* ligadas uma á outra. A *copejada* cose na *rainha* por meio de uma tira de rede de fio grosso em segmento, denominada *rainheta,* tendo a malha 25 millimetros de lado.

Estas differentes redes, depois de ligadas, franzem, formando uma especie de *bolso* ou *seio,* com a configuração que acima dissemos.

As *bandas* ou *alares* são feitas cada uma de um muro de rede, com malha de 45 millimetros de lado, com a fórma trapezoidal, medindo de comprimento na tralha superior 370 a 410 metros; na testa maior que liga com a *copejada* e *rainha,* 60 metros; e na *ponta* livre 30 metros de altura.

O *galeão* constitue todo uma rede continua com o desenvolvimento de 800 a 900 metros, sendo munido na tralha superior de boias de cortiça e na inferior de pesos de chumbo, chamando-se a primeira *linha de fluctuação* e a segunda *linha dos prumos.*

Para o lançamento d'este apparelho emprega-se um barco denominado *galeão,* com 16 a 20 metros de comprimento, 3 a 4 metros de bôca e $0^{m},9$ a $1^{m},5$ de pontal, que conduz a rede, sendo coadjuvado na faina do lançamento e copejação —*calar*— e na conducção da pescaria por seis ou sete embarcações de menor porte, denominadas *galeonetes, buques, canoas* e *botes.*

A *companha* de uma arte d'este genero compõe-se de sessenta a oitenta homens, distribuidos pelas differentes embarcações.

O custo de uma arte de *galeão* completa é de 5:000$000 réis.

A despeza annual de conservação e renovação do material orça por 2:250$000 réis.

A despeza annual com salarios e comedorias de uma companha de sessenta homens regula por 2:700$000 réis.

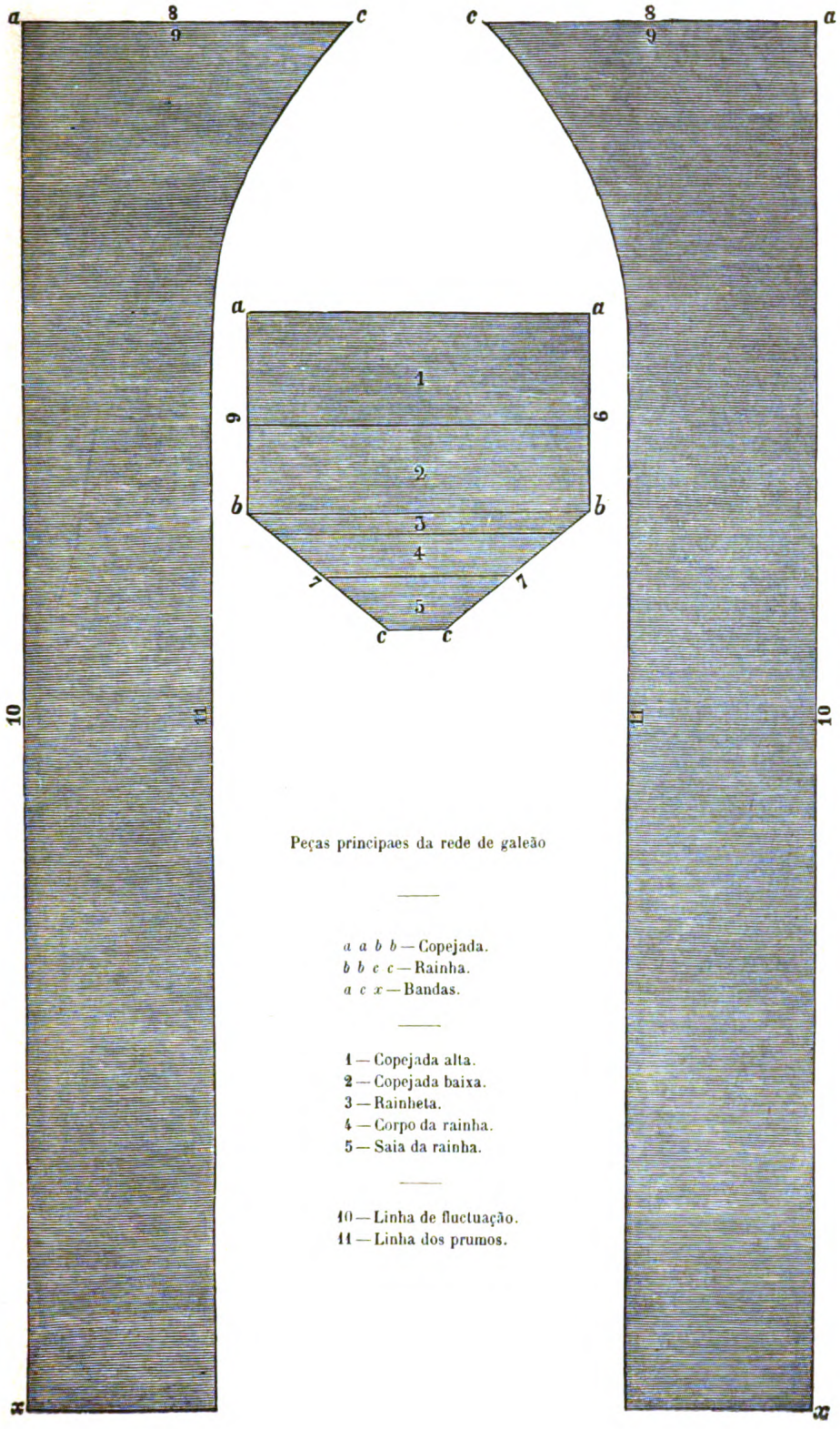
Vamos agora ver as condições em que este apparelho funcciona e a maneira de o empregar.

O *galeão* lança-se de dia e nas noites escuras com agua parada, ou mesmo havendo corrente, costumando as embarcações sair para o mar das tres ás seis horas da manhã, ficando algumas vezes fóra, quando o tempo é bom para a pesca de noite, especialmente nos escuros da lua, sendo então que fazem maiores lanços de sardinha.

Os pescadores aguardam o momento de ver o cardume para largar a rede, exceptuando nos mezes de novembro e dezembro, nos quaes costumam lançar ao acaso, quando vêem aves maritimas sobre as aguas, porque n'estes dois mezes a sardinha conserva-se a uma certa profundidade, e raras vezes se avista o cardume.

A profundidade em que o *galeão* póde calar, varia de 10 a 40 metros, sendo porém a altura de agua mais favoravel á sua manobra de 18 a 28 metros.

A rede é conduzida pelo *galeão,* colhida a ré, de maneira que fique por baixo um dos *alares,* depois a *copejada* e em cima a *banda* que se ha de lançar primeiramente ao mar.



Peças principaes da rede de galeão

---

a a b b — Copejada.
b b c c — Rainha.
a c x — Bandas.

---

1 — Copejada alta.
2 — Copejada baixa.
3 — Rainheta.
4 — Corpo da rainha.
5 — Saia da rainha.

---

10 — Linha de fluctuação.
11 — Linha dos prumos.

A faina do lançamento começa pela sondagem da profundidade e natureza do fundo, e em seguida deita-se a rede por bombordo, principiando por uma das pontas, a qual fica atracada e segura a um dos *buques,* que larga ferro no ponto onde o lançamento começou, sendo a rede a partir d'este ponto atirada ao mar de modo que não tome volta nem se enrasque, descrevendo o circuito que o *galeão* vae percorrendo a remos, convenientemente dirigido pelo arraes até chegar ao ponto de partida, e ficando portanto, depois d'esta manobra, a rede mergulhada verticalmente dentro de agua, desde a superficie até ao fundo, contornando e limitando o espaço onde estava o cardume.

Realisado isto, vão tres buques tomar posição junto da *copejada,* aguentando-a um a meio e um em cada extremo, e o *galeão* passa o *retador* ao buque que primeiramente havia fundeado. O *retador* é uma espia que segura o *galeão* durante a faina que se vae seguir, á medida que elle se desloca atravessado á corrente.

Tomadas estas precauções começam de bordo do *galeão* a metter as duas pontas das *bandas* dentro, e vão solecando a espia pouco a pouco, não só para aguentarem a embarcação, como tambem para mais facilmente irem mettendo as *bandas* dentro, caindo para o lado dos tres buques que amparam a *copejada.*

A fim de evitarem, quanto possivel, a saida do peixe pelo vão que se fórma entre as bandas por baixo do *galeão,* empregam duas varas grossas, tendo cada uma um fio grosso no extremo com pequenas bandeirolas brancas ao longo e um prumo na parte inferior, que mergulham verticalmente na agua, dando-lhes movimentos de vae-vem para afugentar o peixe d'este lado.

Assim que têem conseguido embarcar as *bandas* e tomar a *copejada,* onde está accumulado todo o peixe, formam as barcas cerco em volta d'ella, e alliviando-a á borda tiram a sardinha de dentro com as redes de *enchelevar,* ou mesmo com *canastras,* e distribuem-n'a pelas embarcações destinadas ao seu transporte para o porto; quando o peso do peixe não é demasiado, mettem tambem a *copejada* dentro do *galeão,* e d'aqui é que dividem a pescaria.

O *galeão* continúa os lanços com os buques, repetindo a mesma manobra tantas vezes quantas as precisas para carregar de pescaria todas as embarcações, ou para apanhar os cardumes que appareceram na sua zona de pesca.

Um lanço de *galeão* demora em condições regulares uma hora e trinta minutos.

O systema de pesca por meio da rede de *galeão* foi importado da Galiza para Isla Cristina, povoação hespanhola fronteira a Villa Real de Santo Antonio, e depois adoptado pelos pescadores d'esta villa e de outros por-

tos do continente do reino, não se tendo no emtanto generalisado muito entre nós, por ser muito despendioso.

Muitos maritimos attribuem a este processo de pesca a qualidade má de afugentar a sardinha da costa, revolvendo o fundo, e prejudicando a pesca das armações de sardinha e das artes de arrastar para terra, porém da construcção do apparelho, da sua maneira de funccionar e das profundidades em que póde calar, não se deprehendem os fundamentos para uma tal asserção, por isso que, sendo uma arte de cerco, cujo fim é unicamente limitar uma zona maritima, envolvendo o peixe até ser apanhado, peixe que, como a sardinha, anda á superficie ou a pequena distancia d'ella, e não sendo propriamente uma arte de arrastar, porque os prumos da tralha inferior são destinados unicamente a assentar no fundo, conservando o espaço fechado, sem permittir que o peixe se escape por baixo; acrescendo mais a circumstancia de que não se larga senão em fundos limpos, onde passa o peixe de transição, entre 10 e 40 metros de profundidade, muito áquem dos bancos de pescaria, onde habitam os peixes domiciliados.

Esta arte de pesca tem a grande vantagem de se poder empregar, como apparelho volante que é, em qualquer região onde afflue a sardinha, não admirando portanto que seja guerreada pelos possuidores dos apparelhos fixos, que estão dependentes de o peixe vir procurar as suas zonas de pesca, e pelos pescadores das artes de arrastar para a terra, que podem unicamente trabalhar até curta distancia da costa.

O *galeão* procura a sardinha, pesca-a onde a encontra; a *armação* e as *artes* de *arrastar* estão á espera que ella venha ao alcance das suas redes.

Na arte de *galeão* as despezas com o apparelho e custeamento, bem como os lucros ou prejuizos, pertencem ao proprietario; os homens que formam a companha vencem soldadas.

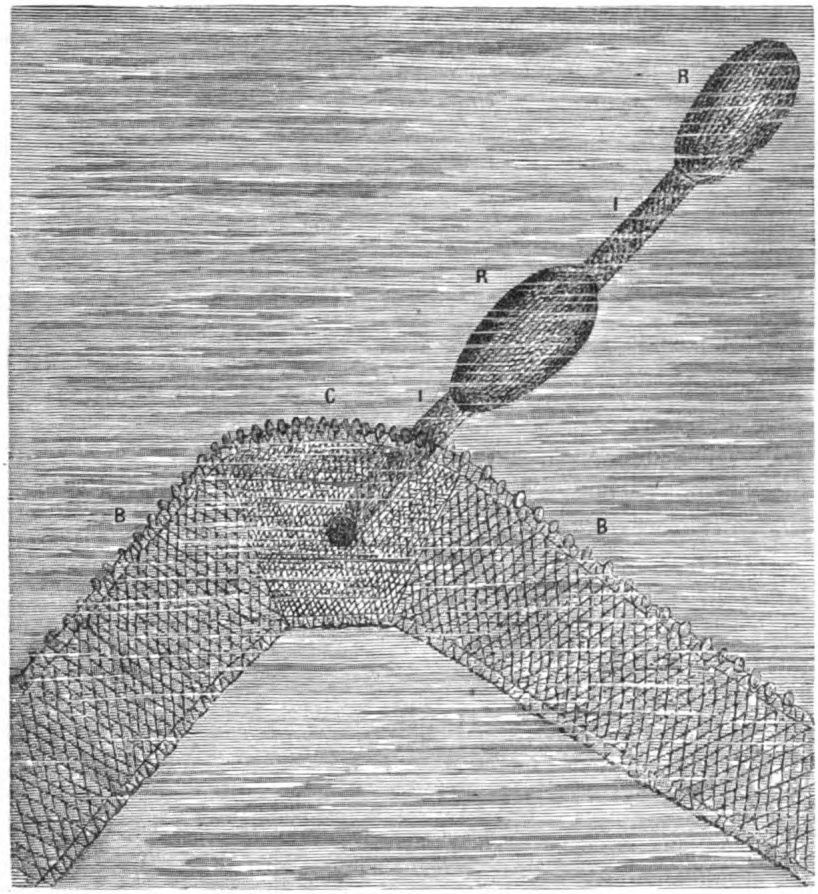
Barca volante. —Este apparelho de cerco volante ou de lançamento circular, ao qual o seu inventor, o sr. Joaquim Garcia, deu o nome de *barca-volante,* não é mais do que uma *arte de galeão* aperfeiçoada, na qual se procuram remediar alguns defeitos, entre os quaes: imperfeita vedação por debaixo da rede, impossibilidade de regularisar a pressão exercida pelas grandes massas de pescaria sobre a copejada, falta de presteza na operação de recolher a rede; preço elevado da arte completa; necessidade de sustentar uma companha bastante numerosa, etc.

Vamos dar uma descripção resumida d'este apparelho, extractando de um folheto publicado pelo inventor em 1885.

A *barca-volante* é composta das seguintes peças: 1.°, de duas *bandas lateraes* –*B* e *B*– iguaes, destinadas a formarem as paredes do cerco com a fórma trapezoidal, medindo cada uma 337 metros de comprimento, 36 metros de altura na base maior do trapezio e 20 metros de altura no *calão*

Cerco de galeão

ou ponta; 2.°, de um systema de 3 peças de rede espessa, *collector –C–*, *injector –I–* e *receptor –R–*, tendo o primeiro a fórma de um sector circular, com 56 metros de arco e 36 metros de raio; o segundo constituindo uma *manga* de rede com 1 metro de diametro e 8 metros de comprimento, e o ultimo um *copo* de fórma ellipsoidal alongada; 3.°, de um panno de rede com 20 metros de comprimento, para fechar ou mascarar os extremos das bandas; e 4.°, do *magistral,* que é um systema formado por um ferro, um cabo e um poste vertical, que se fixa na embarcação *porta-rede*.



Rede da barca volante

As embarcações d'esta arte, são: um *porta-rede,* tres *acostados,* duas *canôas* menores e uma *canôa* maior de 9 toneladas.

O *porta-rede* tem dois cabrestantes, um á proa e outro á poupa.

A *companha* d'este apparelho de pesca consta de vinte e cinco homens.

O custo de uma *barca-volante,* completa, é de 2:000$000 réis.

A despeza annual de conservação e renovação do material está calculada em 900$000 réis.

A despeza annual em salarios e comedorias da *companha* orça por 1:125$000 réis.

Este apparelho póde pescar entre as profundidades de 1 metro e 24m,4, e realisa um lanço completo em uma hora.

O processo de pesca é analogo ao empregado com a arte de galeão, com a differença de o peixe forçado pelo cerco de encontro ao *collector*, passar através do *injector* para o *receptor*, e poderem-se adaptar mais de um *injector* e *receptor*, em seguimento uns dos outros, no caso de grande massa de pescaria dentro do cerco.

A *barca-volante* não se generalisou, como era de esperar que se generalisasse pelos melhoramentos que apresentava em relação aos outros apparelhos da pesca da sardinha, limitando-se o seu emprego ao numero de apparelhos que o inventor mandou construir para experiencia e demonstração do systema que havia composto, com o intuito de aperfeiçoar os processos de uma industria, por assim dizer primitiva, com respeito aos methodos de que lança mão.

Tarrafa.—Este apparelho, usado como rede de cerco volante, apenas se emprega na enseada de Entre Cabos da Roca e Espichel, e na enseada de Setubal para a pesca da sardinha que, com o nome de *tarrafa*, dá entrada nos mercados de Lisboa no fim do inverno e começo da primavera.

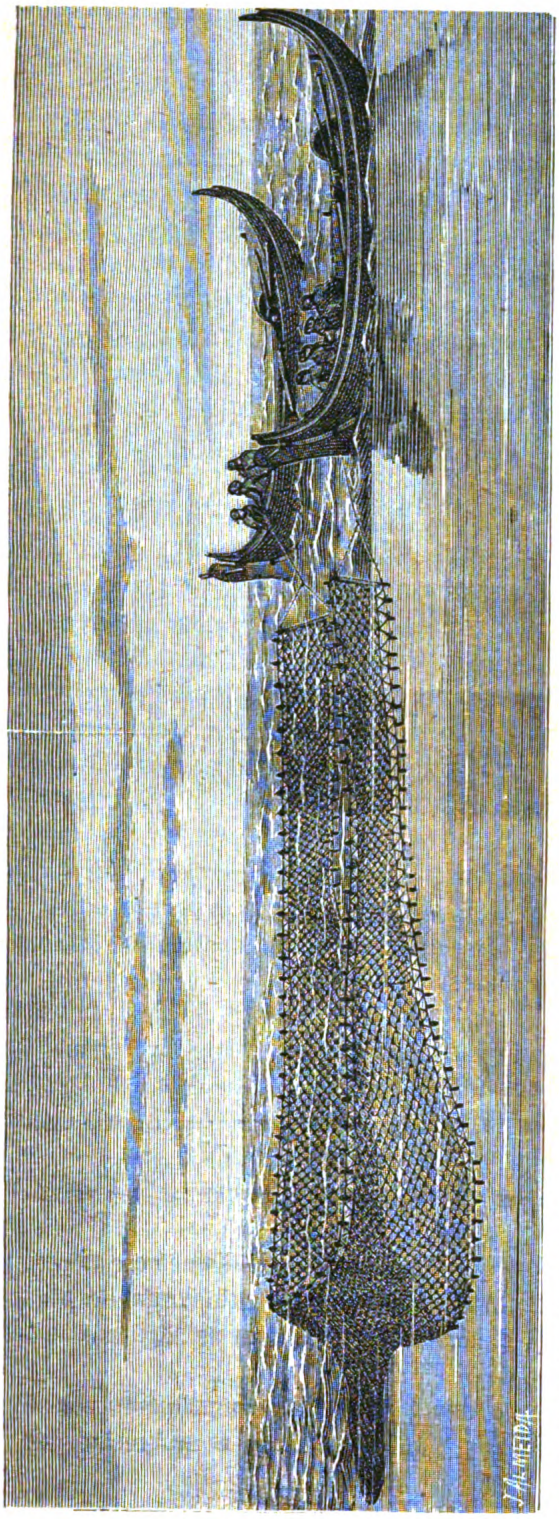
São os pescadores ilhavos, que emigram para o porto de Lisboa durante esta epocha, e os pescadores d'este porto, que se dedicam especialmente a esta pesca, empregando os primeiros uns grandes barcos de fundo chato, e pròa e poupa terminadas em bico recurvado, denominados *ilhavos*, que são tripulados cada um por quinze homens, e os segundos as chamadas *canôas* do alto com coberta corrida ou bailéus, regulando duas de quaesquer d'estas embarcações para cada apparelho d'este genero.

Tanto os ilhavos como as canôas se dedicam a outros systemas de pesca passada a epocha da affluencia d'esta sardinha.

É uma das industrias que maior movimento e utilidade àpresenta para o consumo publico, a da pesca da sardinha com o apparelho denominado tarrafa, porque alem do grande numero de braços que emprega, consegue abastecer o denso centro de população de Lisboa de uma alimentação barata e que vae soccorrer as classes menos abastadas, proporcionando-lhe um genero ao alcance de todos e que, pelas suas propriedades saborosas, dispensa o *conducto* caro indispensavel para acompanhar o pão de cada dia.

A *tarrafa* é uma rede de um unico panno, composta de *sacco* e *mangas*, tendo estas 30 a 40 metros de comprimento para cada lado, e ligando a meio com um rectangulo de rede, do centro do qual se abre o *sacco*.

BODIÃO *(labrus turdus)*, pag. 46



A *tarrafa* fórma toda uma rede continua, tendo de altura a meio 4 a 5 metros, e indo esta decrescendo até attingir 1 metro nos extremos das *mangas;* sendo a tralha superior guarnecida de fluctuadores de cortiça e a de baixo de pesos de chumbo.

A malha das *mangas* tem 20 millimetros de lado, e a do rectangulo central e do *sacco* mede 8 millimetros.

Empregam este apparelho, colhendo-o em uma das embarcações, e indo a outra com um dos extremos das *mangas,* navegando em semicirculo, á medida que o barco porta-rede a vae deitando ao mar, de modo que a *tarrafa,* figura junta, fica mergulhada verticalmente dentro de agua, formando cerco em volta do cardume. Depois começam as duas embarcações mettendo dentro as *mangas* e approximando-se até chegarem ao *sacco,* onde vem a pescaria, o qual é tambem embarcado para bordo de uma d'ellas.

Atalho e *Coador.*—Já vimos a composição d'estas redes de cerco volante, e a sua maneira de funccionar, quando tratámos das *armações de pesca,* podendo generalisar-se o emprego d'estes apparelhos a todas as circumstancias em que é preciso limitar uma determinada zona maritima, seja

com o fim de servir de parede ao peixe, ou simplesmente para o forçar a seguir em uma direcção qualquer.

Antigamente aos *atalhos* davam o nome de *acedares*.

João Baptista da Silva Lopes, na sua *Chorographia do Algarve,* lembra a conveniencia que haveria em ir ao largo com *atalhos* para encaminhar o atum para a terra, approximando-o do campo de pesca das *armações*.

Estes apparelhos de cerco volante empregam-se, em outros paizes, com o nome de *jardins* e *atuneiras (tonnarra),* para a pesca do atum.

Recentemente começa a usar-se na costa do Algarve uma rede de cerco volante, denominada *cerco americano* franzindo pela tralha inferior no momento de copejar, que tem dado excellentes resultados e que promette generalisar-se para a pesca da sardinha.

APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE DE ARRASTAR

Os apparelhos de rede envolvente de arrastar tambem se lançam em cerco, limitando uma zona maritima, mas são em seguida alados pelos extremos de modo que a tralha inferior vá percorrendo o fundo, á medida que elles se deslocam successivamente, occupando zonas iguaes e successivas, segundo uma determinada trajectoria, até que fechem com a terra, ou que contenham a pescaria bastante para se suspenderem.

Os apparelhos d'este genero que se usam em Portugal na pesca maritima, são:

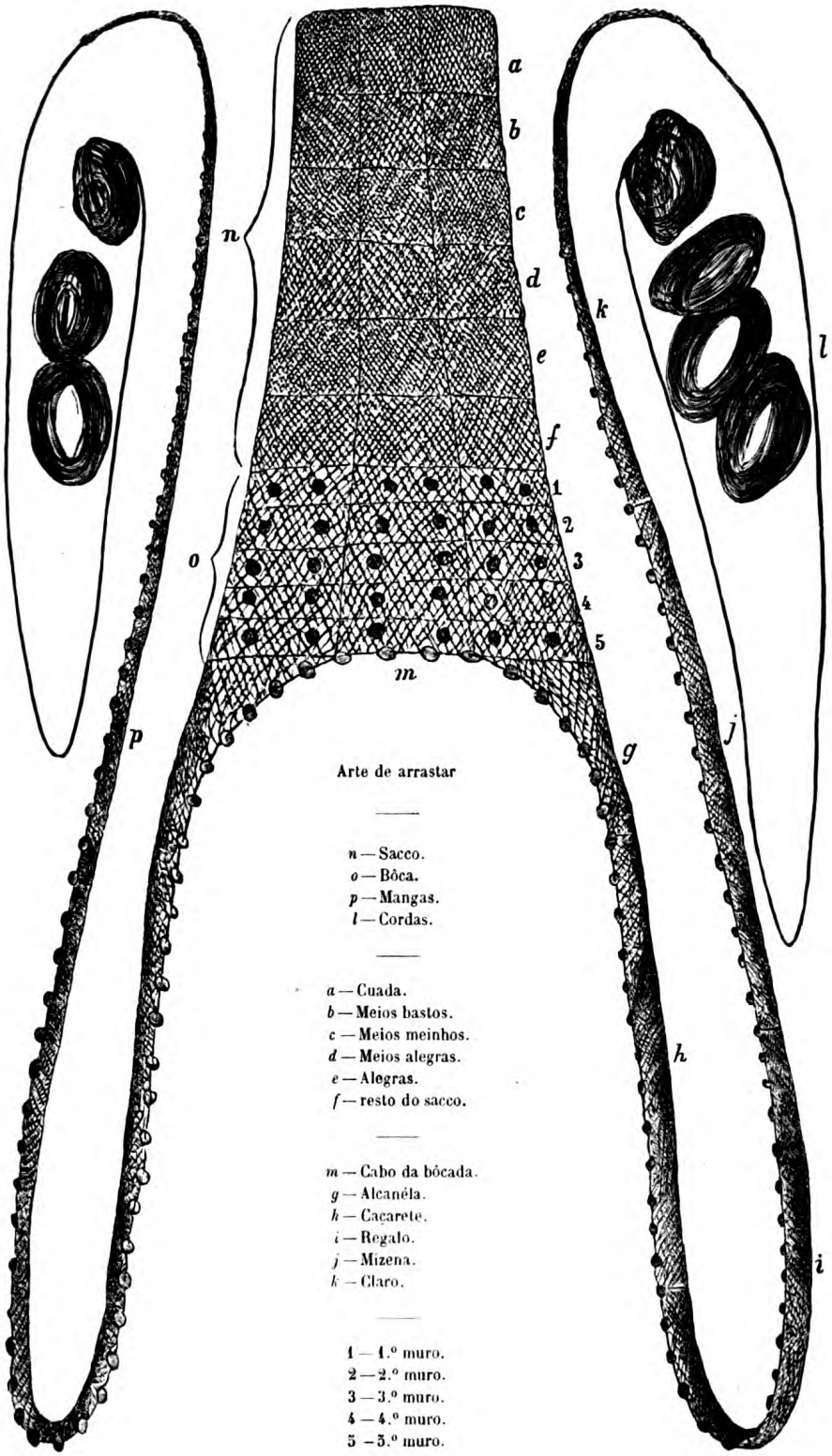
Artes de arrastar, chávega, murgeira, chinchorro on *chinchoxo, chincha, levada, solheira, zorra, rede-pé,* e mais modernamente o *arrasto a vapor,* importação estrangeira para as nossas aguas maritimas do *chalût* ou *beam-trawl,* usados pelos francezes e inglezes.

Artes de arrastar.—Estes apparelhos de rede envolvente destinados á pesca costeira da sardinha, empregam-se na costa occidental do reino desde o Douro até á Nazareth, e na costa de Caparica, sendo construidos com grandes dimensões para alcançarem até grande distancia da terra.

Uma *arte de arrastar* compõe-se de quatro partes principaes: o *sacco,* a *bóca,* as *mangas* e as *cordas*.

O *sacco* é feito de fio de linho com 2 millimetros de diametro e depois encascado. Tem ao todo 19 a 20 braças de comprimento, alargando para a *bóca,* e é formado de redes de malhas differentes com as seguintes denominações:

A *cuada* é o fundo do *sacco,* e tem 3 braças de comprimento com 6 *paineis* de largo, medindo cada *painel* 167 malhas de 8 millimetros de lado.



Arte de arrastar

---

n — Sacco.
o — Bôca.
p — Mangas.
l — Cordas.

---

a — Cuada.
b — Meios bastos.
c — Meios meinhos.
d — Meios alegras.
e — Alegras.
f — resto do sacco.

---

m — Cabo da bócada.
g — Alcanéla.
h — Caçarete.
i — Regalo.
j — Mizena.
k — Claro.

---

1 — 1.º muro.
2 — 2.º muro.
3 — 3.º muro.
4 — 4.º muro.
5 — 5.º muro.

A *cuada* liga com os *meios bastos,* que têem igual comprimento e numero de paineis de largura, mas malha maior com 13 millimetros de lado.

Pegam os *meios bastos* com os *meios meinhos,* nos quaes a malha é de 18 millimetros.

Em seguida continuam os *meios alegras* com 22 millimetros, ligando com elles as *alegras,* com malha de 30 millimetros de lado, e por ultimo o *resto do sacco,* medindo a malha 33 millimetros.

Estas differentes partes que compõem o *sacco* têem todas os mesmos 6 paineis de largura, mas como a malha vae augmentando de grandeza para o lado da *bôca,* augmenta tambem a largura do *sacco* para este lado.

A *bôca* liga com o *sacco,* como continuação d'este, e é formada de cinco redes de malhas differentes denominadas *muros,* que pegam umas ás outras, attingindo um comprimento total de 6 braças.

A malha do *primeiro muro* tem 40 millimetros de lado, a do *segundo* 43, *terceiro* 46, *quarto* 55 e *quinto* 60 millimetros.

A orla de fóra do ultimo *muro* é entralhada com um cabo de cairo ou esparto com 20 millimetros de diametro, denominado *cabo da bôcada,* o qual guarnece exteriormente a *bôca.*

Os *muros* têem na parte superior e a iguaes distancias, boias de cortiça para alliviar a face superior da *bôca,* denominadas *barquinhas.*

Como são cinco os *muros,* segue-se que são tambem cinco as *barquinhas,* tendo cada ordem seis d'estes fluctuadores.

O *cabo da bôcada* é guarnecido por cima com boias, a que chamam *pandas,* e por baixo com *chumbadas.*

As *mangas* ou *braços* ligam com a *bôca* de um e outro lado, e têem de comprimento 144 braças, sendo formadas de redes com malhas differentes, e estreitando para as extremidades.

As *mangas* compõem-se das *alcanéllas, caçarêtes, regalos, mizenas* e *claros.*

As *alcanéllas* são feitas com fio de 1 millimetro de diametro, pegando com a *bôca* de um e outro lado, formando o começo das *mangas,* e têem 4 a 5 braças de comprimento, 300 malhas de altura, com 90 millimetros de lado, sendo guarnecidas de boias na tralha superior e de chumbos em baixo.

Os *caçarêtes* são dispostos em continuação das *alcanéllas,* medindo 8 braças de comprimento e 231 malhas de altura com 145 millimetros de lado.

Os *regalos* pegam com os anteriores, e têem 181 malhas de altura com 220 millimetros de lado.

Seguem-se depois as *mizênas* com 160 malhas de altura de 250 millimetros de lado.

E por ultimo os *claros,* com 111 malhas de altura, com a mesma grandeza de 250 millimetros de lado.

As *cordas* fazem fixe nas pontas dos *claros*, e são feitas de cabo de linho com 15 millimetros de diametro, tendo cada *corda* 18 a 20 braças de comprimento.

Para o arrastamento da *arte* empregam-se algumas vezes cem e cento e vinte *cordas* de cada banda, sendo o mais geral, emendarem-se sessenta a oitenta *cordas*, para que o apparelho tenha um alcance regular.

Cinto de alar as redes

Para deitar este apparelho, colhe-se a rede em um barco, que se lança ao mar, deixando um chicote em terra, e navega-se para fóra, cercando com ella até 10 a 15 braças de profundidade, indo pouco a pouco largando a rede, e trazendo o outro chicote para a terra.

As *cordas* são alliviadas de distancia a distancia por meio de odres, regulando sete ou oito por banda, ou um odre por dez *cordas*.

Depois de estabelecido o cerco, alam o apparelho para a terra, puxando pelas *cordas* até o *sacco* chegar á praia, serviço que é feito por homens, mulheres e menores, e em algumas praias, como na Costa Nova do Prado até ao Douro, com o auxilio de juntas de bois.

Na praia da Nazareth empregam artes mais pequenas do que as que ficam descriptas, a que chamam *netas;* e fazem tambem umas artes de dimensões muito menores, que denominam *netinhas*.

Empregam-se estes apparelhos em Espinho, Cortegaça, Ovar, Furadouro, Torreira, S. Jacinto, Costa Nova do Prado, Areão, Mira, Tocha, Costinha, Quiaios, Buarcos, Cova, Rego de Lavos, Leiroza, Pedrogão, Vieira, Nazareth e Caparica.

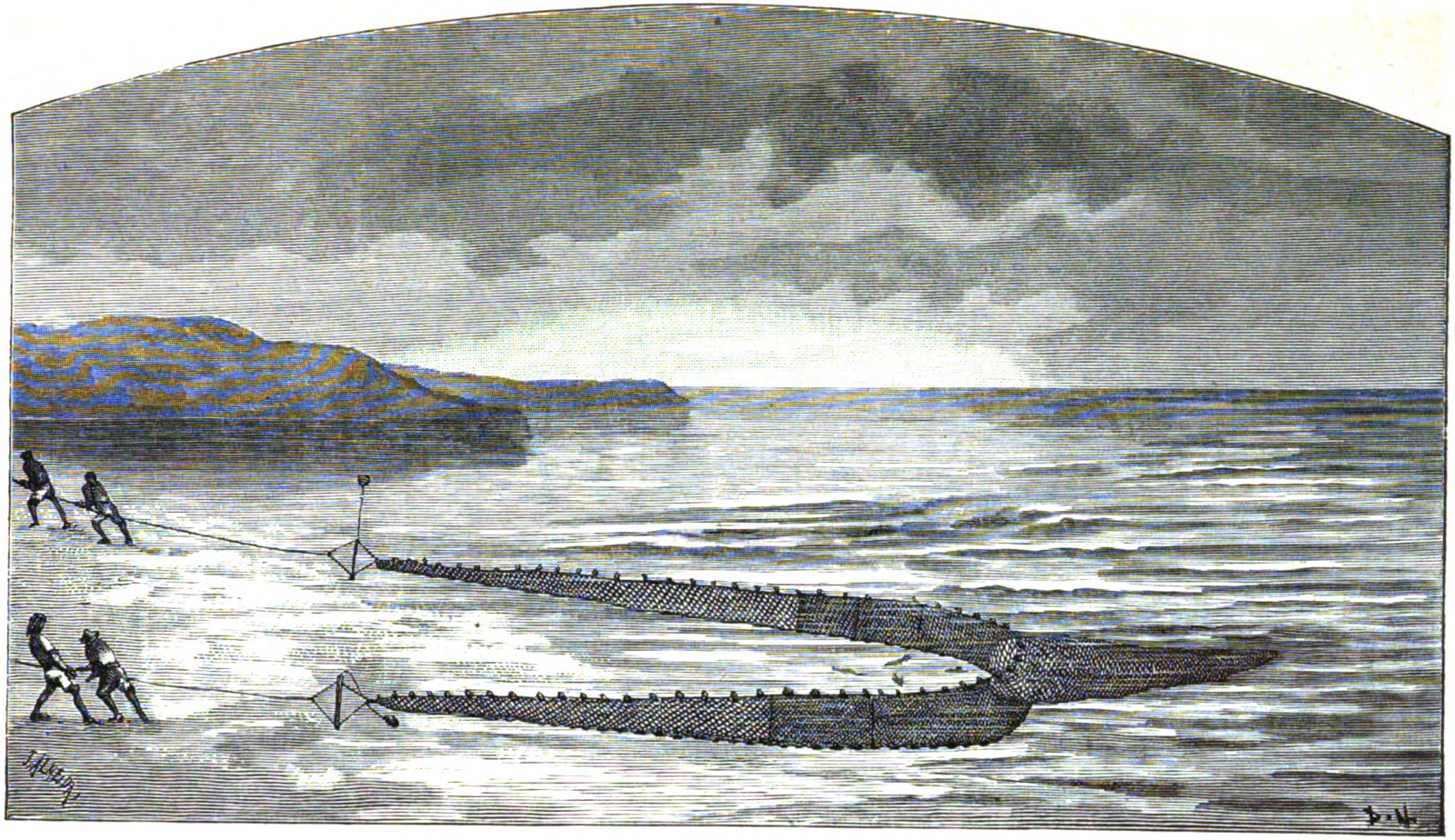
O mais despendioso de uma *arte de arrastar* são as *cordas*, que custam em media 2$400 réis cada uma, o que perfaz em uma arte que deite cento e vinte cordas por banda, a importancia de 576$000 réis, só n'esta parte do material.

A *rede* importa em 250$000 réis a 300$000 reis.

Juntando a estas verbas o custo de dois barcos, teremos que a despeza com todo o material de uma *arte de arrastar*, orça entre 1:000$000 réis e 1:200$000 réis.

São os senhorios ou proprietarios que fazem as despezas de conservação e reparação do material, pagando geralmente soldadas á companha, que consta de quarenta a sessenta homens, vencendo 1$800, 2$400, 3$000 e 4$000 réis por mez, conforme o serviço que desempenham.

Quando o *sacco* chega á terra abrem-lhe a *bôca*, arregaçando a face superior da rede, e tiram a sardinha por meio das redes de *enchelevar*, vendendo-a geralmente em leilão ou *lota* na praia.



Arte de chavega

As *artes de arrastar* para terra não se podem deitar senão em fundos limpos, vulgarmente de areia, e attingem o maximo alcance de 1:000 metros da terra, destinando-se ás especies de peixes em transito ou nomadas, sendo portanto inoffensivas, por isso que não vão destruir comedouros ou pesqueiros de especies domiciliadas, e capturam apenas os peixes que se approximam da costa em cardumes ou isoladamente.

Chávega. — É uma arte, ou rede de arrastar, com sacco, pouco differente da anterior, a que na costa do Algarve dão o nome de *chávega,* e que comprehende, alem do apparelho, um barco chamado *calão* e uma lancha denominada *enviadeira.*

As malhas das differentes redes que compõem este apparelho são mais miudas do que as correspondentes nas *artes* da costa occidental do norte de Portugal, e as dimensões dos pannos tambem são diversas.

A rede de *chávega* consta de *sacco, copo* ou *corôa, bôcas, mãos* ou *braços,* e *cála,* composição similhante á das *artes* do norte, mas com denominações e construcção differentes.

O *sacco* compõe-se de cinco redes de malhagem differente ligadas umas ás outras, denominadas *pannos.*

A primeira, chamada *calimba,* tem 7,5 braças de comprimento e 150 malhas de largura, sendo a grandeza da malha de 5 millimetros de lado.

Segue-se a *contra-calimba,* com 13 braças de comprimento, 175 malhas de largura, e malhagem de 12 millimetros.

Depois, a *entre-crôa,* com as mesmas dimensões da anterior, mas a malha maior, medindo 16 millimetros de lado.

Em seguida, a *amalhadeira,* ainda das mesmas dimensões, mas malha de 20 millimetros.

E por fim, a *segunda dezena,* com 11 braças de comprimento, 150 malhas de largura, e malha de 24 millimetros.

A *bôca* é feita de um panno com 11 braças de comprimento, 150 malhas de largura, com 32 millimetros de lado, seguindo-se-lhe as *caixas,* com 9,5 braças de comprimento, 165 malhas de largura, e malha de 50 millimetros.

As *mãos* ou *braços* compõem-se de quatro pannos de redes differentes, chamadas: *alcanéllas, caçaretes, regálos* e *claros.*

As *alcanéllas* têem 17,5 braças de comprimento, 300 malhas de largura e malha de 60 millimetros.

Os *caçarêtes* têem 37,5 braças, e duzentas e sessenta malhas de 120 millimetros.

Os *regálos* 37,5 braças e cento e cincoenta malhas de 200 millimetros.

Os *claros* compõem-se de cem fileiras de malhas, com 288 millimetros de lado.

A *bôcada* e as *mãos* ou *braços* são entralhados com cordas de esparto.

A *cála* comprehende as cordas de alar e arrastar a rede, que são de esparto, medindo 24 braças de comprimento cada uma por 1 pollegada de grossura.

Emenda-se o numero de cordas correspondentes á distancia da terra a que o apparelho é deitado.

As redes são construidas com fio de linho, empregando-se geralmente as mulheres n'este trabalho, e os homens depois em coser os pannos.

A rede depois de feita é mettida em alcatrão fervido em agua doce.

O *copo* precisa ser renovado todos os annos e as mãos de dois em dois annos.

A *companha* d'este apparelho fórma sociedade com o proprietario, e compõe-se do mestre, mandador, arraes e dezeseis a vinte e quatro companheiros.

De toda a pescaria, tira-se um terço para o custo e conservação da arte; e dos dois terços fazem-se quinhões iguaes, competindo tres para o barco, dois para o arraes, e um para o mestre e para cada companheiro.

Quando a pescaria enche demasiadamente o *copo, degolam fóra* antes de o alar para a praia; isto é, abrem-no fóra, e tiram para os barcos que apparecem no local o peixe necessario para alliviar a rede.

A *chávega* importa completa em 1:000$000 réis, e leva quatro horas para fazer um lanço de pesca. Este apparelho não é nocivo á conservação dos fundos, porque se emprega em sitios onde o corso do mar é mais violento.

Murgeira. — Este apparelho tem a fórma das redes antecedentes, mas tem uma composição mais simples, e é de menores dimensões.

As *mangas* medem 50 metros de comprimento, variando a grandeza da malha entre 25 a 35 millimetros.

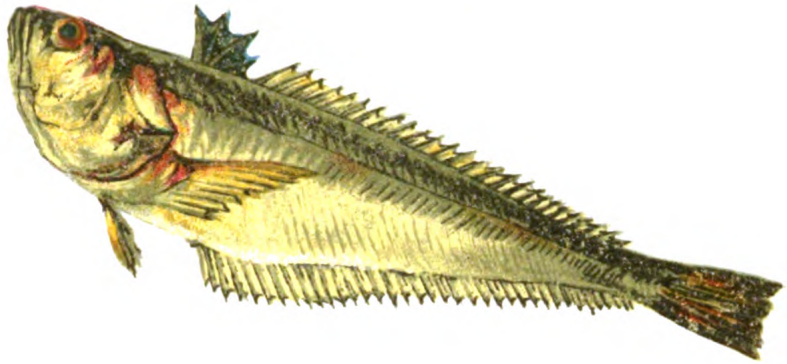
A altura da rede a meio é de 8 metros, e vae decrescendo pouco a pouco até ás extremidades das *mangas*, onde mede 1 metro.

O *sacco* tem 4 metros de comprimento e 6 metros de diametro na *bôca*, sendo construido com malha de 3 a 4 millimetros de lado.

Lança-se como as outras artes de arrastar, demandando porém uma *companha* menos numerosa, com quinze a vinte homens, e emprega-se geralmente na embocadura das barras, exigindo tres a quatro embarcações pequenas para o seu lançamento, sendo uma para deitar a rede em cerco e as restantes para alliviarem as *mangas*, durante o arrastamento, a fim de evitar que os peixes saltões se escapem, galgando por cima.

Este apparelho é mais vulgar nas immediações da costa de Aveiro, onde tambem se usa dentro da ria nas *callas* mais profundas e largas.

O producto da pesca é dividido em quinhões, competindo cinco quinhões ao barco e rede, e um quinhão a cada homem.



J. Almeida

ESCORPIÃO *(trachinus vipera,* Cuv.), pag 47

Chinchorro ou *chinchoxo.* — É uma rede envolvente de arrastar, construida como a anterior, mas de menor grandeza, que se lança apenas com oito a dez homens, e que se emprega em sitios menos profundos.

As *mangas* têem de comprimento 20 a 25 metros e uma malhagem de 10 millimetros de lado.

A altura da rede a meio tem 2 metros a $2^{m},5$ e nas extremidades das *mangas* $0^{m},50$.

É usada em quasi todas as costas onde ha pesca de arrasto, quando não ha numero de braços sufficientes para deitar os apparelhos do mesmo genero de maiores dimensões e está mais generalisada na costa occidental, de Lisboa para o sul, comquanto outros systemas de pesca costeira tenham mais voga e deem maior resultado.

N'este apparelho, vence o barco e a rede quinhão e meio e os homens uma parte cada um. Usa-se na costa da Galé, Melides, Santo André e Sines. O chinchorro vae representado á margem.

Chincha. — É o apparelho de rede envolvente de arrastar, com sacco, de menores dimensões, que se emprega em sitios baixos, tanto

na costa, como nos bancos das barras e bacias litoraes. As *mangas* têem de comprimento 15 metros, medindo a rede a meio 1^{m},50 a 2 metros de altura, e sendo a malhagem como no *chinchorro*.

É manobrada apenas com dois a tres homens.

N'estes cinco typos de redes de arrastar para a terra, temos descripto os apparelhos d'este genero, que se podem considerar de rede envolvente com sacco, passando em seguida a tratar d'aquelles que apesar de não terem sacco onde se accumule a pescaria, são no emtanto tambem de arrastar pelo fundo para a margem, envolvendo os peixes no bolso ou seio da rede.

Bugiganga. — Compõe-se esta rede de duas bandas lateraes com 20 metros cada uma e malha de 25 millimetros de lado, e de um panno central com 9 metros e malhagem de 10 millimetros. Este panno dobra ao meio e tem as tralhas cosidas em cima e em baixo formando um copo, onde se recolhe a pescaria.

Lança-se este apparelho com o auxilio de duas embarcações, uma que fundeia na costa e outra que vae largar a rede em frente da praia, vindo depois para junto da primeira e alando-a em seguida para a terra.

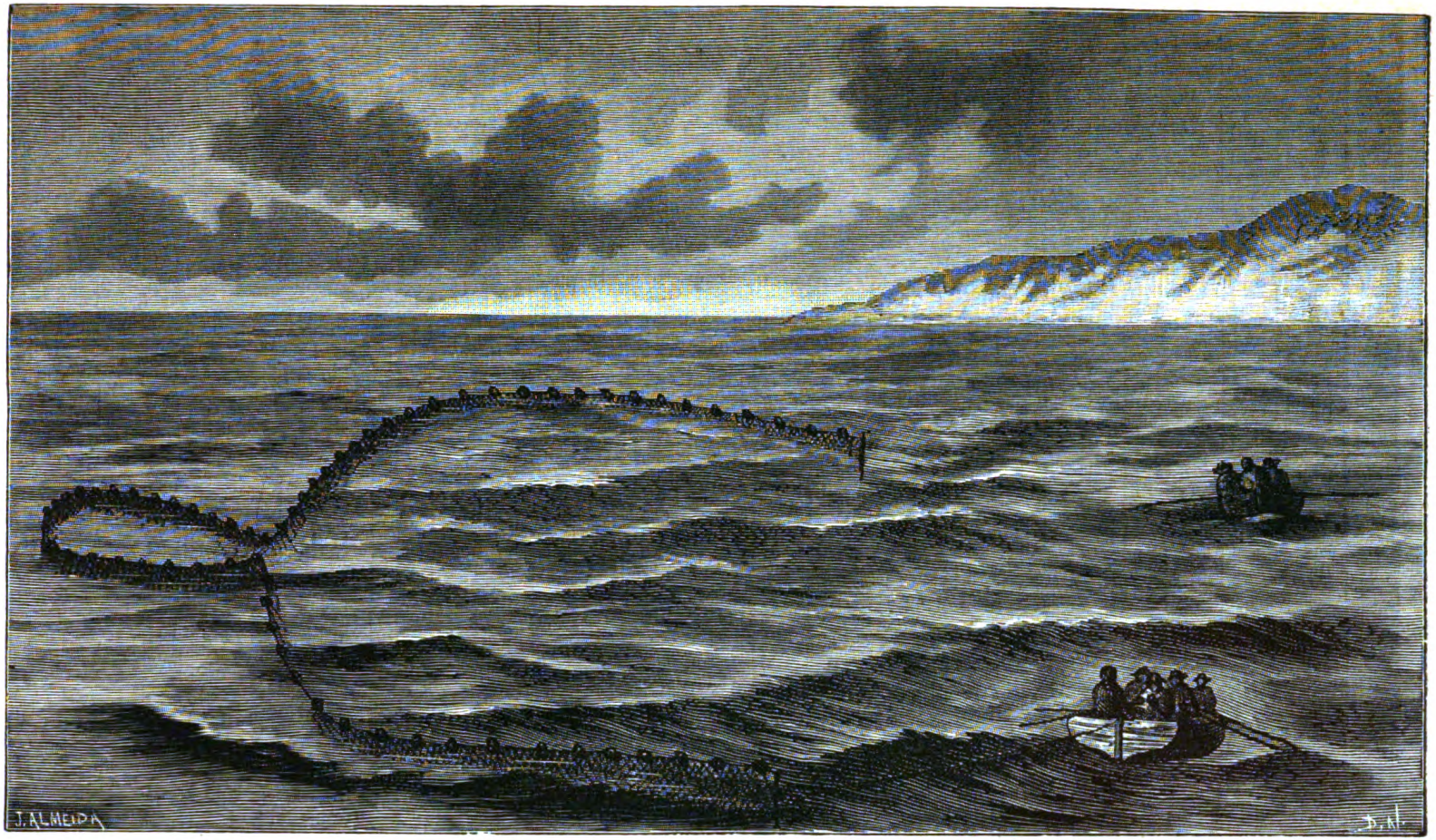
Lavada. — Nome que dão na costa do Algarve a uma pequena rede de arrastar, com seio tendo as dimensões approximadamente do *chinchorro,* e com *calamento* de *cordas* de esparto.

A *lavada* é composta de *seio* e duas *mãos* de rede, com 15 a 16 pannos de cumprimento, o que dá uma grandeza total de 40 braças entre as pontas, tendo de altura a meio 7 braças; o *seio* é feito com quatro pannos. Este apparelho é construido com guita, tendo a malha 11 millimetros, de lado.

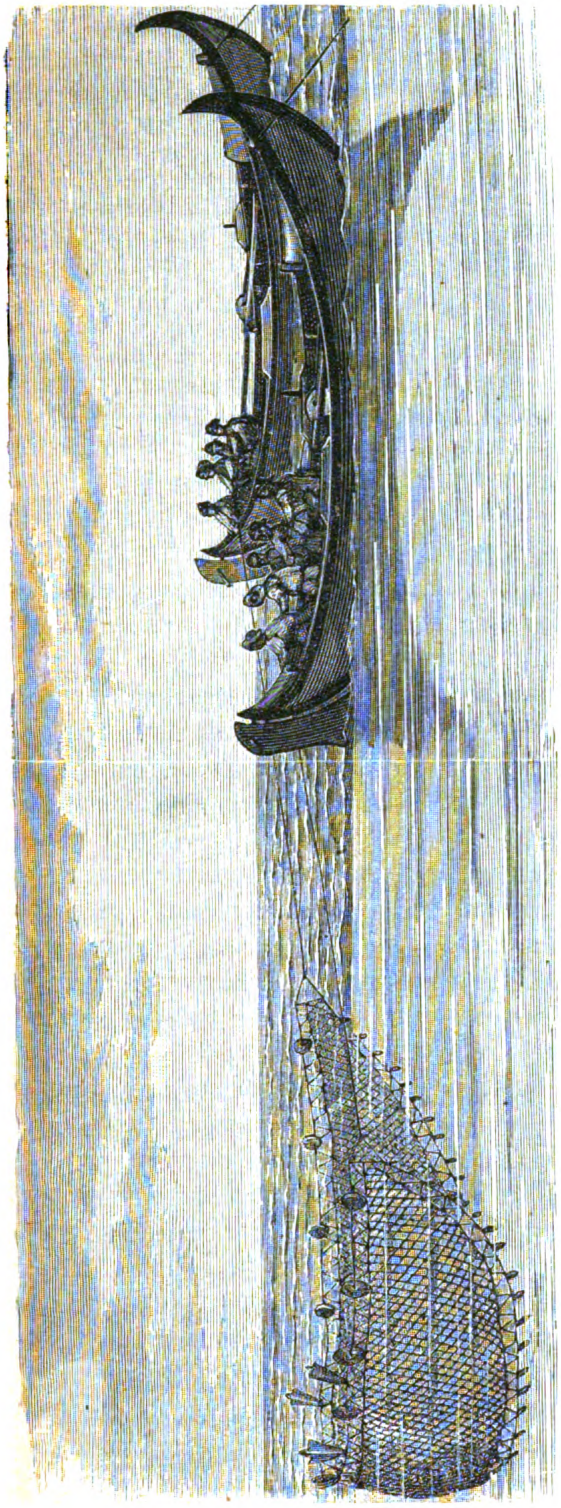
Solheira. — Na costa do Algarve usam de uma rede de um panno só, munida de chumbos na tralha inferior e cortiças na de cima, não tendo sacco, mas um *bolso* ou *seio* ao centro, que arrastam para a terra, muito proximo da costa e das margens das rias, destinada á pesca das solhas e linguados.

Zorra. — É uma rede envolvente de arrastar, composta de *mangas* e *bolso* ou *seio,* ao centro, que empregam em quasi toda a costa occidental do reino para a apanha do caranguejo, que com o nome de *pilado, mexoalho* e *escasso,* usam como adubo no amanho das terras.

A tralha superior é guarnecida de cortiças e a de baixo com *cacos* circulares a servirem de pesos. Uma rede d'este genero importa em 22$500 réis feita em Ilhavo.



Rede Mugiganga



Para a largar empregam dois barcos de fundo chato, *varinos,* que colhem metade da rede cada um, e em seguida afastam-se e vão deitando-a ao mar, formando cerco, alando-a depois parallelamente á costa por meio dos *alares,* percorrendo um determinado espaço sempre a arrastar, até que a vão puxando para bordo pelas *mangas,* approximando-se os barcos pouco a pouco até chegarem ao seio, que a rede fórma ao centro, onde vem o caranguejo, o qual é tirado aos cestos, igual numero para cada embarcação. A figura marginal mostra a zorra.

Rede-pé. — Rede de arrastar de um unico panno, com 14 braças de comprimento, e 1,5 braça de altura, feita com fio de linho e depois encascada.

Tem de altura 32 malhas de 20 millimetros de lado.

A tralha superior é guarnecida de cortiças e a inferior de chumbadas, e nas testas da rede ligam estas com duas varas de madeira, com $1^{m},5$ de comprimento, denominadas *varéllas.* Esta rede é destinada á pesca do peixe que vem á babuje da praia, como: tainhas, robaletes, linguados, solhas, etc.

Para a deitar são precisos dois homens: um colhe a rede pela tralha dos chumbos, se-

gurando em uma das *varéllas,* e o outro colhe-a pela tralha das cortiças, ficando com a outra *varélla* na mão, em seguida entram na agua até onde possam encontrar pé, proximo da rebentação do mar, geralmente até terem agua pelo peito, e então o que tem a cortiçada larga a rede, ficando apenas com a *varélla* segura, e o outro homem vae correndo ao longo da costa até estender a rede completamente.

Feito isto, arrastam a rede para a terra e colhem o peixe que ficou envolvido no seio que o apparelho fórma.

A *rede-pé* é muito usada em toda a costa de Portugal, e importa em 2$000 réis a 3$000 réis.

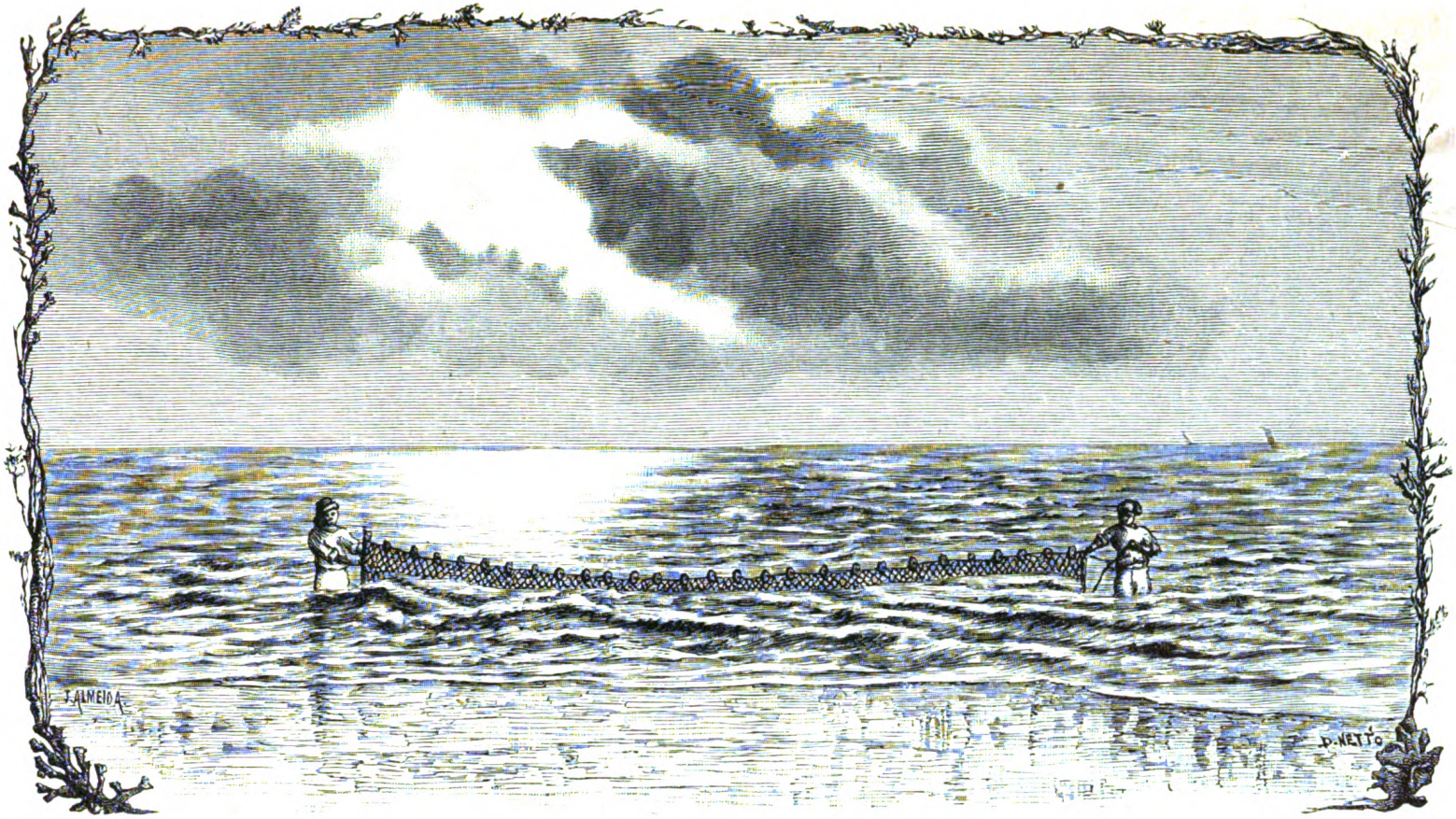
Arrasto a vapor. — Este apparelho de rede envolvente de arrastar, que os pescadores portuguezes appellidaram de *arrastão* e que corresponde ao *chalut* e *beam-trawl,* compõe-se, como quasi todos os apparelhos do mesmo genero, de um grande *sacco* de rede, entralhado pela parte superior da bôca em uma verga de madeira e pela inferior em um cabo feito de fios metallicos, e de uns outros cabos que, fazendo fixe na tralha que guarnece a *bôca do sacco,* servem para alar o apparelho, arrastando-o pelo fundo ou suspendendo-o para bordo.

As dimensões mais vulgares do sacco são 22 metros de comprimento e 12 metros de largura na bôca. A malha mede para o lado da verga 70 millimetros de lado e para o sacco 25 millimetros, sendo este feito algumas vezes com malha dobrada. Os aros dos laes da verga são de ferro e têem 1^{m},20 a 1^{m},50 de altura.

Deitado o apparelho ao mar pela poupa da embarcação, navega esta com elle a reboque em direcção conveniente, em relação á corrente, estado do mar e vento, com a velocidade de 2,5 a 3 milhas por hora, e assim percorre um longo trajecto, demorando-se geralmente 3 horas em fazer o lanço, findo o qual é o sacco suspenso para bordo e retirada a pescaria em bom estado e lançado ao mar o refugo.

Emprega-se modernamente um vapor para o arrastamento d'este apparelho, que póde funccionar até á profundidade de 80 braças.

A construcção resistente d'esta rede e a natureza e peso da sua tralha, juntamente com a grande força de arrastamento, desenvolvida por um motor de vapor, tornam este apparelho altamente nocivo quando se empregue em paragens de abrigo, comedouro e viveiro das especies domiciliadas, porquanto a tralha inferior e parte do sacco, se enterram no solo submarino de natureza movediça, revolvendo e destruindo a vegetação submarina, as camas do peixe e os embryões depostos nos pesqueiros, sendo tão poderosa a resistencia d'este apparelho, que frequentes vezes arrasta e traz no sacco pedras de grande peso, e até tem acontecido dragar ancoras e mastros que jaziam enterrados no fundo, o que prova



Rede-pé

a sua acção revolvente e destruidora sob o ponto de vista da conservação dos fundos e comedouros e protecção das creações. O assumpto é tão importante que vâmos transcrever um desenvolvido trabalho sobre a pesca do arrasto.

Extrahido do boletim da sociedade imperial de aclimatação (setembro de 1867) — *Das pescas maritimas ao arrasto e do despovoamento das aguas costeiras*, por M. S. Berthelot, membro honorario da sociedade imperial de aclimatação franceza.

O livre exercicio ou a prohibição da pesca maritima ao arrasto, seja com o *chalut*, como se faz na costa da Mancha, seja com o *Ganguy* rebocado por um só barco ou por dois emparelhados, como se pratica no Mediterraneo, tem dado logar a muitas discussões, e nunca será ocioso esclarecer as duvidas que ainda subsistem sobre a opportunidade ou reprovação d'este methodo de pesca. É preciso pois esclarecer a opinião d'aquelles que até hoje ainda não poderam julgar senão pelos diversos raciocinios contradictorios que têem sido apresentados. Trinta annos de observações nos nossos mares litoraes, explorados em mais de 700 leguas de costa, demonstraram-me á saciedade todos os prejuizos da pesca maritima por meio de redes de arrastar. Consagrei um capitulo inteiro a esta pesca em uma obra que brevemente sáe a publico, e da qual já tenho apresentado alguns fragmentos: os extractos que se vão ler, espero que possam lançar nova luz sobre uma questão que é preciso acabar o mais cedo possivel, porque a sua continuação consegue sómente aggravar o mal.

A descripção que faz M. Hennequin da pesca ao chalut e da rede que n'ella se emprega é exacta; existe effectivamente uma grande analogia entre este apparelho e aquelle que se usa no Mediterraneo com o nome de *bœuf* ou *Ganguy*.

Pouco posso acrescentar ao que elle diz sobre a legislação relativa a este genero de pesca e ás redes varredouras em geral, mas deduz uma consequencia, na minha opinião muito contestavel, das medidas legislativas e dos regulamentos formulados em differentes epochas para prohibir, restringir, modificar, ou para deixar toda a liberdade de acção á pesca maritima ao arrasto, porque conclue que « apesar dos queixumes que esta pesca tem frequentemente levantado, não se póde pensar a serio em a proscrever, porque a considera como a unica que póde alcançar em abundancia os peixes chatos ». Esta ultima asserção sobretudo não é exacta, porque ha methodos de pesca muito menos perniciosos que facilitam a captura d'esta qualidade de peixes.

Estou longe de querer contradizer o auctor da nota quando assegura que a pesca maritima ao arrasto occupa, nas costas em que se exerce, a maior parte dos maritimos. Acontece hoje isto desgraçadamente, mas d'este facto não se deve concluir que esta pesca seja favoravel á nossa inscripção maritima, como provarei facilmente no decurso d'esta communicação.

Quanto ao pretendido augmento dos productos da pesca costeira, que se deduz do inquerito inglez, apoiado em grande parte sobre o testemunho dos mercadores de peixe de Londres, não tem este inquerito para mim nada de serio. Os elementos que serviram de base para a apreciação collocaram os membros da commissão ingleza em completo erro, porque se fez entrar em linha de conta todo o peixe que se vae pescar ao largo sobre os bancos, e toda a massa d'aquelle que os inglezes compram aos nossos pescadores e que em seguida vendem em Inglaterra nos grandes centros de consumo.

É sabido que todas as industrias experimentam transformações, e n'estes ultimos tempos a da pesca costeira não foi isenta d'este principio. Em 1852, o peixe fresco vendia-se por infimo preço nas costas da Gran-Bretanha e os nossos pescadores ahi se iam abastecer para aprovisionamento dos mercados. Dez annos mais tarde tudo tinha mu-

dado: o rodovalho, o pregado, o linguado e em geral todo o excellente peixe de maré, fresco, vendia-se em Londres por 27 francos a canastra e o seu preço augmentava successivamente.

Os nossos vizinhos da Mancha absorviam regularmente nos mercados de Calais e de Bolonha quasi todo o peixe que ahi abordava para o seu consumo. O preço do peixe em Inglaterra cresceu consideravelmente, comparado ao da França, que tambem attingiu bom preço e os nossos pescadores, offerecendo o peixe fresco de maré a quem melhor o paga, conseguem com elle bom ganho. A exportação das especies variadas das nossas costas da Mancha para alimentar os nossos vizinhos augmenta annualmente; os gados, aves, caça, fructos, ovos, o peixe sobretudo, são regularmente procurados entre nós passando á outra costa. A vida torna-se cada dia mais cara, arrastada mesmo nos nossos portos de mar, e se attendermos ao acrescimo progressivo das populações inglezas e á insufficiencia cada vez mais manifesta dos recursos da Inglaterra, espantâmo-nos da questão economica que envolve este estado de cousas. São pois as exigencias da alimentação publica, que dando em Inglaterra maior valor ao peixe, o fazem cada vez mais procurado. Os esclarecimentos que apresento foram-me fornecidos por um official superior da nossa marinha imperial (mr. le commandant Dorret), um dos mais competentes em assumptos de pesca, commandante de um navio do estado, que protegia as pescarias na costa de oeste, e extrahi-os de uma memoria apresentada ao ministro da marinha, que elle obsequiosamente me facultou.

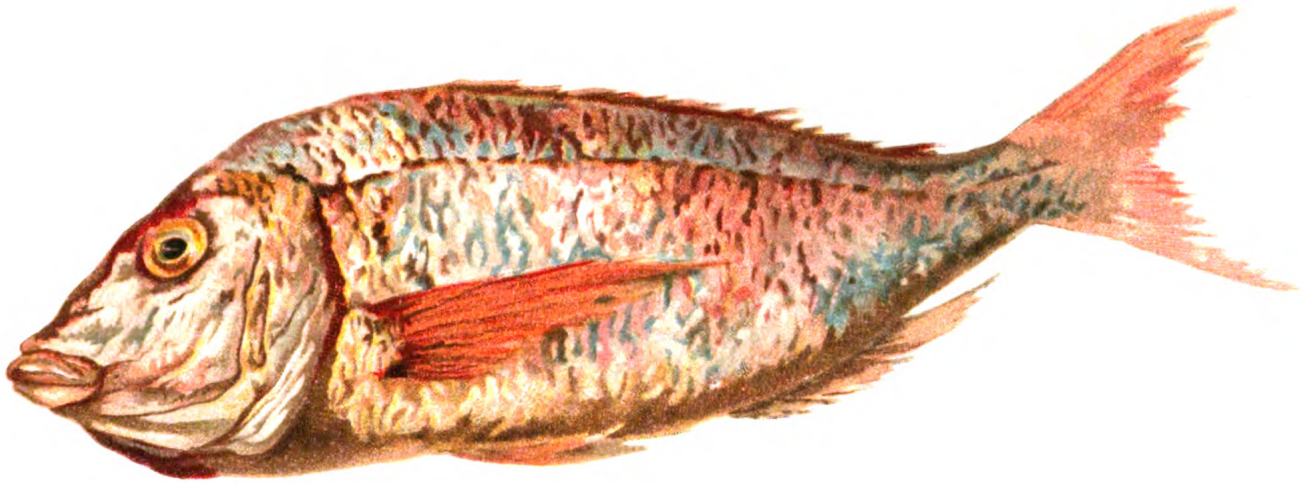
A commissão de inquerito, apreciando os productos da pesca costeira em Inglaterra, comprehendeu o peixe apanhado sobre o Dogger-Bank, Rye-bay da Mancha e baixos de Norfolk. Assim este augmento de productos não proviria em grande parte senão do emprego do chalut na captura de grandes massas de peixes viajantes da familia *gadus*, taes como a pescada do norte e o badejo, que estacionam sobre os bancos do largo para ahi comer ou desovar. O relatorio do inquerito inglez, diz: em cem badejos levados ao mercado de Londres, noventa e nove foram pescados com chalut — depois acrescenta: se este systema de pesca não fosse adoptado, o abastecimento do peixe acabaria immediatamente, não apparecendo mais os peixes chatos, o rodovalho, o linguado, pois que a pesca á linha não dá a decima parte da feita com o chalut.

O relator da commissão exagera muito o *deficit* que poderia occasionar a suppressão do chalut e os seus receios a este respeito não são fundados. Designando a pesca á linha como insufficiente para alimentar os mercados, parece ignorar todos os recursos que se podem tirar da pesca com o palangre, espineis e apparelhos. O palangre é uma linha assaz resistente tendo de distancia a distancia atadas umas quinhentas linhas mais pequenas de 2 metros, providas cada uma de um anzol. Um barco palangreiro póde lançar até vinte e cinco d'estes apparelhos attingindo profundidades de 60 a 100 braças e mesmo mais; colhendo muitas vezes em uma unica noite mais de 400 kilogrammas de excellentes peixes.

Não me demorarei porém a refutar o inquerito inglez em todas as suas asserções, ou antes na negação absoluta de todos os queixumes formulados contra os que empregam o chalut. A exposição que vou fazer da pesca ao arrasto, seja com o chalut, seja com o Ganguy, bastará para que se possa julgar este processo com conhecimento de causa.

Todavia observarei de passagem que esta pesca do arrasto não póde executar-se senão á véla e portanto com o auxilio do vento.

Ora o peixe colhido por este processo, como veremos mais adiante, chega sempre mais ou menos moido, e o relatorio da commissão de inquerito reconhece isto, dizendo: com bom tempo e quando a rede não se demora muito no fundo, a maior parte, senão a totalidade do peixe trazido pelo chalut chega vivo á superficie. Isto é longe da exactidão, porque o engenho de pesca não poderia percorrer o fundo se não fosse alado por uma força impulsiva, e estando calma funccionaria mal e ficaria muito tempo a pescar. Assim, o relator acrescenta: pelo contrario quando o tempo é mau (deveria ter dito mais favo-



BICA *(pagellus erythrinus)*, pag. 48

ravel) e que o reboque não póde ser dado senão com difficuldade, o que expõe o peixe a ser arrastado; quando a rede está muito cheia de peixe, ou quando contém pedras e outros objectos pesados, é verdade que uma parte do producto da pesca póde ficar deteriorada.

A revolução que se operou desde o fim do ultimo seculo no exercicio da pesca nas differentes regiões das costas da França, onde se pratica a pesca do arrasto, mudou todas as condições economicas da pesca costeira com grande detrimento da alimentação publica. As causas que sustaram o progresso d'esta industria, encontram-se no desenvolvimento que permittiram á pesca com o chalut nas aguas da Mancha, e á pesca com o Ganguy no Mediterraneo, desde as costas da Provença ao cabo de Créus, na zona litoral que comprehende a grande bahia de Marselha, as embocaduras do Rhône, e as costas do Languedoc e do Roussillon.

Esta pesca fatal, tão audaciosamente chamada *grande arte* pelos armadores do Meio Dia, arruinou os pescadores da *pequena arte* (*arts-menus*, dizem os pescadores provençaes), e deu cabo do fundo piscoso, enriquecendo unicamente os emprehendedores.

A parte mais activa das nossas populações maritimas que não encontrava senão escassez nos fundos outr'ora tão productivos, acabou por desanimar e abandonando os costumes tradicionaes, que até então lhe haviam dado meios de vida faceis de angariar, entregou-se completamente á pesca com o Ganguy e o chalut.

Os barcos que se usam no Mediterraneo para a pesca ao arrasto, assim como as embarcações do chalut na Mancha, são embarcações de grande tonelagem, que, com a sua immensa rede, representam um capital pouco em harmonia com os fracos recursos dos nossos maritimos. O armador corre com as despezas do armamento e custeio, empregando equipagens numerosas, que successivamente se individam, ficando elle portanto com o maior beneficio. O producto da pesca é distribuido mais ou menos equitativamente nos differentes portos de armamento; a parte que compete a cada pescador é sempre muito pequena, e geralmente os homens contratados preferem remuneração mensal ao lucro eventual que poderiam auferir tendo participação no producto.

Em uma memoria justamente premiada no concurso aberto em 1864, sobre as causas do despovoamento dos nossos mares e sobre os meios de o remediar, o sr. J. B. Rimbaud, antigo official do commissariado da marinha, exprimia-se nos termos seguintes:

«O golfo de Marselha consideravelmente aberto ao percurso das peregrinações das especies nomadas, é alem d'isto muito proprio para a fixação das especies locaes, porque as suas aguas cobrem por toda a parte fundos pedregosos ou de areia, alternando uns e outros com extensos massiços de vegetação submarina ou com fundos ligeiramente lodosos.

«Por esta rasão, este golfo tão espaçoso foi antigamente uma das regiões mais piscosas das costas da Provença, o que é attestado pela importancia que a corporação dos pescadores marselhezes havia adquirido, muito tempo antes da revolução de 1789, e pela affluencia dos pescadores estrangeiros que, em virtude dos tratados internacionaes, vinham desde então, como ainda hoje, disputar aos nossos o proveito de uma industria, tanto mais lucrativa que se exercia proximo de um grande centro de consumo.

«Os productos do mar constituiam então uma das principaes fontes alimentares da população de Marselha. Durante seculos, a abundancia de peixe foi com effeito um verdadeiro manná para as classes pobres e trabalhadoras d'esta grande cidade.

«Explorações abusivas nas aguas do golfo tinham já provocado (depois do começo do seculo) um encarecimento notavel do preço do peixe, e faziam antever, em um futuro pouco afastado, o completo estancamento da fonte onde as massas populares iam outr'ora tirar uma alimentação sã e barata.

«Era pelo emprego desmedido de processos desperdiçadores, que os pescadores marselhezes tinham gradualmente feito decrescer, se não destruido, a extrema fertilidade da

bahia. O mesmo facto se tinha dado nas costas da Provença, Languedoc e Roussillon; por toda a parte o emprego das redes de arrastar e de outros engenhos repudiados pela legislação das pescas punha em crise as forças reproductoras da natureza.

«Eis-aqui qual a pobreza do litoral Mediterraneo da França em 1835. Desde então, a situação tem-se aggravado de dia para dia, podendo considerar-se a pesca nas aguas de Marselha como uma industria agonisante, não offerecendo já senão uma fraca remniscencia da sua prosperidade passada.»

Este quadro, feito pelo sr. Rimbaud, do empobrecimento dos nossos fundos piscosos e do estado actual da industria costeira na Provença, póde applicar-se tambem a todo o litoral da França, onde a pesca ao arrasto tem prevalecido sobre os outros apparelhos, e o que é peior ainda, é que este estado de cousas continúa em proporções alarmantes; regulamentos de policia, leis protectoras proclamadas pela auctoridade superior, medidas conservadoras dictadas por sabias previsões, vigilancia e repressão, tudo tem sido até hoje inefficaz para sustar o mal. Este desastroso despovoamento das nossas aguas só teve por causa o emprego abusivo das redes de arrastar. Desgraçadamente os processos conhecidos de piscicultura são impotentes para conseguir o repovoamento d'estes fundos exhaustos; a sua applicação nas aguas maritimas só tem dado até hoje resultados negativos, e os habitos e instinctos das especies sedentarias ou vagabundas, que se encontram nas paragens exploradas pelos nossos pescadores, têem sido sempre contrarios ás experiencias que se pretendem fazer. Ha um unico meio de remediar o mal, que não póde ser reduzido á pratica senão por uma lei nova que mande ficar em pousio determinadas paragens, isto é, reservando temporariamente zonas maritimas limitadas. O sr. Rimbaud desenvolveu as suas idéas economicas em muitos dos seus escriptos, e recentemente ainda em uma memoria apresentada á sociedade de Arcachon. Abster-me-hei aqui de desenvolver as considerações que devem prevalecer na adopção do seu systema dos departamentos piscosos, sobre o qual o commandante Dorret tinha sido o primeiro, quinze annos antes, a assignalar as vantagens, e eu proprio tinha preconisado, indicando a necessidade d'esta medida como a unica capaz de regenerar os nossos mares. Por agora, lembrando o estado precario da pesca nas nossas costas maritimas, desejo unicamente chamar a attenção para as verdadeiras causas que têem aggravado a triste situação dos nossos pescadores.

Uma questão economica não cessa de me preocupar quando encaro o consumo crescente do peixe de maré fresco, á medida que as nossas vias ferreas, facilitando os meios de transporte com grande velocidade, veem fazer participar as populações do interior nos recursos do mar. A grande industria alimentar da pesca costeira não se póde garantir no futuro, sem que o seu exercicio seja suspenso durante uma parte do anno, como se faz com a caça, a fim de que a producção possa refazer-se: *a melhor maneira de multiplicar os peixes é poupando-os na occasião em que se reproduzem,* escreveu Michelet no seu bello livro *La Mer*.

As algas e os fucus formam em diversos fundos especies de oasis, onde muitas especies se refugiam na epocha da desova; consideravel numero de ovos, que se pegam sobre as plantas marinhas, forneceriam milhares de peixes, se estes ninhos não fossem a cada instante despedaçados pela draga. Deixa-se vender nos nossos portos toda a creação que se tira do mar na occasião do seu crescimento.

Estes factos, que se dão todos os dias, são os tristes resultados das pescas ao arrasto, quaesquer que sejam as denominações que lhes dêem e as modificações que experimentem nas differentes regiões em que se exercem.

Sobre as costas do Languedoc e do Roussillon, assim como nas embocaduras do Rhône, usa-se uma rede de grande acção, medindo mais de 100 pés de comprimento, comprehendendo as azas, e tendo o sacco muitas vezes 7 metros de comprimento. Este

engenho empregado na pesca denominada *aux bœufs*, nome allusivo á sua acção sobre o fundo em que opéra, porque sendo rebocado por duas embarcações navegando de conserva, lavra o fundo como a charrua arrastada pela junta de bois. E, sem duvida, por uma allusão analoga, chamam pesca *à la vache* á que se pratica com o Ganguy, arrastado por uma unica embarcação.

Esta immensa rede lavra os fundos de lodo com uma velocidade de 3 milhas por hora; as duas embarcações que a rebocam á véla, têem o cuidado de guardar distancia conveniente para que as azas da rede se afastem o mais possivel. O peixe colhido é misturado com o lodo, burgau, conchas e pedras do fundo sobre que a rede passou e pescadas grandes e pequenas, gorazes, besugos, pargos, peixes chatos e creação, tudo chega mais ou menos moido.

Não obstante, esta pesca *aux bœufs*, geralmente reconhecida tão perniciosa e que não fornece senão peixe morto ou moido durante muitas horas no immenso sacco do Ganguy, sempre se tem praticado desde 1720, epocha da sua introducção nos nossos mares, e tem-se conservado apesar das numerosas reclamações dos pescadores que usam os outros apparelhos, e em despeito das prohibições severas em que repetidas vezes têem incorrido.

Na parte do golfo de Leão, comprehendida entre Marselha e a extremidade oriental dos Pyreneus, mais de duzentas e cincoenta embarcações, das quaes um terço pelo menos tem grande porte, fazem diariamente a pesca ao arrasto e lavram o fundo durante seis ou oito mezes do anno.

Calcula-se em doze mil a quinze mil o numero de maritimos empregados n'esta pesca e em 880:000 francos o seu producto annual; e estimando em 1 franco o preço do kilogramma, aquelle numero representa em kilogrammas a quantidade de peixe apanhado; peixe quasi sempre pequeno, sendo precisos pelo menos seis peixes para pesar 1 kilogramma, e digo *pelo menos seis*, porque em geral não podemos considerar bom peixe senão um terço da pescaria de um lanço. Quanto ao preço de 1 franco o kilo não se deve referir senão ao peixe de tamanho medio, porque o bom peixe vende-se em globo a 1 franco e 50 centimos e o peixe pequeno vale apenas 20 centimos e ainda menos Portanto, os 880:000 francos de producto ou os 880:000 kilogrammas, representam cinco milhões e duzentos oitenta mil peixes. Mas para trazer ao mercado 880:000 kilogrammas de peixe é preciso pelo menos ter pescado o dobro, porque está bem provado que os pescadores ao arrasto vêem-se forçados a deitar ao mar mais de metade da pescaria, conjuncto de lodo, burgau, limos, peixe moido e creação sem valor. Ora, não considerando senão a quarta parte, isto é, 220:000 kilogrammas ou um milhão trezentos e vinte mil peixes, esta pescaria de refugo, que é deitada fóra, já se póde fazer idéa do despovoamento rapido dos nossos mares. No emtanto este calculo está ainda abaixo da verdade, porque considerei a pescaria rejeitada como composta de peixes da mesma grandeza, mas a maior parte das vezes este refugo compõe-se de creação, da qual são precisos uns cincoenta peixes para pesar 1 kilogramma, chegando com estes dados a uma cifra enorme: não são já 220:000 kilogrammas, ou um milhão trezentos e vinte mil peixes, que a rede terá destruido inutilmente cada anno, mas *onze milhões!* Não entro em linha de conta com os ninhos desfeitos pelo Ganguy nos fundos que vae lavrando, o que seria incalculavel. *Cincoenta kilogrammas de creação,* disse-me um dia um velho pescador, *n'este mar onde Deus é bom, teriam produzido no fim de um anno mais de 2:000 kilogrammas de excellente peixe.* De que immensos recursos nos não privam continuando um genero de pesca tão prejudicial? Todo este peixe, destruido á nascença, não logrou propagar-se, e a desovação que existe sobre o fundo é destruida em massa antes da eclosão. Espantosa devastação do mar é esta!

Rebocada, como já dissemos, por duas embarcações de grande tonelagem e com forte velame, a rede empregada para esta pesca desgraçada revolve o fundo na rapidez da

sua marcha. Nada lhe escapa: os peixes espantados com a approximação d'este formidavel engenho, são envolvidos rapidamente pelos dois braços da rede, que avançando os obriga a lançarem-se no sacco procurando uma saída que nunca encontram.

O Ganguy devastador, assim como o chalut, levanta do fundo e envolve tudo que encontra na sua passagem. As mais pequenas especies são engulidas pela sua enorme guela para nunca mais sairem; porque, embora as dimensões das malhas do sacco sejam conformes com os regulamentos, a tensão que ellas experimentam com a força do reboque e pelo enorme peso de que a rede está carregada, aperta a malhagem a ponto de não permittir passagem á mais pequena creação. A esta circumstancia já de si peremptoria, é preciso juntar outra: as paredes da rede, principalmente na parte que fórma o sacco, são atapetadas pelo lodo e limos, de tal maneira que os mais pequenos peixes não poderão escapar-se depois de penetrar n'esta vasta manga.

Arrastado assim em um sorvedouro e levado com força em constante redomoinho que o amassa com o lodo e o burgau de que a rede está atulhada, todo o peixe morre bem depressa e a sua carne moida corrompe-se depressa depois de tirado. Tambem a policia municipal, no interesse da salubridade publica, manda inutilisar a maior parte d'esta pescaria, á sua chegada a terra, porque o peixe está já *meio putrefacto* quando vae para a venda.

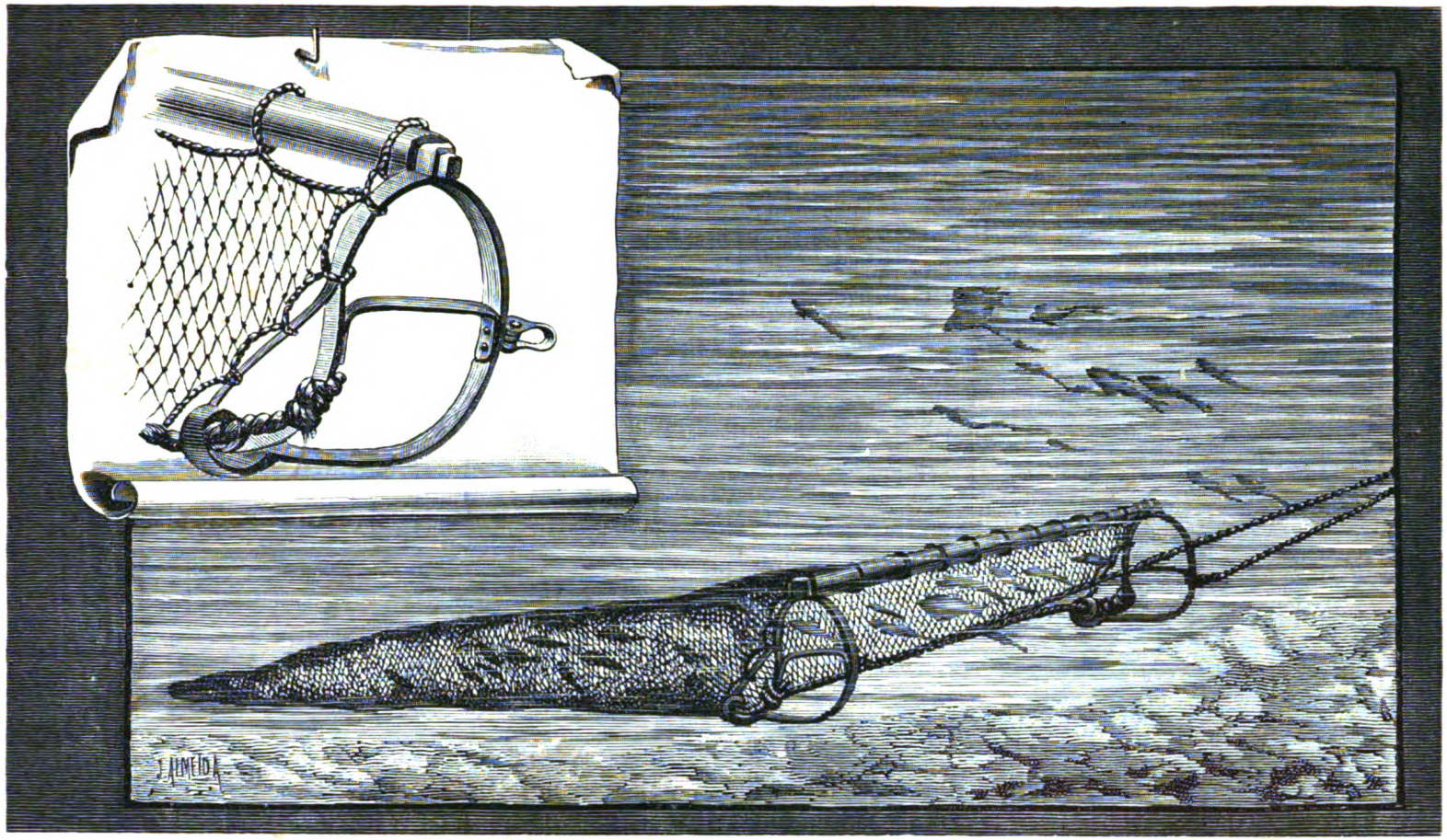
Nas costas do Meio Dia da França, chamam *peixe da tartana* ao que provém da pesca maritima ao arrasto. Morrendo suffocado, antes de ser tirado da rede, este peixe apresenta a carne molle e com gosto bem differente do excellente peixe pescado ao anzol ou qualquer outro apparelho, que vem fresco ao mercado e algumas vezes ainda vivo. Este ultimo póde conservar-se muito tempo, emquanto que o outro, de uma qualidade muito inferior, precisa ser consumido immediatamente, porque não póde supportar mais de seis horas de espera e ainda menos de transporte. D'isto resulta que o bom peixe encareceu consideravelmente e é quasi todo reservado para o aprovisionamento das povoações do interior.

Reconhece-se, pelo que acaba de ser exposto, que a pesca maritima ao arrasto, reconhecida como a mais nociva á multiplicação do peixe, é a principal causa da esterilidade das aguas, nas paragens em que ella se exerce. Lastimam-se geralmente da carestia do peixe e da diminuição dos productos da pesca em todos os portos da França. Desde que o *grande Ganguy* foi tolerado nos mares do Meio Dia, outr'ora tão piscosos, as bellas pescadas e tantas outras especies estimadas, têem-se tornado cada vez mais raras. Os pescadores catalães, intrepidos fornecedores dos nossos mercados, que iam lançar as suas linhas de pesca a 15 leguas ao largo, têem visto pouco a pouco extinguir-se a sua industria. Estabelecidos em Marselha desde mais de um seculo, armaram em 1789 cincoenta e tres embarcações (reduzidas já a 28 em 1827) e em 1840 já não tinham senão algumas. Arruinados pelas perdas que as tartanas do Ganguy lhes faziam experimentar passando sobre as suas linhas de pesca, não tirando nenhum resultado sobre estes fundos intensivamente desvastados pelas redes de arrastar, estes habeis pescadores foram procurar a outra parte os meios de existencia.

Tal era o estado da pesca na costa do Mediterraneo na epocha das minhas primeiras explorações, e este estado hoje ainda é peior.

Conhece-se pois já qual a pratica usada até aqui, ficam assignalados os seus inconvenientes e os prejuizos que acarreta: embarcações de grande tonelagem, alando a reboque um engenho muito pesado e dragando á véla o fundo do mar sob a acção de um vento forte. Eis pois o que se deve impedir.

A pesca feita com o Ganguy ou o chalut, alado por uma unica embarcação, não é menos prejudicial do que exercida com duas embarcações emparelhadas, sobretudo quando se faz muito proximo da terra com uma embarcação capaz de arrastar uma rede de grandes dimensões sem afrouxar o seu andamento.



Arrastão — *Chalut* ou *trawl*

Para que a acção de uma rede possa produzir-se no mar sem inconveniente, é preciso que ella seja *fluctuavel* entre duas aguas, ou então *dormente* sobre o fundo de pesca, comtanto que, nem de dia nem de noite, cause transtorno á navegação ou prejudique outros apparelhos.

Se a pesca se faz á deriva, a acção da rede sobre as aguas produz-se lentamente, seguindo a impulsão da corrente e da maré.

Se a rede é *dormente,* isto é, se assenta sobre o solo submarino em posição vertical, a sua acção sobre o fundo é nulla.

Se ella é distendida por meio de cabos puxados de terra a braços, a sua resistencia, dragando o fundo será pouco sensivel, se a tralha inferior não for muito carregada de chumbo; alem de que a sua acção se exerce unicamente em um espaço de mar muito limitado e por isto mesmo não chega a ser perniciosa, podendo até concluir-se que a dragagem sobre o fundo de pesca do litoral não é excessivamente nociva. Não se póde pois comparar de uma maneira absoluta a acção de uma rede varredoura com a de uma rede fluctuavel ou dormente.

Considerada segundo estes principios, a pesca do arrasto á véla, favorecida por um vento forte, será tanto mais perniciosa quanto a acção da rede sobre o fundo for mais poderosa.

A prohibição do arrasto maritimo daria logar sem duvida a muitas reclamações por parte dos especuladores interessados em manter este estado de cousas. Esta pesca conta entre nós muitos antagonistas, mas tambem tem partidarios que sabem fazel-a valer e a defendem contra as accusações. Desde mais de um seculo que a questão se succede sem descanso; o processo tem sido julgado muitas vezes, mas a sentença não se tem executado.

Á opinião que se tem querido tornar acreditavel sobre as vantagens que apresenta a pesca maritima ao arrasto como escola de aprendizagem para a marinha, eu responderei em primeiro logar que esta pesca, nas nossas costas do Mediterraneo e mesmo em certas paragens do Oceano, não se pratica senão de dia com ventos frescos que os maritimos consideram bom tempo. Ora, durante toda a operação do lanço, os pescadores do chalut, assim como os da tartana, não têem que se preoccupar com a manobra, porque uma vez as embarcações orientadas, ellas se aguentam sob a acção do velame, pelo peso da rede que rebocam, qualquer que seja a acção do vento, navegando agradavelmente, sem grande fadiga e com pouco risco. Os pescadores das artes miudas, pelo contrario, não trabalham senão de noite: os palangreiros vão pescar muitas vezes a mais de 10 leguas ao largo e arriam as suas linhas, como já disse, a grandes profundidades; ora estas linhas depois de deitadas, carecem de serem levantadas, na obscuridade, qualquer que seja o tempo, porque havia o risco de as perder se ficassem expostas no mar.

As artes miudas, mesmo as mais productivas, não podem luctar com a industria da pesca ao chalut ou ao Ganguy, a menos que empreguem muitas embarcações e por consequencia maior numero de homens.

Os barcos do arrasto terão sempre sobre as artes miudas a enorme vantagem de apanhar muito mais peixe de uma só vez; de poderem pescar ao largo com ventos fortes; de cruzar em todas as direcções a zona maritima que exploram; terem o vento como auxiliar e conservarem-se portanto sempre em acção de pescar resistindo ao mau tempo.

Póde-se comparar esta pesca maritima ao arrasto, attendendo aos seus poderosos meios de acção e aos seus grandes e rapidos resultados, ás fortes e engenhosas machinas manufactureiras que, economisando os braços e multiplicando os productos que fornecem mais barato, operaram uma revolução na distribuição e na economia do trabalho, mas com a differença de em materia de pesca serem perigosas as vantagens de um processo muito expedito e de excessiva producção, porque a materia prima acaba com o esgotamento da fonte que a fornecia e é difficil, se não impossivel, substituil-a. A natureza regulou tudo antecipadamente n'este terreno que ella semeia; as suas provisões garantem a

fecundidade; mas que evitem alterar a ordem estabelecida, porque sustendo-a na sua marcha, cessa de actuar. Apesar da grande fecundidade dos mares, o abuso da pesca com as redes de arrastar, poderá acarretar a mais completa esterilidade. Esta opinião funda-se em provas mathematicas: a enorme rede dos *chalut e Ganguy* draga o fundo em 2 leguas de extensão, approximadamente, cada vez que funcciona e póde repetir o lanço seis vezes em dezoito horas. Suppondo pois quatro mezes de folga durante o anno, teremos que, quatro grandes redes de arrasto, pescando nos oito mezes restantes, poderão percorrer 5:808 leguas em todas as direcções sobre o fundo de pesca em que operam. Imagine-se, pois, o enorme estrago occasionado por esta arte devastadora na zona costeira onde o peixe sedentario se alimenta e se propaga.

Passâmos agora aos prejuizos que a pesca ao arrasto acarreta ao estado e entremos no amago da grande questão da inscripção maritima. Esta pesca, sempre tolerada e tantas vezes prohibida, não favorece o augmento das classes, pelas rasões seguintes: a concorrencia que a pesca ao chalut ou ao Ganguy, faz ás artes miudas, obriga muitos pescadores pobres a renunciar ao seu ganha-pão para tomar parte nos proveitos da pesca ao arrasto. A equipagem de duas *tartanas*, pescando de conserva, compõe-se geralmente de vinte homens, dez em cada barco; a de uma embarcação de artes miudas não consta de mais de cinco homens. Calcula-se, em media, 500 kilogrammas de peixe o que a enorme rede do arrasto póde conseguir em um dia, emquanto que um barco de artes miudas: palangreiro, sardinheiro, ou outro qualquer, não alcança mais de 50 kilogrammas. Se admittirmos condições iguaes nas horas da pesca, estado do mar e abundancia de peixe, serão precisas pelo menos dez embarcações de artes miudas, tripuladas por cincoenta homens, para pescar tanto como duas embarcações do arrasto com uma equipagem de vinte homens.

Em todo o nosso litoral do Mediterraneo, comprehendendo os lagos salgados e a Corsega, a pesca costeira tinha em 1842 duas mil setenta e nove embarcações, sete mil trezentos e vinte sete homens nas differentes artes e realisava um producto de 3.555:781 francos. Se deduzirmos d'estes sete mil trezentos vinte e sete homens que compunham o pessoal geral da pesca os mil e duzentos homens empregados nas tartanas do arrasto, ficam seis mil cento vinte e sete homens para pessoal das artes miudas, isto é: uma inscripção maritima cinco vezes maior. É isto evidente?.

Póde-se comprehender agora que o favorecimento das artes miudas traz vantagens para todos, tratando de limitar os meios de acção das embarcações do arrasto e suspendendo os progressos alarmantes da sua pesca. Augmentar-se-iam ao mesmo tempo o pessoal maritimo e os productos do mar, porque a pesca costeira encontraria um acrescimo de recursos nas paragens regeneradas. A alimentação publica não tem mais nada a esperar do desenvolvimento da pesca maritima ao arrasto, devendo esperar tudo, pelo contrario, da prosperidade das artes miudas: acrescimo de productos, peixe de melhor qualidade e possibilidade de o transportar para o interior. Quanto ao estado, julgo ter demonstrado que a tolerancia da pesca ao arrasto, como se pratica á véla, é prejudicial aos interesses da marinha, porque as classes perdem mais do que lucram.

A pesca maritima ao arrasto nas costas da Hespanha, não tem sido menos desastrosa que nas da França, e tem dado tambem logar a interminaveis questões. Desde o seu apparecimento nos mares da Peninsula, tornou-se o pomo de discordia das populações litoraes em todas as paragens em que se estabeleceu. Tem tambem partidarios e antagonistas; experimentando, de um e outro lado, todos os meios de ataque e de defeza: municipalidades, conselhos provinciaes, mesmo tribunaes, todos entram na questão, uns a favor outros contra. A disputa tem-se irritado a ponto de, em provincias limitrophes, os pescadores terem ido armados para o mar, promptos a sustentar as suas pretensões pela força. O governo teve que intervir muitas vezes e tratou de se esclarecer, sobre esta questão tão

PEIXE-PICA *(julis vulgaris)*, pag. 48

ardentemente debatida, chamando para o seu lado os homens mais competentes. D. Antonio Sanez Reguart, commissario da armada, auctor do *Grande Diccionario das artes de pesca,* foi primeiramente encarregado do inquerito e deu conta das suas observações, declarando a pesca ao arrasto nociva no mais alto grau. D. Filippe Orbegoso, outro commissario da armada, teve a mesma missão, de 1802 a 1804, e foi de opinião contraria. Consultaram-se as auctoridades superiores, os commandantes da armada das provincias litoraes, ouviu-se a opinião das corporações, appellou-se para a decisão do supremo conselho do almirantado, e não se obteve no fim de tudo senão volumosos processos discordantes, e que foram sepultados nos archivos do ministerio.

De 1756 a 1862, dezoito documentos (informações, relatorios, representações, memorias e petições) foram registados a favor da pesca ao arrasto, e de 1729 a 1865, appareceram trinta e quatro outros contrarios a esta pesca. Estes documentos deram logar a trinta e tres decretos, cedulas reaes, ordenanças e regulamentos relativos ao genero de pesca gabado por uns e desacreditado por outros.

Emfim, a commissão permanente de pescarias, com séde em Madrid, e á qual, em 10 de outubro de 1864, o governo tinha pedido parecer sobre um regulamento definitivo para a pesca do grande Ganguy, apresentou o seu relatorio a 13 de julho do anno seguinte por intermedio do seu secretario, D. Cesareo Fernandez: *Estudos sobre a pesca com a arte denominada «Parejas de Bou» e regulamento para o seu regimen, apresentado pela commissão permanente de pescarias por intermedio do seu vogal secretario, Cesareo Fernandez e approvado por Real Ordem de 9 de dezembro de 1865. Madrid, 1866.*

A commissão declarou, demonstrando da maneira mais clara, que a pesca maritima por meio do Ganguy de arrastar, era uma das principaes causas da decadencia da industria das artes miudas, pelo desapparecimento do peixe, que d'antes abundava nas costas meridionaes da Hespanha. Todavia não propoz a prohibição immediata d'esta pesca desastrosa, mas apresentou um regulamento, que, sem violencia e por successivas restricções, possa conseguir a sua completa extincção. Este regulamento foi approvado pela rainha, a 9 de dezembro de 1865, e as suas principaes bases são as seguintes:

1.ª Não permittir a continuação da pratica da pesca com Ganguy de arrastar, nas costas em que ella actualmente se usa, senão com a condição de não poder augmentar o numero das embarcações existentes, nos differentes districtos maritimos, por novas construcções, pelo emprego das que pertencem a outras artes, nem pelas *parejas de bou* de outro districto;

2.ª Não permittir a nenhuma embarcação de um districto maritimo de se entregar á pesca do Ganguy de arrastar nas aguas de outro districto, sem auctorisação preliminar;

3.ª Prohibir a substituição das embarcações e redes que não possam servir; impedir a carenagem de qualquer embarcação da pesca maritima ao arrasto, e a reparação das redes com dois terços do tempo d'estado de pescar, depois de um exame de peritos.

O regulamento determina em seguida os limites da pesca na zona em que se deve exercer e a temporada do anno em que será permittida.

O secretario da commissão permanente de pescarias, ao terminar o seu relatorio, convida os armadores das embarcações do arrasto a empregal-as de uma maneira mais vantajosa, transformando-as em barcos-viveiros, a fim de poderem fazer a pesca nas paragens vizinhas da costa de Hespanha, onde elles encontrariam em grande abundancia excellentes especies de peixes, dos quaes se poderiam apoderar com methodos menos violentos. Estes peixes poderiam ser conservados vivos a bordo e levados em seguida para os viveiros de reserva estabelecidos no litoral.

D. Cesareo Fernandez indica aos armadores as paragens da costa de Africa, comprehendidas desde o cabo Espartel até a La Rache, onde em profundidades de 30 a 40 braças, enxameiam as pescadas e outras especies proprias para salgar.

Assim a Hespanha foi na nossa vanguarda: já o tenho declarado, a tolerancia da pesca maritima ao arrasto, póde comprometter gravemente o futuro da nossa industria costeira, deixando este processo proseguir nas suas invasões. Dir-me-hão que a fecundidade do mar é inexgotavel porque elle se semeia por si proprio. Mas isto é um erro fatal, porque não se abusa impunemente d'esta fecundidade, destruindo as fontes productoras.

As colheitas do mar não se garantem senão dando tempo aos germens productores de se desenvolverem, podendo reproduzir-se e formar successivamente outras gerações.

É a lei de Deus, respeitamol-a!

Poderia alongar-me mais sobre os prejuizos da pesca ao arrasto, mas basta-me citar o que dizia, ha 85 annos, o illustre Duhamel de Monceau:

«Resulta da exposição que acabamos de fazer, que a pesca do Ganguy é a mais prejudicial de todas que se fazem ao arrasto; primeiro, porque a sua rede é enorme, as malhas são pequenas, a rede carregada de muito chumbo e cordoame; e em segundo logar, porque a rede, arrastada com força e velocidade, draga e revolve o fundo, arranca a vegetação, não permitte que nenhum peixe se escape, e deteriora bastante os bons peixes que cáem no sacco. Emfim, uma terceira rasão é que esta pesca faz-se todo o anno, com todo o tempo e a todas as profundidades.»

Mais recentemente ainda, M. Lamiral, dando conta á sociedade imperial de acclimatação do insuccesso das suas primeiras tentativas para a propagação das esponjas em differentes pontos do litoral do Mediterraneo, exprimia-se n'estes termos:

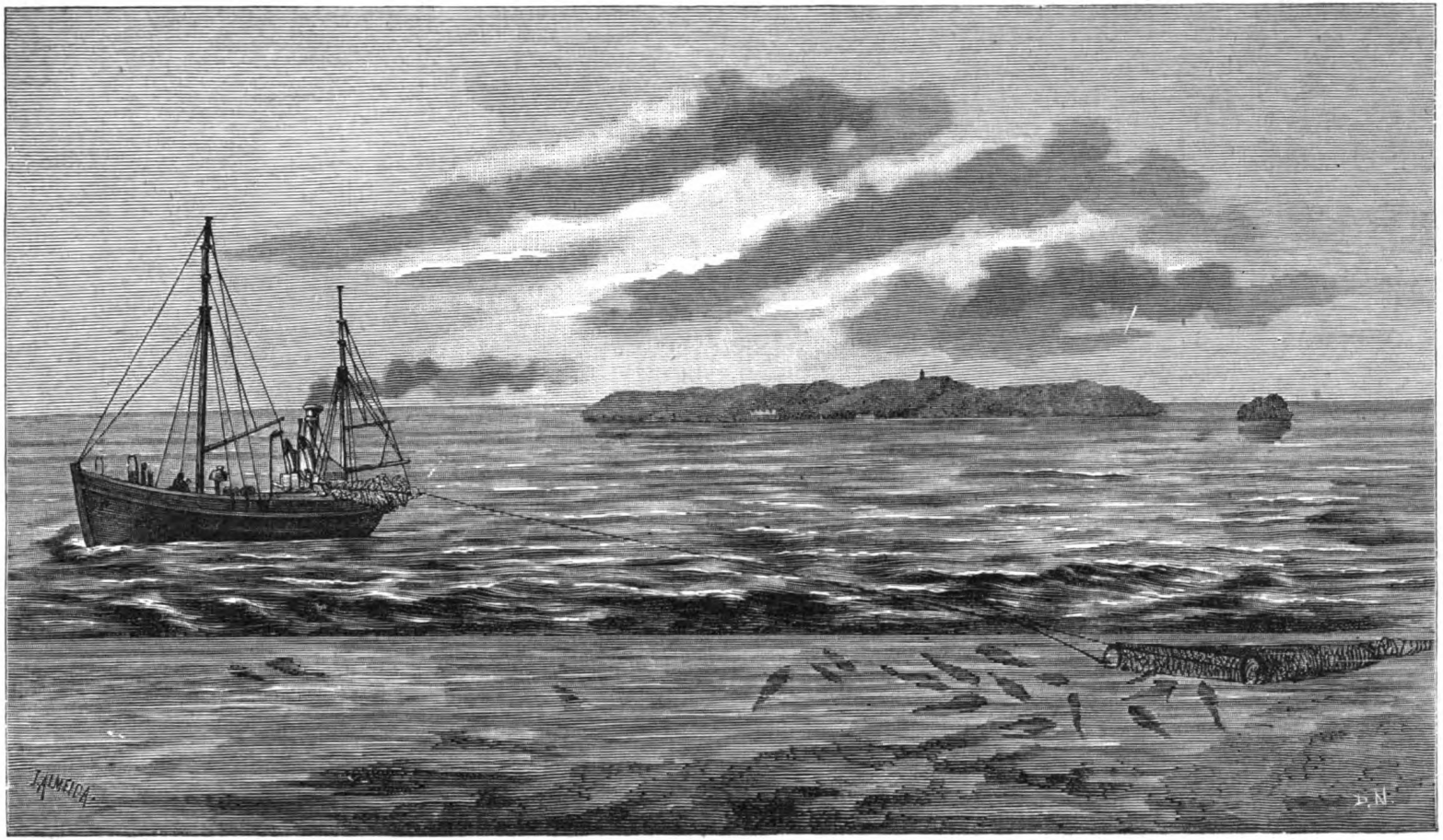
«O fundo foi devastado! é evidente para mim que as redes de arrastar, estes engenhos devastadores, têem sido empregadas pelos vandalos do mar.»

Para concluir, citâmos o que sobre o assumpto escreveu M. Coste, hoje inspector geral das pescas:

«Tenho visto estas enormes redes de arrastar, aladas por duas tartanas emparelhadas, lavrar o golpho de Foz, desraizar e engolir no seu vasto sacco as plantas marinhas sobre que estão depostos os ovos das especies comestiveis, e desfazer sobre a pressão das suas malhas miudas todas as creações de peixes e pequenos crustaceos, a que estas plantas serviam de refugio. É um espectaculo profundamente triste ver esta obra de destruição praticada pelos proprios braços d'aquelles a quem prepara a ruina.»

Em Portugal, de moderna data, se empregam dois apparelhos d'este genero, um pertencente ao Porto e outro a Lisboa, mas com justiça se têem promovido numerosas representações por parte dos pescadores contra taes engenhos de destruição, acrescendo a circumstancia notavel de que os processos actuaes de pesca, em uso na costa e no alto, são inoffensivos e de exploração moderada, como se prova pela regular abundancia das especies maritimas que diariamente concorrem aos nossos mercados desde longa data.

Seria para lastimar, e acarretaria um prejuizo consideravel para a alimentação publica, se não se adoptassem immediatamente medidas coercivas para a exploração d'estes apparelhos, tendo em vista a conservação do banco de pescaria que corre ao longo da nossa costa occidental entre 4 e 7 leguas de distancia, o qual nos abastece abundantemente de pescada, pargo, goraz, cachucho, ruivo, congro, etc., especies ali domiciliadas, que desappareceriam em curto periodo de tempo, se um tal apparelho de dragagem continuar a percorrer esta tão fertil região.



Vapor rebocando o arrastão

O *arrasto a vapor* apenas se póde tolerar temporariamente em fundos limpos, onde não haja pesqueiros, e unicamente afflua o peixe de passagem ou emigrante, tornando-se portanto indispensavel a construcção das cartas de pesca, indicando as zonas viveiros e limpas, a fim de limitar os campos de exploração para este apparelho, e mesmo para servirem de base aos convenios de pesca, com as outras nações, que urgentemente se impõem, como medida proteccionista para a fonte de riqueza com que a natureza dotou as aguas piscosas do atlantico, que banham e prolongam a nossa costa do reino, até grande distancia da terra.

É de inadiavel necessidade o estabelecimento de um regimen de pesca que assegure a protecção das especies domiciliadas na nossa costa poupando-as ao largo, regimen ratificado pelas potencias maritimas, que, pela sua proximidade, ou á sombra da bandeira das quaes, possam os pescadores impunemente esgotar um manancial tão fecundo, que desde tempos immemoriaes nos pertence e por nós tem sido racionalmente explorado.

Se em França estes apparelhos não têem sido completamente extinctos, é porque no estado actual de esterilidade dos fundos, seria impossivel prescindir d'este systema de exploração intensiva, para conseguir pescaria sufficiente para o grande consumo publico.

A propria sardinha, uma especie nomada, que percorre o Atlantico em todos os sentidos, não se demora nas aguas do continente francez, porque lhe faltam ahi os pastos e comedouros submarinos, onde possa encontrar alimentação em abundancia.

Outro tanto acontece com as especies sedentarias e domiciliadas, que sem possuirem abrigos seguros e quietação conveniente para os ninhos, vão procurar estas condições a outra região, facto este de que resulta grande escassez de bom peixe nos fundos outr'ora tão piscosos das costas da França.

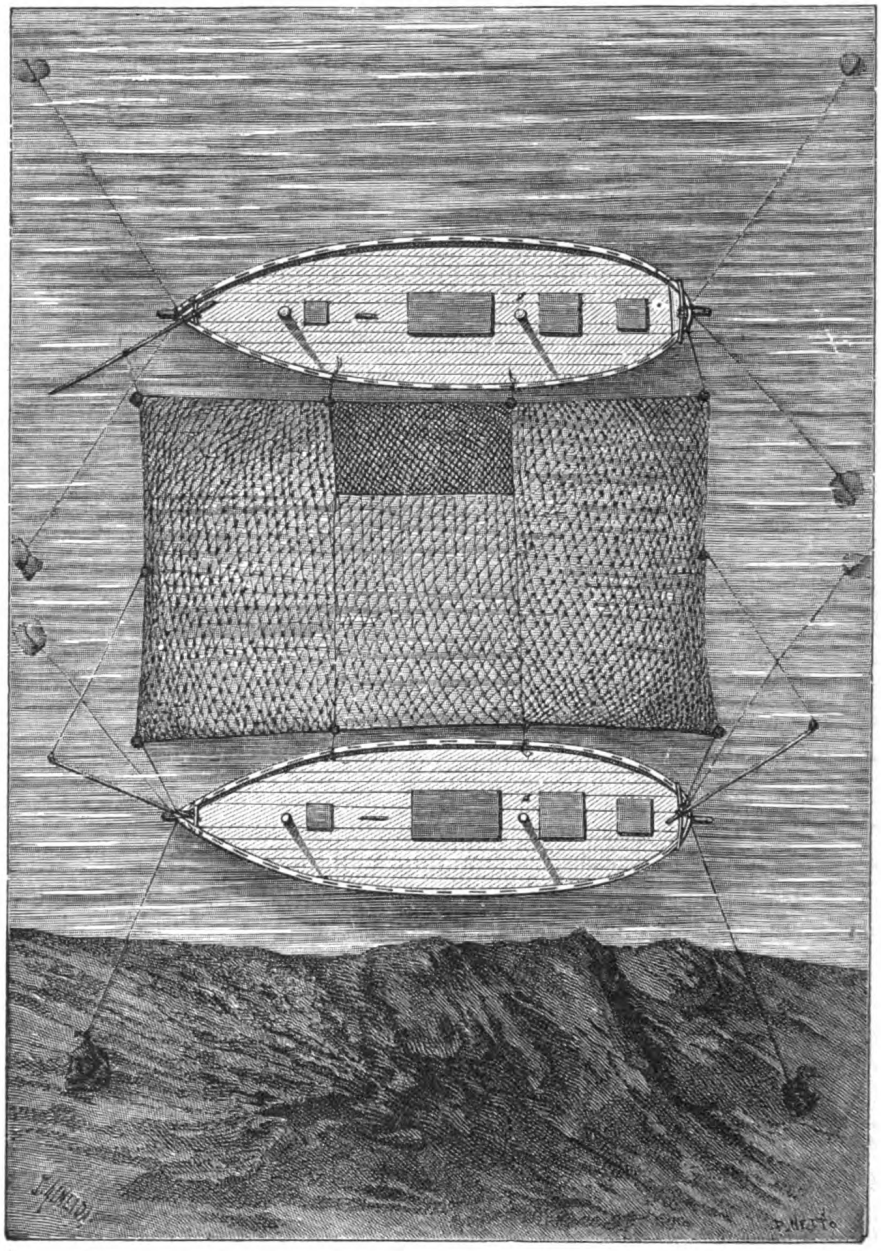
Da analyse dos apparelhos de pesca maritima, costeira e do alto, que ficam descriptos, se podem concluir os fundamentos reaes, para a condemnação do *arrasto a vapor*, como arte de pesca altamente nociva, para uma região tão poupada e fertil como tem sido a que defronta com o continente de Portugal.

APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE DE SUSPENSÃO

Na pesca costeira empregam-se alguns apparelhos de rede envolvente, que podem ser classificados como apparelhos de suspensão, por isso que depois de mergulhados na agua e conterem pescaria, se alam para cima á superficie trazendo as especies que envolveram.

Os apparelhos d'este genero que se usam em Portugal, são: a *sacada, bosca, camaroeiro, copo, enchelevar, ganapão* e *encinho*.

Sacada. — Este apparelho igual ao que se emprega na pesca do alto, lança-se por outro processo no mar da Berlenga, usado pelos pescadores de Peniche. O barco que transporta a rede colloca-se do lado da rocha e o enviadeiro do lado de fóra, como representa a figura.

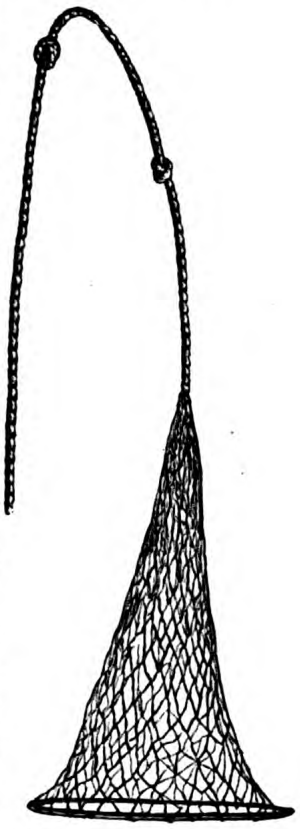


Sacada do alto

De noite mergulham a rede de *sacada,* horisontalmente, dentro de agua, pondo-lhe balas de ferro na tésta opposta á que era munida d'estes pesos na pesca do alto, e passam entre as testas umas tres ou quatro linhas finas, denominadas *linhas do mar,* ficando a rede suspensa no intervallo de duas embarcações e mergulhada a pequena profundidade.

Logo que o peixe passa sobre ella, as *linhas do mar* batem na agua, accusando o cardume, e de bordo das embarcações alam os cabos suspendendo rapidamente a rede, que traz em cima o peixe, tirando este com os enchelevares.

Destina-se este apparelho á pesca do robalo, cavalla, chicharro, boga, etc.



Enchelevar de rabo

Bosca.—Este apparelho denomina-se assim na costa occidental desde o Lima até ao Douro; *cachoça* na Ericeira; e *cachoceira* em Peniche, S. Martinho e Nazareth, embora seja conhecido por qualquer dos nomes.

Compõe-se de um *aro,* ou circulo, com 60 centimetros de diametro, feito de fio de arame zincado, com 3 millimetros de diametro, como o que se emprega nas linhas telegraphicas, ao qual está ligado uma rede conica com malha de 60 millimetros de lado. No aro de arame ha um pé de gallinha para amarrar a linha, que serve de arinque a uma boia de cortiça, e em volta do arame amarram duas ou tres pedras para fazer afundar o apparelho, de maneira que o aro assente no fundo.

No circulo de arame atravessa de um a outro lado um fio com amarrilho ao centro, para segurar a isca, a qual geralmente é de raia, ou peixão, ou qualquer outro peixe colhido na localidade, nos fundos onde habita a lagosta e lavagante, crustaceos a que se destina este apparelho, cuja maneira de funccionar é muito simples:

De bordo de uma embarcação, tripulada por tres homens, e que conduz oito a vinte e cinco *boscas,* deitam cada um d'estes apparelhos de espaço a espaço, convenientemente iscado e assignalado pela boia de cortiça que prende á linha.

Depois de estarem todas as *boscas* deitadas, geralmente em fundos pedregosos, levantam a primeira, retirando a pescaria, e lançam-na novamente, e vão successivamente repetindo a mesma operação para as outras,

voltando outra vez á primeira e continuando a mesma manobra emquanto dá resultado.

Ao suspender a *bosca* é preciso retezar a linha com cautela e depois alar com rapidez o apparelho, a fim da lagosta não ter tempo de fugir de dentro do sacco, nas malhas do qual a maior parte das vezes ella tem as pernas enrascadas e prezas.

Bosca ou cachoça

Na pesca d'estes crustaceos por meio das *boscas*, o dono do barco é geralmente tambem o dono dos apparelhos e das linhas, e limita-se a contratar dois marinheiros para os remos.

O ganho é dividido em cinco quinhões, sendo tres para o proprietario do barco, apparelhos e linhas, que é o que anda a *bosquejar*, e um quinhão para cada remador.

Estes apparelhos lançam-se em 8 a 15 braças de profundidade em fundos pedregosos, como são os da costa do Neiva, proximidades dos Cavallos de Fão, costa da Povoa de Varzim, Nazareth, S. Martinho e de Peniche, regiões estas onde a pesca da lagosta tem consideravel desenvolvimento.

Em 1887 na costa de Espozende haviam sessenta e seis barcos empregados n'esta exploração, para abastecimento dos navios viveiros francezes que ali vem fornecer-se d'este valioso crustaceo nas epochas mais favoraveis a esta pesca.

Como já vimos, ao tratar das redes de enmalhar da pesca costeira, tambem se emprega a *rasca* na pesca da lagosta, mas este crustaceo apanhado pela *bosca* é sempre mais vivo e melhor, porque na rede de enmalhar, que geralmente permanece dentro de agua muitas horas, e até duas ou mais noites, encontram-se muitas lagostas já mortas e outras que, apesar de vivas, morrem pouco tempo depois pela acção da *pulga do mar*.

A *pulga do mar* fura a lagosta na primeira junta superior da cauda e introduz-se para o corpo do crustaceo, destruindo-o interiormente com grande voracidade, o que lhe produz a morte, apesar de ser lançado ainda vivo no deposito.

Os francezes têem na nossa costa durante a epocha da lagosta, junho, julho e agosto, uns sete navios viveiros a carregar.

Em Espozende têem um agente em terra que trata do pagamento da pescaria, processo seguido tambem nos outros portos.

J. Almeida

VERDELHÃO *(crenilabrus Bailloni)*

Quando o pescador entrega a bordo do viveiro as lagostas, recebe do capitão um recibo com o numero d'ellas e o preço, ficando a bordo o talão, e sendo tudo vigiado por um guarda fiscal ali embarcado, que toma nota do valor para cobrar o imposto do pescado correspondente. Depois, em terra, o agente paga ao pescador a importancia do recibo, remettendo para Brest este documento, e satisfaz ao fisco o imposto.

Durante a viagem, o capitão faz um diario da mortalidade, e chegado a Brest entrega os talões, que devem conferir com os recibos e com o movimento obituario dos crustaceos, bem como com o numero de lagostas vivas que existirem no viveiro no acto da descarga.

O preço de uma lagosta na nossa costa, em primeira mão, regula por 100 a 120 réis, e o do lavagante é metade, sendo este crustaceo mais estimado pelos inglezes e aquelle pelos francezes.

Boia da bosca

Usam os francezes uns viveiros provisorios que fundeiam em sitios abrigados da costa, quando não podem carregar mais crustaceos, a fim de conservarem as lagostas vivas durante o tempo de espera do regresso do navio.

São construidos de ripado de madeira, tendo a fórma de bateis, com 18 palmos de comprimento, 15 na maior largura e 5 de altura.

Estes viveiros de facil e economica construcção, são muito uteis como auxiliares d'esta exploração, que actualmente é feita pelos pescadores portuguezes, mas utilisada pelos exportadores estrangeiros.

Daria certamente grande resultado a construcção de viveiros permanentes, em locaes apropriados da costa, como ultimamente foi requerido para os *Cortiçaes* em Peniche. Os viveiros fluctuantes são os mais vulgares de encontrar nas nossas aguas.

Tem acontecido algumas vezes estes caixotes darem á costa e enterrarem-se na areia com a acção das vagas, e passados oito dias, acalmando a tempestade, serem desenterrados e encontrarem-se as lagostas todas vivas.

Mesmo que estes crustaceos sejam enterrados em uma cova feita na areia, em sitio que cubra e descubra com as marés, conservam-se vivos por alguns dias.

Os pescadores empregam este processo para conservar as lagostas vivas, e tambem usam outro, que é envolverem a lagosta assim que a apanham, juntando-lhe as pernas ao corpo, e apertando-as em camadas com um peso em cima, resguardando-as do sol, conseguindo tel-as vivas assim

dois a tres dias, porque não luctam perdendo as forças e mortificando-se, como quando estão livres para pernear, que morrem em poucas horas.

É este um assumpto que merecia ser estudado com attenção, porque os resultados commerciaes afiguram-se da maxima vantagem, pelo elevado preço que este crustaceo obtem nos mercados estrangeiros.

Os fundos maritimos desde Vianna do Castello até ao Douro, e da Pederneira até Cascaes, são fertilissimos d'estas especies, e a industria nacional não aproveita esta riqueza que lhe poderiam dar um rendimento bem remunerador do pequeno capital necessario para a explorar.

Copo para o camarão

Camaroeiro. — Esta rede, bem conhecida por todos, destina-se á pesca do camarão feita de cima dos rochedos, que orlam a costa, ou dos quebramares, e mesmo de bordo das embarcações.

É geralmente feita de fio de linho, com malha de 8 millimetros de lado, e tem a fórma de um cone ou sacco.

A base formada por um aro de junco, verga ou arco de ferro, é circular, e n'ella entralha a rede.

A este aro ligam symetricamente tres ou quatro pernadas, que reunem em um só cabo delgado, que serve para suspender e lançar o apparelho.

O systema de pesca, consiste em collocar isca no sacco d'este apparelho e depois mergulhal-o na agua, arriando-o de uma rocha, quebramar, ou de dentro de um barco, e passado algum tempo suspendel-o cautelosamente, retirando-o da agua para colher os crustaceos que envolveu. O camaroeiro é um apparelho tão vulgar que cada um o construe como melhor lhe parece e com os materiaes que mais facilmente arranja.

Copo. — É uma variedade de camaroeiro, feito tambem em fórma de sacco com aro de verga na bôca, que se usa em Buarcos para a pesca do camarão entre os rochedos do cabo Mondego, e que se emprega da mesma maneira.

Enchelevar. — Tambem é geralmente usada em todos os portos de pesca esta pequena rede envolvente de suspensão, não propriamente como

apparelho de pescar, mas de tirar ou envolver a pescaria apanhada por outros apparelhos. Compõe-se de um sacco de rede miuda, com 1,5 braça ou 2 braças de comprimento, tendo na bôca um arco de verga com 60 a 80 centimetros de diametro. Pega-se n'este apparelho pelo arco, mergulha-se na agua, passando-o por baixo do peixe e depois retira-se envolvendo a pescaria; outras vezes, como por exemplo, quando abrem na praia o sacco de uma arte de arrastar, enterra-se o *enchelevar* na massa de pescaria e enche-se com ella, deixando uma folga para poder franzir a rede junto ao arco, e assim se transporta o peixe para a *lóta*, servindo este apparelho, em algumas localidades, de medida de avaliação da quantidade de sardinha, dizendo os pescadores que apanharam *tantos enchelevares* de sardinha.

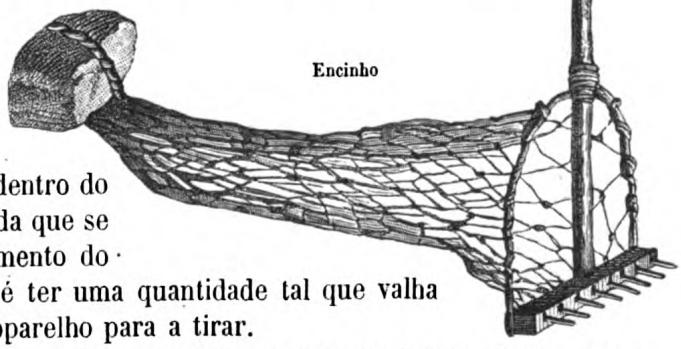
O nome de *enchelevar*, exprime por si o seu uso de *encher* e *levar*, ou transportar.

Ganapão. — Quando tratámos da pesca da sardinha, já descrevemos esta pequena rede de mão, que serve para apanhar á borda do barco o peixe que ao desenmalhar da *sardinheira* cáe á agua.

Encinho. — A rede do *encinho* tambem é do genero envolvente e de suspensão.

O *encinho*, empregado na exploração dos bancos de berbigão nas proximidades das barras e nos leitos salgados das rias e rios, consta de um *pente* de ferro, com 1 metro de comprimento, tendo a meio uma vara de 3 a 4 metros para servir de *cabo*, e ligado a este e aos extremos do *pente* tem um *arco*, onde entralha a rede que ha de receber o mollusco.

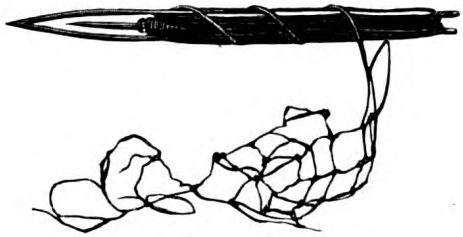
Emprega-se este apparelho de bordo de uma embarcação, ou mesmo entrando o pescador na agua até á cintura, e dragando a areia com o *pente* a fim de revolver o banco onde o marisco está enterrado a pequena profundidade, indo o berbigão caindo para dentro do sacco de rede, á medida que se vae fazendo o arrastamento do *encinho* pelo fundo, até ter uma quantidade tal que valha a pena suspender o apparelho para a tirar.



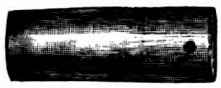
Encinho

Em algumas localidades do nosso paiz o uso immoderado d'este apparelho revolvente tem dado logar á diminuição d'este mollusco tão saboroso,

ameaçando até o seu exterminio em curto periodo, facto que reclama a adopção de medidas regulamentares para esta exploração, fixando as epochas e regiões da apanha, e as dimensões das malhas dos saccos.

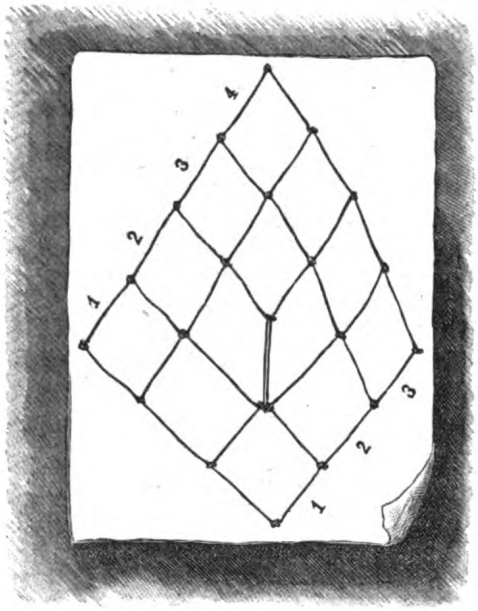


Agulha de fazer rede



Fôrma de fazer rede

As redes dos apparelhos que temos descripto construem-se com agulha e fôrma, e a sua grandeza póde augmentar ou diminuir com o auxilio dos *mates*, dados como representa a figura d'esta pagina.



Maneira de matar as malhas

Para a tintura das redes usa-se uma gamella como indica a figura respectiva.

Em alguns dos portos de pesca do continente fabricam-se as redes á mão, mas a maior quantidade d'ellas são importadas dos portos de Hespanha, e feitas á machina.

Os pescadores da costa do norte do paiz vão comprar as redes a Vigo e á Guardia, e os da costa meridional do reino adquirem-n'as em Ayamonte, ou em outros portos do sul.

Ainda assim a importação d'esta mercadoria, accusada pelo boletim estatistico do conselho superior das alfandegas, é muito insignificante.

Vê-se n'elle que em 1886 foram importados 27:892 kilogrammas de redes de pesca, no valor de 13:243$000 réis, e em 1887, 13:886 kilogrammas, no valor de réis 7:764$000, quantidades e valores muito inferiores ás renovações e despezas annuaes do material de pesca.

Gamella de encascar redes

APPARELHOS DE MUITOS ANZOES

Na pesca costeira, assim como na do alto, tambem se empregam apparelhos de linha com grande numero de anzoes, destinados á captura das especies que frequentam as aguas mais proximas do litoral.

Estes apparelhos são: o *espinel*, as *cordas* e as *barqueiras*.

Espinel. — Compõe-se este apparelho de um certo numero de linhas de pesca, de vinto e quatro braças cada uma, emendadas umas ás outras, e tendo, de braça e meia em braça e meia, pesqueiros ou estrovos de linha de linho mais fina com um anzol empatado em cada um.

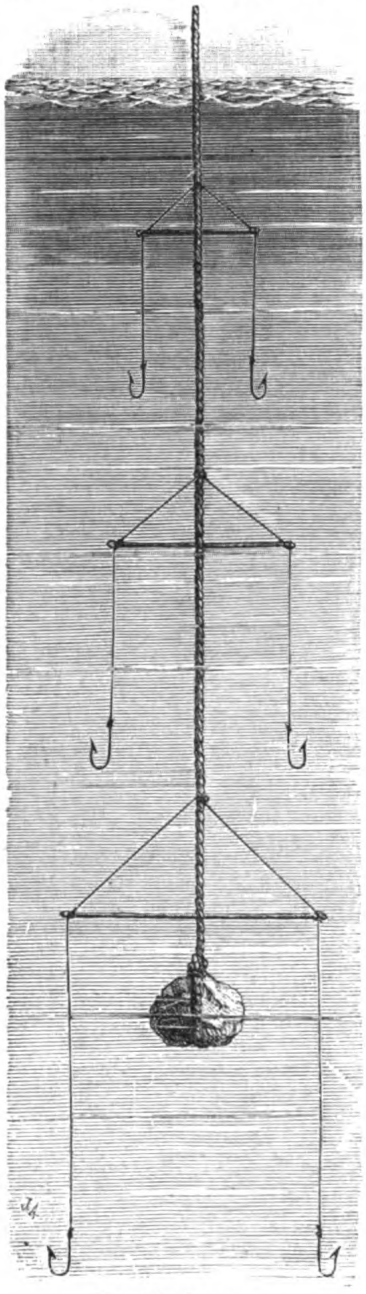
Geralmente põem cento e dezeseis anzoes em cada quatro linhas de comprimento, chegando-se a fazer apparelhos tão compridos que attingem 300 a 500 metros de extensão.

Este apparelho, igual ao que descrevemos para a pesca do alto, lança-se da mesma maneira do que aquelle.

Cordas. — Em alguns pontos da costa usam de uns pequenos espineis, feitos com uma unica linha de 24 braças, tendo amarrada na extremidade uma pedra, que se póde lançar da margem sem o auxilio de embarcação, e que denominam *cordas*.

Anzol para a pesca da faneca

Depois dos anzoes d'este apparelho estarem iscados, o pescador arremessa com força a pedra para o lado do mar até á maior distancia que póde alcançar, e amarra o chicote do lado da terra a uma pedra, ou estaca que crava para este fim.



Barqueira de arame

Este systema de pesca é muito facil de empregar, porque sem auxilio de embarcação, póde o pescador, com toda a facilidade e sem risco, deitar o seu apparelho e capturar bom peixe que venha á babuge da praia.

Da simplicidade de construcção das cordas, cujo lançamento vae representado na gravura d'esta pagina, resulta o seu emprego vulgarissimo em quasi toda a costa maritima do continente do reino.

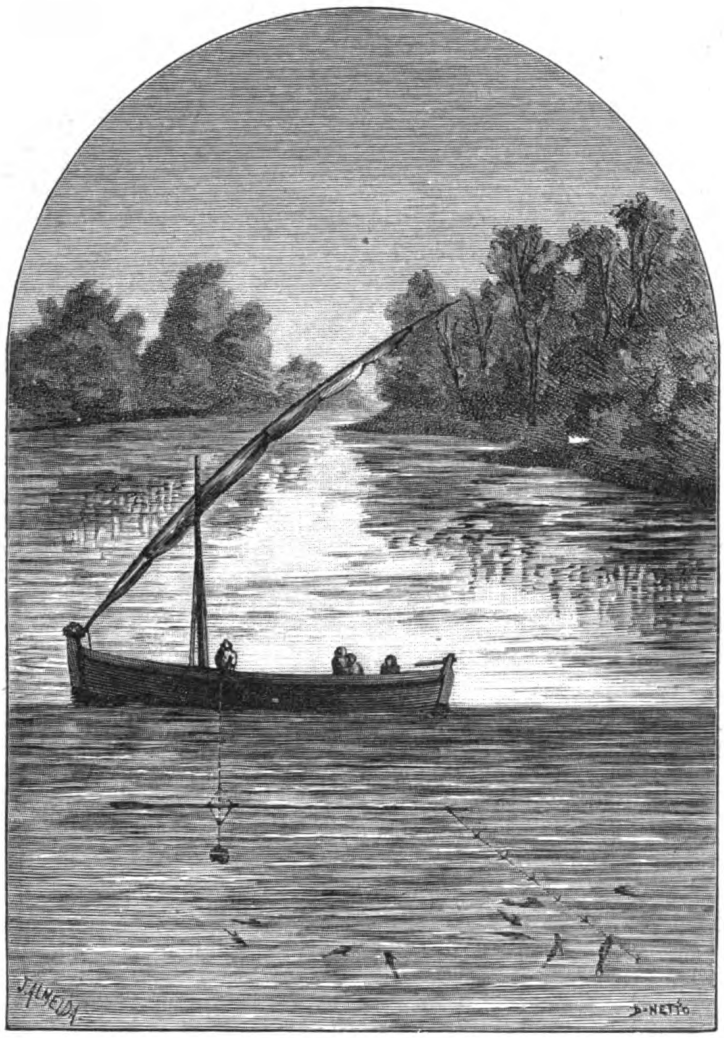
As dimensões e composição d'este apparelho variam muito segundo as localidades, embora no genero se possam sempre classificar no typo geral que descrevemos acima.

O momento mais asado para o lançamento das cordas é durante a baixamar, porque no fluxo da maré que se segue, vem o peixe de encontro á praia, e pega na isca com mais facilidade,

As iscas variam com as especies mais vulgares da zona maritima considerada.

Os pescadores cravam nos anzoes pedaços de sardinha, carapau ou lulas, e tambem pernas de caranguejos, para servirem de engodo aos peixes, e preferem uma ou outra d'estas iscas conforme as especies que pretendem pescar.

As *cordas* permanecem dentro de agua algumas horas, ou toda a noite, segundo a vontade do pescador, e passado esse tempo, puxa-as elle para terra tirando os peixes que porventura tenham caído nos anzoes, geralmente solhas, linguados, robaletes, enguias, etc.



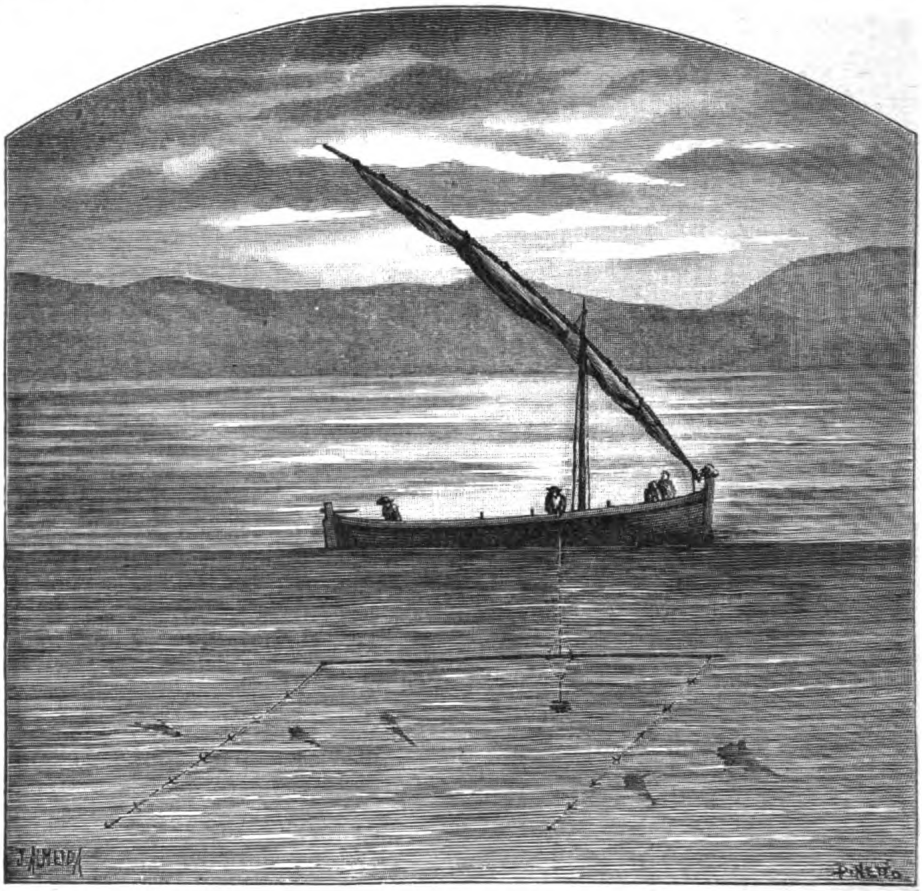
Barqueira de meia varestilha

Barqueiras. — Ha tres variedades de apparelhos d'este genero: a *barqueira de arame,* a *barqueira de meia varestilha,* e a *barqueira de varestilha inteira.*

A *barqueira de arame,* empregada vulgarmente na pesca da faneca, compõe-se de uma linha de linho, com 25 braças de comprimento, tendo

no extremo uma pedra para servir de peso, e, com intervallos de dois palmos, tres arames amarrados perpendicularmente á linha e aguentados pelas extremidades por meio de fios, formando uma especie de estribos triangulares desiguaes, como representa a figura da pagina 269.

Nas seis extremidades d'estes arames fixam-se os estrovos, feitos de fio mais fino engaiado com linha branca, tendo empatados anzoes de n.º 4 e n.º 11.



Barqueira de varestilha inteira

A isca que empregam n'esta pesca é de sardinha, caranguejo, mexilhão, cazul ou tripa de sardinha, a qual dura muito tempo dentro da agua sem se desfazer.

Este apparelho deita-se de bordo de uma bateira ou maceira, tripulada por um ou dois homens, largando-o para o fundo até que a pedra assente no solo submarino.

A *barqueira de meia varestilha,* muito usada na costa do Algarve, consta de uma linha grossa de pesca, tendo atada perpendicularmente na ex-

tremidade uma vara delgada, a qual sustenta em uma das pontas um pequeno *espinel* e na outra um peso para equilibrar o systema, mantendo a vara em posição horisontal.

Este apparelho mergulha-se na agua de bordo de um barco, tripulado por um a quatro homens, e destina-se á pesca das especies de peixes miudos.

A *barqueira de varestilha inteira* differe da anterior em a vara ser maior, ou composta de duas varas amarradas em seguimento uma á outra; a linha atar a meio do systema; e, em logar de um *espinel,* haver dois, um em cada ponta.

A tripulação das embarcações que empregam este apparelho é maior, podendo pescar do mesmo barco oito a dez homens.

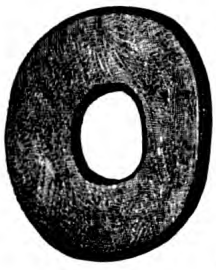
As *barqueiras* são muito usadas em quasi toda a costa, e evitam com a sua especial construcção que os anzoes e as linhas se enrasquem.

APPARELHOS SINGELOS DE ANZOL OU FISGA

Estes apparelhos são: a *linha de pesca, amostra, canna de pesca maritima, taloeiras, fisga, bicheiro* e *rasco.*

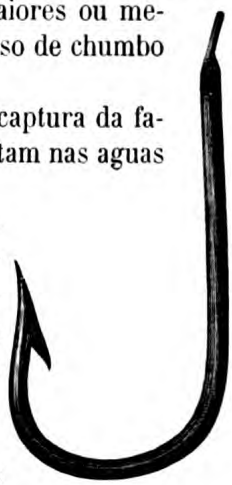
Linha de pesca.—A linha de pesca costeira é geralmente de linho em branco, tem 2 millimetros de diametro, e mede 25 a 50 braças de comprimento, tendo na extremidade de um a cinco anzoes maiores ou menores, conforme as especies a que se destinam, e um peso de chumbo ou uma pedra.

Quasi sempre se emprega a linha de pesca para a captura da faneca, robalete, tainha, mureia e outros peixes que habitam nas aguas costeiras, mas que não constituem cardumes.



Estronca de barro

Para a pesca á linha empregam-se barcos ou bateis tripulados por dois a quatro homens, dividindo-se o producto da pesca em partes iguaes para cada um, e pertencendo dois quinhões ao barco.



Anzol para a pesca do roballo

Amostra.—A pesca á *amostra* póde fazer-se de bordo, ou de cima das rochas banhadas pelo mar, destinando-se para o robalo. Quando a pesca se executa de bordo, empregam os pescadores uma linha de linho em branco ou tinta, com 35 braças de comprimento, tendo no extremo um fio de arame de ½ millimetro de dia-

metro, onde empata um anzol grande, tendo em volta um trapo branco ou uma penna de gallinha, que constitue a *amostra*.

Algumas vezes usam como *amostra* um pequeno peixe feito de lata ou uma ellipse com tornel, munidos de anzol, e construidos de maneira que adquiram movimento de rotação dentro de agua, apresentando um aspecto brilhante, quando são postos em movimento á superficie.

A embarcação segue á véla, levando a linha a reboque, ou fundeia em sitios onde a agua corra muito, e deita a linha pela poupa fóra. A figura junta representa a ellipse de metal.

Esta pesca torna-se muito perigosa quando se faz a bordejar em mar de vaga, para tirar partido do habito do robalo de andar em correrias na crista da onda, tendo-se dado alguns sinistros por se virar a embarcação ao embate da vaga ou salto do vento.

Na costa occidental do norte do paiz denominam este processo de pesca *andar ao corripo* ou a *cirrar;* e na costa do Algarve chamam-lhe *pesca ao abano,* usando em logar da linha uma canna com o arame no extremo, onde empata o anzol, como já vimos ao tratar da pesca do alto.

Quando a pesca se faz de cima dos rochedos, como praticam os pescadores de Peniche, empregam uma grande canna com linha ou arame, e a *amostra* no extremo, fazendo deslisar esta á superficie por um movimento de translação, que imprimem ao apparelho, e chamam a este systema *variar* ao robalo.

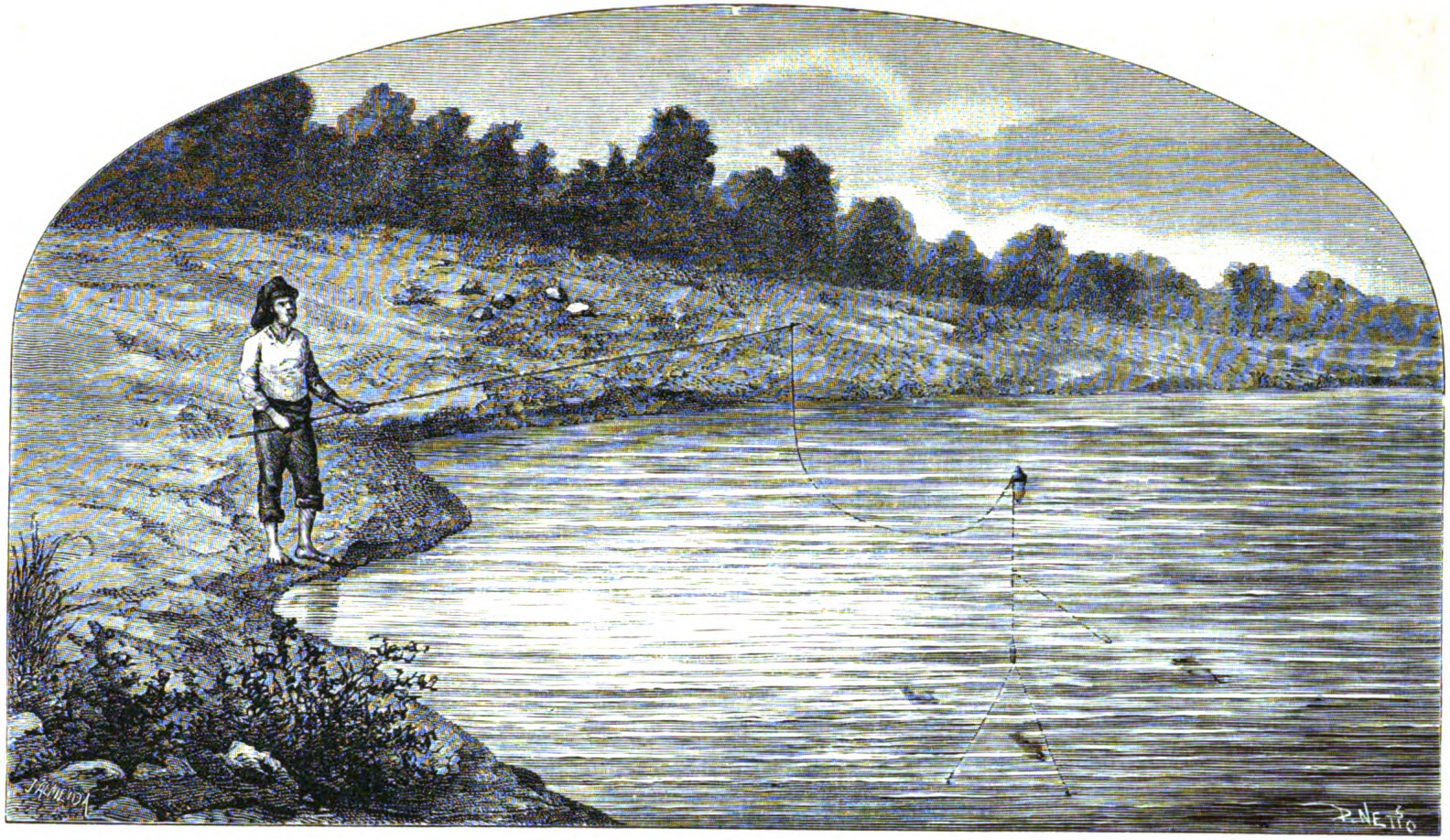
É claro que n'este processo de pesca á *amostra* se não empregam iscas, por isso que o peixe se arremessa rapidamente sobre o objecto que vê brilhar á superficie e fica preso no anzol.

Canna de pesca maritima.—Para a pesca maritima de cima dos rochedos, da margem, quebramares ou muralhas, empregam os pescadores de toda a costa, onde esta pesca se póde exercer, a bem conhecida *canna de pesca,* composta de uma vara ou canna com 4 a 6 metros de comprimento, tendo na extremidade o apparelho, que consta de *linha, boia, chumbada* e *estrovos* munidos de *anzoes.*

A *boia* de cortiça tem a fórma conica truncada, e serve para suspender á superficie o apparelho, mantido verticalmente dentro de agua por meio da *chumbada.*

Os *estrovos* são engaiados com linha branca, e geralmente collocam tres *estrovos* em cada *linha.*

Os pescadores deitam o apparelho dentro de agua, segurando a canna com as mãos, e assentando a extremidade d'esta sobre o quadril, e n'esta posição esperam o signal dado pela boia quando afunda, para conhecerem



Pescador com canna maritima

que o peixe picou, levantando então o apparelho da agua, e executando uma rotação com elle, a fim de o peixe lhes vir caír aos pés.

Logo que lançam mão do peixe, mettem-lhe o dedo indicador na juncção das guelras, partindo-lh'as, assim como a columna vertebral junto á cabeça, a fim de que elle perca os movimentos, e não possa saltar ou resvalar para a agua.

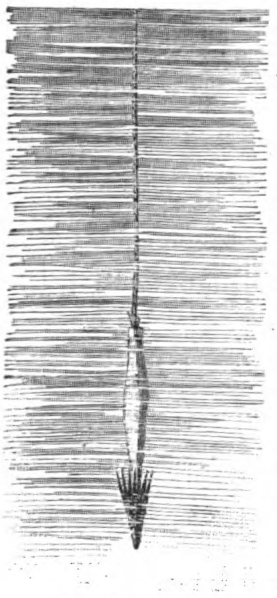
A isca geralmente mais empregada é de sardinha partida em pedaços.

Taloeiras.—Estes apparelhos que constituem verdadeiras fisgas, empregados na pesca das lulas e chócos constam da *linha* e da *taloeira.*

A *linha* é uma linha de pesca vulgar.

A *taloeira* póde ser de *chumbo* ou de *madeira.*

A primeira compõe-se de um pedaço de chumbo em fórma de fuso, forrado de panno patente branco, tendo na extremidade superior um furo para amarrar a linha, e terminando na parte inferior por uma pequena pyramide conica, tambem de chumbo, com o vertice para baixo, e guarnecida em volta da circumferencia da base com alfinetes dispostos com os bicos para cima.



Taloeira de chumbo

A *taloeira* de madeira consta de uma haste cylindrica ou vareta de madeira, aguçada em um dos extremos, e na outra extremidade uma pyramide conica de chumbo como a anterior.

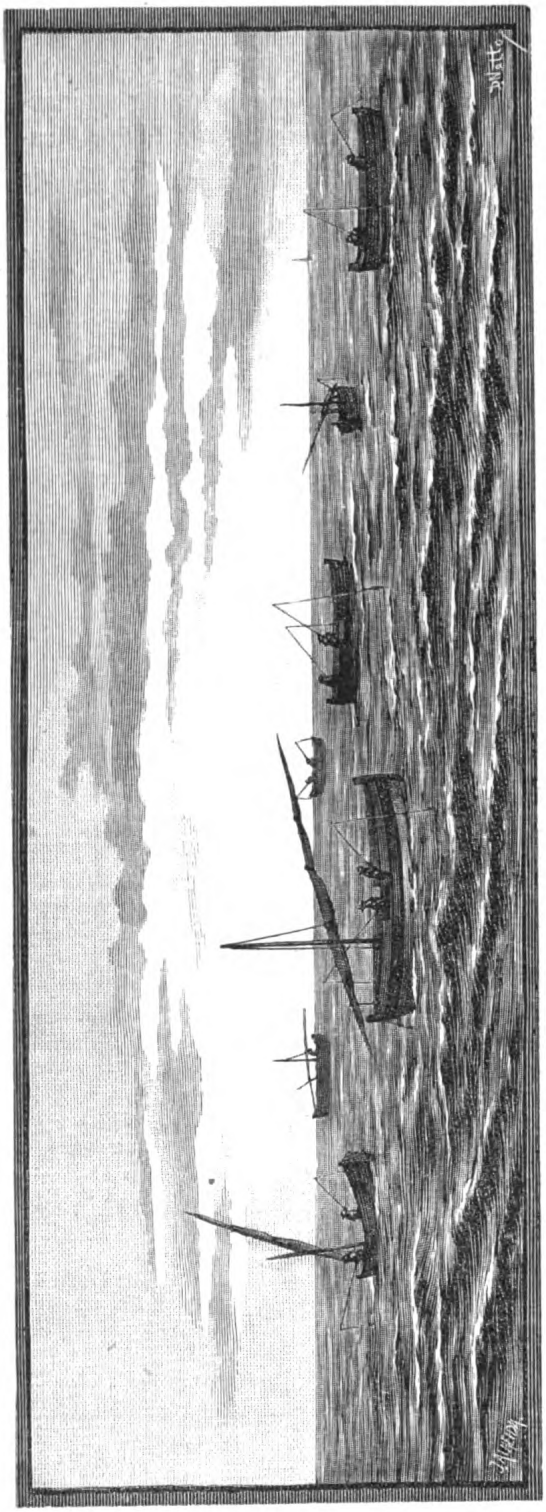
Taloeira de madeira

Emprega-se a *taloeira* de chumbo para a pesca das lulas e chócos durante o dia.

De bordo de uma embarcação, em paragens pouco profundas, o maximo até 15 a 20 braças de agua, larga-se este apparelho para o fundo, e ala-se e arria-se successivamente uma porção de *linha* para dar movimento de vae-vem á taloeira dentro de agua.

Apenas o apparelho accusa maior peso, puxa-se rapidamente pela linha a fim de fisgar o mollusco com os alfinetes, os quaes têem sido previamente untados com sabão para enterrarem com facilidade.

Informam os pescadores que a lula e o chôco, alimentando-se principalmente de peixes e crustaceos, vendo dentro da agua um corpo branco em movimento lançam-se sobre elle pretendendo apprehendel-o com os tentaculos, e é n'esta occasião que são fisgados.



Em Peniche a canna de pesca é muito usada por todos os pescadores de cabos a fóra, para a captura da cavalla e sarda, sendo a classe mais numerosa a dos pescadores da canna nas aguas da costa e no mar da Berlenga, Estellas e Farilhões, e aquella que maior protecção deve merecer, por ser a dos trabalhadores do mar mais pobres.

Os chamados *batelinhos* de pesca á canna, tripulados por quatro a oito homens, arrostam, mais do que nenhuns outros barcos, já pela fragil construcção, quer pelas paragens que exploram, os maiores perigos e inclemencias, sem que o resultado corresponda ao risco que correm, mas tirando apenas, quando tiram, o peixe com que matam a fome, não podendo explicar-se a concorrencia de pescadores a esta pesca tão pobre, senão pela facilidade e valor infimo de uma canna, com arame e anzol, que lhes serve de instrumento para alcançar os meios de subsistencia, por isso que a parte do barco é distribuida por uns poucos, correndo o proprietario a contingencia do rendimento, conforme a felicidade da pesca.

A figura lateral representa os *batelinhos* pescando no mar do Alto da Ilha, campo este mais frequente onde se exerce a pesca á canna.

A *taloeira* de madeira usa-se para a mesma pesca de noite.

Enfia-se a vareta em uma sardinha, agulha ou boga, de maneira que entre pela bôca e sáia pelo anus, e depois procede-se com o apparelho como para a pesca de dia.

A explicação que os pescadores dão do emprego de uma *taloeira* differente para a pesca de noite, é que n'estas condições a de chumbo desenvolve grande phosphoroscencia na agua do mar, deixando um rasto luminoso que afugenta o mollusco.

Fisga.—Ha duas especies de apparelhos d'este genero usados na pesca maritima. Um, a que tambem chamam *arpéu,* consta de uma haste de ferro com 40 a 50 centimetros de comprimento, tendo em uma das extremidades uma ponta aguçada com duas rebarbas, em fórma de farpa, e na outra uma cavidade onde entra uma vara de madeira. A meio do ferro tem uma argola para amarrar um cabo que dá volta no extremo da vara e que tem o comprimento necessario para alcançar até uma distancia de 5 a 10 braças, ficando o chicote a bordo.

Fisga das toninhas

Empregam este apparelho para *arpoar* ou *fisgar* as *toninhas* e outros cetaceos, que passam ao alcance das embarcações, e, mesmo os peixes de maiores dimensões, arremessando-o com força a cravar-se-lhe no corpo.

É o mesmo processo de pesca que se usa na grande pesca da baleia, variando apenas a fórma e dimensões do apparelho.

A *fisga* differente d'esta, que se emprega geralmente para pescar ao *candeio,* consiste em uma especie de garfo de ferro collocado na extremidade de uma vara.

A pesca ao *candeio* faz-se nas noites escuras, em que a superficie das aguas está tranquilla e calma, fazendo deslisar mansamente uma embarcação com um *fogacho* á prôa, proximo da agua, a fim de *encandeiar* o peixe, isto é: chamal-o á superficie, atrahido pela luz, e ahi se conservar, dando tempo a ser *fisgado* directamente pelo garfo que o pescador tem nas mãos e que vae successivamente mergulhando na agua.

Bicheiro.—Os pescadores denominam *bicheiro* qualquer gancho ou anzol que empregam para cravar no corpo dos peixes e molluscos, a fim de os segurar.

O *bicheiro,* que se usa na pesca do polvo, que habita por entre as rochas e pedras que orlam a costa, é, na sua maior simplicidade, uma vara de ferro com 70 a 80 centimetros de comprimento, recurvada em gancho na extremidade que se introduz nos buracos e fendas.

Bicheiro das enguias

Bicheiro do polvo

Em alguns pontos da costa usam jangadas de madeira, ou de cortiça, para irem aos penedos destacados da terra, como succede na costa de Espozende e Fão; em outras regiões vão mesmo nos barcos.

Os pescadores mettem o *bicheiro* pelos intervallos e intersticios das rochas e pedras, durante a baixamar, para poderem explorar as penedias mais fundas, e quando sentem o gancho cravado em algum corpo, puxam-no para fóra do esconderijo, e se é polvo viram-lhe o *capelo* para elle não poder fugir. Algumas vezes, em logar d'este mollusco, vem preso no *bicheiro* algum safio ou enguia, e mesmo algas marinhas.

A epocha da pesca do polvo é em junho, julho e agosto.

Rasco. — Este apparelho, usado na costa occidental do norte do continente do reino para a colheita do mexilhão que vive agarrado aos penedos, compõe-se de um garfo recurvado de ferro, com seis a oito dentes bem afiados e ponteagudos, encavado no extremo de uma vara de pinho com 7 a 8 metros de comprimento.

Rasco do mexilhão

Os pescadores, de bordo de uma embarcação, dragam o fundo com o *rasco* e arrancam as pinhas de mexilhão, que estão incrustadas nas rochas a pedras cobertas pelas aguas.

Na penedia que orla a costa de Vianna do Castello para o norte, emprega-se muito este apparelho, que sempre se usa no momento da maré estar vazia, sendo vulgar o verem-se innumeras embarcações, com homens e mulheres, explorando as pedras dos alicerces dos quebramares e as rochas marginaes.

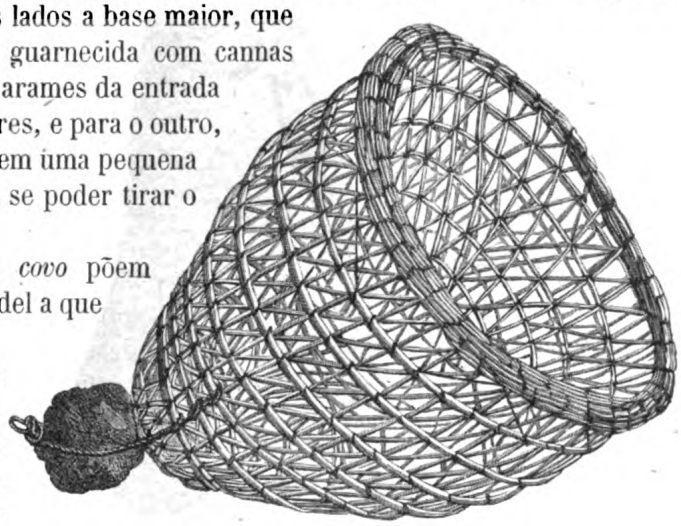
J. Almeida

SALMÃO, pag. 48

APPARELHOS DE VERGA EM FÓRMA DE RATOEIRA

Os apparelhos d'este genero, que se usam na costa de Portugal, são: os *covos* e *muregonas*.

Cóvos.—O *covo* é uma armadilha com a fórma de pyramide conica truncada, feita de verga enlaçada, que assenta no fundo pela superficie, deixando para um dos lados a base maior, que tem uma abertura guarnecida com cannas dispostas, como os arames da entrada nas ratoeiras vulgares, e para o outro, a base menor que tem uma pequena *porta* para por ella se poder tirar o peixe.



Covo

No interior do *covo* põem atravessado um cordel a que amarram a *isca*.

Fundeia-se este apparelhò, depois de iscado, em sitios pedregosos e permanece toda a noite dentro da agua.

O peixe, procurando alcançar a isca, entra pela abertura lateral da armadilha e fica preso dentro d'ella.

Ha duas maneiras de determinar a posição dos *côvos,* usadas pelos pescadores, para os poder encontrar e suspender de madrugada:

Consiste a primeira em amarrar ao *covo* um arinque com uma boia de cortiça para o assignalar, mas tem o inconveniente de qualquer o poder suspender e tirar o peixe, rasão por que só se emprega em paragens que possam ser bem vigiadas.

A segunda dispensa o arinque e boia, porque quando o pescador larga o *covo* para o fundo, faz duas marcações em terra, só d'elle conhecidas, uma *de direito,* e outra *de través,* e para o suspender emprega um *busca-vidas,* ou pequena fateixa de rocegar.

Os *cóvos* largam-se na costa do norte, na enseada de Peniche, na de Setubal e em quasi toda a costa do Algarve.

Muregonas.—Estes apparelhos são construidos como os anteriores, mas têem a fórma espheroide, assentando no fundo pela base ou circulo maior e tendo no polo superior a abertura de fórma afunilada por onde entra o peixe.

A muregona é uma ratoeira de verga construida segundo as mesmas condições de armadilha que constitue o covo, mas a sua disposição não é tão favoravel á entrada dos peixes porque tem a abertura na parte superior, forçando o peixe que a procura a tomar uma posição vertical de cabeça para baixo na occasião da entrada, emquanto que o covo tem o vão da bôca de lado, facilitando o accesso dos peixes.

Muregona

Esta pesca é muito facil de fazer, porque se resume, em deitar o apparelho convenientemente iscado, com tripas de sardinha ou restos de qualquer peixe, e ir depois, retirar a pescaria que porventura caiu dentro da armadilha, sendo alem d'isto o apparelho de uma construcção pouco despendiosa e feito quasi sempre na localidade.

Este apparelho, assim como o *covo,* fundeia-se com duas pedras, amarradas nas alças de verga dispostas para este fim.

A *muregona* é menos usada do que o *covo,* não só por ser mais antiquada, mas tambem por não pescar em tão boas condições.

Pilado

J. Almeida

SAVEL *(clupea alosa)*, pag. 50

CAPITULO VII

Pesca fluvial.—Descripção dos apparelhos e processos de pesca usados nos rios e rias do continente do reino.

É na pesca exercida das barras para dentro, nas bacias inferiores dos rios, nas rias, nos cursos navegaveis, nos leitos obstruidos por açudes, poldras, passadeiras, seixaes, etc., que se emprega maior variedade de apparelhos de pesca, porque alem dos da pesca costeira, que tambem aqui têem em grande parte applicação, ainda ha grande numero de outros que se usam com vantagem nas aguas interiores, attendendo ao maior abrigo do meio, á sua diminuta profundidade, ao auxilio prestado pelas margens e insuas, e a muitas outras circumstancias que favorecem a installação e o manejo de apparelhos mais simples e ao mesmo tempo mais efficazes.

Tambem podem classificar-se os apparelhos usados na pesca fluvial em *apparelhos de rede* e *apparelhos de anzol* ou *fisga,* acrescentando-lhe mais duas classes bem definidas: a dos *apparelhos de verga* ou *arame em fórma de ratoeira,* e a dos *apparelhos automaticos;* e um *grupo de variedades* para conter a grande diversidade de meios de pescar, que não podem restringir-se a qualquer classificação, a tal ponto são differentes, que por assim dizer cada um fórma um typo especial.

Os apparelhos d'este ultimo grupo são muito numerosos e a sua construcção varia facilmente de localidade para localidade, como se poderá ver mais adiante quando tratarmos da sua descripção.

Os *apparelhos de rede* subdividem-se em *apparelhos de rede de enmalhar, apparelhos de rede envolvente* e *apparelhos de rede de estacada.*

Os primeiros e os segundos são *fixos* e *volantes,* e os ultimos são sempre *fixos.*

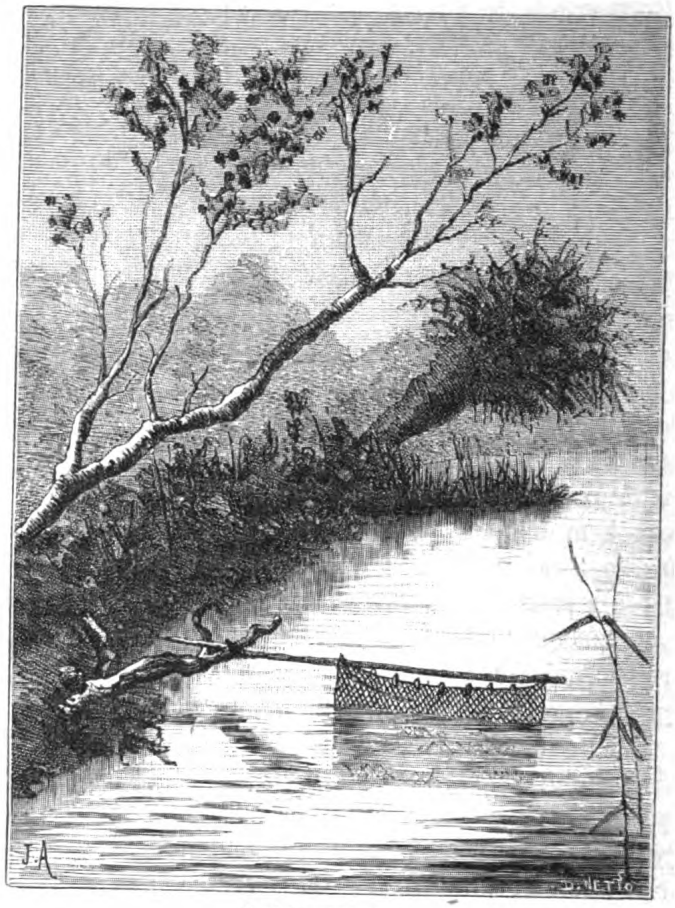
Os *apparelhos de anzol* ou *fisga* subdividem-se em *apparelhos de muitos anzoes* e *apparelhos singelos de anzol* ou *fisga.*

Vamos descrever todos os apparelhos comprehendidos nos generos acima indicados, apontando ao mesmo tempo quaes as localidades onde se usam, as especies a que se destinam, e a maneira de com elles funccionar.

APPARELHOS DE REDE DE ENMALHAR FIXOS

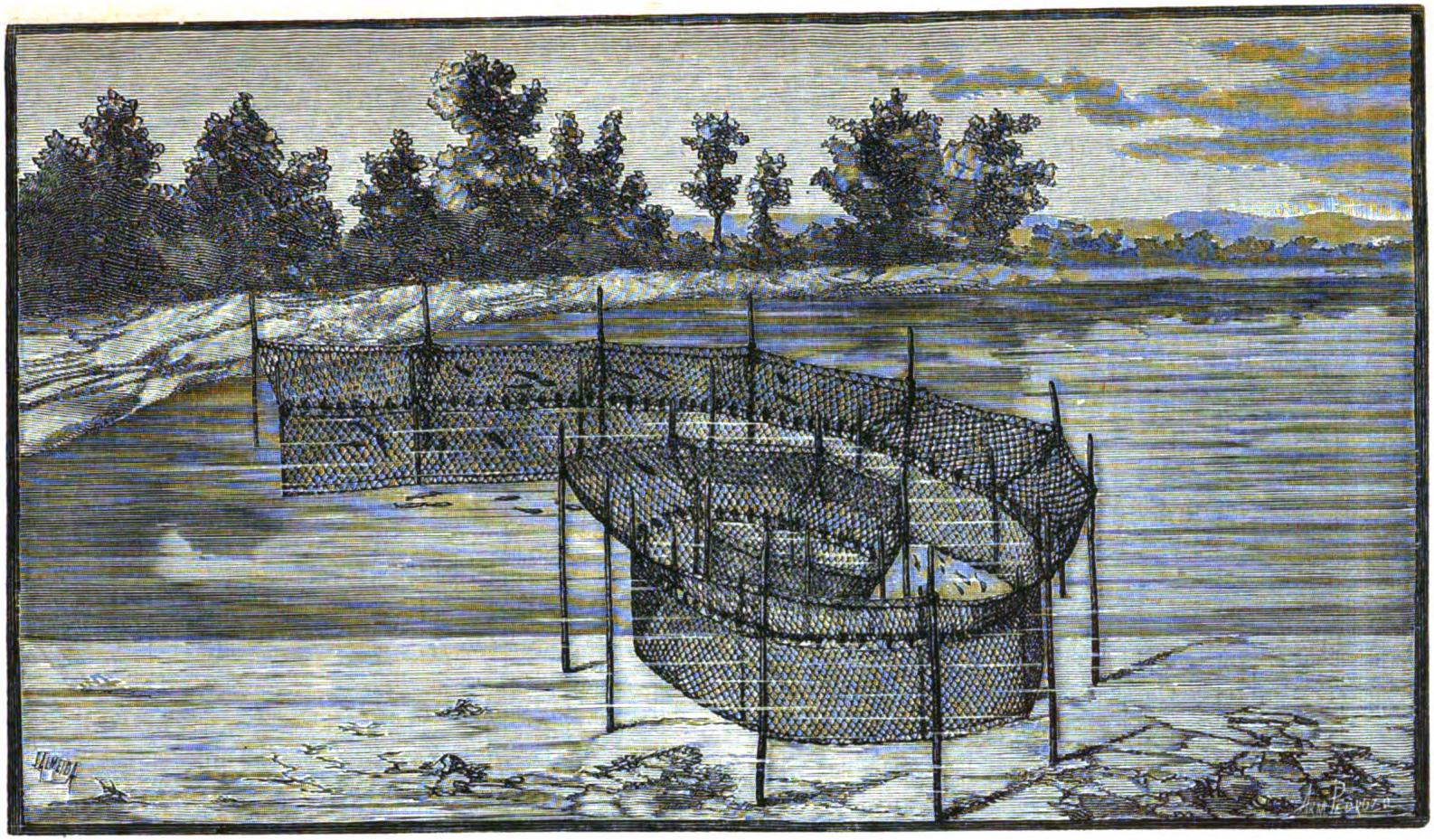
Estes apparelhos, alguns muito simples e outros assás complicados, são o *redeiro de margem,* o *salto* ou *parreira* e a *solheira.*

Redeiro de margem. — O *redeiro* é uma pequena rede de um só panno com 2 a 3 braças de comprimento e 1 ou 2 de altura, feita de fio muito fino de linho, sem ser torcido, com malha de 28 millimetros de lado, tendo boias de cortiça na tralha superior e chumbadas na de baixo.



Redeiro de margem

Usa-se este apparelho nos cursos superiores dos rios, deitando-o de cima das margens, em sitios onde a agua fórma remanso, aguentando o extremo de fóra da rede com uma vara comprida, retesando a tralha de cima ao longo d'esta, e amarrando a extremidade de dentro á vara, que a



Salto ou parreira

seu turno é atada a um tronco de arvore, estaca ou pedra, que se preste para este fim.

A rede fica collocada verticalmente dentro de agua, e a vara em posição approximadamente horisontal, podendo desviar-se n'este plano á descripção do movimento das aguas, não excedendo, porém, muito a direcção perpendicular á margem.

Deita-se este apparelho geralmente á tarde, permanecendo na agua durante a noite, e levanta-se de madrugada, sendo destinado a enmalhar as especies de peixes mais miudos das aguas fluviaes.

Emprega-se muito o *redeiro de margem* no rio Minho para montante de Valença.

Salto ou *parreira.*—Que nos conste é este apparelho, de uma composição muito engenhosa, usado apenas na ria de Aveiro, encontrando-se perfeitamente estudado a paginas 51 e 52 de uma excellente memoria sobre *a Ria de Aveiro e as suas industrias,* publicada pelo illustrado official da armada Francisco Augusto da Fonseca Regalla, que o descreve da seguinte fórma: «Destinada á pesca do peixe saltão, esta rede compõe-se de duas partes distinctas o *cêrco* e a *parreira.*

«O *cêrco* é formado de varias peças de um simples panno, cortadas em parallelogrammo, tendo um dos lados de maior comprimento guarnecido de boias e o parallelo de chumbeiros, a fim de fixadas as varas, interceptarem a passagem do peixe, estabelecendo uma barreira vertical, desde o fundo até ao lume de agua. A *parreira* é uma rede tresmalho que armada fóra de agua, a partir das boias do cêrco, tem por fim receber o peixe que tenta salvar-se por meio do salto.

«O apparelho estabelece-se geralmente na saida dos canaes, esteiros ou callas ao virar da maré.

«Para o empregar, começa-se por armar o cêrco, o que se faz fixando as peças, pelos seus extremos, a varas cravadas no fundo, intervalladas por distancias iguaes ao comprimento de cada uma d'essas peças, formando uma barreira continua através da corrente, em curva muito aberta para esta, e terminando em espiral.

«O peixe, vindo com a agua, encontra a passagem interrompida e segue, prolongando o *cêrco* para ver se encontra alguma abertura, até á espira, onde se introduz. Ahi, vendo a rede por todos os lados, procura livrar-se por meio do salto; mas ao caír do outro lado é parado na quéda pela *parreira,* que está armada fóra de agua, fixada a varas, de modo a formar um plano inclinado de 45° com o horisonte, ligado por um dos lados á testa das boias do *cêrco.*

«Caído na *parreira,* n'ella se prende o peixe com os esforços que faz para salvar-se.

«As dimensões de cada peça do *cêrco* são as seguintes: comprimento 10 a 12 metros; largura 2 metros; malha depois de molhada 20 millimetros de lado; as da *parreira* são: comprimento 15 a 20 metros; largura 2 metros; miudo, malha de 40 millimetros de lado; alvitanas, malha de 20 centimetros de lado.

«É este o apparelho mais engenhoso dos empregados na pesca. Construido com o perfeito conhecimento dos costumes do peixe que é destinado a pescar, preenche admiravelmente o seu fim, e é usado de modo que não prejudica o desenvolvimento das especies ichthyologicas.

«A malha do cêrco, através da qual tentam passagem peixes, que pelas suas dimensões ainda não podem procurar a salvação pelo salto, não colhe senão as de tamanho maior do que $0^m,15$ a $0^m,16$ de comprimento. Os mais pequenos passam perfeitamente através da malha.

«É muito empregado pelos pescadores da Murtosa, desde fevereiro até ao S. *Simão* (fins de outubro), epocha durante a qual o peixe salta, o que não acontece de inverno, em consequencia do frio.

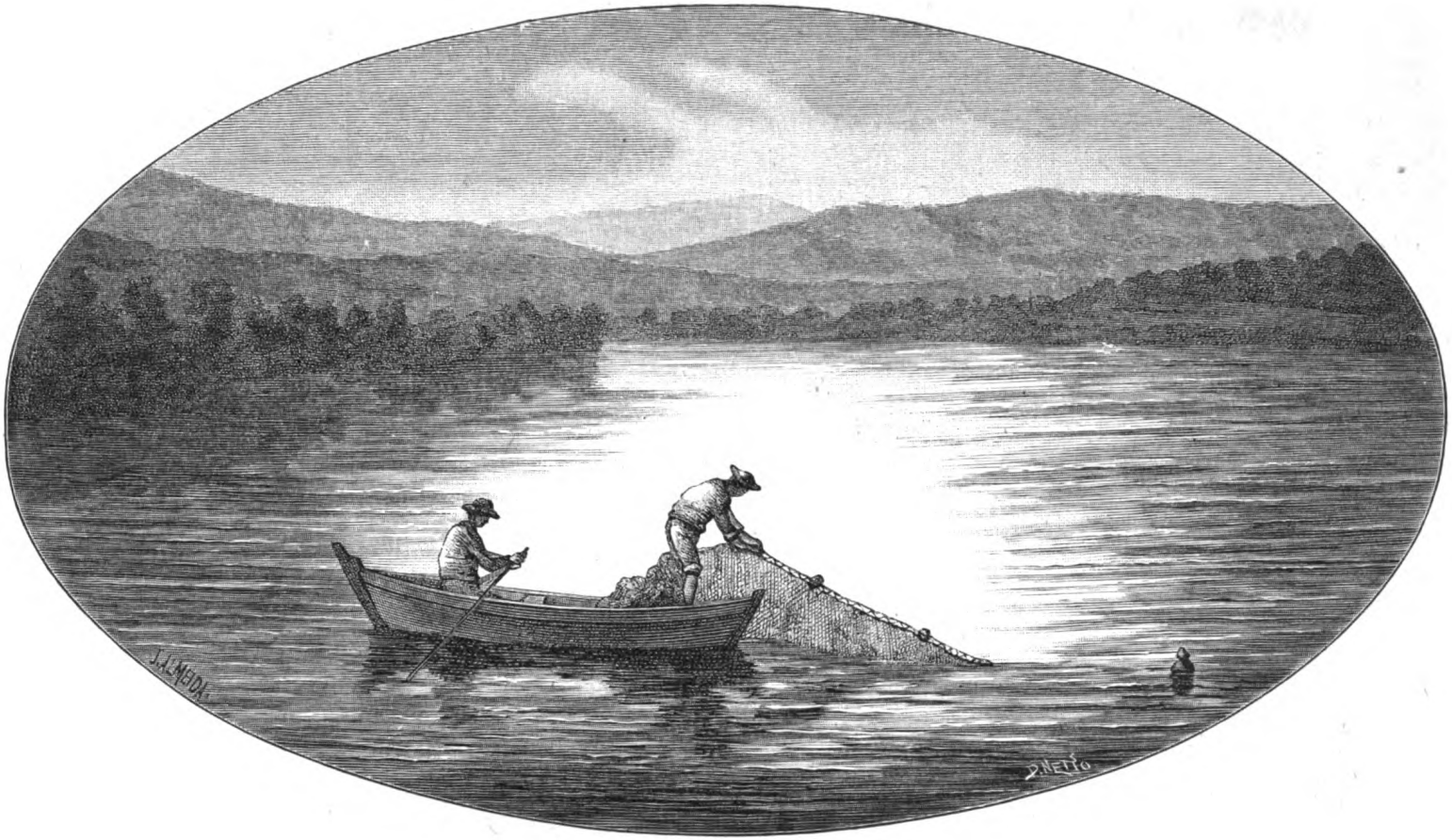
«Os pescadores de Ilhavo começam a usar tambem este apparelho. O seu emprego deve ser permittido sem modificação alguma».

N'este systema de pesca a parte do barco e apparelhos vence um quinhão.

Como se vê, pela descripção precedente, a *parreira* é uma rede de enmalhar de tres pannos fixa, disposta com tanto engenho para aproveitar o costume dos peixes saltões, que frequentam as aguas interiores, como a *majoeira,* rede do mesmo genero, empregada na costa, se adapta ao habito dos peixes que correm na crista das vagas, sendo ambas inoffensivas sob qualquer ponto de vista.

Solheira.—É tambem este apparelho uma rede de enmalhar de installação fixa, cuja descripção é feita nos seguintes termos na memoria acima citada: «É uma rede tresmalho fixa, destinada a formar uma barreira vertical á beira e ao longo das callas. Tem a mesma fórma da branqueira, sendo os chumbeiros bastante pesados, para que a testa inferior pouse no fundo. Os extremos da testa das boias são guarnecidos de alças por meio das quaes se fixa a rede a varas cravadas no fundo. Cada bateira emprega simultaneamente seis a oito redes em linha seguida, de modo que as varas intermedias segurem ao mesmo tempo os extremos das duas redes proximas. As varas são cravadas de modo que as distancias de umas ás outras sejam menores de que o comprimento das redes. Assim estas, arrastadas pela corrente, ficam estendidas em curvas com as concavidades voltadas para o mesmo lado, e ligadas pelos extremos.

«Estabelecido o apparelho, a bateira vae pelo meio da calla parallelamente á linha das varas, e emquanto um dos companheiros rema, o ou-



Barga das solhas

tro bate o fundo, a fim de afugentar o peixe que, retirando para a parte menos profunda, encontra a rede, onde se prende.

«A *solheira* só pesca peixe chato. É muito usada durante todo o anno pelos pescadores de Murtosa. Cada rede tem as seguintes dimensões: comprimento 12 metros; malha do panno (miudo) 40 millimetros de lado, e malha das alvitanas 20 centimetros.»

N'esta rede tambem o barco e apparelhos vencem um quinhão.

APPARELHOS DE REDE DE ENMALHAR VOLANTES

Os apparelhos d'este genero empregados nas aguas interiores são: *barga das solhas, barga da tona, tresmalho, barbal, lampreeira* e *redeiro derivante*.

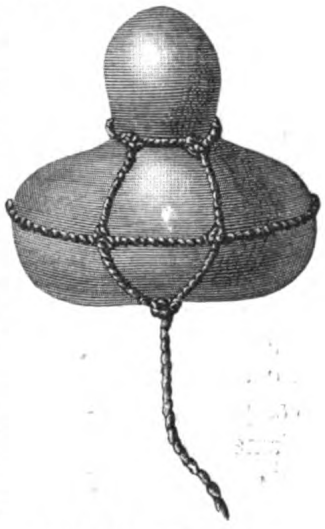
Barga das solhas.—Esta rede de um unico panno tem 60 a 65 metros de comprimento por 3^{m},30 de largura, é feita de fio de linho com $^{1}/_{2}$ millimetro de diametro, tinto na infusão da casca de pinheiro manso, e a malha mede 28 millimetros de lado.

As tralhas são de 4 millimetros de diametro, tendo a superior boias de cortiça distanciadas de 1^{m},70 em 1^{m},70, e a de baixo pesos com 0^{m},80 de intervallo, feitos de panno cru com *pedrulho* (pedrinhas miudas) dentro, tendo a fórma de um chouriço, a que chamam *pandulhos*.

As testas da rede são entralhadas em cabos mais curtos do que a largura da rede, rasão por que *armam de sacco,* e são munidas de dois cabos ou arinques, um que liga á *poita* e o outro á *cabaça*.

Para largar este apparelho são precisos dois homens dentro de um barco, um a remar e o outro á poupa, de pé, deitando a rede, começando por lançar á agua a poita e cabaça de um dos extremos, e depois sucessivamente á medida que o barco avança, larga a rede até que chegando á extremidade opposta, lança tambem a poita e cabaça, ficando a rede quasi deitada no fundo, com uma pequena inclinação, distanciando a tralha das cortiças apenas 1 palmo do fundo.

Depois da rede estar bem lançada, o barco percorre-a do lado de onde vem a corrente, e por meio de varas os pescadores *valam* o fundo duas vezes em todo o comprimento, a fim do peixe fugir e ir de encontro á rede.



Cabaça da barga das solhas

As solhas ficam enmalhadas, e, como ao suspender o apparelho alam as tralhas juntamente, tambem vem algumas envolvidas no seio da rede.

O regulamento de pesca do rio Minho estabelece uma malhagem de 50 millimetros para a *barga das solhas,* e assignala a temporada de exercicio d'este apparelho do 1.º de junho ao fim de fevereiro.

Largam a *barga* atravessada á corrente, tanto na enchente como na vasante; isto é: *á maré* e *ao sopé,* em linguagem maritima.

Usam muito este apparelho no rio Minho, desde a embocadura até á motta de Gondarem, destinando-se exclusivamente á pesca das solhas.

Uma *barga das solhas* importa em 4$000 réis.

Barga da tona.—Rede de enmalhar de um só panno, feita de fio muito fino de ticum com 1/3 de millimetro de diametro, ensaccando um pouco nas testas ou *abertouras.* Tem 80 a 85 metros de comprimento e 3^{m},50 de largura, formando seio para as testas onde tem de abertura 2^{m},70.

A malha tem 30 millimetros de lado, e a rede contém 60 malhas de largura.

As tralhas são da bitola das da lampreeira, tendo na de cima grandes cortiças para darem bastante fluctuação ao apparelho, e na de baixo *pandulhos,* a fim de manterem o verticalismo da rede quando mergulhada na agua.

Para pescar, deitam sempre duas d'estas redes, cada uma de seu barco, emendando-as por meio de *alça* e *caravelha,* e indo cada barco para differente lado, cercando com ellas até se reunirem novamente, ficando o apparelho suspenso da superficie, ou *tona,* sem assentar no fundo e formando um circuito fechado onde o peixe se conserva limitado.

Destina-se esta *barga* á pesca de mugens, linguados, tainhas, alvôres, limentos, etc., e não se emprega com *aguas negras.*

É muito usada no rio Minho, importando geralmente em 18$000 réis, feita em Seixas, povoação marginal de pescadores que exploram assiduamente este systema de exploração das aguas.

Tresmalho.—É este o apparelho de enmalhar mais vulgar nas aguas interiores dos rios e rias, e que mais se usa em todo o continente do reino para a pesca, variando comtudo de dimensões, conforme as localidades e as especies a que se destina.

No rio Minho compõe-se de uma rede de tres pannos com 50 metros de comprimento depois de entralhada com cabo delgado de 4 millimetros de diametro.

O *miudo* tem 4^{m},60 de largura, contando trinta e cinco malhas de 74 millimetros de lado; e as *alvitanas* medem 3^{m},25 de largura com a malhagem de 30 centimetros de lado.

Rede Branqueira

Empregam-se geralmente quatro d'estas redes, a que chamam *quartos*, tendo cada uma na tralha superior vinte cortiças e na tralha inferior vinte chumbadas grandes e vinte pequenas.

O *tresmalho* larga-se, do pôr ao nascer do sol, atravessado ao eixo do canal ou braço do rio, podendo caír á feição da corrente, indo a arrastar a tralha de baixo pelo fundo, para o que as cortiças são de pequenas dimensões, menores do que na lampreeira, e assim deriva acompanhado pelo barco.

Este apparelho tem nas pontas duas boias de cabaças com arinques, que assignalam a sua posição, e servem para o suspender. Emprega-se no Minho para a pesca do salmão e savel, de janeiro a junho.

Importam os quatro *quartos* em 18$000 réis.

O regulamento de pesca no rio Minho estabelece a grandeza de 140 millimetros para a malha do panno interior; assignala para temporada de pesca com este apparelho do 1.º de março a 30 de junho; e permitte a pesca de dia com elle, quando houver *aguas negras*, mas sómente na foz do rio até Caminha e Campos Ancos.

Estabelece tambem a distancia de 25 metros de barco a barco durante o lançamento.

O *tresmalho* com estas dimensões, empregado á mercê da corrente, apenas se usa no rio Minho, e principalmente para a pesca do salmão, sendo differente do que se emprega nos demais rios para a pesca do savel e de outras especies menores, como vamos ver na rapida descripção dos typos usados em outras localidades.

Os *tresmalhos* usados pelos pescadores ilhavos, que em grande numero emigram durante a epocha do savel para o Douro, Tejo e Sado, compõem-se tambem de tres redes sobrepostas.

As de fóra, chamadas *alvitanas*, são feitas de linha de linho singela, com $^1/_2$ millimetro de diametro, tendo a malha 13 centimetros de lado; e a rede media ou *miudo* de linha de linho ainda mais fina, e malha de 23 millimetros.

Cada rede tem de altura $1^m,5$ e de comprimento 15 metros.

Na tralha de cima, que tem 4 millimetros de diametro, ha pequenas boias de cortiça, quadradas e circulares com 7 centimetros de diametro e 1 centimetro de espessura, tendo um furo ao centro para passar a tralha, collocadas de metro em metro; envolvendo a tralha de baixo tem pesos de chumbo com 5 centimetros de comprimento, dispostos de *entralho* a *entralho* das redes exteriores.

Para dar á linha uma côr escura mais conveniente para a pesca, e preparal-a para resistir á acção da agua, mergulha-se a rede, depois de feita, dentro de um *caldeiro* grande, de cobre ou arame, em uma infusão de casca de pinheiro, fervida durante cinco a seis horas em agua doce.

A immersão faz-se a quente, permanecendo a rede n'ella durante toda a noite, sendo tirada de manhã e depois secca ao sol.

Juntam os ilhavos umas ás outras no sentido do comprimento, quinze e mais redes, e lançam-as ao longo da margem do rio, ou contornando os cabeços de areia. Os pesos de chumbo fazem com que a tralha inferior assente no fundo, e as boias da tralha de cima alliviam a rede, mantendo-lhe a posição vertical.

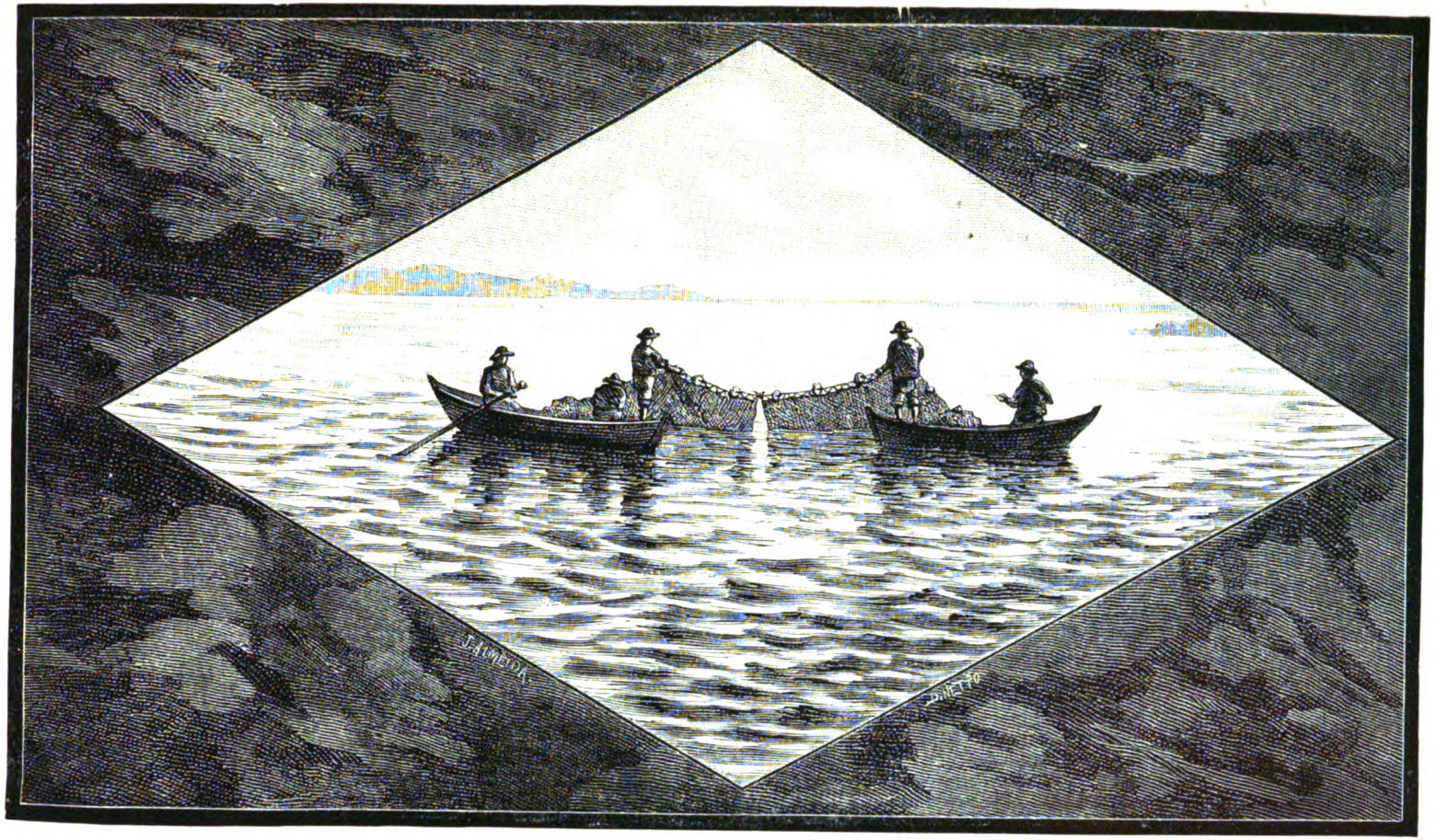
O peixe que no seu caminho encontrar esta rede fica *enmalhado* ou *embolsado* n'ella; dizendo-se *enmalhado* quando está preso na linha da malha pelos *operculos*, que de um e outro lado da cabeça cobrem as guelras e aos quaes os pescadores chamam *alhetas do peixe;* considera-se *embolsado* quando os pannos da rede formam uma prega ou bolso que o envolve e segura.

A rede lança-se quando a agua está quasi parada, largando-a por um dos extremos, e arriando-a pouco a pouco á medida que o barco vae seguindo até estar dentro de agua a outra extremidade, attingindo uma extensão algumas vezes de 200 a 300 metros; em seguida bate-se a agua á superficie de um dos lados da rede para o peixe fugir para o opposto, e suspende-se então, começando pela extremidade que primeiramente foi deitada, colhendo-a dentro da embarcação, e tirando á mão o peixe que ficou preso, quando na fugida foi de encontro á rede.

Este apparelho é empregado pelo curso dos rios acima, e tambem nas proximidades da embocadura, chegando algumas vezes os pescadores a frequentarem os bancos da barra, sobretudo no Sado; as principaes variedades que com o tresmalho se apanham são: o savel, na epocha propria, e mugens, bogas, budiões, xarrocos, chócos, linguados, salmonetes, caranguejos, buzios, e qualquer outra que não seja de dimensões muito differentes d'estas. Nas epochas proprias de affluencia das especies mais apreciadas, trabalha esta rede sem cessar em quasi todas as aguas interiores navegaveis.

Os *tresmalhos* do savel têem a malhagem um pouco maior, sendo a do *miudo* 50 millimetros de lado e a das *alvitanas* 20 centimetros. São estes tresmalhos que, depois da temporada d'este peixe, vão ser applicados na pesca maritima da lagosta e outras variedades. No rio Douro dão o nome de *vandas* aos tresmalhos do savel.

Do que fica exposto se conclue que ha tres typos principaes de *tresmalhos,* um para o salmão com malha de 74 millimetros no *miudo* e 30 centimetros nas *alvitanas,* outro para o savel com *miudo* de 50 millimetros e *alvitanas* de 20 centimetros; e o ultimo para especies pequenas, medindo o panno medio 23 millimetros e os exteriores 13 centimetros; malhagens diversas que são proporcionadas ás dimensões dos peixes a que os apparelhos se destinam.



Barga da tona

Barbal.—Dão este nome a um tresmalho, que se emprega no rio Douro para a pesca dos barbos e mais especies pequenas que povoam as aguas d'este rio.

Tem de comprimento 80 a 100 metros e de altura uns 2 metros; a malhagem do miudo é de 15 millimetros de lado e a das alvitanas 60 millimetros. Importa em 10$000 réis e emprega-se derivando á mercê da corrente juntamente com o barco.

Lampreeira.—É uma rede de tres pannos, medindo 50 metros de comprimento, e tendo as *alvitanas* 2^{m},70 de altura e o *miudo* 4^{m},30 de largura, depois de entralhada em cabo de linho delgado com 3 millimetros de diametro.

As *alvitanas* e o *miudo* são feitas de fio de ticum muito fino com $^{1}/_{3}$ de millimetro de diametro, sendo a malhagem das primeiras 157 millimetros de lado, e a do segundo 38 millimetros de lado com 40 malhas de largura.

Na tralha superior tem grandes boias de cortiça e na inferior *pandulhos* com o fim de manter o verticalismo da rede.

O apparelho é composto de quatro redes d'estas, a que chamam *quartos*, e destina-se especialmente á pesca da lampreia, embora nas suas malhas se prendam algumas vezes salmões, saveis e outros peixes dos rios, por isso que é uma rede de enmalhar, na qual o *miudo* fórma grandes pregas e bolsos, por ser muito mais largo do que as alvitanas.

A *lampreeira* lança-se verticalmente dentro de agua, sem que toque no fundo, em sentido atravessado á corrente, ao despontar da maré de enchente, e vae derivando á discripção da agua, acompanhada do barco, para os homens poderem ir a *pandulhar* de um para outro extremo, operação que consiste em levantar uma porção de rede, tirar o peixe enmalhado, deital-a novamente, suspendendo a porção que se segue, e assim successivamente, percorrendo toda a rede.

Este apparelho tem grandes cortiças para fluctuar bem á superficie, porque a lampreia nada ao de cima da agua, emquanto que no tresmalho, destinado ao salmão e savel que andam proximos do fundo, a tralha superior não precisa tanta fluctuação, e a de baixo assenta no fundo.

Esta pesca dura pouco tempo, entre uma hora e uma e meia, porque o apparelho é lançado ao perceberem que a agua sobe, e suspendido logo que a corrente começa a vir animada de maior força.

O regulamento de pesca no rio Minho fixa a temporada da pesca com *lampreeira* do 1.° de janeiro a 30 de junho, e estabelece a malhagem do panno medio de 70 millimetros, não permittindo entre as differentes *lampreeiras*, a pescar, uma distancia inferior a 25 metros de barco a barco.

Uma *lampreeira* importa no Minho em 5$000 réis.

Este apparelho com applicação á pesca da *lampreia* emprega-se nos rios Minho, Lima, Douro, Mondego, Tejo e Sado.

A *lampreeira* usa-se da mesma maneira, tanto de dia como de noite.

Redeiro derivante.—Na pesca fluvial emprega-se um *redeiro* construido de um unico panno de rede de enmalhar, tendo cortiças na tralha superior e chumbadas na de baixo, que em vez de se deitar da margem, como o que descrevemos, se lança de bordo de uma embarcação, caindo ao som da agua pelo mesmo processo de pesca da lampreeira.

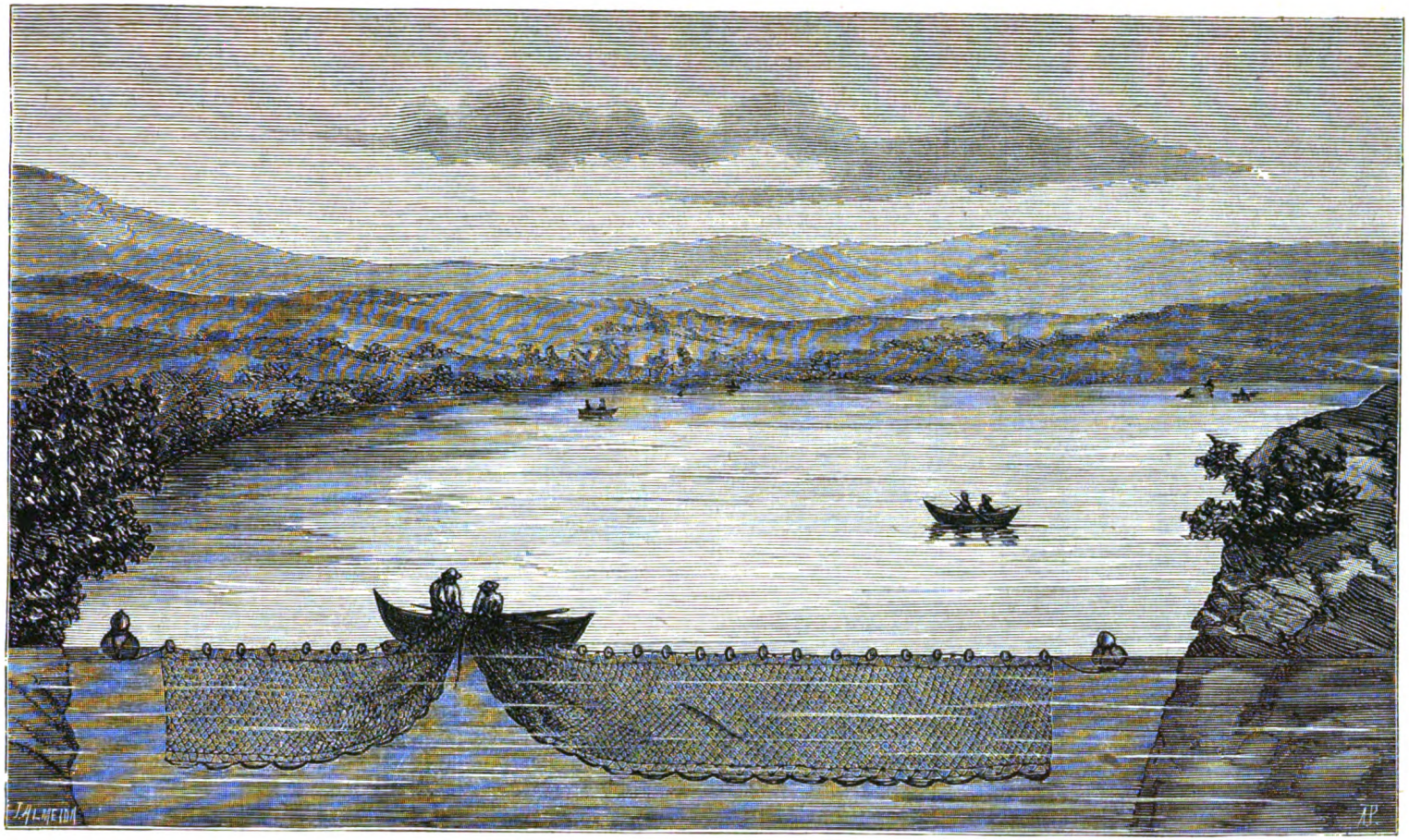
Redeiro derivante

Destina-se este apparelho, que tem a mesma malhagem do *redeiro* de margem, á pesca das especies fluviaes de menores dimensões.

APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE FIXOS

Os apparelhos de rede envolvente fixos, empregados na pesca dos rios e rias de Portugal, são: o *botirão*, a *cabaceira*, e as *redes pesqueiras*.

Botirão.—Este apparelho de pesca, vulgarissimo em todos os rios e rias do continente do reino, compõe-se geralmente de um cone de rede, de fio de linho, tendo a malha 22 millimetros de lado, distendido por meio



Lampreeira

de arcos circulares de verga, convenientemente intervallados e com differentes diametros, que vão augmentando do vertice para o lado da base, formada pelo ultimo arco, o qual não fecha, mas fica disposto em fórma de segmento.

O numero de arcos é de cinco a sete.

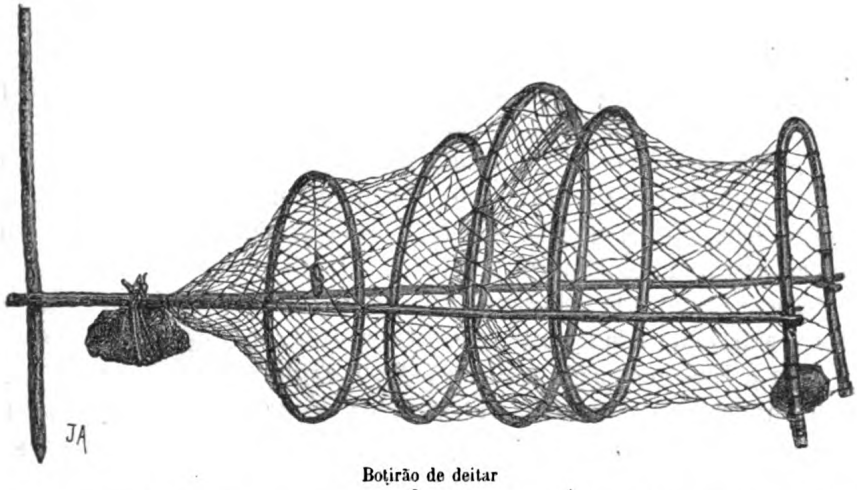
O *botirão* consta de *bôca, laço* e *sacco*.

A *bôca* é formada pelo espaço aberto do *botirão,* comprehendido entre o primeiro arco da base e o immediato.

O *laço* é feito de rede de malha como a do *botirão,* tendo tambem a fórma conica, ligando pela base com o segundo arco da *bôca,* e distendido para o lado do vertice do apparelho por meio de tres ou quarto cordeis, que, presos ao vertice do *laço,* conservam uma pequena passagem livre em fórma de funil.

O *sacco* é o espaço restante do apparelho, onde fica contido o peixe, e que póde abrir ou desprender pelo vertice para o tirar.

Apesar de ser esta a composição geral dos apparelhos d'este genero, ha no emtanto algumas variedades, conforme as localidades, conhecidas as principaes pelas denominações de *botirão de deitar, botirão de mão* e *botirão fixo*.



Botirão de deitar

O *botirão de deitar,* o mais vulgar de todos, tem a disposição acima indicada, mede cerca de 2 metros de comprimento, e possue duas pedras amarradas na *bôca* e no vertice para o fazerem assentar no fundo, e póde ser lançado em qualquer ponto do fundo, com duas varas cruzadas para o distenderem, ou apenas com o auxilio de uma vara enterrada junto ao vertice e de uma *pesqueira fixa*.

Nos cursos dos rios fundea-se á tarde, em sitios fundos, de modo que fique com a *bôca* virada para jusante, a fim de que o peixe ao caminhar

contra a corrente entre facilmente pelo laço, e conservando-se a pairar n'esse sentido, não possa retrogradar e sair, até que de madrugada se levante o apparelho com uma vara munida de gancho na extremidade.

O *botirão* lança-se sem isca ou com isca. No rio Coura iscam o apparelho para a pesca das trutas, collocando a meio do *sacco* uma casca de ovo, a que fizeram previamente dois furos oppostos para tirar o conteúdo, e poderem passar uma linha que amarre a casca em posição conveniente; tambem n'esta localidade usam pôr uma lesma em vez do ovo.

No rio Minho iscam o *botirão* com caracol ou sardinha para a pesca das trutas, bogas e escalos, e para os outros peixes não collocam isca alguma.

Em alguns cursos superiores dos rios fazem barreiras com ramos entrelaçados, partindo de uma e outra margem, deixando apenas a meio, ou no veio de agua, um intervallo para installar o apparelho com a *bóca* para jusante.

Outras vezes fundeam-se os *botirões* nos cursos de agua, enterrando uma vara no fundo, a qual segura o apparelho pelo vertice, ficando distendido pela acção da corrente, ou então amarram-n'o na extremidade das *pesqueiras marginaes*.

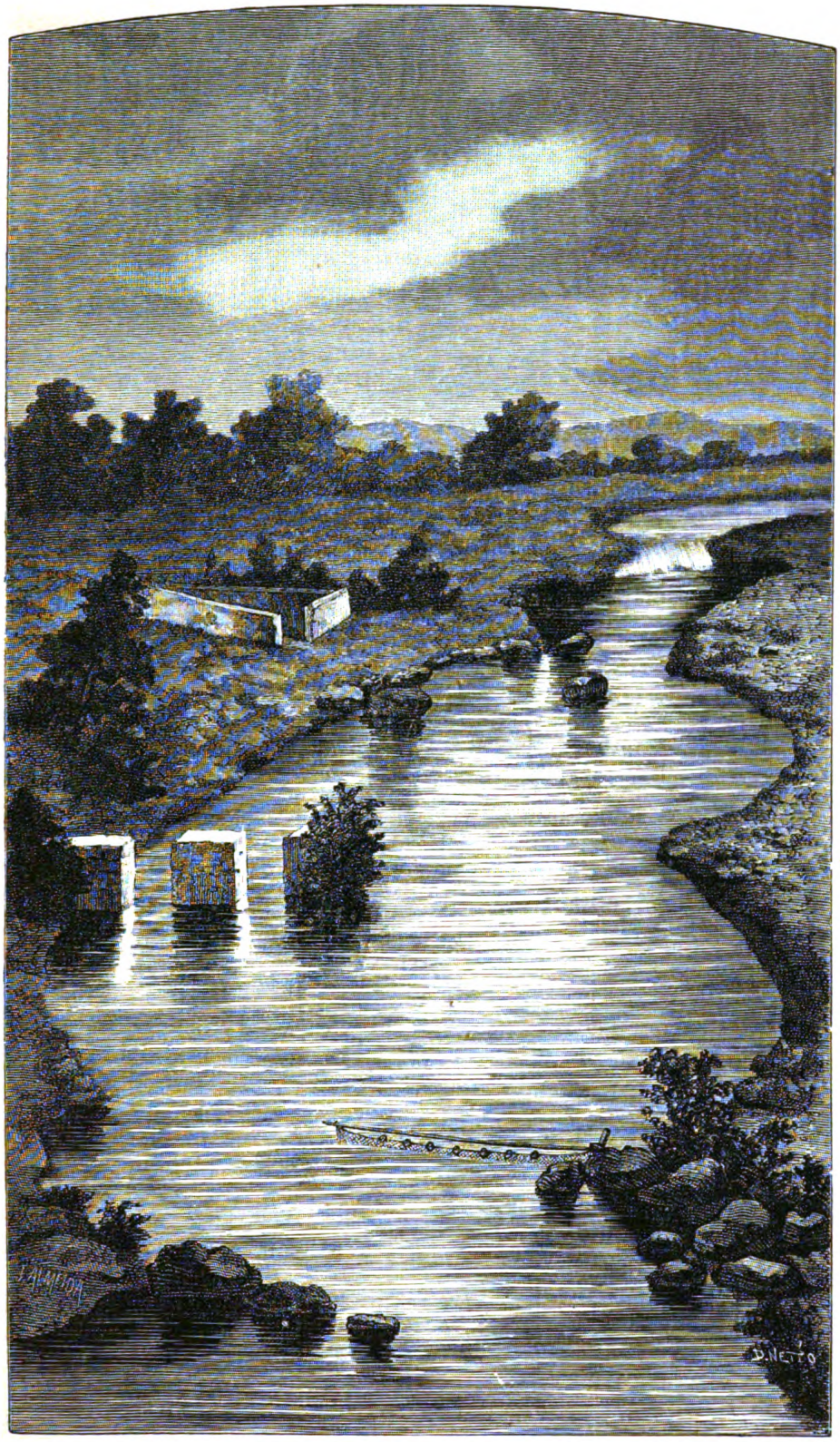
Nos rios em que ha *pesqueiras de caneiro* para a pesca do salmão, savel e lampreia, como acontece no Alto Minho, empregam uns grandes *botirões* collocados nos intervallos ou *caneiros* das pesqueiras.

Ainda em certos rios se encontram restos de privilegios de pesca por este systema, como por exemplo no rio Coura, acima da ponte de Villar de Mouros, uns 30 metros, onde existem em sentido transversal á corrente onze postes de cantaria, construidos no leito do rio, destinados á pesca da lampreia por meio de *botirões*, que constituia um privilegio do morgado da Casa da Barje, não podendo mais ninguem para jusante pescar ou interceptar a passagem das lampreias.

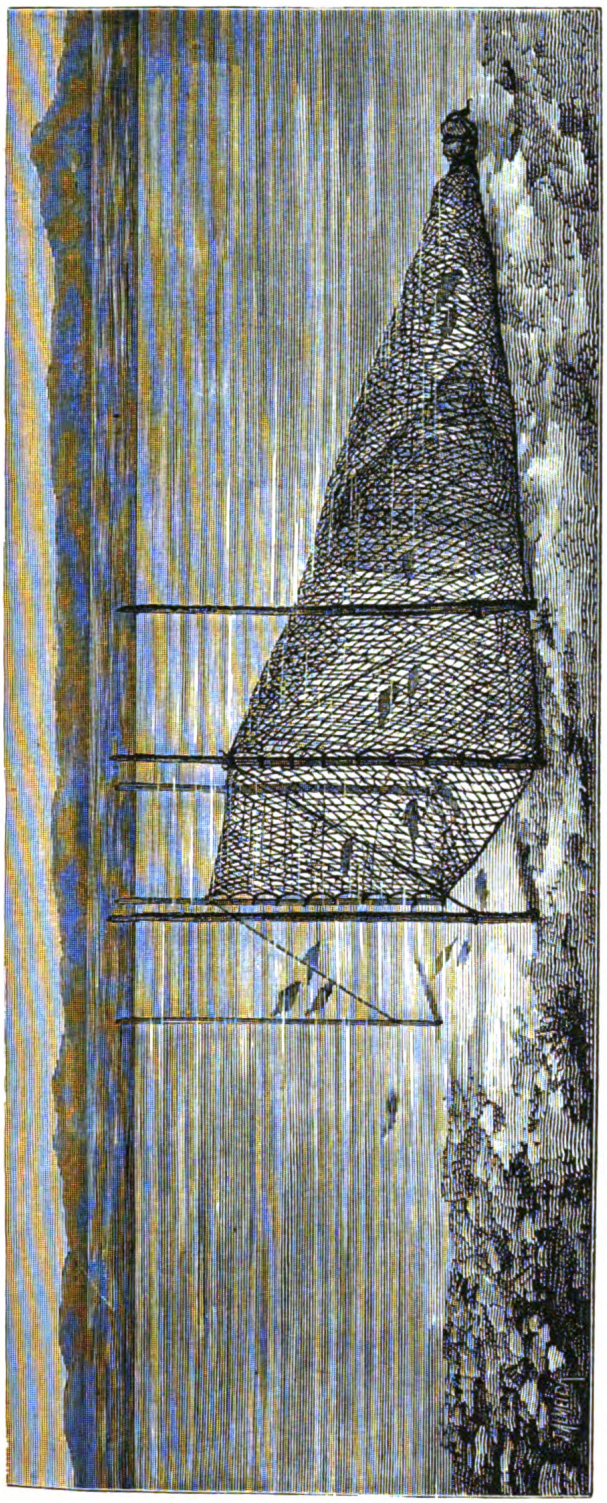
Na epocha propria collocavam *botirões* nos intervallos dos postes e com elles apanhavam as lampreias que subiam este curso de agua.

Com o *botirão de mão* anda-se pelas beiradas do rio, voltando a *bóca* do apparelho para as pedras, ou troncos da vegetação marginal, e com uma vara que se enterra nos buracos ou intervallos afugentam-se os peixes que ahi estão abrigados, os quaes na fuga investem com a *bóca do botirão* e entram para o *sacco*. Este *botirão* é de menores dimensões, medindo cerca de 1^{m},20 de comprimento, e tambem se emprega fundeado no leito do rio, sendo de um uso muito facil e vulgar nos rios do norte.

Na ria de Aveiro usam um *botirão fixo* de grandes dimensões, formado por uma especie de *sacco* de rede, tendo na *bóca* malha de 20 millimetros, de lado e no fundo de 4 millimetros, possuindo um *laço* em fórma de *nassa*, com malha tambem de 4 millimetros, que constitue a armadilha do apparelho.



Pesqueira de caneiro



Este *botirão* é fixo ao fundo por meio de duas estacas, que ali denominam *paixões*, que sustentam a *bôca* do apparelho, e algumas vezes, quando a corrente é mais forte, reforçam este systema com mais estacas, a que dão o nome de *guias*.

Costumam os pescadores d'esta localidade collocar quatro, cinco, seis e mais *botirões* em linha, a começar da margem de um canalete ou calla, deixando uma passagem entre o ultimo e a margem opposta, para não embaraçar a marcha do peixe para as outras linhas de botirões estabelecidas para montante, nem impedirem a passagem dos barcos.

É intensiva a pesca feita por este systema na ria de Aveiro, destinada principalmente á enguia, comquanto n'estes apparelhos cáia qualquer outra especie miuda, e um numero consideravel de pequenas creações, que não podem fugir pelas apertadissimas malhas do *botirão*, causando este processo de pesca uma destruição continuada, que concorre poderosamente para o empobre-

cimento das aguas de uma região outr'ora tão fertil, e que sob um regimen conveniente poderia continuar a ser um manancial riquissimo para a alimentação publica. O botirão fixo está representado na pagina anterior.

O *botirão de deitar* usa-se em todos os nossos rios, e constitue, por assim dizer, o principal systema de pesca nas aguas doces e correntes dos cursos superiores, chamando-lhes *nassas* em algumas localidades, por terem a composição e aspecto dos apparelhos de verga d'este nome, que tambem muito se empregam nas aguas interiores, não sendo porém estes *botirões* prejudiciaes ao repovoamento d'estas aguas, porque a sua malhagem é maior e a sua exploração moderada.

Cabaceira.—É uma rede de sacco com armadilha, que se usa nos rios Minho, Douro e Tejo, e que se deita nas extremidades das *pesqueiras marginaes,* destinando-se á pesca de qualquer especie, mas principalmente do salmão, savel e lampreia, na epocha propria.

Este apparelho compõe-se de *panno, sacco* e *buço.*

O *panno* tem 3,5 braças de comprimento e a altura correspondente á profundidade do rio na ponta da pesqueira.

É feito de fio branco de linho n.º 10, sem preparo, ou algumas vezes tinto, tendo a malha 40 millimetros de lado. No extremo que fica do lado da ponta da pesqueira, denominado *pontal do rabo,* tem dois cabos para amarrar na parte superior e inferior á pesqueira.

No extremo opposto tem uma cabaça, chamada *cabaceiro,* que serve para alliviar a rede á superficie. No angulo inferior do *rabo* tem uma pedra, *poitão,* que se deita na prumada da ponta da pesqueira.

O *sacco* liga com o *panno* junto ao *cabaceiro,* formando primeiramente a *bôca,* ainda com malha de 40 millimetros, e duzentas e vinte malhas em toda a volta, entralhado em um cabo delgado.

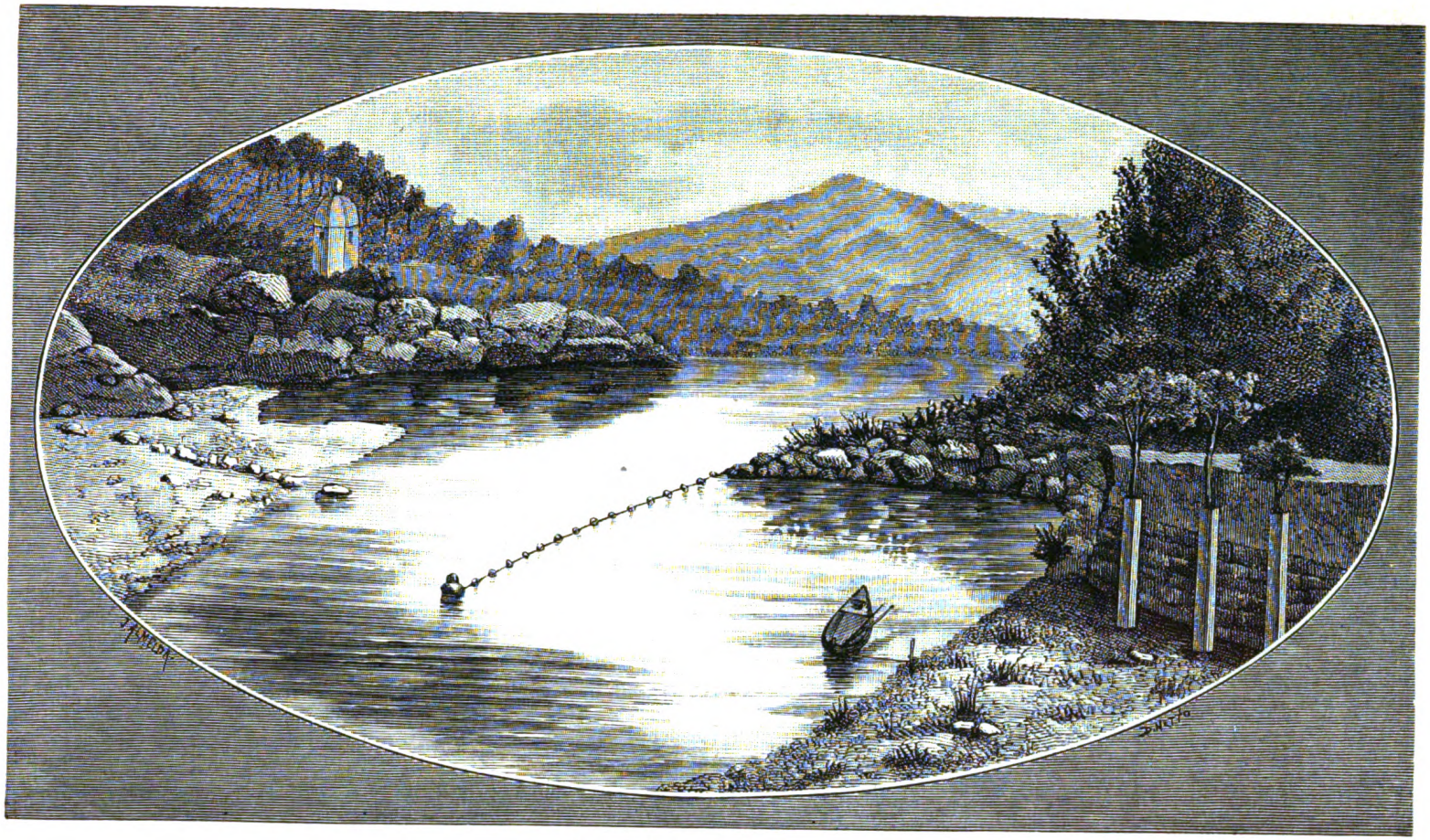
A partir da *bôca* para o fundo do *sacco,* braça e meia, vae-se matando as malhas de dez em dez carreiras, uma malha, e para uma braça mais, diminue-se o tamanho da fôrma da malha de modo que no *sacco* a malha chega a ser de 22 millimetros, e mesmo no fundo attinge 13 millimetros.

O *sacco* é reforçado no extremo, com malhagem de dois fios, podendo abrir em uma *esquina* ou ponta, pelo desfranzir de um cordão, a fim de poder tirar o peixe que n'elle ficou envolvido.

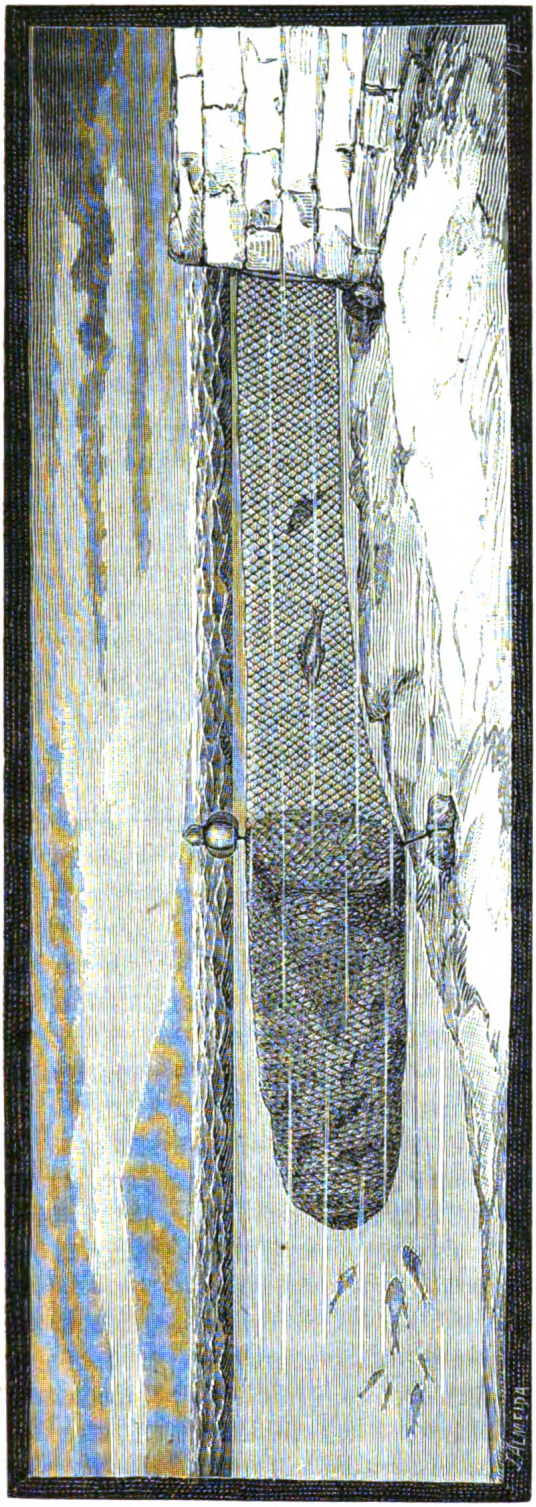
O *buço* é feito de rede com malha de 22 millimetros, e guarnece a *bôca* disposto em fôrma de funil, como o *laço* dos botirões, deixando uma distancia de 1 metro desde o vertice até ao fundo do *sacco.*

A *bôca* é fundeada do lado opposto ao *cabaceiro,* com uma pedra chamada *moleira.*

Do extremo superior da *bôca,* do lado da terra, e da parte inferior junto á *moleira,* partem cabos delgados para a ponta da pesqueira.



Pesqueira da pedra furada em Monsão



De modo que, amarrando o *rabo do panno* no extremo da *pesqueira* e largando o *poitão,* fica o *panno* em posição vertical dentro da agua, desde a superficie até ao fundo, e o *sacco* fica distendido e aberto pela corrente e pela revessa, assentando uma parte no fundo e conservando-se outra ao lume de agua, e a *bôca* virada para a margem e aguentada pela *moleira* e pelos cabos que a ligam á pesqueira.

O apparelho assim mergulhado, anda á mercê da corrente e da contra-corrente, desviando-se segundo a resultante, para fóra e para a terra, mas mantem-se sempre distendido convenientemente.

O peixe que sóbe o rio, approxima-se da margem seguindo a revessa, e ao deparar com a pesqueira corre ao longo d'ella e encontra o *panno,* que tambem contorna, entrando pela *bôca* através do *buço* até ao *sacco,* onde fica preso sem poder sair.

De madrugada, geralmente, o pescador vae no seu barco e desfranze o canto do *sacco,* retirando a pescaria.

Redes pesqueiras. — No rio Douro para a pesca da lampreia, cuja temporada é ali de janeiro a março, empregam um apparelho de rede conhecido pelo nome de *redes pesqueiras.*

Estas redes, feitas de um só panno, têem a fórma rectangular e são entralhadas de maneira que ficam a meio com um grande bolso disparado no sentido da corrente, e com tres linhas de *penso* na tralha inferior, de modo que quando o peixe passa sobre a face inferior, alam a rede acima, por meio de cabos fixos nas pontas, para agarrarem a pescaria. O chicote superior de cada penso está na mão de um pescador.

A malha tem 45 millimetros de lado.

Esta rede é lançada com o auxilio de um barco, amarrado pela poupa á margem e tendo pela prôa uma verga. A rede pesqueira é fundeada com duas poitas nos extremos da tralha inferior. Importa em 5$000 réis.

Este systema de pesca original do Douro, constitue aqui uma solução para obviar ao abrupto e alcantilado das margens em alguns pontos, nos quaes seria difficil o emprego de outro apparelho vulgar.

APPARELHOS DE REDE ENVOLVENTE VOLANTES

Nas aguas interiores, alem dos apparelhos de arrastar que se empregam na pesca costeira, como a *chincha, chinchôrro, tarráfa, murgueira, lavada,* etc., usam-se mais vulgarmente outros, tambem compostos de redes varredouras de maiores ou menores dimensões, que envolvem o peixe em saccos ou seios, de onde facilmente se apanha.

Os apparelhos d'este genero, são: *algerife, sacada* ou *arrasto, emballos, varina, rede das morcas, tartaranha, côa de dois, côa de um, estramálho, redenho, camaroeiro* e *chumbeira.*

Algerife. — É uma rede de arrastar de um unico panno, feita de fio de linho tinto, tendo 200 metros de comprimento e 9^{m},60 de altura, entralhada em cabo de linho com 6 millimetros de diametro.

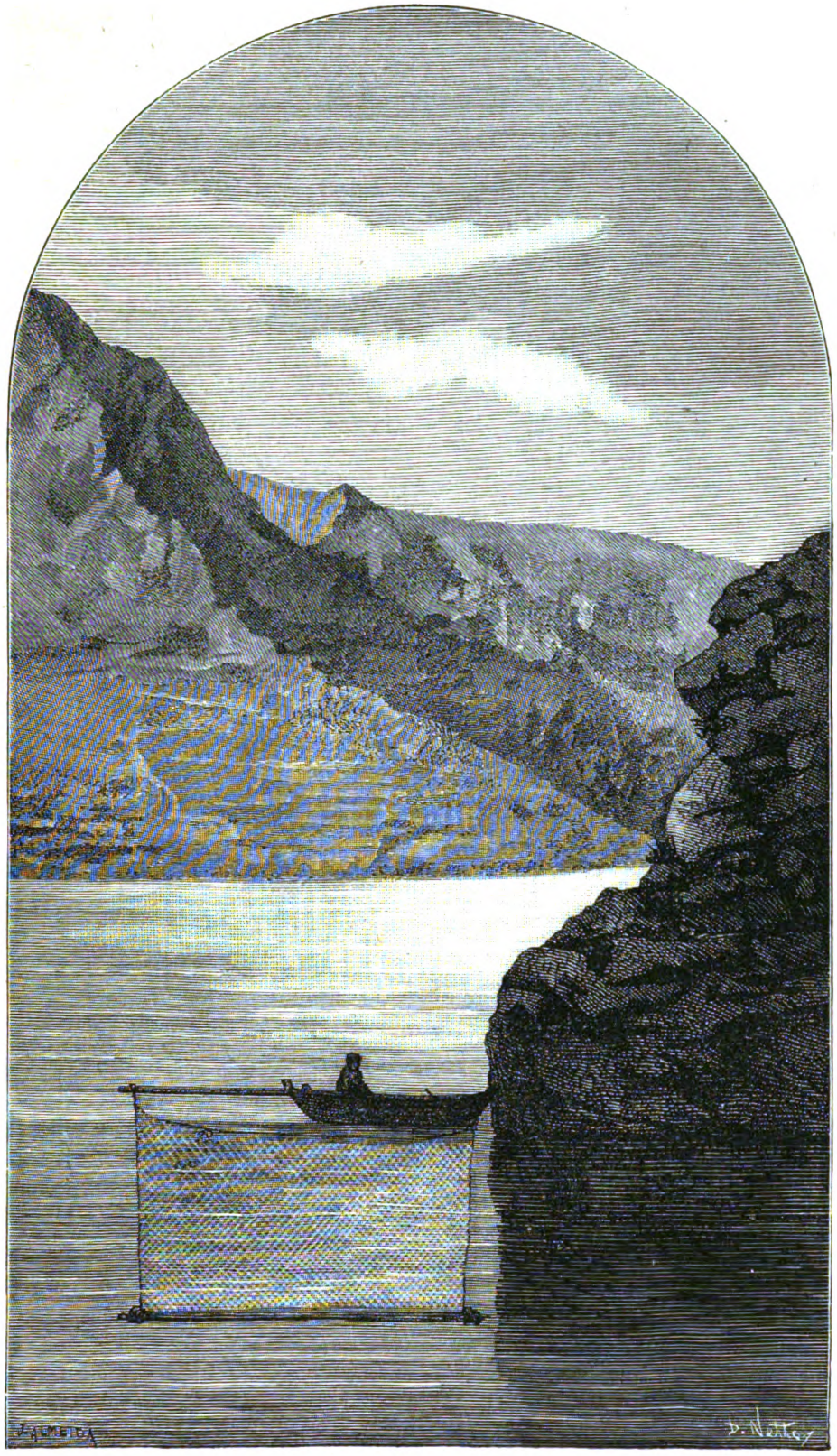
A malha tem de lado 60 millimetros.

Na tralha superior tem boias de cortiça collocadas de metro a metro, e na tralha inferior chumbadas com o mesmo intervallo.

As tralhas emendam nos cantos a cabos mais grossos, com 10 millimetros de diametro, e 10 metros de comprimento, reunidos os dois do mesmo lado por meio de uma alça, formando as *fundas,* onde enfiam e dão volta os cabos de alar.

O cabo de alar, denominado *cordoeiro,* quando é de linho tem 10 millimetros de diametro e 200 metros de comprimento; sendo de cairo, é um pouco mais grosso.

Destina-se o *algerife* á pesca do salmão e savel no rio Minho, e usa-se de meado de março ao fim de maio, epocha em que as aguas são mais frias.



Rede pesqueira

Este apparelho deita-se em semicirculo em frente dos portos dos areinhos e das praias, e é alado para terra pelos extremos. Larga-se do nascer ao pôr do sol.

Os pescadores reunem-se em numero de treze barcos, a dois homens cada barco, ficam todos na margem, á excepção de tres homens, que vão em um barco, dois a remar e um a deitar a rede, cercando com ella o espaço fronteiro ao areinho ou praia até conduzir o *cordoeiro* para a terra, começando então todos a puxar a rede, arrastando-a pelo fundo, atè que ella chegue á praia, onde tiram o peixe que ficou envolvido.

O regulamento de pesca no rio Minho estabelece para este apparelho 118 millimetros de malha e permitte a pesca com elle do 1.º de março a 30 de junho.

O *algerife*, e em geral todos os apparelhos de arrastar, funccionam quando os areinhos e praias estão a descoberto.

Em Seixas, um *algerife* importa, termo medio, em 27$000 réis.

Para o curso superior do rio Minho, acima de Lapella, este apparelho tem menores dimensões, medindo 120 metros de comprimento por 9 metros de altura, e a malhagem é de 40 millimetros de lado.

N'esta região, cada barco tem uma companha de quatro homens, dos quaes dois ficam em terra segurando um dos *cordoeiros*, que aqui chamam *linhol*, e os outros dois vão cercar com a rede, trazendo o *linhol* para a praia, alando em seguida sómente os quatro a rede para a margem.

Quando apparecem muitos barcos no mesmo ponto, cada um pesca á vez.

Sacada ou *arrasto*. — O nome mais generico de qualquer rede que se empregue arrastando pelo fundo é o de *arrasto* e a sua composição, sendo sempre a mesma, differem apenas estes apparelhos, de localidade para localidade, nas dimensões que os pescadores lhes querem dar.

No rio Minho empregam os pescadores um *arrasto* a que dão o nome de *sacada*, formado por um panno de rede com 150 metros de comprimento e 3 metros de largura, entralhado em uma linha de 4 millimetros de diametro, tendo na tralha superior cortiças e na inferior chumbadas, com intervallos de 0^{m},85.

A malha tem 25 millimetros de lado, que é a grandeza estabelecida pelo regulamento.

A *sacada* tem nos extremos ou testas uns cabos com 30 metros de comprimento e 8 millimetros de diametro, chamados *calabretes*, que servem para puxar a rede para a terra.

Destina-se este apparelho á pesca das tainhas, limentos, alvôres, negretes, mugens, trutas, etc., usando-se desde a embocadura do rio até Valença, com as dimensões acima indicadas, e d'este ponto para montante de muito menor grandeza.

Geralmente, uns seis a sete homens dentro de um barco vão ao local em que querem pescar, e depois cercam com a rede pelo mesmo systema de pesca empregado para o *algerife*. Este apparelho usa-se de dia e de noite, todas as vezes que os areinhos ou praias estão a descoberto, e a sua temporada de exercicio é de junho a outubro, embora o regulamento de pesca permitta empregal-o todo o anno, o que mal se comprehende por prohibir o *algerife* do 1.º de julho ao fim de fevereiro, tendo este ultimo apparelho malha muito maior, mais do dobro, e sendo tambem uma rede de arrastar.

Emballos.—No rio Douro, para a pesca da tainha, barbo, mugem, bóga, solho, etc., empregam os pescadores, durante todo o anno, um arrasto a que dão o nome de *emballos* e que é construido como uma especie de rocega de rede, arrastada com o auxilio de dois barcos.

O sacco d'esta rede mede de comprimento 8 a 12 metros e a malha tem 5 millimetros de lado. As mangas têem 60^{m} por 4^{m} e a malhagem com 15 millimetros de lado. Importa este apparelho em 20$000 réis e usa-se tambem na apanha do mexoalho.

Varina. —No rio Tejo usam os pescadores para a pesca do savel uma rede de arrastar com sacco a meio, a que dão o nome de *varina*, por ser empregada pelos barcos varinos que emigram para este rio durante a epocha de affluencia do savel.

Este apparelho funcciona da mesma maneira que os apparelhos de arrastar do mesmo genero: é alado para terra, onde se apanha o peixe que traz envolvido no sacco.

Rede das morcas. —É uma rede de arrastar com sacco a meio, que se destina á pesca do peixe mais miudo, como: morcas, enguias, mugens, trutas, etc., e que se emprega geralmente de inverno, desde outubro até fevereiro.

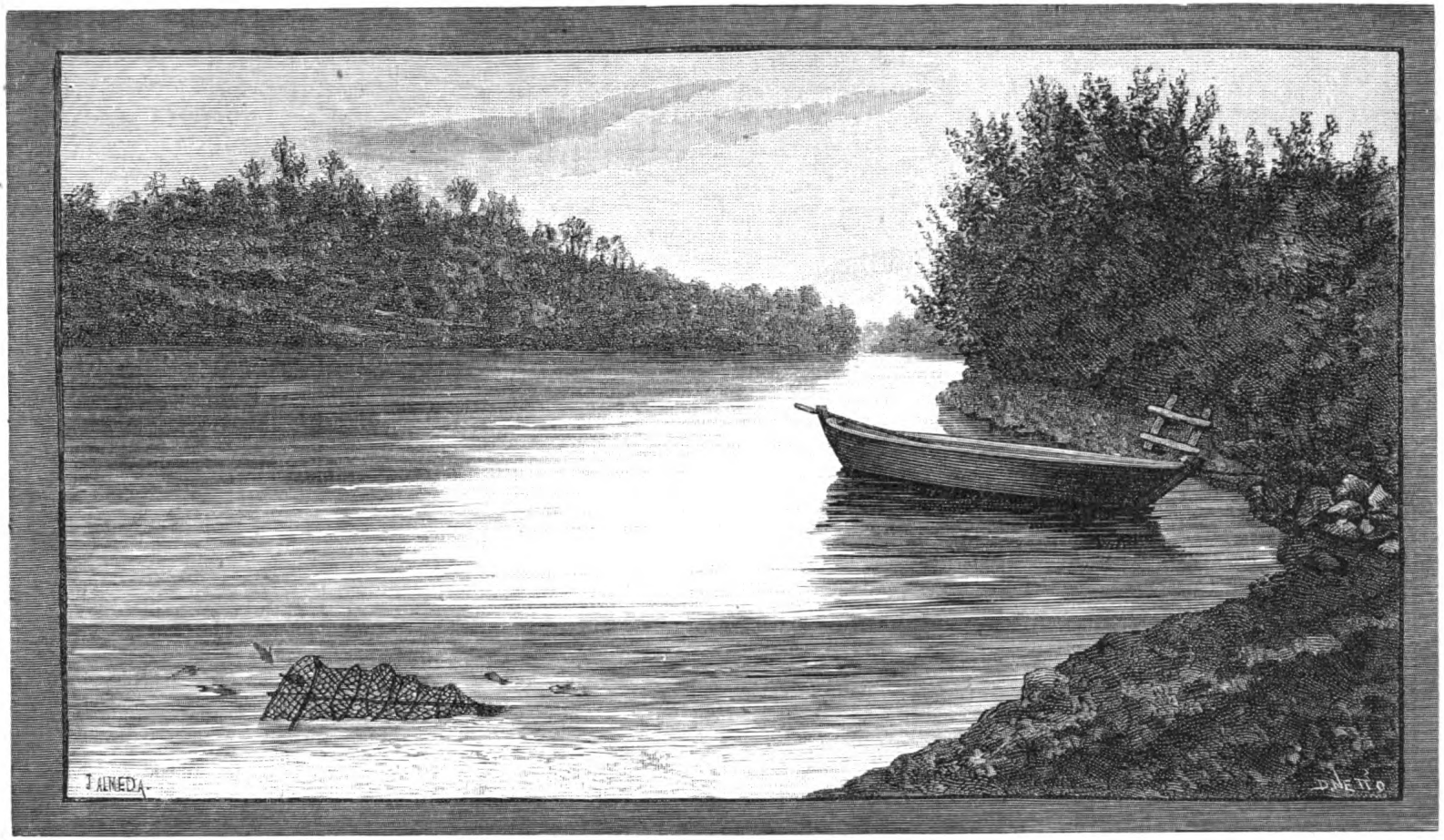
Mede 20 a 30 metros de comprimento, tende na maior largura 4 a 5 metros, e estreitando gradualmente para as pontas. A meio da maior largura tem um pequeno sacco de fórma conica.

A malha nas pontas é de 10 millimetros de lado e vae diminuindo até 6 millimetros para o meio, attingindo no sacco 4 millimetros apenas.

É feita de fio de linho.

As tralhas tambem são de linho, com 7 millimetros de diametro, tendo na superficie boias de cortiça e na inferior pesos de *caco* circulares, com dois furos para passar um fio que amarra á tralha.

Estas redes são fabricadas em Ilhavo e Aveiro, importando, conforme o tamanho, em 9$000 a 22$500 réis.



Botirão de deitar

Os cabos de alar, *alares,* são de linho com 8 millimetros de diametro.

Para deitar este apparelho emprega-se um barco, tripulado por tres a cinco homens, ficando um em terra com um dos *alares,* e conduzindo os restantes o barco que vae largar a rede ao longo ou correr das praias e areinhos em sitios pouco profundos, trazendo depois o chicote para a terra a fim de arrastar o apparelho.

O regulamento de pesca do rio Minho permitte malhagem de 30 millimetros para a *rede das morcas* e assignala para temporada de pesca com este apparelho do 1.º de outubro a fim de fevereiro. Os pescadores, porém, empregam-n'o quando podem e com malhagem muito mais apertada.

Tartaranha. — Este apparelho constitue uma variedade muito notavel de artes de arrastar, unicamente empregadas pelos pescadores do Seixal e do Barreiro, desde a embocadura do Tejo até a leste da extensa bacia que o rio fórma para montante de Lisboa e Almada.

A *tartaranha* compõe-se de um *sacco* de rede com malha muito miuda, alargando para o lado da *bóca,* onde fórma duas *bandas* lateraes, na extremidade das quaes amarram os cabos de alar. A *bóca* e as *bandas* são guarnecidas de tralhas, tendo a de cima boias de cortiça e a debaixo chumbadas.

O *sacco* tem duas costuras convergentes, ligando a face de cima á de baixo, formando uma garganta afunilada e dois cantos triangulares, denominados *beliches,* onde o peixe se accumula sem poder sair na occasião de suspender a rede.

Este apparelho, antigamente muito usado pelos pescadores do sul do Tejo, era lançado de bordo das *muletas,* embarcações assás originaes, que pouco a pouco têem desapparecido, havendo actualmente uma unica, tendo sido substituidas pelos bateis modernos que se applicam n'esta exploração.

O systema de pesca consiste em deixar cair atravessada ao vento e á corrente a embarcação que reboca a *tartaranha,* indo esta arrastando pelo fundo, e percorrendo assim um longo trajecto.

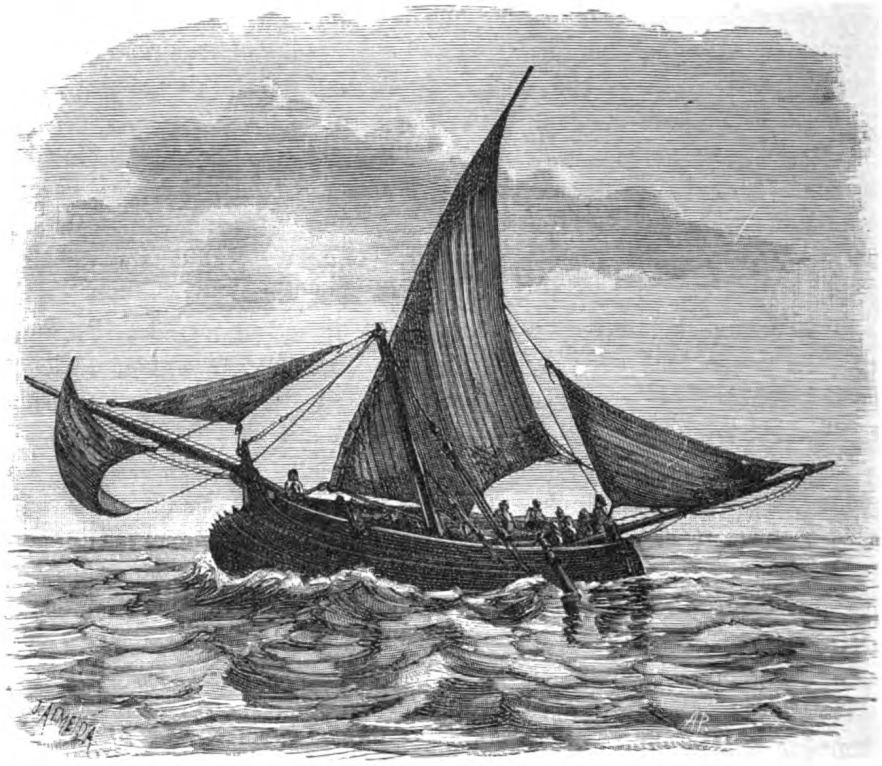
Para conseguir isto, têem as embarcações empregadas n'esta pesca o velame distribuido de maneira que possa haver uma facil compensação de forças, segundo a direcção e a maior ou menor intensidade do vento e das correntes, deitando á poupa e á proa dois compridos paus, denominados *batelós,* que servem para amurar e caçar as vélas e ao mesmo tempo para nas extremidades amarrarem os *alares* da *tartaranha.*

A *muleta* antiga tem a meio do casco um mastro, muito inclinado para vante, onde iça a verga de uma vela grande triangular latina; a ré caça no extremo do *batelós* um triangulo, que iça na penna da vela grande, denominado *varredoura de cima* e por baixo outro, *a varredoura de baixo;* e em estaes que vão da cabeça do mastro para a roda de pròa e para o *batelós*

de vante, içam umas seis a sete pequenas vélas, chamadas *toldos, muletins, varredoura* e *cosinheira,* que, segundo o seu numero, compensam o effeito das vélas de ré, mantendo a embarcação atravessada.

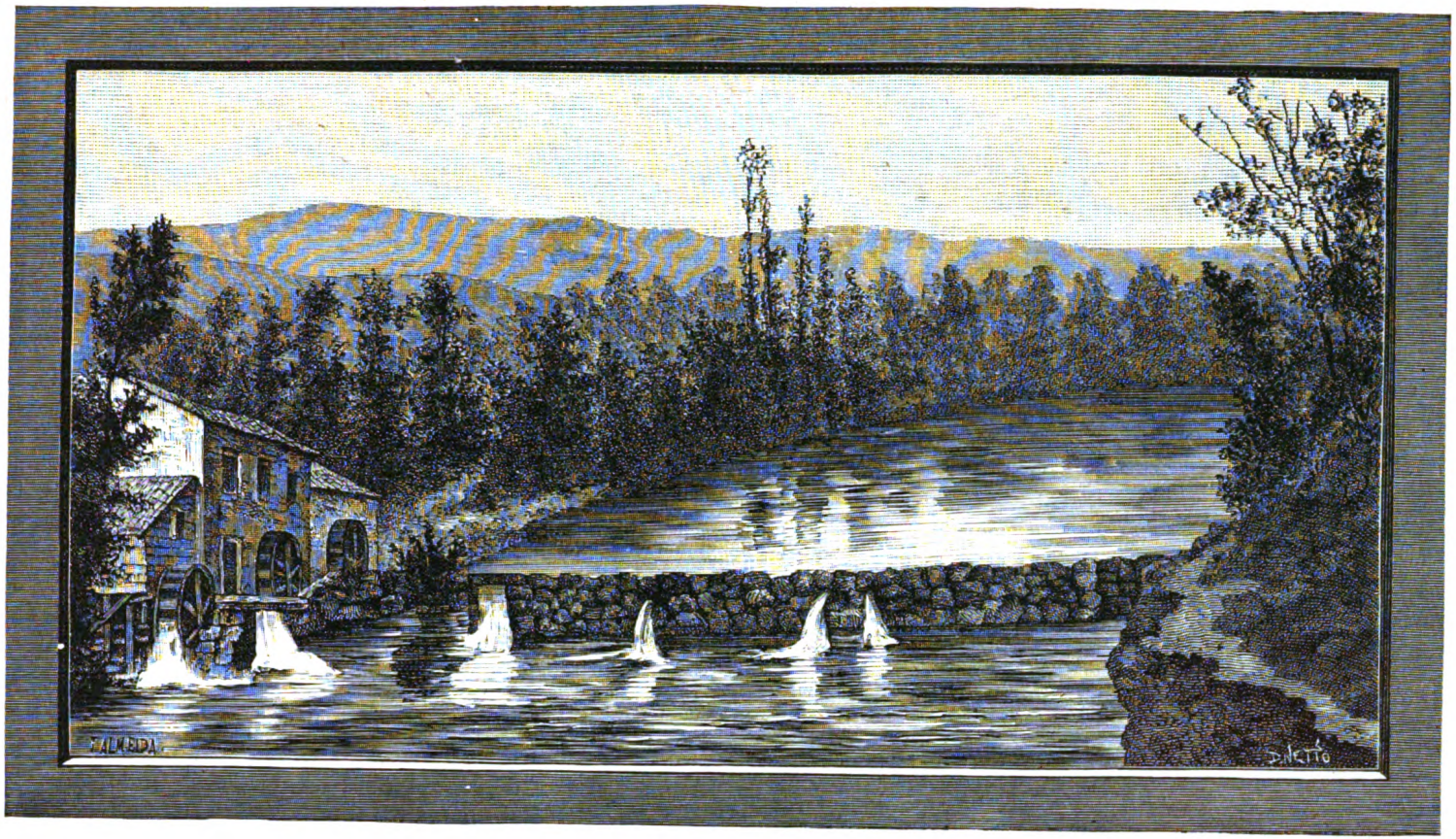
Os *bateis* modernos apparelham de outra maneira, tendo tambem vélas compensadoras a vante e a ré.

Estas embarcações largam a rede proximo da foz do rio no começo da enchente, e mareando o seu panno vão caindo ao longo da costa da Trafaria e rio acima, montando o Pontal de Cacilhas e continuando pelo Mar da Palha, até terem completado o lance, recolhendo então o apparelho e apanhando o peixe que vem no sacco.



Muleta de pesca

Raras vezes arrastam fóra da barra na enseada de Entre Cabos. Apesar da *tartaranha* ser uma rede miuda de arrastar, a sua acção não é tão nociva como se julga, porque a rede é muito leve e a tralha inferior não revolve o fundo, deslisando apenas sobre elle por pressão das chumbadas, e como a zona em que se emprega é a do grande movimento de navegação da barra e porto de Lisboa, onde não ha comedouros, nem peixe domiciliado, limita-se a envolver nas suas malhas o peixe de transição que



Primeira azenha do rio Coura

entra do mar com o fluxo da maré. Comprehende-se bem que em fundos onde constantemente os navios estão largando ferros e amarras, e em aguas a todo o momento vibradas pelos propulsores das embarcações a vapor, não se reunem as condições de quietação e deposito de nateiros ou camas, necessarias para abrigo e procreação das especies, e que portanto o emprego de um apparelho d'este genero não destroe, nem prejudica o povoamento das aguas, já por outras causas principaes tão desfavoravelmente influenciadas, restringindo-se a pesca ás especies que livremente procuram este receptaculo hydrographico.

Côa de dois

Sendo pois este apparelho o unico empregado em Portugal que se póde comparar ao *arrasto a vapor,* ainda assim o meio e condições do seu lançamento são taes, que nenhuma influencia nociva acarretam sobre o empobrecimento das aguas, alem de que a sua exploração é moderada e restricta a uma zona, na qual desde tempos remotos elle se usa, sem que por sua influencia a pescaria tenha diminuido, como se prova pela regular quantidade d'este peixe, que todos os annos apparece no mercado de Lisboa, dependente apenas de causas exteriores que facilitam ou diffi-

cultam a entrada das especies com o fluxo da maré, mas não da acção directa d'este apparelho, que, embora colha individuos de pequenas dimensões, ainda assim os envolve em um meio differente e afastado d'aquelle onde elles se podem desenvolver, sem causar ruina a comedouros, pesqueiros e abrigos. RADCLIFFE.

Cóa de dois. — Esta rede, a que tambem chamam na Figueira da Foz *cóa das pichas,* compõe-se de um panno, com 3 metros de comprimento e 1 metro de largura nos extremos, sendo mais larga a meio, onde tem 2 metros, formando um seio a que dão o nome de *copo*. É feita de fio de linho tinto, tendo a malha 6 millimetros de lado.

Nas testas ou extremos da rede tem duas varas com 1 metro de comprimento, denominadas *calões,* onde a rede faz fixe.

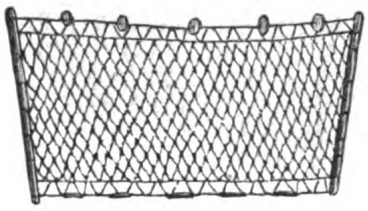
Na tralha superior da rede tem cortiças e na inferior chumbadas.

Para deitar esta rede empregam-se dois homens, indo um pela margem do rio acima, junto ás pedras, e o outro por fóra a arrastar e tirando *a caminho* a pescaria para um cesto, a que chamam *canastreiro.*

Este systema de pesca é usado no rio Mondego, e em outros rios, para apanharem o camarão, as pichas, caranguejos e enguias, e tambem com a *cóa* cercam junto á margem, levantando as pedras e colhendo o peixe que sáe debaixo d'ellas e que fica envolvido dentro da rede.

A *cóa de dois* importa em 800 réis.

Cóa de um. — É uma rede similhante á antecedente, mas mais pequena para poder ser manobrada por um só homem.



Cóa de um

Tem 2 metros de comprimento e 1 metro de largura, com seio ao centro. A tralha superior tem cortiças e a de baixo chumbadas.

Um unico homem segura cada *calão* em sua mão e leva a rede na frente, arrastando-a pelo fundo para apanhar o peixe miudo que está junto á margem, ou os camarões e caranguejos, que fugindo de entre as pedras batem na rede.

Estramalho. — No rio Mondego desde a foz até ao canal acima de Villa Verde e até Lares, assim como em outros rios do continente, usam para a pesca das solhas uma rede de arrastar que denominam *estramalho,* que não tem analogia alguma com a rede de enmalhar de tres pannos, a que se dá o nome de *tresmalho.*

O *estramalho* tem um só panno com 10 metros de comprimento e 2 metros de largura, tendo na tralha superior cortiças e na inferior chum-

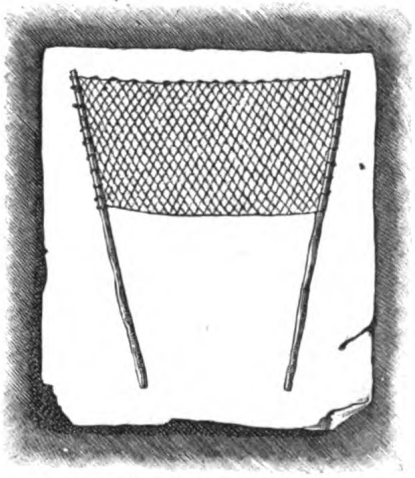
Ponte de Villar de Mouros

badas, sendo as testas guarnecidas por varas, chamadas *varellas,* dispostas como os calões das testas das côas, e munidas de alares.

A malha tem de grandeza 16 millimetros de lado.

Dois homens, um pela terra e o outro por fóra, arrastam contra a corrente esta rede, cercando com ella para a margem e apanhando o peixe que envolveram.

Redenho. — O *redenho* é uma pequena rede de malha muito miuda, com 1 metro de comprimento e 60 centimetros de largura, com um sacco ao centro, tendo nos lados, ou testas, duas varas, por onde se segura o apparelho para com elle se arrastar junto ás pedras da margem.



Redenho de pesca

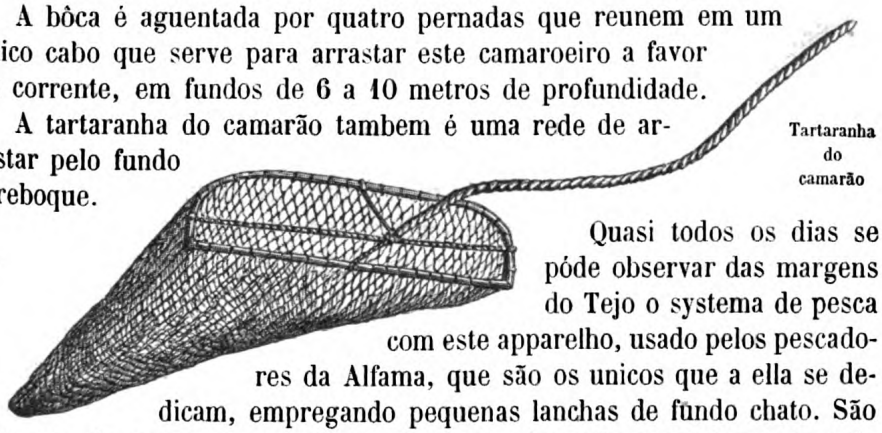
O *redenho* é empregado na pesca do camarão nas proximidades das barras, indo um homem ou um rapaz com elle dentro de agua, explorando a margem em sitios onde tenha agua pelos joelhos.

Camaroeiro. — Nos portos do continente e nas rias empregam uns pequenos apparelhos de rede de arrastar para a pesca do camarão a que dão o nome de *camaroeiros.*

No rio Tejo, o camaroeiro mais vulgar, a que tambem dão o nome de *tartaranha,* compõe-se de um sacco de rede miuda, entralhado em um varão de ferro, com $2^{m},20$ de comprimento, e em um arco de vime, que prende aos extremos do varão, formando a bôca do apparelho.

A bôca é aguentada por quatro pernadas que reunem em um unico cabo que serve para arrastar este camaroeiro a favor da corrente, em fundos de 6 a 10 metros de profundidade.

A tartaranha do camarão tambem é uma rede de arrastar pelo fundo a reboque.



Tartaranha do camarão

Quasi todos os dias se póde observar das margens do Tejo o systema de pesca com este apparelho, usado pelos pescadores da Alfama, que são os unicos que a ella se dedicam, empregando pequenas lanchas de fundo chato. São elles que abastecem o mercado de Lisboa do chamado camarão mouro e do rio de qualidade muito inferior ao da costa.

Outras fórmas ha de camaroeiros, mas todas ellas se resumem a uma pequena rede de malha miuda que um unico homem póde arrastar dentro de agua ou conduzindo-a a reboque de uma embarcação.

Chumbeira. — É uma rede muito original de fórma conica, ou de funil, e que abre em circulo quando estendida, que se emprega nas aguas interiores, e algumas vezes até junto á costa, para a pesca das especies mais miudas.

Lanchinha pescando com tartaranha

Tem este apparelho uma saia muito larga, diminuindo pouco a pouco até terminar em vertice de cone, onde amarra uma corda maior ou menor conforme a profundidade em que se ha de largar.

O diametro da saia regula geralmente por $1^{m},50$.

A malhagem no vertice tem 40 millimetros de lado e vae diminuindo para baixo até 13 millimetros na saia, a qual é guarnecida de chumbos, tendo um folho ainda mais comprido, e unindo por baixo perfeitamente quando o apparelho está suspenso pelo vertice.

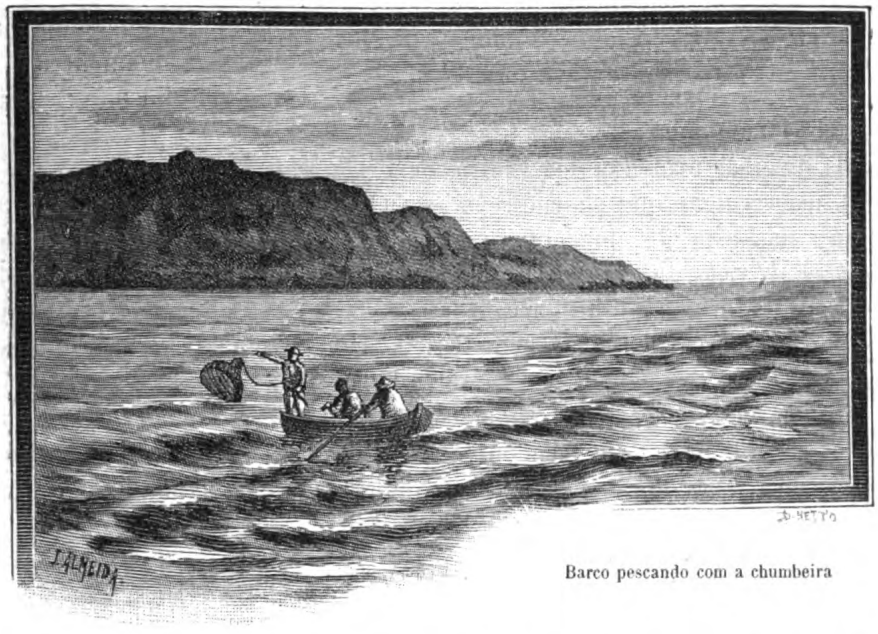
É feita de fio de linho branco.

No rio Minho dão a este apparelho o nome de *chumbeira* e no rio Guadiana de *tarrafa de mão.*

Para atirar a *chumbeira* ou *tarrafa* enrola-se ao pulso esquerdo a corda e com a mesma mão agarra se toda a rede a dois pés acima da linha dos prumos, ficando esta parte da rede pendente e quasi a razar o chão. Em seguida toma-se approximadamente um terço da circumferencia da saia, e virando toda a rede de dentro para fóra, lança-se esta porção sobre o hombro esquerdo, em fórma de manto, e segura-se com a mão direita um outro terço da saia, ficando o resto caído na frente do corpo.

Chumbeira ou tarrafa de mão

O pescador com o apparelho assim preparado vae percorrendo a margem cautelosamente e examinando o fundo, e assim que vê peixe, inclina



Barco pescando com a chumbeira

o corpo para a esquerda a fim de ganhar balanço e logo rapidamente desviando-o para a direita arremessa a rede toda á agua, imprimindo-lhe um movimento de rotação, de modo que se abra completamente e cáia em fórma de circulo, indo a linha dos chumbos assentar no fundo e ficando o

peixe debaixo da rede. Em seguida ala muito de vagar pela corda do vertice, com que ficou na mão, arrastando pouco a pouco a tralha pelo fundo, até que a rede una por baixo, e tira-a assim de dentro de agua trazendo o peixe envolvido.

Nem sempre se espera ver o peixe, para atirar a tarrafa de mão, usando-se d'ella tambem lançada ao acaso, quando as aguas estão turvas, na esperança de ter feliz sorte no lanço.

É precisa, como se vê, muita pericia para lançar bem este apparelho, que de ordinario se emprega em pequenas profundidades e com agua muito clara.

A *chumbeira* tambem póde ser deitada de bordo de uma embarcação. Importa este apparelho em 4$000 réis.

APPARELHOS DE REDE DE ESTACADA

Os apparelhos d'este systema empregados nas aguas interiores do continente do reino, são: a *estacada,* a *tranqueira,* o *cêrco fixo,* e a *rede de tapa esteiros.*

Estacada. — Em geral, a *estacada* é uma rede de um panno aguentada em posição vertical por meio de estacas ou varas, desde o fundo até á superficie das aguas, que serve para impedir a passagem do peixe, limitando o espaço onde elle deve ficar contido.

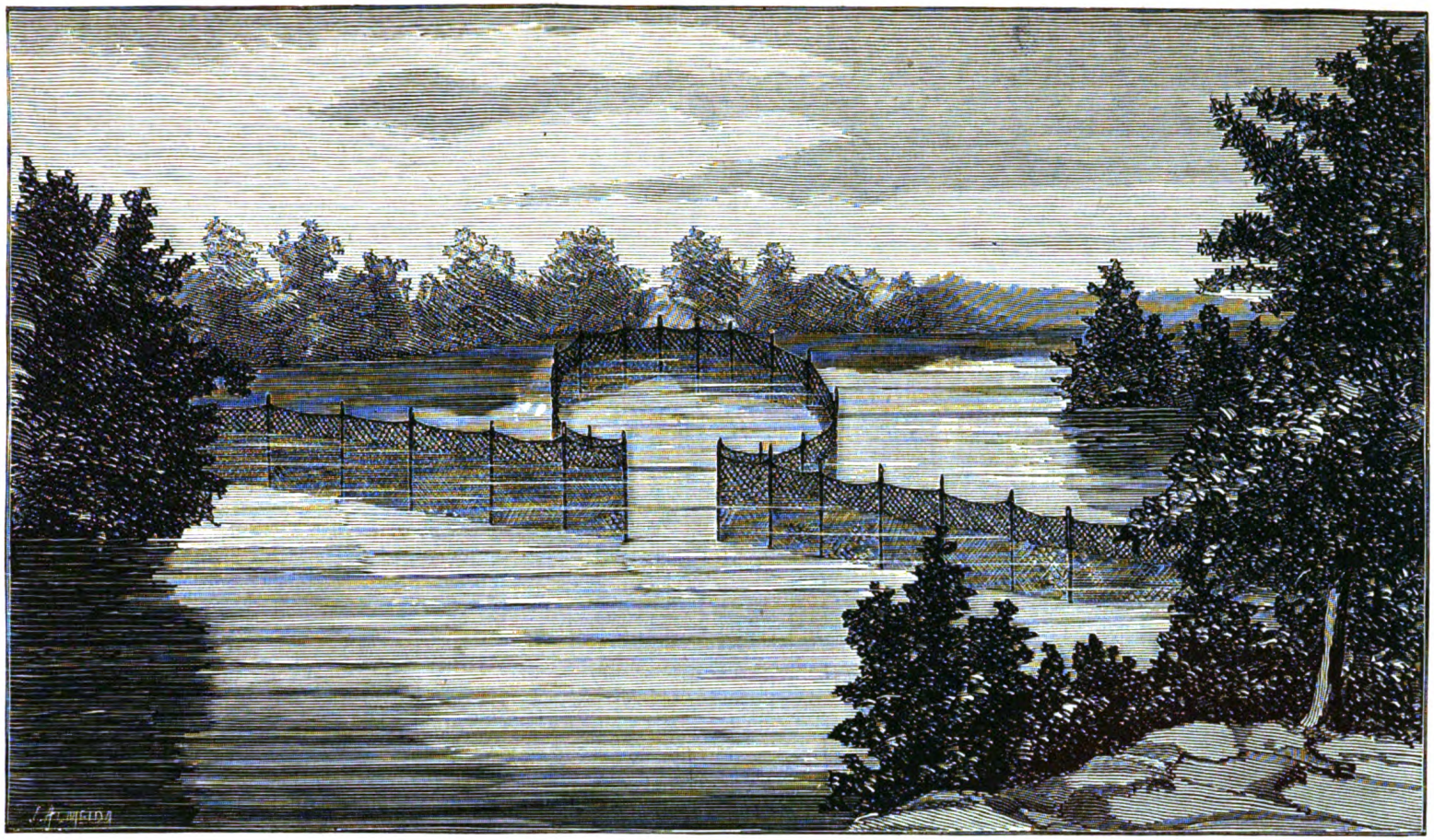
Ha diversas maneiras de estabelecer a *estacada.*

A mais vulgar que se emprega nos rios e rias do continente, para a captura das especies que entram com o fluxo da maré, é composta de *quinhões de rede,* tendo cada *quinhão* 40 braças de comprimento com 3 metros de altura, feito de linha de linho tinto, de 1 millimetro de diametro, medindo a malha 25 millimetros de lado, e tendo nas testas cinco amarrilhos de cabo delgado.

Para installar a *estacada* reunem-se trinta a quarenta homens, cada um com o seu *quinhão de rede* e oito varas, tripulando cinco ou seis barcos até ao logar que pretendem cercar, como por exemplo, um areinho ou uma faxa da margem que descobre na baixamar.

Emquanto a maré está vasia, amarram os *quinhões* uns aos outros pelos amarrilhos das testas e cobrem as tralhas inferiores com areia, enterrando as varas, que denominam *tendaes,* para segurar a tralha no fundo, e servirem depois quando se levanta a rede verticalmente.

Um pouco antes do preamar dispõem-se os barcos em volta do cerco e levantam ao mesmo tempo todas as redes, collocando-as na posição vertical e segurando a tralha superior aos *tendaes* por meio de juncos.



Tranqueira dos rios

Na baixamar seguinte, tendo a descoberto a zona que foi cercada, tiram o peixe que ficou dentro, encalhado na praia, quasi sempre de encontro ás redes.

A grandeza da *estacada* depende do numero de *quinhões* que forem empregados e do comprimento do perimetro que se queira limitar. O regulamento de 5 de agosto de 1880 sobre o exercicio da pesca no rio Minho, estabelece para grandeza da malha da rede de estacada, de vertice a vertice depois da malha puxada, 60 millimetros e permitte o uso d'este apparelho desde o 1.º de junho até ao fim de fevereiro; porém, os pescadores que não trabalham com elle, queixam-se de que esta temporada abrange a principal epocha da creação das solhas, peixe ali muito estimado e que é destruido pela estacada, ainda de dimensões tão diminutas, que não se póde utilisar para a alimentação, principalmente nos mezes de junho e julho.

Tranqueira. — Os pescadores do arrasto de Vianna do Castello usam de uma estacada, differente da anterior, a que dão o nome de *tranqueira* ou *trancada,* e que empregam não só no rio Lima, mas que tambem costumam estabelecer na confluencia do rio Coura e rio Minho, no rio Neiva e no Cávado.

Esta estacada differe da antecedente, em formar uma garganta mais apertada, communicando com um espaço cercado de rede mais miuda, e em ser geralmente disposta de uma a outra margem no sentido perpendicular ao eixo do rio.

Os pescadores, para pôrem a *tranqueira,* escolhem um sitio que seja favoravel á pesca na baixamar e ahi collocam o *cerco* com a respectiva garganta, ou laço, e depois estabelecem a rede de estacada para uma e outra margem, tomando toda a largura do rio, mas conservando as redes assentes no fundo.

Chegada a occasião do preamar levantam as redes, de maneira que o peixe que passou para montante com o fluxo da maré, ao retroceder na vazante encontra a rede embargando-lhe o caminho, e seguindo ao longo d'ella em procura de uma passagem, entra pela garganta ou laço, para o *cerco,* onde se accumula.

Antes da baixamar um momento, tapam a garganta e desfazem as redes de amparar para uma e outra margem, deixando ficar unicamente o *cerco,* e dentro d'este por meio de um arrasto pequeno, tiram, para terra ou para sobre um areinho, em successivos lances o peixe que ficou cercado.

Estes pescadores transportam por terra em carros de bois as redes, varas e estacas, para irem estabelecer a *tranqueira* nos rios proximos de Vianna do Castello, e algumas vezes apanham carradas de peixe miudo, como: tainhas, robaliços, barbos, mugens, etc., outras occasiões, são pouco

afortunados e as despezas de transporte são superiores ao valor da pescaria que lograram colher.

Os pescadores de Espozende e Fão tambem usam na epocha propria a *estacada* para a pesca do savel e da lampreia.

A *estacada* para o savel é collocada de um modo diverso das anteriores: estabelecem de uma e de outra margem para o meio do rio, dois alinhamentos de rede, formando angulo agudo para montante, mas não unindo no vertice, e collocam aqui um cerco, que denominam *mondéo*, onde o peixe fica encurralado, porque o savel procurando subir o rio e encontrando uma barreira por todos os lados, passa no intervallo do vertice, entra para o *mondéo* e ahi se conserva.

Esta *estacada* põe-se á tarde e fica até de manhã.

A *estacada* para a lampreia é como a antecedente, mas não tem *mondéo*, pois que as redes de amparar reunem no vertice.

Em vez de varas, usam estacas não muito altas, porque esta pesca se faz de meia maré de vazante para baixo.

Esta *estacada* colloca-se á tardinha para servir durante a noite.

As lampreias na sua subida reunem-se no angulo das redes, pairando n'esse ponto, e de dentro de uma embarcação com o auxilio de uma lanterna e de um *bicheiro* arpoam-nas para fóra de agua.

Os anzoes do *bicheiro* não têem rebarbas para não rasgarem o peixe.

Um pouco a montante da foz do rio Neiva tambem se colloca na epocha propria uma estacada para a pesca da lampreia, constituida por uma rede que atravessa de uma a outra margem do rio em linha recta, e que impede a passagem das lampreias para montante, as quaes ficam pairando junto á rede.

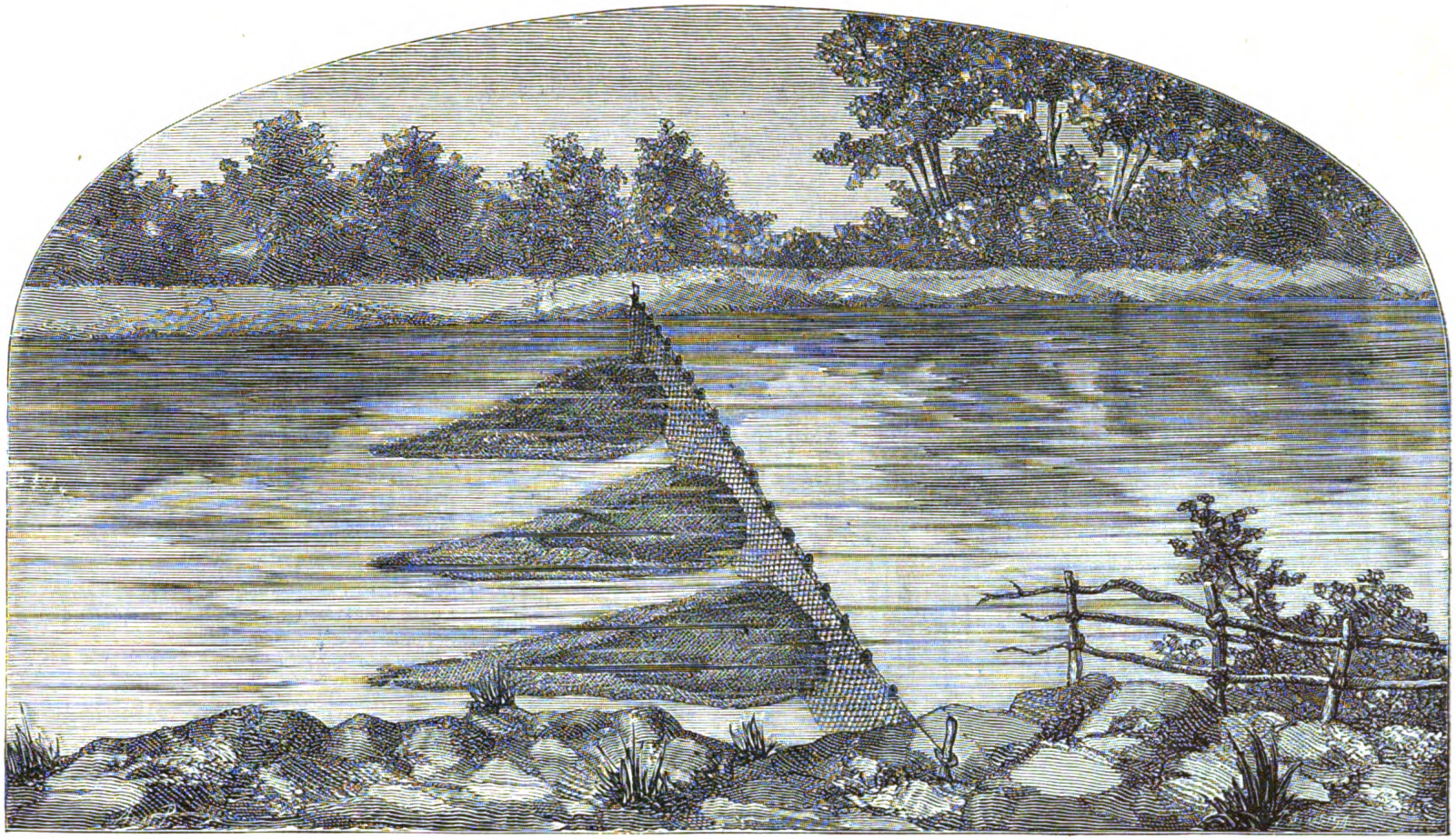
De dentro de uma pequena bateira percorrem a estacada de um a outro lado, e vão fisgando ou apanhando as lampreias com uma rede volante de mão collocada no extremo de uma vara.

Geralmente nas *estacadas* empregam os pescadores redes já usadas, a que dão o nome de *saramônas*, e apenas no *cerco* ou *mondéo* usam redes novas.

Um *quinhão* de *estacada* importa, em media, em 2$500 réis.

Cerco fixo. — Em outros rios e rias do continente usam-se *estacadas* com uma disposição analoga ás precedentes, que se estabelecem na baixamar para reter o peixe que passa para o espaço que ellas fecham depois de levantadas, o qual é apanhado na baixamar seguinte, denominando-se em geral estes apparelhos *cercos fixos*.

É assim que na enseada de S. Paio, na foz do Douro, na ria de Aveiro, no rio Mondego, no Tejo, junto ás Lezirias, no Sado, e na ria de Faro, Olhão e Tavira, dispõem as *estacadas* para a pesca das especies que povoam as aguas interiores.



Rede de tapa-esteiros

Rede de tapa esteiros. —Nas rias de Faro, Olhão e Tavira, usam uma outra variedade de estacadas a que dão este nome.

A rede atravessa-se de um a outro lado do canalete ou esteiro, ficando disposta verticalmente dentro de agua desde o fundo até á superficie, como nas estacadas anteriores, mas empregam-se umas outras redes em fórma de sacco com armadilha, como os botirões, para onde o peixe entra ao procurar uma passagem na barreira de rede que encontra na sua marcha.

A estas pequenas redes de armadilha dão o nome de *guelrichos,* e são compostas de um sacco de rede que se fundeia, ficando a bôca cosida na parede da estacada, funccionando como as nassas ou botirões.

APPARELHOS DE MUITOS ANZOES

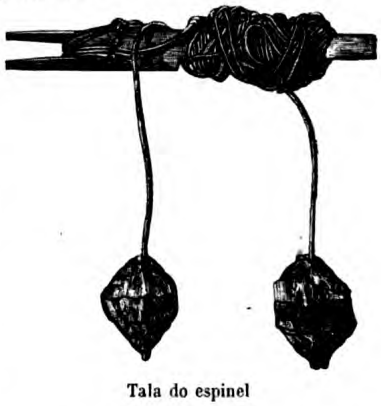
Nas aguas interiores, assim como nas da costa e do alto, tambem se usam linhas de pesca munidas de muitos anzoes, com uma composição similhante aos apparelhos d'este genero que já descrevemos.

Estes apparelhos, são: o *espinel,* as *cordas,* e os *apparelhos,* denominações differentes de variedades do mesmo systema.

Espinel. —O *espinel,* apparelho muito usado no rio Minho, compõe-se de um certo numero de linhas de linho, de 2 millimetros de diametro, com 23 a 25 braças de comprimento cada uma, munidas de *estrovos* de cabello ou de ticum, com 1,5 millimetro de diametro e 3 a 4 decimetros de comprimento, onde empatam anzoes n.° 4 e n.° 5, pagina 310.

A linha é tinta na infusão da casca de pinheiro.

A cada uma das linhas com os respectivos estrovos e anzoes, que regulam por 3 quarteirões, dá-se o nome de *tala.*



Tala do espinel

Juntam até sete *talas* para formar um apparelho.

Nos extremos do *espinel* collocam-se boias de cortiça ou cabaças, e em cada *tala* tres a quatro pedras para fundear o apparelho.

No rio Minho lançam o *espinel* atravessado á corrente, de uma para outra margem, a fim de receber o peixe, tanto na enchente como na vazante, mas em meia maré, por ser a occasião mais favoravel á pesca, quer de dia, quer de noite.

Exprimem os pescadores da localidade estes momentos mais azados á pesca com este apparelho, dizendo que com elle se pesca *á maré* e *ao sopé.*

No verão lançam o *espinel* desde a foz do rio até á Motta de Gondarem, porém de inverno sobem até ao logar da Furna.

O isco empregado é a minhoca do lodo, quando lançam este apparelho de dia, e a minhoca da areia quando de noite.

Usam um barco, geralmente tripulado por dois homens, para deitar o *espinel*.

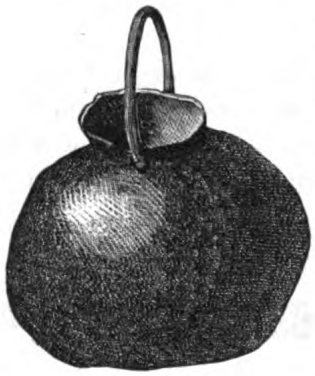
As variedades que com elle se pescam são: solhas, robaliços, mugens, enguias, linguados, scorpiões, trutas, etc.

Os pescadores usam uns cestos grandes, onde vão colhendo em fiadas os anzoes, convenientemente iscados, e deitando areia fina para as iscas se não pegarem, embaraçando o rapido lançamento do apparelho.

Durante a baixamar apanham a isca nos lodos e areinhos, servindo-se de uma pequena enxada para cavar até um palmo de profundidade.

As sete *talas* de um *espinel* importam em 1$600 réis e cada *cabaça* em 60 réis.

A *enxada* custa 480 réis e o *cesto* 360 réis.



Cabaça para a isca

A isca de minhoca do secco — *cagon* — só se emprega nas proximidades da barra até á altura da Senhora da Agonia, e d'aqui para montante já se não usa.

De inverno, novembro, dezembro, até meado de janeiro, lançam o *espinel*, mas depois os pescadores d'este systema de pesca passam para a *lampreeira*.

De junho em diante voltam ao *espinel*.

Os pescadores apanham a minhoca — *isca da lama* — durante a baixamar, depois vem para a margem desenrascar as linhas, que geralmente trazem limos, e pondo um pequeno pau fendido a meio na borda do cesto, vão collocando alternadamente os anzoes de cada *tala*, como representa a figura da pagina anterior, até ao numero total das talas que compõem o espinel.

Em seguida, tendo já o apparelho desenrascado, limpo dos limos, e os anzoes por ordem, começam a iscar com a minhoca ainda viva, dispondo-os ás fiadas dentro do cesto.

A *isca da lama* quando deitam o *espinel* conserva-se algum tempo viva, o que concorre para engodar o peixe com maior facilidade.

Para largar o *espinel*, lançam primeiramente uma pedra amarrada ao extremo do apparelho, tendo uma *cabaça* para manter a linha entre duas aguas, depois o barco vae seguindo vagarosamente para se continuar a

Vendedor de peixe de Lisboa

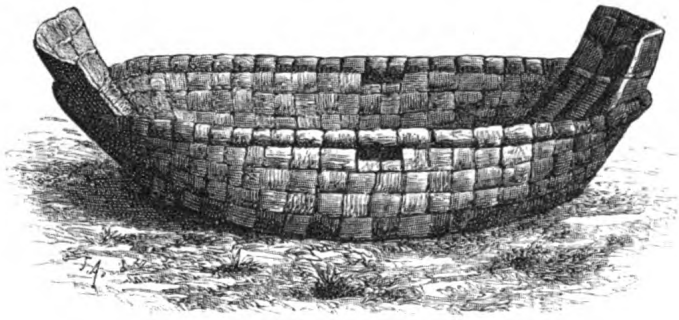
deitar o apparelho pouco a pouco até ao outro extremo, onde fundeiam igualmente uma pedra e lançam nova *cabaça*.

O apparelho fica pois dentro de agua e conservam-no até ao fim da enchente, se foi lançado no começo, e até terminar a vasante, se foi deitado quando a agua principiou a descer.

Suspendem-no então e tiram o peixe que prendeu nos anzoes.

Este apparelho destina-se ás variedades que entram e sáem com as marés, subindo mais ou menos a montante, conforme as epochas do anno, mas dependendo principalmente da temperatura das aguas, rasão por que de verão só se emprega até Gondarem, e de inverno, quando as aguas são mais frias, póde ser deitado com vantagem até muito mais a montante nas proximidades da Furna, acima de Villa Nova da Cerveira.

Não entrando com o valor do barco e seus accessorios, importam todos os aprestos de pesca por meio do *espinel* em 2$560 réis.



Cesta da venda do peixe

O valor do barco e mais utensilios anda por 18$000 réis.

Isto é: o material de pesca de um pescador de *espinel*, monta a réis 22$500 ou 27$000 réis, por isso que geralmente possue mais de um apparelho, e tem algumas linhas, anzoes, cabaças e mais accessorios de sobresalentes.

As variedades que se pescam com o *espinel* são todas pertencentes ao grupo do peixe miudo e de menor valor, que é utilisado para consumo das classes mais pobres.

É este um systema de pesca em que ha sempre grande numero de probabilidades de alcançar resultado, apesar de ser pouco remunerador pela qualidade e valor do peixe a que se destina.

Cordas. — No rio Minho, para montante de Valença, usam uma especie de espinel que se deita da margem, a que chamam *cordas*, composto de uma linha de pesca ordinaria com uma duzia de anzoes dispostos nos competentes estrovos.

N'um dos extremos d'esta linha amarram uma pedra e a outra extremidade dá volta na margem do rio em um tronco de arvore, pedra ou estaca.

Cordas da pesca fluvial

Atiram a pedra para dentro de agua até onde o comprimento da linha permitte, ficando o apparelho em direcção normal ao eixo do rio.

Permanece na agua durante a noite e de madrugada é alado para terra a fim de retirar a pescaria.

A isca que empregam é geralmente de lampreinhas, escalos ou bogardos, e tambem usam a minhoca.

Apanham com este apparelho os escalos, bogas, bogardos, enguias, tainhas, mugens e algumas solhas.

No rio Douro, no curso superior, empregam umas outras *cordas* mais resistentes, com grandes anzoes, para a pesca do *solho-rei*, que sobe este rio para desovar.

Assim que este possante peixe pega no anzol, os pescadores dão folga ao apparelho, seguindo no barco, ás vezes grandes distancias, até que o *solho* perca as forças, sendo então apanhado.

Esta pesca executa-se nos poços, ou fundões, que o rio fórma em differentes pontos do seu leito.

O systema das *cordas* é muito vulgar em todos os nossos rios, onde a disposição das margens se presta ao lançamento d'este apparelho tão facil de manobrar.

Apparelhos. — No rio Tejo, e especialmente nos rios do sul do paiz, denominam *apparelhos* os espineis que se empregam nos rios do norte.

A composição é a mesma, differindo apenas na grossura das linhas, no numero de anzoes, e no comprimento do apparelho.

Empregam-se geralmente nas bacias litoraes dos rios, destinando-se ás especies que entram com o fluxo da maré.

É muito vulgar o ver no rio Tejo, junto á muralha do Aterro, os pescadores a prepararem dentro das suas embarcações estes apparelhos, para os irem lançar em differentes pontos do rio, no começo da enchente ou da vazante.

Iscam-nos com sardinha ou lula, e tambem recorrem á minhoca do lodo e da areia, que apanham proximo da margem sul do Tejo nas praias que descobrem com a maré.

APPARELHOS SINGELOS DE ANZOL OU FISGA

Os apparelhos d'este genero empregados na pesca fluvial, são: *linhol, linha de pesca, canna de pesca, varinha de pesca, fisga das solhas e linguados, fisga das lampreias, bicheiro* e *abaixa*.

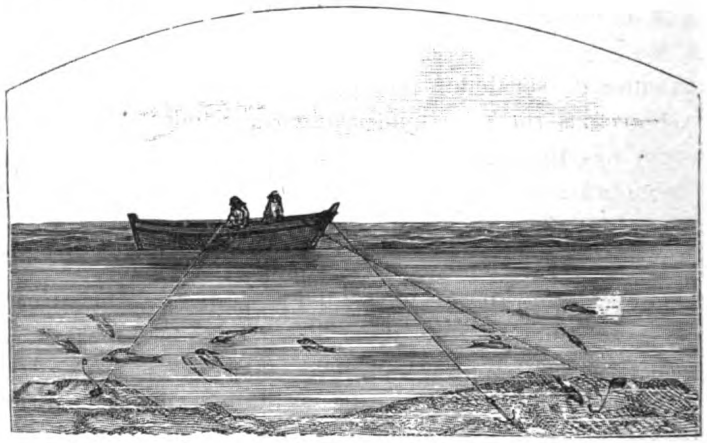
Linhol. — Linha de pesca de linho, sem preparo com 1,5 millimetro de diametro e 25 braças de comprimento, tendo em um dos extremos e a distancias iguaes, tres *estrovos* de cabello, ticum, ou linha mais fina engaiada com linha branca, onde empatam tres anzoes n.º 5.

Um pequeno peso de chumbo, fixo na extremidade, obriga o apparelho a mergulhar até ao fundo, se for preciso.

No chicote amarra um pedaço de cortiça, que serve para n'elle se colher a linha, e cravarem os anzóes, a fim de não ferirem o pescador ao transportar o apparelho, e tambem de boia para o caso de se largar a linha por mão.

O *linhol* completo importa em 300 réis.

Largam-n'o ao começar a enchente, fundeando o barco em sitio onde a agua corra, e amarrando á popa 1 braça de cabo com uma pedra no extremo, a que chamam *pioneiro,* mantêem a embarcação aproada á corrente sem dar guinadas.



Barco pescando ao linhol

Iscam o *linhol* com caranguejo molle, ou minhoca da lama, e largam-n'o pela poupa até o chumbo assentar no fundo. A linha fica na mão, passando entre o dedo pollegar e o indicador, sentindo-se o *picar* do peixe no momento d'este procurar a isca para a devorar, dando-se n'esta occasião um pequeno esticão com o fim de o fisgar. O anzol da enguia vae representado á margem.

Nos rios do continente empregam o *linhol* na pesca dos robaliços ou robaletes, tainhas, mugens, enguias, etc.

Os mesmos pescadores, que lançam os espineis e apparelhos, usam do *linhol* durante o tempo que aquelles apparelhos estão dentro de agua.

Linha de pesca.—Este apparelho é o mais simples que se emprega na pesca, compondo-se de uma linha com um anzol na extremidade e um pequeno chumbo ou pedra para o fazer mergulhar.

Almocreve de Peniche

O pescador de profissão raras vezes usa esta linha, preferindo o linhol, mas os amadores e os rapazes empregam-n'a frequentemente na pesca fluvial, em consequencia da sua extrema simplicidade, e por ser facil de alcançar para algumas horas de passatempo. Na pagina anterior vê-se a fórma e grandeza natural da chumbada mais vulgar.

Linha de pesca fluvial

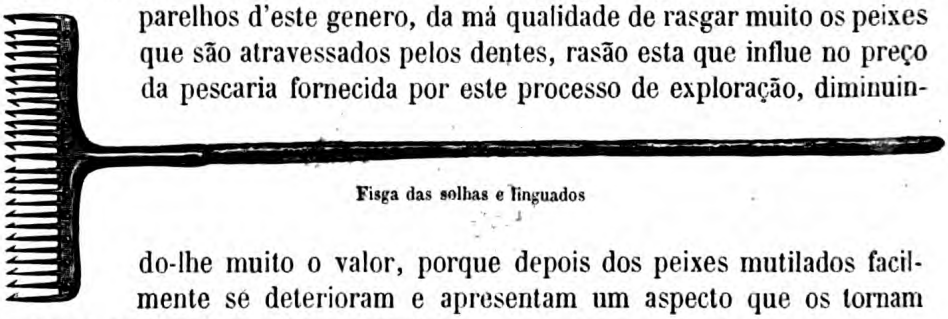
Canna de pesca. — Para a pesca fluvial usa-se uma *canna de pesca* muito similhante á que se emprega na pesca maritima, composta de uma vara ou canna direita, com 3 a 5 metros de comprimento, tendo amarrada na extremidade mais delgada a linha que sustenta os estrovos dos anzoes, o fluctuador e a chumbada.

É este o apparelho mais usado pelos pescadores de profissão, porém os amadores servem-se das *cannas de pesca* inglezas ou francezas, de systema mais aperfeiçoado, possuindo proximo da base um pequeno *molinete* onde enrola a linha, podendo esta augmentar ou diminuir de comprimento, segundo as circumstancias em que se faz a pesca.

Em capitulo especial trataremos da pesca feita pelos amadores e dos apparelhos mais adequados.

Varinha de pesca.—Nas pontes e margens dos rios usam os rapazes de umas pequenas varas de salgueiro, munidas de linha e anzol, que iscam com pernas de caranguejo ou pedaços de pão, para a pesca das especies menores, como são a boga, o escalo, o bogardo, etc.

Fisga das solhas e linguados.—Este apparelho compõe-se de um garfo com vinte e dois a trinta e dois dentes de ferro, cravado no extremo de uma vara comprida, e serve nas aguas interiores dos rios e rias para a pesca do peixe chato. Este systema de fisga, participa, como todos os apparelhos d'este genero, da má qualidade de rasgar muito os peixes que são atravessados pelos dentes, rasão esta que influe no preço da pescaria fornecida por este processo de exploração, diminuindo-lhe muito o valor, porque depois dos peixes mutilados facilmente se deterioram e apresentam um aspecto que os tornam pouco vendaveis e até repugnantes.



Fisga das solhas e linguados

Geralmente é de meia maré para baixo que se faz a captura da solha e linguado por este processo.

Em um barco, com quatro ou cinco homens, percorrem as beiras ou orlas dos bancos, ou descem á feição da corrente, prolongando-se os pescadores do lado do banco, no primeiro caso, ou de montante, no segundo, e de pé seguram verticalmente a vara da fisga, que enterram repetidas e successivas vezes no fundo, tirando-a da agua a miudo para colher as solhas ou linguados que conseguiram cravar.

Um d'estes apparelhos importa de 500 réis a 4$000 réis, conforme e numero de dentes, e as localidades em que são construidos.

A fisga d'este genero usa-se nos rios Minho, Lima, Cavado e ria de Aveiro, quasi que exclusivamente para as solhas, de que estas aguas são muito abundantes, e no resto do paiz para a captura do linguado.

Este processo de pesca é muito ruinoso nas epochas da creação miuda, porque, abrigando-se os pequenos seres debaixo da areia, conjunctamente

BARBO FLUVIAL, pag. 53

Estacada

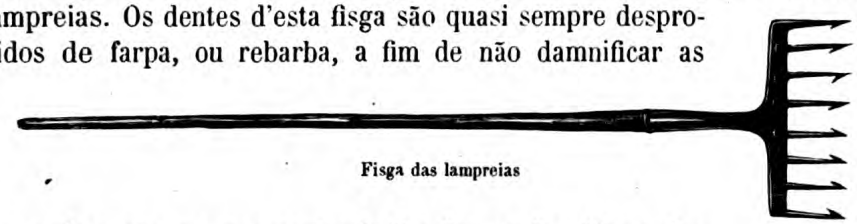
com as femeas adultas, a fisga crava o fundo em uma zona consideravel, despedaçando indistinctamente e sem proveito a fonte reproductora e as pequenas creações.

O regulamento de pesca no rio Minho, de 5 de agosto de 1880, permitte o emprego da fisga desde o 1.º de julho até ao fim de fevereiro.

Ora, sendo a epocha da creação das solhas n'aquella localidade, em abril, maio, junho e julho, não deveria n'este ultimo mez ser permittida a pesca da solha por este processo.

No excellente trabalho, a que já nos referimos, sobre a *ria de Aveiro e as suas industrias,* fazem-se sensatas indicações sobre o emprego immoderado da fisga, apontando ao mesmo tempo as providencias que urge adoptar, para evitar o despovoamento das aguas d'aquella tão fertil ria.

Fisga das lampreias.—Denomina-se assim um apparelho analogo ao anterior, mas com doze dentes apenas, que serve para a pesca fluvial das lampreias. Os dentes d'esta fisga são quasi sempre desprovidos de farpa, ou rebarba, a fim de não damnificar as



Fisga das lampreias

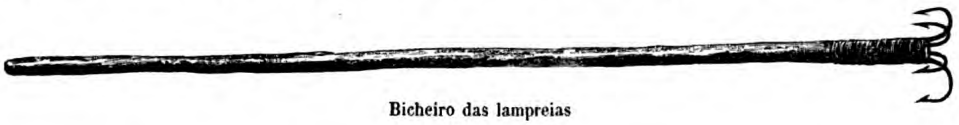
lampreias, que no caso contrario ficariam muito dilaceradas pelas farpas, o que faria diminuir consideravelmente o seu valor.

De meia maré de vasante em diante, andam dois homens dentro de cada barco, empregado n'esta pesca, caindo á descripção da corrente, um á proa e outro á poupa, do lado de montante, e vão cravando com as fisgas as lampreias que vêem por transparencia dentro de agua.

A este systema de pesca chamam —*a varrer.*

Uma fisga de lampreia importa geralmente em 480 réis.

Bicheiro.—Este apparelho emprega-se tanto na captura da lampreia como da enguia, apezar de para esta ser mais vulgar o da pag. 278.

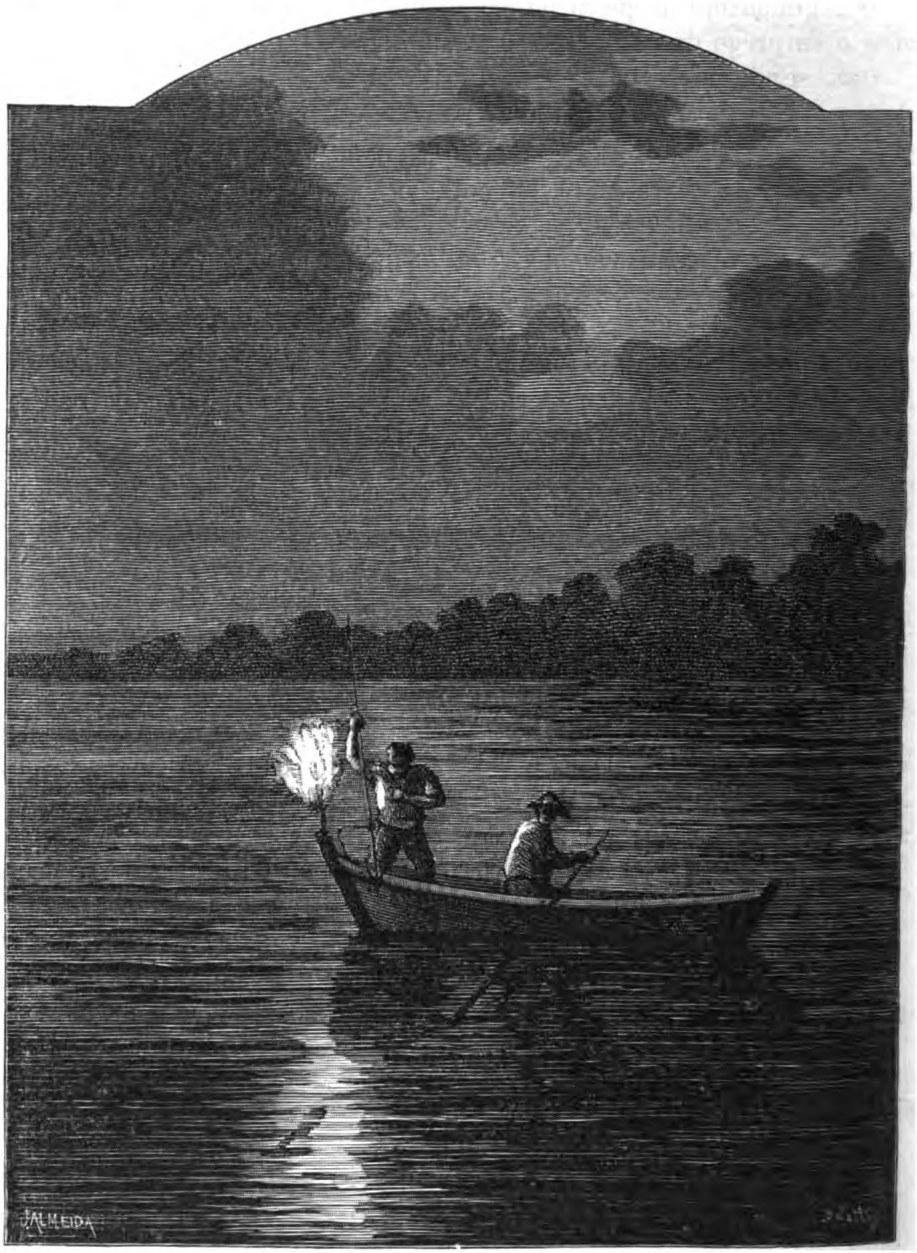


Bicheiro das lampreias

O *bicheiro* consta de uma vara delgada, tendo em um dos extremos amarrados de um até quatro anzoes, differindo o bicheiro da lampreia do da enguia, em aquelle empregar os anzoes sem as *rebarbas.*

Em Espozende faz-se a pesca, por este systema, no canal da barra no começo da enchente e de noite, com o auxilio de uma lanterna, para ver

quando as lampreias entram n'esta passagem; é n'esta occasião que as fisgam com o *bicheiro,* retirando-as da agua.



Pesca ao candeio

Este processo de pesca da lampreia pratica-se em quaesquer canaes estreitos e pouco profundos.

Estacada para a pesca da lampreia

O *bicheiro das enguias* é introduzido pelas fendas das rochas, pedras ou cantarias dos portos e margens dos rios, geralmente durante a baixa-mar, até cravar o anzol no peixe, que é então puxado para fóra do buraco.

Abaixa.—Este apparelho não é mais do que uma fisga, munida de dentes de ferro, empregada pelos pescadores do rio Douro na epocha da lampreia, pescando-a ao *candeio,* nas proximidades do cabedello da embocadura.

A *abaixa* ou fisga do *candeio* é tambem empregada em outras paragens, para as especies velundeiras, que vem á superficie attrahidas pela luz durante a noite, differindo muito de localidade para localidade não só a natureza da luz como a composição do apparelho.

APPARELHOS DE VERGA OU ARAME EM FÓRMA DE RATOEIRA

Nas aguas interiores dos rios e rias do continente usam-se na pesca uns apparelhos de fundo, construidos de verga, canna ou arame, nos quaes os peixes podem entrar livremente por uma abertura em fórma de funil, e não podem depois escapar-se; os apparelhos d'este genero, são: *covo, nassa* e *muzuar.*

Covo.—O *covo* empregado nas aguas fluviaes é igual ao que se usa nas aguas maritimas, tem a fórma conica troncada, e é feito de canna entrelaçada, possuindo uma abertura guarnecida de cannas pontagudas, como os arames da entrada nas ratoeiras vulgares.

Do lado opposto tem uma pequena *porta,* pela qual se retira do interior o peixe colhido.

Este apparelho deita-se no fundo, convenientemente iscado, e é, depois de algum tempo, suspenso com um *croque* ou pelo *arinque* da boia, que indica a sua posição.

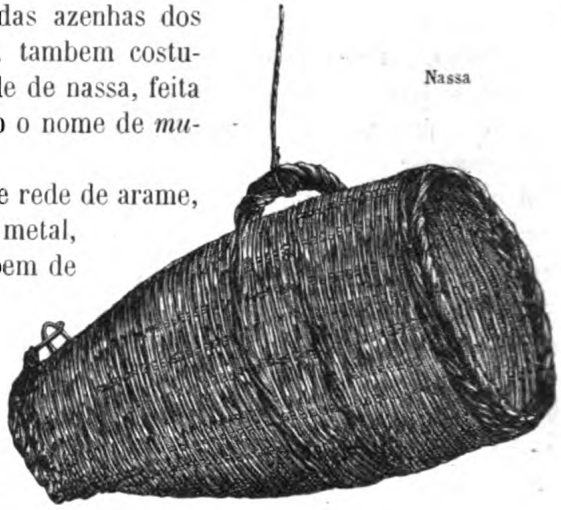
Nassa.—Nos rios do norte do paiz, construem os covos de verga e com malha ou grade, mais miuda, denominando-os *nassas.*

Esta armadilha tem a fórma ovoide, e é feita de verga encanastrada, empregando-se geralmente na pesca da enguia, para o que o engradamento é muito miudo.

Deitam dentro da nassa tripas e cabeças de sardinha, e collocam-a no fundo com o auxilio de duas pedras amarradas aos lados, de modo que a bôca fique virada para jusante.

Este apparelho permanece na agua durante a noite, e de madrugada levantam-no e tiram de dentro as enguias que porventura cairam.

A nassa é muito vulgar em todos os rios do nosso continente, variando apenas na fórma e no material empregado na sua construcção.


Nassa

Muzuar. — Nos açudes das azenhas dos rios, em *caneiros* especiaes, tambem costumam empregar uma variedade de nassa, feita de rede de arame, a que dão o nome de *muzuar* ou *nassa de arame.*

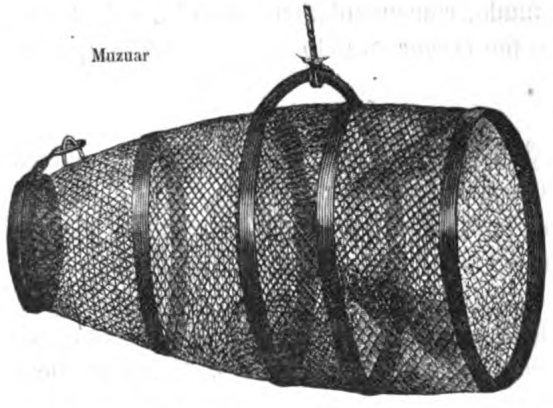
Compõe-se de um cone de rede de arame, com aros ou arcos do mesmo metal, tendo na base um funil, tambem de rede, com o vertice para o lado do vertice do cone.

Collocam o *muzuar* no *caneiro* do açude, ficando a abertura ou base para jusante, de maneira que o peixe entrado pelo funil, que denominam *boquilha,* não póde mais sair, a não ser tirado pela *tampa* opposta.

Com este apparelho apanham-se todas as variedades, de pequenas dimensões, que sobem os rios, sendo principalmente destinado á captura das lampreias. Ainda assim, o *muzuar* não está vulgarisado entre nós.

APPARELHOS AUTOMATICOS

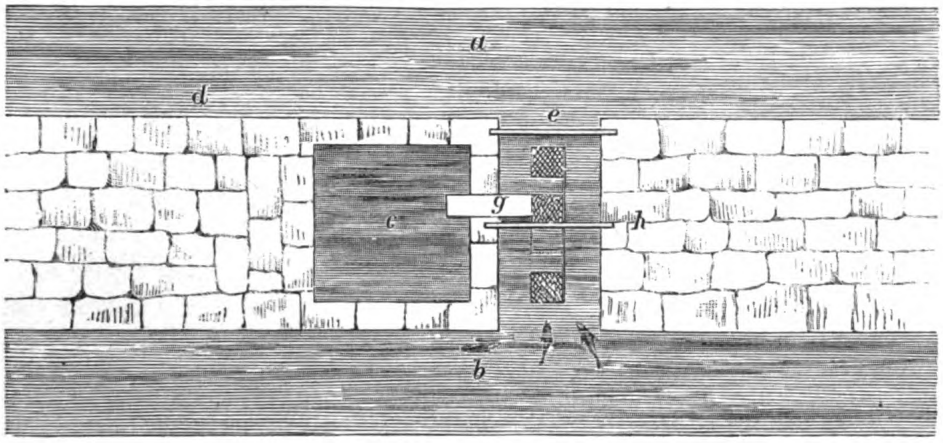
São verdadeiramente notaveis os engenhos automaticos que usam nos rios Cavado e Neiva para a pesca fluvial, unicos rios do paiz em que vimos funccionar estes apparelhos.


Muzuar

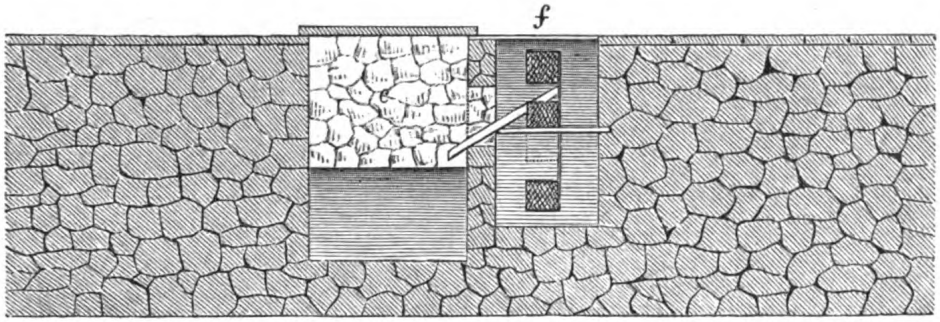
Nos açudes das azenhas construem um canal de passagem denominado *caneiro,* onde installam uma pequena roda hydraulica, com o eixo assente pelos extremos nas paredes do caneiro, formada por quatro raios de ferro, tendo nas extremidades numero egual de copos de arame de fórma cubica.

Em posição conveniente está collocada uma calha de madeira inclinada, na qual os copos, quando passam na posição mais alta, deitam o conteúdo;

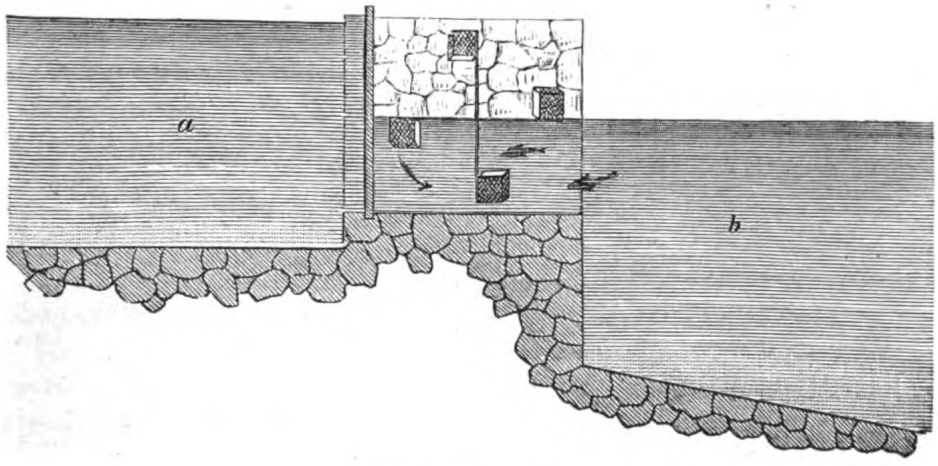
Planta



Córte longitudinal



Córte transversal



Engenho auctomatico de pesca

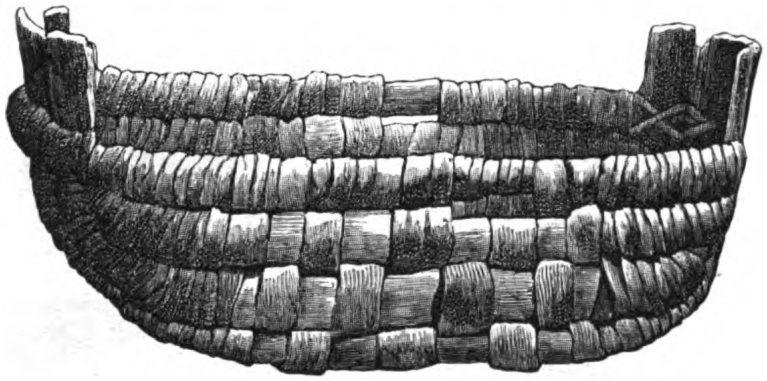
a calha communica com um tanque ou pia de pedra com tampa fechada a cadeado.

Soltando a agua do ramal superior, a roda adquire movimento de rotação de montante para jusante, e de baixo para cima.

Os peixes que procuram subir o rio, encontrando livre a passagem do caneiro, investem com ella, e são apanhados pelo copo de arame, que os deita na calha, e d'aqui escorregam para o tanque ou deposito fechado.

Quando abrem a tampa do deposito encontram-se ainda vivos os peixes que n'elle caíram, porque este reservatorio contém agua do rio até uma certa altura.

Este systema engenhoso de pesca produz grande abundancia de pescaria sem carecer de pessoal, e bem empregada é a despeza de installação do apparelho, para obter um tão bom rendimento de peixe ainda vivo.



Canastra da Povoa de Varzim

Por este processo pescam-se saveis, lampreias, trutas, bogas e outras variedades dos rios, sendo notavel a captura de tres salmões que, em 1887, fez o *engenho de pesca* das Azenhas Novas do rio Cavado.

VARIEDADES

Sob este titulo vamos descrever muitos apparelhos e systemas de pesca, empregados nas aguas dos rios e rias do continente do reino, que difficil, se não impossivel, seria classificar nas grandes divisões que fizemos para os apparelhos de pesca.

Estas variedades, ainda assim, podem grupar-se em seis categorias diversas: *redes, installações fixas, engodos, auxiliares, garrafas* e *systemas de pesca por apprehensão directa.*

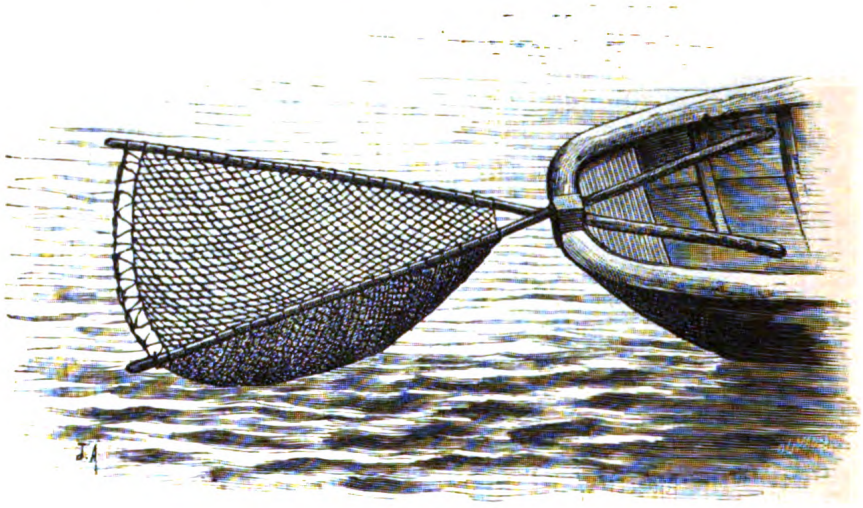
Redes.—Pertencem a este grupo a *colhér*, *letráche*, *xilréu*, *draga* ou *rasto*, *redefolle*, *peneira*, *encinho* e *conto*.

A *colhér* consta de uma rede triangular, entralhada em duas varas cruzadas e amarradas, formando um bolso.

Os extremos livres das varas ficam dentro da embarcação, e o seu cruzamento assenta á poupa sobre a borda.

A embarcação anda a ré em direcção á margem, e mergulha-se o apparelho dentro de agua, aguentando os cabos das varas com as mãos, e assim que algum peixe entra no espaço comprehendido pela rede e a terra, levanta-se a colhér fóra da agua, e recolhe-se a pescaria. A malha mede 10 millimetros de lado.

Esta rede é usada pelos pescadores do rio Guadiana, mas em diminuto numero pelo insignificante lucro que dá.



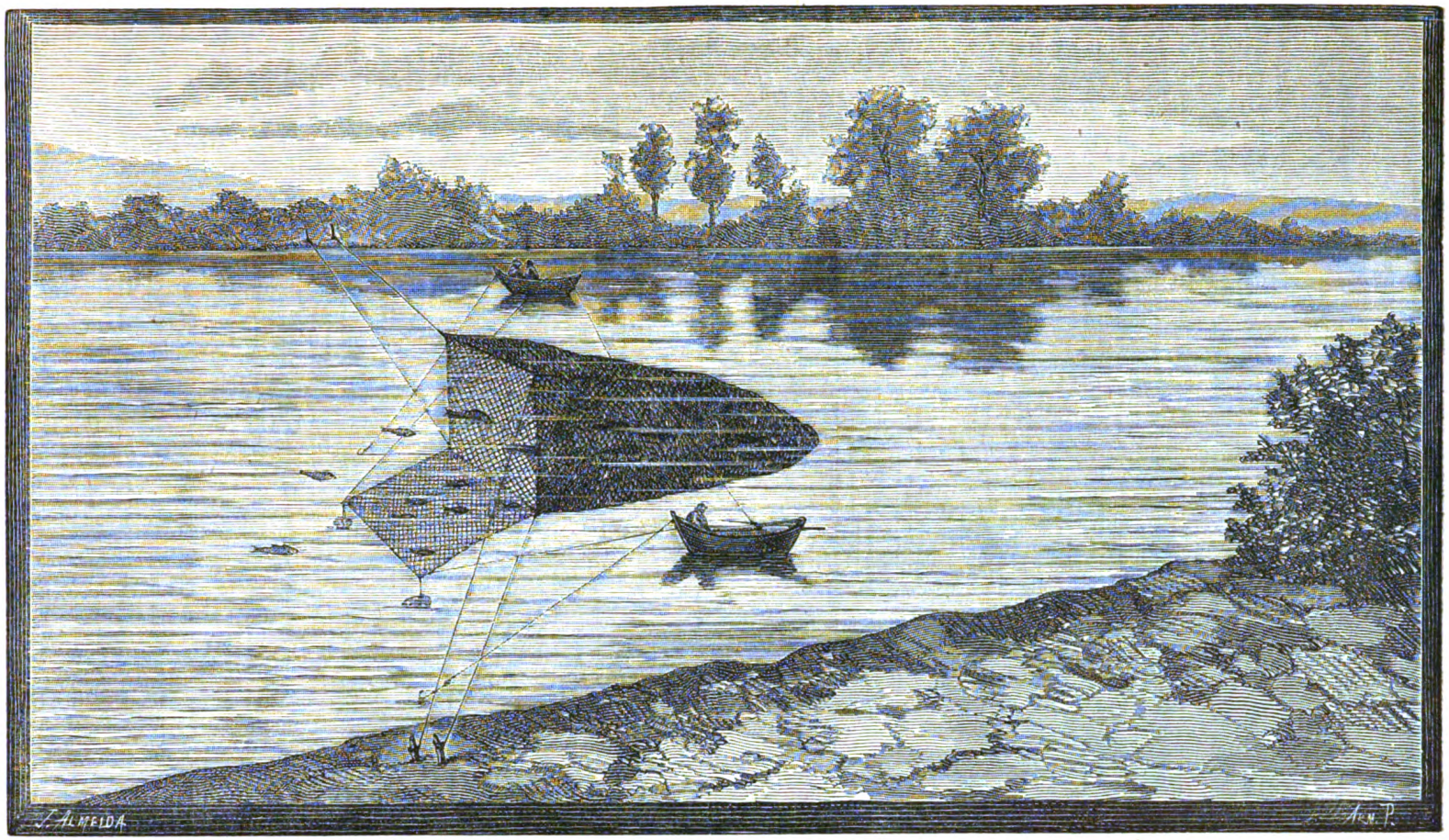
Colhér

O *letráche* tambem se emprega no Guadiana, e constitue uma rede de fundo.

Compõe-se de um sacco de rede miuda, entralhada na bôca em um quadrado feito com varas amarradas duas a duas. A vara inferior serve de charneira a uma rede, tambem quadrada, e com as dimensões da bôca, á qual serve de tampa ou porta.

Para fundear este apparelho empregam-se duas embarcações ancoradas á corrente, parallelamente uma á outra, ficando em cada uma dois cabos, um ligado ao canto superior do quadrado e outro ao canto livre da rede, que serve de tampa, e que tem uma pedra para o fazer assentar no fundo.

N'esta posição fica o sacco distendido para o lado da corrente e a bôca livre para dar passagem aos peixes.

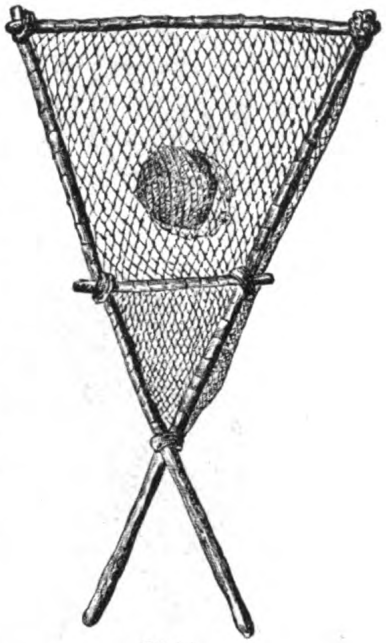


Letráche

O apparelho ainda é fixado por meio de cabos, partindo para as margens do rio, e emprega-se no alto rio Guadiana, em Mertola, para o savel, saboga, lampreia e outras variedades pequenas.

A malha da rede do *letráche* tem 15 millimetros de lado.

Xilréu.—Consta este apparelho de duas cannas de 2 metros de comprimento amarradas em cruz, com uma terceira de 1^{m},20 de comprimento, fechando o triangulo de um dos lados. Este triangulo é guarnecido com uma rede de linha, cuja malha tem 12 millimetros de lado, possuindo a meio um *copo* de rede mais miuda.



Xilréu

Para reforçar o systema, ainda ha uma outra canna atravessada de uma a outra das lateraes.

Este apparelho é movido por um unico homem ou rapaz, que dentro de agua, em fundos cheios de plantas marinhas, *sebas,* o impelle na frente do corpo, segurando pelos extremos livres das cannas lateraes, colhendo em cima da rede chócos, bogas, charrocos, etc.

Emprega-se na ria de Tavira, Fuzeta e Olhão, quasi sempre na baixamar.

Draga ou *rasto.*—Compõe-se de um *aro* de ferro com um lado dentado e de uma *sacada* de rede de couro e esparto que recebe a pescaria. Este apparelho emprega-se na apanha das ostras, que é feita com elle, arrastando pelo fundo, a reboque de uma embarcação.

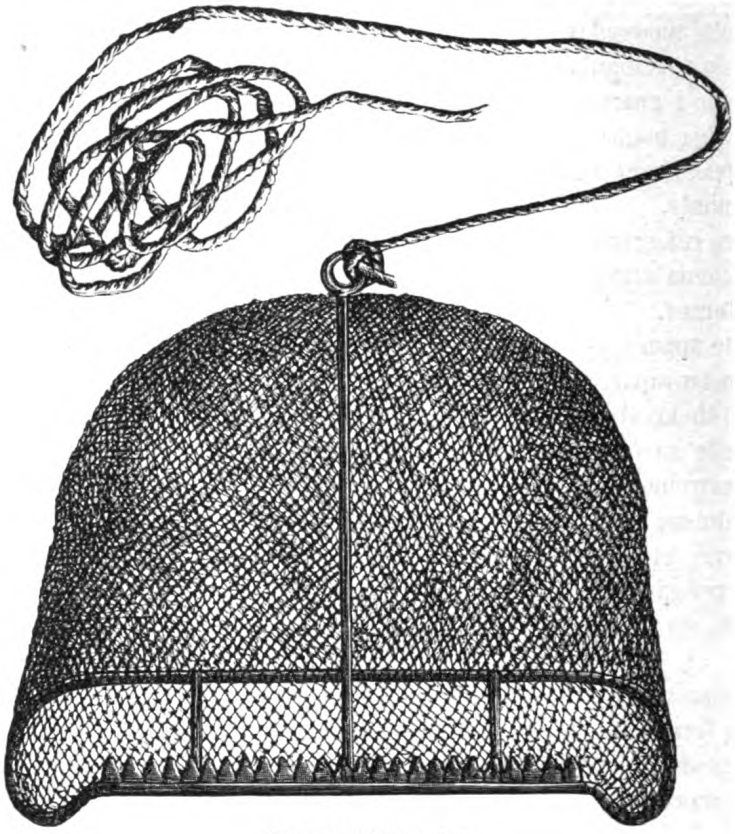
A *grade* tem 2 metros de comprimento e 0^{m},5 de largura, e os seus extremos denominam-se *azas.*

A parte de cima da rede é de couro, e a de baixo de esparto, deteriorando-se muito com o arrastar pelo fundo, exigindo repetidas substituições ou concertos.

Importa este apparelho approximadamente em 22$500 réis, sendo: grade, 7$000 réis; couro para rede, 7$000 réis; quatro cordas, esparto e mão de obra, 8$500 réis;

Em uma canôa de dois mastros vão seis homens para a pesca das ostras, arrastando á véla sobre as restingas viveiros o apparelho descripto, durando esta manobra cerca de uma hora, ou menos quando o vento é fresco.

A divisão do producto da pesca é o seguinte: o barco vence 1,5 parte; o *rasto* 1,5 parte; cada homem 1 parte e o proprietario do barco dá $^1/_2$ parte ou $^1/_4$ parte ao encarregado ou mestre. Antes de fazer a divisão costumam tirar do *monte* um tanto para o compromisso maritimo; por exemplo: sendo a parte 1$000 réis, tiram do monte 240 ou 300 réis.



Draga ou rasto das ostras

Este processo de pesca é usado na costa do Algarve, havendo uma exploração regular sobre as restingas do «Malhão de 14» e «Cabeços de Pae Pires», ao SW. da barra do Ancão, em 15 a 20 metros de profundidade. A ostra aqui é grande e muito saborosa, sendo vendida pequena quantidade para o consumo local.

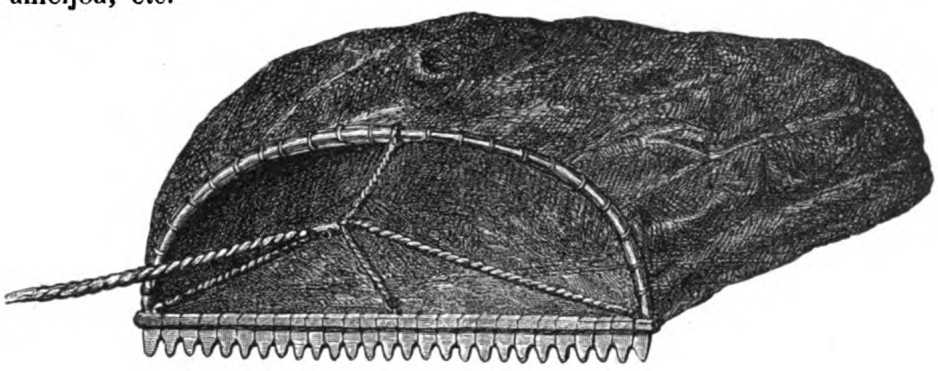
É na maior parte comprada á rasão de 3$600 réis, em media, o milheiro, pelos contratadores de Olhão, que a levam ao mercado de Gibraltar, onde a vendem por 6$000 a 7$000 réis o milheiro.

Os pescadores costumam depositar as ostras em um esteiro da ria de Faro, para as ter vivas por algum tempo e regular o abastecimento do mercado, mesmo quando o estado do mar não permitte ir fóra exploral-as.

Espinel fluvial

Em Faro, no mercado, vendem-se as ostras grandes a 60 réis a duzia.

Uma outra variedade de draga, se emprega tambem para alar a reboque não só na pesca das ostras, mas egualmente do mexilhão, berbigão, ameijõa, etc.



Draga de coiro

Redefolle.—É um pequeno sacco de rede, cosido pela bôca em um arco de arame fino, tendo duas pedras amarradas n'este arame e outra no vertice do sacco, estando o apparelho aguentado por uma linha, amarrada por quatro pernadas no arco da bôca.

O redefolle é empregado geralmente pelos rapazes na pesca do caranguejo, feita de cima das pedras ou dos caes, deitando dentro do sacco bocados de sardinha, mergulhando-o dentro de agua, e retirando-o em seguida, quando se presume que os caranguejos estão comendo a isca.

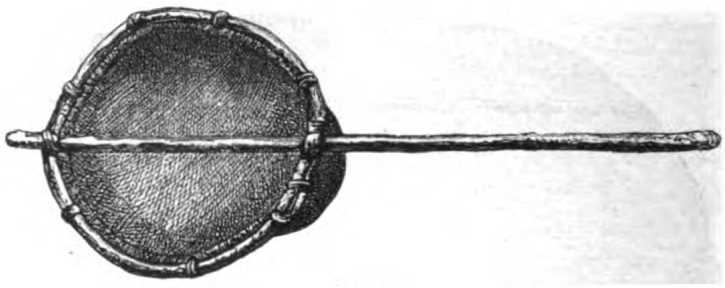
Redefolle

Peneira.—Usa-se em Vianna do Castello um camaroeiro feito de um arco com 3 decimetros de diametro, tendo amarrado em volta um tecido de crina, como o das peneiras vulgares.

O arco é atravessado por uma vara de pinho com 2^{m},5 de comprimento. Este camaroeiro isca-se com caranguejos sem pernas, enfiando cinco ou seis em um fio passado na bôca do apparelho.

Pescam com elle em volta das pedras do molhe do Fortim, pondo o apparelho em frente dos buracos, e logo que se percebe que os camarões estão comendo os caranguejos, nos pontos por onde se partiram as pernas, retira-se muito devagar de dentro de agua, e vasa-se o conteúdo em um cesto.

Encinho. — Compõe-se este apparelho de pesca de um pente com dentes de ferro, ligado a meio por uma vara comprida, e de um sacco de rede entralhada n'esse pente e em um arco, formando a bôca do sacco.

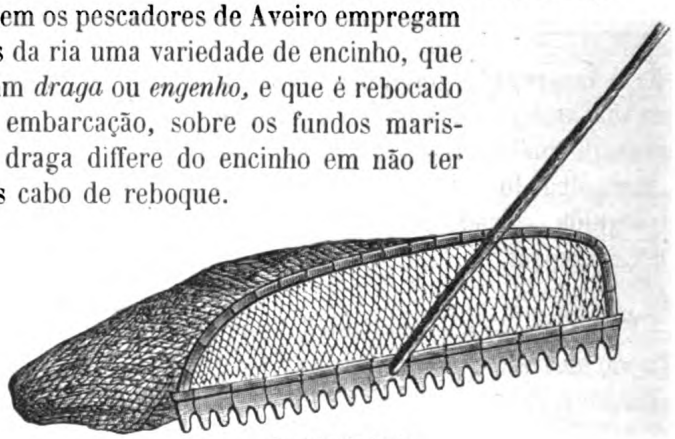


Peneira

Para empregar este apparelho fundeia-se o barco em cima do banco de berbigão, ou mexilhão, e de bordo draga-se o fundo com o encinho, á feição da corrente, até sentir peso bastante na rede, suspendendo-a então e vasando os molluscos dentro do barco.

Este processo de pesca é muito empregado na ria de Aveiro e nos cursos salgados dos rios do norte do paiz, até ao Mondego.

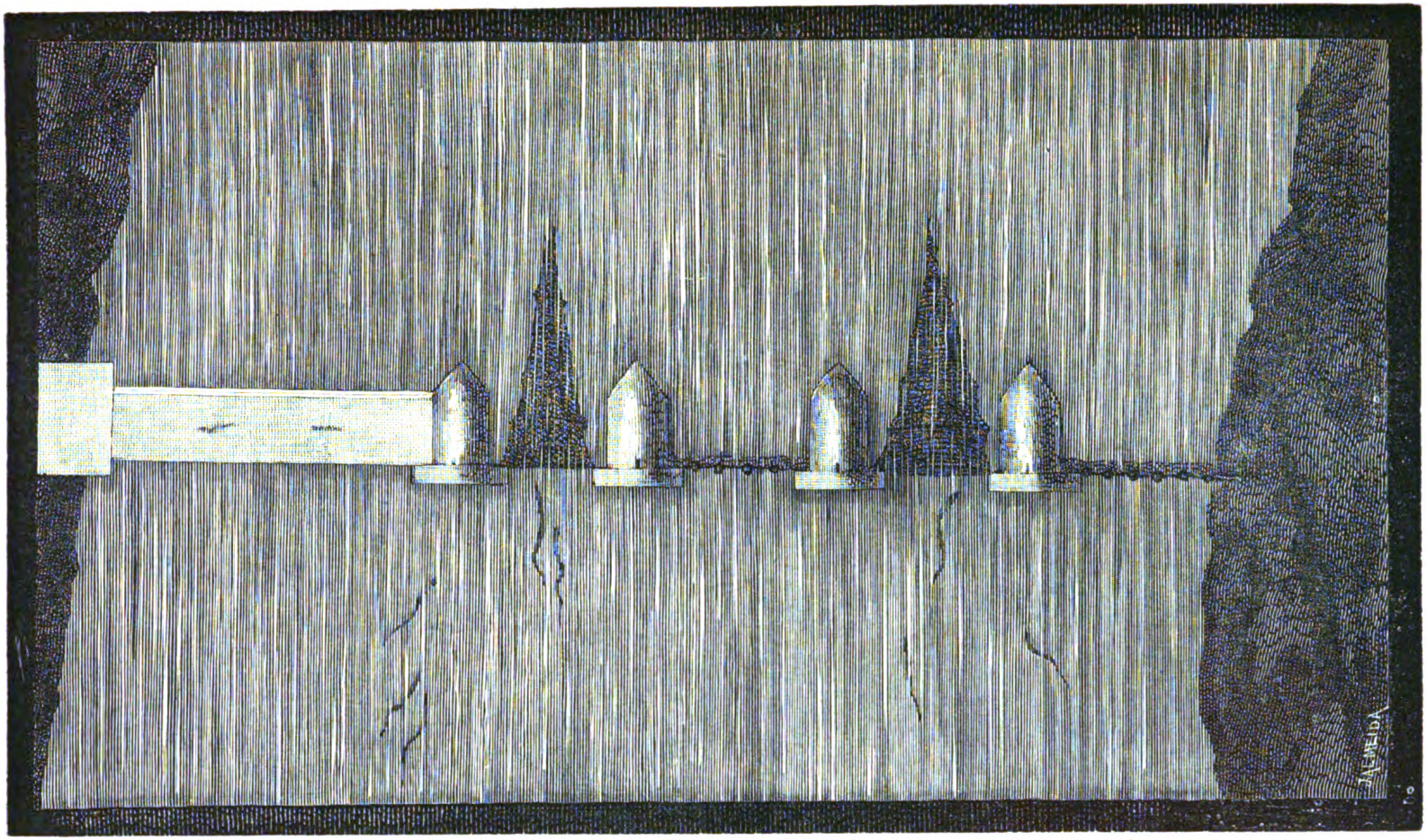
Tambem os pescadores de Aveiro empregam nas callas da ria uma variedade de encinho, que denominam *draga* ou *engenho,* e que é rebocado por uma embarcação, sobre os fundos mariscosos. A draga differe do encinho em não ter vara, mas cabo de reboque.



Encinho de fundo

Conto. — Consta este apparelho de um sacco de rede, com malha de 10 millimetros de lado, entralhado em um circulo de verga, amarrado em uma vara. Á parte superior do copo está fixa uma linha que o pescador conserva na mão. A vara assenta no fundo, junto á margem, por um dos extremos; o pescador mantem-na verticalmente, e o copo fica distendido dentro da agua á feição da corrente.

Logo que entra o peixe, o que é advertido pelo estremecimento da linha que o pescador conserva segura, levanta-se a vara e com ella a rede que contém o peixe.

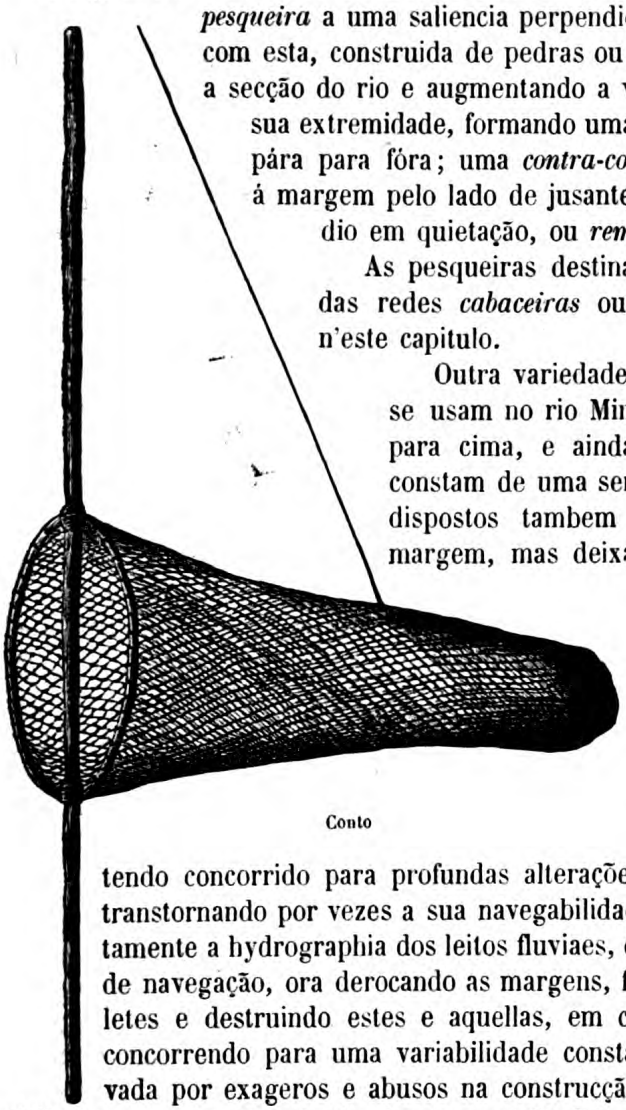


Pesqueira fixa de caneiro para botirões

Emprega-se o *conto* em sitios onde a agua é corredia, e pesca-se com elle savel, lampreia e outras especies no Guadiana.

Installações fixas.—Nas aguas interiores dos rios, empregam-se na pesca, permanentemente, as *pesqueiras;* e nas aguas maritimas, as *cambôas.*

Pesqueiras.—Nos rios Minho, Coura, Douro e Tejo, dão o nome de *pesqueira* a uma saliencia perpendicular á margem e ligada com esta, construida de pedras ou de madeira, estreitando a secção do rio e augmentando a velocidade das aguas na sua extremidade, formando uma *corrente* forte, que dispára para fóra; uma *contra-corrente* ou *revessa,* junto á margem pelo lado de jusante; e um espaço intermedio em quietação, ou *remanso.*



Conto

As pesqueiras destinam-se á pesca por meio das redes *cabaceiras* ou *botirões,* já descriptas n'este capitulo.

Outra variedade ha de pesqueiras, que se usam no rio Minho, da Ponte do Mouro para cima, e ainda em outros rios, que constam de uma serie de *postes* ou *poldras,* dispostos tambem perpendicularmente á margem, mas deixando intervallos ou *caneiros,* para n'elles se collocarem grandes *botirões.* Estas, denominam-se *pesqueiras de caneiros.*

O uso das pesqueiras fixas remonta a grande antiguidade, tendo concorrido para profundas alterações no regimen dos rios, transtornando por vezes a sua navegabilidade, e mudando completamente a hydrographia dos leitos fluviaes, ora assoriando os canaes de navegação, ora derocando as margens, formando insuas e canaletes e destruindo estes e aquellas, em curto espaço de tempo, concorrendo para uma variabilidade constante de regimen, motivada por exageros e abusos na construcção e situação d'estas installações permanentes destinadas á pesca fluvial.

Cambôas.—Junto á costa maritima, em sitios pedregosos, formam os pescadores recintos murados, com pedras soltas, alagados no preamar

para onde podem entrar as especies costeiras com o fluxo da maré, ficando na baixamar completamente cercadas, e portanto á mercê de uma aprehensão facil e segura, mesmo á mão, no caso do fundo descobrir, ou com pequenas redes de arrastar, quando ainda fica alguma agua dentro do espaço limitado pelos muros.

A estas installações permanentes de pesca dão o nome de *cambôas,* sendo o seu uso tambem muito antigo.

Em differentes pontos da costa do continente ha *cambôas,* algumas muito piscosas, que se prestam á pesca a pé, quando o estado do mar não se apresenta tempestuoso.

Engodos. — Diversos processos de pesca se empregam, fundados no engano ou *engodo,* com que se attrahem os peixes, molluscos e crustaceos, para em seguida os apprehender, podendo mesmo dizer-se que a grande maioria dos apparelhos de pesca participam d'esta qualidade.

Tambem chamam engodo, ao peixe pisado e moido que os pescadores lançam á agua para provocarem a affluencia da pescaria.

Portanto, alem dos apparelhos incluidos na classificação anterior, vamos indicar como variedades a *minhocada* ou *rosulho;* a *sertelha;* a *bolsa;* a *arranha;* e a *esteira.*

Minhocada ou *rosulho.* — Com uma agulha de coser enfiam-se, em uma linha, no sentido do comprimento muitas *minhocas da terra,* formando *rozario,* depois dobra-se este em tres ou quatro seios e amarra-se tudo no extremo de uma linha de pesca ordinaria, pondo-lhe uma pedra ou chumbada, na ponta para lhe dar peso.

A este apparelho dão o nome de *minhocada,* em quasi todo o paiz, e de *rosulho* no rio Douro.

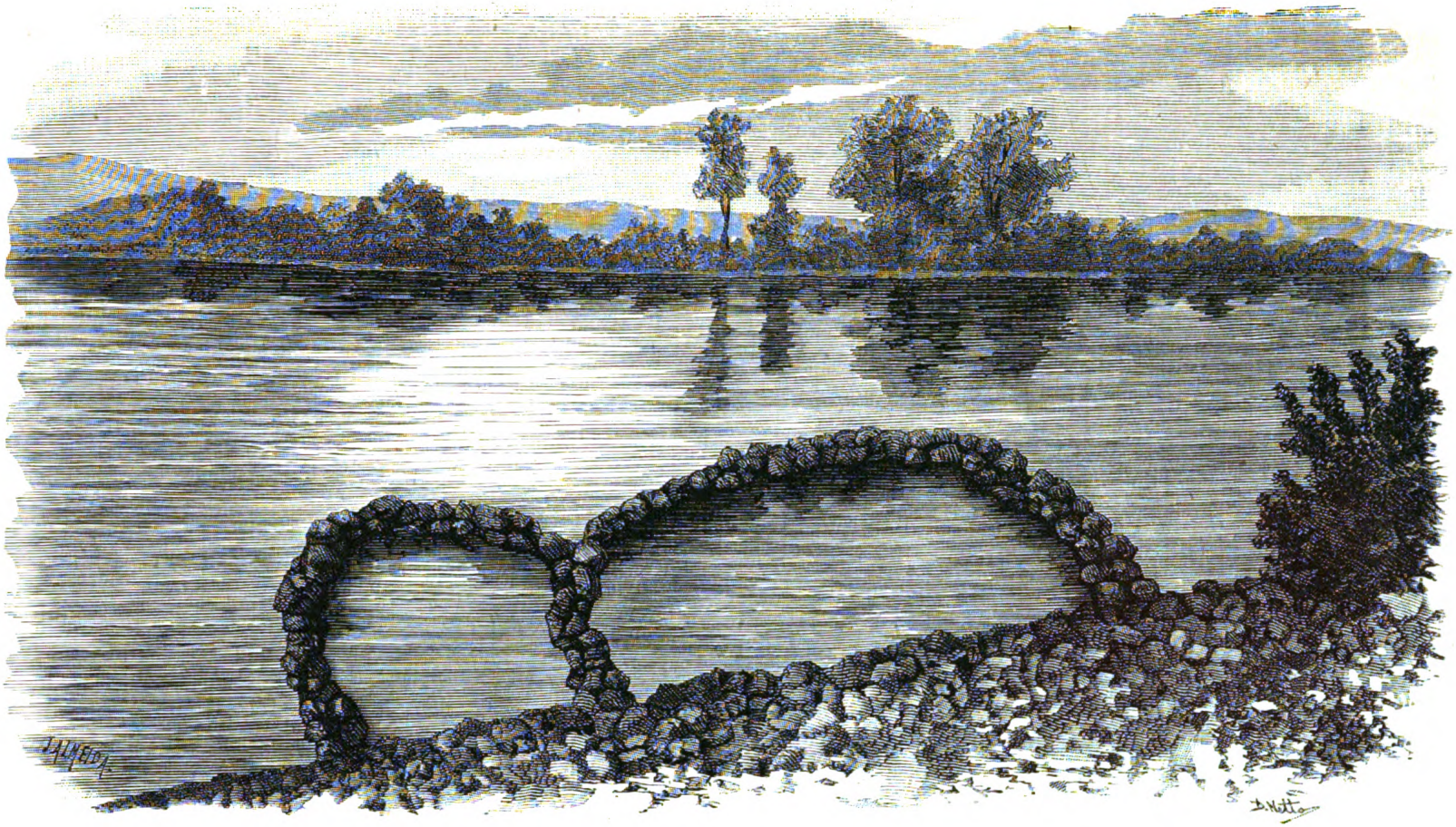
Para usar d'elle, larga-se a linha para dentro da agua a prumo, sem que o engòdo toque no fundo, estando o pescador a bordo de uma embarcação.

Este processo de pesca destina-se exclusivamente á apanha das enguias no curso dos rios e proximidades das barras.

A enguia vem ao engodo e engole a minhocada, que se mette então para dentro do barco, onde o peixe a larga ao ser puxada pela linha, deita-se novamente o apparelho para a agua, faz-se outra captura, e assim successivamente, empregando sempre o mesmo apparelho, representado na figura á margem.

Sertelha. — Differe este apparelho do anterior, em que a linha da minhocada é presa no extremo de uma canna que o pescador tem na mão.

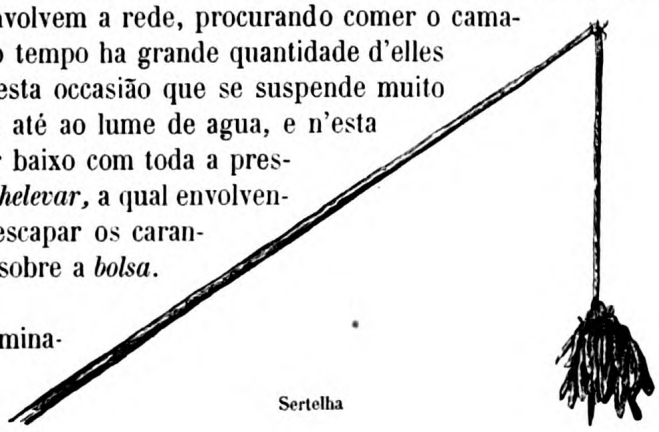
A *sertelha* usa-se na ria de Aveiro.



Cambôas

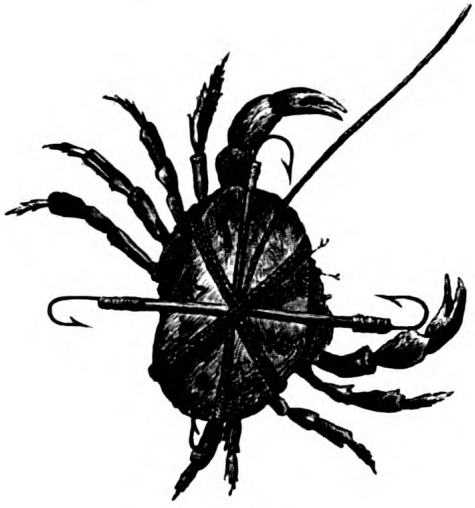
Bolsa — Empregam os pescadores de Aveiro, para a pesca dos caranguejos, um sacco de rede, com malha muito miuda, o qual enchem de camarão, ou bocados de quaesquer peixes e em seguida atam pela bôca com um cabo delgado, que tambem serve para arriar o apparelho até ao fundo, de bordo de uma bateira, nos logares adequados para esta pesca.

Os crustaceos envolvem a rede, procurando comer o camarão, e passado certo tempo ha grande quantidade d'elles sobre o sacco; é n'esta occasião que se suspende muito devagar o apparelho até ao lume de agua, e n'esta posição passa-se por baixo com toda a presteza uma rede de *enchelevar*, a qual envolvendo tudo não deixa escapar os caranguejos que estavam sobre a *bolsa*.



Sertelha

Arranha.—Denomina-se assim um apparelho usado na ria de Vigo para a pesca do polvo, e que poucas vezes é empregado pelos pescadores portuguezes, mas que constitue um processo tão curioso de pescar, que vamos apresentar a sua descripção:



Arranha

Bolsa para o caranguejo

A *arranha* consta de um seixo pequeno e arredondado, tendo justaposto um caranguejo vivo, com as costas para a pedra, e de duas varinhas cruzadas na outra face da pedra, com anzoes nos extremos, sendo tudo bem amarrado e preso em uma linha de pesca, como a do safio.

A maneira de pescar com este apparelho consiste em deixar cair a embarcação com a corrente, e lançar para um e outro bordo, até grande distancia, tres ou quatro linhas munidas de *arranhas*.

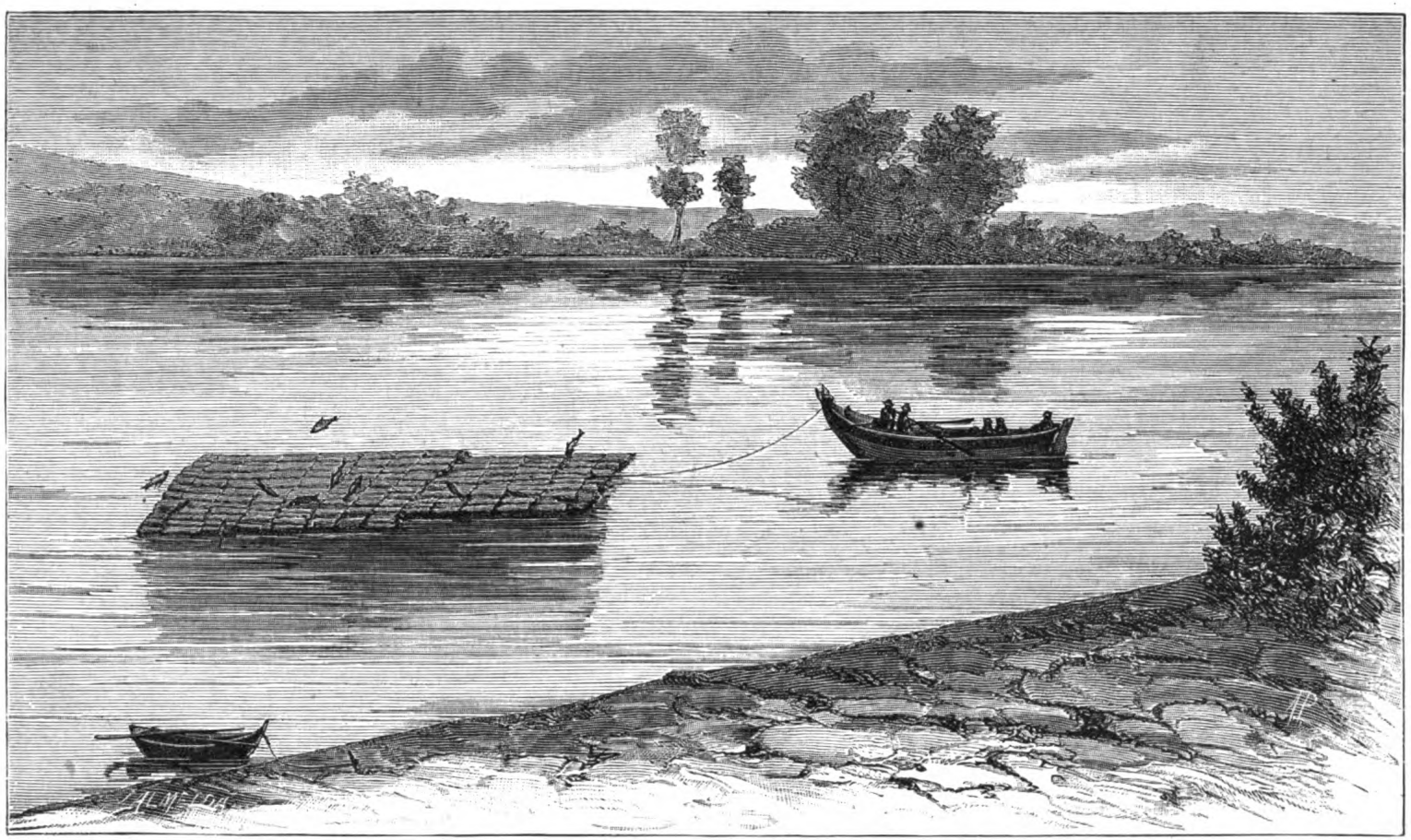
Quando o pescador encontra alguma das linhas com mais peso, ala-a com a maxima rapidez até a *arranha* estar ao lume de agua, e então um outro homem, geralmente o que rema, larga os remos, péga em um *enchelevar* e colloca a rede d'este por baixo do polvo ainda dentro de agua, e tira-o para bordo, onde se lhe vira em seguida o capello.

Pescador do longueirão

Esteira. — No rio Mondego emprega-se para a pesca da tainha uma *esteira de bunho*, composta de umas poucas de esteiras pequenas ligadas, deixando-as derivar na vasante á mercê da corrente.

Um barco segue a esteira.

As tainhas e outros peixes *saltões*, vendo uma sombra na agua, dão um salto para fóra, caindo em cima da esteira e conservando-se ahi na



Esteira derivante

maioria dos casos, conseguindo-se algumas vezes abundante pescaria por este processo bem simples e interessante de observar.

Auxiliares de pesca. — Para facilitar a apanha de determinados molluscos servem de auxiliares: o *arame do longueirão;* o *rasco* e a *cavadeira* ou *enxada.*

Arame do longueirão. — Como já dissemos, vive o longueirão, ou navalhas, enterrado verticalmente na areia, denunciando a sua posição por um pequeno orificio circular que se vê no fundo atravez da pequena camada de agua que cobre o banco em baixamar.

O pescador do longueirão usa de um arame direito e pontagudo, que introduz nos orificios que descobre no fundo, cravando o mollusco com elle e tirando-o para fóra do buraco, deitando-o em seguida para o cabaz.

Cavadeira ou *enxada.* — Sobre os bancos de mariscos das aguas interiores, servem de auxiliares na apanha das ameijoas, berbigões, etc., pequenas enchadas de cabo curto, a que dão o nome de *cavadeira* em algumas localidades.

Enxada para o marisco

Garrafas. — Os amadores de peixinhos das aguas doces para aquarios, costumam empregar na pesca d'estas pequeninas especies uma garrafa de vidro transparente com o vertice do fundo munido de um orificio, feito até pelo proprio amador em uma garrafa vulgar. Esta garrafa funcciona como uma *nassa de vidro,* collocada no fundo do regato ou ribeira, com a base para jusante. Para retirar os peixinhos de dentro, abre-se o bocal do lado da rolha e vasa-se o conteúdo no aquario.

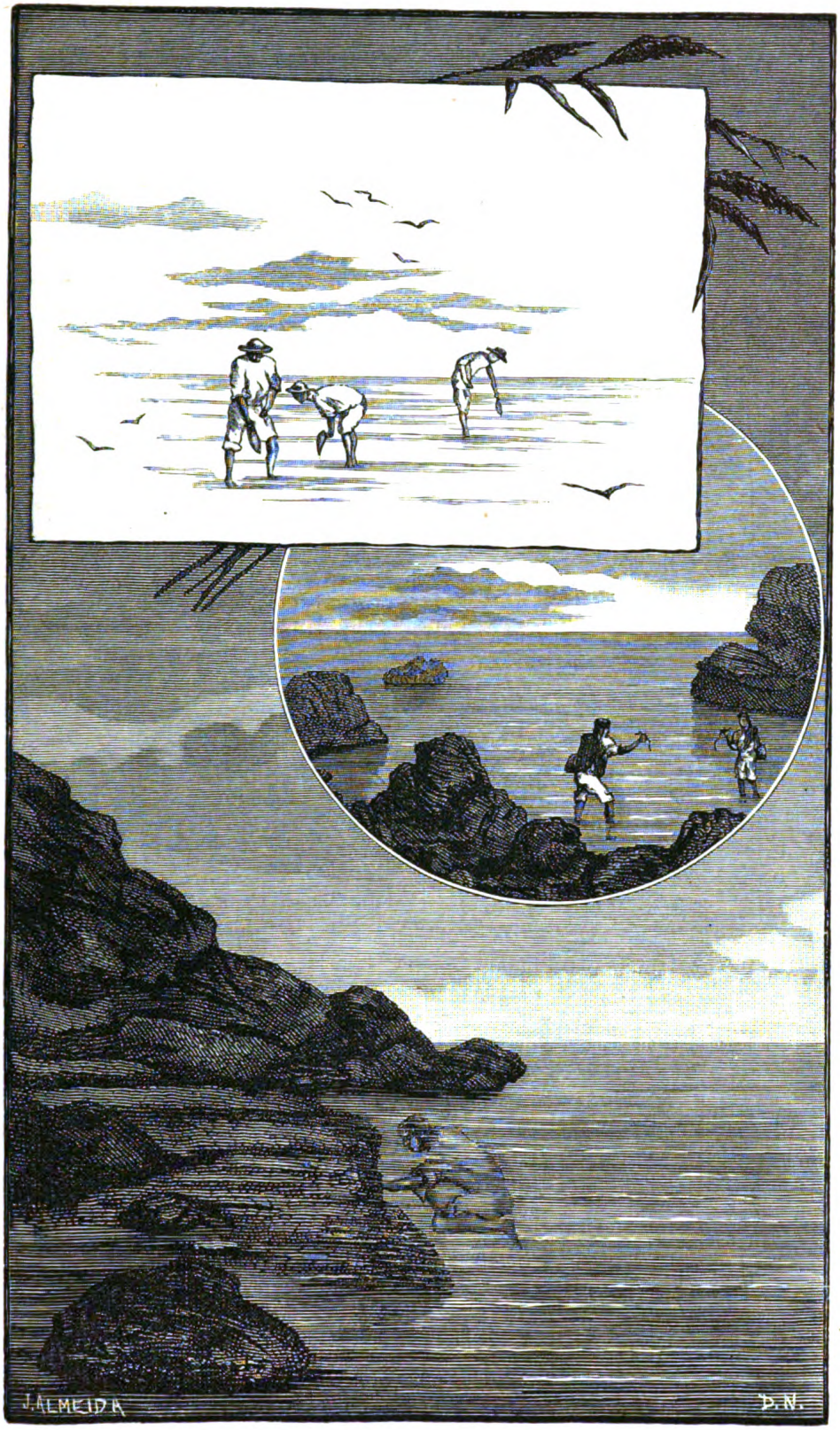
Systemas de pesca por apprehensão directa. — Nem sempre o homem carece de instrumentos, que o auxiliem na captura das especies que vivem nas aguas, podendo, ao contrario, com os recursos naturaes de apprehensão e movimento pescar boas especies de peixes e molluscos.

Na ria de Aveiro ha uma classe de pescadores, chamados *unhantes,* que apanham as enguias introduzindo a mão pelos buracos do lodo e segurando-as com o dedo pollegar e index. O *unhante* sáe de manhã cedo, aproveita as grandes baixamares, e com os pés enterrados no lodo per-

corre os bancos da ria, pescando por este processo grande numero de enguias, que deita em um cesto que traz ao hombro.

Garrafa de pesca

Nos rios de diminuta profundidade usam os pescadores entrar na agua descalços e apanhar os peixes chatos debaixo dos pés.



Pesca por apprehensão directa

Mettem-se na agua até ao joelho, vão calcando com os pés o fundo, e logo que sentem os peixes debaixo, curvam-se e apanham-os com a mão, empregando-se este processo de pesca para a captura do linguado e da solha, mas conseguindo ás vezes por acaso apanhar outros peixes.

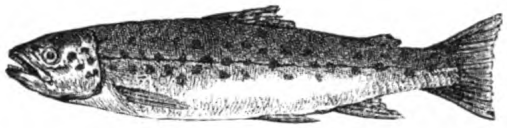
Nos pequenos rios e ribeiras ainda os pescadores recorrem a outro systema para apanhar directamente os peixes que se refugiam nas beiras, entre os troncos da vegetação ou as pedras da margem; para isso mergulham totalmente dentro de agua, e procuram com as mãos dentro dos buracos da margem, apprehendendo os peixes que ahi encontram.

Tivemos occasião de ver pescar por este systema cinco peixes de uma só vez, trazendo-os o pescador, quando saiu da agua, um debaixo de cada braço, um em cada mão e um seguro com os dentes.

Nas grandes marés de aguas vivas, durante a baixamar, ainda os pescadores apanham á mão percebes, mexilhão e outros molluscos, que ficam a descoberto.

*
* *

Do que fica dito sobre os apparelhos empregados na pesca fluvial, se deprehende a grande facilidade que ha nas aguas interiores em colher os peixes, crustaceos e molluscos, que n'elles vivem, tornando-se necessario providenciar convenientemente, a fim de assegurar o repovoamento d'estas aguas tão ferteis, prohibindo efficazmente os apparelhos nocivos e o emprego de materias explosivas e venenosas.



Truta

CAPITULO VIII

Pesca lacustre.—Descripção dos apparelhos e processos de pesca empregados nas lagôas litoraes do continente do reino.

A pesca dos seres, que vivem nas lagôas litoraes do continente do reino, requer pequeno numero de apparelhos, com grande simplicidade de construcção, attendendo á diminuta profundidade e constante mansidão das aguas lacustres. Um systema de rede que envolva o peixe, arrastando-o para a margem, ou suspendendo-o para o barco; uma canna munida de linha ou arame e anzol, e uma fisga, constituem todo o material de pesca sufficiente para a exploração das aguas lacustres.

Podem portanto os apparelhos de pesca lacustre dividirem-se ainda em *apparelhos de rede* e *apparelhos de anzol ou fisga.*

Os primeiros são: a *chincha* e a *rede-esteira* e os ultimos a *canna de pesca* e a *fisga.*

É preciso, porém, notar que a pesca lacustre tem uma importancia insignificante em Portugal, resumindo-se a sua maior actividade á lagôa de Obidos, e a alguns lances de rede nas lagôas de Esmoriz e Santo André.

Chincha.—Esta rede pertence ao genero das redes de arrastar para a terra munidas de sacco, e differe das que descrevemos no capitulo VI apenas nas dimensões e grandeza das malhas.

O comprimento das mangas ou bandas varia entre 20 e 60 metros, e o do sacco entre 12 e 16 metros.

As malhas do sacco são muito miudas, e fecham por tal fórma depois da rede molhada, que não deixam escapar peixe algum por mais pequeno que seja, facto este que se dá sempre com todas as redes que, depois de estarem dentro da agua, experimentam uma tensão forte por acção de qualquer motor que as arrasta.

As chinchas empregadas nas lagôas, são as mesmas que os pescadores usam nos rios e rias; custam approximadamente 30$000 réis, e requerem para a sua manobra uma embarcação pequena e o maximo cinco homens.

Rede-esteira. — Este apparelho de pesca compõe-se de uma rede de estacada, limitando um determinado espaço das aguas da lagôa, desde o fundo até um pouco acima da superficie, tendo ao centro fluctuando uma esteira de *bunho*.

A rede, que fórma a parede da estacada, tem por fim não deixar fugir o peixe que ficou cercado, e a esteira serve para, sobre a face superior, receber o peixe que, procurando fugir ao enclausuramento e á sombra produzida pela esteira, salta fóra de agua.

Este processo de pesca destina-se, portanto, aos peixes que têem por habito saltar, como são, tainhas, mugens, etc., e emprega-se com mais frequencia na lagôa de Esmoriz, a que tambem chamam *barrinha*.

Canna de pesca. — A canna de pesca usada nas aguas lacustres é empregada de bordo de pequenas embarcações de fundo chato, e vê-se em maior numero na lagôa de Obidos, constando de uma vara delgada com 3 metros de comprimento, tendo na extremidade mais aguçada um arame fino, ou corda de viola, com o anzol empatado na ponta, figura á margem.

A isca que vulgarmente se emprega na pesca ao anzol, feita n'estas aguas, é a *minhoca* do lodo ou da terra, colhida a primeira nos bancos da lagôa nas occasiões adequadas, e a ultima nas margens.

Fisga. — As aguas das lagôas, pela sua diminuta profundidade, prestam-se facilmente á pesca por meio da fisga de cravar, manobrada de bordo de uma embarcação, não só por que a transparencia da agua deixa ver a posição dos peixes, como tambem por que o tempo de trajecto da fisga é tão curto, que não dá azo para elles escaparem ao golpe.

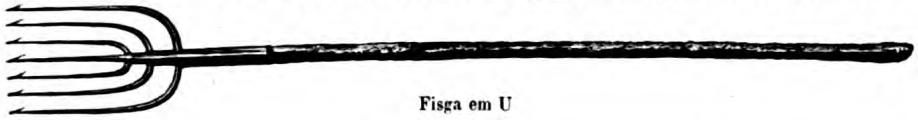
As fisgas usadas na lagôa de Obidos compõem-se de um tridente ou garfo de ferro com um cabo de madeira, e apresentam diversas disposições na fórma dos dentes, constituindo tres typos principaes.

O primeiro, ou mais simples, tem os dentes de fórma semicircular, concentricos e ligados a uma haste central pontaguda, apresentando sete pontas aguçadas sem rebarbas, como representa a figura d'esta pagina.

Esta fisga emprega-se na captura dos peixes que tem a pelle mais fina e cujo valor ficaria depreciado se fossem ao mercado com rasgaduras profundas.

Lançamento da chincha

O segundo differe do anterior em ter os dentes em fórma de U, e munidos de rebarbas ou farpas, porque destinando-se aos peixes maiores, não era difficil estes escaparem-se pelo escorregamento.



Fisga em U

O terceiro possue nove dentes, dispostos em espinha, e recurvados convenientemente para que o conjuncto tenha a fórma de uma colhér.

Não é este ultimo systema propriamente uma fisga, porque cravado no fundo, em cima dos bancos de marisco, traz a colhér cheia d'estes molluscos, deixando escapar através dos intervallos dos dentes a areia, lodo e pequenas pedrinhas, não sendo portanto o seu uso para cravar directamente a pescaria.

São estes que descrevemos, os principaes typos de fisgas, mas, como facilmente se deprehende, ha grande variedade de fórmas n'estes apparelhos que, por assim dizer, cada um construe como lhe parece mais apropriado, e conforme os materiaes de que póde dispor.

As fisgas só dão bom resultado em aguas pouco profundas e claras, mas têem o grande inconveniente de deteriorarem muito a pescaria.

De noite usam-se as fisgas na pesca ao candeio, pouco vulgarisada nas aguas do continente do reino, tanto maritimas como interiores.

Algumas experiencias se têem feito entre nós sobre o emprego dos focos da luz electrica para attrahirem os peixes durante a noite, facilitando n'estas condições o serem envolvidos por meio de redes de cerco, mas o limitado numero de ensaios praticados, e a pouca insistencia sobre a vantagem d'este processo, fizeram desanimar os emprehendedores, que abandonaram o estudo tão interessante d'este systema de pesca, que era de prever d'esse bom resultado, quando fosse convenientemente empregado.

E tanto este processo promette ter largo futuro que nas excursões scientificas de exploração submarina, feitas no oceano atlantico pelos navios francezes, nos ultimos annos, o emprego da luz electrica demonstrou praticamente a grande affluencia dos peixes, todas as vezes que um foco luminoso era mergulhado dentro de agua para aquellas investigações.

*
* *

Pouco mais do que fica dito constitue o material da pesca lacustre: alguma rede de tresmalho, cêrco ou chumbeira, que um ou outro amador ou pescador de profissão, venha excepcionalmente deitar n'estas aguas, ou algum redenho ou côa manobrada pelos rapazes, completam os meios de captura usados nas lagôas litoraes do continente do reino.

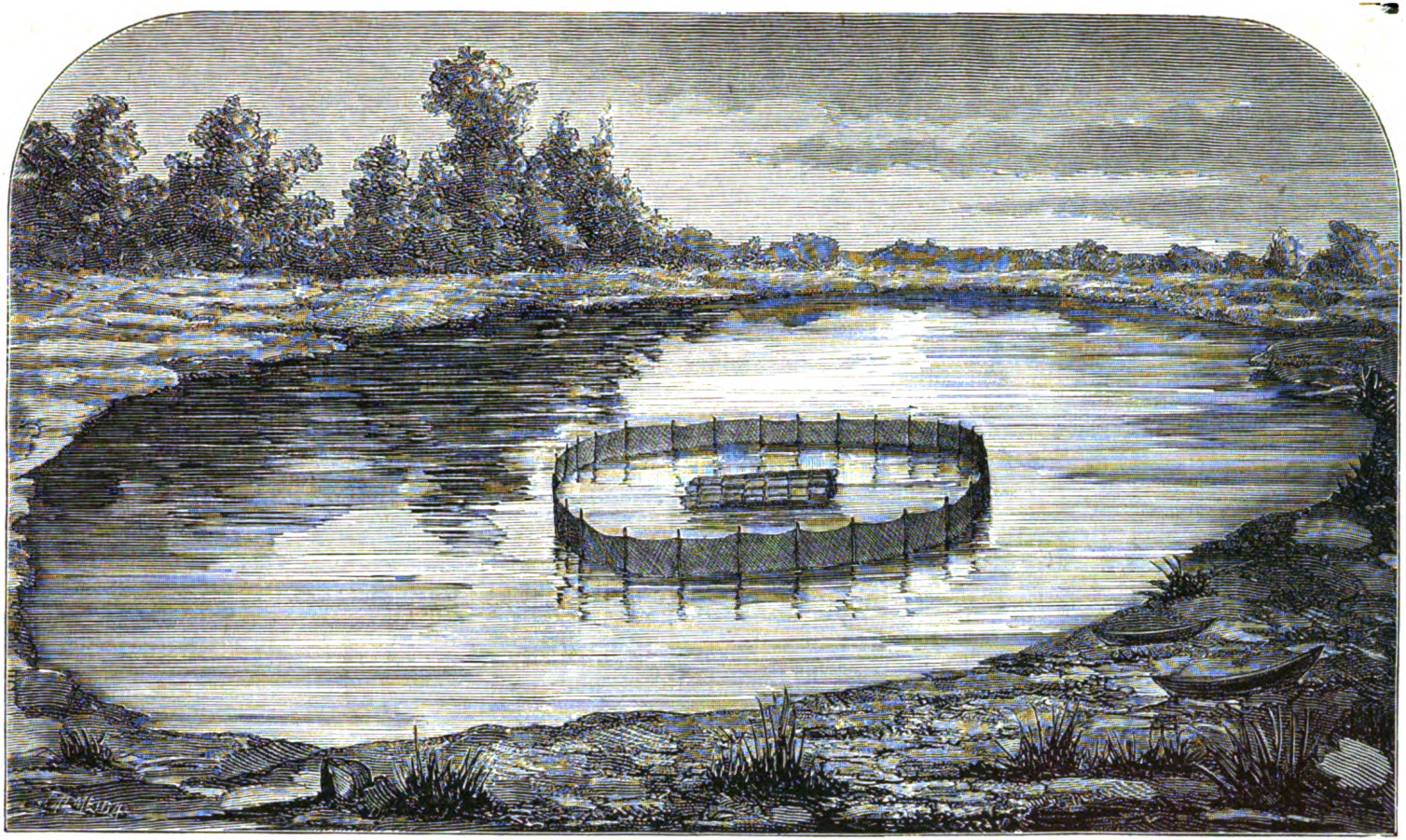
Acontece de inverno, quando ha chuvas muito abundantes, transvasarem-se as aguas de algumas das lagôas litoraes para o mar, arrastando na sua marcha as especies envolvidas, que ficam em grande numero em secco sobre a areia, depois da agua ter passado e portanto em condições de facilmente se apanharem.

Cabaz da venda de peixe

Este facto dá-se repetidas vezes nas lagôas dos Quatro-Braços, da Véla, de Melides e de Santo André, nas quaes os habitantes das margens, quando isto acontece, apanham excellentes enguias e tainhas, sem mais trabalho do que estenderem os braços para agarrar o peixe, deitando-o em seguida no cabaz que trazem comsigo.

Para a venda do peixe usa-se em Lisboa um cabaz, a que os vendedores dão o nome de *apparelho,* e que consta de uma vara —*a recoveira*— chanfrada nos extremos e de duas cestas quadrangulares, com 0^{m},70 de lado, munidas de azas por onde passa a recoveira. Ao encanastrado das cestas dão o nome de —*mestras*— e aos cabos que as cingem por baixo o de —*cordas*—. Os dois cabazes importam em 700 réis; as cordas, 200 réis; a recoveira, 160 réis; os pannos para cobrir a pescaria, 160 réis; e a escova de piassaba para fazer a limpeza, 30 réis; o que perfaz a importancia de 1$250 réis para custo de um apparelho completo de cabazes, como os que se vêem pelas ruas de Lisboa.

Recoveira dos cabazes (½)



Rede-esteira

Já no capitulo VII apresentámos a canastra empregada na Povoa de Varzim para o transporte da pescaria, e a cesta que as mulheres trazem á cabeça na venda ambulante do peixe na cidade de Lisboa.

* * *

Se ao terminarmos o capitulo anterior lembrámos a conveniencia de adoptar medidas uteis para conseguir o fertil povoamento das aguas dos rios; ao rematarmos este, occorre-nos o lamentavel abandono em que jazem as lagôas litoraes do continente do reino, que poderiam ser aproveitadas para reservatorios naturaes de grande numero de variedades em condições excellentes.

É este um assumpto que apresenta certa novidade, e que convenientemente estudado, deve dar uma importancia consideravel a estes receptaculos hydrographicos, hoje totalmente improficuos, mas que bem merecem a consideração dos que se dedicam ao aproveitamento das fontes naturaes de riqueza, que as aguas interiores nacionaes podem proporcionar com vantagens para todos.

Enguia

CAPITULO IX

Pesca recreativa.—Amadores da pesca, apparelhos e processos aperfeiçoados que empregam os amadores, instrucções sobre a construcção dos apparelhos de anzol e de rede usados n'esta pesca.

Os seres que vivem nas aguas não são procurados exclusivamente por aquelles que a necessidade obriga a fazer esta exploração para consumo proprio, para angariar com o producto da sua venda os meios de subsistencia, e para tentarem fortuna; tambem a pesca constitue um passatempo recreativo e agradavel, que attrahe grande numero de pessoas á beira-mar e ás margens dos rios, esperando encontrar nas sensações provenientes do scenario pittoresco que as rodeia, e das mil peripecias que envolvem a captura das especies ichthyologicas, a alegria e distracção, que bem dispõem o animo, e que concorre, conjunctamente com a acção sadia do meio em que se passa, para a saude dos que têem por ella enthusiasmo e predilecção.

Em Portugal são em pequenissimo numero os amadores da pesca, podendo contar-se apenas umas duzias d'elles, entre os quaes ainda assim figuram alguns conhecedores do sem numero de circumstancias, que rodeiam e illustram a pesca exercida com orientação scientifica, devendo no emtanto dizer-se que entre nós não ha gosto por este divertimento, tão vulgarisado entre os povos de maior civilisação.

Os americanos são os primeiros amadores do mundo n'este genero de *sport*, e praticam desde a pesca a mais simples, até á grande pesca, percorrendo as costas das Carolinas, das Floridas, o Hudson, o Labrador, a Nova-Brunswick, entrando nas pescas mais arriscadas e trabalhosas. Grande numero de inglezes, não contentes de pescar no paiz, partem annualmente para o Canadá, Noruega, etc., para a pesca á linha. Os francezes percorrem a Suissa, os Vosges e os Pyreneus, para pescar a truta. Emfim, homens notaveis têem procurado na pesca um passatempo, chegando até a trocar alguns instantes a penna pela linha de pesca, taes como: Byron, Walter Scott, Alphonse Karr, etc.

No intuito de desenvolver no nosso paiz o gosto pela pesca, divertimento tão hygienico, e que tanta distracção proporciona, e tambem com o fim de chamar a attenção do publico para o estado de abandono em que jazem tanto as aguas publicas interiores, como as exteriores, no que respeita á protecção indispensavel para a facil e abundante reproducção das especies, dedicâmos este capitulo aos amadores da pesca, esperando angariar adeptos para o desenvolvimento d'este divertimento, e para pugnarem pela protecção devida ao repovoamento das aguas publicas.

O pescador-amador dedica-se vulgarmente á pesca á linha, systema de pesca que tem dado logar a tantos epigrammas por parte dos criticos, a ponto de um dizer que «a linha de pesca começa por um imbecil e termina por um animal», mas em compensação outros criticos d'ella têem feito a apologia, rebatendo com vantagem o ataque.

Alphonse Karr no seu *Diccionario do pescador* defende com inexcedivel graça e mordacidade a pesca á linha:

«Se fallaes de pesca diante de um burguez vulgar, elle, sorrindo, interromper-vos-ha immediatamente, não podendo conter-se sem largar uma das cinco ou seis graças que sabe — «a pesca, ah! sim, a pesca á linha— todo o dia o braço estendido para apanhar uma alforreca». E ao dizer isto ri-se, e olhando em volta com intenção, provoca os sorrisos approvadores do auditorio.

«Este desdem pela pesca, exercicio para que elle está convencido ser precisa muita paciencia, quer dizer da parte do burguez em questão. — «Eu não tenho paciencia para isso, porque sou um homem ardente e apaixonado.

«Se indagarmos, entre os que consideram a pesca á linha uma distracção assás ridicula, quaes os divertimentos em que passaram o dia de hontem e o de hoje, — uns têem jogado as damas e o xadrez, jogos de um trabalho inutil, que Montaigne declarava «não chegarem a ser jogos». Outros terão jogado o voltarete, esperando á força de applicação fazer passar algum dinheiro da algibeira dos seus amigos para a sua. Bello prazer, engenhosa reunião de pessoas, das quaes a metade sáe triste e descontente! E para obter este resultado passaram uma noite inteira sentados em uma sala sem ar, pronunciando estas palavras: copas, espadas, paus, oiros, trunfo, corto, passo, quantas vasas?

«Uma das vantagens da pesca é a seguinte: quando a peça não tem bom exito, ainda assim salva-se pela decoração; porque se passa á beira de um rio, ou embarcado entre as duas margens, onde os velhos salgueiros de folhagem verde-mar se enlaçam com os choupos de copa verde; os nénuphares estendem sobre a agua as largas folhas e as odoriferas flores amarellas ou brancas; o sagittario emerge da agua as suas folhas em fórma de dardo e as flores com tres petalas brancas e de centro roxo;

TRUTA MARISCA *(salmo fario,* Ausonii.), pag. 54

mais perto da terra o vergiss-mein-nicht, e o myosotis, com as suas flores de azul pallido; a arveloa cinzenta e amarella e a garça, marcham sobre a areia, balançando o corpo graciosamente, e o guarda rio azul, verde e amarello, larga-se de uma para a outra margem em vôo rectilineo e rapido, como uma flecha, soltando um grito estridente. As donzellas e as libelinhas, de azas de gaze, sustentando corpos de esmeralda, saphira e turqueza, voltijam por cima das flores aquaticas.

«E a agua corrente, pelo seu murmurio e fascinação, lança-vos em doces e profundas meditações.

«Comparae agora a esta scena uma sala, na qual sobresáe um cheiro confuso e nauseabundo, proveniente do azeite dos candieiros, do halito dos homens, do *punch* e do chocolate que passeiam nas bandejas, das diversas pomadas com que foram besuntados os cabellos, antes de serem passados a ferro, e que depois constituem cabelleiras fritas; figuras abatidas, cartas no ar, gestos de mau humor, etc.

«Tambem a pesca se faz no mar, mas aqui ainda a decoração poderia salvar a peça, se esta carecesse de que a salvassem.

«O mar tem um unico defeito; é que quem o conhece de perto, nunca mais póde passar sem elle. Porque encerra em si o espectaculo maior, mais majestoso e mais variado, que é dado contemplar.»

Alphonse Karr termina o seu primeiro capitulo, intitulado *A pesca e os seus detractores*, pelo seguinte aphorismo: «A pesca é um prazer, mesmo quando não se apanha peixe.»

Se effectivamente compararmos a pesca com a caça, ainda a primeira leva vantagem, a menos que não seja, porque quem anda caçando tem constantemente os pés na propriedade de outro, emquanto que a pesca se exerce em aguas publicas, de todos.

Como exercicio, seja na pesca a pé, seja embarcado, desenvolve-se grande actividade muscular. O pescador que percorre o curso de um rio, na extensão muitas vezes de 20 a 25 kilometros, praticando a pesca com a mosca artificial, não despende menos energia, firmeza e golpe de vista do que o caçador que anda ás perdizes um dia inteiro.

A pesca á linha, longe de ser ridicula, é uma arte difficil de exercer com conhecimento de causa, por isso que requer vastos conhecimentos das sciencias naturaes, e a vigilancia serena que exige arrasta o pescador, sem que o saiba, para uma meditação agradavel, interrompida de tempos a tempos pelo canto das aves, as canções dos lavradores e o murmurio da corrente.

A pesca provoca mesmo o estudo e investigação dos phenomenos naturaes, e desvenda muitos mysterios da creação.

É pois com enthusiasmo pelo prazer da pesca, que vamos tornar conhecidos os apparelhos de que se servem os amadores d'este passatempo,

tratando unicamente da pesca á linha, por ser aquella a que vulgarmente elles se dedicam e a que mais distracções e variedade offerece.

O material de pesca de um amador deve constar do seguinte:

1.° Canna de pesca;
2.° Linha de pesca;
3.° Anzoes;
4.° Fluctuadores;
5.° Chumbadas;
6.° Redenho;
7.° Fisga;
8.° Bicheiro;
9.° Desenrascador;
10.° Prumo;
11.° Descravador;
12.° Agulha para iscar ao vivo;
13.° Colhedor;
14.° Alcofa;
15.° Carteira, contendo (*a*) 10 metros de fio de seda; (*b*) alguns estorvos de sobresalente; (*c*) pedra de afiar; (*d*) tesoura e canivete; (*e*) collecção de moscas artificiaes; (*f*) peixe de lata; (*j*) furador; (*k*) tornel de sobresalente; (*l*) livro de apontamentos, lapis, etc.

Todo este material se accommoda em tres volumes muito portateis; um, contendo a canna, sendo esta de desarmar, e o cabo do redenho; outro, a alcofa, destinada a receber a pescaria, na tampa da qual se arrumam os utensilios acima indicados; e o terceiro a carteira de algibeira.

1.° *Canna de pesca.*—As melhores cannas de pesca fazem-se de *bambu, alamo, aveleira, casquinha, salgueiro, faia, canna,* etc.

Uma canna de pesca para ter boas qualidades deve ser solida, leve e flexivel, condições indispensaveis para se alcançar resultado.

Canna do amador da pesca

Compõe-se a canna de pesca de tres partes: o cabo, a parte media e a ponta; e fazem-se ocas e massiças, podendo-se armar e desarmar, reduzindo o seu comprimento ás dimensões necessarias para poder transportar-se sem incommodo; estes apparelhos adquirem-se já promptos nos mercados, sendo a sua construcção muito perfeita, principalmente nas cannas inglezas e francezas.

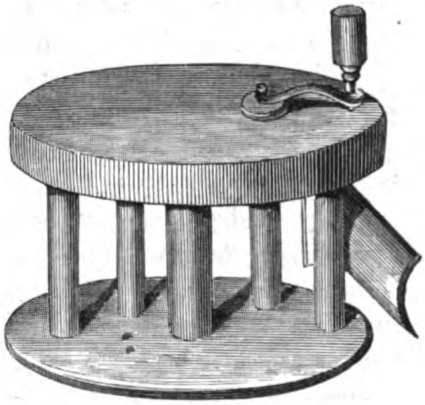
Os grandes entendedores, no intuito de elevarem a arte da pesca á linha ao ultimo grau de perfeição, usam diversos typos de cannas, con-

forme as especies que pretendem pescar, adoptando uma para os peixes maiores, outra para os de menores dimensões, e uma terceira para a pesca com a mosca artificial; no emtanto aconselhàmos aos amadores que escolham uma canna de $4^m,0$ a $4^m,5$ de comprimento maximo, reunindo quanto possivel as tres qualidades de solidez, leveza e flexibilidade, e terão uma arma segura, não só para o ataque, como tambem para a defeza, quando o peixe fisgado arremetter de corrida e aos puxões contra a linha, que lhe tolhe a fugida.

A canna de pesca é munida de uma linha de seda entrançada com 25 a 30 metros de comprimento, que corre livremente por dentro de uma serie de pequenos anneis atados á canna, desde a ponta até ao cabo, e que se enrola em um molinete fixo á parte mais larga do cabo.

Indicâmos a linha de fio de seda por ser considerada a melhor, mas feita de crina, pita ou linho, tambem se póde empregar, sendo o seu fabrico esmerado.

O molinete não é mais do que um pequeno tambor, no qual a linha está enrolada, e que tem por fim augmentar ou diminuir o comprimento da linha, conforme a profundidade da agua, e a maior ou menor distancia da margem a que se quer deitar o anzol, e serve tambem para deixar correr livremente a linha quando é preciso largal-a a um peixe grande, que se debate com violencia, e para a alar por meio de uma manivella quando se pretende recolher.



Molinete

O molinete é um auxiliar de grande importancia, e uma vez adquirido o habito de o empregar, nunca mais se póde passar sem elle, porque, sendo indispensavel para favorecer algumas pescas, é tambem util para todas.

Construem-se diversos systemas de molinetes, desde o molinete simples, ou combinado com engrenagem, até ao modelo assás complicado, a ponto de um escriptor francez M. Léon Raymond ter referido que um filho da excentrica Albion usava um molinete na sua canna de pesca, que a cada truta capturada, tocava o *God save the queen,* fazendo echoar as margens do Iton, no meio dos verdes prados da Normandia, emquanto o inglez enternecido puxava de um lenço estrellado, tendo nas quatro pontas o *yacht* britannico; esta scena repetiu-se por alguns annos até que o seu protogonista morreu afogado na Escocia; porém, não querendo avivar o amor da patria com a audição do hymno nacional, ou não tendo predilecção por algum trecho de musica, achâmos preferivel o molinete simples a todos os outros.

Na extremidade da linha amarra-se o *estrovo* que tem o anzol, sendo conveniente fazer um nó seguro, e ao mesmo tempo facil de dar e de desfazer, como é qualquer dos tres que indicâmos na pagina 348.

Ao tratar dos anzoes completaremos a descripção da canna de pesca, mencionando aquelles que se costumam empregar e a maneira de os empatar, constituindo o que acima denominámos *estrovo*.

2.° *Linha de pesca.* — Toda a gente conhece este apparelho, na sua maior simplicidade, composto de uma linha, tendo amarrado na extremidade um anzol, mas para que elle fique em boas condições, e possa servir para capturar as diversas especies, carece de uma serie de accessorios e de uma construcção differente, segundo o peixe ou genero de pesca a que se destina.

Por este facto podêmos grupar as linhas de pesca em tres classes: *linhas fluctuantes, linhas de fundo* e *linhas fundeadas*.

A *linha fluctuante* tem por caracteristicos essenciaes o ser construida de modo que o anzol não assente no fundo e possa derivar ao som da corrente, obrigando o pescador a renovar periodicamente o lanço, suspendendo-o de jusante e lançando-o a montante.

A linha fluctuante póde ter muitos anzoes, póde ser lançada das margens ou de bordo de uma embarcação; e póde pescar no fundo, entre duas aguas e á superficie, comtanto que o fluctuador a faça seguir no sentido da corrente.

Estas condições são por assim dizer as condições racionaes que devem ter as linhas de pesca, quando se pretende tornal-as completamente inoffensivas, e vem consignadas nos codigos de pesca de differentes nações; tanto que nas aguas publicas é permittida sem restricção alguma a pesca com a linha fluctuante segura na mão do pescador, comtanto que se guarde o tempo da desova e creação de cada especie.

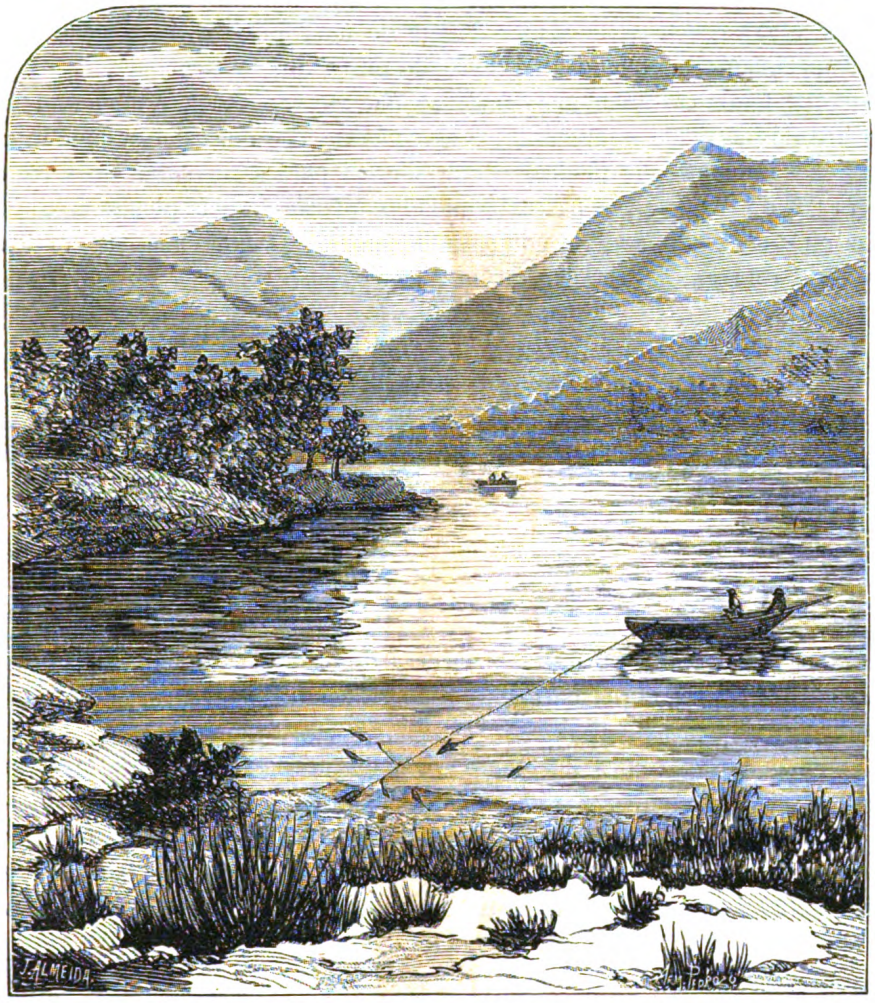
Para fazer uma linha fluctuante, toma-se um fio de linho, crina, pita ou seda, bem fabricado, com o comprimento proporcionado á profundidade das aguas em que se pretende pescar, 15 a 30 metros, ou mais, nas aguas interiores pouco profundas; 30 a 50 metros nas aguas litoraes mais fundas, e teremos a *linha* propriamente dita; na extremidade amarra-se o *estrovo,* que se compõe de um fio mais fino de crina, pita, seda ou florença, onde empata o anzol, variando o comprimento do estrovo entre $0^m,5$ e $1^m,0$, e a grandeza do anzol conforme a especie a que se destina o apparelho, como adiante veremos.

Entre a linha e o estrovo colloca-se o fluctuador, feito de cortiça ou canudo de uma penna de pato ou de cysne, com a força de fluctuação necessaria para suspender o estrovo e o anzol, e no proprio anzol ou mais acima, põe-se o peso de chumbo conveniente para que o estrovo fique vertical.

J. Almeida

BOGA, pag. 54

A linha enrola-se em um *colhedor* que póde ser um circulo de cortiça, um quadro de madeira em fórma de bastidor, um cylindro de madeira ou carrinho como o das linhas, etc., havendo sempre vantagem em ter a linha de pesca bem colhida, sem nós nem cocas, para se deitar com presteza.



Amador pescando com linha de fundo

A *linha de fundo* construe-se de outra maneira, e compõe-se tambem da *linha* propriamente dita e do *estrovo;* a linha é como a anterior, mas mais comprida, por isso que se destina sempre a assentar no fundo um dos extremos, munido de um peso de chumbo, denominado *chumbada;* o estrovo amarra á linha junto da chumbada, e é feito de um fio, tendo um anzol empatado. A linha de fundo póde ter mais de um estrovo, amarrados de distancia a distancia, e até na maioria dos casos tem tres.

O pescador, quer da margem, quer de bordo, larga a chumbada para o fundo, e fica com a linha na mão, segurando-a de maneira que ella passe entre a cabeça do dedo pollegar e o index, para sentir picar o peixe, e ter a força sufficiente para o fisgar com um puxão rapido e violento.

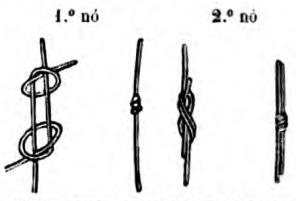
A *linha fundeada* consta da *linha* propriamente dita ou *madre;* dos *estrovos* e das *cadouras;* a madre é feita de uma linha mais grossa e com o comprimento adequado ao genero de pesca que se pretende fazer; os estrovos feitos de linha mais fina são munidos de anzol, e amarram na madre de intervallo a intervallo; e as *cadouras* são duas linhas que amarram nos extremos da madre, e que servem para a sustentar entre duas aguas, para o que têem nas extremidades inferiores duas pedras amarradas ou duas chumbadas, e nos chicotes superiores duas boias de cortiça, ou duas cabaças, para assignalarem a sua posição sobre as aguas.

Nós para atar as linhas aos estrovos

Das linhas que acabâmos de fazer a descripção resumida, ha muitas variedades, podendo porém incluir-se todas nos traços geraes, que fizemos para os tres typos referidos.

Um genero de linha fluctuante é a linha de pesca rebocada por uma embarcação navegando á véla, constituindo a pesca chamada ao *corripo* com *amostra,* muito recreativa, porque alem do prazer de bordejar com vento fresco em uma embarcação segura, vê-se o robalo e o sargo investirem com a amostra, e ficarem presos no anzol; esta pesca porém só póde ser praticada por quem saiba manobrar bem uma embarcação á véla.

Ha dois nós seguros para emendar as linhas umas ás outras, como se vê nas figuras seguintes, que apresentam em detalhe a maneira de os fazer.



Nós de emendar as linhas de pesca

3.º *Anzoes.*—O anzol é um pequeno instrumento de pesca que tem sempre conservado a sua fórma e construcção primitiva, unicamente aperfeiçoada no fabrico. Compõe-se da *pata, haste, cotovelo* e *farpa,* servindo a primeira para a amarração do estrovo, e a ultima para cravar no peixe.

Construem-se os anzoes de diversos typos e dimensões, classificados por numeros, desde os n.os 00000, 000, 00, 0, que são os maiores, até n.os 15 e 16, que são os menores; é preciso porém não os escolher unicamente pelos numeros da serie, porque variam conforme as fabricas.

Com relação aos typos, ha os anzoes simples, de haste comprida e curta, com pata, sem pata e com fundo de agulha, delgados e reforçados, e os anzoes compostos com dois ou mais cotovelos munidos de farpas.

Ha tres maneiras principaes de empatar os anzoes que têem pata: a primeira, chamada em 8; a segunda, em circulo; e a terceira, em S, como mostram as figuras seguintes:

Empate em 8

Empate em circulo

Empate em S

O anzol sem pata, empregado geralmente no fabrico das moscas artificiaes, empata-se segurando o estrovo com fio de seda, tendo previamente limado a haste em fórma de serra.

Empate do anzol sem pata

O anzol com fundo de agulha, empregado tambem no fabrico das moscas artificiaes, empata-se, como indicam as figuras seguintes.

Cada uma das figuras d'esta pagina representa em detalhe e praticamente a maneira de dar os respectivos nós, dispensando uma descripção especial sobre cada um, porque só a experiencia é a mestra efficaz para se aprenderem a fazer facilmente, não sendo preciso recorrer aos profissionaes.

Empate do anzol com fundo de agulha

Para a pesca nas aguas doces com a canna, merece preferencia o anzol denominado *irlandez,* feito de aço muito fino, e terminado em ponta aguçadissima, a qual crava facilmente e não se torna romba com o uso.

4.° *Fluctuadores.* — Os fluctuadores construem-se de madeira leve (bambu, canna, cortiça), e servem, como já dissemos, para aguentar a linha á superficie da agua em distancia conveniente, segundo o genero de pesca e a força da corrente.

Os fluctuadores inglezes de penna de pato tambem são muito sensiveis, e prestam-se á pesca com a mosca.

Alem da fluctuação tem o fluctuador por fim indicar o momento em que o peixe pica no anzol, o que se percebe pelas oscillações e movimentos que experimenta.

Nas linhas fundeadas têem os fluctuadores unicamente o papel de assignalar a posição das linhas por onde se suspende o apparelho.

5.° *Chumbadas.* — As chumbadas são pequenos pesos de chumbo, que fazem afundar ou mergulhar as linhas de pesca.

Usam-se de diversas fórmas e pesos.

6.° *Redenho.* — O redenho é uma rede de fórma conica, entralhada pela bôca em um circulo de arame de ferro, cujas extremidades se soldam em fórma de cotovelo para aguentarem um cabo de canna. O redenho tem por fim suspender para fóra de agua os peixes mais pesados que, debatendo-se ao sair da agua, podem facilmente rebentar o estrovo ou a linha de pesca.

Para que o redenho seja portatil é preciso que o cabo seja de aparafusar na haste do circulo, e que este se possa dobrar em quatro por meio de charneiras apropriadas a fim de o reduzir a pequenas dimensões.

Redenho

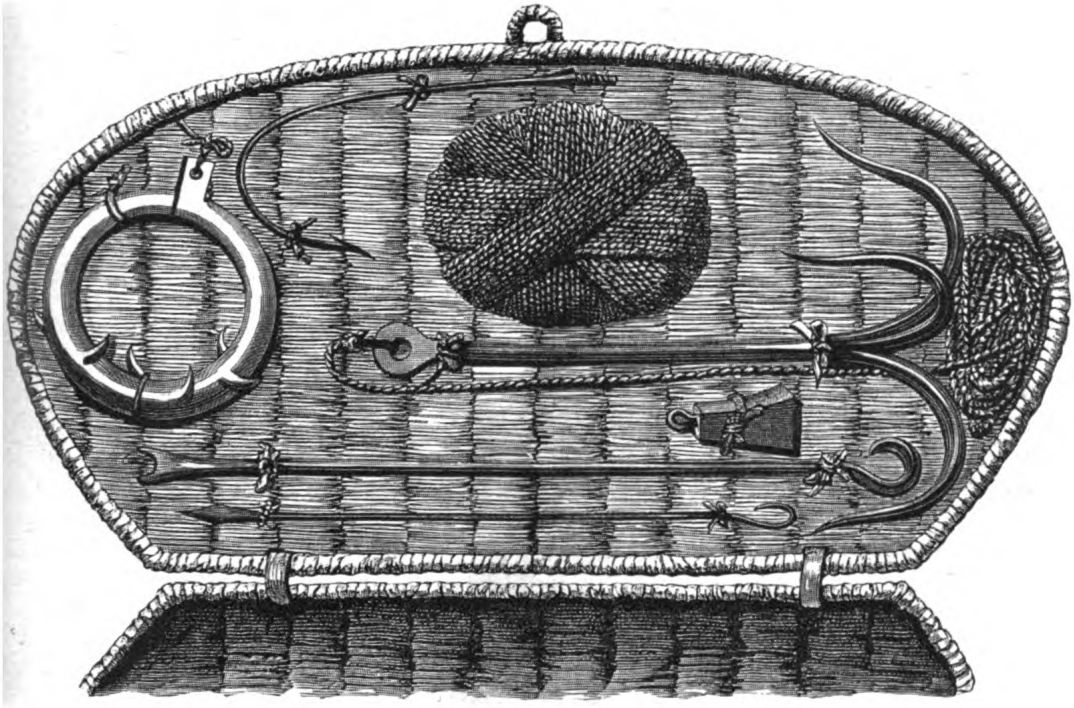
7.° *Fisga.* — Algumas vezes é possivel usar um anzol grande e aguçado, para fisgar o peixe ao lume de agua, em vez de empregar o redenho, e portanto o pescador traz tambem a *fisga,* que póde aparafusar no mesmo cabo do redenho e que vae representada na pagina seguinte.

8.° *Bicheiro.* — O bicheiro não é mais do que um pequeno busca-vidas ou fateixa, que serve para suspender as linhas fundeadas, que algumas vezes perdem os fluctuadores, ou estão presas no fundo ás plantas e ás pedras.

J. d'Almeida

PINTADA, pag. 55

9.° *Desenrascador.*—Denomina-se assim um annel de cobre, munido de alguns dentes pontagudos, que se passa na canna de pesca ou na linha, fazendo-o correr até á extremidade inferior, a fim de que pelo seu proprio peso elle possa desenrascar o anzol, quando este está preso no fundo.



Face interna da tampa da alcofa do amador da pesca

Este annel tem uma linha forte amarrada, e deixa-se escorregar pela linha de pesca tantas vezes quantas as necessarias para produzir o resultado que se deseja. O desenrascador vê-se na figura d'esta pagina.

Nas cannas de pesca com molinete não se poderia enfiar senão um annel de grande diametro, rasão pela qual o annel deve abrir em charneira para envolver a canna acima do molinete, não carecendo portanto de tão grandes dimensões. Os pescadores de profissão chamam-lhe *estronca.*

10.° *Prumo.*—Um pequeno prisma de chumbo, com uma argola na parte superior e uma cavidade na base; tem por fim ligado a uma linha, que póde ser a propria linha de pesca, indicar a profundidade e a natureza do fundo em que se pretende pescar. A cavidade inferior póde ter um pedaço de cortiça para cravar o anzol depois de passar a linha em seio pela argola do prumo, e d'este modo com o proprio apparelho de pesca se sonda, vendo até onde elle deve mergulhar.

11.° *Descravador.* — Emprega-se com vantagem um pequeno forcado com 15 a 30 centimetros de comprimento, feito de ferro, cobre ou mesmo madeira, para descravar o anzol quando o peixe o engole, quer esteja preso no estomago ou mesmo na garganta. Para isto introduz-se a haste da forquilha pela bôca do peixe, ao longo da linha, que se segura com a outra mão, e carregando com ella sobre o anzol, descrava-se este.

12.° *Agulha para iscar ao vivo.* — Quando se pretende iscar o anzol com um peixe vivo, não é facil fazel-o sem offender algum orgão importante do animal, que morre em breve, ou pelo menos não fica com a vivacidade precisa para illudir o peixe que se deseja com elle capturar.

Para conseguir isto emprega-se uma agulha de ferro ou aço, terminando em ponta de um dos lados e em annel do outro; engata-se o anzol n'este annel, e passa-se a agulha com cuidado desde a bôca do peixe até sair pelo umbigo, operação que feita com geito não se torna muito sensivel ao animal, que conserva toda a vivacidade.

Este instrumento funcciona como as agulhetas usadas na costura.

13.° *Colhedor.* — Denomina-se assim um utensilio de pesca indispensavel para conservação das linhas de pesca, e para que estas se enrolem e desenrolem com facilidade.

Ha diversos typos de colhedores ou dobadores, sendo o mais simples um circulo ou rodella de cortiça, no qual se colhe a linha, e se crava o bico do anzol.

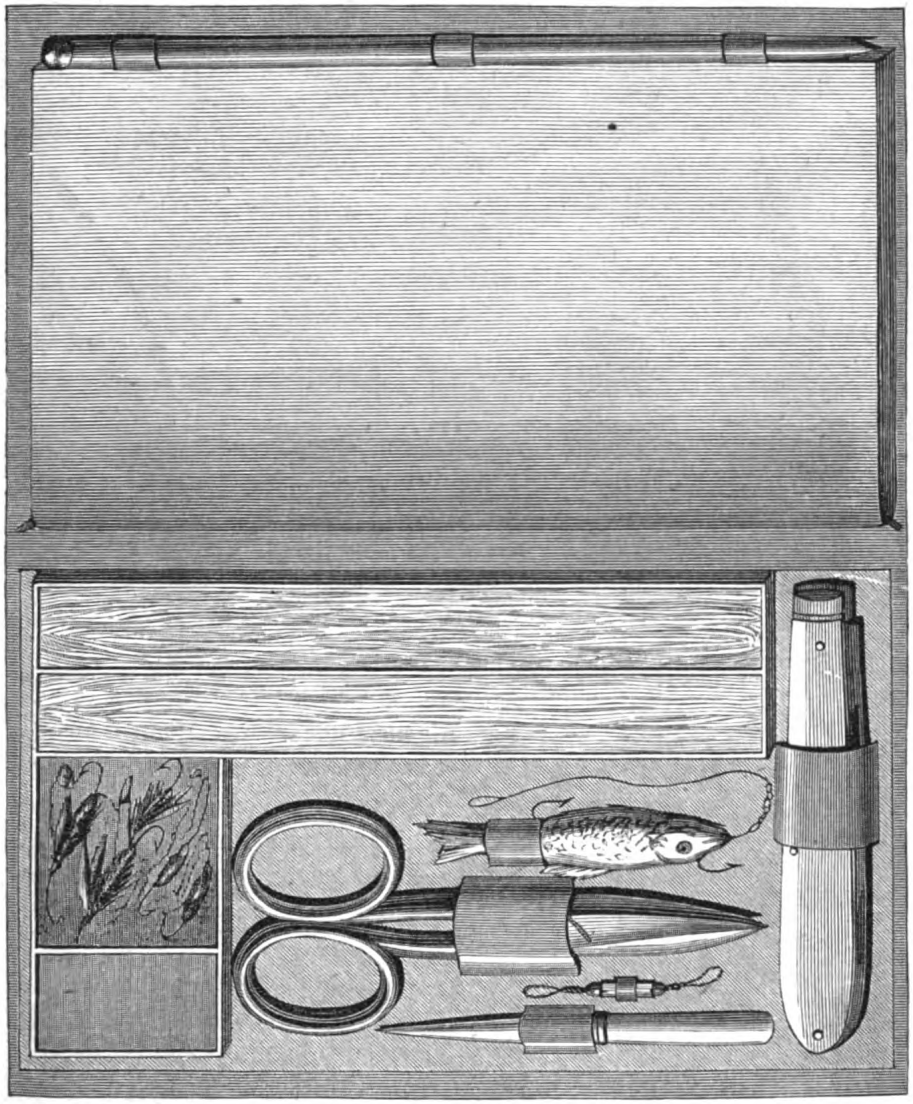
A linha de pesca nunca se deve colher sem primeiro estar bem secca, porque a humidade faz quebrar a crina, a seda e o linho.

14.° *Alcofa.* — Para receber os peixes pescados é indispensavel ter uma alcofa, cuja fórma e capacidade se preste a este fim, e que ao mesmo tempo não constitua estorvo ao pescador.

De todos os utensilios que se têem imaginado é a *alcofa* o que melhores resultados dá, collocada a tiracollo com uma correia, pendendo na altura do quadril esquerdo. A tampa da alcofa presta-se a receber os pequenos instrumentos e linhas que acima descrevemos como pertencendo á bagagem de um amador da pesca, e a sua arrumação vê-se na figura da pagina 351, que contem os principaes utensilios.

Alcofa

15.° *Carteira.*—Em uma carteira de algibeira com 9 centimetros por 15 centimetros, se podem arrecadar os utensilios e sobresalentes de pesca necessarios ao amador:



Carteira do amador da pesca

(*a*) 10 metros de fio de seda para substituir o que possa perder-se ao quebrar a linha por qualquer circumstancia forçada;

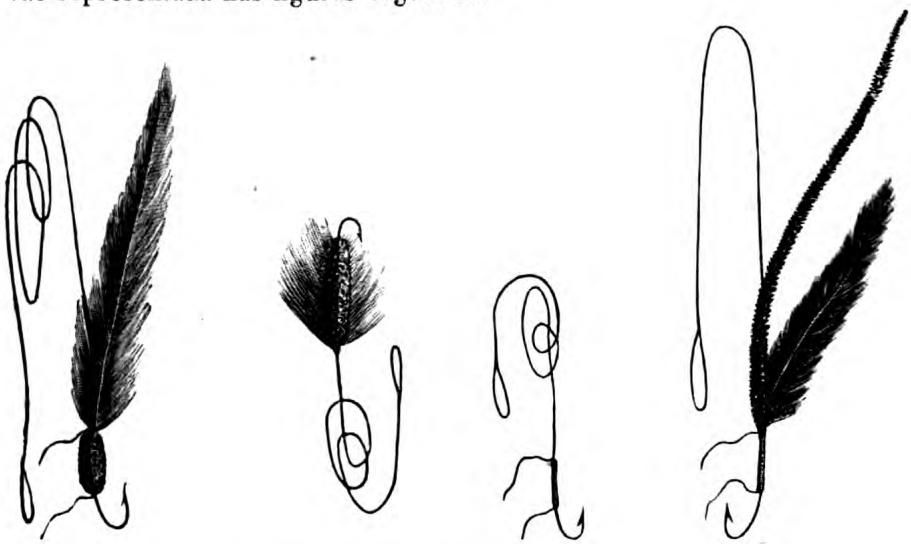
(*b*) Alguns estrovos de sobresalentes, com anzoes de diversas grandezas;

(*c*) Pedra para afiar os bicos dos anzoes;

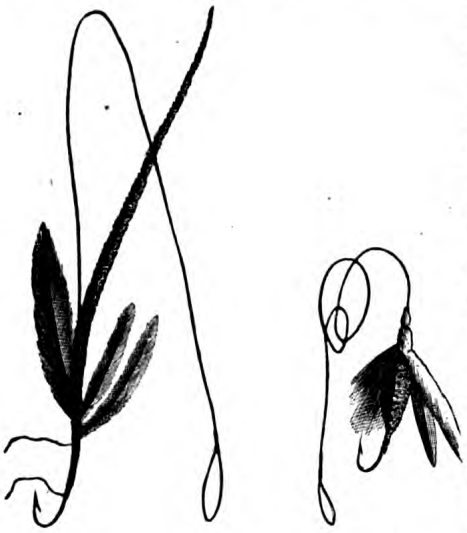
(*d*) Tesoura e canivete

(*e*) Collecção de moscas artificiaes; estas moscas podem comprar-se já feitas ou fazel-as o proprio amador com pennas de côres, engaiadas com fio de seda sobre a haste do anzol.

As moscas devem ser coloridas como as que se vêem voando sobre as aguas, na região em que se anda á pesca, e a sua construcção mais vulgar vae representada nas figuras seguintes:



(*f*) Peixe de lata em logar de anzol e isca; usa-se para a pesca de algumas especies, um pequenino peixe feito de lata, tendo um ou dois anzoes disfarçados, e seguro pelo focinho com um tornel ligado ao estrovo. Este peixinho move-se com a corrente em torno do eixo do tornel, e brilha muito dentro de agua, servindo de tentação aos peixes mais vorazes;



(*j*) Furador ou espicha de marfim, para auxiliar nos trabalhos de emendar as linhas, nós, etc.;

(*k*) Tornel; este intermediario entre o anzol e o estrovo é indispensavel para não deixar torcer a linha de pesca com a corrente, formando cocas, ou enrascando-se com os anzoes;

(*l*) Livro de apontamentos, lapis, etc.; é sempre de grande utilidade possuir á mão um papel e um lapis para consignar uma observação, uma

lembrança, uma indicação pratica, que mais tarde póde ser aproveitada em beneficio da sciencia ou da arte, e ao pescador illustrado corre o dever de contribuir para o aperfeiçoamento dos apparelhos e processos de pesca e conhecimentos zoologicos necessarios para o delineamento e execução d'aquelles, a fim de que o pescador pobre e rude, empregando-os, possa tirar o maximo resultado do seu trabalho.

*
* *

Algumas pescas mais agradaveis vamos indicar aos amadores d'este passatempo, que, tanto nas aguas dos rios, como na costa maritima, podem gosar muitas horas a acção benefica de um meio puro e sadio, e a satisfação de retirar das aguas um certo numero de especies das mais saborosas que n'ellas habitam.

Começaremos pela pesca nas aguas dos rios.

Pesca do salmão. — Infelizmente é no rio Minho o unico rio do paiz em que entra este precioso peixe, tendo ha muitos annos abandonado os outros rios do norte do reino, em que tambem entrava, devido á nenhuma protecção que os poderes publicos têem prestado ao repovoamento das aguas interiores, e quem sabe se tambem ás obras do melhoramento das barras e portos d'esses rios; ainda assim um passeio ao Minho é sempre agradavel e commodo, porque se aproveita o caminho de ferro até Valença, e d'aqui para montante até Melgaço ha carros de carreira diaria.

A temporada de pesca do salmão no rio Minho começa em principios de janeiro, e termina em fins de junho.

O salmão que entra n'este rio, é o salmão prateado, que desova em maio, entre os seixos e pedras, depondo cada femea, de uma idade entre quatro e cinco annos, e pesando 5 kilogrammas, dez mil ovos, e levando a postura uns quinze dias.

Parece-nos que tambem o salmão Heuch entra no rio Minho, desovando de abril a junho.

Os salmões sustentam-se de insectos, vermes e pequenos peixes, e vêem-se á superficie da agua, dando caça aos mosquitos, borboletas, gafanhotos e até pequeninos passaros, saltando fóra da agua sobre elles com a rapidez da flecha.

Posto que a pesca do salmão seja feita pelos pescadores de profissão com as redes de algerife e tresmalhos, nada impede que este peixe tambem se pesque ao anzol, com vantagem até, pelos amadores da pesca á linha.

Recommendâmos uma canna ou linha de pesca resistente, tendo todo o cuidado em deixar extenuar o salmão dentro de agua antes de o puxar

para fóra, operação que algumas vezes leva uma hora para os grandes peixes.

O estrovo deve ser construido com dois fios de *florença* bem empatado em um anzol *limerick* n.º 1 ou 2, e o molinete deve funccionar bem, porque o salmão debate-se e resiste corajosamente, obrigando muitas vezes o pescador a correr ao longo da margem em grande extensão.

A isca ao vivo é a *sanguesuga*, a grande *minhoca da terra*, *pequenos peixinhos* e a *mosca natural* ou os insectos que acima indicámos.

O salmão tambem se pesca com o peixe de lata com a mosca artificial e com o *tue-diable*, especie de machina infernal, representada na figura marginal, composta de um pedaço de chumbo embrulhado em uma delgada folha prateada, com um fio dourado em volta, e os anzoes disfarçados ao longo do apparelho, que, mettido em uma corrente forte, adquire rapido movimento de rotação.

A pesca do salmão requer sempre muita pericia, porque este peixe é desconfiado e receioso.

Tambem se póde pescar a tiro, quando se lança fóra de agua para saltar as quédas de agua, mas no rio Minho só nas proximidades de Melgaço será possivel empregar este systema.

É tão delicado o sabor do salmão, póde conservar-se tanto tempo em escabeche, e é um peixe tão caro em Portugal, que bem compensava o tempo e trabalho empregado na sua captura, se não fosse o passeio pittoresco e as sensações da lucta que elle proporciona, que attrahem o amador a procural-o.

Pesca da truta.—Como já dissemos, ha nas aguas dos nossos rios tres especies de trutas; a truta sapeira, a truta marisca e a truta salmoneja, encontrando-se qualquer d'ellas nas aguas correntes e frias dos rios do norte e nos affluentes dos grandes rios do sul do continente,

A truta sustenta-se de pequeninos peixes, pequeninos conchoïdes, vermes, insectos, e tem particular predilecção pelas libellinhas, que apanha com espantosa destreza quando ellas voam proximo da superficie. A côr das libellinhas da região em que se exerce a pesca á truta, é que deve servir de norma para a confecção das moscas artificiaes.

A truta salmoneja desova de novembro a fevereiro, procurando as aguas doces, vivas e correntes, em fundos de areia e pedras; a truta marisca desova de setembro a março, mais cedo ou mais tarde conforme a temperatura, nas aguas doces, entre os seixos e as pedras das quédas de agua e nascentes; a truta sapeira desova de setembro a novembro, tambem nas aguas doces, escolhendo os seixos lavados pelas correntes mais rapidas das vertentes.

BOGA DO RIO COURA **pag. 55**

A melhor occasião de pescar a truta é quando chove, tempo sombrio, de tarde preferivel a de manhã; empregando os peixinhos ou insectos vivos, ou a mosca artificial; nenhum barulho, linha fina e forte, e molinete funccionando bem.

Os rios do continente mais pittorescos para esta pesca, e nos quaes abundam mais as trutas, são: Minho, Coura, Ancora, Lima, Neiva, Cávado, Ave, Douro e nos affluentes e mais rede hydrographica d'estes rios.

Uma excursão de pesca á truta com a mosca artificial, ou iscando ao vivo com gafanhoto, grillo, borboleta, libellinha, ou mesmo pequenos peixes da agua doce, constitue uma digressão muito agradavel, não só pela variedade de panoramas e assumptos, que se desenrolam á nossa vista, mas tambem pela energia, pericia e golpe de vista, que é preciso empregar, tonificando a musculatura, e contribuindo para a saude do corpo e para o bem estar e a tranquillidade do espirito. Uma excursão de pesca é sempre agradavel, mas se ao prazer do divertimento piscatorio se junta o passeio por uma região amena e pittoresca, então nenhum outro genero de *sport* offerecerá maiores attractivos.

A truta é um manjar delicioso, quando se come até duas ou tres horas depois de pescada.

Pesca de bogas e escalos.—Estas especies vivem, como já dissemos, em grande abundancia nas aguas interiores, e é facil apanhar um numero consideravel em poucas horas.

As bogas sustentam-se principalmente de insectos e vermes, e desovam nos fins da primavera entre as hervas da agua doce e corrente.

Pescam-se as bogas e escalos com uma vara ou canna de pesca, munida de linha fina e anzol n.° 14 ou 15, pondo como isca um pouco de sangue coalhado, bolas de pão, cevada cozida, mosca natural, etc.

A occasião mais propicia é de madrugada e os mezes de verão os mais favoraveis para esta pesca.

Pesca da tainha, mugem e *xarroco.*—Nas regiões salgadas das aguas das rias e rios do continente apparecem estas especies, que se podem pescar ao anzol, lançando dentro de agua apparelhos de linha com muitos anzoes, fundeados por uma das pontas, ficando a outra segura na margem ou a bordo.

Os anzoes devem ser n.° 10 ou 12, e a isca mais vulgar é a minhoca do lodo, bocados de sardinha, de lula ou de caranguejo molle.

No começo da enchente, collocam-se os apparelhos, e suspendem-se um pouco depois do preamar.

Ha d'estes apparelhos que têem quinhentos anzoes, e alcançam de uma a outra margem em rios não muito largos.

Pesca da enguia. — A epocha da eclosão das enguias é em março e abril, e a temporada melhor para esta pesca é de junho a outubro, de manhã até ás oito horas, e de tarde depois das quatro horas.

A enguia pesca-se ao anzol muito pequeno, com isca de minhoca do lodo; pesca-se com rosulho, e procura-se com o bicheiro por entre as pedras e fundos das obras dos portos e margens dos rios.

Pesca do solho-rei. — O *solho-rei* ou *esturjão* não é muito frequente nas aguas dos nossos rios, como já vimos, mas ainda assim entra n'elles para desovar, de maio a agosto, subindo até grande distancia da foz, como acontece no Guadiana, onde elle apparece proximo de Mertola, e no curso superior do rio Douro.

Pesca-se mais geralmente com armadilhas de verga ou com redes, mas tambem cáe nos apparelhos de anzol, constituindo uma pesca muito especial, para a qual é preciso conhecimento particular dos habitos, alimentação e viveiros d'este peixe, assumpto ainda não averiguado, nem estudado no nosso paiz, no qual se poderia favorecer o desenvolvimento d'esta especie de peixe tão saboroso e apreciado, e que, entrando em alguns rios, compensaria a falta do salmão, que de anno para anno é sensivel no unico rio em que o podemos pescar, que é o rio Minho.

*

Tambem nas aguas salgadas da costa maritima podem os amadores da pesca passar algumas horas entretidos, procurando capturar as especies que n'ellas vivem, podendo realisar esta distracção mesmo da praia, ou de cima da margem ou rochas que a orlam em alguns pontos, e de bordo das embarcações.

Os apparelhos e processos de pesca a empregar n'estes casos são os que descrevemos para o pescador de profissão, variando, é de ver, na maior commodidade da construcção d'esses apparelhos, que sáem por isso mais caros, e na applicação dos processos mais simples ou menos fatigantes e arriscados.

Ainda, n'este genero de pesca, são os apparelhos de anzol os que maior distracção podem proporcionar ao amador, porque desde a difficil captura do congro de grandes dimensões, feita com uma bem simples linha munida de anzol, até á pesca do robalo com amostra, bordejando com vento fresco e mar encarneirado, se requer muita pericia e conhecimentos diversos, não só referentes á pesca propriamente dita, mas tambem á manobra e governo da embarcação. Na pesca maritima á linha se evidenceia de um modo frizante quanto são injustos e malevolos os detractores d'este processo de exploração das aguas, que reune á sua maxima simplicidade

J. d'Almeida

ESCALO, pag. 55

uma enorme profusão de idéas, conhecimentos e aptidões differentes. Oxalá que o gosto pela pesca se desenvolva com a leitura das poucas linhas que podemos dedicar ao pescador-amador, porque a convivencia com as aguas maritimas, fluviaes e lacustres do nosso paiz e com os seres que n'ellas vivem, provocará seguramente uma poderosa corrente na opinião publica, no sentido de chamar a attenção do poder superior para o abandono em que actualmente está esta questão de multipla importancia.

Os capitulos especiaes d'esta obra completam pois o que acabâmos de escrever sobre a pesca exercida pelos amadores.

CAPITULO X

Apanha das plantas marinhas. — Sargaço, portos de sargaço, utensilios, redes e jangadas que se empregam na colheita das plantas marinhas.

Ao longo de parte da costa do continente e nos portos, aproveitam-se todas as plantas marinhas para adubo das terras e algumas d'ellas para alimentação dos animaes domesticos, sendo estas plantas marinhas representadas pela familia botanica das algas, que merecem grande importancia no reino vegetal, por isso que estabelecem a transição entre a serie animal e a serie vegetal, terminando a primeira nos microscopicos infusorios, e começando a segunda nos zoosporos e antherozoïdes, invisiveis á vista desarmada.

As algas foram durante muito tempo consideradas como *cryptogamas,* cujas flores são invisiveis, ou muito pouco distinctas, e não possuem apparentemente orgãos reproductores distinctos, mas uma analyse microscopica mais profunda veiu revelar o caracteristico da animalidade, mostrando que ellas têem orgãos que se movem na primeira infancia, realisando o trabalho da fecundação e reproducção.

Effectivamente, as flores das algas são constituidas por simples capsulas, contendo pequeninos corpos de dois generos: os *zoosporos* que representam os orgãos femininos ou *pistilos* das flores, e os *antherozoïdes,* que desempenham as funcções masculinas dos *estames,* affectando tanto uns como outros a fórma de um ovo microscopico.

É pela acção vivaz e fecundante dos *antherozoïdes,* que os *zoosporos* constituem uma verdadeira semente, que levada em suspensão nas aguas se fixa a um corpo qualquer, e ahi germina e cresce, produzindo uma alga.

As algas são pois hermaphroditas e reproduzem-se em tão grande quantidade que em poucos annos formam tapetes e massiços de vegetação, cobrindo zonas enormes de fundo.

É muito difficil e complexa a classificação das plantas marinhas, representadas actualmente por duas mil duzentas cincoenta e seis especies, grupadas em divisões, generos, familias, tribus e secções.

M. Lamiral, para dar uma idéa do estado da sciencia relativamente ás plantas marinhas, cita as tres classificações francezas seguintes:

«M. d'Orbingy estabelece tres familias de *phyceas:* 1.ª, as zoospermeas, divididas em quatorze tribus com secções; 2.ª, as florideas, divididas em quatorze tribus com sub-tribus; 3.ª, as phycoïdeas, divididas em treze tribus, acrescentando ainda as phyceas fosseas.

«MM. Derbès e Solier, de Marselha, na sua memoria publicada em 1853, estabelecem treze familias com tribus.

«M. Impot, naturalista de Nantes, forma quatro divisões: as melanospermeas, as algas pardas; as rhodospermeas, as algas vermelhas; as chlorospermeas, as algas verdes; e as diatomaceas, as algas microscopicas, formando vinte e seis familias e setenta e quatro tribus.»

Se dividirmos as algas pelas cores que apresentam, devemos attender a que: as pardas vegetam nas grandes profundidades, as vermelhas em pequenos fundos, e as verdes á superficie das aguas.

As diversas situações que as plantas occupam na zona maritima, podem ser indicadas assim[1]: 1.ª, as plantas que a maré cobre e descobre diariamente; 2.ª, as que a maré não descobre senão nas sizygias; 3.ª, as que a maré não descobre senão nos equinocios; 4.ª, as que nunca descobrem; 5.ª, as que fluctuam á superficie; 6.ª, as que não crescem senão a uma profundidade de 5 braças; 7.ª, as que não crescem senão a 10 braças; 8.ª, as que não crescem senão a 20 braças; 9.ª, as que se dão nos terrenos arenosos; 10.ª, as que crescem no lodo ou argilla; 11.ª, as que se depõem sobre os terrenos calcareos; 12.ª, as que se encontram sobre os rochedos vitrificaveis.

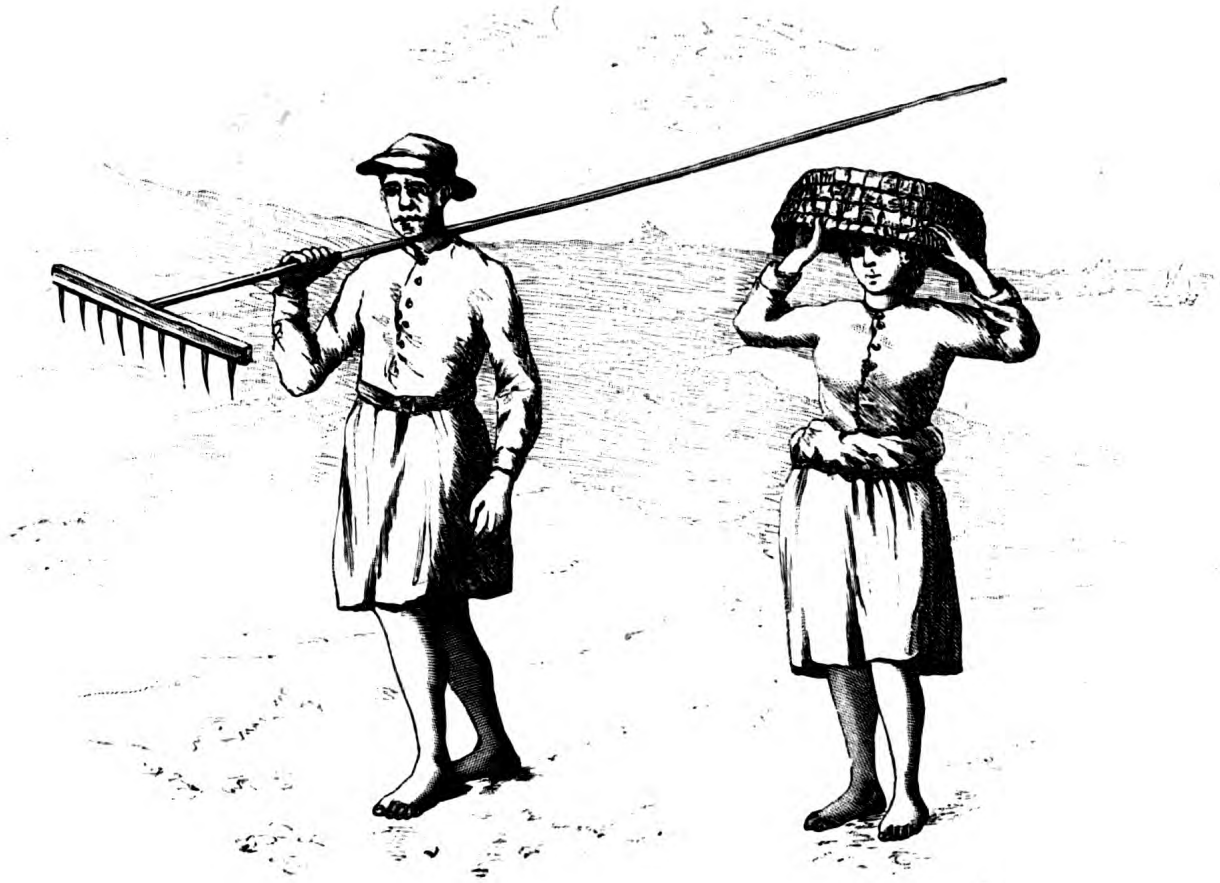
Segundo o *methodo botanico,* dividem-se as algas marinhas em tres classes; as phyceas ou algas submergidas; as lichens ou algas emergidas; e as byssaceas ou algas amphibias.

Não é da indole d'esta obra fazer uma classificação scientifica das algas marinhas da costa de Portugal, trabalho muito difficil e que requer muitos annos de estudos e pesquizas, limitando-nos por agora a dizer que sob a denominação de *sargaço, moliço,* ou *limos* comprehendem os lavradores, que vem á costa, e os pescadores, todas as algas que colhem nas aguas maritimas, a que dão nomes especiaes, como: *corriões, bodelha, verdelho, sebas,* etc.

*
* *

Portos de apanha de sargaço ou limos. — Já indicámos, ao tratar dos portos de pesca do continente, quaes os pontos do litoral onde se exerce

[1] Armand Laudrin. — *Les plages de la France, 1873.*



Sargaceiros da costa do norte

em maior escala a colheita da vegetação marinha, podendo agora em traços geraes dizer que ella tem logar desde o rio Minho até á Povoa de Varzim, em toda a costa, na ria de Aveiro, na lagôa de Obidos e na costa desde Peniche até á Ericeira, desapparecendo para o Sul até ao Cabo de S. Vicente e em toda a costa meridional do Algarve.

Especialisando quaes os principaes portos de apanha de sargaço, teremos:

Rio Minho.—Seixas, Caes de Caminha e Ribeira de Caminha.

Entre o Minho e Povoa de Varzim.—Cabedello do Minho, Insua de Caminha, Moledo, Cahide, Porto Novo, Portinho de Gontinhães, Penedim, Caneiro, Affife, Carreço, Fornellos, Fonte do Mar, Rego de Fontes, Vianna do Castello, Anha, Moinho do Bispo, Neiva, S. Bartholomeu, Marinhas, Espozende, Lanchas, Fonte Boa, Sedovem, Apulia, Aguçadoura e Abremar.

Ria de Aveiro.

Lagôa de Obidos.

Entre Peniche e Ericeira.—Baleal, Peniche de Cima, Portinho da Areia, Peniche de Baixo, Consolação, Seixal, Atalaya, Ribamar, Porto Novo, Santa Cruz e Assenta.

Com muita approximação podemos apresentar para um anno de colheita regular de sargaço, em todo o litoral maritimo, fluvial e lacustre do continente do reino, os dados seguintes, que referimos ao anno de 1886:

Numero de pessoas empregadas na apanha do sargaço 4:479
Numero de carradas de sargaço tirado das aguas..... 46:150
Valor do sargaço ou limos, 184:598$500 réis.

Vejamos agora quaes são os utensilios, processos, embarcações e jangadas que se empregam na apanha da vegetação marinha, descrevendo primeiro as condições em que os vegetaes produzidos nas aguas se encontram na occasião da colheita.

As plantas marinhas do litoral sobre que se exerce a apanha, apresentam-se em quatro situações differentes, que são:

1.ª A descoberto e soltas sobre a praia, onde foram arrojadas pela maré ou pela vaga;

2.ª A descoberto e agarradas aos rochedos e penedia, quando a maré desce ou em baixamar;

3.ª Em suspensão nas aguas, em sitios baixos ou profundos;

4.ª Agarradas ao fundo, em sitios baixos ou profundos.

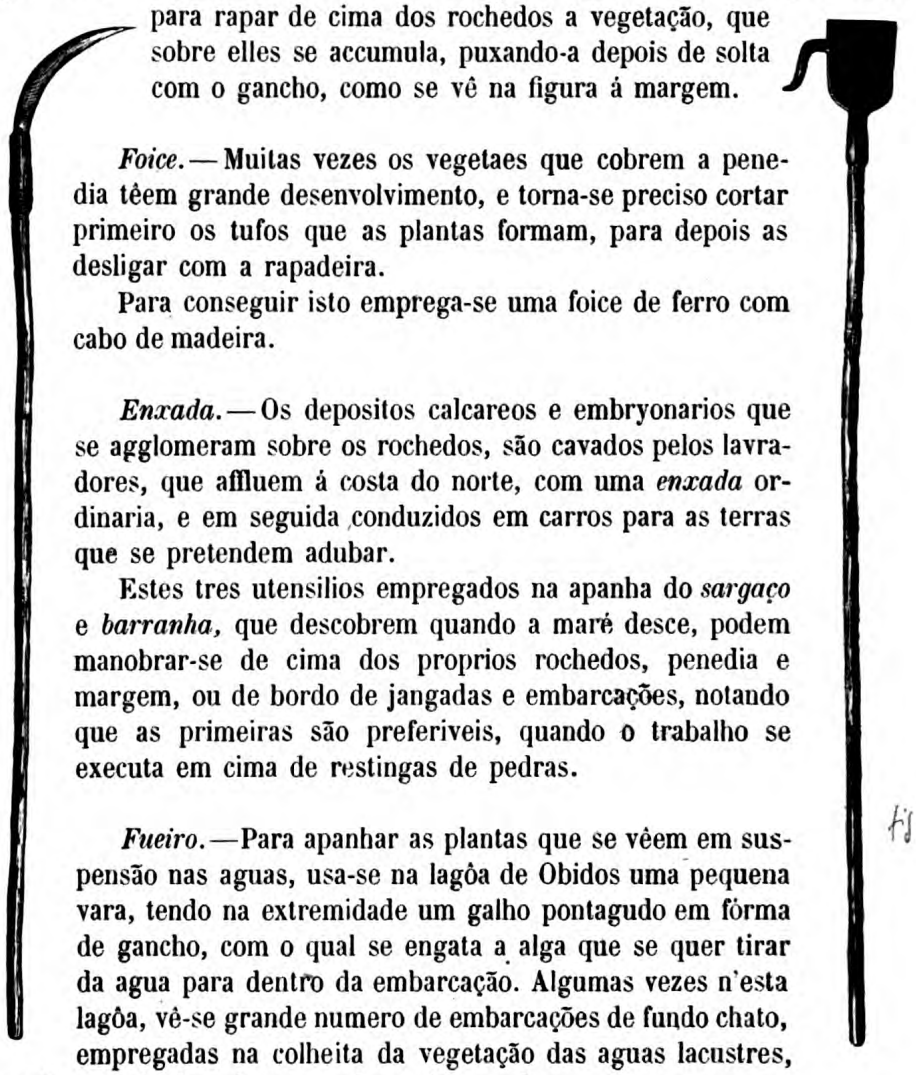
No primeiro caso não é preciso utensilio algum para as apanhar, bastando a apprehensão directa.

No segundo caso é necessario desagarral-as, e para este fim usam-se tres instrumentos: a *rapadeira*, a *foice* e a *enxada*.

Na terceira situação emprega-se o *fueiro*, o *encinho* ou *engaço* e o *redenho*.

No ultimo caso, usa-se o *encinho de ferro* ou *graveto*, para profundidades pequenas.

Rapadeira. — Compõe-se de uma pá de ferro, tendo uma especie de gancho lateral, encavada em uma comprida vara de madeira; e serve para rapar de cima dos rochedos a vegetação, que sobre elles se accumula, puxando-a depois de solta com o gancho, como se vê na figura á margem.



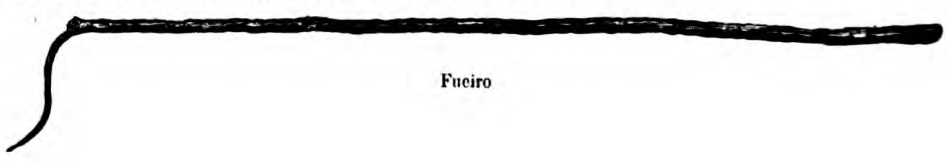
Foice. — Muitas vezes os vegetaes que cobrem a penedia têem grande desenvolvimento, e torna-se preciso cortar primeiro os tufos que as plantas formam, para depois as desligar com a rapadeira.

Para conseguir isto emprega-se uma foice de ferro com cabo de madeira.

Enxada. — Os depositos calcareos e embryonarios que se agglomeram sobre os rochedos, são cavados pelos lavradores, que affluem á costa do norte, com uma *enxada* ordinaria, e em seguida conduzidos em carros para as terras que se pretendem adubar.

Estes tres utensilios empregados na apanha do *sargaço* e *barranha*, que descobrem quando a maré desce, podem manobrar-se de cima dos proprios rochedos, penedia e margem, ou de bordo de jangadas e embarcações, notando que as primeiras são preferiveis, quando o trabalho se executa em cima de restingas de pedras.

Fueiro. — Para apanhar as plantas que se vêem em suspensão nas aguas, usa-se na lagôa de Obidos uma pequena vara, tendo na extremidade um galho pontagudo em fórma de gancho, com o qual se engata a alga que se quer tirar da agua para dentro da embarcação. Algumas vezes n'esta lagôa, vê-se grande numero de embarcações de fundo chato, empregadas na colheita da vegetação das aguas lacustres, muito ferteis das algas que denominam *sebas*.



Fueiro

Encinho ou *engaço.*—Este instrumento compõe-se vulgarmente de um duplo pente com dentes de madeira, encravado no extremo de uma vara comprida. Os dois pentes são construidos na mesma travessa, ficando os planos dos dentes perpendiculares entre si, tendo o pente inferior vinte e dois dentes e o superior doze. Em Vianna do Castello chamam a este instrumento *garamanha.* A maneira de usar o encinho é muito simples: a pessoa que anda ao sargaço entra na agua até ao joelho, cintura e até á altura do peito nas aguas tranquillas, e segurando pelo cabo do encinho deita-o para a agua até ao maximo alcance, puxando em seguida até approximar os pentes á distancia conveniente para poder tirar com as mãos as plantas que ficaram entre os dentes do engaço. Tambem de bordo de uma embarcação ou jangada se póde usar o mesmo processo sem ser preciso estar dentro de agua.

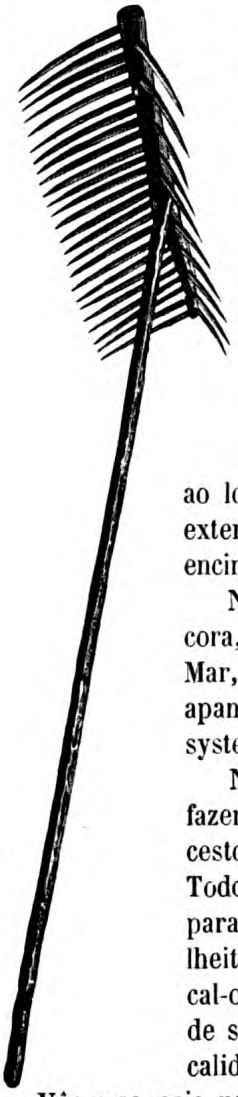


fig 2

É este o instrumento mais empregado nas aguas do nôrte do paiz para a apanha do sargaço; vendo-se ao longo da praia e tambem por entre os rochedos uma extensa fileira de homens e mulheres, cada um com o seu encinho, pesquizando as aguas em todos os sentidos.

No cabedello do rio Minho, nas praias de Moledo, Ancora, Affife, Moinho do Bispo, Neiva, S. Bartholomeu do Mar, Marinhas, Lanchas, Fonte Boa, Sedovem e Apulia, apanham-se centenares de carradas de sargaço por este systema.

Nos portos do norte setenta cestos de sargaço em verde, fazem depois de seccos uma carrada, e para colhêr tres cestos são precisos, em media, dois sargaceiros por dia. Todos os portos de apanha de sargaço possuem armazens para deposito das algas marinhas durante o periodo da colheita, e antes de arrumarem o sargaço, costumam seccal-o ao sol nas praias, ou sobre a penedia, até ao estado de sazonamento em que póde ser transportado para as localidades em que se emprega como adubo.

Vêem-se pois na epocha da colheita centenares de monticulos de sargaço já secco, espalhados pela praia, rochedos e terrenos adjacentes dos portos em que esta exploração se pratica.

Redenho.—Compõe-se de um sacco de rede com malha larga, entralhado pela bôca em um arco de madeira, ligado a uma vara comprida. Para apanhar o sargaço com o redenho, mergulha-se o sacco estando a

pessoa dentro de agua, ou a bordo, e puxa-se pela vara até retirar o sacco com a colheita que póde fazer, e repete-se a manobra successivamente, indo o sargaceiro de cada vez depôr as algas em um ponto da praia, ou arrumando-as dentro do barco. Mais tarde, acabada a pesca, começa

Redenho do sargaço

então o trabalho de seccagem do sargaço, pelo processo que já referimos na pagina anterior.

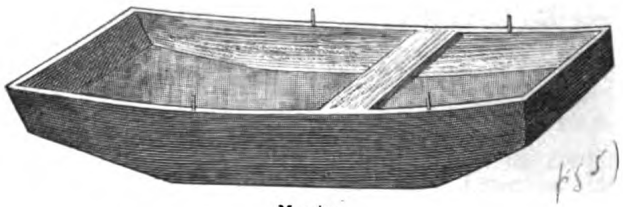
Encinho de ferro ou *graveto.*—É este instrumento como o engaço, differindo em que os dentes do pente são de ferro, a fim de resistirem quando se draga o fundo, arrancando as plantas a elle agarradas, as quaes geralmente assentam em fundos de pedra ou cascalho.

Encinho de ferro

Os sargaceiros do norte do paiz usam uma vestimenta especial que denominam *branqueta.*

Os homens vestem um casaco branco com abas compridas, preso com um cinto e abotoado na frente; na cabeça um chapéu preto de abas grandes e as pernas nuas.

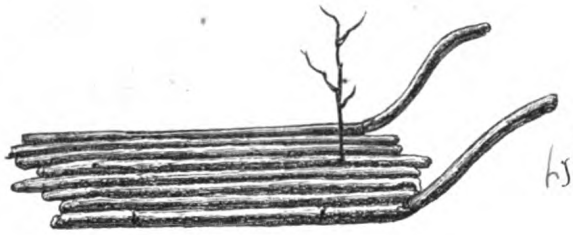
As mulheres fazem a sua *toilette* de pesca ao sargaço, com um corpete do mesmo panno abotoado na frente, sáia curta tambem de branqueta, chapéu como o dos homens, e tambem as pernas nuas.



Maceira

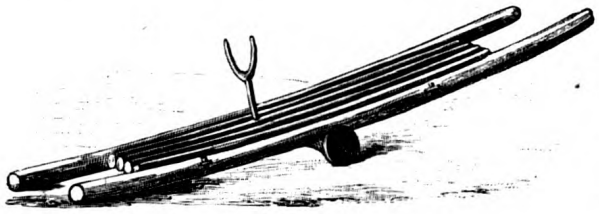
Alem dos barcos de cada localidade, empregam-se na apanha do sargaço as *maceiras* e *jangadas*; as primeiras vão descriptas no capitulo que trata das embarcações de pesca, e as segundas constituem sete typos differentes, que passâmos a descrever.

Jangada de Anha. — Compõe-se esta jangada, a primeira que se encontra ao norte do paiz em Vianna do Castello, de oito troncos de madeira muito leve, ligados, formando estrado, por duas ou mais cavilhas, e tendo lateralmente duas tábuas dispostas como borda falsa. Os troncos das bordas são mais compridos, e levantam em fórma de rabo de arado. Estas jangadas vêem-se no porto de Vianna, em numero de doze a quinze, explorando as regiões maritimas pedregosas e a costa adjacente que orla o litoral desde Montedor até á costa ao sul do rio Lima, no local denominado Anha.



Jangada de Anha

Jangada de Neiva e S. Bartholomeu. — Forma-se de seis troncos de madeira ligados, sendo maiores os dos lados, e assenta em um eixo com rodas para com facilidade varar e ser lançada ao mar. Este systema, mais simples que o anterior, não tem tão grande desenvolvimento como os empregados em outros portos de sargaço.

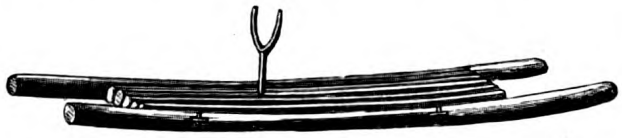


Jangada de Neiva e S. Bartholomeu

Jangada das Marinhas. — É feita de madeira e cortiça, tendo a fórma indicada na figura. É com o auxilio d'esta jangada que os pescadores da costa das Marinhas vão pescar os polvos nos rochedos adjacentes á praia, e situados a maior ou menor distancia da terra.

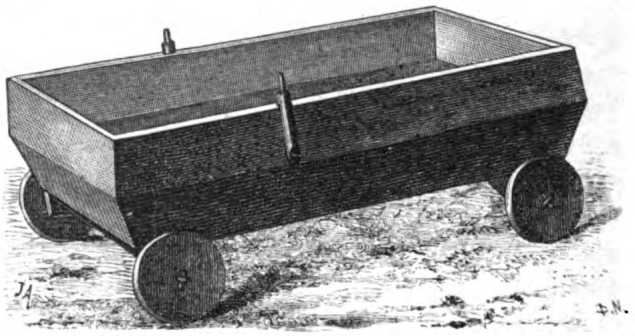
Jangada das marinhas

Jangada da Costa de Fão. — É como a do Neiva, mas um pouco mais pequena e não tem rodas, rasão pela qual é mais portatil e encalha com maior facilidade, requerendo menor numero de individuos para a tripularem. Estas jangadas são as mais vulgares.



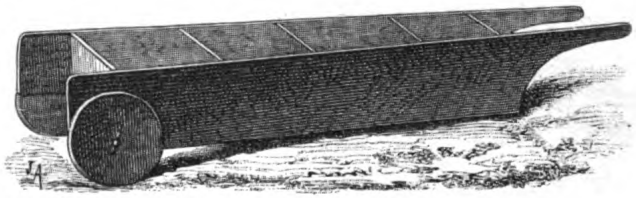
Jangada da Costa de Fão

Jangada de Fonte Boa.—Parece um carro de madeira com quatro rodas, tendo interiormente o fundo de cortiça, e nas bordas duas toleteiras para os remos.



Jangada de Fonte Boa

Jangadas da Apulia.—Ha n'esta praia dois typos differentes de jangadas: um é em fórma de carrinho com duas rodas, e construida de madeira e cortiça; o outro é feito só de cortiça e ligado com correntes de ferro, tendo o nome de *barcas* na localidade.



Jangada de Apulia

As rodas das jangadas são apenas para o transporte na praia, porque dentro de agua não são munidas d'ellas. A figura lateral representa a *barca* empregada pelos sargaceiros e pescadores da Apulia, havendo n'este porto grande numero de jangadas d'este typo, que servem de auxiliar tanto na colheita do sargaço como na pesca, que os habitantes d'esta localidade vão fazer por entre os rochedos que orlam a costa.

Para o sul da Aguçadoura, em toda a costa occidental e meridional do continente, não se usam as jangadas, mas sim as embarcações na apanha dos vegetaes, que se faz em alguns portos e praias maritimas.

Terminaremos este resumido capitulo sobre a exploração das plantas marinhas, fazendo notar a grande importancia que ella actualmente tem na costa occidental do norte do paiz, attingindo o seu valor a enorme cifra

de 184:598$500 réis. Toda esta vegetação é empregada como adubo das terras, excluindo uma pequenissima parte que na provincia do Minho serve de alimentação a alguns animaes domesticos.

Se attendermos, porém, a que das plantas marinhas se póde extrahir o bromio, o iodo, o nitrato de potassio, o sulfato de soda, etc.; que de algumas algas se faz papel e cartão, e que em outras applicações e producções industriaes se podem utilisar os vegetaes das aguas maritimas da costa de Portugal, teremos de reconhecer que, no nosso paiz, este assumpto está ainda na primeira infancia.

Alga

CAPITULO XI

Embarcações de pesca.—Descripção de cada um dos typos de embarcações empregadas na pesca exercida pelos pescadores do continente do reino.

Vamos no presente capitulo descrever de uma maneira geral cada um dos typos de embarcações que os pescadores do continente do reino empregam na pesca maritima e interior, dividindo-as por grupos correspondentes a cada uma das classes de pesca de que temos tratado.

Embarcações da pesca maritima longinqua.—Como já dissemos, a pesca longinqua requer embarcações seguras para transpor o oceano até grandes distancias e exige um equipamento regular, com abastecimento proporcional ao numero de mezes, que se calcula durar a temporada e ao numero de tripulantes. Dos portos do continente do reino, tambem já vimos, sáem para pescar longe dos mares que banham o litoral apenas alguns navios que se dedicam á pesca do bacalhau no grande banco da Terra Nova e pequeno numero de embarcações de Olhão, que frequentam o mar de Larache na costa de Marrocos, durante os mezes de verão. Chamâmos longinqua, portanto, a esta pesca em relação á distancia do porto de armamento a que ella se exerce, facto que caracterisa esta classe de pesca pelas condições muito especiaes a que é preciso attender, tanto na segurança das embarcações e competencia das tripulações, como na protecção a darlhes em mares distantes, algumas vezes sujeitos ás jurisdicções de povos barbaros, como acontece na costa de Larache, onde alguns conflictos se têem dado com os pescadores, outras vezes debaixo da vigilancia de grandes potencias maritimas que zelam os seus interesses com a maxima attenção, o que succede no grande banco da Terra Nova, onde a America do Norte, a França e a Gran-Bretanha exercem as suas pescarias.

Para a pesca do bacalhau usam os armadores portuguezes navios de alto bordo dos typos conhecidos, preferindo comtudo os navios latinos do typo de *lugre* e *hiate,* embora tambem empreguem alguns *patachos* e uma *escuna.*

No que respeita ao typo de cada um d'estes navios, não differem elles dos que se empregam na navegação mercante, mas já não acontece o mesmo com o equipamento, que é differente, exigindo maior numero de tripulantes, que desempenham o duplo papel de marinheiros e pescadores.

Cahique da costa do Algarve, Setubal e Lisboa

Na pesca da cavalla, sarrajão e pescada no mar de Larache, usam-se os cahiques de Olhão, do typo commum aos cahiques da Costa do Algarve, Setubal e Lisboa, com prôa redonda e levantada e painel á poupa, que é baixa e rasa; apparelhando com dois grandes bastardos, o de vante içado

em um mastro comprido que pende para a prôa, e o de ré em um mastro mais curto caido um pouco para a poupa; os cahiques têem coberta corrida de vante a ré, com tres escotilhas para serventia.

As dimensões d'estes barcos variam muito, havendo-os de 15 a 25 metros cubicos de arqueação, e offerecem excellentes condições nauticas, tanto sob o ponto de vista da segurança, como do andamento e manobras.

*
* *

Embarcações da pesca maritima do alto.—A grande distancia da costa, com terra alagada, descobrindo apenas uma ou outra serra mais elevada, que serve de referencia para o lançamento dos apparelhos de rede e anzol, exercem os pescadores a pesca denominada do alto, que, sem exigir os navios de alto bordo da pesca longinqua, carece ainda assim de embarcações maiores e mais seguras do que as da pesca nas proximidades da costa, enseadas, bahias e portos do litoral do reino. A zona de lançamento das redes da pescada e das rascas, e dos apparelhos e linhas do alto, fica comprehendida entre as 10 e 20 milhas de distancia á terra, e portanto nem sempre as embarcações empregadas n'esta exploração, podem alcançar os portos para se abrigarem do temporal, quando este ameaça desenvolver-se, a tempo de lhe evitarem os seus effeitos perigosos, requerendo por este motivo uma construcção mais solida e coberta corrida, ou bailéus, para as pôr ao abrigo de uma volta de mar que lhes cáia dentro.

Sem mesmo ir procurar a rasão nos perigos a que estão mais sujeitas as embarcações da pesca do alto, basta considerar que ellas passam a noite no mar, grande parte do anno, e as suas tripulações precisam de uma coberta para não ficarem tão expostas ás agruras do tempo, sendo para admirar que muitas d'ellas são abertas e rasas, não possuindo resguardo algum para abrigo dos pescadores, que lançando sobre o corpo uma manta, ou o capote, se entregam tranquillamente ao somno, emquanto aguardam a hora da faina do levantamento das redes.

Começando do norte, temos primeiramente a mencionar as lanchas de Caminha, como um dos typos caracteristicos de embarcação do alto.

Estas lanchas são construidas no Portinho de Gontinhães, onde ha dois constructores de barcos de pesca; medem 40 a 50 palmos de comprimento de quilha e têem a meio uma pequena coberta com 1 braça de comprimento, a que chamam *Tilha*, e que serve para guardar a roupa da tripulação e para esta se abrigar.

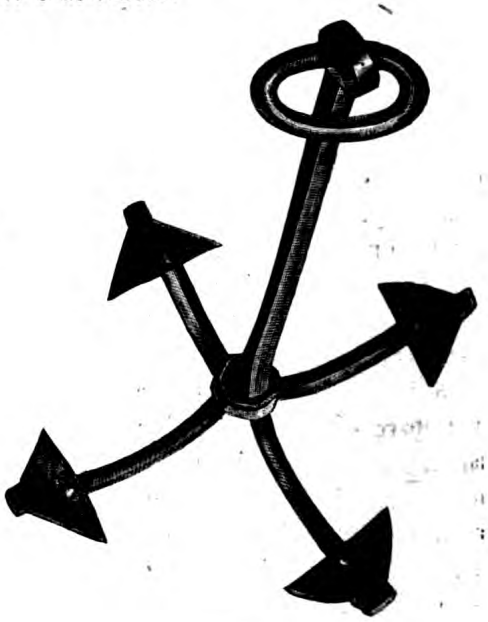
Em julho de 1887, estava-se fazendo em Gontinhães uma d'estas lanchas para o porto de Caminha, medindo 48 palmos de quilha; 16½ de bôca, e 5½ de altura entre a bancada e a face superior da caverna; os

materiaes de construcção empregados eram a madeira de pinho da localidade, para braços, cavernas e forro; a quilha de sobreiro para ser mais resistente e apropriada a varar em terra; e toda pregada a cobre; tendo sido ajustada por 150$000 réis, incluindo no preço um leme, ou uma polé para a suspensão das redes, *bonus* que o constructor costuma dar á sua escolha.

As lanchas de Caminha têem um unico mastro onde iça a verga de um grande bastardo; mastro e verga que arriam e põem sobre duas forquetas, installadas á borda, a vante e a ré, antes de começar a faina do levantamento das redes da pescada; importando uma d'estas lanchas completa, com palamenta, mastro, verga e véla em cerca de 250$000 réis.

Este typo de embarcação, que offerece alguma segurança e abrigo, é usado só pelos pescadores do alto do porto de Caminha, que vão a grande distancia da terra largar as *volantes* e as *rascas*.

Ancorote

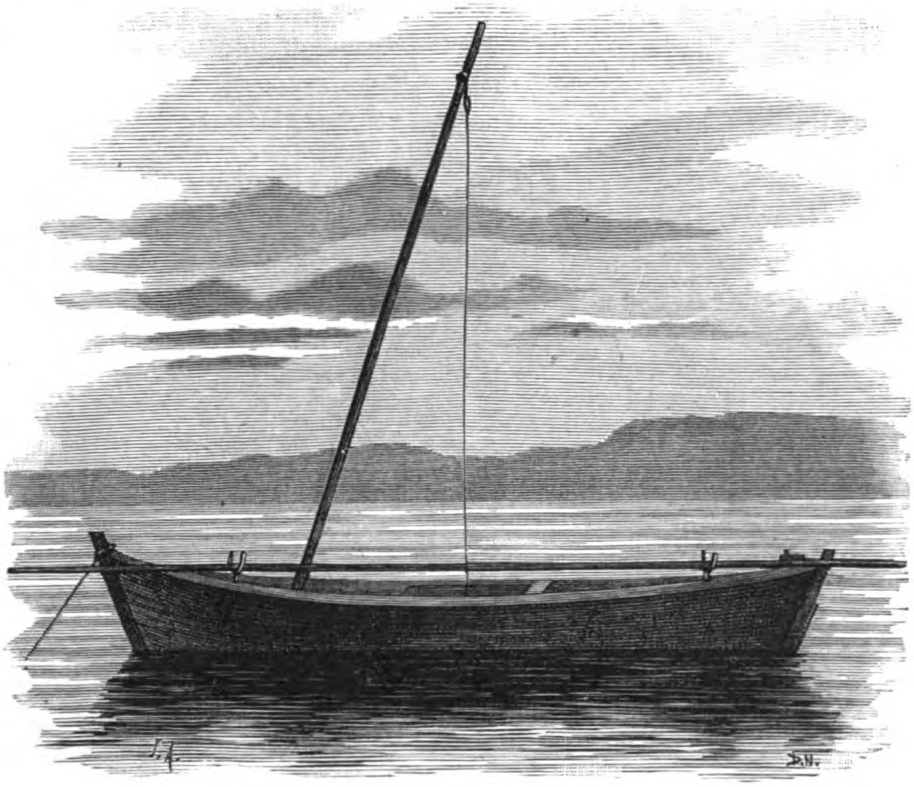


Fateixa

Desde o rio Minho até ao rio Douro, o typo da embarcação do alto é o mesmo em todos os portos, moldando-se no typo da lancha da Povoa de Varzim, denominada vulgarmente — lancha poveira.

A lancha poveira é uma embarcação de bôca aberta, tendo geralmente 34 a 40 palmos de quilha e 14 a 16 palmos de bôca e possuindo maior pontal a vante do que a ré; apparelhando com um unico mastro e verga, munida de uma grande véla latina. A lancha poveira tambem é movida a remos, com *tolête* na borda da embarcação e chapuz com fulcro na haste do remo, contando vulgarmente quatro a seis remos por banda. São estas

embarcações de uma construcção muito simples, formadas de braço e caverna tosca, com o tabuado do forro de madeira da terra, pregadas a cobre, e apesar da sua simplicidade são muito fortes, pois que resistem, durante alguns annos, á faina diaria de encalhar na praia e deitar ao mar, sem que a sua fórma soffra sensivel alquebramento. Com respeito ás suas condições nauticas, são estas embarcações muito *boieiras,* em virtude da sua leveza e da fórma muito aberta que têem para cima, e deslisam com facilidade e presteza sobre as aguas, tanto á véla, como a remos, podendo ser consideradas boas unicamente para a pesca costeira.



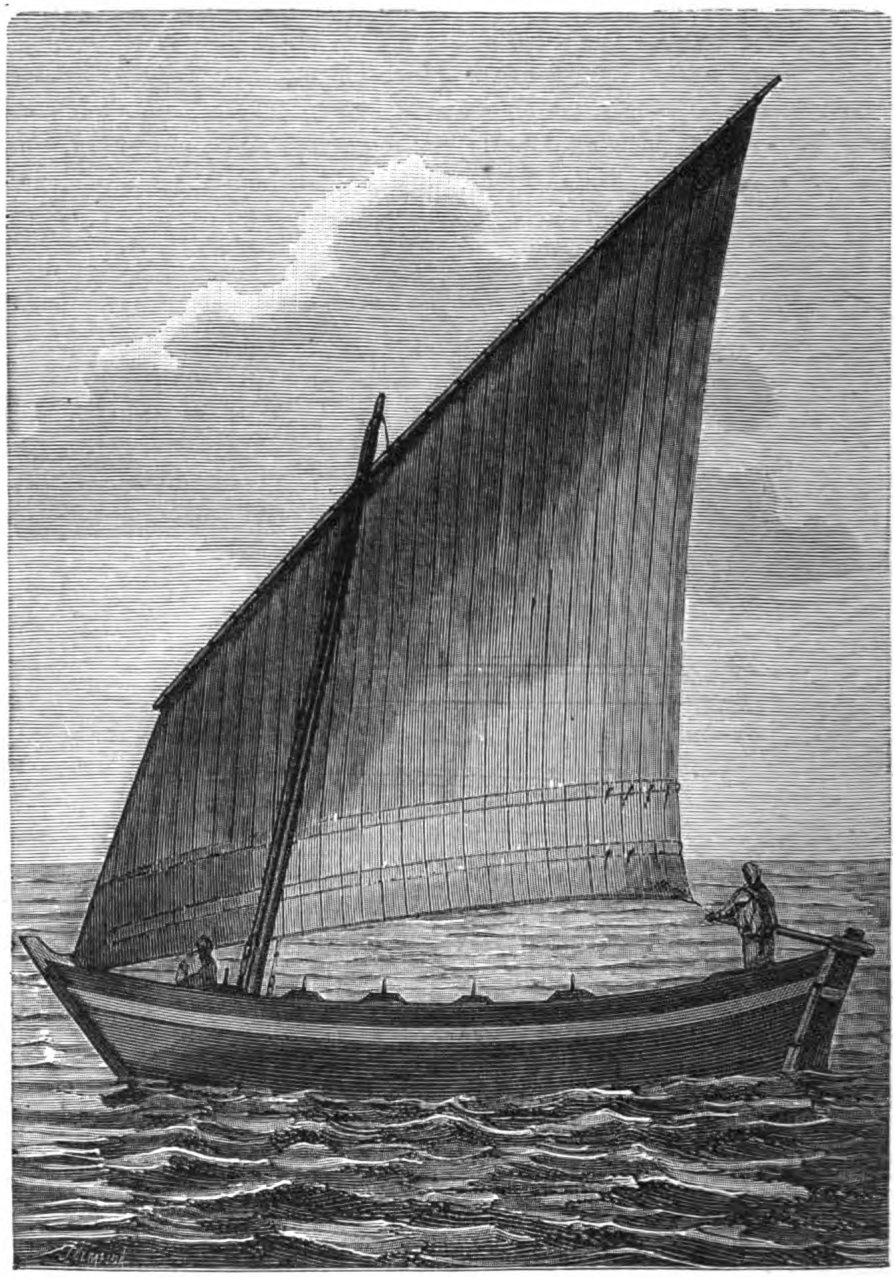
Lancha do alto do porto de Caminha

Estas embarcações importam em 100$000 a 120$000 réis; não entrando, é claro, a palamenta, mastro, véla e cabos; o que corresponde ao custo de construcção de 3$000 réis por palmo de quilha.

O numero de tripulantes que formam a equipagem de uma lancha poveira do alto, varia entre 18 e 25.

Para a manobra de varar em terra as lanchas, usam de uma talha, que engata em um estropo passado em um furo do cadaste da embarcação, e que tem volta em uma estaca cravada na praia.

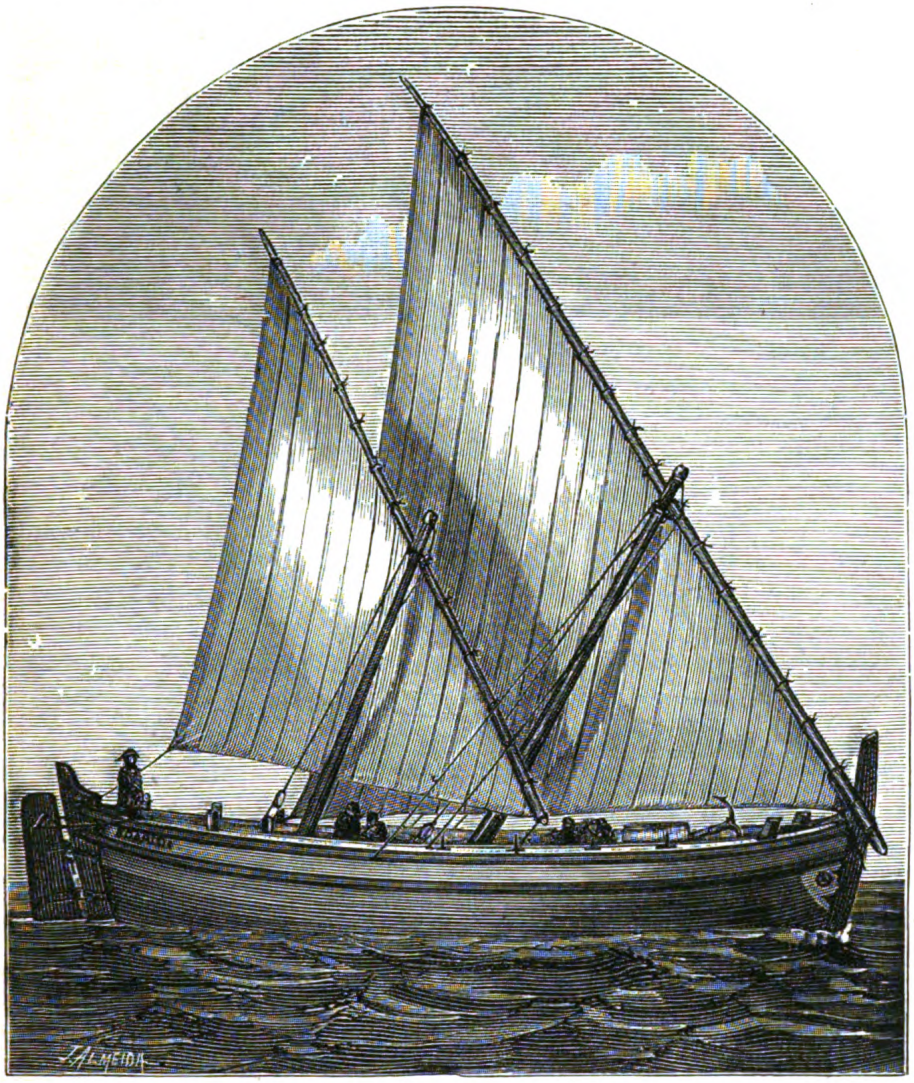
Tambem empregam o molinete, ou *carro,* para a suspensão das redes da pescada e das rascas, apparelhos estes que exclusivamente empregam



Lancha do alto Poveira

na pesca do alto, a qual n'esta região maritima do norte se limita ás redes de enmalhar e aos apparelhos de anzol.

Como vimos, do Douro para o sul, não ha portos que enviem embarcações para a pesca do largo, senão a começar em Buarcos, facto de que resulta só aqui apparecer um outro typo de lancha do alto.



Barco da pescada de Buarcos

O *barco da pescada* de Buarcos, como lhe chamam na localidade, é uma grande embarcação aberta, de borda alta, tendo duas pequenas toldas, uma a vante e outra a ré, apparelhando com dois mastros e duas vélas latinas. O mastro de prôa, o maior e mais forte, tem o pé a meio da embarcação e pende muito para vante, desviando-se uns 30° da vertical; n'elle iça a grande verga do traquete latino d'estes barcos, que vem caçar quasi á

poupa, e assenta a amura na roda de prôa junto á borda, onde descansa o carro da verga.

Cahique de Peniche

O mastro de ré, no qual apparelha uma outra véla latina, tambem é inclinado para vante, desviando-se uns 20° da vertical, mas é menor do que o do traquete.

A prôa d'estes barcos é redonda; o leme manobra-se com *gualdropes;* usam-se os remos, quatro por banda, quando ha calmaria ou para demandar o varadouro; e o typo geral do barco faz lembrar um pouco as antigas rascas de pesca.

São embarcações fortes e veleiras, mas muito enxovalhadas pelo mar, quando a vaga é alterosa, e as suas duas toldas abertas para meio do barco, pouco resguardo proporcionam á tripulação.

Na Nazareth usam-se para a pesca do alto grandes lanchas abertas, como as do typo da Povoa de Varzim, a que os pescadores dão o nome de *catraios,* não apresentando comtudo differenças taes que possam constituir um typo especial.

É em Peniche que apparece um modelo original de barco do alto, que denominam *barcos da sacada,* typo similhante ao cahique, mas de uma construcção mais singela.

O cahique de Peniche tem convez corrido, com quatro escotilhas de serventia; a de vante, por ante a ré do mastro do traquete; a escotilha grande, por vante do mastro de ré, e entre este e a poupa, duas, sendo a ultima em fórma de *gaiúta.*

O mastro de prôa, situado muito a vante, é inclinado n'este sentido uns 15° e apparelha com um grande bastardo; o de ré, muito distante do primeiro, inclina ligeiramente para a poupa, e sustenta um outro bastardo; as vergas das duas vélas içam por bordos oppostos em cada mastro, tanto para a navegação de bolina, como para um largo ou á poupa, preparando em cruz, como se diz em linguagem maritima.

O casco é muito elegante; a roda de prôa recolhe um pouco em cima; a poupa é fechada; o leme é manobrado com canna; póde deitar tres remos, um por bombordo e dois por estibordo; e possue á prôa um gaviète para a manobra das redes.

Esta embarcação de Peniche, offerece muito maior segurança para a navegação do largo, do que as que temos descripto, pertencentes aos portos do norte, variando a sua tripulação de doze a quatorze homens.

Vamos agora tratar de um typo de embarcação de pesca do alto, que foi antigamente muito usada, mas que hoje desappareceu completamente; referimo-nos á *rasca* da Ericeira, Figueira da Foz e Vieira, o verdadeiro modelo de embarcação de pesca, segura e veleira, que teve um grande reinado no periodo da maior prosperidade das pescarias nacionaes, mas que foi pouco a pouco acabando, seguindo a par da decadencia d'esta industria, transformando-se por ultimo em embarcação de carga para a navegação de cabotagem, e que por fim, ha uns vinte annos, desappareceu

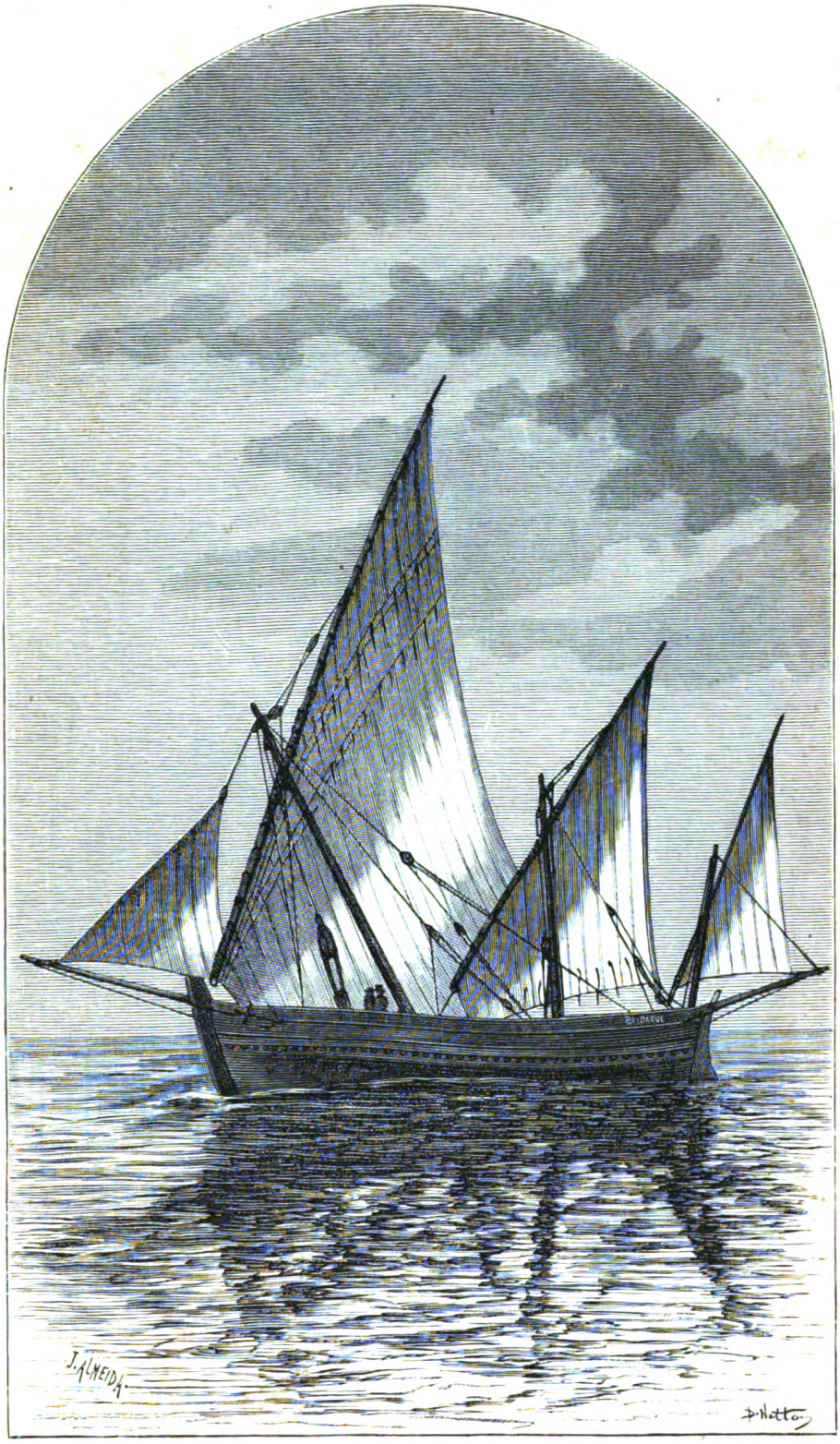
com o apodrecimento das ultimas ossadas que ainda restavam enterradas nas areias e lodos dos portos.

A *rasca* era uma embarcação de borda alta, poupa redonda e prôa arrufada; com convez corrido de vante a ré; cingida em volta do costado por um espesso cinto, com pregos de cabeça prismatica, saliente; casco maior do que o dos modernos cahiques, e apparelhada com quatro vélas latinas triangulares: traquete, véla grande, véla de prôa e catita, exigindo uma tripulação numerosa para a manobra d'estas vélas.

Antiga rasca da Ericeira

O mastro do traquete acunhava o pé quasi a meio navio, e pendia para vante uns 25°; o de ré, situado a meia distancia entre o do traquete e a poupa, era menor e vertical; lançava pela prôa fóra um pau para amurar a véla de prôa; e tinha a ré encostado á amurada um pequeno mastro, para içar a verga da catita, que caçava no laes de um pau deitado pela poupa, servindo de retranca.

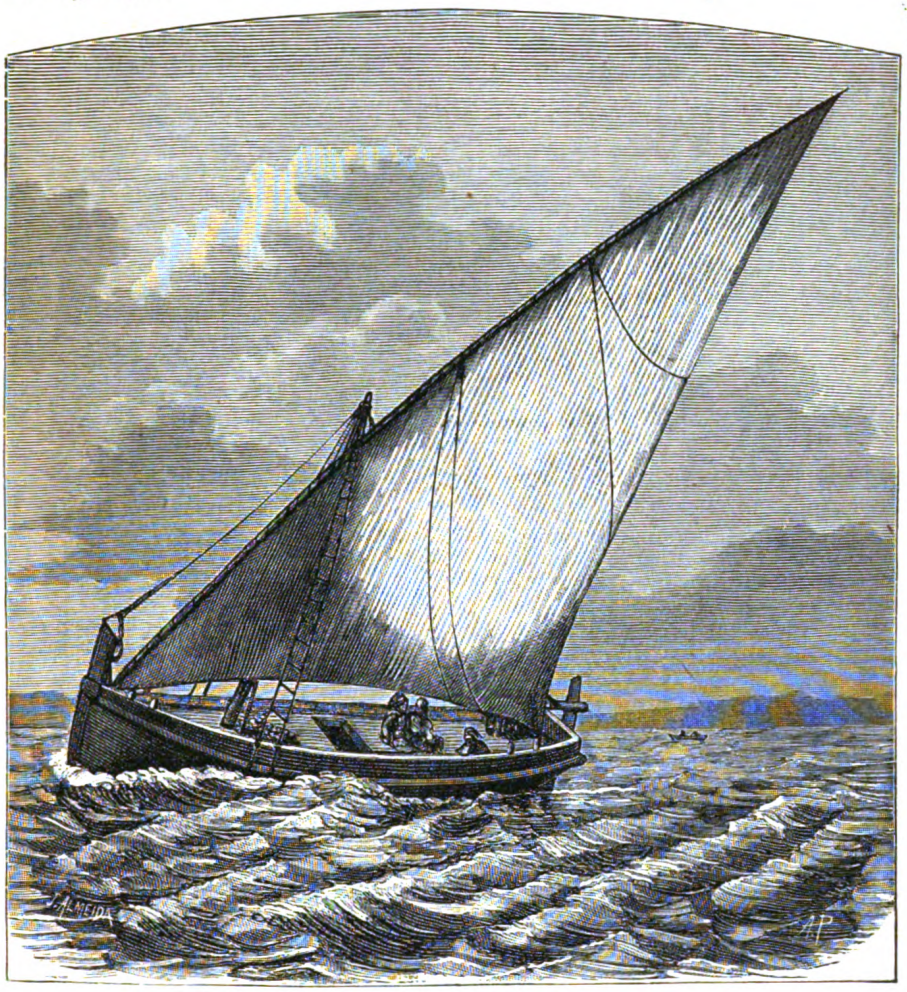
A figura mostra a elegancia do apparelho das antigas rascas, que, cobertas de velame, singravam velozmente as aguaș, chegando-se excessivamente ao vento, e aguentando com segurança as borrascas do oceano.



Rasca de pesca

Nos portos de pesca do alto, de Lisboa para S. e na costa meridional do Algarve, usam-se para a pesca do largo os cahiques e as canôas.

Os cahiques têem todos tolda corrida e apparelham com duas vélas latinas triangulares, differindo, nos diversos portos da costa do reino, apenas na arqueação.



Canôa do alto com coberta

As canôas possuem uma unica véla triangular e ou têem tolda corrida ou bailéus, mas em qualquer dos casos são seguras e veleiras.

As canôas não se empregam exclusivamente na pesca, mas tambem no transporte da pescaria de uns para outros portos e das embarcações de pesca para a terra, como acontece no porto de Lisboa, onde recebem o nome de *enviadas, canôas da picada*, etc., e na costa do Algarve, onde são chamadas *andainas*.

Os pescadores de Belem empregam na pesca do alto uma canôa aberta, do typo dos botes catraios do Tejo, mas muito maior, sendo ainda as-

Canôa do alto com bailéus

sim arriscada a navegação d'estas embarcações relativamente pequenas, que sáem a barra de Lisboa e vão até grande distancia, para oeste do Cabo da Roca, exercer a sua industria.

Embarcações identicas usam os pescadores de Cezimbra e Setubal para a pesca do largo.

Recapitulando, vê-se que para a pesca do alto, exercida pelos pescadores dos portos do continente do reino, ha sete typos differentes de embarcações, não contando com a rasca, que já não existe, nem com os vapores que recentemente fazem a pesca ao arrasto, unica em que se empregam as embarcações movidas a vapor.

Canôa do alto de Belem

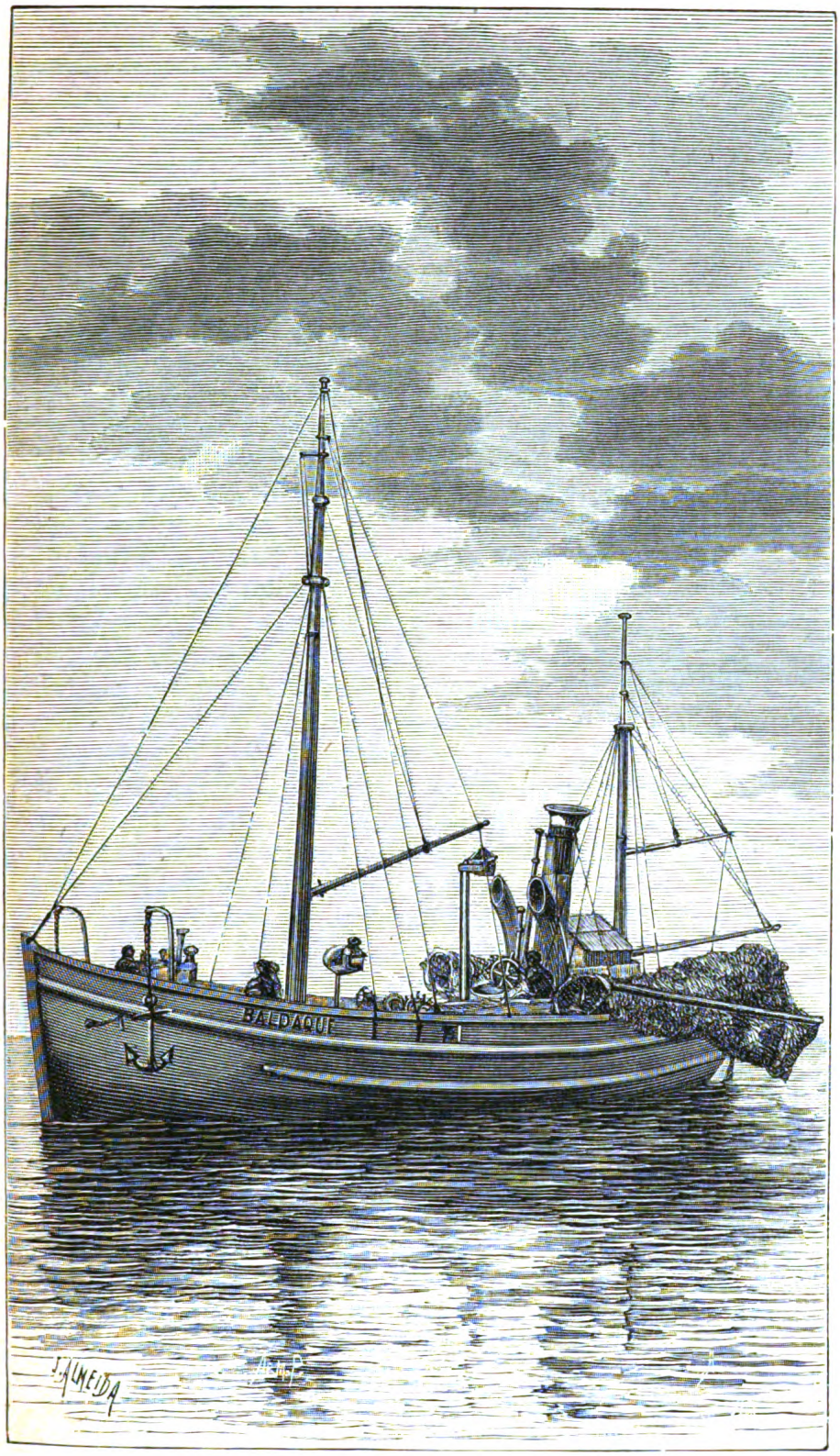
D'estes sete typos differentes, quatro offerecem condições regulares de segurança, que são: cahique e canôas, com coberta ou bailéus, de Lisboa, Setubal, Cezimbra e Algarve, cahique de Peniche e lancha de Caminha; e os tres restantes: lancha poveira, barco de Buarcos e canôas abertas, são improprias para arrostar com a navegação do largo; o que até certo ponto explica a frequencia de sinistros, que se dão com as embarcações d'estes tres ultimos typos, e o não accusarem os registos dos naufragios, ha muitos annos, um caso grave dado com os quatro primeiros.

Sobre os barcos a vapor empregados em alar a reboque as redes de arrastar pelo fundo, não differem elles das embarcações de reboques movidas a vapor que se usam na marinha mercante, se exceptuarmos as condições internas, apropriadas á manobra da rede, e á utilisação do vapor para os trabalhos de deitar e suspender o apparelho de pesca.

Cabe n'este logar transcrever o que estabelece o § unico do artigo 180.º do regulamento das capitanias, de 1 de agosto de 1884: «não será matriculada embarcação alguma de pesca sem que satisfaça ás condições de solidez e segurança indicadas pela exploração a que se destina, tendo todo o seu

Canôa de Cezimbra e Setubal

apparelho, panno, ferros, amarras, palamenta e utensilios, ou aprestos piscatorios no melhor estado de conservação e arranjo: as do alto mar devem ter coberta corrida; e, pelo menos, meia coberta a vante e a ré as das costas e barras. Estas condições serão verificadas por uma vistoria



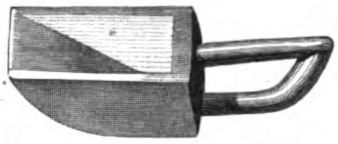
Vapor de pesca com arrasto

conforme o disposto para as outras embarcações, entrando no numero dos peritos um mestre da especialidade.» É pois para lamentar que providencias tão importantes e dictadas por uma lei, não sejam cumpridas pelas auctoridades maritimas.

*
* *

Embarcações de pesca maritima costeira.—Para a pesca nas aguas jurisdiccionaes do continente do reino, exercida desde a linha do litoral até ao limite exterior convencional, situado a distancia não muito grande da terra, empregam-se embarcações de typos muito variados, segundo o genero ou systema de apparelhos com que têem de funccionar e as differentes regiões do paiz, apresentando em geral estas embarcações qualidades nauticas inferiores ás da pesca do alto, porque podem mais facilmente e em menos tempo alcançar os portos, pondo-se ao abrigo da tempestade.

Gruparemos estas embarcações em cinco classes diversas, correspondentes aos differentes generos de pesca, que requerem o emprego de muitas embarcações ou apenas o de uma só, pescando isoladamente, attendendo ainda ás principaes artes de pesca do paiz, e descreveremos assim: as embarcações usadas na arte de galeão; nas armações fixas de atum ou sardinha; nas artes de arrastar para terra; nas redes de alar a reboque; e nos outros typos diversos de redes ou apparelhos de anzol; para cada um dos portos do continente do reino em que sejam differentes.

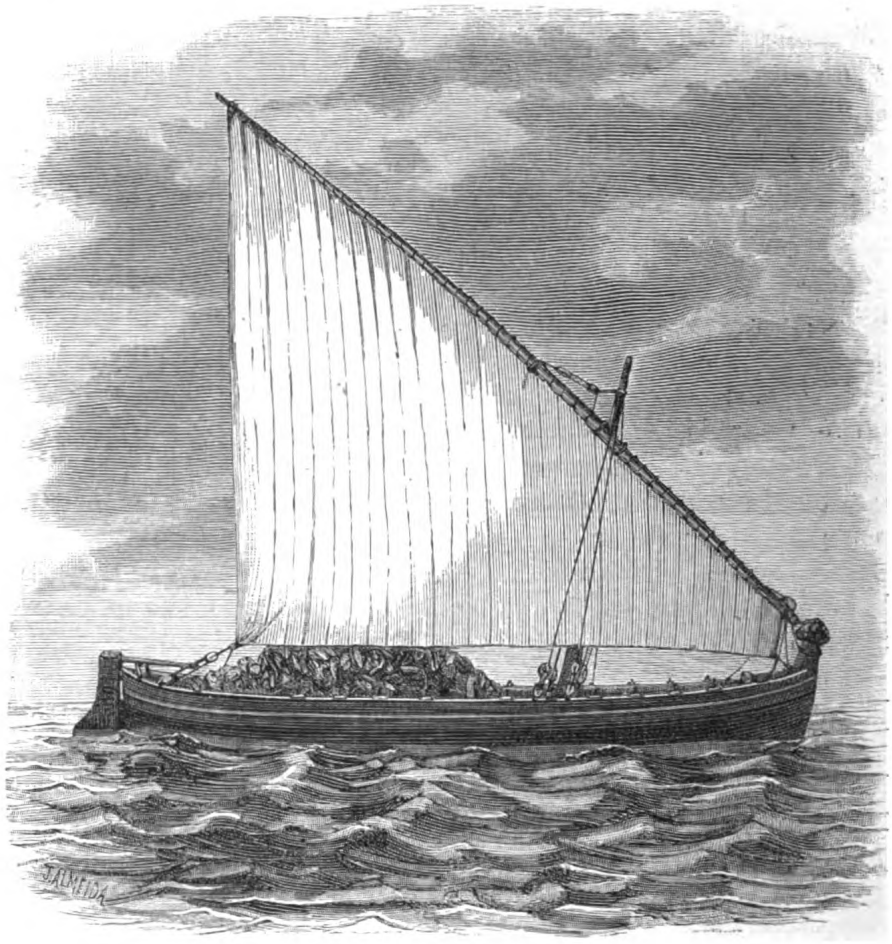


Vertedouro vulgar

Muitos dos typos das embarcações da pesca maritima costeira que vamos passar em revista, são genuinamente nacionaes, outros porém participam da influencia das artes de pesca das nações vizinhas, d'onde foram importados, conjunctamente com o processo da exploração, ou pela simples convivencia das classes pescadoras, as quaes tendem quasi sempre a imitar os usos e costumes dos pescadores na companhia de quem andam em differentes temporadas de pesca, quando emigram para outras artes em que os salarios sejam mais vantajosos do que em Portugal, como acontece com os pescadores do Algarve que vão para Hespanha.

A arte de galeão, por exemplo, que tem custado a implantar entre os systemas de pesca nacionaes, é entre nós manobrada por embarcações iguaes ás que usam os pescadores hespanhoes que d'ella tiram grande resultado na pesca da sardinha. Em alguns typos de armações fixas tambem se empregam embarcações de fórma estrangeira, como succede nas artes á valenciana da costa do Algarve. Ainda assim a grande maioria dos barcos de pesca costeira é constituida por typos nossos muito antigos.

Arte de galeão. — Para o lançamento da rede de galeão, já vimos que se empregam seis ou sete embarcações, denominadas: galeão, galeonetes, buques e canôas, desempenhando cada uma um papel differente na manobra do calamento d'esta arte de pesca, que entre nós está pouco generalisada. No transporte da pescaria, com o nome de *acostados,* aproveita-se qualquer embarcação em condições de receber carga.

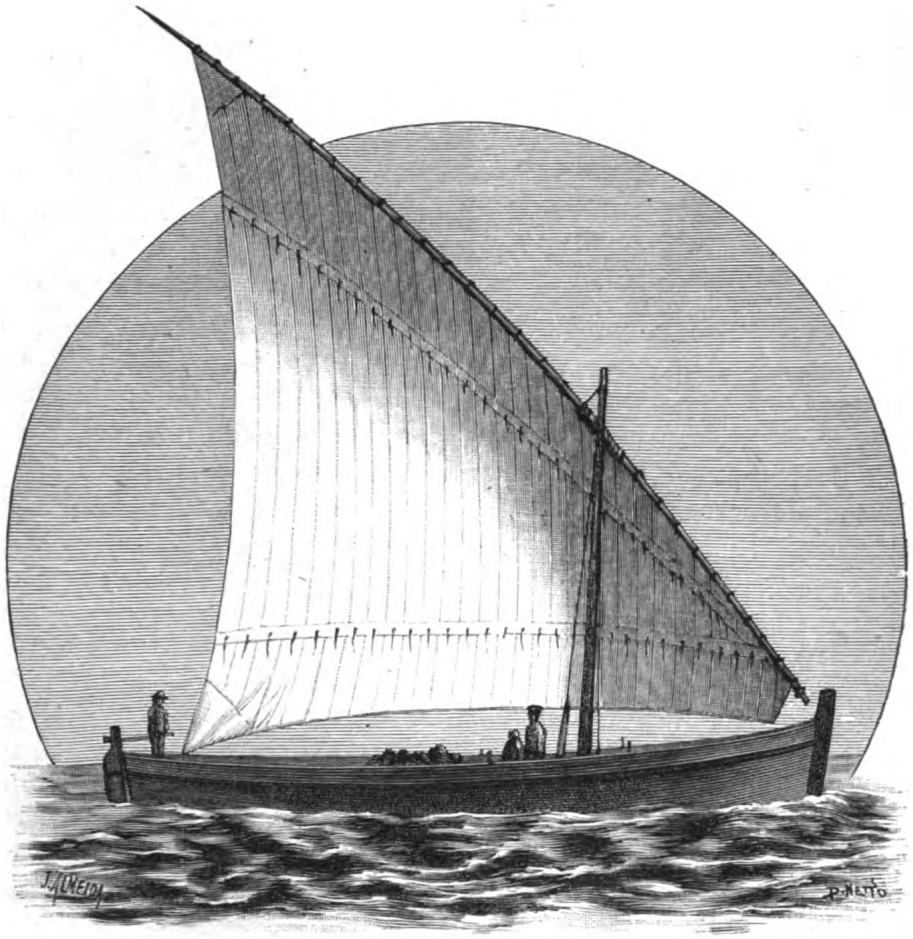


Galeão

O galeão é uma embarcação de coberta, que mede 16 a 20 metros de comprimento, 3 a 4 metros de bôca, e $0^{m},9$ a $1^{m},5$ de altura, entre a face superior da caverna e a braçolla da escotilha, e que conduz a rede.

Apparelha com um unico latino triangular, que amura junto ao bico de prôa e caça á poupa, içado em um mastro inclinado para vante. A prôa do galeão é direita e arrufada.

O galeonete é uma embarcação do mesmo typo e apparelho, mas menor e que algumas vezes substitue o galeão, calando ao mesmo tempo outra arte de igual systema, quando a grande affluencia de pescaria requer maior intensidade na exploração; geralmente, porém, o galeão pequeno acompanha o outro, coadjuvando-o na faina e desempenhando o serviço para que se precisa uma embarcação de mais porte.

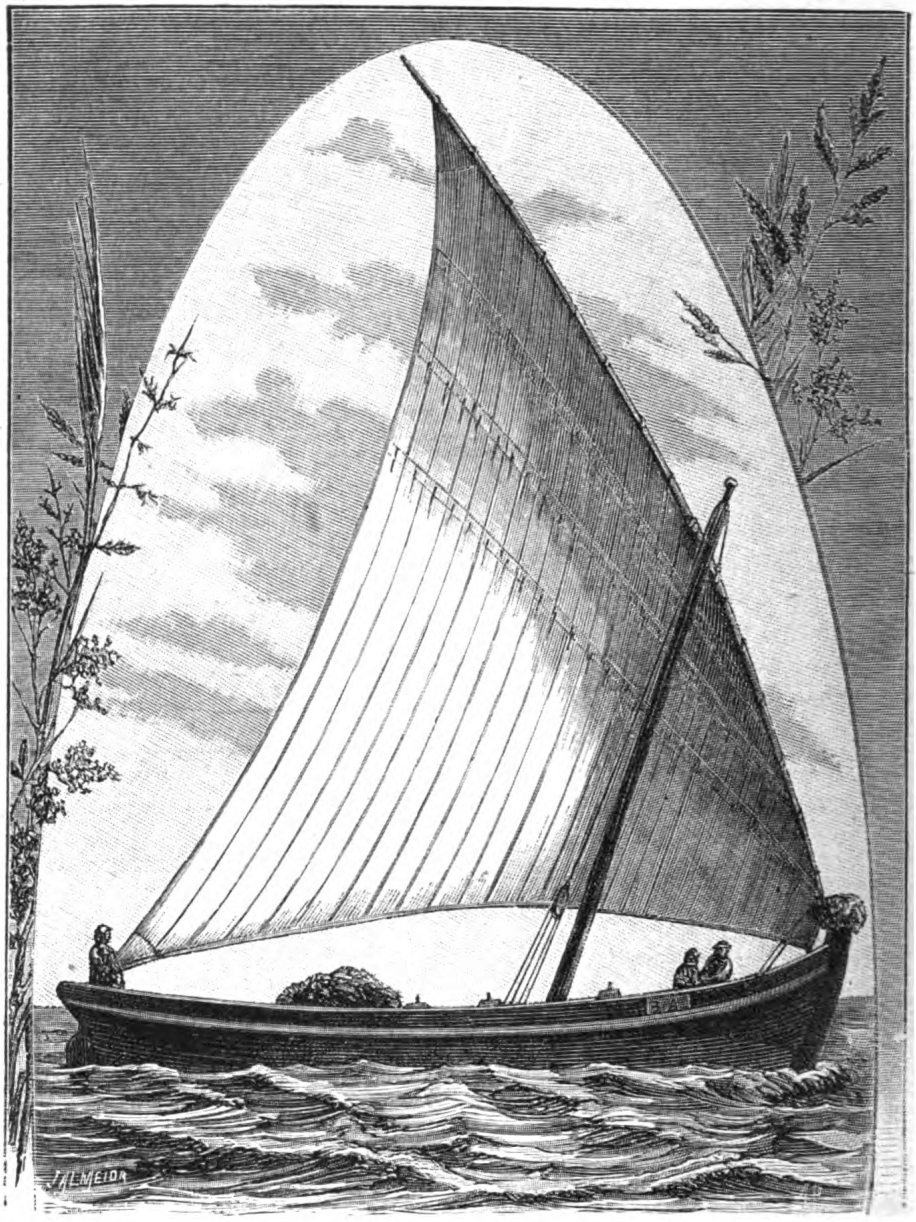


Galeonete

A tripulação do galeonete não é permanente, destacando d'elle para qualquer dos acostados o numero de homens necessarios para os diversos trabalhos de pesca, conforme as circumstancias de momento e as condições maritimas do calamento da arte. O galeonete iça um grande bastardo e tambem se póde mover a remos nas occasiões em que tem de cercar com a rede.

O buque tem a roda de prôa curva, é mais raso e não tem coberta.

Esta embarcação, cujo nome é de origem hespanhola, é uma das que mais concorre para a operação do lançamento da arte de galeão, porque

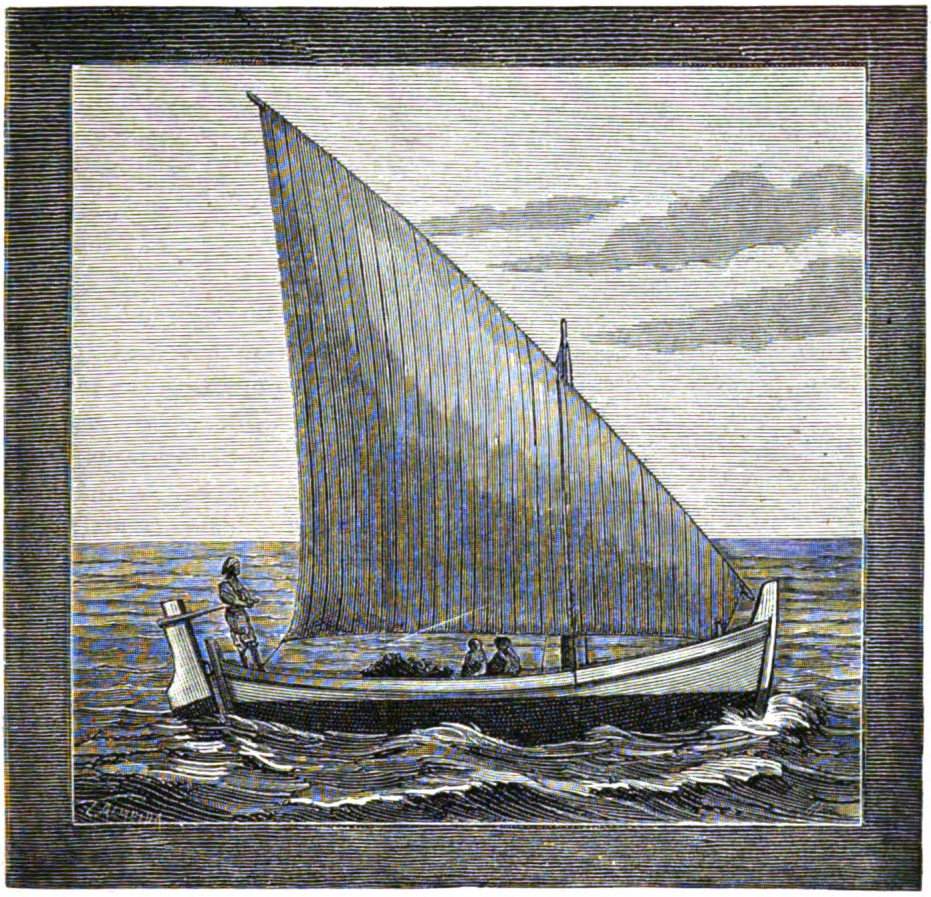


Buçue

fundeada sobre o ferro do *retador* fórma por assim dizer a chave do systema, velando pela segurança do lanço.

A canôa é tambem de bôca aberta, prôa direita e poupa levantada.

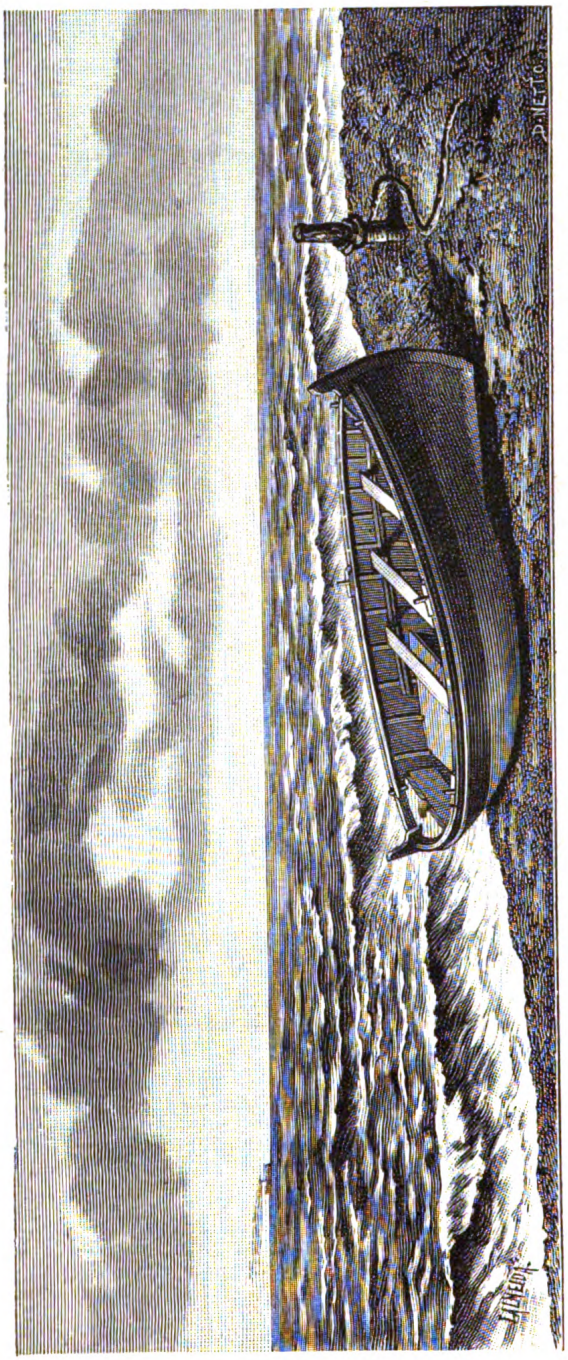
Constitue esta embarcação um accessorio da arte, empregando-se, não só no transporte da pescaria, como tambem nas communicações com a terra todas as vezes que os barcos do galeão ficam fóra do porto. A canôa é uma embarcação ligeira, propria para destacar do grupo das que cooperam no calamento da arte e desempenhando o papel de *aviso* ou *alviçareira,* como dizem os maritimos na sua linguagem particular.



Canôa do galeão

São estes os typos caracteristicos das embarcações que acompanham o galeão, mas outros se podem tambem empregar para o mesmo fim, comtanto que reunam como condições nauticas o serem fortes, resistindo bem ao mar, e véleiras, porque dependendo esta arte da grande mobilidade, com que é preciso mudar de posição, para cercar o cardume das sardinhas, logo que d'elle haja indicios, requerem como primeira qualidade o bom andamento.

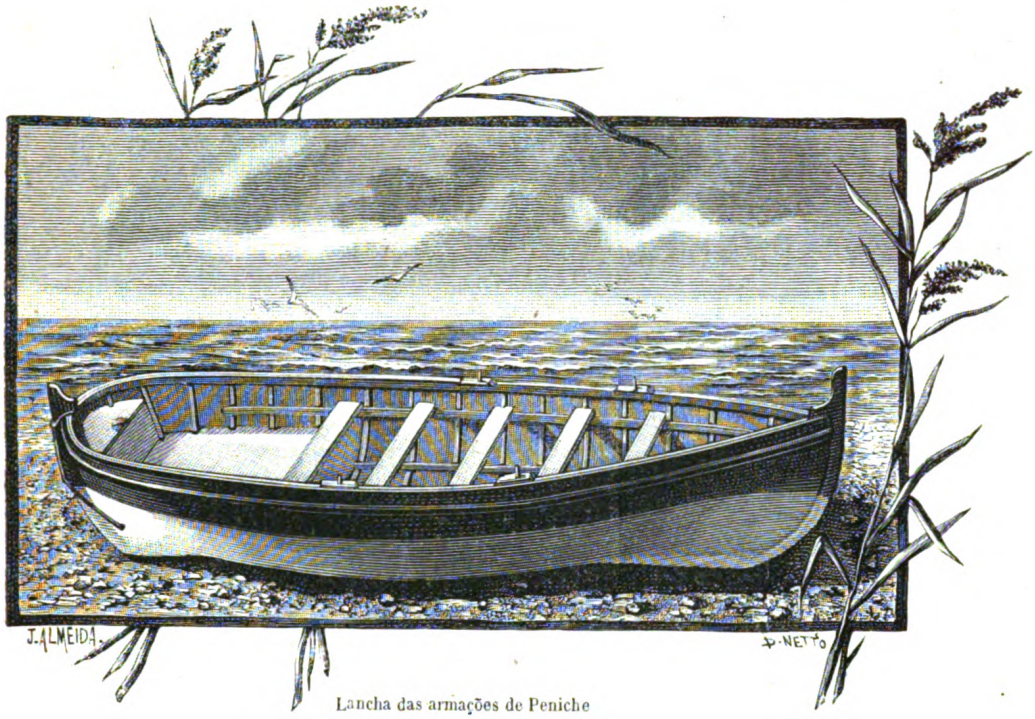
Armações fixas de atum e sardinha. — A faina de uma armação fixa de atum ou de sardinha requer o concurso de grandes embarcações abertas, não só para a conducção e manobra das redes, como tambem para o transporte da grande massa de pescaria, que quasi sempre constitue o lanço de um apparelho d'este genero.



A costa em que primeiramente se adoptou o systema da pesca com armações fixas, tanto para o atum como para a sardinha e carapau, foi a costa meridional do Algarve, na qual as antigas *almadravas* e *almadrabilhas,* de origem arabe, segundo as mais authenticas tradições historicas, empregavam embarcações dos typos da mesma origem, que pouco a pouco foram soffrendo modificações na construcção, dando ainda a fórma do *calão* perfeita idéa do typo primitivo. Mais tarde estendeu-se este processo de pesca á enseada de Setubal e á de Peniche, usando-se já outro typo de embarcações mais conforme com as dos portos d'esta região do paiz, ao tempo da sua implantação. Hoje em dia, cada uma d'estas localidades emprega um genero ou typo differente de embarcações de pesca.

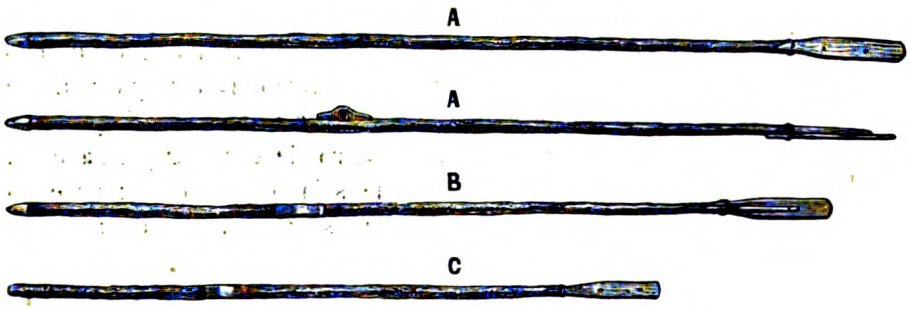
Nas armações de Peniche usam-se as *lanchas* e *bateis,* differindo unicamente no tamanho e em as lanchas terem á ré um estrado, para

sobre elle colherem as redes fixas da armação, nas manobras de lançamento ou suspensão, ou as duas redes volantes para a faina de encantar.



Lancha das armações de Peniche

Os bateis são destinados principalmente para o transporte da pescaria a granel, ou em canastras, e são movidos sempre a remos; o seu typo vê-se na figura da pagina anterior. Os remos d'estas embarcações vão representados nas figuras seguintes pelas letras *A, B, C.*



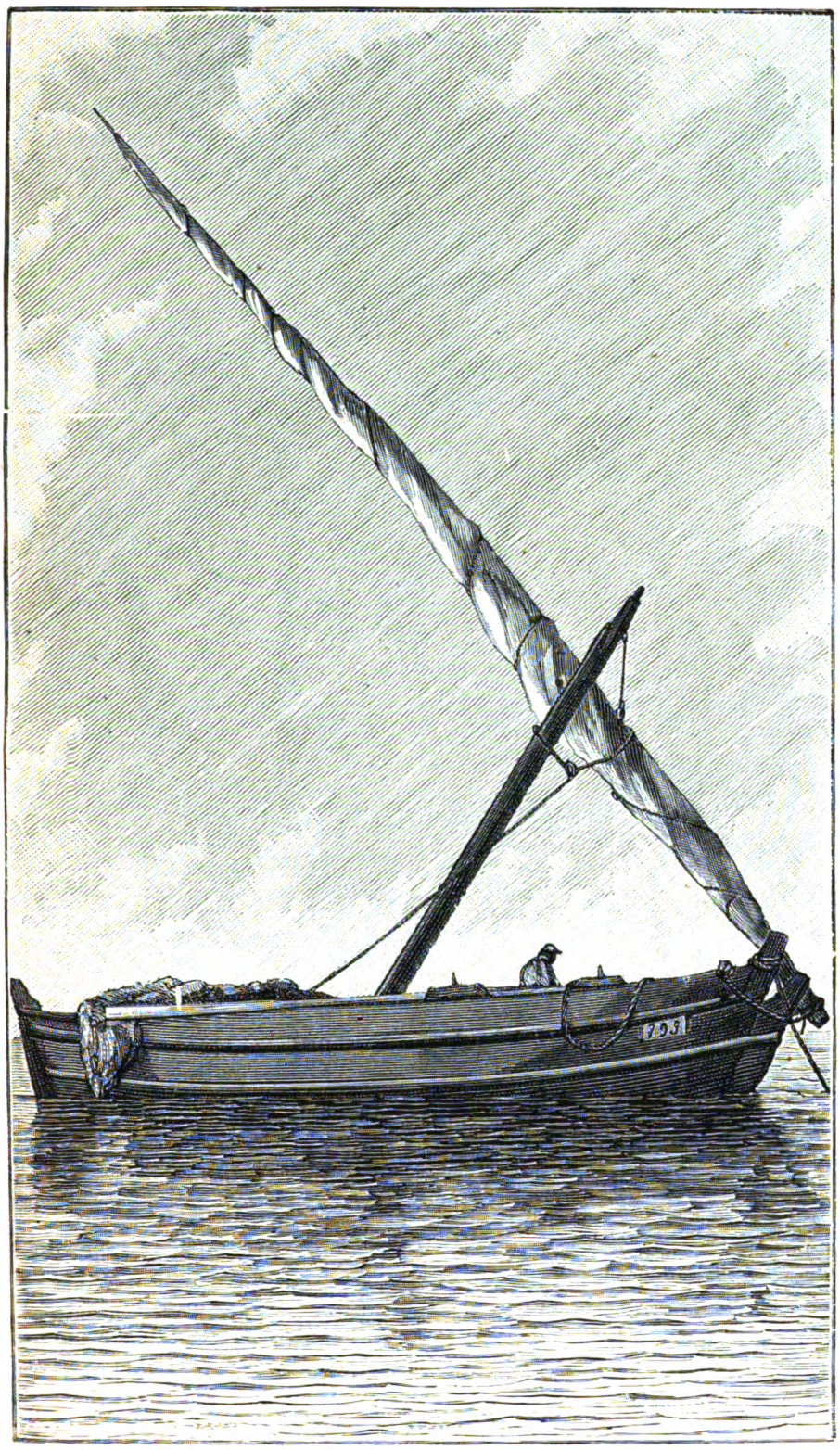
Remos das lanchas e bateis de Peniche

Nas armações da enseada de Setubal empregam-se embarcações, differentes das anteriores, a que dão o nome de *barcas.*

A *barca da testa* tem dois gaviêtes, um á prôa e outro á poupa, onde passam os cabos de suspensão da rede da testa da armação; é sempre uma embarcação grande e de construcção forte.

Barca da testa das armações

Depende a segurança da armação, na faina do levantamento do copo que contém a pescaria, das condições d'esta grande lancha que aguenta o grande peso da rede da testa, quando cheia, e alem d'este importante papel, ainda representa a barca da testa outro de caracter permanente, ficando sempre no seu posto qualquer que seja o estado do mar e do tempo. É n'esta embarcação que costumam estar as vigias da armação e é n'ella tambem que se collocam as luzes de signal durante a noite. Geralmente é movida a remos, mas tambem apparelha com vêla triangular latina, na epocha do lançamento da armação, conduzindo o material mais pesado, como ferros, amarras, redes, etc., que de terra vae para o local onde foi dada a concessão de estabelecer o apparelho fixo d'este genero, ou quando mais tarde se procede ao desmancho da armação.



Barca das armações de Setubal

A *barca das portas* tem um estrado no fundo em todo o comprimento, a um dos bordos, para a tripulação prolongar com a borda e levantar a rede do chão do copo na occasião de copejar. Esta embarcação tambem é de grande porte, porque é n'ella que se executa a principal manobra do levantamento do chão do copo, e na qual está a maior parte da companha

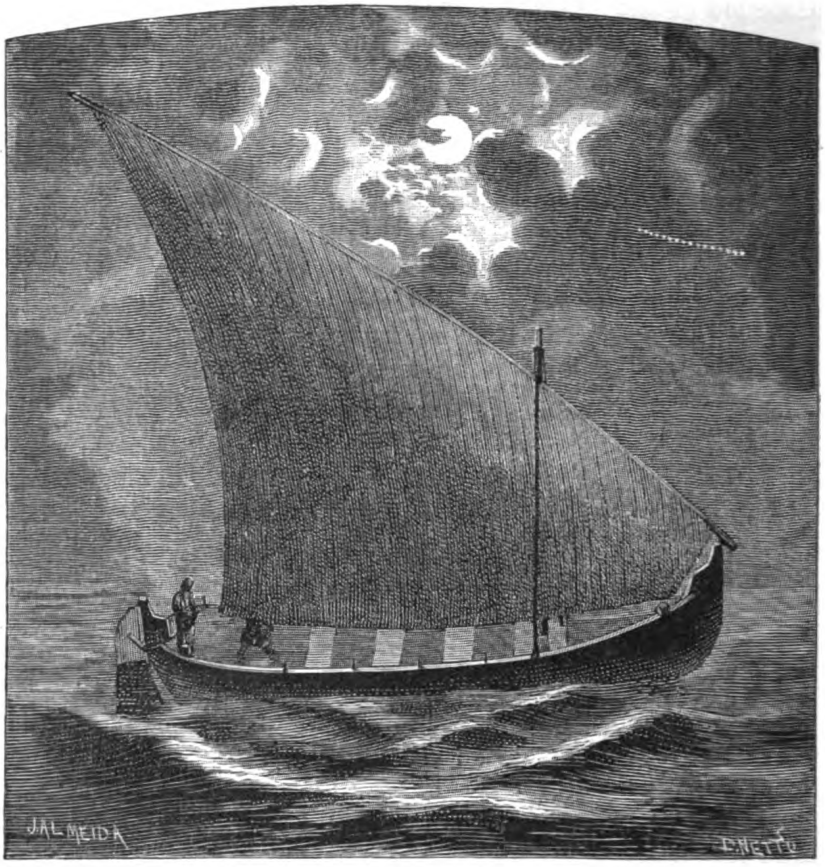
Barca das portas das armações de Setubal

da armação durante a faina da pesca. Move-se tanto a remos como á véla, e retira geralmente para o porto, saindo para o mar unicamente quando os vigias dão signal de ter entrado pescaria no quadro limitado pelas redes. Denomina-se barca das portas, porque é d'esta parte da armação que ella começa a manobra de enclausuramento e copejação dos peixes que investiram com o vão da bôca e passaram para o bucho do apparelho.

Como já dissemos, a barca das portas principia do lado da testinha a bater a agua, com o fim de afugentar o peixe para o copo, e sómente depois se colloca sobre as portas.

As *barcas da gacha* são menores do que as anteriores.

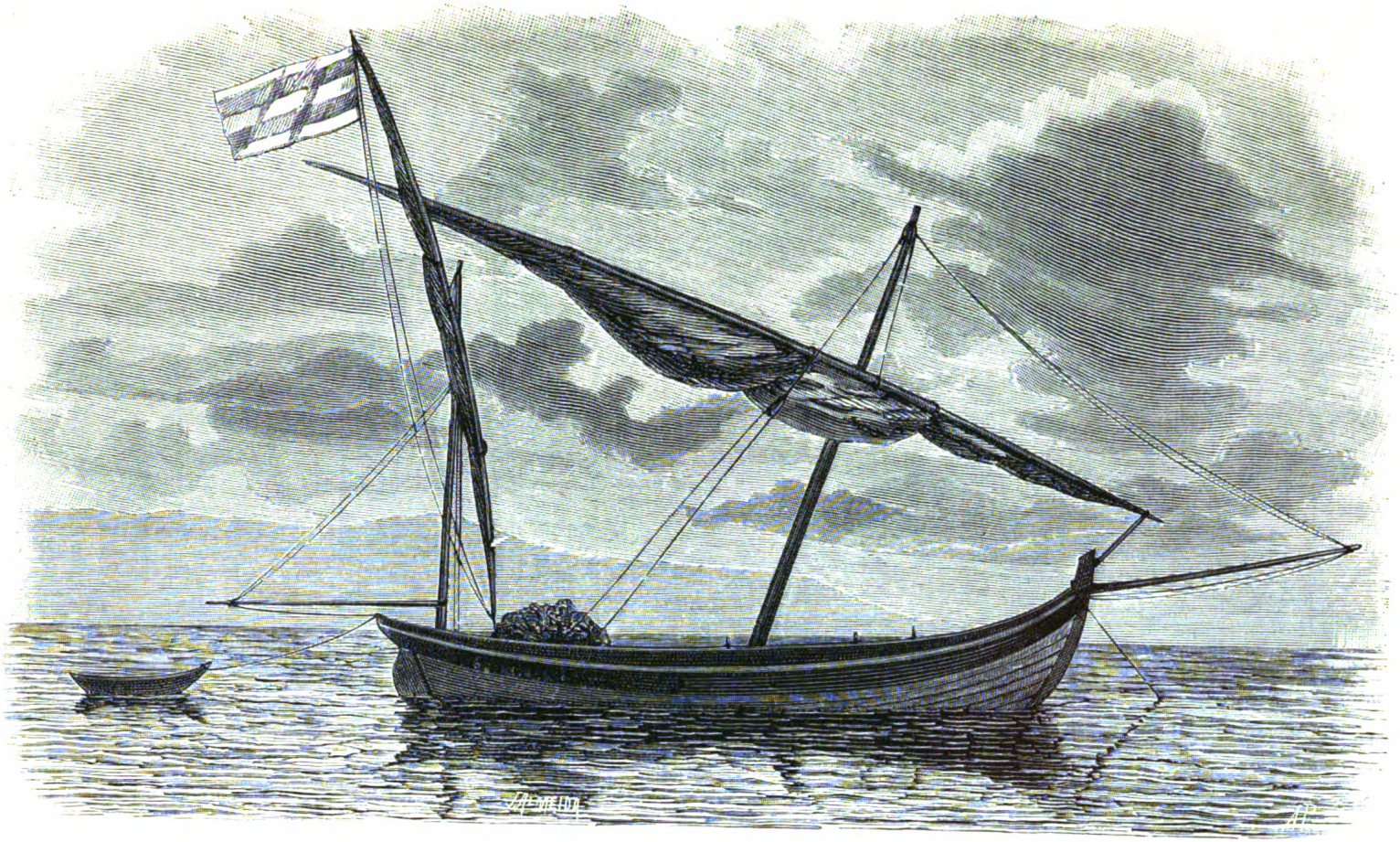
Estas embarcações andam á vela e a remos, apparelhando com uma vela latina envergada ou munida de espicha.



Barca das gachas

São duas geralmente as barcas da gacha de uma armação fixa á valenciana, e tomam este nome d'aquelle por que são conhecidas as redes lateraes do copo do apparelho, que ellas têem de levantar na distribuição dos serviços da copejação do peixe.

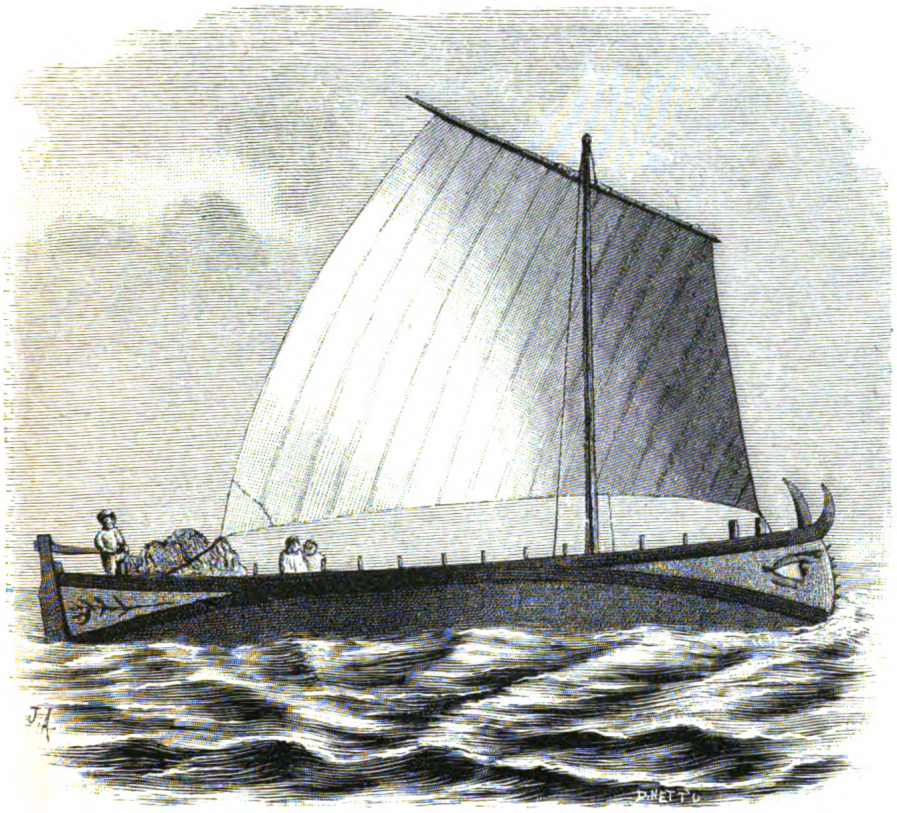
Cada uma d'estas embarcações é tripulada por tres a cinco homens, e alem da parte que tomam na manobra das redes, tambem recebem a pescaria para a conduzirem para o porto. Podem ser consideradas como embarcações mais ligeiras, adequadas á rapida communicação entre a armação e a terra. Tambem as armações á valenciana empregam uma outra embarcação ligeira que denominam *canôa,* e que é do typo vulgar das canôas de bôca aberta.



Laude hespanhol

Nas armações do Algarve usam-se os *calões*, embarcações muito caracteristicas pela fórma da prôa, como vae indicada na figura d'esta pagina.

No transporte da pescaria empregam-se tambem na costa do Algarve os *laúdes* hespanhoes, embarcações muito elegantes e veleiras, cujo typo está representado na estampa respectiva e que pertencem geralmente aos portos de Hespanha nas proximidades do rio Guadiana, para os quaes conduzem a pescaria das armações da nossa costa.

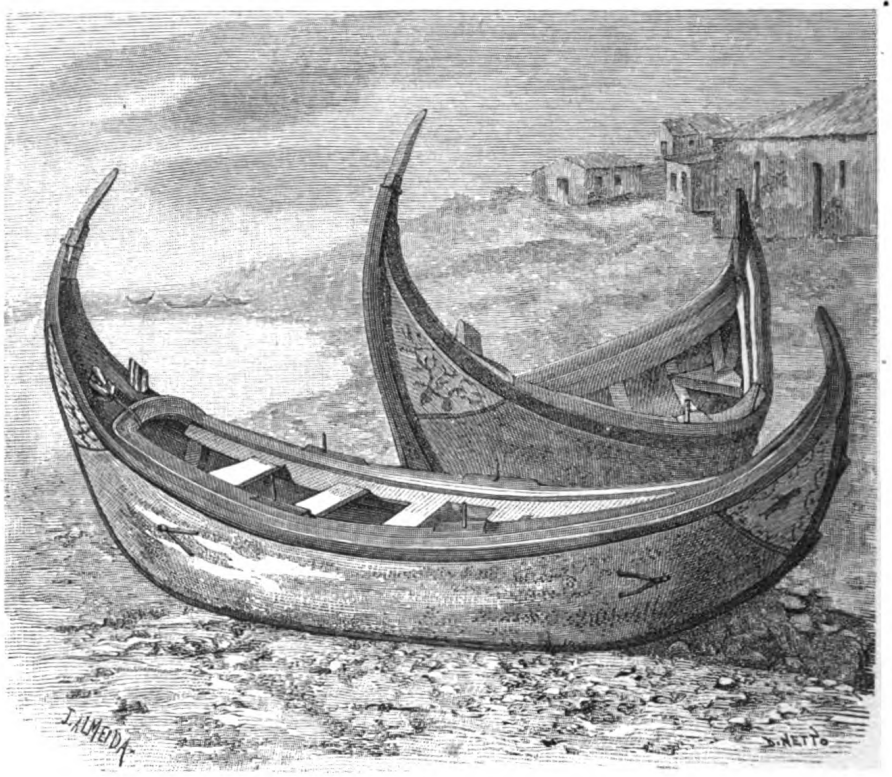


Calão do Algarve

O *calão* das armações é uma enorme lancha de bôca aberta, borda raza e grande numero de bancadas para os remadores; tambem apparelha com véla, quando se emprega na conducção de ferros, amarras e redes entre o local do lançamento e a terra; usa-se igualmente para embarcação da testa das armações, e para a manobra das portas.

Alem d'estes typos conhecidos e vulgares, que acabamos de indicar, ha grande variedade de embarcações de carga e cabotagem, nos portos do continente, que tambem aproveitam as occasiões de affluencia de peixe aos apparelhos fixos para se empregarem no transporte da pescaria.

Artes de arrastar para terra. — Para o lançamento das redes de arrastar para a praia, usa-se na costa occidental do reino um typo de embarcações de fundo chato, com duas prôas em bico revirado, e movidas a remos, que se denominam *saveiros* e *meias luas,* differindo apenas na igualdade ou desigualdade das prôas, que nos primeiros não são iguaes em elevação.



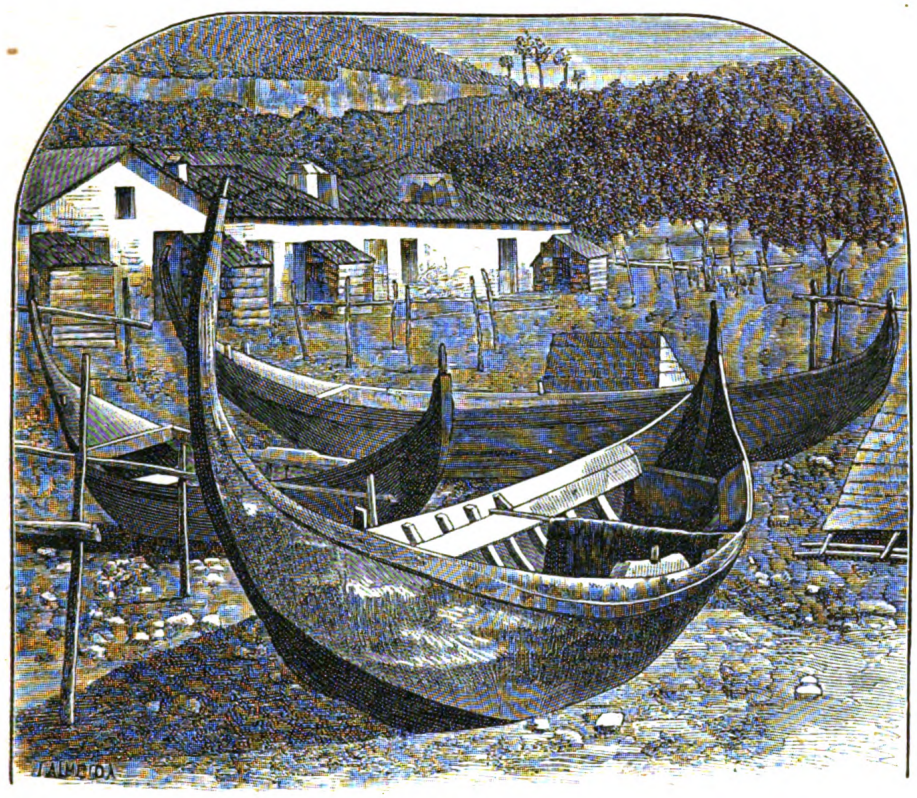
Meias-luas

Começa a apparecer este typo de embarcações, pelo sul da embocadura do rio Douro, nas praias de Espinho, Furadouro, S. Jacintho, Costa Nova, Areão, Mira, Tocha, Quiaios, Buarcos, Lavos, etc., até á praia da Vieira; depois para o sul, sómente se encontra na costa de Caparica, da Galé e na praia de Sines.

Os *saveiros* e *meias luas* são construidos nas proprias localidades, com madeiras da terra, apresentando a sua construcção forte um typo muito antigo e tradicional empregado nas artes da sardinha de arrastar para terra.

De um e outro lado das prôas têem estes barcos umas *femeas* de ferro terminadas em olhal, para n'elle engatar o *macho* do cabo de alar, denominado *boça,* que arrasta a embarcação sobre a areia na manobra de encalhar, feita á força dos braços dos pescadores.

Estas embarcações não se afastam nunca da costa e servem unicamente para conduzir a rede que se lança em semi-circulo em frente da praia, sendo a sua construcção apropriada para a faina de lançamento á agua e encalhe na praia com rolo de mar, resistindo a vagas assás alterosas.



Saveiros

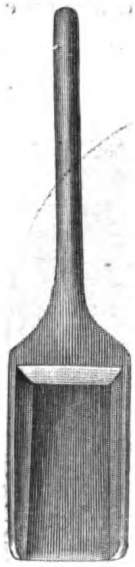
Na occasião de varar estes barcos, usam os pescadores umas varas compridas, denominadas *mulêtas,* que especam ou escoram, a poupa de encontro a uns calços da roda, com o fim de attenuar a força da onda, que

Muleta dos saveiros

tende a inclinar a embarcação no sentido da prôa á poupa, evitando por esta fórma que ella se vire ou atravesse á ondulação, correndo imminente risco de se espedaçar.

Remo dos saveiros

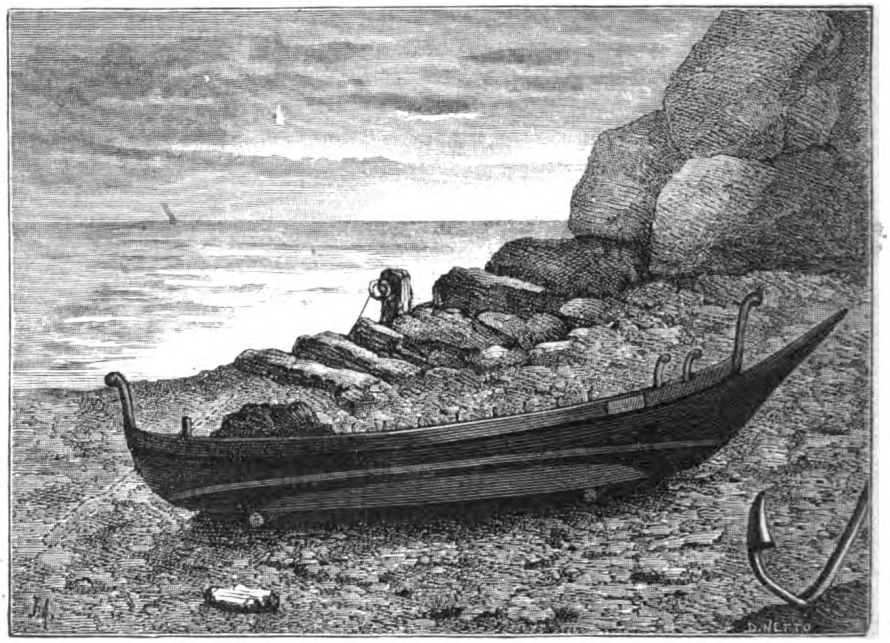
A elevação das prôas abriga o interior do barco das pancadas do mar e a fórma plana do fundo favorece o arrastamento sobre a areia.



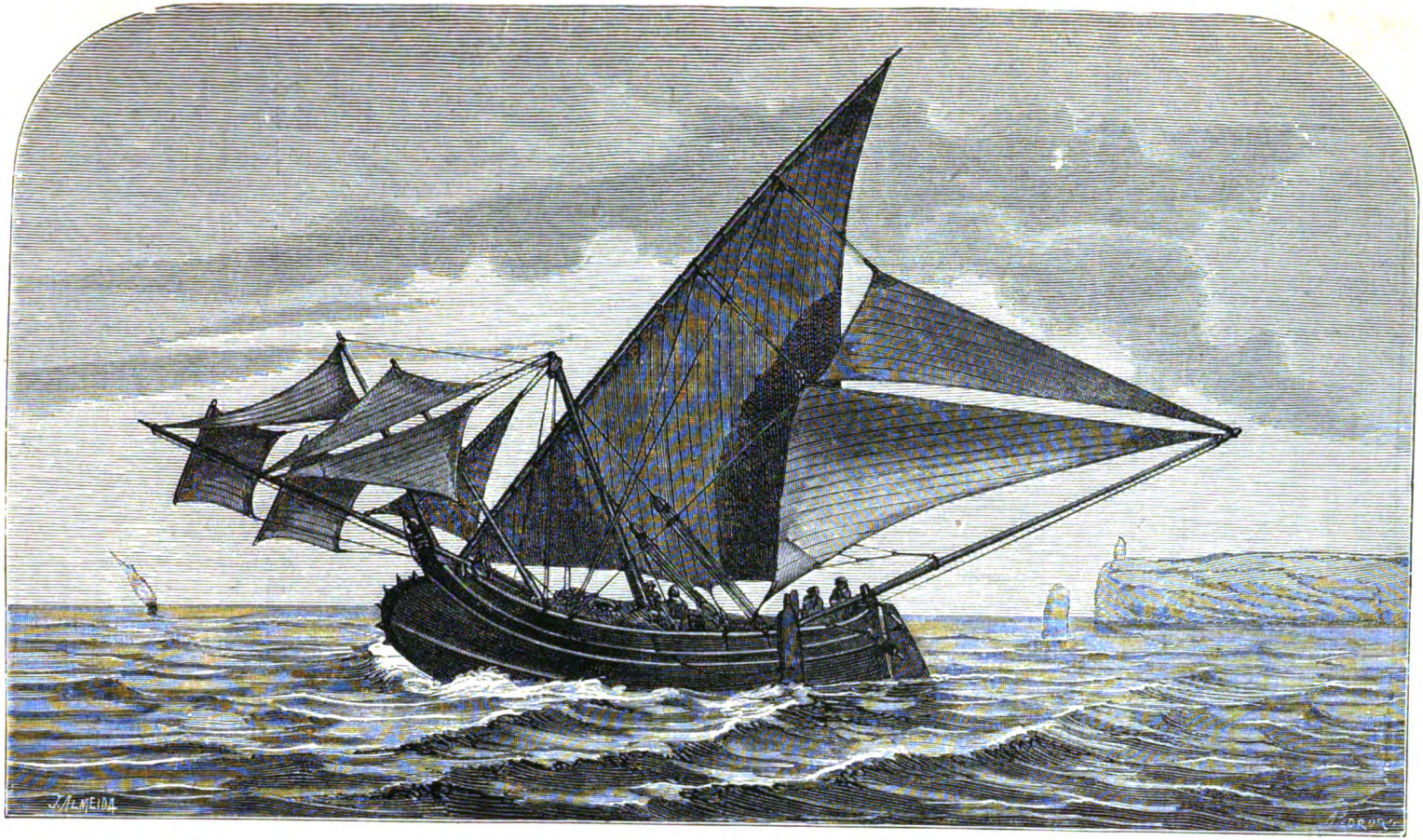
Os remos dos saveiros e meias luas são muito fortes e compridos, demandando cinco a sete homens cada um para ser bem manobrado, o que exige numerosa tripulação para estas embarcações, regulando entre vinte e cinco e trinta e seis homens, segundo as localidades. Os remos têem *cágado* e *tarma* com fulcro e armam em *escalamões* cravados na borda.

As tres figuras do alto d'esta pagina representam em differentes posições, o *vertedouro de cabo,* que se usa para esgotar a agua que entra para dentro do barco, quando algum golpe de mar o alaga, ou quando se procede á baldeação.

Nas artes de arrastar, denominadas xávegas, que se usam na costa do Algarve, as embarcações são differentes das anteriores, como representa a figura respectiva, mas as suas qualidades de segurança são identicas.



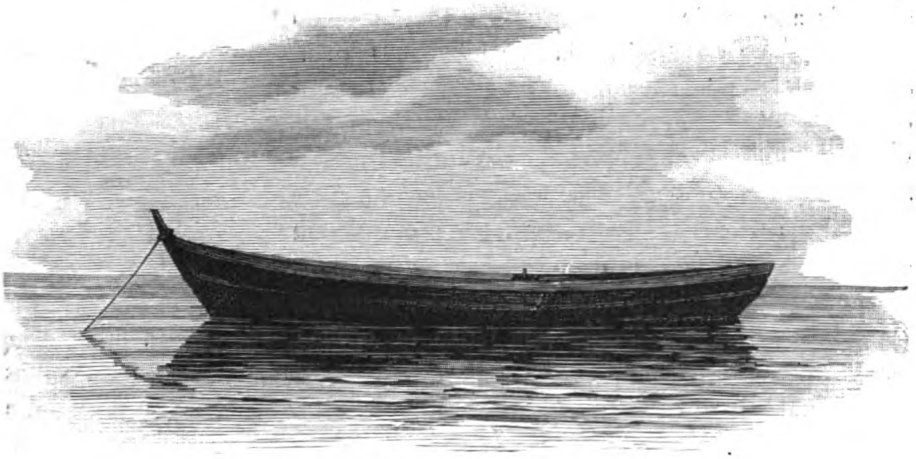
Xávega



Muleta com todo o panno largo

Redes de alar a reboque. — Os dois typos de embarcações empregadas nos apparelhos de arrastar pelo fundo a reboque, são a *muleta* e o *batel*, não nos referindo aos vapores que modernamente exercem esta arte nas aguas maritimas da costa do continente do reino. Já descrevemos a *muleta* ao tratar da pesca fluvial. O *batel* do Seixal é um grande bote, de poupa redonda e prôa levantada, que apparelha com um mastro, inclinado para ré, onde iça uma véla latina triangular, e deitando, tanto a vante como a ré, os dois paus de *bateloz*, como as muletas, nos quaes caçam as vélas de prôa e a varredoura da poupa, e dão volta os cabos de reboque dos extremos das azas da rede.

Apparelhos de pesca diversos. — Começando do norte, encontra-se o primeiro typo de embarcação de pesca costeira nos barcos da Ribeira de Caminha, que servem tanto para a pesca na embocadura do rio Minho, como fóra da barra, nas proximidades da Insua, da qual pouco se affastam.



Barco de pesca costeira de Caminha

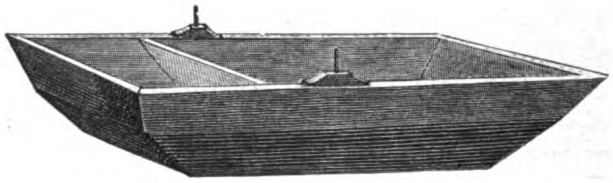
Estes barcos têem de comprimento no fundo cerca de 5 metros, bôca $1^{m},90$ e altura $0^{m},70$.

São maiores e mais alterosos do que os de pesca fluvial, que adiante descreveremos, importam em 12$000 réis, e completos, com palamenta e véla, custam 22$500 réis.

Em 1887 havia em Caminha vinte e cinco d'estas embarcações.

Maceira. — Os pescadores do norte usam muito na pesca costeira, e principalmente na apanha do sargaço, umas embarcações, representadas nas figuras respectivas, se embarcações se podem chamar a uns caixotes rectangulares sem fórma de prôa nem de poupa.

As maceiras deitam-se a nado e encalham-se na praia com extrema facilidade, podendo um unico homem fazer a manobra, em consequencia do pouco peso que ellas têem. Armam dois remos pequenos com *estropo* e *tolete*, andando raras vezes á véla, e são tripuladas o maximo por dois homens.

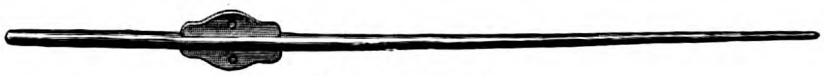


Maceira

Barco poveiro. — É o typo mais geral das embarcações de pesca costeira da costa occidental do norte do paiz. Tem a fórma da lancha poveira, que já descrevemos ao tratar da pesca do alto, mas de muito menores dimensões.

Este typo é original da Povoa de Varzim, mas apparece tambem nas proximidades d'este porto, em toda a costa desde Ancora até ao Douro, sendo construido por carpinteiros das localidades. Os principaes portos onde se fazem estas construcções, são: Gontinhães, Vianna do Castello, Fão, Sedovem, Povoa de Varzim e Villa do Conde. As madeiras são de pinho da terra, exceptuando a quilha que é de sobreiro. O apparelho d'estes barcos é o mesmo em cada um dos portos que os usam, constando de um mastro situado muito a vante e um pouco inclinado para a prôa, onda iça uma véla latina de *pendão*, que amura mesmo no bico da prôa, vindo caçar a ré. Quando arriam a véla e mastro, collocam-os em cima de duas forquetas prolongadas com a borda. Move-se tambem a remos, sendo estes em numero de quatro, e possuindo chapuz e fulcro para entrar o tolete.

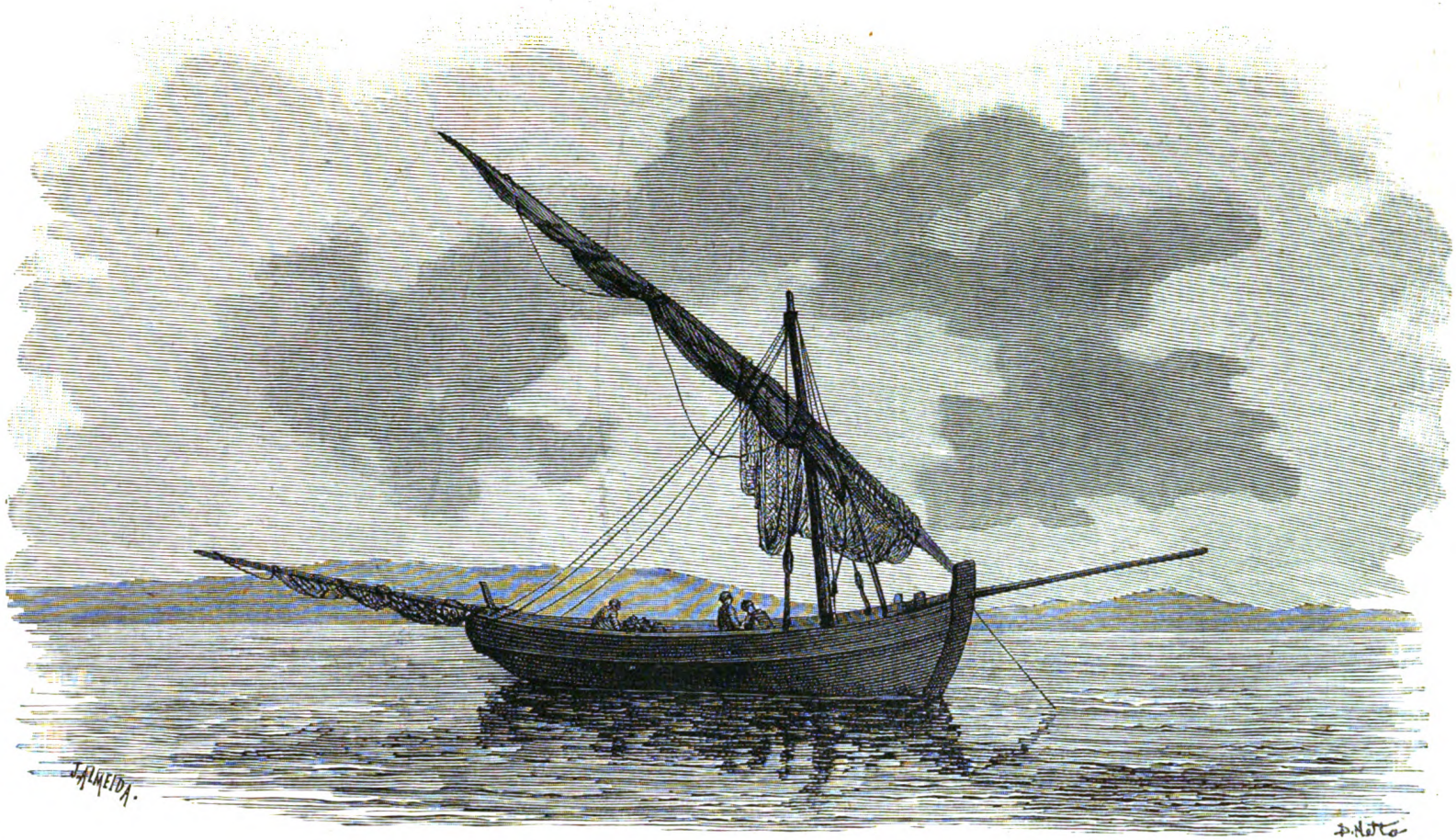
Poita das embarcações do norte do paiz



Remo do barco poveiro

Estes barcos empregam-se em todas as pescas das aguas costeiras, indo tambem algumas vezes ao alto á pesca da sardinha com as redes de enmalhar, denominadas *sardinheiras*.

O barco poveiro, assim como a lancha, tem a meio um compartimento fechado, chamado *tilha*, em cima do qual colhem as redes, analogo ao que possuem as lanchas do alto da ribeira de Caminha, o qual póde servir de abrigo a tres ou quatro homens.



Batel do Seixal e Barreiro

São quasi sempre tripulados por quatro homens, qualquer que seja a pesca a que se dediquem. Os de Vianna do Castello empregam-se na pesca da sardinha, dos peixes domiciliados nas aguas costeiras e da lagosta. Vulgarmente usam estas embarcações, assim como todas as de pesca costeira e fluvial do norte do paiz, em logar de fateixa ou ferro, uma *poita* composta de uma *cangalha* e *sacho* de madeira com uma pedra ao centro e tudo amarrado com um cabo, como se vê na figura da pagina anterior.

Os barcos d'este typo são apropriados para varar em terra e vêem-se em todo o norte do paiz, ora navegando no alto, na costa, nos rios e portos, ora encalhados nas praias e nas margens, constituindo certamente o typo principal e mais numeroso de embarcações de pesca, porque tambem para o sul se

Barco poveiro de Vianna do Castello

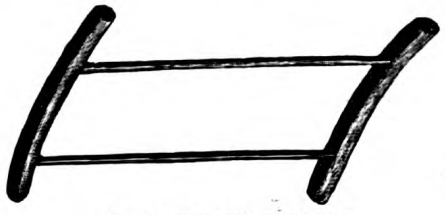
usam em alguns portos, como succede em Buarcos, Lavos, Nazareth, Cascaes, Cezimbra, Setubal, etc.

A manobra de encalhar o barco poveiro é mais difficil, attendendo ao peso e á fórma do fundo d'estas embarcações, valendo-se os pescadores

de uma especie de *berço* rudimentar, que denominam *carrão,* sobre o qual collocam o barco antes de começarem a puxar pelo cabo que amarram

Barco da Povoa de Varzim

no cadaste para este fim. Os quatro homens da tripulação podem deitar ao mar o barco, mas para o vararem são precisos pelo menos sete ou oito.



Carrão para encalhar os barcos

Estas embarcações são fortes e veleiras, podendo considerar-se em condições regulares para exercerem a pesca costeira com segurança, e apesar de não possuirem meia coberta, como determina o regulamento a que já nos referimos, são no emtanto boas para o serviço a que se destinam. Ha grande differença na significação do termo *varar* em diversas localidades do paiz; no norte empregam-n'o para exprimir a manobra de encalhar o barco em terra, quando regressam do porto, mas em Buarcos usam-n'o para a faina totalmente differente de deitar a embarcação á agua.

Barco ilhavo.—Esta embarcação é de fundo chato e tem um pequeno toldo á prôa, para guardar a roupa dos tripulantes.

Empregam-se muito na pesca da sardinha, na enseada de Entre Cabos da Roca e de Espichel, durante o inverno, usando a rede denominada tarrafa, que cerca o cardume e que o copeja para bordo.

Barco ilhavo

Estes barcos são construidos nas margens da ria de Aveiro, pelo typo dos esgueirões, mas muito maiores do que estes. Tambem se empregam em differentes localidades para a pesca do mexoalho ou escasso, com as redes denominadas *zorras* ou *chinchorros*. O barço ilhavo é mui parecido com o esgueirão e com o varino, mas differe no tamanho e em possuir um compartimento fechado á prôa, para abrigo de parte da tripulação e para guardar os utensilios da companha. Estas embarcações usam fateixa. Tambem os barcos ilhavos são empregados na ria de Aveiro para a apanha da vegetação, que ali denominam *moliço*.

O mastro é situado a meio, apparelhando com uma véla latina de pendão, navegando mais vulgarmente a remos de colhér, movidos por tres a quatro homens.

Batel de Peniche. — Os bateis da pesca costeira nas aguas de Peniche, Berlenga e Farilhões, são como os das armações de sardinha redondas, differindo unicamente em terem umas tábuas formando borda falsa e em

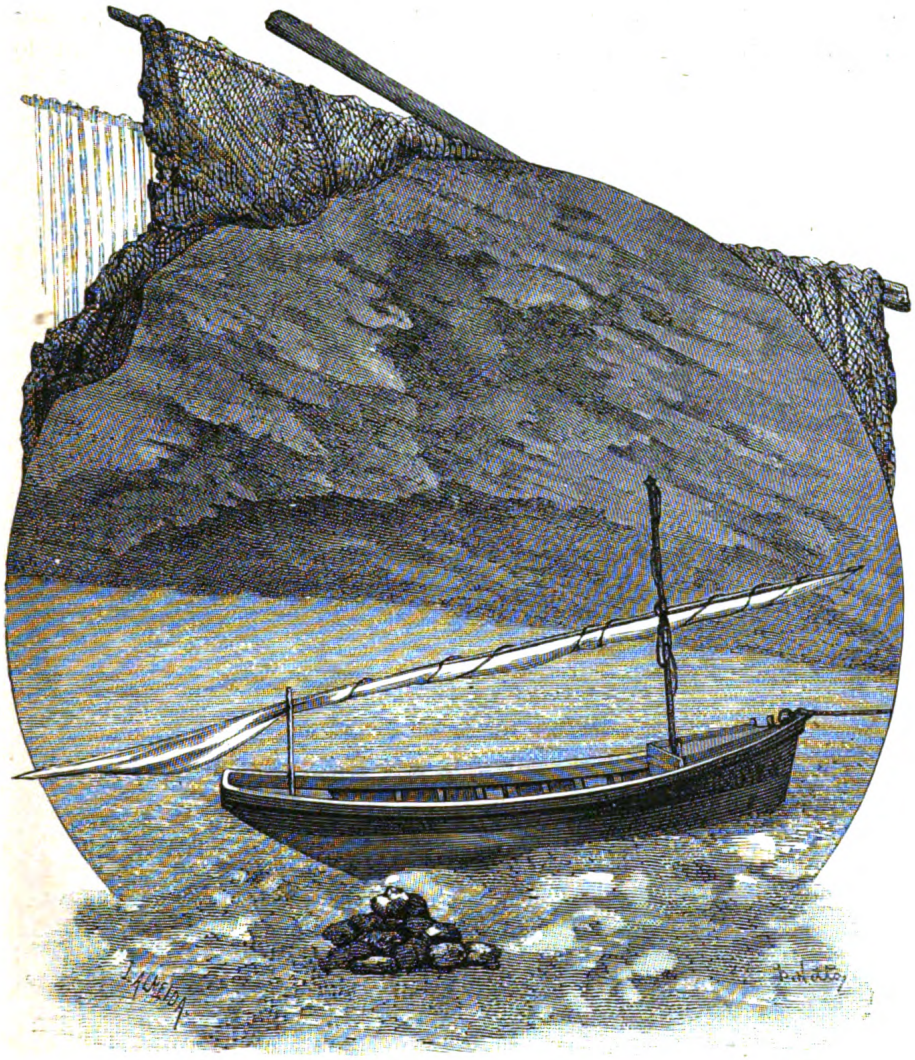
Batel da pesca costeira de Peniche

apparelharem com mastro e véla latina. A tripulação d'estes bateis regula de quatro a oito homens. São os batelinhos de Peniche tripulados pelos pescadores mais pobres da localidade, que apenas com o auxilio da canna capturam a sarda e cavala na região maritima denominada — Mar do Alto da Ilha — situado entre a Berlenga e a peninsula de Peniche. Aos remos dão o nome de *pajões*.

Remo dos bateis de Peniche

Catraio ou bote. — E este o typo mais vulgar de embarcação de pesca da costa occidental do sul do reino, e usado tambem na costa do Algarve.

Focinheira de porco da Ericeira. — Constitue esta embarcação um typo original unicamente empregado na praia da Ericeira para a pesca costeira, até curta distancia da terra, indo raras vezes ao largo.

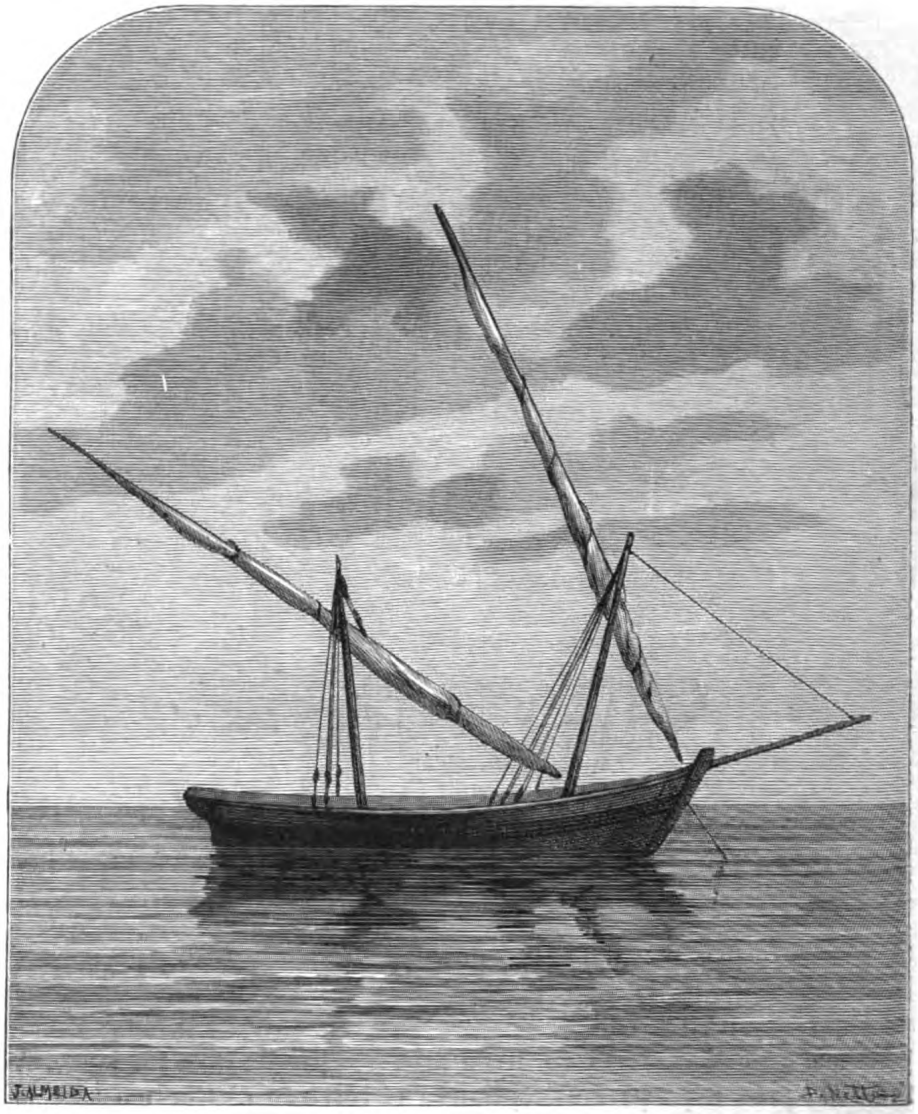


Focinheira de porco da Ericeira

O mastro está collocado mesmo á prôa e apparelha com um latino. A fórma da prôa e poupa d'esta pequena embarcação dão-lhe um aspecto muito caracteristico differente dos outros typos nacionaes usados na pesca.

Ha tambem n'esta localidade uma outra focinheira mais pequena que vae representada na pagina 416 d'este capitulo.

Cahique de Sines.—No porto de Sines não se dedicam os pescadores á pesca do alto, tendo no emtanto para a pesca costeira um typo de embarcação de coberta corrida, muito similhante aos cahiques e que offerece excellentes condições de navegabilidade. Apparelha o cahique de Sines com dois mastros e vergas para vélas triangulares latinas, como vae representado na figura d'esta pagina. Estas embarcações não se distanceiam do



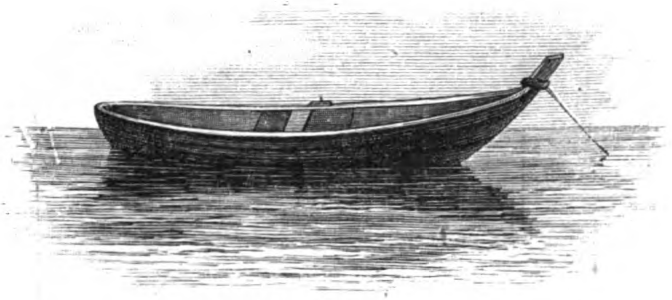
Cahique de Sines

porto a que pertencem, vendo-se excepcionalmente em outras paragens da costa. Tambem lançam pela prôa, pau da bujarrona, içando no tope do mastro uma véla de prôa, e podem varar em terra para fugir ás tempestades que dos quadrantes SW. e SE. agitam o porto.

*
* *

Embarcações da pesca fluvial e lacustre. — Nas aguas interiores empregam-se na pesca unicamente embarcações de fundo chato, apesar de algumas vezes os barcos que sáem á costa tambem fazerem alguns lances nos portos ou embocaduras dos rios, e, facto notavel, cada rio tem o seu typo de embarcação especial.

Barco do Minho. — Os barcos de pesca usados no rio Minho são construidos em Lanhellas, os do typo dos barcos de Seixas, e na Forcadella, os do curso superior do rio, de Villa Nova da Cerveira para montante, até ao sitio de Ponte do Mouro, acima de Monsão.



Barco do Minho

Os de Seixas, medem de poupa á prôa 6^{m},20 e no fundo 3^{m},90; a bôca tem 1^{m},60 e a altura da face superior da caverna á bancada 0^{m},30. Poucos differem d'estas dimensões.

Remo do barco do Minho

As cavernas, as bordas e a quilha são feitas de madeira de carvalho e o tabuado é de pinho ou castanho. Pregam-n'os geralmente a ferro, mas tambem ha alguns pregados a cobre. No primeiro caso importam em réis 10$000 e no segundo attingem o preço de 20$000 réis.

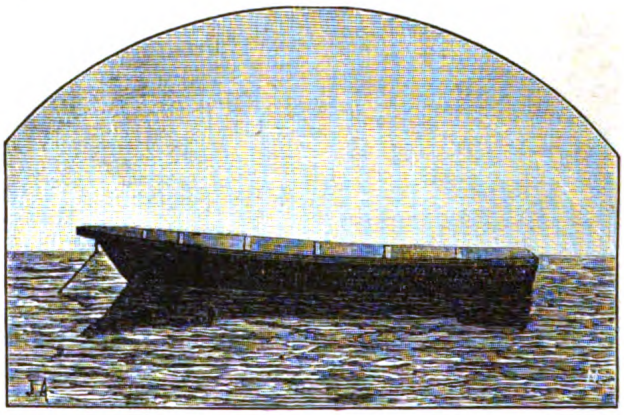
São calafetados e embreados por fóra e alcatroados por dentro; o fundo é chato, e têem duas prôas em bico, servindo uma para collocar o leme.

A palamenta consta de dois remos de pinho com pás de castanho, ou todos d'esta madeira, importando em 4$000 réis, os dois, sendo de castanho; e em 240 réis os dois punhos e 1$200 réis as duas pás, sendo das duas madeiras; uma ou duas varas de pinho ferradas; mastro de pinho e véla latina de brim, importando em 4$000 réis; vertedouro e *poitada*, servindo de fateixa, e composta de *sacho*, *cangalha* de carvalho e *pedra*.

Tem uma bancada a meio e dois estrados: um á prôa e outro á poupa. O de vante tem abertura para a passagem do mastro e é inclinado, servindo de assento para os remadores. O de ré ajusta no fundo e é horisontal, tendo por fim resguardar as tábuas do fundo.

No alto Minho denominam estes barcos *forcadellas*, do nome da localidade onde são feitos.

Barquinha do Lima. — Usa-se no rio Lima uma embarcação de fundo chato, com a poupa quadrada, a que dão o nome de *barquinha*, para a pesca fluvial.



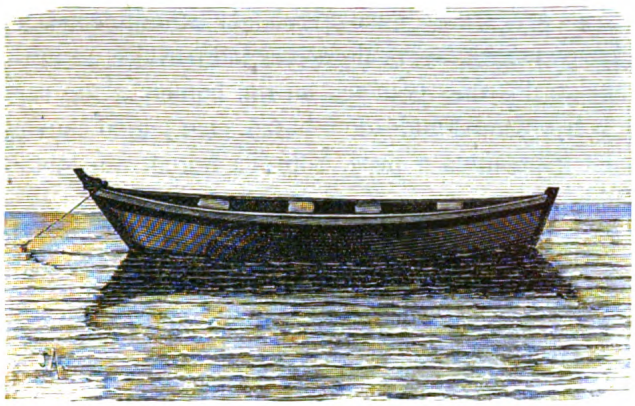
Barquinha do Lima

A barquinha é movida unicamente á vara, ferrada na ponta, como indica a figura d'esta pagina. Emprega-se no estabelecimento das redes de estacada e na pesca das solhas á fisga, não saindo nunca para fóra da barra. Não tem tripulação fixa, andando com um unico homem e ás vezes com quatro e cinco, como succede quando se pratica a pesca das solhas, pelo processo que os pescadores denominam *a varrer*.

As barquinhas tambem são usadas em transportes, demandando muito pouca agua para poderem navegar. A sua construcção é forte e simples, differindo da dos bateis de carga do rio Lima unicamente nas dimensões.

Barco do Douro

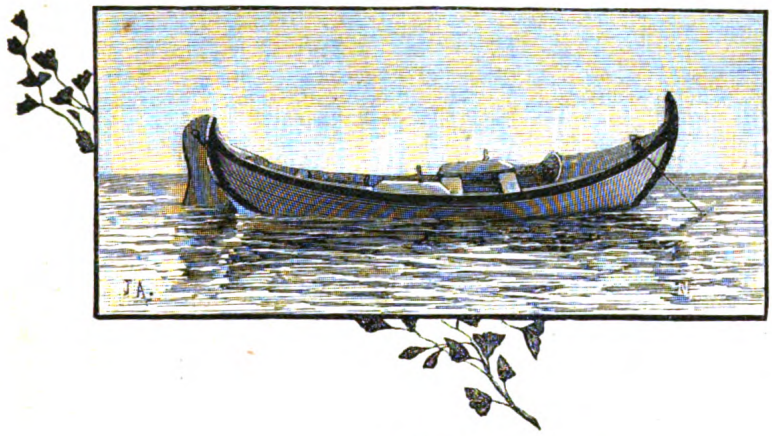
Batel do Cavado. — No rio Cavado chamam batel, ao barco empregado na pesca fluvial, tambem de fundo chato e com duas prôas razas.



Batel do Cavado

Barco do Douro. — Este typo de embarcação do rio Douro é muito caracteristico pelo comprimento da prôa, como se vê na figura respectiva.

Esgueirão da ria de Aveiro. — Similhante ao barco de Ilhavo, mas de muito menores dimensões, é uma outra variedade de barco de pesca.

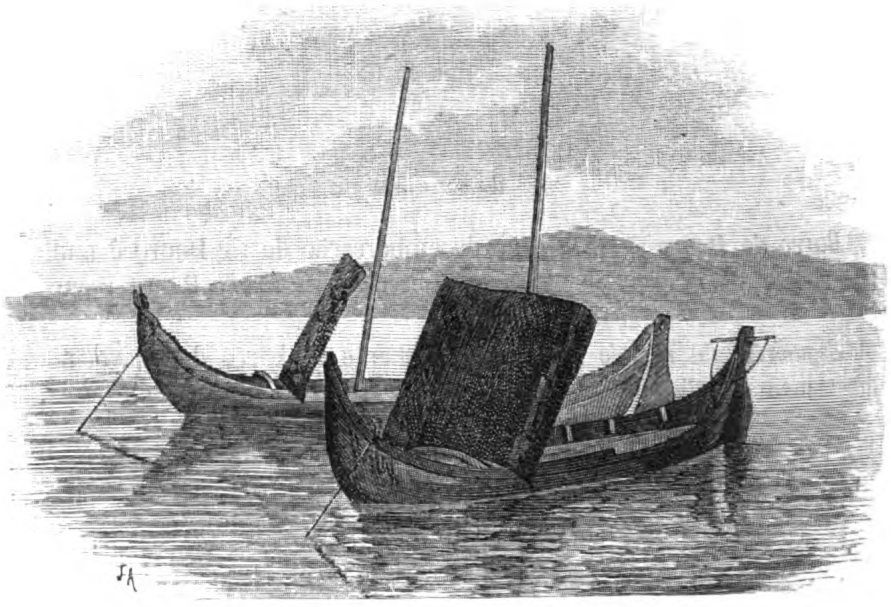


Esgueirão

O esgueirão deriva o seu nome da povoação de Esgueira, situada na margem da bacia hydrographica litoral do rio Vouga, e constitue um typo de embarcação muito vulgarisado n'esta região, empregando-se exclusivamente na pesca interior, quer para a captura dos seres que vivem n'estas aguas, quer dos vegetaes, que com o nome de *moliço* são aqui muito procurados para lançar á terra como adubo.

Varino ou batis-batis de Aveiro. — Estas pequenas embarcações usam-se na pesca fluvial do Douro, ria de Aveiro, Tejo e Sado, affectando uma fórma muito similhante á do esgueirão.

O *varino* de pesca é de uma originalidade muito interessante, porque apesar da sua pequenez, serve de *atelier* industrial e ao mesmo tempo de moradia e abrigo dos dois homens, ou um homem e um rapaz, que invariavelmente o tripulam. Fundeado o barco, com tempo chuvoso ou agreste, atravessam os tripulantes á prôa, sobre a borda, um toldo de encerado,



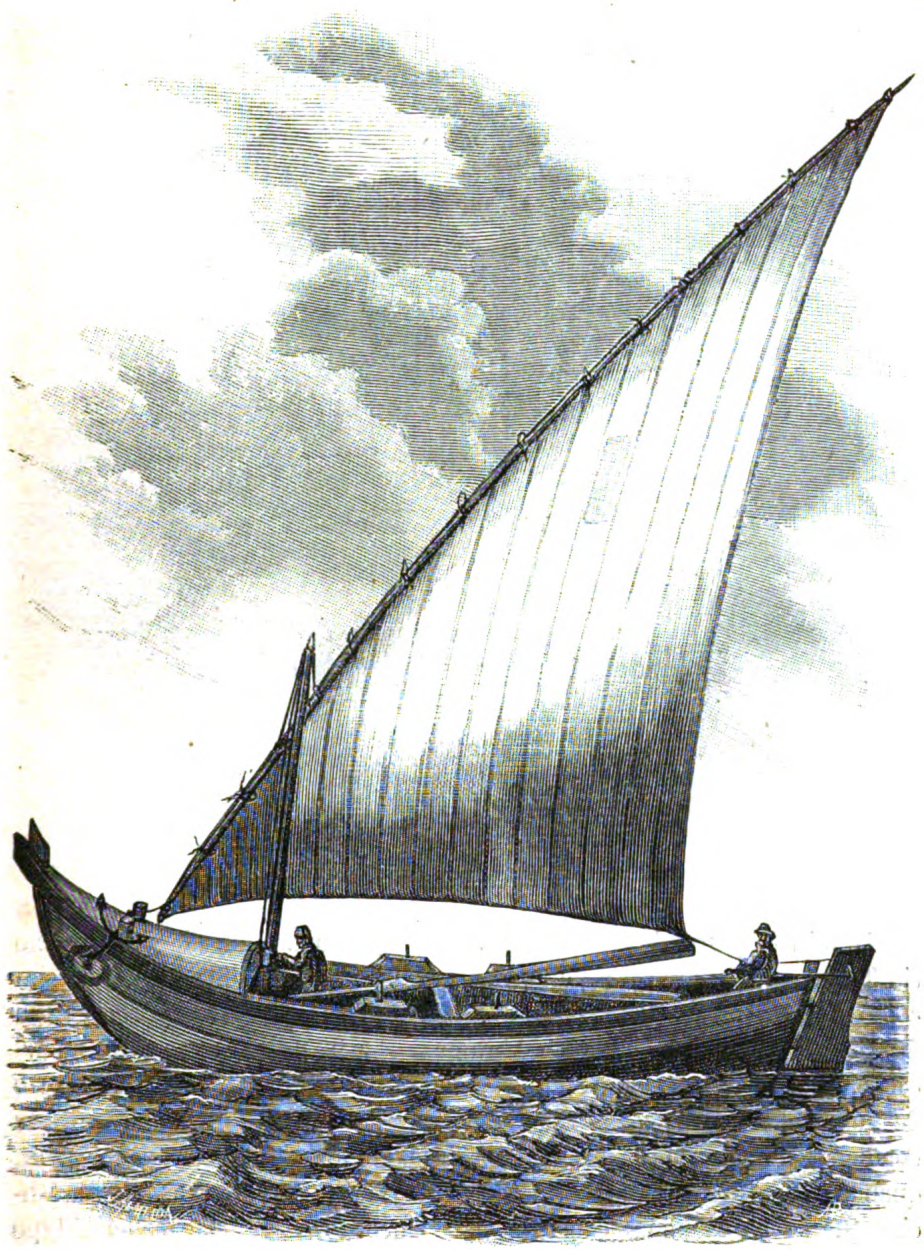
Varinos ou batis-batis

e, collocando-se por sotavento d'elle resguardam-se do vento e da chuva, podendo assim preparar a sua refeição, concertar os apparelhos de exploração, ou descançar das fadigas da pesca. Estas pequenas embarcações são muito rasteiras com a agua, correndo sempre risco quando se levanta alguma marêta, mesmo nas aguas interiores, facto este que obriga a encalhal-as logo que se apresentam estas condições.

No rio Tejo denominam estes pequenos varinos *batis-batis*, sendo bem vulgar o verem-se fundeados ao longo da muralha do Aterro da Boa Vista e a leste da Torre de Belem.

Passada a epocha da affluencia do peixe aos rios do continente do reino, diminue o numero d'estas embarcações, porque os seus tripulantes deixam a pesca, e vão para as terras da sua naturalidade gastar, em companhia da familia, o peculio que juntaram.

Bateira do Mondego.—Esta embarcação muito usada no rio Mondego, não é mais do que um pequeno batel do typo dos que empregam para carga na localidade. Tem toldo á prôa, por ante a ré do qual está situado o mastro, que apparelha com uma véla latina triangular, munida de verga, como representa a figura d'esta pagina. Tambem lhe chamam *muleta*.



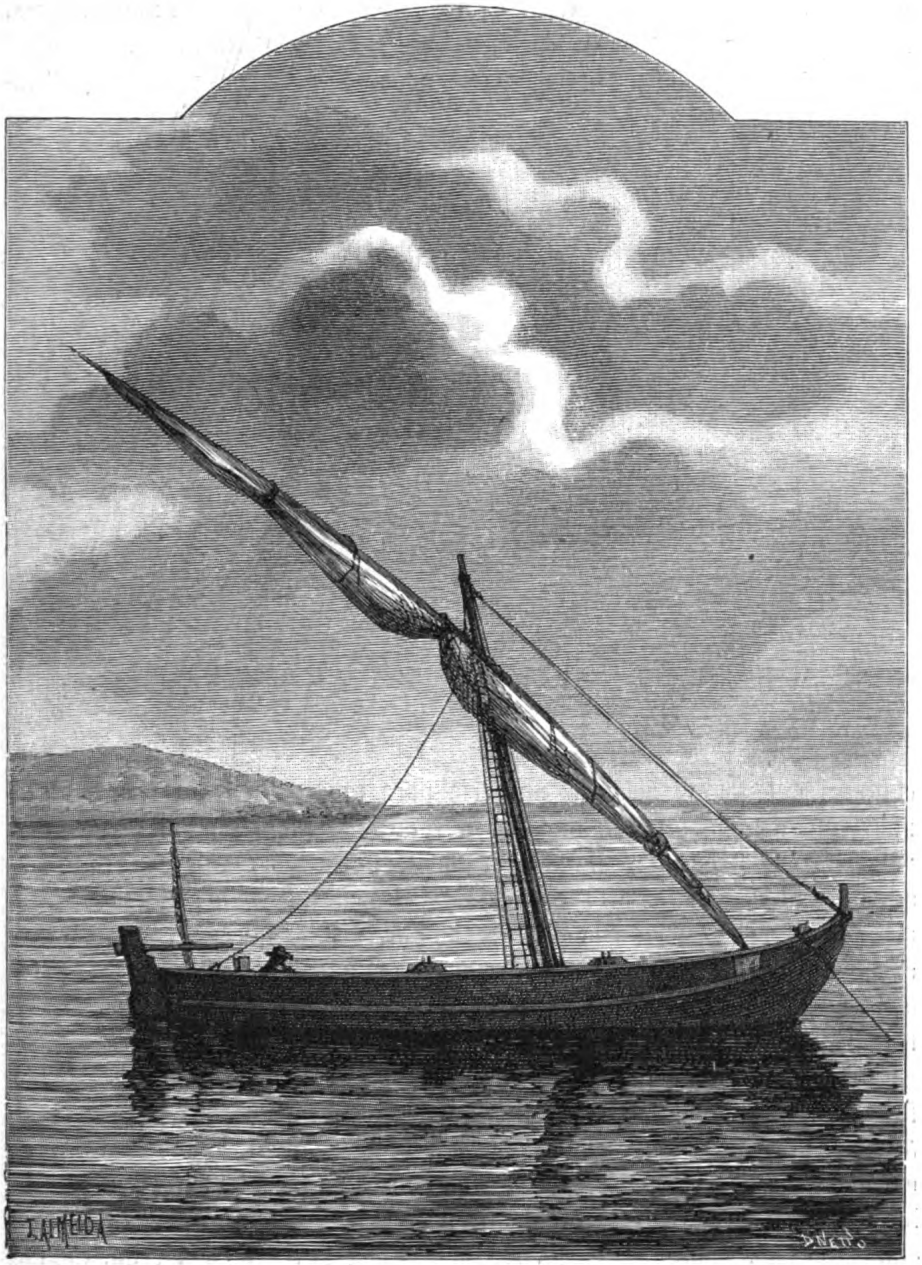
Bateira do Mondego

A bateira tambem se usa na costa de Buarcos e de Lavos para a pesca costeira na proximidade da terra, sendo muito facil de deitar ao mar e encalhar, não só por ser pouco pesada, como tambem por ter o fundo chato. De bordo d'estas embarcações pescam á linha o safio, faneca, robaletes, etc., e vão n'ellas apanhar percebe, mexilhão e camarão por entre a penedia do Cabo Mondego e ao longo do paredão do sul do porto.

Lancha de Villa Franca

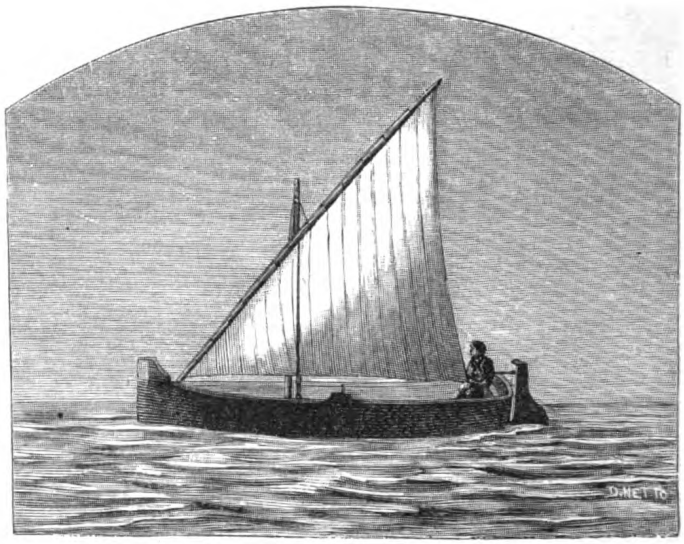
Lancha de pesca de Villa Franca. — Na epocha da entrada do savel no rio Tejo é muito intensa a pesca nas proximidades de Villa Franca, assim como para montante de Lisboa e Almada em toda a rede hydrographica fluvial, até um pouco acima de Abrantes. N'esta pesca, além das embarcações que já descrevemos, emprega-se tambem um typo de embarcação de fundo chato, pertencente ao porto de Villa Franca, que offerece boas condições de segurança e que é apropriada para varar sobre a margem, quando a maré desce. Movida a remos ou á véla, conforme as circumstancias que se apresentam, constitue esta lancha *sávara* um excellente typo de embarcação para a pesca nas aguas interiores.

Lancha de transportar pescaria do Tejo.—Um outro typo, muito similhante ao anterior, se usa no transporte da pescaria do porto de Lisboa para os portos fluviaes do Tejo, formando um typo de embarcações de *agua arriba* de maior arqueação e segurança do que o precedente.



Lancha de transportar peixe no Tejo

Lanchinha do Tejo. Tripuladas por um unico homem, ha, em Paço de Arcos, Belem, Trafaria e Lisboa, umas pequeninas embarcações, que aproveitando as occasiões em que o Tejo está tranquillo, sáem ao longo da margem para o lançamento dos apparelhos de anzol, que, no começo da enchente, se deitam para a captura das especies, que entram do oceano com a maré. Em Paço de Arcos ha duas d'estas embarcações; na Trafaria, umas quatro; e em Lisboa e Belem cerca de meia duzia, pertencentes, não a pescadores de profissão, mas a maritimos que nas horas vagas en-

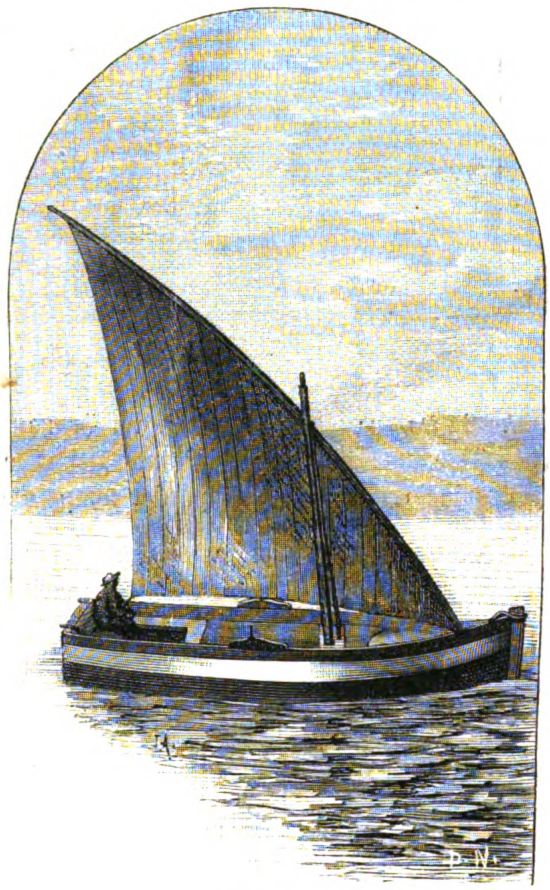


Lanchinha do Tejo

contram deleite em alcançar pescaria para uma caldeirada. Estas lanchinhas que usualmente são movidas a remos, tambem armam mastro com vela, tornando-se então muito perigosas, porque, apesar de possuirem quilha, não podem ter a estabilidade precisa para resistir ás fortes rajadas que ha no Tejo, mesmo com bom tempo. A vela, porém, constitue uma excepção do motor que mais vulgarmente as impelle, o que até certo ponto evita que se deem mais sinistros, como o que á pouco tempo alarmou os habitantes de Lisboa pelas circumstancias que o revestiram.

Este typo de lanchinha não é perfeitamente definido, porque affecta fórmas diversas, variando até na construcção, que algumas vezes é de *tábua trincada,* outras de forro e costura com calafeto. E não se emprega exclusivamente na pesca, servindo tambem para passeio e recreio fluvial, bordejando a vela com bom tempo, ou para transporte entre a terra e as embarcações situadas ao largo. A lanchinha póde ser considerada, quanto a segurança, nas mesmas condições da embarcação que vamos descrever.

Chata do Tejo. — Usam os pescadores do bairro de Alfama umas embarcações pequenas de fundo chato, na pesca do camarão, ao longo da margem da cidade de Lisboa, frequentando mais a zona comprehendida entre o antigo caes dos Soldados e o caes do Sodré. Todos os dias, que o estado do rio permitte, se vêem estas pequenas *chatas* em frente da alfandega, da estação do caminho de ferro do sul e sueste, e do arsenal da marinha, começarem o seu lanço, rebocando contra a corrente o apparelho da pesca do camarão. Este apparelho bem conhecido, que denominam *camaroeiro* ou *tartaranha*, compõe-se, na sua maxima simplicidade, de um saco de rede entralhado pela bôca em um aro de ferro, amarrado ao qual está um *pé de gallinha* onde faz fixe o cabo de reboque. A paragem em que a *tartaranha* trabalha é de fundo de lodo molle, enterrando-se ella totalmente na massa lodosa em que está abrigado o camarão, chamado *camarão mouro*, de inferior qualidade e pouco apreciado para o consumo. A *chata* traz a reboque a *barquinha* com furos onde se conservam vivos dentro de agua os camarões que são colhidos em cada lanço. A barquinha tem a fórma de um pequeno batel, com a prôa direita e a poupa quadrada, possuindo uma tampa egual em dimensões ao fundo. Tanto o fundo, como a tampa, têem orificios por onde a agua póde entrar e sair facilmente, servindo esta disposição para a renovação continua do liquido. O pescador por este processo consegue ter vivos os camarões, durante o tempo que consome na pesca, levando-os ao mercado em condições de illudir a maioria dos compradores, que o confundem com o camarão bom.

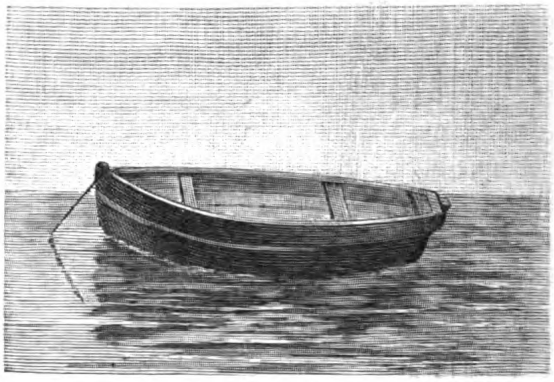


Chata do Tejo

Bateira-caçadeira. —É o typo de barco mais vulgar em todo o paiz, não só na pesca fluvial dos pequenos rios affluentes dos principaes, como tambem nas lagoas, e serve conjunctamente para a pesca e para a caça.

Bateira-caçadeira

As figuras respectivas mostram a fórma e configuração de cada um dos typos de embarcações que indicámos acima, e não entrâmos na sua descripção minuciosa porque seria perder tempo e espaço sem grande vantagem.



Focinheira da Ericeira

Barco de pesca da Madeira e seus respectivos remos

CAPITULO XII

IMPORTANCIA ACTUAL DA PESCA EM PORTUGAL

Começaremos este capitulo, apresentando, em relação ao continente do reino e referidos ao anno de 1886, os dados estatisticos que mais nos interessam para a determinação da importancia das pescarias, sob os diversos pontos de vista que considerarmos.

Mappa da importancia da pesca nos portos do departamento maritimo do norte, referido ao anno de 1886

Portos rios e estações de pesca	Numero de pessoas empregadas na pesca	Numero de embarcações e jangadas	Pescaria explorada durante o anno		Valor do material da pesca — Réis		Valor total representativo da importancia dos portos de pesca [1] — Réis
			Quantidade — Kilogr.	Valor — Réis	Embarcações e jangadas	Apparelhos de pesca	
Rio Minho	1:252	498	300:000	30:000$000	8:964$000	18:862$000	57:826$000
Caminha	191	32	39:180	3:134$200	2:312$500	5:668$000	11:114$700
Insua	30	1	1:430	100$000	22$500	12$560	135$060
Gontinhães	164	65	73:500	5:879$475	2:816$000	5:982$000	14:677$475
Rio Ancora	12	3	500	36$000	25$000	24$000	85$000
Caneiro	3	2	650	48$000	18$000	14$000	80$000
Carreço	48	18	1:500	120$000	716$000	846$000	1:682$000
Fonte do Mar	40	10	1:000	80$000	428$000	555$000	1:063$000
Vianna do Castello	492	118	131:250	10:500$000	8:340$000	6:548$000	25:388$000
Rio Lima	50	22	16:500	1:200$000	440$000	360$000	2:000$000
Moinho do Bispo	50	22	8:000	600$000	227$500	140$000	967$500
Rio Neiva	40	10	7:000	625$000	83$000	58$500	766$500
S. Bartholomeu	70	15	3:000	200$000	75$000	25$000	300$000
Marinhas	30	16	5:000	450$000	144$000	60$000	654$000
Espozende	360	53	81:250	6:500$000	3:500$000	6:100$000	16:100$000
Rio Cavado	20	8	4:500	390$000	160$000	250$000	800$000
Costa de Fão	38	12	3:500	280$000	177$500	84$000	541$500

Portos rios e estações de pesca	Numero de pessoas empregadas na pesca	Numero de embarcações e jangadas	Pescaria explorada durante o anno — Quantidade — Kilogr.	Pescaria explorada durante o anno — Valor — Réis	Valor do material da pesca — Réis — Embarcações e jangadas	Valor do material da pesca — Réis — Apparelhos de pesca	Valor total representativo da importancia dos portos de pesca [1] — Réis
Frade	200	66	27:000	2:160$000	1:233$000	560$000	3:953$000
Sedovem	203	70	28:000	2:240$000	1:252$500	580$040	4:072$500
Apulia	33	12	7:500	600$000	238$500	315$000	1:153$500
Aguçadoura	140	43	4:300	346$040	967$500	520$000	1:833$540
Abremar	162	46	62:000	4:954$345	2:175$000	2:360$000	9:489$345
Povoa de Varzim	4:500	699	1.437:500	115:613$900	65:500$000	96:940$000	278:053$900
Villa do Conde	310	71	110:200	8:815$580	6:200$000	7:200$000	22:215$580
Villa Chã	140	35	75:000	6:014$860	2:450$000	3:500$000	11:964$860
Lavra	160	40	84:500	6:760$220	2:800$000	3:600$000	13:160$220
Leça e Matosinhos	171	38	533:000	42:650$080	2:790$000	3:940$000	49:380$080
Foz	180	26	533:500	42:762$980	2:600$000	3:440$000	48:802$980
Porto	28	2	94:000	7:500$000	20:200$000	680$000	28:380$000
Valbom	522	158	280:000	23:766$590	4:975$000	9:340$000	38:081$590
Afurada	480	2.4	280:000	23:766$590	6:425$000	12:500$000	42:691$590
Lavadores	70	15	121:800	9:745$880			9:745$880
Granja	30	4	766:140	61:291$320	1:120$000	6:000$000	68:411$320
Espinho	240	10					
Paramos	213	8	457:400	36:592$120	640$000	3:200$000	40:432$120
Esmoriz	85	4	143:300	11:465$360	320$000	1:600$000	13:385$360
Esmoriz (lagôa)	25	10	130	9$000	40$000	12$000	61$000
Furadouro	600	12	467:900	37:433$560	960$000	7:200$000	45:593$560
Torreira	450	12	534:460	42:757$320	1:200$000	8:000$000	51:957$320
S. Jacinto	150	4	149:260	11:941$520	420$000	2:400$000	14:761$520
Ria de Aveiro	872	350	556:700	38:969$420	8:750$000	10:464$000	58:183$420
Costa Nova	600	16	159:140	12:731$340	1:280$000	1:920$000	15:931$340
Arião	200	4	100:000	7:000$090	320$000	1:600$000	8:920$000
Mira	350	10	344:000	24:080$000	900$000	6:000$000	30:980$000
Tocha	200	9	48:200	3:379$000	720$000	2:400$000	6:499$000
Costinha	50	3	95:300	6:232$000	240$000	900$000	8:292$000
Quiaios	120	4			320$000	1:600$000	
Buarcos	350	19	352:000	28:167$000	3:320$000	7:200$000	38:687$000
Figueira da Foz	234	52	162:100	13:970$567	11:000$000	1:126$000	25:096$567
Monte Mór o Velho	146	35	14:500	1:380$000	720$000	290$000	2:390$000
Coimbra	70	18	8:000	750$000	200$000	210$000	1:160$000
Cova	200	26	59:800	4:785$000	815$000	2:100$000	7:700$000
Lavos	129	4	120:500	9:642$000	320$000	1:700$000	11:662$000
Leirosa	120	4	172:300	13:782$000	350$000	1:800$000	15:932$000
	15:614	3:198	9.067:190	723:198$267	182:210$500	258:786$060	1.164:194$827

[1] Este valor total é a somma do valor annual da pescaria mais o valor do material da pesca; isto é, a somma do capital empregado na exploração mais o rendimento bruto d'esta exploração.

Mappa da importancia da pesca nos portos do departamento maritimo do centro referido ao anno de 1886

Portos rios e estações de pesca	Numero de pessoas empregadas na pesca	Numero de embarcações	Pescaria explorada durante o anno		Valor do material da pesca — Réis		Valor total representativo da importancia dos portos de pesca — Réis
			Quantidade — Kilogr.	Valor — Réis	Embarcações	Apparelhos de pesca	
Pedrogão	40	2	7:125	570$000	160$000	800$000	1:530$000
Vieira	180	6	151:625	12:130$000	500$000	2:500$000	15:130$000
Nazareth	539	65	1.082:563	86:605$000	5:150$000	17:375$000	109:130$000
S. Martinho	46	12	3:030	243$000	336$000	116$000	695$000
Lagôa de Obidos	34	17	13:830	1:107$000	204$000	102$000	1:413$000
Peniche	533	94	799:155	63:932$460	4:000$000	18:200$000	86:132$460
Seixal	8	2	1:700	136$000	70$000	60$000	266$000
Atalaya	16	4	3:712	297$000	160$000	180$000	637$000
Ribamar	36	9	8:300	664$000	360$000	370$000	1:394$000
Porto Novo	12	3	2:700	218$000	100$000	75$000	393$000
Santa Cruz	16	4	3:800	302$000	150$000	140$000	592$000
Assenta	38	17	9:000	715$940	680$000	390$000	1:785$940
Ericeira	126	45	160:100	12:808$840	2:300$000	2:500$000	17:608$840
Cascaes	160	52	115:300	10:382$160	3:000$000	32:000$000	45:382$160
Rio Tejo	1:034	122	370:000	34:000$000	1:500$000	6:500$000	42:000$000
Paço de Arcos	9	5	65:400	5:235$340	125$000	12$000	5:372$340
Belem	86	12	190:000	17:008$800	1:440$000	240$000	18:688$800
Lisboa	892	126	5.200:000	520:237$120	161:200$000	12:000$000	693:437$120
Trafaria	270	32	74:250	5:940$960	6:000$000	850$000	12:790$960
Caparica	780	68	771:600	61:728$760	7:200$000	11:000$000	79:928$760
Cezimbra	169	770	3.900:000	351:583$000	25:000$000	85:000$000	461:583$000
Setubal	2:387	443	2.897:100	231:769$728	80:000$000	90:000$000	401:769$728
Rio Sado	214	107	133:000	10:700$000	2:000$000	4:000$000	16:700$000
Melides e Santo André	37	3	33.700	2:696$542	120$000	500$000	3:316$542
Sines	99	31	154:100	12:332$133	1:250$000	11:500$000	25:082$133
Porto Covo	27	9	6:050	484$100	270$000	14$000	768$100
Milfontes	54	18	6:000	419$955	540$000	300$000	1:259$955
	7:852	2:078	16.163:140	1.444:218$838	303:815$000	296:724$000	2.044:786$838

Pelo mappa relativo á pesca na area do departamento do norte, comparado com o do departamento do centro, se vê a grande importancia que merecem os portos do centro do reino — Lisboa, Cezimbra e Setubal, que reunidos, representam quasi o dobro da pescaria dos portos de todo o departamento do norte.

E se compararmos com o mappa do departamento maritimo do sul, indicado na pagina seguinte, veremos que o porto de Lisboa, só por si, recebe mais pescaria que todos os portos da provincia do Algarve.

Mappa da importancia da pesca nos portos do departamento maritimo do sul referido ao anno de 1866

Portos, rias e rios	Numero de pessoas empregadas na pesca	Numero de embarcações	Pescaria explorada durante o anno		Valor do material da pesca — Réis		Valor total representativo da importancia da localidade — Réis
			Quantidade — Kilogr.	Valor — Réis	Embarcações	Apparelhos de pesca	
Salema	25	2	3:310	265$400	80$000	800$000	1:145$400
Almadena	45	7	—	-$-	300$000	11:000$000	11:300$000
Burgau	68	9	1:700	137$340	260$000	6:800$000	7:297$300
Senhora da Luz	90	16	—	-$-	700$000	12:000$000	12:700$000
Porto de Moz	45	8	—	-$-	400$000	12:000$000	12:400$000
Lagos	269	40	861:600	68:927$500	3:740$000	27:000$000	99.667$560
Alvor	146	29	40:000	3:187$840	2:160$000	2:000$000	7:347$840
Portimão	237	42	178:000	14:270$960	2:400$000	2:500$000	19.170$960
Rio de Portimão Ferragudo	114	17	10:300	819$280	900$000	2:000$000	3:719$280
Carvoeiro	40	7	450	32$620	300$000	12:000$000	12:332$620
Benagil	11	4	350	26$460	160$000	60$000	246$460
Senhora da Rocha	5	3	200	15$640	90$000	50$000	155$640
Armação de Pera	176	27	101:050	8:084$180	1:460$000	2:500$000	12:044$180
Pedra da Galé	45	7	—	-$-	400$000	13:600$000	14:000$000
Albufeira	205	37	55:200	4:414$900	2:140$000	25:000$000	31:554$900
Vallongo	45	7	—	-$-	400$000	13.600$000	14:000$000
Quarteira	280	29	200:000	15:988$780	3:200$000	17:000$000	36:188$780
Forte Novo	45	7	—	-$-	400$000	13:600$000	14:000$000
Ramalhete	130	19	—	-$-	1:200$000	25:800$000	27:000$000
Cabo de Santa Maria	50	8	—	-$-	2:000$000	22.000$000	24:000$000
Faro	347	73	346:100	27:691$720	4:000$000	5:000$000	36.691$720
Olhão Fuzeta	1:162	150	1.326.000 174:000	103:124$800 13:926$440	30:000$000	25:000$000	175:051$240
Tavira	718	102	520:000	41:959$740	8:000$000	54:000$000	103:959$740
Cacella	40	6	—	-$-	400$000	5:600$000	6:000$000
Torre Velha	40	6	7:000	649$520	400$000	5:600$000	6:649$520
Cabeço Monte Gordo Villa Real	1:848	173	— 14:000 1.400:000	-$- 1:353$260 140:831$120	12:000$000	26:000$000	180:184$380
Rio Guadiana	—	78	76:300	6:102$820	2:400$000	800$000	9:302$820
Pomarão	2	1	2:140	150$000	30$000	21$000	201$000
Mertola	12	6	27:000	1:890$000	180$000	108$000	2:178$000
	6:300	900	5.244:700	456:820$380	80:200$000	343:439$000	880:459$380

Uma grande parte da pescaria do Algarve não está indicada n'este mappa, porque vae do mar directamente para os portos de Hespanha.

Resumo da importancia da pesca em todos os portos, rios e lagôas do continente do reino, referido ao anno de 1886

Departamentos	Numero de pessoas empregadas na pesca	Numero de embarcações de pesca	Pescaria explorada durante o anno — Quantidade — Kilogr.	Pescaria explorada durante o anno — Valor — Réis	Valor do material de pesca — Réis — Embarcações	Valor do material de pesca — Réis — Apparelhos de pesca	Valor total representativo da importancia d'esta industria — Réis
Norte	15:614	3:198	9.067:190	723:198$267	182:210$500	258:786$060	1.164:194$827
Centro	7:852	2.078	16.163:140	1:444:248$838	303:815$000	296:724$000	2.044:786$838
Sul	6:300	900	5:244:700	456:820$380	80:200$000	343:439$000	880:459$380
	29:766	6:176	30.475:030	2.624:267$485	566:225$500	898:949$060	4.089:441$945

Mappa da pesca nas aguas exteriores e interiores, referido ao anno de 1886

Proveniencias	Quantidade da pescaria — Kilogrammas	Valor da pescaria em primeira mão — Réis
Pesca maritima nas aguas exteriores	28.533:810	2.470:230$498
Pesca nas aguas interiores	1.941:220	154:036$987
	30.475:030	2.624:267$485

Pesca interior

Departamento maritimo do norte	Kilogrammas	Réis
Rio Minho	300:000	30:000$000
Ancora	500	36$000
Lima	16:500	1:200$000
Neiva	7:000	625$000
Cavado	4:500	390$000
Douro	312:500	25:000$000
Lagôa de Esmoriz	130	9$000
Ria de Aveiro	556:700	38:969$420
Mondego	53:500	4:300$567
(470 grammas por habitante.)	1.250:330	100:519$987

Departamento maritimo do centro	Kilogrammas	Réis
Lagôa de Obidos	13:840	1:107$000
Rio Tejo	425:000	34:000$000
Sado	67:000	5:350$000
Lagôas de Melides e Santo André	2:500	200$000
Rio Mira	3:750	300$000
(377 grammas por habitante.)	512:090	40:957$000
Departamento maritimo do sul		
Rio de Alvor	3:100	217$180
Rio de Portimão	6:150	400$000
Ria de Faro e Olhão	30:550	2:000$000
Ria de Tavira	27:000	1:800$000
Rio Guadiana	112:000	8:112$820
(500 grammas por habitante.)	178:800	12:560$000

A pequena pesca que se faz nos rios menos importantes, affluentes e pequenas lagôas, escapa completamente ás notas estatisticas, representadas n'este mappa, porque estas aguas estão pela lei vigente sob a jurisdição das circumscripções hydraulicas, as quaes sob este ponto de vista podem ser consideradas em via de organisação d'este serviço.

Por outro lado, a piscicultura está a cargo da direcção geral de agricultura, que não nos consta ter até hoje montado este serviço, com pessoal adequado á fiscalisação e policia das aguas interiores, que têem chegado a um estado de abandono e esterilidade, profundamente lamentavel.

J. d'Almeida

BOGARDO, pag. 55

CONSELHO SUPERIOR DAS ALFANDEGAS

Importação para consumo

Janeiro a dezembro

Mercadorias importadas	Unidade	Quantidades			Valores em mil réis		
		1885	1886	1887	1885	1886	1887
Sanguesugas	Milheiro	–	143	162	–	792	848
Bacalhau	Kilogr.	–	23.760:239	21.467:980	–	1.796:557	1.625:089
Pescado fresco	»	180:850	637:795	597:001	14:538	60:113	46:874
Sardinha salgada e prensada	»	–	70:625	84:090	–	7:331	10:164
Outros pescados salgados e prensados, fumados e de escabeche	»	–	171:163	244:854	–	32:651	45:007
Peixe em conserva de azeite	»	–	4:306	3:382	–	1:657	1:049
Marisco fresco ou preparado de qualquer modo	»	–	9:126	9:579	–	1:108	1:081
Oleo de figados de bacalhau e analogos	»	–	62:607	62:590	–	7:166	6:607
Abacá e ticum em rama	»	–	80:124	53:071	–	19:681	9:296
Redes de pesca	»	–	27:892	13:886	–	13:243	7:764

Estes dados são extrahidos dos boletins publicados pelo conselho superior das alfandegas.

Exportação de mercadorias nacionaes e nacionalisadas (não comprehendidas as das provincias ultramarinas)

Mercadorias exportadas	Unidades	Quantidades			Valores em mil réis		
		1885	1886	1887	1885	1886	1887
Peixe fresco e com sal, atum	Kilogr.	918:201	1.479:580	1.117:823	28:189	42:975	33:583
Peixe fresco e com sal, sardinha	»	3.790:385	5.978:860	7.255:755	110:440	187:205	220:273
Peixe de outras especies não mencionadas, fresco, secco e com sal	»	530:258	531:444	646:119	21:642	22:189	28:534
Atum em conserva	»	3.554:280	761:509	1.146:673	407:140	91:372	137:599
Outro peixe em conserva	»		5.682:500	7.466:753		629:170	761:905
Ostras	–	–	–	–	–	1:469	188
Outros mariscos não mencionados	Kilogr.	–	97:086	61:206	–	3:192	1:896
Azeite de peixe	»	–	179:575	194:470	–	19:972	22:621
Sal commum	»	80.771:241	117.776:189	183.155:091	120:649	175:416	275:949

Reexportação de mercadorias estrangeiras e das provincias ultramarinas

Mercadorias reexportadas	Unidades	Quantidades			Valores em mil réis		
		1885	1886	1887	1885	1886	1887
Azeite de peixe	Kilogr.	190:104	41:160	111:368	16:830	3:265	17:751
Bacalhau	»	633:259	363:274	486:820	46:789	31:198	38:373

Imposto do pescado

Anno	Rendimento do imposto do pescado	Valor do pescado considerando o imposto de 5 por cento
1885	121.328$999	1.734:262$000
1886	136:642$858	2.732:857$000

Importação para consumo relativa ao anno de 1885

Mercadorias importadas	Kilogrammas	Réis	Por kilogramma — Réis
Peixe e mariscos	385:500	48:500$000	$125
Bacalhau	23.010:900	1.720:000$000	$075

Exportação nacional e nacionalisada durante o anno de 1885

Mercadorias exportadas	Kilogrammas	Réis	Por kilogramma — Réis
Peixe e mariscos	8.702:900	560:300$000	$065

Importação para consumo relativa ao anno de 1886

Mercadorias importadas	Kilogrammas	Réis	Por kilogramma — Réis
Peixe e marisco	893:000	104:000$000	$115
Bacalhau	23.760:200	1.797:000$000	$075

Exportação nacional e nacionalisada durante o anno de 1886

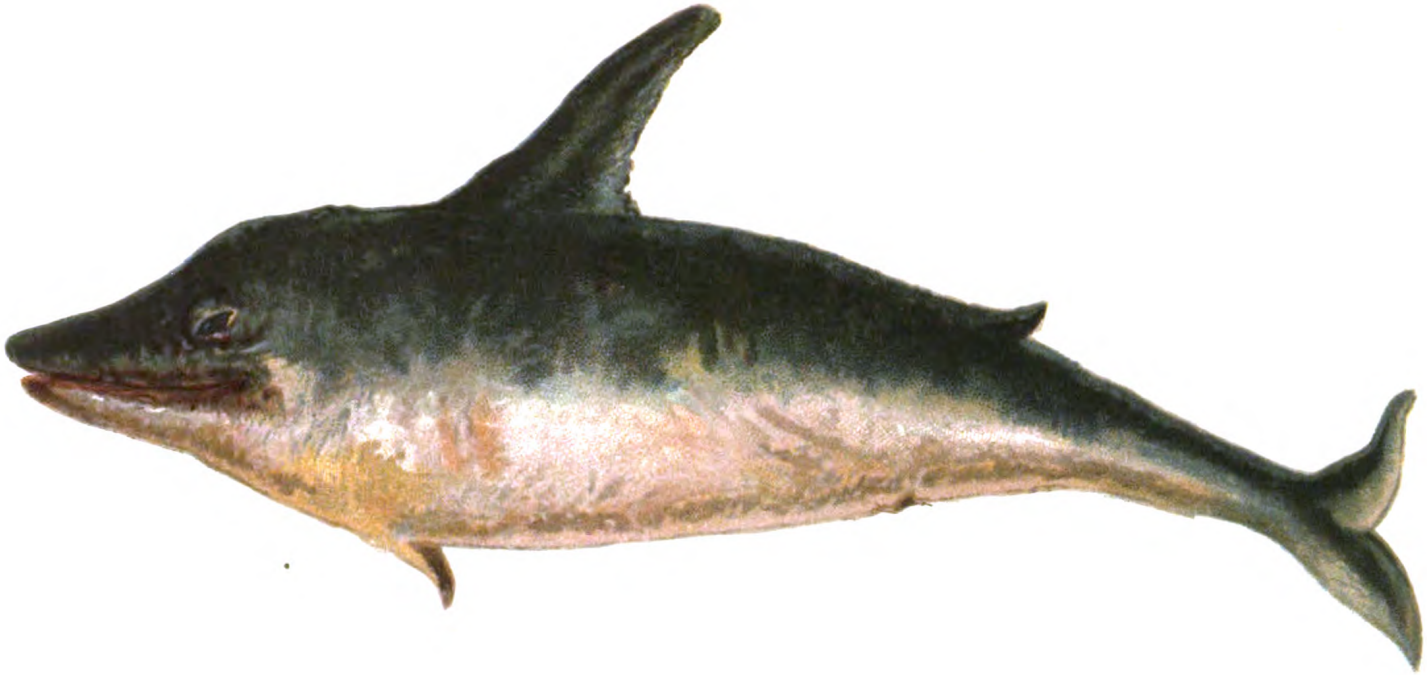
Mercadorias exportadas	Kilogrammas	Réis	Por kilogramma — Réis
Peixe e mariscos	14:531$000	976:000$000	$067

POPULAÇÃO NO CONTINENTE DO REINO

Censo de 1878

Departamentos	Habitantes
Departamento do norte:	
Aveiro	270:940
Braga	330:111
Bragança	175:617
Coimbra	308:854
Guarda	238:061
Porto	472:703
Vianna do Castello	212:580
Villa Real	234:844
Vizeu	392:686
Nove districtos	2.636:396
Departamento do centro:	
Castello Branco	180:206
Evora	114:777
Leiria	199:787
Lisboa	523:396
Portalegre	108:054
Santarem	228:362
Seis districtos	1.354:582
Departamento do sul:	
Beja	151:672
Faro	205:901
Dois districtos	357:573
Somma no continente	4.348:551

Adoptamos esta divisão por departamentos, comprehendendo o primeiro, nove districtos administrativos; o segundo, séis districtos; e o ultimo, dois districtos, embora officialmente não seja determinada tal divisão, mas porque nos parece a mais propria para o fim que desejámos.



ROAZ *(delphinus maximus*, Lin.), pag. 56

Mappa da exploração dos vegetaes das aguas na area do departamento maritimo do norte, referido ao anno de 1886

Zonas da exploração	Numero de pessoas empregadas	Numero de embarcações e jangadas	Vegetaes colhidos durante o anno	
			Quantidade — Carradas	Valor — Réis
Rio Minho	60	20	240	960$000
Costa entre o Minho e Lima	896	33	2:982	11:928$000
Rio Lima	60	7	300	1:200$000
Costa entre o Lima e Cavado	200	37	850	3:400$000
Rio Cávado	50	12	200	800$000
Costa entre o Cávado e Ave	671	307	2:081	8:324$000
Ria de Aveiro	2:542	1:342	39:497	157:987$500
	4:479	1:758	46:150	184:599$500

Vejamos agora, com estes dados, qual é a importancia actual da pesca sob os quatro pontos de vista seguintes:

1.° *Importancia social:* O pescador foi sempre, em todos os paizes e em todas as epochas, um obreiro incansavel, destemido e prestabilissimo, mas humilde e desventuroso. Em Portugal esta tão sympathica e desprotegida classe conta 29:766 individuos no continente do reino, representando uma população especial de 150:000 habitantes, correspondente a uma densidade de 34 por 1:000.

O valor annual arrancado ás aguas por estes luctadores indefesos póde ser representado por 3.000:000$000 réis, equivalendo, em numeros redondos, 100$000 réis a cada um.

2.° *Importancia commercial e industrial:* O material de pesca do continente do reino tem o valor de 1.465:174$560 réis, que, junto ao valor annual da pescaria em primeira mão, dá para valor commercial da pesca uma cifra superior a 4.564:000$000 réis.

Ainda a industria da pesca promove o exercicio de outras industrias, como a das construcções navaes, a do fabrico de cabos e redes, a da preparação de conservas de peixe, a da extracção dos oleos, etc.

3.° *Importancia economica:* A quantidade annual de pescaria fornecida pela exploração nacional é de 30.475:030 kilogrammas, o que dá 7 kilogrammas de peixe por habitante.

Se deduzirmos d'esta quantidade a exportação, corresponderá a cada habitante um consumo annual de 3^{k},660 de pescaria nacional. D'esta pescaria 400 grammas é proveniente das aguas interiores, fluviaes e lacustres,

e 3^{k},260 das aguas exteriores, comprehendendo a pesca longinqua, do alto e costeira.

A importação do bacalhau estrangeiro representa 5^{k},460 por habitante, mas como se exportam 3^{k},340, conclue-se que o *deficit* actual de pescaria é de 2^{k},120 por habitante, annualmente.

Se computarmos a 100 réis o kilogramma de pescaria vendida pelos contratadores, almocreves, etc., teremos que estes intermediarios absorvem o valor de 424:136$815 réis annualmente.

O rendimento que o estado cobrou sobre o pescado foi de 136:642$858 réis, em 1866.

4.° *Importancia scientifica:* Possue Portugal no museu de historia natural da escola polytechnica uma importante collecção de peixes, molluscos e crustaceos das aguas maritimas e interiores, que banham o continente do reino; ha no museu maritimo da escola industrial «Pedro Nunes», em Faro, uma desenvolvida collecção de modelos de apparelhos, redes, utensilios e embarcações empregados na pesca em Portugal; algumas publicações especiaes dão noticia dos processos e methodos de pesca usados pelos pescadores nacionaes, entre as quaes de moderna data temos conhecimento das seguintes:

Planta hydrographica da enseada, barra e porto de Setubal, e *Relatorio sobre a pesca maritima e fluvial n'esta localidade.*—Baldaque, 1887.

Relatorio sobre a pesca no rio Minho.—Regalla, 1888.

Organisação dos serviços das pescas.—Magalhães e Regalla, 1888.

Pescarias nas costas do Algarve.—Ferreira de Almeida, 1888.

Relatorio da capitania do Porto ácerca da industria da pesca.—Silva Costa, 1889.

A ria de Aveiro e as suas industrias.—Regalla, 1889.

Relatorio sobre a pesca maritima nas aguas de Peniche, Berlengas e Farilhões.—Baldaque, 1889.

Relatorio sobre a pesca maritima e fluvial no districto maritimo de Villa Real de Santo Antonio.—Alfredo Ghira, 1889.

Catalogo das collecções do Museu Industrial Maritimo da Escola Pedro Nunes em Faro.—Fonseca Benevides, 1889.

Relatorio sobre a pesca maritima nas capitanias de Caminha, Vianna do Castello, Figueira da Foz e Povoa de Varzim.—Lima, Andrade e Sousa, Forjaz, Loureiro, 1890.

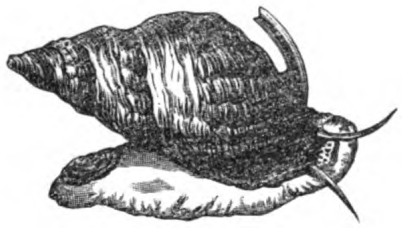
Policia da exploração das aguas.—Correia, 1891.

Collecção de leis sobre a pesca.—1.ª repartição da direcção geral da marinha, 1891.

Tambem a universidade de Coimbra, academia polytechnica do Porto, e alguns outros institutos e escolas do paiz, possuem collecções icthyologicas mais ou menos completas.

É bem notavel a importancia scientifica que merecem as pescas, pois que é por ellas que se obtèem os conhecimentos naturaes sobre os seres, vegetaes e mineraes, que existem nas aguas. As campanhas hydrographicas do *Travailleur* e *Talisman,* e as repetidas sondagens dos navios encarregados do lançamento dos cabos submarinos, vieram nos ultimos tempos lançar grande luz sobre os abysmos do oceano, fornecendo aos naturalistas valiosos specimens da fauna e flora maritima das regiões mais profundas d'este immenso meio, que tantas riquezas e mysterios encerra.

Até a pesca mais simples feita em pequenos regatos arranca das aguas preciosos exemplares para os estudos naturaes.



Buzio

CAPITULO XIII

COLLECÇÃO DE GRANDE NUMERO DE LEIS E PROVIDENCIAS, USOS E COSTUMES SOBRE A PESCA EM PORTUGAL

Seculo XII

Foral de Marmelar 1194 (villa fundada por D. Sancho I, proximo de Amamar) deixando livre aos habitantes o uso das lenhas, pascigos, caça e pesca fluvial, satisfazendo-se o fisco com a solução da colheita. Alexandre Herculano, *Historia de Portugal,* liv. VIII, part. III, pag. 411.

Foraes das aldeias de Tavoadela, Fontes e Crastello, situadas na vizinhança de rios, deixando expressamente livre a pesca (sobre a qual nas terras não municipaes tambem recaia o *condado)* estabelecendo unicamente esse direito em relação á caça. Alexandre Herculano, ibid. pag. 414.

Foral de Santarem «Dêem de fôro de vacca 1 dinheiro, e de gamo 1 dinheiro, e de veado 1 dinheiro, e de carga de cavalgadura com pescado 1 dinheiro, e de barco de peixe 1 dinheiro, e o mesmo se dará de julgado e 3 dinheiros de alcavala... Os pescadores paguem dizima, etc.... Da carga de peixe, que levarem da villa pessoas de fóra, paguem 6 dinheiros, etc.»... Alexandre Herculano, ibid. pag. 421.

Foral da Ericeira, terra de pescadores, tem previlegios de indole particular, estabelecendo que os individuos que começam a vida maritima, quer estivessem nos primeiros annos da juventude, quer fossem homens feitos, eram durante quatro annos livres de todos os tributos e encargos, etc.... Alexandre Herculano, *Historia de Portugal.*

1223

Foral de Barqueiros, concedido em nome de D. Sancho II, estabelece direitos de pesca. Alexandre Herculano, ibid. pag. 89.

1286 Outubro 28

Carta de povoação a trinta moradores do porto de Paredes, 2 leguas ao norte da villa da Pederneira, com a obrigação de sempre terem promptas seis caravelas para pescaria; e «para que acommodassem casa, lhes mandou el-rei D. Diniz dar a cada um seu moio de trigo.» *D. Diniz,* por Bernardino Pinheiro, pag. 124 e *Mon. Lus.,* tom. V, liv. XVI, cap. LI.

1307

Doação de Atouguia em que D. Diniz especifica os direitos de castello, açougue, mercados, portagens, mordomado, jugadas de gallegos, vintena do pescado dos gallegos, etc.

1353 Outubro 20

Tratado por cincoenta annos feito em Londres, entre os moradores de Lisboa e Porto e Eduardo III de Inglaterra, para os pescadores d'estas cidades poderem pescar livremente nos portos de Inglaterra e de Bretanha, e nos outros portos e logares que elles julgarem convenientes, pagando sómente os direitos *(costumes)* devidos aos senhores do paiz. Visconde de Santarem, *Quadro Elementar,* vol. XVI, pag. 47.

1444 Outubro 20

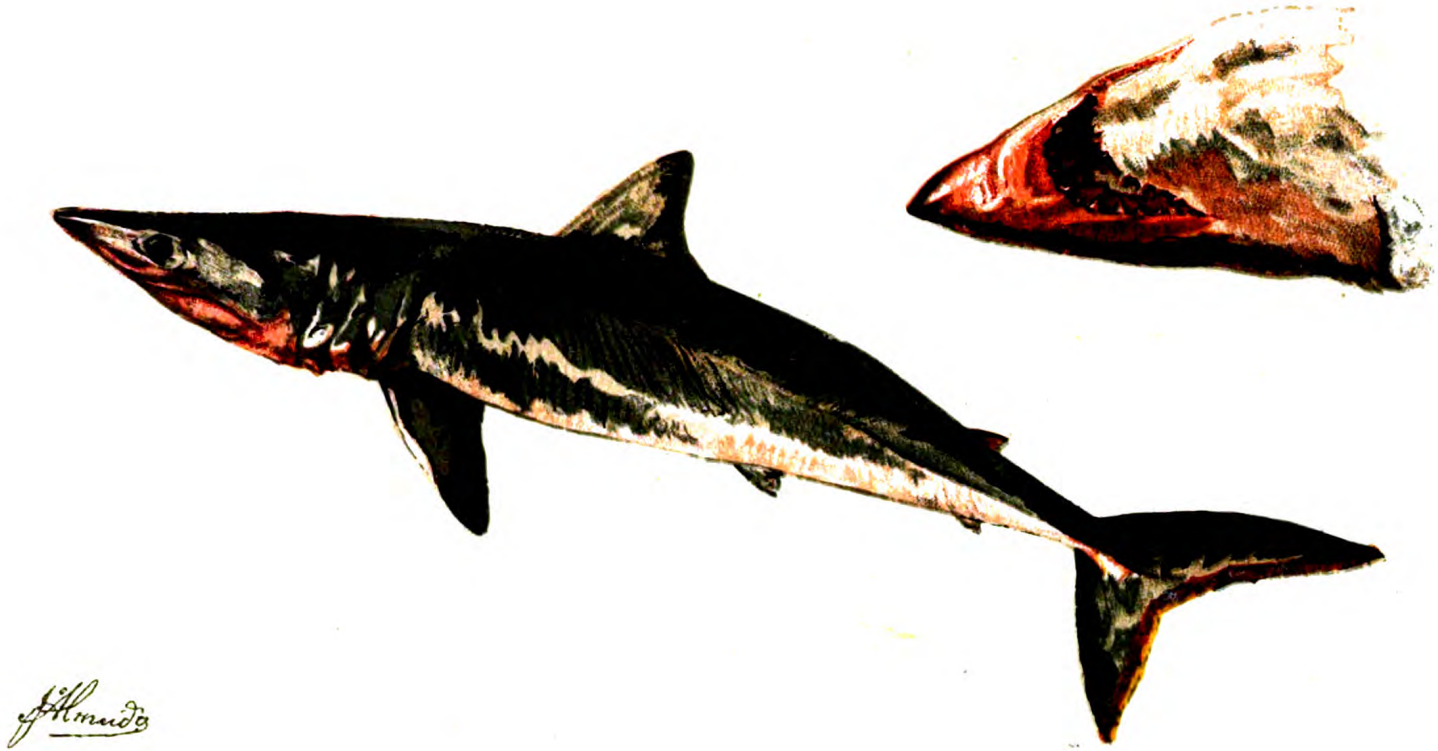
Licença do infante D. Henrique a uma companhia de Lagos, para, mediante certa quantia, poderem ir pescar na Angra dos Ruivos e mares proximos ao longo da costa de Africa. Sr. Almeida de Eça. Do *Exercicio da Pesca Maritima,* pag. 63. Transcripto de *Azurara,* cap. XCV, pag. 451.

1462

Estava estabelecida a pesca do coral na costa do Algarve. *Archivo de Faro,* citado na P. de 7-1-1790.

1462 Junho 12

Dom afomso etc. a quantos esta carta virem fazemos saber que per alguuns do nosso conselho e outros cidadaãos e honrradas pessoas das cidades e villas de nossos Regnos per muitas vezes assy em cortes jeeraaes como fora dellas nos foi feito rrecontamento da muy proueitosa nouidade e grande pescaria dos sauees que sse fazia no Ryo do tejo em cada huum ano em vida dos senhores Reis dom Joham meu auvo e ElRei meu senhor e padre cujas almas deus tem per bem da quall esta terra era muito abastada nom tam soomente dos pescados delles mais ainda douro e prata e muitas mercadorias que traziam dos Regnos de castella e doutras partes aquelles que por os ditos sauees vynham e leuauam pera seus gaanços e que os sauees que escapam das auargas e sauaares e nassas vaão pello Rio do tejo acima e alla dessoouam e lançam a semente de que sse fazem os sauees e no mes dagosto e setenbro com a primeira auguoa que vem aos ditos Ryos as sauaateelhas que sse jeeram da dita semente e desoouamento vem pellos ditos Ryos a fundo a buscar o mar honde sse vaão criar e que de poucos anos aca alguuns que nos sobre ditos Ryos teem canaaes e pescarias costumarom fazer caniços de veerga assi tapados e juntos que por pequeno peixe que elles caya ally morre e que no tempo que as nisauaatelhas decem para o mar os que carrego teem das ditas pescarias aalem de os caniços serem assy tapados e juntos como suso dito he lançam em elles esteiras e Redes meudas e dobradas em tall guisa que nos ditos caniços ficam e morrem todas pella mayor parte por a quall Rezam a naçam e semente dos ditos sauees he perdida e casy distinta do que a todo nosso pouoo geeralmente sse segue muy grande dapno e perda e a nossas Rendas abatimento pedindonos que proueessemos sobrello e nom consentisemos tamanho mall e dapno sse fazer e por os muitos Requerimentos que nos conthinuadamente acerca desto fizerom e ainda cada hum dia fazem quisemos sobrello saber a uerdade e manda-



PEIXE-CÃO, pag. 57

mos proguntar alguumas pessoas dignas de ffe que esto rrazam auiam de saber per as quaees fomos certeficado que no tempo que a semente dos sauees dece pera o mar com alguuns dos ditos caniços e per a mayor parte delles morre tanta cada dia que aalem da que a cestos pellos montes andam vendendo como sse fossem sardinhas a rrodam e com rrodos morta a lançam a perder pella auguoa abaixo e que por esta rrezam a nouidade dos ditos sauees em cada hnum ano desfallecia mais e os nom auia como ssoya e cada vez eram muy mais poucos do que nos muito desprouue e o auemos por muy malefico e querendo nos prouer sobrello esguardando ao bem comuum de nosso pouoo e como antre todallas outras cousas especiallmente somos obrigado a nosso senhor deus de cuja maão e encomenda teemos a guouernança do Regimento destes nossos Regnos pera os accrecentar e bem Reger e guouernar quanto em nos bem for a todo nosso Real poderio Theemos por bem e mandamos que todollos caniços dos ditos canaaes e pescarias dos sobreditos Ryos de tejo e zezer sejam tecidos de rrama ou verga a maneira de mantas da terra em bandas de huum palmo em ancho e antre huuma banda e outra fique vaao e aberto sem cousa alguuma boos dous dedos dancho todo o caniço atraues ou ao longo como quer que as bandas do tecimento sejam lançadas e nom seja nenhuum tam ousado de quallquer estado e condiçom que seja que per ssy nem per outrem cubra nem lance nem mande cubrir nem lançar nos ditos caniços esteiras nem outra cousa qualquer que seja pera matar as ditas sauaatelhas nem çarrar as bandas do dito vaao que assy mandamos leixar em aberto nem mate as ditas sauaatelhas posto que alguumas fiquem nos caniços as deitem viuas ao Ryo e quall quer que o contrairo fizer e for achado que o faz ou lhe for prouado sse for peam seja presso e trazido aa prissom da nossa corte pera publicamente hi seer açoutado e sse for de mayor condiçom e lhe prouado for que o faz ou manda fazer pague cem dobras douro em que per esta presente ho auemos por condepnado pera a Rendiçom dos captiuos por cada huuma uez que o fizer das quaees auera a terça parte quem o descobrir ou acusar e mais fique a nos rresguardado em nosso aluidro lhe darmos outra quallquer pena criminall ou ciuell segundo nos bem parecer e acharmos que merecem aquelles que vaaõ contra mandado de sseu Rey e senhor e pera nom alegarem inorancia mandamos que esta nossa carta seja publicada em abrantes e punhete e martinchel e dornes e em belueer e no gauiam e em aamieira e em nissa e em montaluam e os escpriuaães da camara de cada huums dos ditos lugares a Registem cada huum no liuro da vereaçom pera todos della serem em mais claro conhecimento e obraar na execuçom pella maneira que em ella he contheudo e huums e outros al nom foçadas dada em a nossa cidade de coimbra a XII dias de Junho aluaro lopes a fez ano de nosso senhor Jesus christo de mil quatrocentos sessenta e dois annos e eu gonçalo cardosso escpriuaõ da camara do senhor Rey a fiz escpreuer.

Chancellaria de D. Affonso V. Liv. I, fol. 96 v.

1494 Junho 7

Tratado feito em Tordesilhas, entre os procuradores de D. João II, rei de Portugal e de Fernando e Izabel, reis de Castella, consignando entre as suas disposições, que por espaço de tres annos ficasse reservada a pesca exclusivamente para os pescadores portuguezes do cabo Bojador para baixo até ao rio do Ouro. Sr. Almeida de Eça. op. cit. Nota C., pag. 105.

1504

Foral dado por el-rei D. Manuel, estabelecendo que os direitos do pescado sejam de 20 por cento da dizima velha e nova, pagos por entrada com as favoraveis gratificações. *Citado na provisão de 13 de janeiro de 1773.*

1506 Outubro 14

Alvará que manda cobrar o dizimo das pescarias da Terra Nova nos portos de Entre Douro e Minho pelos officiaes d'el-rei D. Manuel. *O Panorama,* vol. III, pag. 10.

1519 Outubro 24

Ordenamça dos direitos que am de paguar os navios que pescarem em samta Cruz

Comtador da nossa vila de samta cruz vimos huuns apontamentos que nos emviastes e quamto ao em que nos apomtaueis que no Regymento que laa leuou affonso Rodrigues noso feitor que foy diziamos que todalas gemtes dos navyos que de fora-parte hy fosem pescar e salguasem e sequasem em terra paguasem dizima e que tinhes duvida se ha paguariam os que *ajorrasem* em terra como ora fazia hy huum chymchorro e ao que vos Respondemos que avemos por bem que os que arrojarem em terra paguem dizima como dito he. Item. E os navios que não ajorrarem em terra nem salguarem nem sequarem nem paguarem mays que as dizimas que temos ordenadas e apropiadas pera o espritall desa vylla noteficamos uos asy todo a nos e ao noso feitor e oficiaees outros a que o conhecimento desto pertencer e vos mamdamos que em todo e per todo façaees compryr e guoardar este como se nelle comtem scripto em evora a vinte e quatro dias doutubro amtonio affonso o fez de mil quinhentos e dezenove.

Livro de Registo de Leis e Regimentos d'El-Rei D. Manuel, fol. 94 v.

1533 Junho 21

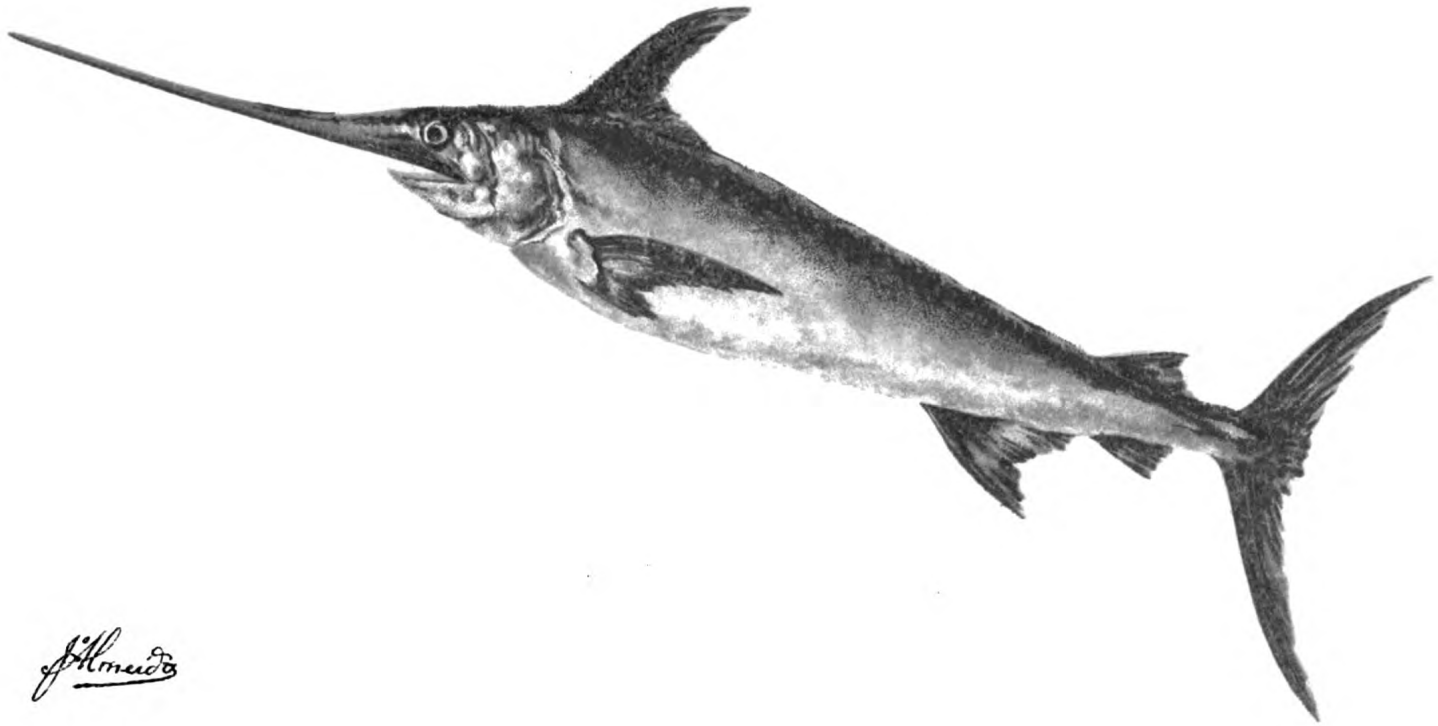
Extenso accordão do senado da camara do Porto, que estabeleceu uma postura, prohibindo a pesca nos mezes de junho a setembro, e marcando a grandeza das redes e largura da malha que era de tres dedos longos, sob pena de dez cruzados e cadeia.

1552 Março 28

Alvará, prohibindo pescar no rio Tejo azevias com tanchas e fateixas, defendendo a pesca nos rios e lagôas de agua doce com qualquer rede, nem com covões, nassas, tesões, nem por modo algum nos mezes de março, abril e maio, e permittindo apenas pescar á cana com anzol, prohibindo o uso de redes com malha mais estreita do que a limitada pela camara, ordenando que se não mate a criação do peixe, e se não corrompam as aguas dos rios e lagôas com trovisco, barbasco, coca, cal, nem outra substancia que mate os peixes, regulando os apparelhos a empregar na pesca dos saveis e lampreias, e defendendo esta pesca nos dias em que a igreja manda guardar, permittindo em todo o tempo a pesca nos rios limitrophes, e acatando as composições que os moradores de uma e outra margem quizerem fazer, deixando pescar com redes de qualquer vitolla passados os mezes da criação nos rios que seccam de todo, e estabelecendo as penas, devassas e fórma das sentenças. *Leis extravagantes,* tit. XIV *das caças e pescarias defesas.*

1560 Julho 26

Accordão, que prohibiu que os pescadores se servissem de redes chamadas camaroeiras ou de conchinha e outras.



AGULHÃO *(xiphias gladius)*, pag. **57**

A bitola da malha das redes dos pescadores do rio Douro, que se fez no senado da camara, e n'elle se acha, é do comprimento correspondente á distancia do espaço que se dá entre os dois ossos do dedo polegar: e esta medida melhor se vê, dobrando-se o mesmo dedo, porque melhor se descobrem os ossos d'elle, cuja bitola ha de caber dentro na malha da rede em quadra.

1561 Dezembro 17

E no dia 17 de dezembro de 1561, estando em camara Antonio Ribeiro e Henrique Homem, juizes, e Antonio da Rocha, vereador, e bem assim Gonçalo da Costa, procurador da cidade, perante elles na casa da dita camara, pareceram Antonio Ramos, João Gonçalves, Christovão Ramos, Pero Alvares pescadores no logar de Gaia e outros muitos de Maçarelos e Miragaia, os quaes todos foram chamados á dita camara por pregão para lhes ser dada a malha e bitola por onde haviam de pescar d'aqui por diante, que elles logo viram e mandaram que estivesse na casa da dita camara e isto conforme a lei, e os ditos pescadores e muitos que á dita camara vieram a viram e os ditos juizes e vereadores mandaram fazer este termo e assignaram. = *Gaspar Riscado,* o escrevi.

1602 Novembro 16

Alvará, sobre as pescarias defesas, repetindo e reformando as disposições de 28 de março de 1552, publicado no titulo LXXXVIII do livro V das *Ordenações e leis do reino de Portugal,* cuja 1.ª edição, approvada por alvará de 16 de novembro de 1602, appareceu em 1603. *Ordenações Filippinas.*

1607 Março 20

Alvará, que prohibe aos pescadores de Setubal o uso de chinchorros.

1608 Dezembro 23

Provisão da mesa da Consciencia e Ordens, determinando que no reino e mais partes ultramarinas, não paguem direitos as pescarias feitas aos domingos e dias santos para a canonisação de S. Pedro Gonçalves Telmo e S. Gonçalo de Amarante.

1610 Novembro 19

Alvará, revogando a provisão de 23 de dezembro de 1608, ácerca dos direitos determinados pela mesa da Consciencia e Ordens.

1615 Janeiro 9

Carta regia, mandando fazer lei que prohiba as redes tartaranhas por tempo de oito annos, com o fim de remediar a falta de pescado que ha, e se entende claramente que procede da pescaria d'estas redes.

1615 Janeiro 30

Alvará, providenciando para evitar que os pescadores deixem de pagar direitos do pescado que forem vender fóra do reino.

Alvará, declarando nullas as pretensões do conde de Atouguia, pela composição que fez com os pescadores da villa de Peniche, para lhe pagarem 10$000 réis de cada cara-

vella que fosse vender pescaria a Castella e outras partes, e que, vindas do Brazil, lhe trouxessem os ditos 10$000 réis empregados em assucar, e determinando que os direitos do pescado se arrecadassem como devidos á fazenda real.

1615 Abril 9

Alvará, prohibindo as redes tartaranhas por tempo de oito annos, para favorecer os pescadores do alto da cidade de Lisboa contra os que pescam com as ditas redes, remediando a falta de pescado que se entende procede do uso das tartaranhas.

1620 Abril 11

Carta regia, confirmando por tres annos a arrematação, que por cinco se fizera a Luiz Vaz de Rezende, das almadravas do Algarve e sardinha de Lagos, com exclusão da condição 12.ª do respectivo contrato, e não querendo elle, se mande administrar pelo licenciado Ruy Lourenço.

Provisão do conselho de fazenda, permittindo aos pescadores, que, sem embargo das provisões em contrario, pesquem todo o anno com avargas, chinchas e chinchorros, á excepção dos mezes de maio a agosto, em que o peixe costuma desovar.

1650 Junho 16

Provisão, mandando cumprir o alvará para os mandadores, atalaias e mais pessoas que se occupassem no ministerio das almadravas do reino do Algarve, não fossem citadas para fallarem a causa, desde 1 de março até todo junho de cada anno, por ser a temporada e safra das pescarias e d'ellas não serem perturbados, em vista do requerimento de Ruy da Silva e Tavora, provedor das ditas almadravas.

1650 Outubro 19

Accordão do senado do Porto, que prohibiu a pesca com redes miudas, sob pena de 6$000 réis e as redes queimadas.

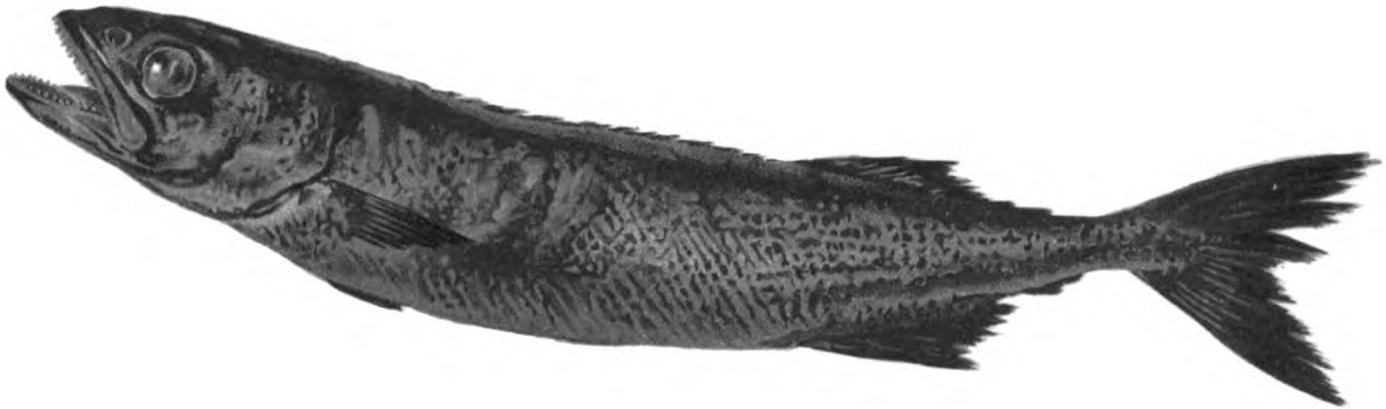
1659 Março 19

Carta patente, em que vae incorporado o alvará de El-Rei D. João IV, deferindo ao requerimento dos atalaias e armadores das armações dos atuns da villa de Lagos, mandando do 1.º de março até ao fim de junho, não possam ser demandados nem citados por nenhum caso civel, nem suas fazendas embargadas, etc.

1677 Outubro 27

Ley sobre os pescadores das sardinhas, e auerem de fazer auenças e as penas que hão de ter no descaminho dos direitos della

Eu o Princippe como Regente e Gouernador do Reino de Portugal e Algarues etc. faço saber aos que este aluará uirem que eu fuy seruido rezoluer que se fizessem auenças com os pescadores da sardinha para melhor arecadação de meus direitos Reaes, e euitar os descaminhos que nelles se fazem, E em carregandosse o ajuste dellas ao Procurador



ESCOLAR *(ruvettus pretiossus)*, pag. 58

de minha fazenda as continuou com alguns pescadores não as querendo muitos.açeitar porque achaũo mais conueniencia nos descaminhos, e para que estes se possão atalhar, Hey por bem, e me pras, ordenar que aqueles pescadores que se não quizerem avensar pello direito da siza achandosse judisialmente que não uieram pagar os direitos, e descaminharão sardinha sejão condenados na pena de anoueada e lhe serão os barcos, e redes queimados, e elles degradados tres annos para Castro marim Pello que mando a uos contador de minha fazenda nesta cidade e seu termo façam publicar e executar as penas referidas na forma que dito he para o que se pasarão as ordens necesarias e se ficharão e editaes sendo necessarios para que venha a noticia de todos, E este aluara quero que se cumpra inteiramente e que ualha como ley para o que se publicará tãobem em minha chancellaria, E ualerá posto que seu effeito aja de durar mais de hũ anno sem embargo da ordenação do L.° 2.° digo da ordenação em contrario, francisco pereira o fes em Lisboa a 27 de outubo de 677, Luiz teixeira de Carualho o fez escrever. = Princeppe.

Foy publicado na chancellaria o aluara de S. A. na forma do estillo em lisboa a 2 de nouembro 677. Dom sebastião maldonado.

Livro v de *Registo de leis,* fl. 134 v.

1678 Março 30

Eu o Princepe como Regente e Governador dos Reinos de Portugal e Algarues faço saber aos que este alvara uirem que por quanto tenho rezoluto que os pescadores da sardinha se avensem pella casa das sizas do estado de Bragança do mesmo modo que hão de fazer pella casa de siza da fazenda Real e por que entre as condiçõis com que de presente se a rematou a casa das dizimas foy a de que as mesmas penas que pella caza da siza tinhão mandado executar contra os que dezemcaminharem os direitos da sardinha se executem tão bem pella caza das dizimas, E por as taes penas serem de nouo impostas, e athegora se não praticarem pode succeder se não observem e guardem com aquella exacção que he muito necessaria. Hey por bem como Princepe, e Gouernador que sou destes Reinos de confirmar, e sobrestabelecer as penas refiridas, e mando ao contador de minha fazenda nesta cidade e seu termo e a outro qualquer ministro a quem o conhecimento deste pertencer fação publicar e executar as penas refiridas na forma que dito he, para o que se pasarão as ordens necessarias, e se fecharão editaes para que uenha noticia de todos, e este aluará quero e me pras que se cumpra mui inteiramente e que ualha como ley para o que se publicara, tambem em minha chancellaria e valera posto que seu effeito aja de durar mais de hũ anno sem embargo da ordenação em contrario francisco pereira o fes em Lisboa a 30 de março de 678 annos, sebastião da gama lobo o fes escrever =. Princeppe.

Foy publicado na chancellaria mor o aluara de S. A. atras escrito na forma do estillo Lisboa, 11 de junho de 678, D. Sebastião maldonado.

Livro v do *Registo de leis,* fl. 146.

1686 Fevereiro 24

Lei sobre descaminhos dos direitos da sardinha da siza e dizima

Dom Pedro por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Afriqua senhor de guiné, da conquista navegação comercio dethiopia arabia persia e da India etc. faço saber aos que esta minha Lei virem que por se repetirem as queixas dos grandes descaminhos que custuma haver nos direitos Reais da siza do pescado em que tambem são muito prejudicadas as dizimas do estado de Bargança patrimonio distinado

para os Principes sucessores do Reino que asi tem para sustentação de sua caza a Infante minha sobre todos muito amada e muito prezada filha, e por outrosim se me representar que não são bastantes para se evitarem os ditos descaminhos as penas dos foraes prencipalmente pellos que toca a sardinha nos mezes de pescaria della a qual os pescadores ajudados de pesoas poderozas custumão descaminhar nos portos e quintas de Ribatejo, e por essa rezão ser eu obrigado a obviar os prejuisos da minha fazenda com que se sustenta a coroa e tambem os do dito estado de Bargança Hei por bem de acresentar a pena a este delito e dar nova forma ao procidimento que se deve ter com os delinquentes, e tendo visto as consultas que se me fizerão pello Conselho de minha fazenda e pella Junta do estado de Bargança mandando considerar a materia dellas fuy servido resoluer se faça esta nova lei pella qual mando que todos os pescadores que achar ou se provar que descaminhão o direito Real da siza percão pella primeira uez o que asim descaminharem achandoçe em ser e a sua estimação, e não se achando em ser paguem a sua estimaçã› em dobro e em hum e outro cazo o barco com seus aparelhos que tudo será aplicado ao Rendimento da dita casa da siza, e sendo comprehendidos os pescadores segunda vez se lhe poderão acresentar as penas com degredo e arbitrio dos julgadores os quais tambem em ambos os cazos procederão contra as mais pesoas comprehendidas nos tais descaminhos ou em lhe dar ajuda e favor ou em Recolherem pescado descaminhado sem lhe constar que estejão ja pagos os direitos e as pessoas donos das quintas ou cazas em que se Recolher o dito descaminho sendo sciente delle emcorrerão nas meśmas penas e para que estas tenhão sua devida exzecução se tirara todos os annos pello menistro que eu for servido nomear hua devassa dos ditos descaminhos a qual comesara no tempo que comesa a dita pescaria e estarão em aberto todo o que ella durar e não somente neste mas em todo qualquer do anno podera o dito menistro admetir as denunciaçõis que se lhe derem e proceder contra os culpados sem prejuizo de se poderem dar tambem diante dos Almoxarifes, e por fazer mercê ao estado de Bargança pellas rezois que ficão referidas Hei por bem que na mesma forma proceda pellos descaminhos das dizimas. Com declaração que as penas do perdimento dos barcos e pescado que por esta lei são impostas quando se sentenciarem por uertude da devassa somente se aplicarão por rata para o Rendimento de ambos das sizas e dizimas e porem quando for por denunciação pertencerão a cada hua das cazas cujo ofecial denunciar e não sendo dada por ofecial se Repartira na forma referida ficando sempre salua em hum e outro cazo a parte do denunciante e querendo os pescadores avansarçe o puderão fazer na forma do outro Aluara que fui servido mandar passar nesta materia, e mando ao Regedor da Caza da Suplicação gouernador da Caza do Porto dezembargadores das ditas cazas corregedores do crime de minha corte e aos Corregedores e Juizes do crime desta cidade de Lisboa e a todos os mais Corregedores e ouvidores do mestrado e Juizes de todas as Cidades Villas e lugares destes meus Reinos e das Comquistas que cumprão e guardem e fação cumprir e guardar esta Lei como nella se conthem que Hei por bem se cumpra sem embargo de quais quer outras que haja e da ordenação em contrario por que assim o Hei por bem e mando outrosim ao meu Chanseller mor a faça publicar na Chanselaria na forma que nella se custumão publicar semelhantes leis em viando cartas com o treslado della sob seu sinal e meu sello aos corregedores prouedores e ouvidores das comarcas para que a publiquem e fação publicar em todos os lugares de suas comarcas e ouvedorias para que a todos seja notoria e se Registará nos livros do dezembargo do passo no da caza da suplicação e Rellação do Porto e mais partes em que se custumão registar semelhantes Leis Domingos de Almeida a fez em Lisboa a vinte e quatro de feuereiro de 686 Francisco galuão a fez escreuer «Rey»

Foy publicada esta lei de S. Magestade por Dom Sebastião maldonado na Chansellaria mor da Corte e Reino vedor della e fidalgo de Sua Caza aos vinte de Julho de 686.

Livro VI de *Registo de leis*, 3–5 v.

J. Almeida

ALCABOZ OU CABRÃO. pag. 58

1700 Novembro 26

Provisão real, estabelecendo providencias sobre o pescado de Ilhavo.

1706 Maio 22

Alvará sobre o tabaco que trazem os pescadores para seu uso.

1709 Março 23

Alvará, alliviando o pescado de Esgueira do dobro das sizas.

1722 Fevereiro 24

Decreto sobre o tabaco que os pescadores trazem a bordo para seu uso.

1747 Julho 5

Alvará, determinando que as causas do pescado sejam processadas pelo seu escrivão privativo, com pena de nullidade sendo outro.

1757 Fevereiro 6

Alvará, sobre pescarias.

1758 Janeiro 9

Alvará, que excluiu os navios que trazem trigo, bacalhau, madeira, etc. de não serem abordados antes de descarregarem.

1763 Fevereiro 10

Tratado de Paris, em que a Hespanha desistiu formalmente da pesca do bacalhau na Terra Nova.

1765 Fevereiro 12

Alvará, approvando as condições particulares, para o governo, do contrato da pescaria das baleias do Brazil.

1765 Fevereiro 18

Alvará, da arrematação do contrato da pesca da baleia a uns negociantes.

1765 Julho 9

Edital do senado de Lisboa, ordenando que ninguem compre peixe dentro das lanchas, esperando que elle se venda nos logares publicos a fim de evitar as travessias; ordenando mais que os pagamentos respectivos aos Lava-Peixes se façam em dinheiro e não em especie; e abolindo o abuso intitulado da *mercia*.

1766 Setembro 5

Edital do senado de Lisboa, prohibindo as redes de arrastar nas pescarias e condemnando os transgressores na perda dos barcos, na queima das redes e em prisão por trinta dias.

1768 Julho 9

Alvará, sobre a arrematação do contrato da pesca da baleia.

1769 Julho 17

Alvará, estabelecendo o preço do sal para as pescarias.

1771 Setembro 13

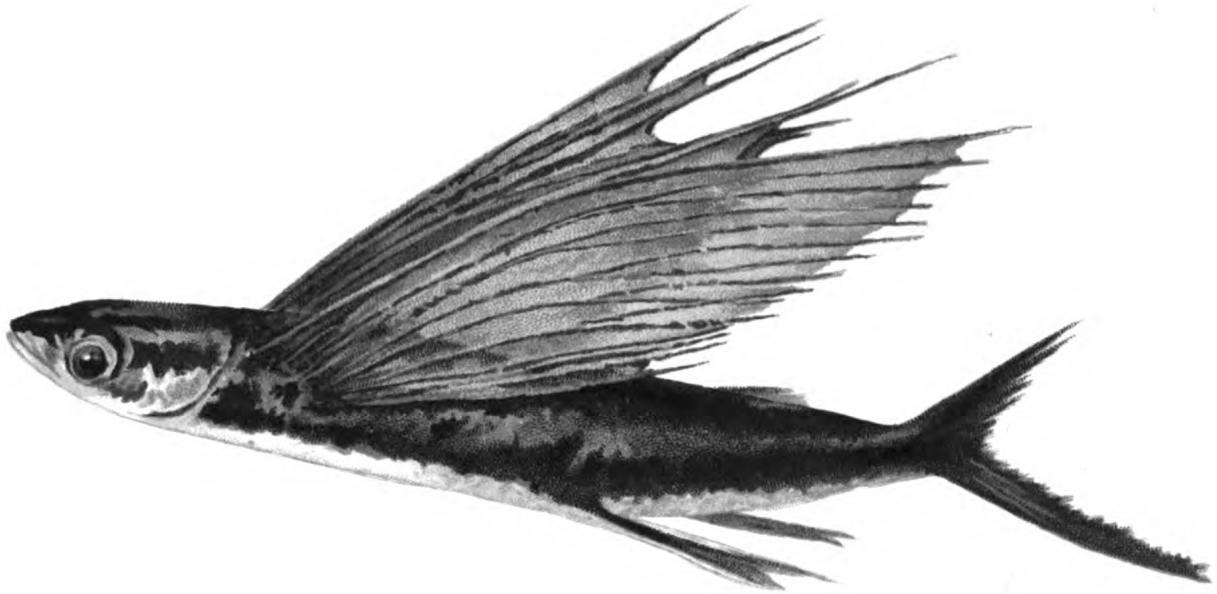
Edital do senado de Lisboa, ordenando que nenhum pescador possa descarregar, nem vender peixe fóra dos sitios de Belem, da Nova Ribeira e de Sacavem, sob pena de condemnação, na qual tambem incorrerão os maltezes e mulheres de soldados, ou quaesquer outras pessoas, que se intrometterem na compra e venda, exceptuando os almocreves, que costumam vender pelo termo em bestas suas, com licença do senado, e as mulheres que tambem tiverem licença para venderem com celhas pelas ruas da cidade.

1773 Janeiro 13

Provisão d'el-rei D. José, providenciando a bem das pescarias e ordenando que todos os direitos do pescado do reino do Algarve fiquem reduzidos aos 20 por cento das dizimas velha e nova, estabelecida pelo foral d'el-rei D. Manuel e abolindo todas as mais sizas, portagens e direitos; isentando os pescados para sustento, os que se pescarem á cana, rede-pé, á linha, os que forem para mantimentos, conductas ou caldeiradas ou para mantimentos á carga no reino; mandando que o peixe salgado ou secco que tiver pago os 20 por cento não torne a pagar mais sendo transportado por terra; ordenando, para mais animar as salgas seccas do peixe e o lavor das marinhas, que todo o peixe fresco que saír do reino pague o dobro dos direitos e alem d'estes, mais vinte alqueires de sal cada duzia de atuns ou corvinas, dez alqueires cada milheiro de sardinhas, e dois alqueires cada duzia de pescadas; mandando vender em praça publica as marinhas reaes para animar o lavor das marinhas; acabando com os provedores das almadravas e os superintendentes do sal e legando a jurisdicção nos casos occorrentes nos ministros de vara branca das cidades e villas, ou nos juizes ordinarios; escolhendo os officiaes das alfandegas para servirem de feitores dos direitos do sal e do pescado.

1778 Janeiro 15

Alvará d'el-rei D. José, confirmando as condições para a formação de uma companhia denominada *Companhia Geral das Pescarias Reaes do reino do Algarve,* achando-a util para a restauração e augmento do reino do Algarve e um bom serviço em promover o restabelecimento das pescarias reaes de atum e corvina. As condições são vinte e uma e foram apresentadas em 8 de janeiro do mesmo anno. Os homens de negocios da praça de Lisboa e outras pessoas do reino do Algarve concordaram fazer uma companhia para explorar as pescarias e suas armações na costa do Algarve e pedem a confirmação da concessão das condições, estatutos e privilegios seguintes: denomina-se *Companhia Geral das Pescarias Reaes do reino do Algarve,* durará por doze annos e usará nos papeis sêllo e armas com a imagem de S. Pedro; constituirá um corpo politico com tres caixas geraes ou directores eleitos pelos accionistas, sendo o superintendente das alfandegas juiz conservador da companhia; que o peixe pescado não pagará mais do que 20 por cento; receberá a companhia por inventario todas as ferramentas, redes, cordagens, que pertencerem á



J. J. Almeida

PEIXE-VOADOR, pag. 59

fazenda real pelos doze annos e poderá tomar todos os armazens, cabanas, redes, etc., ainda que pertençam a outros, e as praias e terrenos necessarios; emittir quatrocentas acções de 100$000 réis cada uma; solicitando privilegios para as pessoas da companhia; os interesses liquidos serem distribuidos pelos associados; na direcção geral só poderem entrar portuguezes e os caixas receberem entre elles 3 por cento das compras e vendas.

1773 Outubro 31

Provisão, estabelecendo que a sardinha do Algarve não pague direitos por entrada ou saída, e a de fóra pague 6$000 réis por milheiro.

1773 Dezembro 16

Alvará, dispondo no paragrapho 14.º que sejam demolidas as pesqueiras e nasceiros do rio Douro.

1774 Março 17

Alvará, mandando que todos os homens do mar e pescadores do reino do Algarve, não possam pescar ou navegar fóra dos limites do reino sem passaportes; que o superintendente geral das alfandegas das provincias do sul, estabeleça uma matricula geral de todos os homens do mar e pescadores do Algarve, com naturalidades, domicilios, embarcações, companhas e portos; e prohibindo a venda de embarcações de pesca para fóra do reino e a compra de embarcações de pesca estrangeiras.

1774 Maio 7

Alvará, sobre a arrematação do contrato da pesca da baleia.

1775 Setembro 2

Decreto, concedendo aos pescadores da villa de Setubal, que possam livremente levar o peixe, que matarem, para todos e quaesquer outros portos e barras, sem limitação ou restricção alguma.

1776 Julho 13

Alvará, para se poder augmentar o fundo de 40:000$000 réis da companhia das reaes pescarias do reino do Algarve a 80.000$000 réis.

1776 Outubro 23

Decreto, favorecendo os navios estrangeiros de pesca que vierem fazer as suas carregações de sal aos portos do Algarve, para continuarem a viagem com a sua pescaria, isentando-os das disposições relativas aos tabacos que trouxerem para uso das equipagens.

1783 Fevereiro 20

Decreto, ordenando que as lanchas de pescar no alto de Setubal, que tiverem mais de vinte homens de tripulação, gosem de liberdade tanto no destino da navegação como na venda da pescaria; e que as outras embarcações costeiras, que tiverem menos, não possam vir á cidade de Lisbôa, devendo ser obrigadas a levar o peixe á ribeira ou villa

de Setubal para ali o venderem; e determinando que a arrecadação dos direitos em Tabola se execute por contrato.

1784 Março 5

Alvará, prorogando o termo da companhia das pescarias do Algarve por mais seis annos, até ao ultimo de dezembro de 1790.

1785 Julho 6

Alvará, mandando que os que entram com peixe em Salir paguem ao prior de Obidos o dizimo das pescarias.

1786 Setembro 6

Edital do senado da camara de Lisboa, ordenando que de novo se afixassem as disposições do edital de 9 de julho de 1765 para evitar a travessia do peixe.

1786 Dezembro 7

Alvará, sobre a arrematação do contrato da baleia.

1787 Junho 18

Alvará, mandando isentar de direitos, contribuições e gabellas a pescaria para sustento; ordenando que por dez annos se não cobrem nos portos das matanças sizas, dizimos, etc.; tomando-se nota das quantidades e qualidades do pescado, e que seja livre de todos os direitos tambem por dez annos, todo o atum salgado pescado na costa, todo o peixe, exceptuando a sardinha fresca ou salpicada que entrar no porto de Lisboa; mandando que todo o pescado possa transitar livre de direitos; providencias para levantar as pescarias da grande decadencia a que têem chegado.

1788 Fevereiro 16

Ordens da policia, providenciando sobre o pescado.

1790 Janeiro 7

Provisão de D. Maria, que havendo-lhe constado por documentos extrahidos do archivo da antiga sé de Silves e da comarca de Faro, que no anno de 1462 se achava estabelecida uma pesca de coral nas costas do Algarve, a qual, depois de se renovar no anno de 1711, se achava presentemente aniquilada e extincta, manda averiguar as causas da decadencia d'esta pescaria e auctorisa o superintendente do Algarve a entrar na tentativa da pesca do coral debaixo da inspecção regia.

1790 Agosto 7

Decreto, ordenando que na isenção total dos direitos, concedida no alvará de 18 de junho de 1787, são comprehendidos todos os pescados, incluindo a sardinha, depois de salgados ou escalados, que forem exportados ou transportarem por terra, depois do preciso termo de quarenta e oito horas, e que a cavalla escalada ou salgada no mar gose d'este beneficio, esperando as quarenta e oito horas contadas do desembarque.

J. Almeida

PULGA DA AREIA, pag. 202

PIARDA, pag. 47

BULIDEIRA, pag. 59

1790 Setembro 4

Alvará, prorogando a companhia das pescarias do Algarve por mais seis annos, que acabam no ultimo de dezembro de 1796, e ampliando as faculdades concedidas na 6.ª condição da formação da companhia com outro director; obrigando a pagar os direitos por inteiro do esparto, tamissa, embarcações, sal, etc.; elevando o fundo da companhia a 800 acções; mandando applicar-se á pesca da corvina no Guadiana, e ordenando o aproveitamento de toda e qualquer qualidade de cetaceos, que se poderem tomar ou que derem á costa, concedendo a isenção dos direitos.

1790 Outubro 11

Resolução, revogando a transacção dos pescadores da Alfama.

1791 Outubro 2

Alvará, estabelecendo providencias sobre pescarias.

1791 Novembro 3

Alvará, idem.

1791 Novembro 28

Alvará, idem.

1792 Novembro 20

Alvará, approvando as condições da companhia da fabrica de pescarias e salinas na capitania e em todo o estado da Madeira e praia chamada «Formosa», a que se propõe Thomás Eduardo Watts e seus socios; confirmando condições analogas ás da companhia das pescarias do Algarve, com excepção da 7.ª, que é modificada no sentido de não ser permittida a livre exportação de sal para o Brazil, e a 10.ª que é eliminada, não podendo a fabrica ter pessoas praticas na pesca dos cetaceos por ser contraria ao contrato da companhia de baleias.

1794 Outubro 16

Alvará, prorogando por mais dez annos, que terminam no ultimo dia de 1807, a duração da companhia das reaes pescarias do Algarve.

1797 Dezembro 8

Alvará, ampliando o de 20 de novembro de 1792 sobre a fabrica de pescaria da Madeira, declarando que na condição 3.ª se entende comprehendida a Praia Formosa, Porto Santo e outro qualquer sitio d'aquelle estado, e ampliando as faculdades consistentes nas nove condições sociaes.

1798 Fevereiro 9

Edital sobre pescarias.

1798 Março 18

Alvará sobre pescarias.

1798 Maio 18

Alvará, ordenando que é livre preparar e armar navios para a pesca da baleia e preparo do azeite no alto mar, em todas as costas do reino, até ás do Brazil e nas de Moçam-

bique, e naturalisando os pescadores de qualquer nação, servindo dez annos em navios portuguezes de pescarias volantes; e ordenando igualmente a liberdade das pescarias sedentarias em qualquer das ilhas de Cabo Verde.

1801 abril 24

Alvará, dando por extincto o contrato da baleia, e ordenando a liberdade da pesca d'este cetaceo.

1802 Maio 3

Alvará, ordenando a liberdade de pescar no alto mar e suas costas, independentemente de licença, obrigando apenas os mestres das embarcações a declarar a qualidade da embarcação, redes de que usa e numero de pessoas da companha; isentando de direitos o que for necessario para a construcção dos barcos de pescar no alto mar, sendo dos que se denominam calões, rascas, lanchas do alto e cahiques, e retribuindo até as emprezas que se propozerem a augmentar a pescaria; mandando dar o sal para pescarias livre de direitos; fiscalisando com barcos de guerra a pesca, protegendo-a dos corsarios; prohibindo nos rios de Lisboa e Setubal as tarrafas, bugigangas, chinchorros, mugeiras, tartaranhas ou outras que arrastem, seja para a colherem no mar, seja nas praias; e a mesma prohibição terá logar em distancias de 5 leguas das bôcas dos ditos rios.

1802 Dezembro 20

Alvará, mandando que o pescado salgado, secco ou escalado de Cezimbra só paga 20 por cento da dizima nova e velha.

1803 Junho 14

Edital, annunciando que podem pescar com tartaranha os pescadores do Barreiro, Seixal, Arrentella e Olivaes.

1803 Julho 13

Edital, estendendo a todo o reino a permissão do edital de 14 de junho do mesmo anno.

1805 Agosto 6

Alvará, mandando que a pescaria de Setubal, salgada, secca ou empilhada, tendo pago dizimo no porto de matança, é livre em todos mais do reino.

1812 Fevereiro 24

Portaria sobre pescarias.

1815 Junho 3

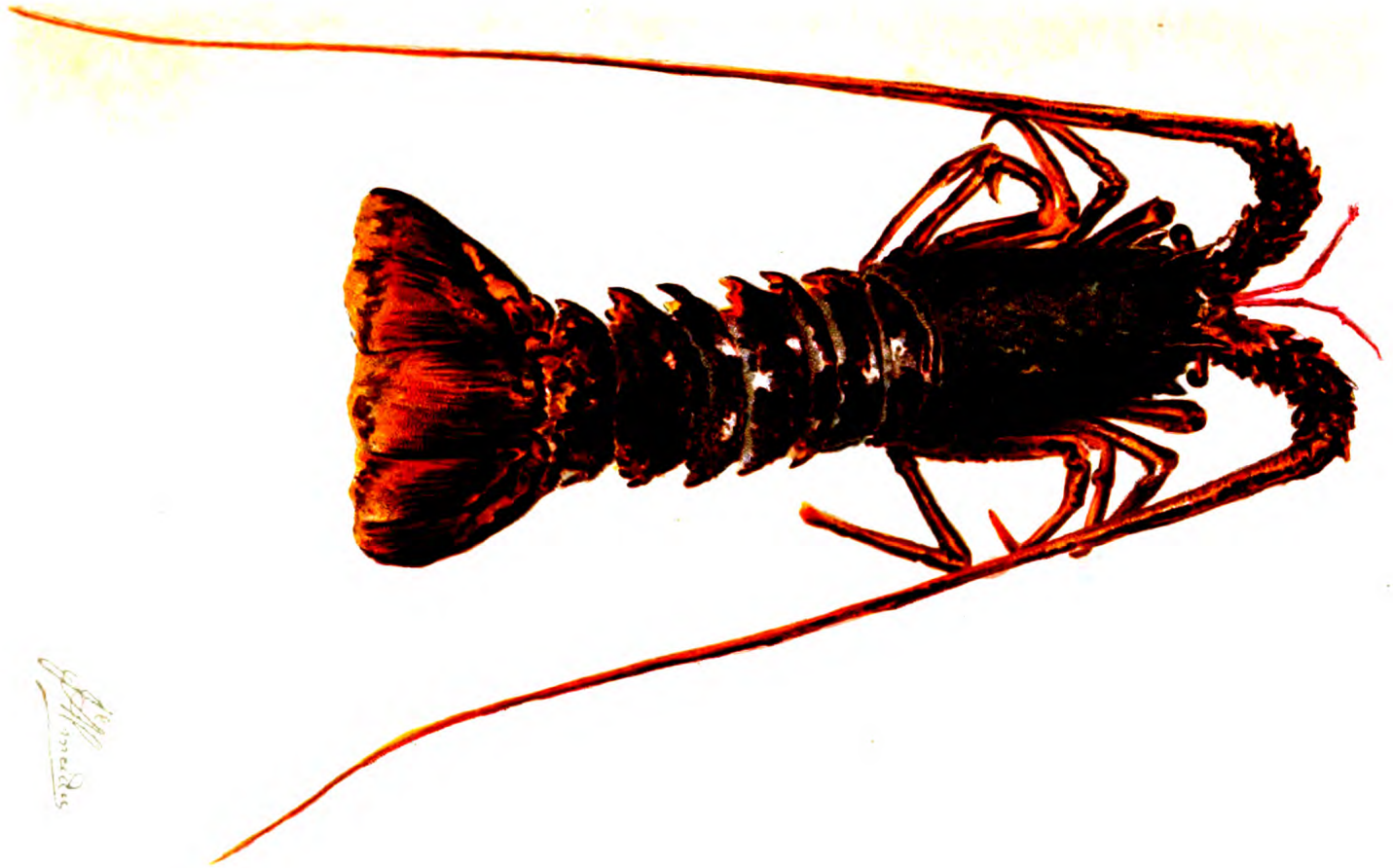
Alvará sobre pescarias.

1816 Junho 26

Edital, determinando seis logares para a venda do peixe em Lisboa.

1825 Junho 4

Alvará, prorogando por mais dez annos a isenção dos direitos do peixe secco e salgado que tiver sido pescado nos reinos de Portugal, Algarve e ilhas adjacentes, resolução tomada em conselho de fazenda de 30 de maio do mesmo anno.



LAGOSTA *(palinurus vulgaris,* Latr.), pag. 59

1825 Junho 15

Alvará, com força de lei, a que se refere o alvará anterior, prorogando por mais dez annos a isenção dos direitos do peixe secco e salgado.

1830 novembro 6

Decreto da regencia, abolindo todos os direitos, contribuições, dizimas, gabellas ou imposições, debaixo de qualquer nome, titulo ou pretexto, com que até agora se cobravam, ou exigiam do peixe pescado em barcos ou navios portuguezes, por companhias ou tripulação portugueza, comprehendendo todo o peixe pescado nos mares das costas dos dominios portuguezes, como o que for pescado no mar largo, ou em pescarias longinquas, ou nas costas pertencentes a qualquer outro estado. As pessoas, corporações civis ou religiosas, a quem pertenciam estes direitos serão indemnisados com uma apolice de juro real correspondente ao liquido rendimento medio d'esses direitos; ficam extinctas todas as mesas, e estações fiscaes especialmente destinadas a receber os direitos do pescado, com todos os officios e empregados, depois de prestarem contas; extingue e dá por abolido o dizimo ecclesiastico do peixe do mar; ficam abolidas todas as caldeiradas, amostras, pitanças ou qualquer outra denominação, debaixo da qual algum governador, auctoridade ou corporação, costuma exigir peixe; abolidos os direitos de azeite de peixe, espermacete, barbas de baleia e outros productos pescados por navios portuguezes; estabelecendo livre transito e exportação do peixe; são navios ou barcos portuguezes todos os construidos em portos portuguezes e os navios construidos em portos estrangeiros que se nacionalisarem; é companha ou tripulação portugueza aquella de que o mestre, officiaes e dois terços dos homens são portuguezas; toda a pescaria estrangeira introduzida como portugueza, ou o peixe salgado com sal estrangeiro, são considerados como contrabando; os mestres e companhas dos barcos de pesca matriculados, serão isentos do recrutamento para tropa de linha ou milicias, de todo o serviço de ordenanças, de todos os encargos pessoaes do concelho; todos os barcos de pesca são obrigados a tirar licença pagando 3$000 réis de direitos e 480 réis de emolumentos, sem o que pagarão 20$000 réis de multa, exceptuando os que pescam para recreio, consumo particular e não para vender; ficam abolidos todos os privilegios concedidos para exercer qualquer ramo de pescaria, sendo livre a todos os portuguezes exercer a industria da pesca; ficam abolidos todos os privilegios de tomar por força remeiros, pescadores ou outras pessoas para trabalharem em quaesquer artes de pescaria, sendo livre a cada um servir a quem quizer e pelo jornal que ajustar; é permittido a formação de sociedades de pescaria reguladas como as sociedades de commercio ou industria; cessará a necessidade de ser encorporado em alguma confraria, compromisso ou irmandade para poder ser pescador; as disposições d'este decreto são applicaveis sómente aos portos, bahias, angras, enseadas e costas do mar; e aos rios nas partes onde chegue a agua do mar nas marés vivas.

1831 Fevereiro 25

Decreto, ordenando que todos os negocios referentes a pescarias, fiquem competindo á secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

1831 Novembro 31

Decreto, que extingue o officio de procurador do almoxarifado do pescado secco da cidade de Lisboa.

1835 Março 20

Portaria, mandando que fique a cargo da alfandega de Peniche a fiscalisação de todos os portos que correm desde a Ericeira até ao rio Mondego e que as licenças dos pescadores dos portos de S. Martinho, Ericeira, Ferrel, Porto Novo, Assenta e outros, sejam passadas pelas alfandegas mais proximas dos portos a que pertencem.

1837 Janeiro 2

Decreto, conferindo á companhia de Pescarias Lisbonense por espaço de vinte annos o uso do armazem, que d'antes serviu para escaleres da extincta junta do commercio e superintendencia geral dos contrabandos e parte do antigo edificio do paço da Madeira.

1838 Janeiro 17

Postura, que prohibiu no rio Douro a pesca com rede de malha miuda e estreita ou com rede varredoura, sob pena de serem cortadas e inutilisadas as redes.

Em vereações de 2 de junho e 18 de julho de 1838 resolveu-se officiar ao administrador geral, pedindo urgentes providencias para fazer cessar o abuso da pesca com rede varredoura ou de malha estreita, e que se fizesse prender os delinquentes.

No codigo de posturas de 25 de maio de 1839, estabeleceu-se que: aos pescadores do rio Douro é, como sempre foi, prohibida a pesca com rede de malha estreita, ou rede varredoura, o que é de manifesto prejuizo publico, e contrario á necessaria creação. Todas as redes que forem encontradas d'esta natureza serão cortadas e inutilisadas.

O codigo de posturas municipaes, approvado em 3 de março de 1855, dispõe o seguinte, no artigo 81.º: aos pescadores do rio Douro é prohibida a pesca com rede de malha mais estreita do que o padrão da camara, ou com varredoura por ser contra a creação do peixe. Todas as redes que assim forem encontradas serão cortadas e inutilisadas, e os que d'ellas usarem serão punidos com a multa de 6$000 réis.

1838 Julho 9

Portaria, approvando os estatutos da companhia de pescarias do Algarve, os quaes constam de quarenta e cinco artigos.

1838 Agosto 16

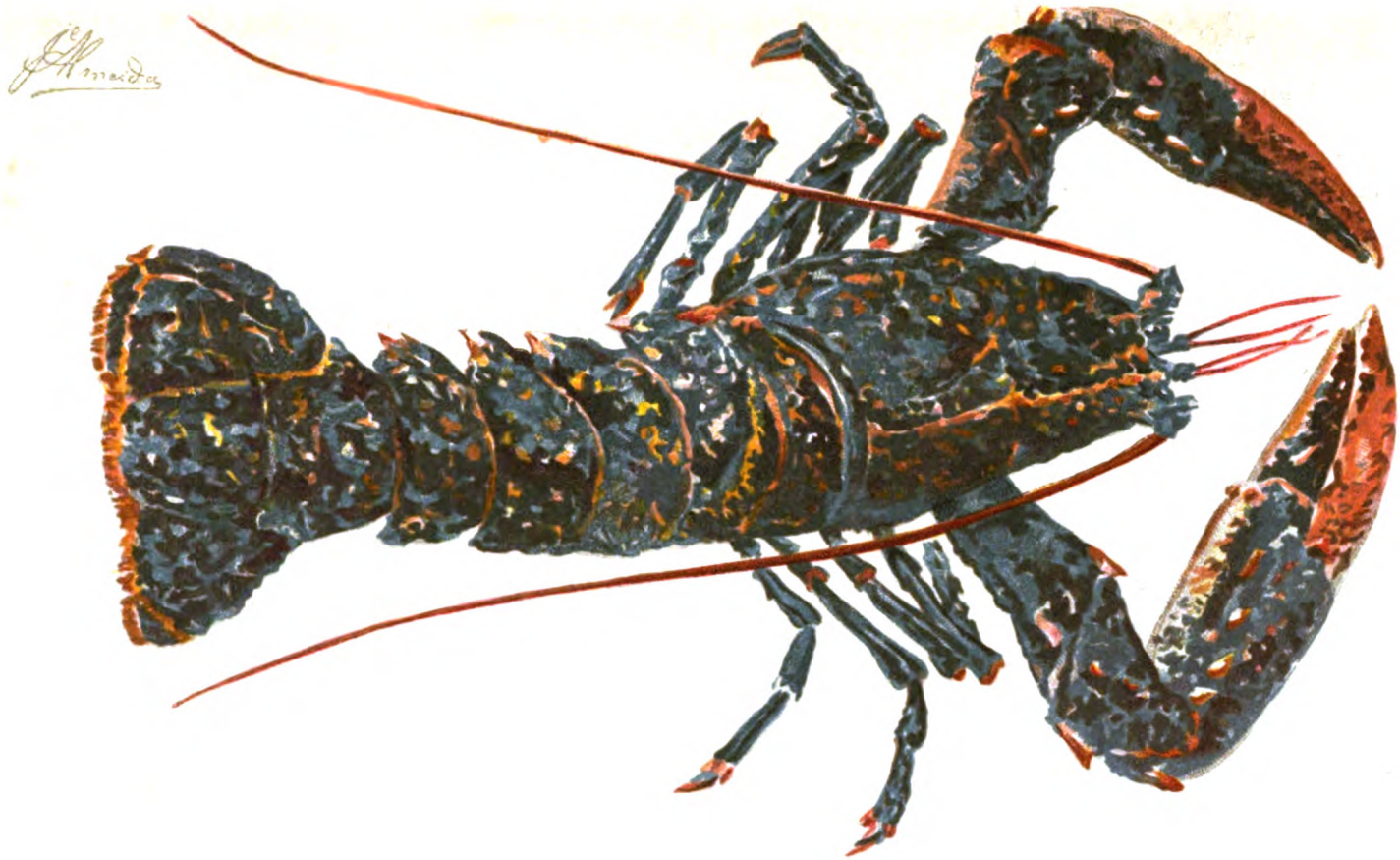
Portaria, promovendo o commercio de peixe salgado, pescado nas costas de Portugal, importado na Grecia, portos do Mediterraneo e do Adriatico, por ser um ramo de commercio muito lucrativo, nomeando em Athenas um consul de Portugal.

1840 Dezembro 22

Portaria, ordenando ao administrador geral de Faro que faça restituir aquelles officiaes que estão nas circumstancias marcadas no respectivo compromisso.

1842 Março 8

Portaria, providenciando sobre os locaes, distancias e estorvos causados ás armações de pesca da costa do Algarve, estabelecendo distancias de 2 leguas entre as armações, e



LAVAGANTE *(homarus vulgaris,* Edw.), pag. 60

para resguardo do lançamento das artes nas paragens fronteiras á bôca ou parte anterior das armações, e adoptando o principio das indemnisações.

1842 Novembro 28

Decreto e regulamento para as matriculas e licenças de barcos de pesca e cobrança dos respectivos direitos. Cada licença annual 3$000 réis de direitos e 480 réis de emolumentos; multa de 20$000 réis pescando sem licença; commettendo este serviço ás alfandegas.

1843 Julho 10

Lei, substituindo a imposição sobre barcos de pesca, determinada por decreto de 6 de novembro de 1830, por um direito proporcional sobre lucros dos pescadores, calculado na rasão de 6 por cento de cada uma das partes ou quinhões que entre si repartirem, e ficando isentos de decima industrial; permittindo avençar-se annualmente com a fazenda sobre a importancia do imposto fixada por árbitramento; calculando o producto d'este imposto em 55:000$000 réis e mandando-o applicar ao pagamento dos juros da divida externa.

1843 Setembro 15

Aos quinze dias do mez de setembro do anno de mil oitocentos quarenta e tres, n'esta villa de Peniche e Paços do concelho, onde se achava o presidente e mais vereadores da camara municipal, abaixo assignados, ahi pelo dito presidente foi dito que sobre a mesa se achava um requerimento dos representantes da capella do Corpo Santo d'esta villa, em que por si, e em nome de todos os mais individuos da mesma corporação, se queixam de que Francisco Rodrigues, mestre de armações de pesca n'este porto, tenha lançado a sua armação no carreiro do Mosteiro da Berlenga grande, com cujo facto tem causado ou póde causar gravissimo damno a todos os pescadores que pescam nas proximidades do mesmo carreiro, porque é n'este a que os mesmos pescadores se recolhem das violentas tempestades do mar e vento, a que continuamente andam expostos e que com muita frequencia estão experimentando; e quando impellidos das ditas insolencias e perigos do mar vão demandar com os seus bateis o abrigo do dito carreiro, estão expostos a se embaraçarem, já com as redes e já com as dalas, e mais amarrações das ditas armações, correndo por este modo risco evidente de se voltarem e perderem com as respectivas tripulações como ha poucos dias ia acontecendo a tres bateis que para ali se acolheram para se livrarem do perigo a que estavam expostos pela violencia do mar e vento. Que o dito carreiro sempre foi reservado para aquelle asylo, e n'esta posse se tem conservado sempre, a dita corporação desde tempo sem memoria, e que sendo da maior conveniencia que o dito carreiro se conserve livre e desempedido para servir de abrigo e refugio dos bateis de pesca perseguidos pelo temporal do mar, pedem que esta camara empregue os meios necessarios para se cohibir a improdencia do dito Francisco Rodrigues e ainda de outro qualquer maritimo que empregue a mesma tentativa, imprudente e arriscada, e que as posturas já publicadas por esta camara sejam ampliadas com mais uma sobre o caso que propõem: o que sendo ouvido pela camara, depois de tudo bem discutido e ponderado resolveram fazer a seguinte postura:

Artigo 1.º Da publicação da presente postura em diante, nenhum maritimo d'esta villa ou de fóra d'ella, poderá armar as redes, armações no carreiro do Mosteiro da ilha grande da Berlenga, o qual fica reservado para abrigo e asylo dos bateis e embarcações que pescam nas proximidades da dita ilha.

Art. 2.º Todo aquelle que contravier a disposição do artigo 1.º incorrerá na multa de quarenta mil réis para o cofre do municipio.

E como a presente postura não possa obrigar nem produzir effeito legal, sem que se cumpra o determinado no paragrapho 1.º do artigo 121.º do codigo administrativo, deliberaram outrosim que subisse á approvação do conselho de districto. E para de tudo constar mandaram lavrar a presente que todos assignaram. Eu Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, escrivão da camara, que o escrevi e subscrevi. O presidente, Miguel José Simões. O procurador fiscal, José da Costa Ferreira. Os vereadores, Manuel Antonio de Moura, José Pedro Celestino, Antonio José Leitão.

Accordam em conselho de districto, que vista e examinada a presente postura lhe prestam a suá approvação para produzir os effeitos legaes. Lisboa, sala do conselho, em sessão de dezoito de outubro de mil oitocentos quarenta e tres. O secretario geral servindo de governador civil, Vasconcellos. A. Xavier da Silva Costa e Lemos, Galião.

Posturas municipaes do concelho de Peniche que dizem respeito ao exercicio e venda de pescaria na villa de Peniche

Postura n.º 132

Todo o mestre de embarcação ou arte que acceitar companheiro que se ache matriculado com outro mestre, sem que lhe apresente documento, em que mostre que se acha desempenhado, e que o mestre com quem estava não tem motivo para se oppor á sua passagem, pagará de multa 3$200 réis; alem d'isso ficará obrigado a satisfazer o empenho que o companheiro ficar devendo ao mestre que largou.

Postura n.º 135

Todo o almocreve, ou seja da terra ou de fóra d'ella, que houver comprado peixe na praia durante a hora em que deve estar exposto á venda do publico, e ainda o não tiver salgado, ou feito n'elle algum beneficio, o não poderá revender ao povo por maior preço do que aquelle por que o tiver comprado, aliás pagará de multa 500 réis. E tambem não poderá comprar peixe ajustando-o em segredo com o pescador, mas sim em publico, de fórma que conste a todos, aliás pagará de multa 500 réis. E quando já não haja peixe na praia ou na loja, da mesma ou de outra differente especie do que elle comprou e vier alguma pessoa do povo comprar peixe para sua casa, será elle almocreve obrigado a largar-lh'o pelo mesmo preço por que o comprou, aliás pagará de multa 500 réis.

Postura n.º 136

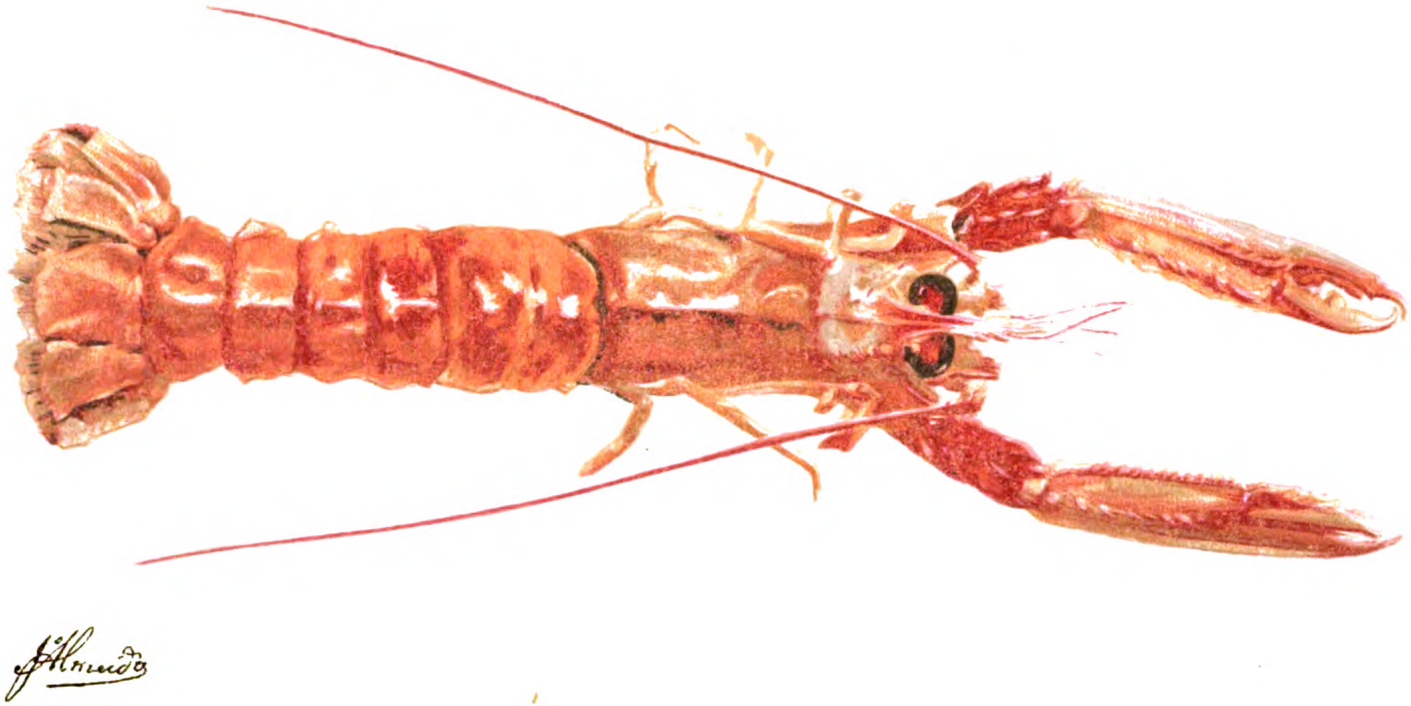
Todo o pescador cuja embarcação chegar de noite a este porto carregada de peixe grosso, o não poderá vender por junto a contratador, atravessador, ou almocreve, sem que primeiro o tenha exposto á venda ao povo, de verão até ás oito horas da manhã, e de inverno até ás nove, e o que praticar o contrario, pagará de multa 1$500 réis, e em igual pena concorrerá o comprador.

Postura n.º 137

Os pescadores que n'este porto desembarcarem cavalla, chicharro ou outra qualquer qualidade de peixe miudo o não poderão vender por junto a qualquer atravessador para este o tornar a vender na mesma praia ao povo ou almocreves; o que o contrario fizer pagará de multa 1$200 réis.

Postura n.º 138

O pescador que de dia desembarcar qualquer qualidade de peixe, o não poderá vender por junto sem que primeiro tenha estado exposto á venda ao povo por espaço de tres horas; o pescador que fizer o contrario pagará de multa 1$000 réis.



LAGOSTIM *(nephrops norwegicus,* Lin.), pag 61

Postura n.º 139

O mestre de embarcação que de noite chegar com gorazes, os poderá vender logo que chegar, á excepção de trinta, que reservará para no dia seguinte vender ao povo pelo mesmo preço que tiver vendido ao almocreve; o que fizer o contrario pagará de multa 1$600 réis.

Postura n.º 140

O mestre de embarcação que de noite chegar com chicharro ou outro qualquer peixe que a experiencia tem mostrado ser util vender-se logo por causa de se arruinar facilmente, poderá vendel-o logo aos almocreves, porém é obrigado a reservar pelo menos trezentos para no dia seguinte vender ao povo, e os venderá pelo mesmo preço por que os tiver vendido ao almocreve; e o mestre que praticar o contrario pagará de multa réis 1$500.

Postura n.º 141

Todo o mestre de embarcação que for para o mar, ou d'elle venha, estando as armações no mar, lhe é prohibido passar com suas lanchas, bateis ou barcos por cima das ditas armações, ou por parte por onde lhe cause prejuizo á pescaria que tiverem, ou que para ellas estiver correndo; e se acontecer o passar por junto d'ellas o fará com muita brandura e quietação, de maneira que não faça abalo nem afugente a pescaria que estiver correndo; tambem não poderá ancorar-se nem amarrar-se junto das ditas armações, nem tão pouco ir a seu bordo na occasião de se estar fazendo sacada, excepto porém se for chamado para algum mister ou ajuda; e todo o que transgredir a presente postura, alem do prejuizo que causar, pagará de multa 2$400 réis.

Postura n.º 142

Todo o dono ou mestre de armações ou cercos de sardinha, é obrigado, de cada batel de sardinha que vender em lota, a reservar duas canastras d'ella, que mandará vender ao povo pelo mesmo preço por que vendeu a da lota, e isto só terá logar quando houver mais de quatro bateis, porque havendo menos do que esta conta, será obrigado a vendel-a ao povo sem ir á lota; o cumprimento d'esta postura terá logar todas as vezes que houver sardinha, e as suas disposições abrangem tambem os mestres ou donos das sardinheiras; e todo o que assim o não cumprir pagará de multa 3$000 réis.

Postura n.º 143

Nenhum dono ou mestre de armação poderá estancar no mar a sardinha por mais de tres dias quando haja quem a compre á lota, ou quando haja precisão d'ella em terra para o povo, ou almocreves, e o que não quizer tiral-a ao primeiro aviso da auctoridade competente pagará de multa 5$000 réis.

Postura n.º 144

Os donos das armações serão obrigados a ir tirar as suas sortes perante a camara municipal no tempo competente, como sempre foi uso e costume, e ficarão rigorosamente obrigados a armar no local e posto que por sorte lhe houver pertencido, segundo a ordem estabelecida, e aquella que se recusar a ir tirar a sorte perante a camara, ou não armar no posto que lhe houver pertencido, seguindo em tudo a ordem estabelecida, pagará de multa 4$000 réis.

Postura n.º 145

Desde o 1.º de setembro até 15 de fevereiro, em que a sardinha costuma correr do norte para o sul, só é permittido largar as redes sardinheiras da ponta do sul do Medão Grande para o sul, tanto de dia como noite. E desde 15 de fevereiro até 31 de agosto, em cujo tempo a sardinha costuma correr do sul para o norte, só é permittido largal-as

do Ramalhão para o mar. No tempo em que a sardinha costuma correr do norte para o sul, fica prohibido largarem-se as mencionadas redes nos mares de Peniche de Cima e do Baleal, bem como tambem é prohibido largal-as no mar da Consolação quando corre do sul para o norte. Quando as armações estiverem no mar nenhuma sardinheira poderá armar pelo sudoeste das ditas armações e de modo nenhum irá empachar e cortar os cardumes que para ellas correm, e quando os cercos sairem fica inteiramente prohibido o largarem-se as sardinheiras. Todo o individuo que transgredir algumas das disposições contidas na presente postura, pagará de multa 4$000 réis, e lhe serão queimadas as redes, e no caso de reincidencia dobrará a multa.

Postura n.º 146

Estando na Berlenga qualquer cerco á dala, não poderá em tempo nenhum saccada alguma nem batel algum ir empachal-o em seu carreiro na pesca que estiver fazendo, sobretudo com lume depois do sol posto ou com tudo aquillo que os mesmos pescadores em geral julgarem damnoso e de empache; não estando, porém, cerco no mar da Berlenga ou em alguns dos seus carreiros póde qualquer apanhar peixe a toda a hora, porque aquelles devem sempre serem respeitados por causa da sua muita utilidade; mas o cerco ou saccada que for primeiro, tomará posse e poderá impedir o que for depois. O cerco deve estar sempre com o batel da rede, quer de noite quer dia, porque se largar, perde o posto, e outro qualquer que se seguir poderá tomal-o. Os cercos da Berlenga, desde o dia 1.º de agosto até findar a costeira tem preferencia ás saccadas desde o Carreiro da Mochinga até ao ultimo Carreiro do Norte, por serem de maior utilidade publica, e ser este um estylo usado desde a antiguidade, e então saccada nenhuma poderá armar n'estes carreiros estando os referidos cercos na Berlenga. Portanto, toda a pessoa que transgredir a presente postura, pagará de multa 10$000 réis, alem do prejuizo que houver causado.

Postura n.º 147

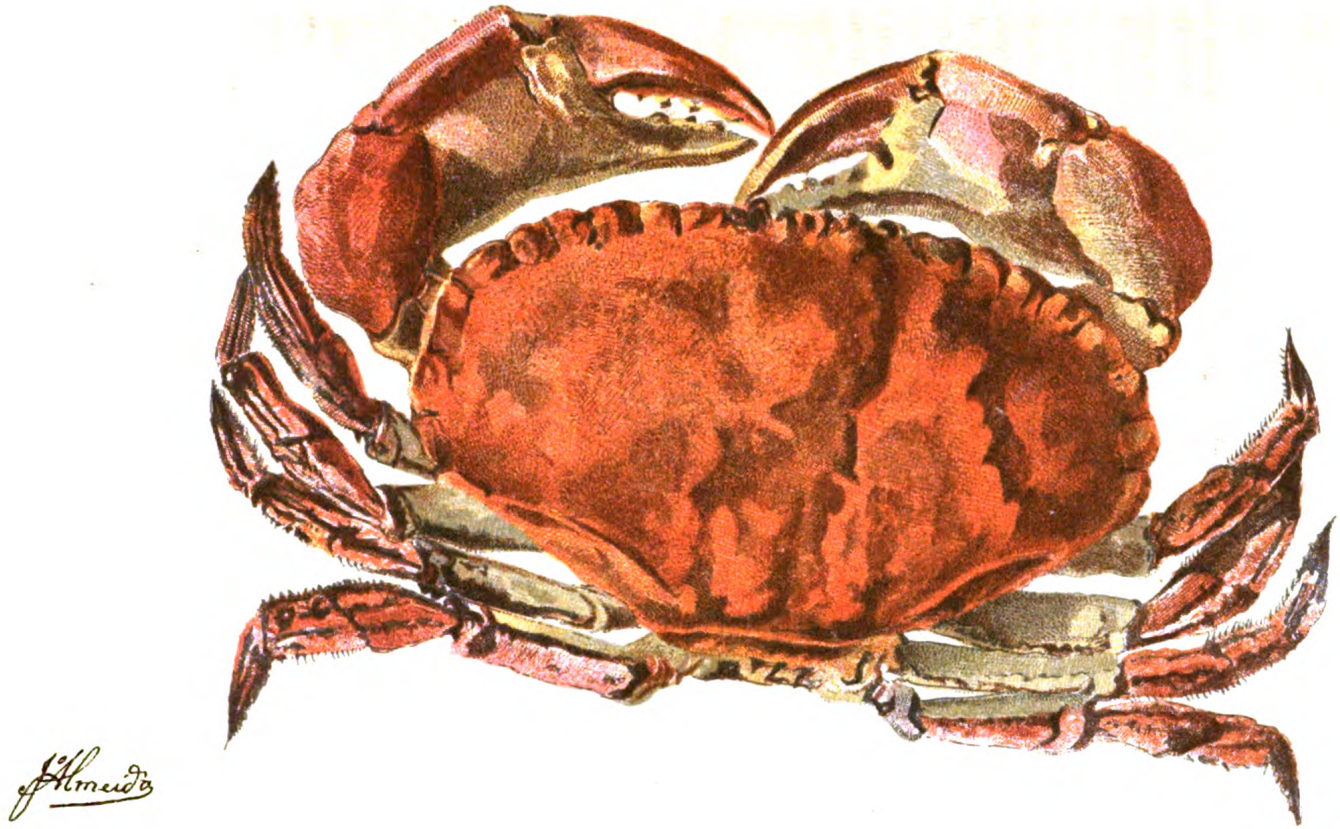
Fica prohibido a todos os pescadores o pescar com saccada ou outra qualquer especie de rede nos sitios chamados Farilhões da Cova e do Nordeste, e Ferreiros, e por detraz d'estes, quer seja cavala, quer seja outro peixe, quando nos ditos sitios estiver pescando á canna uma ou mais embarcações; o que transgredir a presente postura pagará de multa 4$000 réis para o accusador.

1843 Dezembro 30

Decreto, mandando que o direito de 6 por cento estabelecido pelo artigo 9.º da carta de lei de 10 de julho de 1843, sobre o lucro dos pescadores, será pago deduzindo-se, para esse fim, das quotas ou quinhões o que for destinado ás suas comedorias, caldeiradas, restomengas ou carnadas. Nos sitios onde o peixe for vendido em leilão, será o direito de 6 por cento do producto da arrematação e a cobrança em dinheiro; quando a venda não for em leilão, cobra-se o direito em especie e este peixe é vendido e o producto representa o imposto. Este serviço é commettido ás alfandegas, e nos portos costas ou praias onde não haja empregados aduaneiros é attribuido aos regedores de parochia e seus escrivães.

1844 Fevereiro 22

Portaria, mandando que as avenças dos pescadores das villas de Setubal, Cascaes e Cezimbra sómente poderão ter logar perante o conselheiro director da alfandega grande de Lisboa.



CARANGUEJOLA *(cancer pagurus,* Lin.), pag. 61

1844 Março 11

Portaria, declarando aos pescadores do Seixal, Barreiro, Trafaria e Olivaes e ás rendeiras dos logares de peixe na Ribeira Nova, que se queixam da camara municipal de Lisboa, porque lhes impozera o tributo de 20 réis por cada celha, giga ou rodella, em que, de cada uma viagem, expozessem o peixe á venda, de que as camaras municipaes têem o direito de exigir aluguer dos terrenos de sua propriedade aos individuos que n'elles exponham á venda as suas mercadorias.

1845 Maio 28

Portaria, dispensando os pescadores de Setubal do pagamento das guardas que vigiavam se elles lançavam pedras ao mar, quando vão pescar na pancada da barra, para impellirem o peixe a entrar nas redes, e prohibindo aos barcos o levarem lastro de pedra, pois que unicamente lhes é permittido alastrarem de ferro ou areia.

Portaria, ordenando que a arrecadação do imposto do pescado, no Algarve, se effectue em geral, na conformidade do artigo 2.º do decreto de 30 de dezembro de 1843.

1850 Janeiro 31

Portaria, determinando, que, em virtude dos artigos 1.º e 9.º do decreto de 28 de novembro de 1842, sejam todos os barcos de pesca matriculados nas alfandegas, incluindo os que vão á pesca nos mares de Larache, e que só os navios que se destinam ás pescas longinquas se matriculem do mesmo modo que os navios mercantes.

1850 Dezembro 27

Portaria, determinando, com relação ao porto de Cezimbra, que o serviço do pescado comece ao despontar da manhã e finde ao pôr do sol, permittindo-se unicamente algumas allotas de noite e no mar, quando a pescaria se possa arruinar com a demora.

1851 Janeiro 20

Portaria, mandando estipular o numero de individuos de que deve compor-se a companha de cada barco em relação á sua tonelagem. Mandando proceder a um arrolamento exacto de todos os barcos de pesca existente, mencionando o nome ou numero do barco, o do proprietario, o do arraes ou mestre e o porto ou rio em que navega. Que as companhas designadas para cada barco, fiquem, em virtude da lei vigente, isentas do onus de recrutamento para o exercito de terra. Que possam, os arraes ou mestres, por circumstancias imprevistas, admittir mais pescadores, prevenindo previamente o capitão do porto ou director da alfandega.

1852 Novembro 5

Regulamento para as companhas de pesca da costa da Torreira. Haverá uma commissão directora das companhas de pesca da costa da Torreira, composta de tres vogaes, e presidida pelo administrador do concelho, nomeada pelo governador civil e com funcções gratuitas.

As companhas são sociedades regidas e administradas por um arraes de terra e outro do mar, um procurador e um escrivão, e compõem-se alem d'estes de cento e setenta a duzentos socios, tendo um inventario de todos os bens da sociedade.

1855 Janeiro 5

Portaria, ordenando a demolição de algumas pesqueiras no rio Douro, entre o Porto e a Regua por prejudiciaes á navegação.

1852 Dezembro 10

Codigo penal

Pescas

Será punido com a prisão de tres a trinta dias e multa correspondente:

1.° O que pescar nos mezes defesos pelas posturas municipaes ou regulamentos de administração;

2.° O que pescar com rede varredoura, ou de malha mais estreita que a que for limitada pela camara municipal, ou pescar por qualquer outro modo prohibido pelas mesmas posturas ou regulamentos;

3.° O que lançar nos rios ou lagôas, em qualquer tempo do anno, trovisco, barbasco, coca, cal ou outro qualquer material com que se o peixe mate.

1856 Maio 9

Portaria, determinando que na capitania do porto de Setubal se faça a matricula dos pescadores d'aquelle districto.

1856 Dezembro 16

Portaria, concedendo franquia nos portos da provincia de Angola a quaesquer navios empregados na pesca da baleia, que ali forem refrescar.

1857 Janeiro 23

Portaria, providenciando para se promover a emigração de artistas chinezes para Moçambique, a pesca das perolas em Bazaruto, a domesticação de elephantes e a cultura de canella, noz moscada e craveiro girofle n'aquella provincia.

1857 Abril 27

Decreto, auctorisando a dissolução da companhia de pescarias lisbonenses.

1857 Outubro 20

Portaria, mandando que o governador geral de Angola procure fazer com que alguns commerciantes enviem algum carregamento de peixe salgado para ser vendido no mercado de Lisboa.

1858 Março 13

Portaria, mandando manter a liberdade da concorrencia do mercado do peixe de Cezimbra, permittindo aos donos das armações, que vendam as suas pescarias em grande ou pequenas porções, como melhor lhes convier, sem exclusão de qualquer comprador que se sujeite ás condições da offerta.

SANTOLA *(maja squinado,* Roudelet), pag. 62

1860

Codigo de posturas da camara de Espozende sobre a pesca

Artigo 64.º É prohibido lançar nos rios troviscada, ou qualquer isca venenosa para matar peixe, sob coima de 2$000 réis.

Art. 65.º Ninguem póde pescar no rio ou mar com rede de tresmalho ou fisga de pitada de trinta e dois dentes, desde o mez de março até outubro, nem com rede de buxo na dita epocha e em qualquer occasião dos mezes livres na baixamar, sob coima de 2$500 réis.

1862 Fevereiro 13

Decreto, aforando a Alfredo Duprat uma porção de terreno baldio ao longo da costa da bahia dos Tigres, na provincia de Angola, com 4 milhas de extensão e 3 de largura, para formar um estabelecimento de pescarias.

1862 Maio 26

Lei, concedendo certos beneficios aos navios, utensilios, e individuos que se empregarem na pesca da baleia.

1862 Outubro 14

Codigo de posturas do concelho de Vianna do Castello

CAPITULO XI

Artigo 48.º É prohibido pescar nos rios d'este concelho, em qualquer tempo do anno, com rede de malha mais estreita que a do padrão, com varredoura, lençol, ou por outro qualquer modo similhante, sob a coima de 1$000 réis.

Art. 49.º É igualmente prohibido pescar nos rios d'este concelho nos mezes da creação; o contraventor incorre, alem das penas estabelecidas pelas leis, na coima de 1$000 réis.

Art. 50.º É do mesmo modo prohibido lançar nos rios d'este concelho troviscada, coca ou qualquer outro veneno, sob a mesma coima.

1863 Janeiro 17

Portaria, suscitando a prohibição das redes de arrastar de malha miuda, como prejudicial á creação do peixe.

1863 Fevereiro 9

Portaria, dispondo que para qualquer maritimo se isentar do recrutamento como mestre ou arraes de um barco de pesca ha de apresentar certidão de ter vinte annos completos de idade, e attestado do respectivo administrador do concelho de que é realmente o proprio, e de que o barco se emprega na pesca.

1863 Abril 8

Portaria, dispondo que os capitães dos navios mercantes, destinados para fóra do reino, não matriculem nas equipagens menores, sem estes darem as respectivas fianças.

1863 Julho 8

Decreto, ordenando que nenhum individuo poderá ser matriculado mestre ou arraes de barco de pesca sem ter vinte e um annos completos de idade.

1863 Outubro 27

Portaria, ordenando que as matriculas dos barcos destinados á pesca em costas ou mares estranhos sejam feitas pela auctoridade maritima, ficando d'este modo revogada a portaria de 31 de janeiro de 1850.

1864 Janeiro 1

Codigo de posturas da camara municipal de Coimbra

CAPITULO XXI

Artigo 54.º É prohibida a pesca:

N.º 1. Desde o 1.º de março até 31 de maio de cada anno.

§ unico. Exceptua-se a do savel e da lampreia, com rede apropriada, e que não colha o peixe miudo.

N.º 2. Com redes de malha inferiores a 2 centimetros ou de arrastar.

Art. 55.º É circumstancia aggravante pescar com trovisco, barbasco, cal, coca ou outro material com que se mate o peixe.

Art. 56.º A caça e pescado vindos aos mercados no tempo prohibido, e o pescado que só póde ser colhido em redes prohibidas, serão apprehendidos e entregues a algum dos asylos da cidade, depois de levantado o auto respectivo, que sirva de base a ulterior processo.

1864 Maio 13

Ordem ao governador civil de Lisboa para que faça revogar pela camara de Cezimbra certas posturas relativas a armações de pesca, visto que todas as praias e mares adjacentes são bens nacionaes, isentos da jurisdicção municipal.

1864 Dezembro 7

Decreto, extinguindo a administração geral do pescado, e passando o expediente d'esta administração para a direcção das alfandegas, e determinando que o pagamento do imposto do pescado deverá verificar-se onde o peixe for exposto á venda, exceptuando o que vier ao mercado de Lisboa, que pagará o imposto na competente estação fiscal.

1865 Outubro 26

Portaria, mandando declarar que continue a antiga pratica de se arrecadar o imposto do pescado nos locaes da pesca ou primeira venda, não podendo exigir a estação onde entrar no consumo mais do que a differença a maior, quando a haja.

1866 Março 27

Lei, approvando, para ser ratificado, o tratado de limites entre Portugal e Hespanha, assignado pelos respectivos plenipotenciarios, em 29 de setembro de 1864.

CARANGUEJO, pag. 62

1866 Novembro 26

Carta, ratificando e confirmando dois annexos ao tratado entre Portugal e a Hespanha.

1867 Fevereiro 5

Portaria, prohibindo o uso das redes de arrastar.

1867 Março 23

Portaria, declarando que a prohibição de usar de redes de arrastar ou varredouras não se estende ao alto mar, uma vez que não seja a menos de 5 leguas de distancia das bôcas dos rios ou das costas.

1867 Maio 29

Portaria, determinando que só se lançarão armações para pesca de atum, corvina e serrajão na costa do Algarve, em os sitios que designar o intendente da marinha de Faro ou o seu delegado; a distancia de uma a outra armação nunca será inferior a 3 milhas ou 5:556 metros, devendo attender-se aos desviamentos que possam resultar de alterações provenientes de força maior, no fundo da paragem designada para a armação; é completamente livre dar qualquer extensão aos quarteis de fóra das ditas armações de pesca, salvas as precauções exigidas pela policia maritima.

1867 Junho 5

Portaria, modificando a de 29 de maio ultimo, declarando que as disposições d'este não são applicaveis ás armações já lançadas na costa do Algarve, ou que ainda a lançarem no corrente anno; que a extensão dos quarteis de fóra das armações, que foi declarada livre, não deve causar prejuizo ás armações antigas, diminuindo-lhes as probabilidades de pesca, e permittindo ás emprezas de pesca celebrarem accordos que não sejam contrarios ás determinações da referida portaria.

1867

Codigo civil

SECÇÃO II

Da pesca

Artigo 395.° É permittido a todos, sem distincção de pessoas, pescar nas aguas publicas e communs, salvas as restricções postas pelos regulamentos administrativos.

Art. 396.° Ninguem póde devassar os terrenos marginaes para o exercicio do seu direito de pesca, senão nos casos em que ahi é permittida a caça, nos termos declarados nos artigos 384.°, 385.°, 386.° e 387.°

Art. 397.° O direito de pesca nas aguas particulares pertence exclusivamente aos donos dos predios, onde taes aguas estão ou correm.

Art. 398.° A pescaria, emquanto ao modo, tempo e multas correccionaes, será regulada administrativamente no que respeita ás aguas publicas; e, relativamente ás aguas concelhias ou particulares, pelas camaras municipaes.

Art. 399.° A pescaria, nos tanques e viveiros particulares, cujo peixe não possa ter entrada e saída livre, não é sujeita aos regulamentos administrativos ou municipaes.

1868 Fevereiro 21

Portaria, mandando que se cumpra e produza todos os seus effeitos a portaria de 29 de maio de 1867, sobre as armações do Algarve.

1868 Setembro 9

Edital

Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da casa real, e secretario geral, servindo de governador civil do districto de Aveiro.

Mando que seja posto em execução o seguinte regulamento:

Considerando que, entre as necessidades da sociedade, a de prover á sua alimentação é das primeiras e mais indispensaveis, e que a exploração da pesca maritima e fluvial é o recurso que, em maiores proporções, pela propria barateza dos seus productos, póde satisfazer esta necessidade, principalmente ás classes menos abastadas;

Considerando que, assim como na cultura da terra a natureza retira a immensidade dos seus beneficios quando o homem por ignorancia ou desleixo não procura auferir d'elles proveito, tambem, por igual desleixo, ou ignorancia, os nega na producção das aguas, como desgraçadamente o está demonstrando a esterilidade quasi completa da ria de Aveiro, outr'ora tão rica de peixe, e hoje destinada quasi exclusivamente á navegação e á extracção do adubo da terra com privação do alimento do povo, e perda de uma industria que, favorecida por boas e faceis communicações, poderia só por si tornar rico quem a ella se dedicasse convenientemente;

Considerando que não é conveniente nem licito que para commodo dos agricultores se arruine a industria da pesca, maiormente na ria de Aveiro, onde póde ser tão lucrativa;

Considerando quão lastimoso seria que este districto, dotado de um manancial de riqueza offerecido por sua ampla bacia de aguas, extensa costa maritima e pelo rio Vouga, permanecesse por mais tempo no abandono da piscicultura, quando esta arte está hoje recebendo em paizes estrangeiros, com felizes e surprehendentes resultados, o aperfeiçoamento que recebem outras muitas artes e industrias humanas, estado este ainda mais digno de lastima quanto são geralmente conhecidas as causas do mal e facil remedio;

Considerando as evidentissimas vantagens que resultarão de se proteger a fecundação e creação dos peixes, já removendo os obstaculos que a ignorancia, ou mal entendida ambição, oppõe aos trabalhos da natureza, já promovendo o conhecimento da fecundação artificial; isto é, a pratica da piscicultura entre a classe piscatoria, para que melhor conheça o que convem a seus legitimos interesses, e de accordo com elles observe e cumpra as leis e regulamentos da pesca;

Considerando que de todas as camaras municipaes, ás quaes a ordenação do reino delegou a faculdade de bitolar a menor capacidade da malha das redes de pesca, apenas a do concelho do Castello de Paiva estabeleceu esta bitola, mas de um modo irregular e contrario á lei, porque, permittindo a malha por onde passe uma moeda de prata de 240 réis, o que corresponde a 15 millimetros por lado, ou menos, se a moeda for cerceada, permittiu o que se pretendia prohibir;

Considerando que a costa, a ria e os rios navegaveis, são propriedade nacional, e que por isso compete á administração publica regular o exercicio da pesca e policia respectiva;

PILADO *(portunus puber,* Lin.), pag. **62**

Considerando que, a tolerar-se a continuação dos abusos existentes, todos os esforços seriam baldados para melhorar a industria da pesca, e que a successiva diminuição das especies seria a sua consequencia inevitavel;

Considerando que as primeiras providencias, entre outras, a adoptar desde já consistem em facilitar a livre entrada e saida dos peixes, quando tenham de passar da agua doce para a salgada, e d'esta para aquella, durante o periodo do desovamento, e na observancia da lei prohibitiva do emprego de certas redes toleradas por abuso e ignorancia de uns, e incuria de outros, e sempre com prejuizo do cultivo das aguas e da alimentação do povo;

Vistas as disposições da ordenarção, livro v, titulo 88.º, alvará de 3 de maio de 1803, codigo penal, artigos 254.º e 255.º e codigo administrativo, artigos 120.º, § 1.º, 224.º n.ºs 5 e 13.º, e 227.º, n.º 6.º, tenho por conveniente determinar que se observe o seguinte

Regulamento

Artigo 1.º Todos os arraes, mestres de companhas, ou donos de barcos e redes, são obrigados a entregar ao administrador do respectivo concelho até ao fim do mez de fevereiro de cada anno uma relação de todos os seus barcos e redes.

Art. 2.º Nenhuma rede póde ser empregada na pesca sem ser examinada, approvada e sellada gratuitamente, pelo respectivo administrador do concelho.

Art. 3.º A liberdade de pescar na ria e aguas doces não póde estorvar a navegação, nem o direito particular proveniente de concessão legal, ou posse de pescar em certo logar.

Art. 4.º É livre e respeitada a propriedade dos estabelecimentos particulares de piscina, viveiros de crustaceos e bancos de molluscos ou mariscos. As pessoas que se empregarem n'esta importantissima industria deverão solicitar da respectiva auctoridade a designação do local para taes estabelecimentos, em cuja concessão se deverá attender ao livre curso das aguas e navegação.

Art. 5.º É permittido aos pescadores combinar entre si o local para o lançamento de suas redes.

§ unico. Quando esta combinação não possa ter logar, será o local que deve pertencer a cada um sorteado perante o administrador do concelho, devendo este sorteamento regular por espaço de um ou mais annos, segundo a vontade do maior numero dos donos de redes.

Art. 6.º Nenhuma rede poderá ser collocada a menos de 50 metros de distancia da outra.

Art. 7.º Ninguem poderá estender suas redes, nem pôr estacas, de modo que occupem mais de metade da corrente das aguas da ria ou rios; e ainda collocando-as de modo que occupem sómente essa metade, fica salvo o direito do publico a prohibil-as, quando occasionem alteração na corrente das aguas, ou estorvem a navegação.

Art. 8.º Não é permittido lançar redes, ou pôr qualquer impedimento na ria, a distancia de 2 kilometros ao norte e sul da barra de Aveiro.

Art. 9.º É prohibido pescar na costa, junto á barra de Aveiro, a menor distancia de 500 metros, e na calle para Ovar sómente é permittido pescar no lado do poente.

Art. 10.º É prohibido colher peixes cujo crescimento natural exceda a 16 centimetros de dimensão do olho á raiz da cauda, sem que tenha pelo menos a medida de 16 centimetros. As enguias deverão ter pelo menos 27 centimetros.

Os peixes colhidos sem estas dimensões serão restituidos com vida á agua.

§ unico. São exceptuados d'esta disposição os peixes, que no seu maior crescimento natural não excedam a 16 centimetros, os quaes poderão ser colhidos sem ella em redes de malha primitiva.

Art. 11.º É prohibido pescar nos rios de agua doce durante os mezes de março, abril e maio.

Entende-se por agua doce aquella onde não ha, ou onde não chega a maré.

§ 1.º D'esta prohibição é exceptuada a pesca de peixes feita com anzoes de n.º 18 a 30.

§ 2.º Tambem fica exceptuada a pesca dos saveis, sabogas e tainhas, que poderá effectuar-se com redes de malha de 9 centimetros de lado, o menos, e a das lampreias com redes de 3 centimetros tambem por lado.

Art. 12.º Fóra do periodo marcado no artigo antecedente será permittida a pesca com quaesquer redes nos rios que seccam.

Art. 13.º É prohibido lançar na ria, ou rios, trovisco, barbasco, cóca, cal, ou qualquer outra substancia venenosa que damnifique ou destrua a pesca.

Art. 14.º É prohibida a pesca de crustaceos, taes como lagosta, caranguejos e camarão, durante os referidos mezes de março, abril e maio, e ainda depois d'este periodo as femeas d'estes crustaceos emquanto conservam as ovas adheridas ás falsas patas, as quaes, quando colhidas, deverão voltar á agua em proveito dos pescadores e do publico.

§ unico. É permittida a pesca das femeas nas indicadas circumstancias, quando destinadas á propogação em viveiros ou tanques.

Art. 15.º É prohibida a pesca dos molluscos, ostras e mexilhões durante o periodo da sua creação, o qual é para as ostras desde o 1.º de maio até setembro, e para os mexilhões desde o 1.º de fevereiro até 31 de julho.

§ unico. As ameijoas poderão ser colhidas em todo o tempo, estando com as dimensões proprias para o consumo, mas nunca de modo que pela sua colheita total se extinga a propagação d'este marisco.

Art. 16.º Na exploração dos bancos de ostras, e principalmente no principio da colheita, deverá haver o maior cuidado para que não sejam colhidas ou destruidas as ostras pequenas ou sem as dimensões proprias para consumo.

§ unico. Se algumas forem colhidas sem as referidas dimensões, devem ser lançadas immediatamente á agua pelos pescadores.

Art. 17.º É prohibido pescar ostras com instrumentos de rastro de ferro em bancos que não sejam de pedra.

Art. 18.º São prohibidas as redes de malha estreita e as de arrastar, varredouras, botiroes, nassas, chinchorros, lenções, tresmalhas, covões, galritos, tarrafas, ou quaesquer outras iguaes, ainda que de differentes denominações.

Art. 19.º São consideradas redes de malha estreita as que tiverem a malha menor de 3 centimetros por lado.

Art. 20.º Serão apprehendidas todas as redes encontradas em contravenção d'este regulamento, e entregues com seus donos, ou portadores, á respectiva auctoridade que houver de julgar a infracção.

Art. 21.º Pelas rasões por que é prohibida a pesca nos rios de agua doce durante os mezes de março, abril e maio, é tambem prohibida durante este periodo a colheita de hervas maritimas, ou moliço, na ria.

Fóra d'este periodo é igualmente prohibida a mesma colheita em todos os logares, onde não houver 5 metros de distancia dos vallados ou motas, e 9 de qualquer banco de marisco.

Art. 22.º As infracções do presente regulamento serão punidas com as penas estabelecidas no artigo 254.º do codigo penal.

Art. 23.º Os paes e tutores serão responsaveis, nos termos da lei, pelas infracções que commetterem seus filhos ou pupillos.

Art. 24.º Aos administradores, camaras municipaes dos respectivos concelhos, incumbe, e muito se lhes recommenda a mais efficaz cooperação para a execução do presente regulamento, assim como a proposta de qualquer alteração ou additamento, que a

J. Almeida

CARANGUEJO MOLLE, pag. 63

CARANGUEJO GAFA, pag. 62

pratica e a piscicultura aconselhem no sentido de tirar maior vantagem da producção das aguas.

Art. 25.º Serão nomeadas na cidade de Aveiro, e nos mais concelhos, onde convier, commissões compostas de pessoas que pelos seus conhecimentos e dedicação pelo progresso da importantissima industria da pesca, possam auxiliar a auctoridade na execução do presente regulamento, e promover o desenvolvimento d'esta industria e o conhecimento pratico da piscicultura.

Governo civil de Aveiro, 14 de maio de 1867. = O governador civil, *João Silverio de Amorim da Guerra Quaresma.*

E para que chegue ao conhecimento de todos, e se não poder allegar ignorancia, mandei ao administrador do concelho de ... que faça affixar este edital nos logares mais publicos.

Governo civil de Aveiro, 26 de maio de 1868.

Posturas das camaras municipaes

Camara municipal de Vagos

Artigo 1.º É prohibido aos povos d'este concelho a apanha de moliço, por qualquer fórma que seja, nos lagos municipaes, desde 15 de junho até 31 de julho; todo aquelle que for encontrado em contravenção d'esta postura pagará de multa, por cada vez, sendo barco 3$000 réis, sendo carro 100 réis.

§ unico. São considerados como do concelho os moradores da Gafanha, que têem uso e posse de apanhar os mesmos moliços nos ditos lagos.

Art. 2.º Fica prohibido a todos os povos de fóra do concelho a apanha dos moliços, nos logares do concelho, seja em que tempo for, e o que for encontrado em contravenção d'esta postura pagará de multa por cada vez o duplo do declarado no artigo 1.º e seu paragrapho. Quando o contraventor de fóra do concelho não pague a multa á camara, seu zelador, arrematante ou outra qualquer pessoa por elle auctorisada, ser-lhe-ha apprehendido o barco, ou carro com todos os seus apparelhos, para á vista d'elles ser julgada a transgressão: nos objectos apprehendidos se fará a penhora para pagamento da multa e custas, caso o contraventor não queira pagar depois do seu julgamento.

Art. 3.º A camara poderá conceder as licenças, que julgar conveniente, ou avençar-se com as pessoas de fóra do concelho para poderem apanhar moliço nos mesmos lagos no tempo não defezo.

Art. 4.º Pelas presentes posturas fica alterado o artigo 79.º dos accordãos d'este concelho.

Camara municipal de Ilhavo

Artigo 1.º É prohibibida a apanha de moliço de qualquer natureza nos baldios do concelho desde 15 de abril inclusive até 25 de julho inclusive, sob pena de serem os transgressores multados na quantia de 2$500 réis pela primeira vez e em 5$000 réis no caso de reincidencia.

Art. 2.º Na mesma multa do artigo antecedente incorre o que empregar gadanho na apanha dos referidos moliços.

§ unico. No caso dos transgressores de que tratam os artigos 1.º e 2.º serem de concelho estranho se lhe apprehenderão os barcos e quaesquer utensilios, ou instrumentos, que empregarem na apanha dos moliços e que se julgar sufficiente para pagamento da respectiva multa, custas e mais despezas no caso de procedimento, o que poderá ser supprido por fiança idonea.

Camara municipal de Estarreja

Artigo 112.º É prohibido:

1.º Apanhar moliços na ria desde 24 de junho até 31 de julho, inclusive, excepto os arrolados, sob pena de 3$000 a 6$000 réis;

2.º Usar na apanha de moliços de outros instrumentos que não sejam os ancinhos, na fórma do antigo costume, sob a mesma pena do artigo antecedente.

§ unico. Ás pessoas que não são do concelho é sempre prohibido apanhar moliços na area d'elle sem a competente licença da camara, pela qual pagarão 6$000 réis por anno e por cada barco, sob pena de 12$000 réis, e a licença será concedida com as restricções dos n.os 1.º e 2.º d'este artigo.

Art. 122.º É prohibida a pesca nas aguas do concelho desde 1 de março até 31 de maio, sob pena de 500 a 1$000 réis.

§ unico. Exceptua-se:

1.º A do savel e lampreia e a pesca ao anzol;

2.º Com redes de malha estreita inferior a 0m,02 ou de arrastar, sob pena de 1$000 a 2$000 réis, e serem inutilisadas as mesmas redes;

3.º Lançar qualquer elemento destinado a matar o peixe, sob pena de 1$000 a 2$000 réis, pois que sómente é permittida a pesca á rede, fisga, anzol ou á mão.

Camara municipal de Ovar

CAPITULO XLII

Artigo 42.º É prohibida a pesca nos rios d'este concelho nos mezes de março, abril e maio e em todo o anno com redes de malha estreita, ou varredoura, por contraria á necessaria creação, sob pena de 600 réis e de serem inutilisadas as mesmas redes.

§ unico. É igualmente prohibido lançar nos mesmos rios troviscos e outras materias venenosas, sob pena de 1$200 réis.

CAPITULO XLIX

Art. 49.º É prohibida a colheita de moliços desde 29 de junho até 31 de julho de cada anno. O que durante esse tempo for achado a colhel-os, ou se souber que os colhe, soffrerá a pena de 5$000 réis e mais tres dias de prisão ao que for de fóra do concelho.

§ unico. No districto d'aquelles concelhos, que designarem outra epocha, não se poderá colher moliço senão do dia em que se permitte, mas tambem antes d'esse dia não poderão os moradores d'esse concelho colhel-os n'este, debaixo da pena sobredita de 5$000 réis e tres dias de prisão.

1868 Setembro 9

Lei, approvando o contrato celebrado entre o governo e José Vicente Barbosa du Bocage, para aperfeiçoar a cultura das ostras e estabelecer ostreiras artificiaes.

1868 Setembro 10

Portaria, approvando o termo do contrato das ostreiras feito entre o governo e José Vicente Barbosa du Bocage.

1868 Novembro 25

Portaria, determinando que, sempre que qualquer emprezario, prevendo favoraveis condições de pesqueiro, com previo exame da configuração da costa, pretender lançar na

CAMARÃO MOURO *(crangon vulgaris,* Fabr.)

CAMARÃO DO RIO *(palaemon serratus,* Penn.)

retaguarda de uma *armação*, outra de abertura inversa, lhe seja permittido esse lançamento, apenas com a distancia sufficiente, demarcada pela auctoridade maritima, para que as armações se não encontrem ou prejudiquem, devendo sempre attender-se a que nunca se effectue o lançamento de armações de revez, no intervallo de outras de abertura em igual sentido, salvo se essa armação guardar do extremo do seu quartel de fóra, para com o quartel de fóra da armação que lhe ficar em frente, a distancia estabelecida de 3 milhas.

1868 Novembro 15

Decreto, estabelecendo providencias ácerca da pesca das ostras; prohibindo apanhar, dragar ou por qualquer fórma colher ostras nas ostreiras naturaes desde 1 de abril até 31 de agosto; prohibindo colher ostras para consumo, de dimensões inferiores a 0m,050 no seu maior diametro; permittindo a apanha dos limos ou moliço, onde haja ostras, sómente de 1 de novembro a 1 de março.

1872 Março 21

Decreto, restringindo a prohibição da pesca das ostras aos quatro mezes de maio, junho, julho e agosto.

1872 Abril 24

Portaria, determinando que para cada uma das armações de atum da costa de Tavira se assignalem pontos fixos de occupação de 3 milhas de distancia entre si, ou 5:556 metros a contar da armação do centro ou do *Medo* por ser a mais antiga, e se fixe a extensão dos quarteis de fóra a todas, servindo de base a ultima de oeste, denominada *Barril*.

1872 Dezembro 16

Decreto, abolindo os impostos que se cobram na provincia de Angola, denominados «dizimos dos concelhos, passagens dos rios e dizimos do pescado»; considerando livre o exercicio da pesca em todos os rios e lagoas da provincia; e creando o imposto de 1 por cento *ad valorem* nos generos e mercadorias que se importem e exportem nas alfandegas de Loanda, Benguella e Mossamedes.

1873 Dezembro 3

Portaria, determinando que na costa de Cezimbra as armações de pesca não possam ser lançadas sem licença do capitão do porto; que sejam collocadas a 650 metros de distancia umas das outras e de modo que não se prejudiquem; que levantadas as ditas armações, se suspendam tambem os ferros, não ficando algum no mar.

1874 Março 5

Portaria, declarando que o codigo penal e disciplinar da marinha mercante é applicavel ás tripulações dos barcos de pesca, de lastro, de serviço dos portos e rios, etc., sujeitando aquellas tripulações unicamente em relação aos factos por elle previstos e punidos como infracções de disciplina, e aos factos equiparados para esse effeito a infracções disciplinares no artigo 9.º do codigo e na legislação posterior.

1874 Julho 17

Portaria, nomeando uma commissão que proporá as alterações que devem ser feitas ás portarias de 29 de maio de 1867 e 24 de abril de 1879 sobre as armações de Tavira.

1874 Dezembro 16

Posturas da camara municipal de Coimbra sobre a pesca

Artigo 36.º É prohibido a pesca nas aguas communs sob pena de 250 a 1$000 réis.
1.º Desde o 1.º de março até 31 de maio de cada anno.
§ unico. Exceptua-se a do savel e lampreia;
2.º Com rede de malha inferior a 2 centimetros, ou de arrastar.

1877 Abril 10

Lei, prorogando por mais dez annos a lei de 26 de maio de 1862 sobre a pescaria da baleia nos Açores.

1877 Outubro 5

Portaria recommendando aos governadores civis que impeçam o uso da dynamite na pesca.

1877 Outubro 22

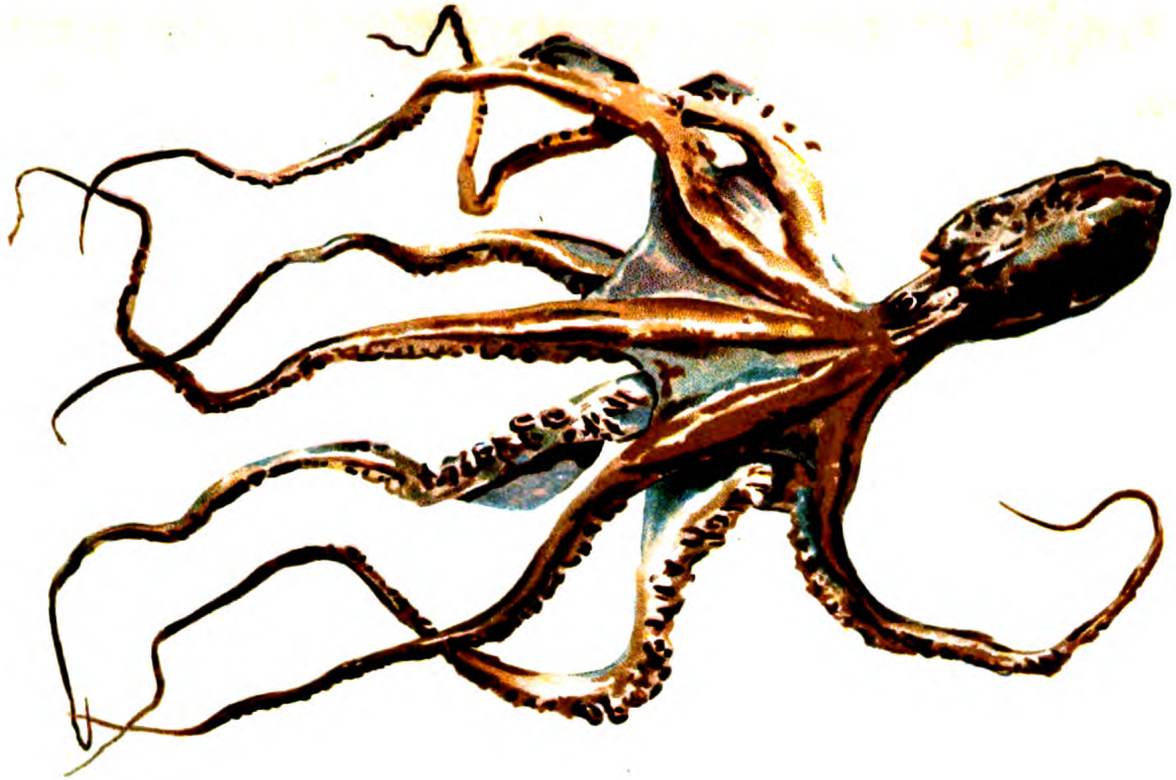
Officio circular determinando que se providenceie contra o uso da dynamite na pesca.

1877 Dezembro 29

Portaria, encarregando o capitão tenente José Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria de formular e apresentar os preceitos e regras a que devem estar sujeitas as pescas maritimas nas nossas costas e rios navegaveis.

1878 Julho 14

Convenio provisorio para estabelecer a reciprocidade no exercicio da pesca entre Portugal e Hespanha: 1.º, os portuguezes e hespanhoes poderão exercer indistinctamente a pesca nas costas maritimas e nos rios limitrophes de Portugal e Hespanha, sujeitando-se ás leis, regulamentos e disposições vigentes sobre policia de pesca ou praticas estabelecidas sobre o assumpto em cada localidade; exceptuando d'esta reciprocidade as armações de atum, as artes á valenciana e quaesquer outros apparelhos fixos, que carecem de auctorisação especial, e excluindo tambem a reciprocidade de exploração dos bancos de ostras. Limitando o uso das artes de arrastar, *artes de Bou* ou *parelhas, chalut* e quaesquer outros de effeito egualmente pernicioso — das 12 milhas da costa para fóra; 2.º, sujeita as embarcações de uma e outra nação, em tudo que diga respeito a delictos communs e contravenções legaes, á jurisdicção do paiz a que pertencem; 3.º, commette ás auctoridades maritimas o julgamento das infracções aos regulamentos de pesca; 4.º, estabelecendo que nos rios Minho e Guadiana será regulado o exercicio da pesca pelas auctoridades maritimas de Caminha e da Guardia, e de Villa Real de Santo Antonio e Ayamonte; 5.º, estabelecendo regras na zona do sul para o emprego simultaneo das *chavegas* e *galeões*; 6.º, indicando os preceitos de funccionamento das chavegas e galeões, de modo que as primeiras só poderão calar até á profundidade de 13 metros e com distancias convenientes para que não se embaracem, e os ultimos sómente poderão calar por fóra da profundidade de 15 metros e com intervallos de resguardo de 1:100 metros entre os barcos dos *retadores;* 7.º, propondo que este convenio provisorio seja valido por tres annos contados da data da approvação.



POLVO *(octopus vulgaris)*, pag. 64

1878 Agosto 2

Portaria, nomeando uma commissão para formular e apresentar os preceitos e regras a que devem estar sujeitas as pescas maritimas nas nossas costas e rios navegaveis, e bem assim propor todas as providencias que lhe parecerem convenientes para favorecer o progresso da industria da pesca.

1878 Agosto 6

Portaria, mandando dar cumprimento a diversas disposições relativas á pesca entre portuguezes e hespanhoes, resolvidas no convenio provisorio de julho proximo passado.

1878 Dezembro 11

Portaria, providenciando ácerca da pesca dos galeões no Algarve; mandando-os registar e cada patrão ter um certificado d'esse registo; não possam calar em frente da bôca das armações a menos de 500 metros ao mar da linha tirada pelos quarteis de fóra; suspensão de licença da pesca no caso de contravenção.

1879 Maio 4

Portaria, determinando a adopção do regulamento provisorio para as armações fixas de pesca na costa da Nazareth. Este regulamento permitte o lançamento de duas armações fixas ao sul do rochedo da Nazareth, que confina com o forte junto á pedra de Quelhina, em dois pontos, que serão demarcados pelo capitão do porto de S. Martinho. As áreas occupadas por estas armações devem deixar em claro o lanço do Salgueiro e livre o ancoradouro. O lançamento será feito por turnos entre os armadores.

1880 Fevereiro 5

Portaria, estabelecendo que o fundo minimo em que os galeões podem pescar nos districtos maritimos de Tavira e Faro é o seguinte: no districto de Tavira; zona da barra da Fuzeta á barra da Armona e zona da Barreta á Quarteira, 25 metros — zona do Cabo de Santa Maria á Barreta, 50 metros — zona da barra da Armona ao Cabo de Santa Maria, 60 metros.

1880 Maio 13

Codigo de posturas da camara municipal de Vianna do Castello

Artigo 264.° Não é permittido pescar nos rios em tempo e por modos defesos, sob pena de 1$000 réis de multa ou tres dias de prisão por cada vez.

§ 1.° São tempos defesos para a pesca nos rios, ribeiros e lagoas de agua doce os mezes de março, abril e maio.

§ 2.° São modos defezos pescar com redes de malha mais estreita do que 0m,0281, bem como usar cóca, troviscada, barbasco, dynamite, cal ou outro algum ingrediente que mate o peixe.

1880 Julho 14

Portaria, nomeando uma commissão para examinar quaes as armações que se acham fóra dos respectivos locaes na costa de Tavira.

1881 Março 31

Portaria, concedendo a Domingos Antonio de Abreu o lançamento na bahia de Lagos de uma armação á valenciana, nas condições seguintes: a concessão ser valida por um anno; o concessionario não ter o usufructo do local; o apparelho não embaraçar a navegação; o governo suspender a concessão quando julgar conveniente.

1881 Setembro 9

Officio, communicando ao chefe do departamento do norte a prorogação por mais seis mezes do convenio de pesca de 1878.

1882 Janeiro 20

Portaria, regulando a concessão de paragens para as armações de atum na costa do Algarve, considerando as concessões provisorias, annuaes e sujeitas a renovação; que as concessões não utilisadas caducam *ipso facto*; que as concessões são pessoaes, delimitadas e intransmissiveis, etc.

1882 Fevereiro 1

Officio, communicando ter sido prorogado por mais quatro mezes o convenio provisorio de pesca de 14 de julho de 1878.

1882 Maio 17

Officio, mandando observar e executar até novas ordens o convenio de 14 de julho de 1878.

1882 Agosto 9

Portaria, prohibindo a pesca da lagosta nos mezes de dezembro e janeiro.

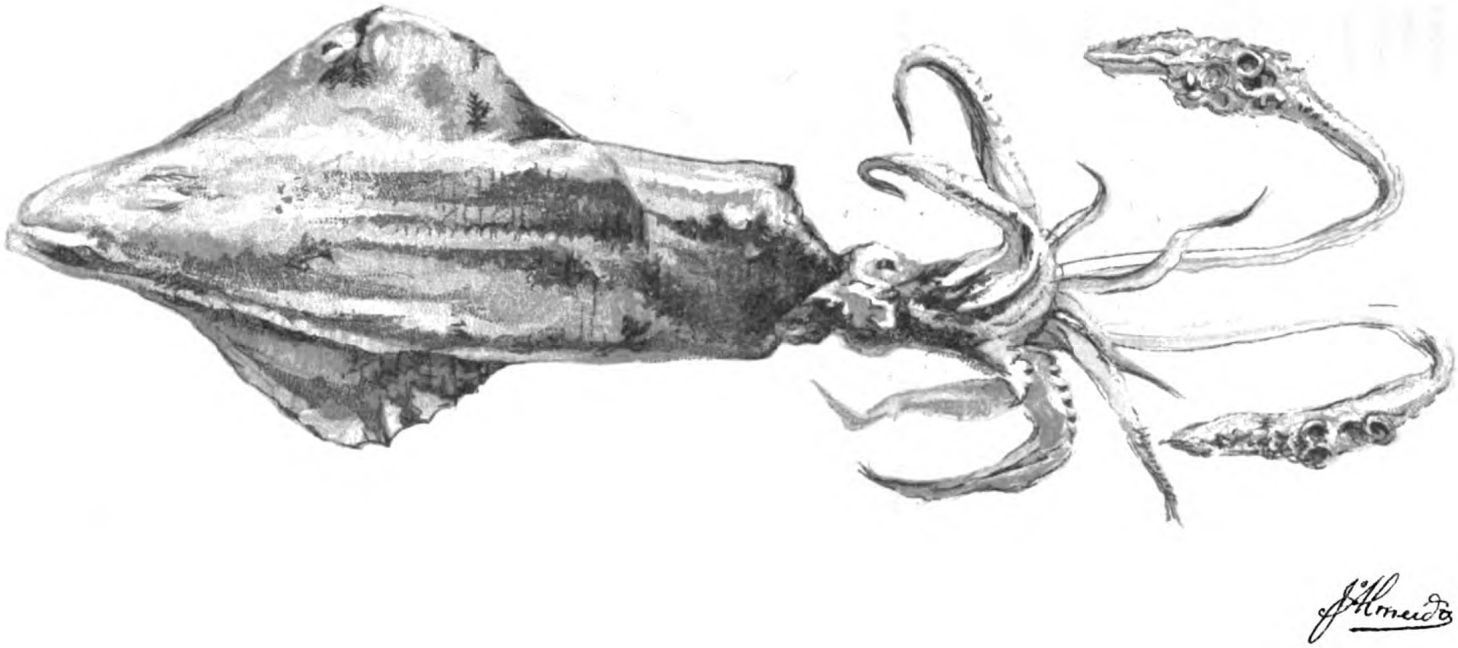
1882 Setembro 16

Portaria, permittindo o estabelecimento de armações fixas de pesca na bahia de Cascaes, não excedendo o limite sul da linha tirada do pau da bandeira da cidadella de Cascaes ao pharol de S. Julião; por oeste a linha tirada do forte Cadaveira á igreja de Alcabideche, e por este a linha tirada do moinho que se acha proximo da Ponte Longa e o ponto geodesico Zambujal; permittindo o lançamento apenas desde o fim de abril até ao fim de setembro.

1884 Março 14

Postura da camara da Povoa de Varzim sobre a pesca

Em conformidade com o que dispõe o artigo 254.º do codigo penal é expressamente prohibido, nas aguas maritimas da costa d'este concelho, exercer a pesca por meio de quaesquer substancias venenosas ou explosivas, principalmente a dynamite. A todos os contraventores, ainda que andem de parceria, ser-lhes-hão apprehendidos os barcos e apparelhos empregados em tal systema de pesca e multados em 30$000 réis cada um ou trinta dias de prisão. A qual foi unanimemente approvada e deliberaram que subisse ao tribunal competente para a sua approvação.



LULA *(loligo vulgaris)*, pag. 65

A commissão delegada da junta geral do districto do Porto no exercicio das attribuições que a lei lhe confere: accorda em prestar approvação á postura deliberada pela camara da Povoa de Varzim, constante da presente copia.

1885 Abril 30

Codigo de posturas da camara do concelho de Alcobaça

Artigo 93.º É prohibido o uso da pesca nos rios communs do concelho de Alcobaça, desde o 1.º de março até 31 de maio de cada anno, sob pena de 500 réis de multa.

Art. 94.º A ninguem é permittido pescar com cal, cóca ou outro qualquer material com que se mate o peixe, sob pena de 500 réis de multa.

Art. 95.º É prohibido pescar com redes de malha inferior a dois centimetros, ou com redes de arrastar, sob pena de 500 réis de multa.

1885 Abril 9

Codigo de posturas da camara de Espozende

Artigo 52.º É prohibido lançar nas aguas maritimas da costa e rios d'este concelho, troviscada ou qualquer isca venenosa; tiros de dynamite ou qualquer materia explosiva para matar peixes, sob multa de 20$000 réis, ou sujeitar-se ás penas estabelecidas no codigo penal.

§ unico. Ninguem poderá pescar nos rios, com redes de tresmalho ou fisga chamada de pitada, desde março a outubro, nem com rede de buxo na dita epocha, e em qualquer occasião dos mezes livres na baixamar, sob multa de 3$000 réis.

1885 Outubro 2

Convenio entre Portugal e Hespanha, regulando o direito exclusivo da pesca para os nacionaes nas aguas territoriaes de cada um dos estados; limite reservado até ás 6 milhas por fóra da linha da baixamar das maiores aguas; prohibindo o emprego de parelhas, muletas ou outros apparelhos de effeito nocivo, até 12 milhas; nos rios limitrophes, Minho e Guadiana, pesca em commum para portuguezes e hespanhoes, regulada pelas auctoridades maritimas locaes, etc., regulando o presente convenio e regulamento até 30 de junho de 1887.

1885 Dezembro 14

Decreto, approvando o regulamento para fiscalisação e policia relativa ás embarcações de pesca.

Regulamento a que se refere o decreto d'esta data.

1886 Abril 14

Portaria, determinando que sobre o valor do bacalhau pescado por navios portuguezes seja cobrado o imposto do pescado e respectivos addicionaes, em vez da taxa da pauta de importação.

1886 Abril 14

Portaria, regulando a execução das leis de 26 de maio de 1862 e 10 de abril de 1877 ácerca da pesca nacional da baleia.

1886 Julho 17

Codigo administrativo

Artigo 120.º No exercicio da attribuição conferida pelo artigo 118.º n.º 18.º compete á camara fazer posturas e regulamentos:

1.º Para a policia dos caes, docas, praias, estradas e campos, e da caça e da pesca nas aguas concelhias e particulares;

2.º Para o regimen e policia das aguas communs municipaes;

Artigo 133.º Os impostos directos são:

.....

6.º As taxas pelas licenças para pescar nas aguas communs municipaes.

1888 Maio 29

Portaria, nomeando uma commissão que indique ao governo as bases sobre as quaes devam formular-se novas disposições regulamentares ácerca das pescarias na costa do Algarve.

1888 Agosto 16

Codigo de posturas da camara municipal de Vianna do Castello

Artigo 264.º Não é permittido pescar nos rios em tempo e por modos defesos sob pena de 5$000 réis de multa, ou oito dias de prisão por cada vez.

§ 1.º São tempos defesos para a pesca com fisga nos rios, ribeiros e lagoas de agua doce, nos mezes de março, abril, maio e junho.

§ 2.º São modos defesos pescar com redes de malha mais estreita do que 0m,024, tomada de nó a nó, não podendo empregar-se na confecção das redes fio mais grosso que o de numero 26, bem como usar cóca, troviscada, barbasco, dynamite, cal ou outro algum ingrediente que mate o peixe.

1888 Setembro 20

Decreto, approvando o *modus vivendi*, ácerca do regimen de pesca, que deve vigorar emquanto durarem as negociações para a elaboração do tratado de commercio, convenio de pesca e regulamento de transito. Reduzindo de 6 a 3 milhas a zona das aguas jurisdiccionaes e de 12 a 6 milhas a zona de protecção.

1889 Janeiro 10

Portaria, exonerando a commissão nomeada por portaria de 29 de maio de 1888.

1889 Janeiro 15

Portaria, determinando que a distancia entre armações de sardinha na costa oeste do reino será quanto possivel de 1:000 metros e nunca inferior, conservando para as actuaes

CHOCO *(sepia elegans)*, pag. 65

as distancias existentes, e regulando para a concessão o que está determinado para a costa do Algarve.

1889 Julho 4

Portaria, nomeando o primeiro tenente Antonio Arthur Baldaque da Silva, engenheiro hydrographo, para proceder ao estudo das condições de pesca e de lançamento das armações á valenciana e redondas na enseada de Peniche, mar da Berlenga e Farilhões, formulando um regimen racional e conveniente para a pesca n'esta região.

1889 Outubro 12

Portaria, prohibindo a pesca por barcos a vapor com redes de arrastar na costa do Algarve.

1890 Julho 16

Codigo de posturas da camara municipal de Obidos

Artigo 13.º .....

§ unico. Fica sujeito á mesma multa aquelle que nos rios, regueiros e canos publicos lançar algum objecto corrupto ou susceptivel de corromper-se.

Artigo 18.º É prohibida a venda de carne, peixe, fructas ou quaesquer outras substancias alimenticias em mau estado ou adulteradas, sob pena de 500 a 3$000 réis de multa e serem essas substancias apprehendidas e inutilisadas immediatamente.

Artigo 85.º Nenhum proprietario, usufructuario ou rendeiro de predios confinantes com margens de rios ou ribeiros, poderá fazer marachão, reprezas ou obras de arte, nem tambem conservar ou fazer estacarias, sêccas ou vivas, nas mesmas margens por fórma que impeça o livre curso das aguas ou de qualquer maneira as estraguem ou possam causar prejuizo immediato aos caminhos adjacentes, tanto publicos ou particulares, sob pena da multa de 2$000 réis a 20$000 réis, conforme o disposto no regulamento de 2 de outubro de 1886.

CAPITULO XX

Disposições ácerca da Lagôa de Obidos

Artigo 164.º A Lagôa é propriedade municipal, e assim deve ser considerada para todos os effeitos.

Da mesma fórma devem serem considerados os terrenos baldios marginaes, que foram ou ainda são avassallados pelas grandes marés.

Art. 165.º No praso de sessenta dias depois d'este codigo estar em vigor, o que se fará publico por editaes affixados em todos os logares do concelho e nas povoações pertencentes ao vizinho concelho das Caldas circumvizinhos da Lagôa, todas as bateiras ou barcos que ali se empregam na pesca ou tiragem do limo deverão ter o respectivo numero de matricula, e para isso devem seus donos vir inscrever-se no livro que para tal fim haverá na secretaria da camara, convenientemente numerado, rubricado pelo presidente e com termos de abertura e encerramento.

§ 1.º No acto de se inscreverem ser-lhes-ha dada uma chapa com o numero de matricula para collocarem nos barcos.

§ 2.º Alem da matricula a que ficam obrigados, os individuos que quizerem exercer as industrias de pesca e tiragem do limo, ou unicamente uma d'ellas, carecem de tirar a precisa licença que lhes será passada na secretaria da camara, com o sêllo das armas d'ella

e assignatura do presidente, mediante as taxas que n'esse sentido a camara deliberar estabelecer, quer para a pesca, quer para tiragem do limo, cuja licença ficará tambem registada no respectivo livro de matricula.

Art. 166.º Durante os mezes de abril, maio, junho e julho é prohibida a tiragem do limo, sob pena de 2$000 réis de multa por cada infracção.

Art. 167.º É prohibido abrir a Lagôa, sem prévia licença d'esta camara, sob pena de incorrer na multa de 20$000 réis.

Art. 168.º Quem embarcar em bateira sem licença do dono d'ella, incorre na multa de 4$000 réis.

§ unico. Na mesma incorre quem andar embarcado a bater com paus nas aguas ou outra cousa que possa assustar e fazer fugir o peixe na occasião de estar aberta a Lagôa.

Art. 169.º É prohibida a pesca na Lagôa com rede de arrastar, chincha ou algerifes, durante os mezes de abril, maio e junho de cada anno. Os infractores incorrem nas penas comminadas no regulamento de 2 de outubro de 1886.

1890

Usos e costumes estabelecidos de ha muito sobre o exercicio da pesca no Algarve

Artigo 1.º A costa do Algarve, sob a jurisdicção da capitania do porto de Villa Real de Santo Antonio, que é a comprehendida entre a Ponte da Areia na foz do rio Guadiana e Cacella, divide-se para o effeito da pesca por artes de chavega em tres zonas.

§ unico. Estas zonas denominam-se *do Atalho* a de E.; *de Monte Gordo* a do centro, e *de Cacella* a de W.

Art. 2.º As linhas que dividem estas zonas são determinadas por grupos de dois marcos, formados de varas verticaes, com bandeirolas de madeira, e enfiados de N. a S. proximamente.

§ unico. Um d'estes grupos é collocado em Monte Gordo, e outro sobre as ruinas do forte que existiu no cabeço.

Art. 3.º A zona do Atalho fica limitada pela ponta da areia e baixos da barra a E. e pelo enfiamento dos marcos de Monte Gordo do outro lado, ou a W.

A zona de Monte Gordo fica-o pelos enfiamentos dos dois grupos de marcos, um a E. e outro a W.

A zona de Cacella pelo enfiamento dos marcos do cabeço a E., e igreja de Cacella do outro lado ou a W.

Art. 4.º Em cada uma d'estas zonas as barcas podem tomar lanço primeira, segunda, etc., vindo assim a poderem, tres barcas simultaneamente, ter lanço de primeira, segunda, etc., porém em zonas differentes.

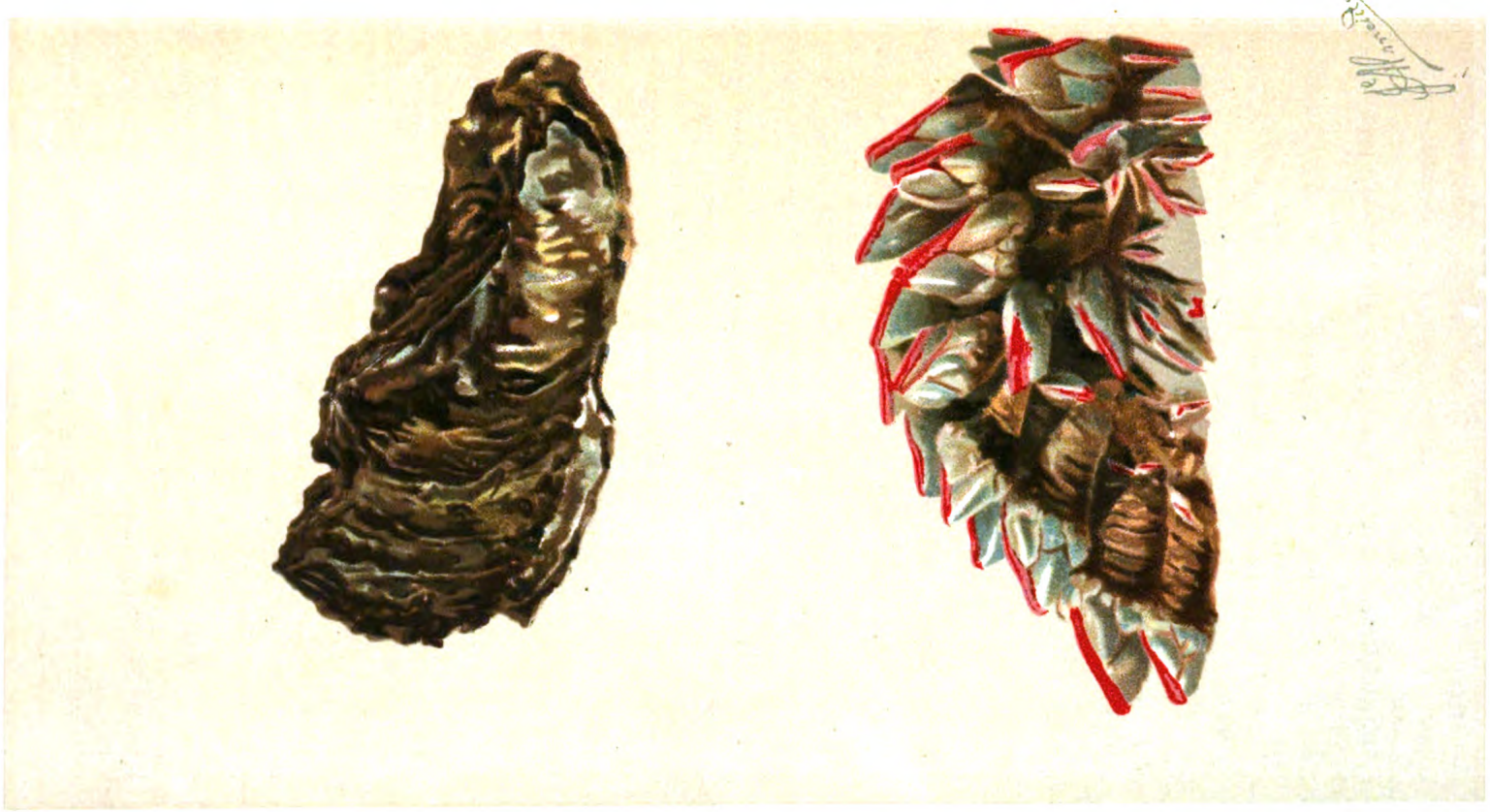
Art. 5.º A barca que tiver lanço em uma zona não póde ir pescar em outra.

Art. 6.º As barcas avaradas em terra, em consequencia de não poderem pescar por causa do mau tempo, conservam durante o espaço que durar o mau tempo, não excedendo a quatro dias, o lanço que tinham anteriormente.

Art. 7.º Prolongando-se as circumstancias que obstem a que as barcas vão á pesca por mais de quatro dias, terá lanço primeiro a barca que primeiro for collocar a sua panda em terra, na zona que escolher.

Art. 8.º Nas circumstancias normaes de tempo, as barcas conservam o seu lanço por tres dias.

Art. 9.º Nenhuma barca póde impedir que acabe o seu lanço outra que tenha no mar dezoito cordas, o que se conhece por ter duas levas na agua.



OSTRA, pag. 66

PERCEBES, pag. 69

Art. 10.º É occasião para uma barca tomar lanço, e não antes d'isso, quando tem o copo da rede desembaraçado e em cima da praia, depôis de safo dos botes onde copejou.

§ unico. Não lhe é necessario para o fim acima indicado estar avarado em terra, ou ter a rede a bordo.

Art. 11.º Nenhuma barça poderá cruzar mais de duas pandas e um arribadeiro de outra.

Art. 12.º Para que uma barca possa impedir que vá outra para o mar pertencendo-lhe a ella o lanço, é necessario que tenha a tripulação a bordo e a sua panda em terra.

§ unico. Se para pescar lhe for necessario fazer o que designa o artigo 11.º não poderá tambem impedil-a.

Art. 13.º O signal convencionado de tomar lanço é pôr a panda em terra.

Art. 14.º Quando a rede tenha por qualquer circumstancia de ser recolhida no mar depois de lançada, considerar-se-ha como tendo pescado, para o effeito de tomar lanço novo.

Art. 15.º A barca que tenha lanço em uma zona e lhe convenha abandonal-o, e tomar lanço em outra, póde fazel-o, ficando á esquerda da ultima, que n'essa outra zona tenha tomado lanço.

Art. 16.º A arte que atracar á terra no enfiamento dos marcos considera-se como tendo atracado na zona de onde partiu.

Art. 17.º Não é responsavel pela avaria que cause a barca que tiver lançado a sua rede na zona que lhe competir, e vier por força maior parar a outra zona.

§ unico. Se o caso de força maior se não provar, perderá o lanço a favor da arte prejudicada.

Art. 18.º Nenhuma barca poderá ir para o mar e lançar a sua rede, desde a meia noite até ao raiar da aurora, sem que tenha lanço de primeira.

§ unico. Não estando n'aquelle caso, qualquer outra barca que seja de lanço primeiro do que ella lh'o póde impedir, sem ser obrigada a ir para o mar por esse facto.

Art. 19.º Toda a barca que depois do sol fóra impedir devidamente outra de ir para o mar, tem de ir immediatamente para o mar effectuar o lanço.

§ unico. Se a barca, no caso acima, não for para o mar, irá a que se lhe segue em numero, podendo acontecer que seja a que foi impedida, pois que só se tem direito a impedir uma vez.

Art. 20.º A barca que tenha impedido uma outra, e que por não estar prompta a ir para o mar, tenha deixado ir a que se lhe segue, entrará em lanço depois d'essa, caso esteja então prompta.

Art. 21.º Sómente é valido o lanço tomado com a barca fóra da pancada do mar.

Art. 22.º A arte que tendo lanço de numero superior a outra, e que essa outra lhe venha caír em cima com as cordas (calas) respectivas, poderá desamarrar-lhe uma das pandas, ou mesmo as duas.

Art. 23.º Quando duas artes, qualquer que seja o seu numero relativo, vierem a embaraçar-se por força maior, aquella que está em risco de lhe ser a rede prejudicada pela corda da outra poderá cortar a corda da outra sem responsabilidade, quando tenham sido infructiferos os esforços feitos para a safar, e não cortar.

Art. 24.º A arte que fizer prejuizo a outra, calando-lhe por cima, deitando-lhe ferro pelo meio, ou por outra qualquer fórma, pagar-lhe-ha, alem das avarias, o lanço que lhe faça perder, calculado pela media dos ultimos tres lanços na zona em que se dê o caso.

Art. 25.º Toda a arte a que se desamarra o *passa-cabo* não perde o lanço.

Art. 26.º Se uma barca estiver pescando com direito para isso, e lhe vier calar uma outra por dentro, ficará com direito ao lanço d'essa outra, se recolher a sua rede dentro, e esperar que ella faça o seu lanço, para então pescar de novo.

§ unico. Se ambas fizerem lanço, o primeiro que pescava tem direito ao melhor dos dois lanços.

Art. 27.º A arte a quem cale outra no seu lanço, ficará com direito ao lanço d'essa outra, se conservar a sua panda, e não pescar emquanto ella não acabar o lanço e tiver a rede desembaraçada.

§ unico. Se deixar de fazer o designado no artigo acima perde o direito ao lanço da outra.

Art. 28.º Toda a arte que cortar a cala a outra que a estorve, ainda que indevidamente, sem que prove ter sido a isso obrigada para não perder o seu lanço, e ser este o unico modo de obter este resultado, pagará o lanço que faça perder calculado segundo o artigo 24.º

Art. 29.º Toda a barca que estorvar outra que esteja primeiro do que ella, sem que se dê para isso alguma rasão plausivel, como o não estar a outra prompta a ir para o mar quando lhe competia, perderá o producto do seu lanço a favor da prejudicada.

Art. 30.º Nenhuma barca poderá mandar conduzir o seu peixe por barco estranho, ou que não sejam os seus accostados, quando algum d'estes esteja presente e tenha cumprido com a sua obrigação até ao copejar da rede.

§ unico. Deixa de ter logar este artigo, se o accostado por culpa sua tiver faltado a comparecer no começo do lanço.

Art. 31.º A arte que não tenha presente nenhum dos seus accostados e precisar copejar o peixe póde chamar um barco estranho, ao qual pagará o serviço que este prestar, por conta do accostado que faltar involuntariamente.

§ unico. Se o accostado faltar por culpa sua não tem a haver cousa alguma.

Art. 32.º Se o accostado chegar depois do lanço começado, mas vindo de serviço da barca, ou tendo-se demorado involuntariamente, ainda que não conclua o lanço por lh'o não consentirem, tem direito a vencer a differença entre o que o barco estranho ganhe e o que elle devia ganhar, caso haja differença.

§ unico. O pagamento ao barco estranho nunca póde exceder o que deve ganhar o accostado em caso algum.

Art. 33.º Nenhuma barca pode tentar impedir indevidamente outra de pescar, nem tambem tentar pescar sem lhe competir.

Artigos addicionaes

Artigo 1.º É permittido ás artes de chavega o fazerem parceria umas com as outras, por tempo illimitado, toda a vez que cada uma d'ellas não tenha companha bastante para poder pescar por si só; e essa parceria poderá ser feita em qualquer epocha do anno, isto é, tanto na melhor temporada da pesca, como fóra d'ella.

Art. 2.º Quando duas artes estiverem emparceiradas, consideram-se, para o effeito dos turnos dos lanços, como formando ambas uma só arte; e a cada uma d'ellas pertence pescar durante uma semana, com começo no domingo e fim no sabbado seguinte, ficando durante este praso a outra arte sem pescar, para só o poder fazer do domingo immediato em diante, pertencendo a esta pescar no lanço que competeria á outra, caso continuasse pescando.

§ unico. Nos dias em que duas artes emparceiradas reunam gente sufficiente para poderem pescar ambas, poderão fazel-o, calando no seu turno a arte a que pertencer pescar durante a semana, ficando a outra no ultimo turno.

Art. 3.º Ás artes que tenham companha bastante para pescar sós é prohibido fazerem companhia com outras, a não ser, caso unico, nas circumstancias de tempo, de muito mar e muito vento, que uma só não pescar, e n'estas circumstancias, a barca que

MEXILHÃO *(mytilus edulis)*, pag. 67

CADELLINHA *(donax trunculus)*, pag. 68

AMEIJOA *(tapes decussatus*, Lin.), pag. 68

BERBIGÃO *(cardium edule*, Lin.), pag. 68

ficar avarada em terra, não perde o seu lanço logo que passe o mau tempo, nos termos do artigo 6.º

Art. 4.º Logo que as barcas emparceiradas, por quaesquer circumstancias desfaçam a companhia ou parceria, os seus mestres ficam immediatamente obrigados a declararem ao cabo do mar de Monte Gordo ou de Cacella, e estes á capitania do porto, o fim de tal companhia.

Estes artigos addicionaes foram estabelecidos e combinados com a presença de todos os mestres das artes de chavega n'esta capitania do porto, em 11 de janeiro de 1888, por causa de duvidas que se suscitavam entre uns e outros, quando havia companhias, por causa dos lanços primeiros, que são geralmente os que melhor lucro dão.

Estas artes não podem deixar de fazer companhias umas com outras e principalmente na melhor temporada de pesca (agosto a dezembro), por causa do grande numero de tripulantes que n'esta epocha foge para o trabalho dos galeões em Hespanha, apesar do castigo de prisão que os espera sempre no regresso.

Dos accostados

Artigo 1.º É obrigatorio o contrato de parceria entre os accostados de uma barca, e subentende-se sempre existente sómente com relação á pescaria, quer da sua barca, quer de outra qualquer.

Art. 2.º Todo o accostado tem obrigação de se apresentar á barca para serviço, na occasião em que este lhe competir, e alem d'isto sempre que seja chamado.

Art. 3.º Todo o accostado tem obrigação de se apresentar á barca logo que o seu parceiro esteja fóra d'ella, em serviço de conducção de peixe ou outro qualquer, e aquella pesque.

Art. 4.º Só o caso de força maior serve de defeza ao accostado accusado de faltar á barca.

Art. 5.º O accostado é considerado como falto á barca, logo que não esteja presente desde o lançamento da rede.

Art. 6.º Todo o accostado que, faltando voluntariamente á arte, for causa de ser chamado um barco estranho á arte, tem de pagar ao parceiro a parte que lhe faz perder; ou se o outro estiver desempenhando serviço, em que tenha ganho, perde o direito á parte d'esse ganho, que lhe devia competir.

Art. 7.º Todo o accostado que sem motivo justificado faltar ao serviço que lhe pertence, e der logar a que outro desempenhe esse serviço, perde o direito á divisão dos ganhos

Art. 8.º Todo o accostado que faltar á arte com causa justificada, der logar a que outro accostado lhe faça o seu serviço, fica com direito á parceria, se vier fazer o serviço que competia a esse outro.

Art. 9.º Os vencimentos dos accostados serão os designados na matricula, e não poderão ser alterados durante a validade da mesma.

Art. 10.º Sendo o accostado contratado pelo dono da barca, e sendo o mestre d'esta interessado n'esse contrato, nenhuma matricula de accostado se fará sem estarem presentes ambos, quem os represente, ou declaração dos mesmos que se sujeitam ao estabelecido n'esse anno para os mais accostados, quanto a vencimentos.

Artigos communs a barcas e accostados

Artigo 1.º Os quinhões pertencentes aos donos e companhas das barcas e accostados são os designados nas matriculas, e não poderão ser alterados durante a validade das mesmas matriculas.

Art. 2.º Compartilhando os donos da barca e dos accostados, os mestres dos mesmos e as companhas os ganhos havidos, são todos elles solidarios nos castigos applicados n'estes artigos, que importem perdas de interesses ou multas, recaindo sómente sobre o dono e mestre, com exclusão da companha, quando se prove que esta manifestou em bons termos a sua opinião contraria ao acto pelo qual soffrem o castigo, e o mestre ou dono os não attendeu.

1891

Codigo de posturas da camara municipal de Valença

Artigo 191.º É permittida a caça ás pessoas que estiverem nas circumstancias do alvará do 1.º de julho de 1776, e toda a pessoa que for encontrada fóra das circumstancias legaes, e sem licença obtida da auctoridade competente, pagará a multa de 2$000 réis.

Art. 192.º Incorre na mesma multa do artigo antecedente toda a pessoa que pescar defeso, ou por modo defeso.

§ 1.º O defeso é nos mezes de março, abril e maio.

§ 2.º O modo defeso é com malha menor que a do padrão do concelho.

§ 3.º É igualmente defeso o deitar coca, trovisco, cal ou qualquer veneno.

§ 4.º A pesca com canna e anzol nunca é defeso.

1891 Julho 30

Regulamento da pesca com redes de arrastar pelo fundo a reboque de uma ou mais embarcações

Artigo 1.º É prohibida a pesca nas aguas publicas maritimas de Portugal, com apparelhos de rede de arrastar pelo fundo a reboque de uma ou mais embarcações movidas por qualquer motor.

Art. 2.º Não é permittida a matricula de embarcações que se destinem á pesca maritima do alto com apparelhos de rede de arrastar pelo fundo a reboque, alem das actualmente existentes nos departamentos maritimos do continente.

§ unico. Esta concessão não poderá estender-se alem do periodo de dez annos.

Art. 3.º É prohibida a transferencia de matricula d'estas embarcações de uma para outra capitania.

Art. 4.º É prohibida a substituição das embarcações a que se refere o artigo 2.º d'este regulamento, quer por novas construcções, quer por outras que se empreguem em outro serviço.

Art. 5.º Aos contraventores do disposto nos artigos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º d'este regulamento, serão apprehendidas as embarcações, os apparelhos e a pescaria, havendo-a.

§ 1.º As embarcações e a pescaria serão vendidas em hasta publica, e o producto applicado, em partes iguaes, para o estado e para os apprehensores.

§ 2.º Os apparelhos serão inutilisados.

Art. 6.º Quando a bordo de qualquer embarcação, que não esteja incluida nas disposições do artigo 2.º, for encontrado um ou mais apparelhos de rede de arrastar pelo fundo a reboque, ou quando se provar que essa embarcação d'elle tenha feito uso, ser-lhe-ha retirada a matricula e a licença pelo tempo de seis mezes.

§ 1.º Quando a embarcação, a que se refere este artigo, não for de pesca, pagará de multa 200$000 réis.

§ 2.º Pela primeira reincidencia serão as penas applicadas em dobro, no triplo pela segunda e assim successivamente.

§ 3.º Em ambos os casos serão apprehendidos a pescaria e os apparelhos, e inutilisados estes.

Art. 7.º Logo que haja queixa fundamentada perante a auctoridade maritima contra as embarcações a que se refere o artigo 2.º d'este regulamento, por avaria causada em apparelhos de pesca ou por outros delictos puniveis, deverá esta auctoridade prohibir o exercicio da pesca da embarcação ou embarcações incriminadas, ou requisitar a sua prohibição á auctoridade maritima do porto a que ellas pertencerem, até á conclusão do julgamento da questão.

§ 1.º Entende-se que a queixa é fundamentada quando houver, pelo menos, duas testemunhas presenciaes contestes.

§ 2.º Tambem se entende que a queixa é fundamentada pela presumpção que deriva do facto, demonstravel pelos registos do movimento do porto e quaesquer dos registos officiaes mencionados no artigo 19.º d'este regulamento, de estar fóra a embarcação de pesca com rede de arrastar pelo fundo a reboque, quando por igual numero de testemunhas se prove que a dita embarcação navegava n'aquella zona.

§ 3.º Se estiver fóra mais de uma embarcação e for vista mais de uma na região, ou proximo, onde se tenha dado a avaria, quando a queixa for indeterminada, serão applicadas a todas as disposições d'este artigo.

§ 4.º Para applicar esta prohibição a auctoridade maritima, a quem for presente a queixa, deverá mandar autuar esta com os documentos que a acompanharem e chamar á sua presença as testemunhas dadas em rol, cujos depoimentos mandará escrever nos autos, tomando em seguida, nos mesmos autos, a sua decisão affirmativa ou negativa sobre a referida prohibição.

Art. 8.º Quer se julgue procedente, quer improcedente a prohibição, a mesma auctoridade mandará no praso de quarenta e oito horas, salvo caso de força maior, proceder a vistoria ao local do lançamento para verificar a importancia e natureza da avaria.

§ 1.º Esta vistoria será presidida pelo capitão do porto e feita por tres peritos por elle nomeados.

§ 2.º Podem ser peritos o patrão mór do departamento, os pilotos da respectiva capitania, os mestres das embarcações, artes e armações de pesca da localidade.

Art. 9.º A mesma auctoridade ouvirá no praso de oito dias, contados da data da vistoria, todas as testemunhas produzidas pelo queixoso e pelos accusados, e juntará ao processo todos os documentos que aproveitarem.

§ unico. Qualquer das partes não poderá produzir mais de oito testemunhas, as quaes nunca poderão ser ouvidas por deprecada.

Art. 10.º Feitas estas diligencias reputa-se constituido o processo preparatorio, indo os autos conclusos para julgamento, que deverá fazer-se no praso de quarenta e oito horas.

Art. 11.º O capitão do porto julgará estes processos, servindo de escrivão o escrivão da capitania ou o empregado que as suas vezes fizer, sem recurso quando o valor da condemnação não exceda a 500$000 réis.

Art. 12.º Quando este valor exceda a 500$000 réis cabe recurso para o tribunal do commercio respectivo, sendo julgado ahi pelo juiz, sem intervenção de jury e sem audiencia contradictoria das partes, no praso de oito dias.

§ unico. O recurso será interposto no praso de dois dias depois da intimação por simples petição dirigida ao capitão do porto, subindo os autos immediatamente com resposta do recorrido, que a dará no praso de vinte e quatro horas ao tribunal que tem de julgar o mesmo recurso.

Art. 13.º A prohibição a que se refere o artigo 8.º cessará logo que seja paga a importancia da condemnação e custas do processo, ou, no caso de recurso, depositando o recorrente a mesma importancia e a das custas.

§ unico. Cessa tambem a prohibição a qualquer altura do processo, depositando o arguido a importancia que for julgada necessaria pelo capitão do porto, nunca inferior ao duplo do valor das avarias.

Art. 14.º A reincidencia sujeita o arguido a pagar, alem das avarias, uma multa de valor igual pela primeira vez, dupla na segunda, e assim successivamente, a qual constituirá receita do estado.

Art. 15.º É prohibido ás embarcações nacionaes receber no mar, por baldeação, pescaria de embarcações estrangeiras.

Art. 16.º Os contraventores do que dispõe o artigo anterior perderão toda a pescaria, e ser-lhes-hão retiradas a matricula e licença por seis mezes.

Art. 17.º As embarcações nacionaes de pesca com rede de arrastar pelo fundo a reboque, devem trazer sempre içado no tope do mastro como distinctivo um galhardete encarnado.

§ unico. Estas embarcações deverão durante a noite usar dois pharoes brancos brilhantes, collocados em linha vertical e distantes 1 metro, pelo menos, um do outro, içados no mastro de proa, alem dos pharoes lateraes.

Art. 18.º Tanto os navios do estado como as estações semaphoricas e postos fiscaes, que avistarem embarcações com o distinctivo ou luzes a que se refere o artigo anterior, devem registar a hora e a posição d'essas embarcações.

Art. 19.º Todas as embarcações, a que se refere o artigo 2.º d'este regulamento, que forem vistas e reconhecidas pelos navios do estado, estações semaphoricas ou postos fiscaes, sem o distinctivo ou luzes a que se refere o artigo 17.º, pagarão de multa 5$000 réis, e nos casos de reincidencia o dobro pela primeira vez, o triplo pela segunda e assim successivamente.

Art. 20.º As auctoridades maritimas continuarão a proceder com respeito ao serviço das pescas, segundo as disposições do regulamento geral das capitanias, serviço e policia dos portos do reino e ilhas adjacentes de 1 de agosto de 1884, em tudo que não for expresso no presente regulamento.

Art. 21.º A policia da pesca maritima continua incumbida aos navios do estado, segundo as instrucções dadas aos commandantes pela direcção geral de marinha e chefes dos departamentos.

Art. 22.º Compete ao capitão do porto, quando seja official da armada, a applicação de todas as penas estabelecidas n'este regulamento.

§ unico. Quando a capitania do porto não esteja provida por official da armada, será competente o da capitania mais proxima.

Art. 23.º Todos os funccionarios, a quem compete a policia maritima da pesca, serão competentes para levantar auto de noticia de qualquer transgressão que chegue ao seu conhecimento, indicando logo o rol de testemunhas, e remettendo-o immediatamente ao capitão do porto, na conformidade do artigo antecedente.

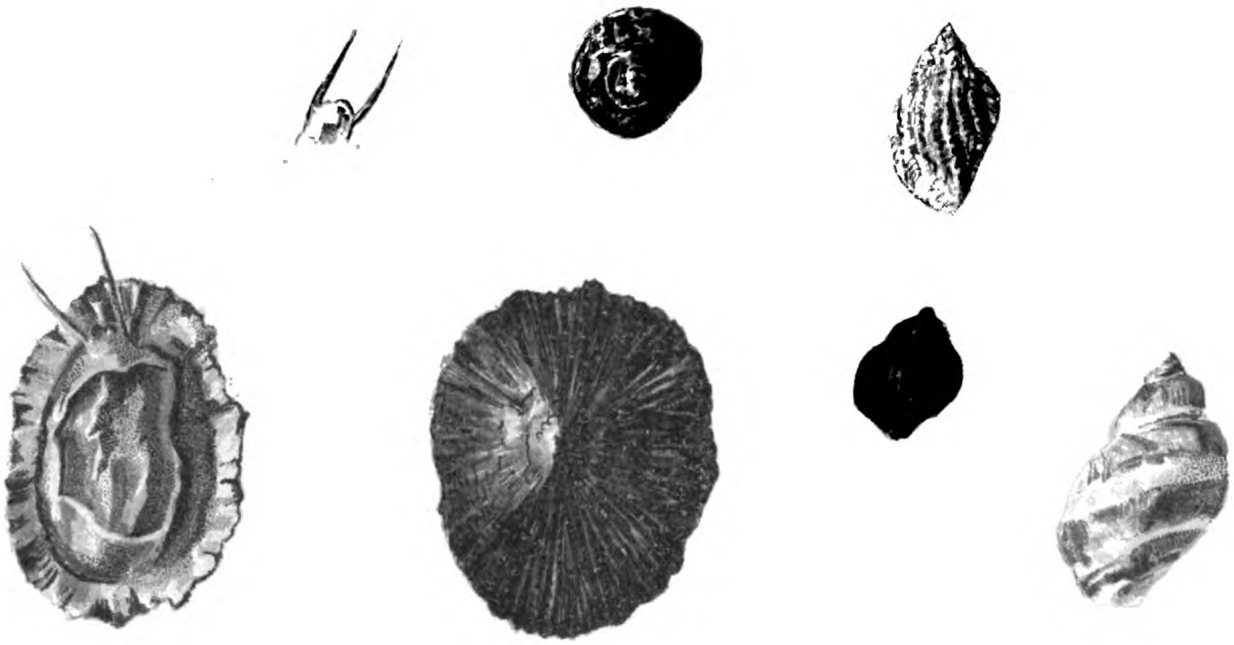
Art. 24.º O capitão do porto mandará autuar o auto de noticia, assim como mandará reduzir a termo qualquer queixa verbal.

Art. 25.º O auto de noticia servirá de corpo de delicto e será acreditado até prova em contrario.

Art. 26.º Quando a queixa proceda de denuncia verbal, o capitão do porto ouvirá as testemunhas dadas em rol para prova da transgressão, as quaes nunca poderão exceder o numero de cinco, nem ser inquiridas por deprecada.

Art. 27.º Quando o capitão do porto por esta prova entender que ha fortes indicios da existencia da transgressão, designará dia para julgamento; no caso contrario mandará archivar o processo.

Art. 28.º Recebido o auto de noticia a que se refere o artigo 25.º, ou encontrados os fortes indicios, a que se refere o artigo 27.º, o capitão do porto passará a julgar a trans-



J. Almeida

LAPA *(patela vulgata)*, pag. 68 FREIRINHA BUZIO *(murex brandaris)* CORNETA

CARAMUJO *(littorina littorea)*

gressão no praso de oito dias, intimando o transgressor com a antecipação, pelo menos, de quarenta e oito horas, para comparecer na sua presença, assim como fará intimar as testemunhas da accusação e defeza.

§ 1.º O julgamento far-se-ha na presença ou á revelia do transgressor.

§ 2.º Tanto pela accusação como pela defeza não poderão ser produzidas mais de cinco testemunhas, as quaes nunca poderão ser inquiridas por deprecada.

Art. 29.º Perante o capitão do porto no dia do julgamento não se escreverão os depoimentos das testemunhas, sendo proferida a sentença por escripto e summariamente.

§ unico. Esta sentença será dada á execução sem recurso.

Art. 30.º Todos os processos instaurados nos termos d'este regulamento correrão em papel não sellado.

Art. 31.º Toda a queixa ou denuncia calumniosa sujeita o queixoso ou denunciante á pena de 10$000 a 500$000 réis, segundo as circumstancias, a qual será imposta pelo capitão do porto no mesmo processo.

Art. 32.º O capitão do porto proporá ao governo, sob informação do chefe do departamento, as gratificações a distribuir ao pessoal que tenha intervindo nos differentes processos de que trata este regulamento.

§ unico. O valor d'estas gratificações não poderá em caso algum, por cada serviço ou processo, exceder dois terços do producto da multa ou multas arbitradas.

Art. 33.º As embarcações a que se refere o artigo 2.º d'este regulamento serão obrigadas a pagar 500$000 réis por cada renovação de licença annual.

Paço, em 30 de julho de 1891. = *Julio Marques de Vilhena.*

1891 Outubro 8

Attendendo ao que me representaram as associações commercial do Porto e industrial de Lisboa, e ao que me foi exposto por outras associações e individuos ácerca do regulamento de 30 de julho ultimo; e

Considerando que o fim do mesmo regulamento não é augmentar a receita do thesouro pelo aggravamento de impostos sobre a pesca a vapor, mas ordenar um complexo de preceitos que tem por fim rodear de garantias a classe piscatoria contra os vexames a que está sujeita pelo novo systema de pesca;

Considerando que, sem prejudicar o pensamento fundamental do referido regulamento, se podem fazer algumas alterações, ainda que muito restrictas, deferindo assim no que é possivel ás mencionadas representações:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º É fixado em 300$000 réis o imposto de licença estabelecido no artigo 33.º do regulamento de 30 de julho ultimo.

Art. 2.º A apprehensão a que se refere o artigo 5.º do mesmo regulamento, no tocante aos barcos empregados na pesca, só terá logar no caso de reincidencia. Na primeira contravenção a apprehensão poderá ser substituida pelo deposito immediato de uma quantia igual ao duplo da multa imposta para a contravenção.

Art. 3.º A bordo dos vapores de pesca poderão ir praças da armada, cujo depoimento poderá ser recebido com a força probatoria de qualquer outra testemunha.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 8 de outubro de 1891. = Rei. = *Julio Marques de Vilhena.*

CAPITULO XIV

VOCABULARIO

A

Aba — A orla em declive que limita e contorna um banco.

Abacá — Materia prima vegetal de que se fabricam cabos, fios e redes, para a pesca.

Abadim — Local do rio de Ancora onde passa a ponte d'este nome, de um unico arco, e onde o rio offerece boas condições para a pesca das trutas e bogas.

Abaixa — Especie de fisga usada na pesca da lampreia, junto ao Cabedello da barra do Douro.

Abano — Denomina-se assim um processo de pesca usado pelos pescadores do Algarve, que consiste no emprego de uma canna com linha ou arame e anzol na extremidade, sendo este desprovido de isca e tendo apenas um pedaço de panno branco para illudir o peixe. A este systema de pesca chama-se em outros pontos do paiz, pesca á *amostra* ao *corripo* ou a *cirrar*. (Vejam-se estes termos.)

Abertouras — Extremos das redes de arrastar do rio Minho que formam um bolso ou seio.

Abobora — Nome de uma armação de pesca de atum de revez que lança na costa de Tavira.

Aboçar — Systema de amarrar as redes ou cabos entre si.

Abremar — Praia ao sul da *Aguçadoura*, onde se exerce a pesca costeira. Tambem lhe chamam *Ablemar* e *A ver o mar*.

Abrótea — Peixe muito frequente nos nossos mares.

Accessorios — Auxiliares dos apparelhos de pesca, que completam a bagagem ou material de pesca.

Acedares — Nome antigo que na costa do Algarve davam aos *cercos* ou *atalhos*.

Acostados — Nome de origem hespanhola que dão na costa do Algarve ás embarcações que acompanham os galeões e que os coadjuvam nos trabalhos de pesca.

Affife — Praia situada entre a Ponta do Penedim e a Ponta de Montedor, ao norte de Vianna do Castello, na altura da povoação do mesmo nome, onde se faz alguma pesca marginal e se apanha sargaço em grande escala.

—— Ribeira que desce dos montes do litoral e desagua no oceano na praia de Affife por differentes sulcos praticados na areia.

Afurada — Porto de pesca, situado na margem esquerda do rio Douro, junto á embocadura.

Aguagem — Forte corrente de agua que tende a arrastar os apparelhos de pesca e as embarcações.

Aguas — Assim denominam os pescadores o elemento liquido em que navegam e pescam, seja no mar, rio ou lagôa. Dizem: *Aguas turvas, Aguas negras, Aguas do Monte, Aguas vivas, Aguas mortas, Aguas paradas, Aguas corredias, Aguas luzas*.

Aguçadoura — Praia ao sul da Apulia, situada em um ponto avançado da costa, onde se exerce a pesca costeira.

Agulha — Nome de uma armação de pesca de sardinha que lança na costa de Cezimbra.

—— Utensilio de madeira ou metal que se usa para fazer rede.

—— Peixe comprido de cor prateada e azulada, cujo focinho termina por dois prolongamentos em fórma de agulhas, munidos de dentes muito unidos.

Agulhão — Nome que os pescadores do Algarve dão ao peixe-agulha.

Ai — Aviso que fazem os compradores de peixe na *lóta real,* em Peniche, quando querem ficar com o peixe posto em leilão.

Ajuda do mar — Amarração das armações redondas que aguenta o canto de fóra.

—— **de leste** — Idem para o lado da terra.

Alar — Acção de puxar successivamente por um cabo ou por uma rede.

Alares — Nome que dão, os pescadores do rio Minho, aos cabos que servem para arrastar e alar para terra a rede *Algerife.*

Alas — Nome que dão em alguns pontos da costa ás mangas ou mãos das redes de arrastar.

Albafar — Peixe da costa do Algarve.

Albarda — Denominação que os pescadores dão ao dorso ou parte superior do corpo da pescada.

Albufeira — Lagôa litoral, situada entre a foz do Tejo e o cabo Espichel, onde desagua o rio do mesmo nome, que nasce na serra de Cezimbra.

—— Porto maritimo de pesca, situado na costa do Algarve, entre o Cabo Carvoeiro e o Cabo de Santa Maria, na pequena e aberta enseada que a costa fórma junto á villa d'este nome.

Alça — Especie de azelha que se faz no extremo de qualquer cabo ou linha para n'ella encapellar a verga, mastro, ou qualquer pau, ou para n'ella fazer fixo outro cabo ou linha.

Alcabroz — Nome que dão os pescadores de Setubal a um pequeno peixe esverdeado a que na costa do norte chamam *Cabrão.*

Alcála ou **Encála** — Fio de linho com que cosem as redes da pescada e a rasca nas tralhas superior e inferior.

Alcance — Distancia a que os differentes apparelhos de pesca podem lançar.

Alcanélla — Rede das artes de sardinha que liga com a bôca, e que pertence ás mangas.

Alcatroar — Operação de revestir as embarcações, cabos ou redes de uma camada de alcatrão.

Alcoutim — Povoação marginal do rio Guadiana, entre Villa Real de Santo Antonio e o Pomarão.

Dos barcos que pertencem a esta localidade diminuto numero se emprega na pesca fluvial.

Alégras — Rede que faz parte do sacco das artes de sardinha.

Alfaqueque — Nome que dão no Algarve ao peixe gallo.

Alfaquim — Nome que em Setubal dão ao peixe gallo.

Alfaquique — Peixe gallo.

Alfarrobar — Esfregar as linhas de pesca com a alfarroba verde a fim de lhe dar rigeza depois de molhadas, e uma côr escura mais propria para illudir o peixe.

Alfinete — Estilete de ferro ou aço que se emprega nas taloeiras da pesca das lulas e chocos, para supprir o anzol na pesca das especies pequenas.

Alforques — Cabos que partem da cadoura, junto á poita, para as tralhas superior e inferior das redes de enmalhar de fundo.

Alga — Planta marinha que se dá nas aguas da costa de Portugal.

Algerife — Rede de arrastar de um unico panno que se usa no rio Minho para a pesca do sável, sabião e demais peixe que fica envolvido, e que é lançado em cerco e alado para a margem ou areinhos.

Alheta — Angulo da poupa das embarcações.

Alhetas — Nome que os pescadores dão aos operculos que cobrem as guelras dos peixes de um e de outro lado da cabeça.

Aljáfra — Bolço ou seio das redes de arrastar.

Almadena — Porto de pesca da costa do Algarve, comprehendido entre a bahia de Lagos e o promontorio de Sagres.

VIEIRAS da costa do Norte

Almadravas — Nome antigo que davam ás armações de atum na costa do Algarve.

Almocreve — Vendedor de pescaria que vae para o interior transportando o peixe em cavalgaduras.

Alpostiz — Nome que dão os pescadores de Buarcos ao cabo delgado que amarra umas ás outras as testas da rede das pescadas ou da rasca.

Alto — Termo que se emprega para designar a região mais profunda da costa, a grande distancia da terra, onde se exerce a pesca. *Mar alto, Pesca do alto, Peixe do alto.*

—— **da Ilha** (Mar do) — Região maritima comprehendida entre a Berlenga e o Cabo Carvoeiro.

Alvacóra — Peixe grande muito parecido com o atum.

Alvitana ou **Albitanea** — Panno de rede que se usa nas redes de enmalhar de um e outro lado do panno miudo ou do meio. As redes de tresmalho são feitas de tres pannos sobrepostos, denominando-se *alvitanas* os de fóra.

Alvôr — Peixe de agua doce, muito similhante á tainha e ao mugem, mas com reflexos prateados mais brilhantes. Tem este nome no rio Minho.

—— Porto de pesca situado na parte oriental da bahia de Lagos.

—— Rio que desce da serra de Marmelete, formando junto á foz uma ria que banha a villa de Alvôr.

Amalhadeira — Denominação que no Algarve dão á rede de enmalhar, isto é, que prende nas malhas os peixes que tentam atravessal-as. (Veja-se *Enmalhar.)*

Amalhar — Acção de prender o peixe na *Amalhadeira.* (Veja-se *Enmalhar.)*

Amantes — Nome que dão em Espozende aos amarrilhos das tralhas inferiores das redes da pescada.

Amarra — Porção de cabo ou de corrente que se emprega para fundear as embarcações ou os apparelhos de pesca.

Amarrar — Os maritimos, em geral, chamam amarrar, á operação de atar um cabo, fio, linha, etc., a outro cabo, fio, linha, etc., ou a qualquer objecto. Tambem se emprega este termo quando o navio não está a um unico ferro que se diz fundeado, mas sim a dois ferros ou seguro por espias para um molhe ou caes, ou de poupa e proa.

Amarrilho — Cabo delgado, ou fio, que se emprega para amarrar as differentes peças de rede umas ás outras, ou para amarrar quaesquer outros utensilios de pesca ou pertences das embarcações.

Ameijoa — Mollusco bivalve com a fórma elliptica irregular, que se cria e desenvolve nos bancos de areia e lodo da costa do continente do reino.

Amisade — Nome de uma armação de pesca de sardinha que se lança na costa da Galé.

Amostra — Denomina-se assim um apparelho de pesca de anzol que, sem isca, mas munido de um trapo branco, ou de uma chapa de metal brilhante, engana o peixe e o provoca a investir com o anzol, que o prende.

Ancão — Barra e porto da ria de Faro.

Ancora — Ferro de grandes dimensões e peso que se usa para fundear ou amarrar as embarcações ou os apparelhos de pesca.

—— Rio que nasce na serra de Arga e que desagua no oceano pelo sul do Portinho de Gontinhães, em um local denominado *praia de Ancora*, onde se tomam banhos do mar na epocha propria. As especies que se encontram n'este rio são: truta, boga, bogardo, escalo, solha e enguia.

Andaina — Embarcação do Algarve, empregada no transporte de pescaria.

Anequim — Peixe da costa do Algarve.

Anha — Local da margem sul do rio Lima, proximo da costa, onde ha jangadas para a apanha do sargaço.

Annel — Nome que os pescadores de Espozende dão aos chumbos em fórma de anneis que collocam na tralha inferior das redes da sardinha, para ellas conservarem a posição vertical dentro de agua.

Anzol — Gancho de ferro, ou de aço, terminando em um dos extremos por uma parte achatada denominada *pata,* e no outro por um bico com *rebarba,* que serve para cravar a isca e segurar o peixe que a

pretende devorar. Os anzoes têem differentes tamanhos, conforme as especies a que se destinam. Os principaes são: o anzol do bacalhau, do cação, do congro, da pescada, do ruivo, do robalo, do pargo, da faneca e da enguia.

Apertar — Operação de ir diminuindo pouco a pouco o espaço cercado por uma rede, a fim de reunir cada vez mais o peixe que ficou dentro do cerco.

Apestos — Utensilios de que usam os pescadores e que levam quando sáem para a pesca.

Aproar — Manobra de collocar a embarcação com a proa para a corrente ou para o vento, ou em geral para um determinado rumo do mar ou da terra.

Apulia — Praia situada entre a foz do Cavado e a Povoa de Varzim, onde se pesca pilado para adubo e differentes especies costeiras, e se apanha sargaço em abundancia.

Arame — Fio metallico que serve para empatar os anzoes para a pesca dos peixes que têem dentes fortes e cortantes, ou para forrar as linhas de pesca. Tambem se emprega o arame na construcção das nassas de pesca que se usam nos açudes dos rios do norte.

Aranha — Em quasi toda a costa de Portugal dão ao *Escorpião* o nome de *Aranha* ou *Aranha do mar*. (Veja-se *Escorpião.)*

Aranhóla — Caranguejo grande com a couraça coberta de bicos. (Veja-se *Aróla* e *Santóla.)*

Areão — Praia ao sul da barra de Aveiro, onde estão as barracas dos pescadores de uma companha de arte de arrastar, que lança n'este ponto do litoral.

Areia — Denominação que usam os pescadores para designar a natureza das costas, margens ou fundos que são formados de rochas trituradas e muito divididas em grãos pequenissimos, distinguindo-os, segundo as grandezas, em areia grossa, areia e areia fina.

Areiínho — Denominação usada nos rios Minho, Lima e Douro para todo o banco de areia que cobre e descobre com as marés.

Arelho (foz do) — Nome do porto de pesca da lagôa de Obidos.

Arenque — Pequeno peixe de passagem nas nossas aguas com pouca frequencia.

Argaceiro — Homem que se emprega na industria da apanha do sargaço ou argaço. Denominação usada pelos povos do norte do paiz.

Argaço — Nome que dão na costa occidental do norte do paiz ás algas marinhas que apanham para adubo das terras. (Veja-se *Sargaço.)*

Arinque — Cabo delgado que liga o ferro, fateixa, poita ou qualquer apparelho de pesca á boia, boirel, ou balisa que lhe assignala a sua posição.

Armação — Apparelho de pesca permanente por meio de redes, que se usa na costa do Algarve, para a pesca do atum e sardinha, e nas enseadas de Sines, Setubal, Cascaes, Pederneira, Caparica e Peniche, para a pesca da sardinha.

Armadilha — Apparelho de pesca em fórma de ratoeira, onde o peixe entra e não póde sair. (Veja-se *Botirão, Nassa, Musuar, Covo,* e *Muregona.)*

Armazem — Casa grande, com paredes de alvenaria ou de madeira, e coberta de telha ou ramagem, sem divisorias interiores, onde se guardam as embarcações, apparelhos e utensilios de pesca nos portos de pesca do continente do reino.

Armona — Antiga barra da ria de Faro.

Aro — Annel de ferro que serve para reforçar os topos inferiores do *maço* e *repucho,* empregados na installação da rede *Majoeira*. Tambem se denomina assim um annel de ferro por onde passa o pau da bujarrona de algumas embarcações.

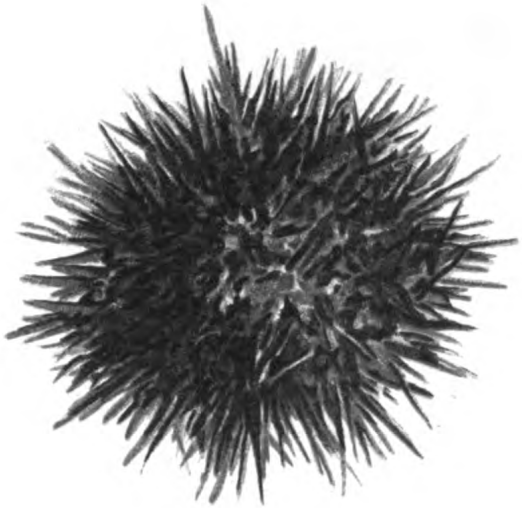
Aróla — Nome que dão em Espozende a uma variedade de crustaceo muito grande. (Veja-se *Aranhóla* e *Santóla.)*

Arpão ou **arpéo** — Fisga de ferro em fórma de lança que os pescdores empregam para arpoar ou fisgar os grandes cetaceos ou peixes, como baleia, toninha, roaz, peixe-cão, etc.

Arpoar — Acção de cravar o arpão.

Arraes — Maritimo que nos barcos de pesca dirige toda a manobra de vela e de

OURIÇO DO MAR *(echinus)*, pag. 70



OURIÇO DA RIBEIRA, pag. 71

remos d'esses barcos unicamente, bem como o lançamento dos apparelhos de pesca, quando é uma embarcação isolada que se emprega n'este mister.

Arraia — Nome que na costa do Algarve e em outras localidades de pesca dão á *raia*.

Arraial — Dá-se este nome ao conjuncto de barracas, ou casas construidas na margem proximo do mar ou das rias e rios, onde se abrigam os pescadores de um determinado porto de pesca ou armação, e onde guardam as embarcações, apparelhos e utensilios de pesca.

Este termo é mais geralmente usado na costa do Algarve.

Arranha — Apparelho da pesca do polvo que se usa na ria de Vigo e que consta de um seixo com um caranguejo e uns anzoes amarrados no extremo de uma linha, que se atira de bordo para o fundo.

Arrassar — Corrente metallica que se usa nas armações de pesca para atracar as redes junto ao mercaço ou murcacho, proximo do fundo.

Arrassaz — Tralha inferior da rede das muletas do Barreiro e Seixal.

Arrastão — Os pescadores portuguezes denominam assim o sacco de rede arrastado pelo fundo a reboque dos vapores, que nos ultimos annos fazem esta pesca na nossa costa. É o *trawl* ou *chalut*.

Arrastar — Movimento de translação das redes de modo que assentem a tralha inferior de encontro ao fundo.

Arrasto — Apparelho volante de rede de arrastar pelo fundo, que se usa para a pesca costeira ou fluvial. Consta de *sacco* ou *bolso* e de *alares*.

Arreçal — Tralha inferior dos quartos das armações redondas de Peniche.

Arreganhadas — Peixe da costa do Algarve.

Arrepiar — Golpear o peixe, introduzindo-lhe sal nos golpes e pendurando-o de cabeça para báixo.

Arriar — Acção de largar successivamente um cabo ou uma rede.

Arribação — Emprega-se este termo para exprimir a presença ou viagem para a costa ou rios de determinadas especies de peixes, que procuram uma certa região ou paragem em epochas conhecidas e periodicas.

Arribadeiro — A cala que é deitada depois do lançamento da rede de arrastar, no sentido do mar para a terra.

Arribar — Diz-se quando uma embarcação guina para a terra e quando o peixe se dirige para a costa.

Arrifana — Localidade ao norte do Cabo de S. Vicente onde os pescadores vão pescar á linha.

Arte — Qualquer apparelho ou artificio empregado na pesca.

Artes — Nome dos apparelhos de pesca de rede de arrastar para a terra, que se usam desde o Douro até á Nazareth e da costa de Caparica para o sul. Consta de mãos ou mangas e sacco. Destina-se especialmente á pesca da sardinha.

—— **de sacada** — Apparelho de rede usado pelos pescadores de Peniche.

Ascás — Nome que em Vianna do Castello dão os pescadores ás *cadouras* ou cabos de suspender as redes da pescada.

Assenta — Praia, situada entre Peniche e a Ericeira, onde se faz alguma pesca costeira.

Atafanas (Baixo das) — Banco ao sul da Berlenga.

Atalaia — Vigia das armações de pesca.

Atalho — Rede de cerco empregada pelos pescadores do Algarve para limitarem a marcha dos cardumes, conduzindo-os para a costa ou para a bôca das armações de pesca.

Atassim — Fio que cose as malhas das redes á tralha.

Atilhos — Cordas delgadas ou fios que se usam para amarrar os molhos de redes, uns aos outros, pelas testas.

Atravessador — Arrematante de pescaria.

Atuarro — Atum mais pequeno, que acompanha os cardumes mas não tem idade para desovar.

Atum — Peixe de grandes dimensões que frequenta a costa meridional do Algarve no seu trajecto para o Mediterraneo, e no

seu regresso d'este mar, e que constitue uma das partes da receita mais importante das pescarias do Algarve.

Atuneira — Dorna grande para salgar o atum.

Ave — Rio que nasce na serra da Cabreira e entra no oceano proximo de Villa do Conde. A pesca fluvial é de pequena importancia n'este rio.

Aveiro — Cidade edificada em um dos braços da extensa ria, que o oceano fórma n'esta parte da costa, e onde desagua o rio Vouga. Não sendo propriamente porto de pesca, é comtudo residencia de alguns pescadores e interessados na pesca da costa adjacente e da ria.

Avel — Desembaraçado e livre para sair para a pesca, lançar ou suspender um apparelho, ou para executar um determinado serviço.

Azas — Nome que os pescadores dão ás membranas carnudas de fórma triangular que os chocos têem de um e outro lado do corpo.

Tambem chamam *azas* ás membranas lateraes da cabeça da teiróga ou ouréga, raia, ratão, uje, cação, galhudo, caneja, cascarra, lixa, melca, etc.

Azevia — Pequeno peixe da costa do Algarve.

—— Variedade de linguado.

B

Babuje — Destroços e restos de materias animaes e vegetaes que existem quasi sempre á borda da praia. Peixes que vem á babuje da praia, isto é, que se approximam muito da terra, procurando a alimentação que as aguas refluem de sobre as praias.

Bacalhau — Peixe de grandes dimensões e de excellentes propriedades para o consumo depois de secco, que os nossos pescadores vão apanhar sobre o grande banco da Terra-Nova.

Bacamarte — Peixe parecido com o ruivo, mas escuro da linha media para cima.

Baciada — Pesqueiro ao SW. e a 2 leguas do Cabo Carvoeiro em Peniche.

Badana — Nome que em algumas localidades dão ás barbatanas dos peixes. (Veja-se *Barbatana.)*

Badejo — Peixe muito similhante ao bacalhau, mas mais pequeno, que cáe nos apparelhos de pesca da pescada.

Bahiu — Pesqueiro ao SSW. e a 3 leguas do portinho de Peniche.

Bailas — Pequenos peixes da costa do Algarve. (Veja-se *Robaletes.)*

Baixa — Veja-se *Baixo* e *banco.*

—— **de João de Sant'Anna** — Serro do NE. dos Farilhões.

—— **do Broeiro** — Banco ao SW. da Mula das Estellas.

—— **do Grilhão** — Banco ao S. da Mula.

—— **do Mar** — Banco a W. das Estellas.

—— **dos Pregos** — Banco ao SW. da Berlenga.

—— **de Sota Catalão** — Banco ao S. da Berlenga.

Baixo — Veja-se *Banco.*

—— **da Remela** — Banco ao NNW. dos Farilhões.

Baixamar — Phase da maré em que a agua, depois de ter descido o maximo, se conserva algum tempo no mesmo nivel.

Balço — Os pescadores algumas vezes empregam *balço* por *bolço.*

Balço, em linguagem maritima, é um systema feito de cabo com dois seios onde um homem mette as pernas e fica seguro para poder ser arriado ou içado sem risco.

Balêa — O maior cetaceo que apparece nos nossos mares.

Baleal — Rochedo ao NE. de Peniche.

Baleote — Balêa pequena que chega algumas vezes a entrar nos rios.

Balisa — Boia de cortiça com uma vara a meio, tendo na extremidade ramos de loureiro, ou qualquer distinctivo, usada na marcação dos logares em que lançam as redes da pescada no alto.

Balla — Esphera de ferro dos cantos da sacada do alto.

Banceda — Banco comprido das embarcações de pesca.

Banco — Elevação do solo submarino que impossibilita ou contraria a navegação.

J. Almeida

ESTRELLA DO MAR *(astereas rubens)*, pag. 71

Banco — Fundo piscoso mais elevado do que o solo que o contorna.

—— Tábua atravessada de borda a borda que serve para os pescadores se sentarem.

Bandalho — Nome que em Espozende dão á pescada que, depois de estar alguns dias enmalhada na rede, se torna molle e de menos apreço.

Bandas — Redes lateraes das artes de cerco e da chávega. — *Banda da panda* e *banda da barca*.

Bandeira — Barbatana dorsal de alguns peixes que nadam á superficie e que mostram fóra de agua a barbatana dorsal. (Veja-se *Galha.)*

Baracinha — Cabo delgado com que se fazem algumas das redes das armações de pesca do atum.

Barbal — Rede tresmalho, empregada no Douro para a pesca do barbo, mugem, savelha e enguia.

Barbatana — Membro ou appendice carnudo, osseo ou cartilaginoso, que está fixo ao corpo do peixe.

Barbelido — Nome que os poveiros dão á agitação que a sardinha produz á superficie da agua quando anda em cardume.

Barbo — Peixe de fórma alongada, com 1 a 2 palmos de comprimento, que tem por caracteristico uns *filetes* ou *barbilhões* dos lados da bôca. Ha o barbo do mar, de côr esverdeada, e o barbo muito vulgar nos nossos rios, de côr amarella dourada.

Barca — Embarcação que se usa nas armações de pesca de sardinha. Ha a *barca das portas*, a *barca das gachas*, e a *barca da testa*.

—— Nome que em Apulia dão á jangada de cortiça que se emprega na apanha do sargaço e marisco.

Barcaceira — Local da costa do Algarve onde antigamente lançava uma armação de atum.

Barcada — Termo que empregam os pescadores par designar a quantidade de peixe, ou marisco, que enche uma qualquer embarcação

Barca do Lago — Localidade do rio Cávado, acim de Fão, até onde sobem as embarcaçõe de pesca fluvial de Espozende e Fão.

Barca-volante — Apparelho de pesca, formado de redes de cerco, funccionando de maneira similhante ao galeão, inventado e construido por um portuguez, mas ainda não generalisado.

Barcellada — Fio muito fino com que se empatam os anzoes em alguns apparelhos de pesca.

Barco — Embarcação de pesca costeira. Em geral barco é o nome generico de uma embarcação pequena, assim como navio é o de uma embarcação grande.

—— **da rede** — A embarcação que conduz a rede nas artes de sacada de Peniche.

Barga — Rede de enmalhar de um unico panno, muito usada nos rios e rias do continente. Ha a *barga das solhas* e a *barga da tona;* a primeira assenta no fundo e a segunda anda á superficie.

Barqueira — Apparelho de pesca feito com uma ou duas varas atadas, tendo nos extremos linhas com muitos anzoes. Dão-lhe este nome para o sul do paiz.

Barqueta — Nome que em alguns pontos da costa, por exemplo, em Ancora, dão a uma bateira de fundo chato.

Barquinha — Boia de cortiça em fórma de barco que usam na rede majoeira.

—— Pequeno batel de fundo chato que usam os pescadores do rio Lima para a pesca fluvial.

—— Caixa de fórma triangular com buracos na tampa que usam os pescadores do Tejo para conservar vivo e fresco o camarão dentro de agua emquanto pescam.

Barra — Canal de accesso por onde as embarcações entram ou sáem do oceano para os portos ou d'estes para o mar.

—— **Nova** — Entrada de accesso da ria de Faro, praticada ao NE. do cabo de Santa Maria.

—— Entrada navegavel da ria de Aveiro, situada E-W. approximadamente com a cidade.

Barraca — Pequena casa de madeira que os pescadores costumam construir á borda do mar ou na margem dos rios e lagôas para habitarem, ou para abrigo das embarcações e utensilios de pesca.

Barragem — Paliçada feita com troncos e ramos entrelaçados, que se colloca dentro de agua nos rios, para impedir a passagem do peixe, obrigando-o a convergir em um ponto determinado.

Barranha — Nome que dão na costa, entre o rio Neiva e Cávado, a uma especie de barro que cobre os rochedos, que apanham para adubo das terras.

Barreiro — Porto da margem sul do Tejo, situado ao fundo da Cova da Piedade, onde apparelham embarcações para a pesca fluvial do Tejo.

Barreta — Pequena barra praticada na areia. (Veja-se *Gollada* e *Portas.)*

Barrete — A quantia de 300 réis que pertence ao tripulante que faz o facho, nas armações redondas de Peniche, quando a pescaria rende mais de 100$000 réis.

Barril — Nome de uma armação de pesca do atum de revez, que se lança em frente da ilha de Tavira.

—— Vasilha de madeira onde os pescadores costumam conservar a agua de beber quando vão para o mar.

Barrozo — Nome que dão em Setubal e no Algarve a um peixe grande de pelle, da fórma do peixe-cão, mas differente no rabo.

Bastardo — Grande véla latina triangular envergada.

Bastos — Rede de uma parte do sacco das artes de arrastar para a terra, denominadas: artes de sardinha.

Bateira — Pequena embarcação de fundo chato. Ha duas qualidades de bateiras: a *bateira caçadeira* muito pequena, empregada nos rios e lagôas e a *bateira propriamente dita,* pequeno batel de pesca, que algumas vezes sáe a barra.

Batel — Embarcação de pesca de fundo chato que se usa no rio Cávado e costa adjacente. Tambem dão este nome a outras embarcações de pesca do Barreiro, Seixal e Setubal.

—— **de mestre** — Pescaria que, em cinco ou mais bateis de peixe, se reparte pelo proprietario, mestre e parceiros das armações.

Batelinho — Pequena embarcação de pesca de Peniche.

Bebo ou **bebedo** — Peixe estimado das aguas costeiras, que apparece para fóra das 25 braças de profundidade.

Beira — O talude da margem ou banco de um rio.

—— **Nova** — Pesqueiro do alto no mar de Peniche.

Belantas — Dão este nome no Douro ás redes volantes da pescada, redes do fundo de um panno e de enmalhar.

Belem — Porto da margem direita do rio Tejo, para oeste de Lisboa, onde apparelham embarcações para a pesca do alto.

Belisco — Os pescadores dão este nome a uma tira de peixe que cortam para iscar o anzol. Dizem: um *belisco de choco.*

Benagil — Pequena praia situada a leste do Cabo Carvoeiro, na costa do Algarve, que serve de varadouro a algumas embarcações de pesca.

Berberixo — Mollusco bivalve de fórma triangular, a que dão este nome no norte do paiz.

Berbigão — Mollusco bivalve, com as conchas frizadas, que vive enterrado na areia.

Berlenga — Ilha ao NW. de Peniche, em volta da qual os pescadores largam os apparelhos de pesca.

Bêta — Nome que dão os pescadores de Vianna do Castello á rede tresmalho empregada na pesca do roballo, sargo e choupa.

Bica — Peixe das aguas maritimas.

Bicheiro — Gancho ou ganchos de ferro ou aço, que serve para fisgar o peixe. Ha quatro qualidades de *bicheiros:* o do polvo, o da lampreia, o da enguia e o do congro.

—— Uma parte da armação de pesca do atum.

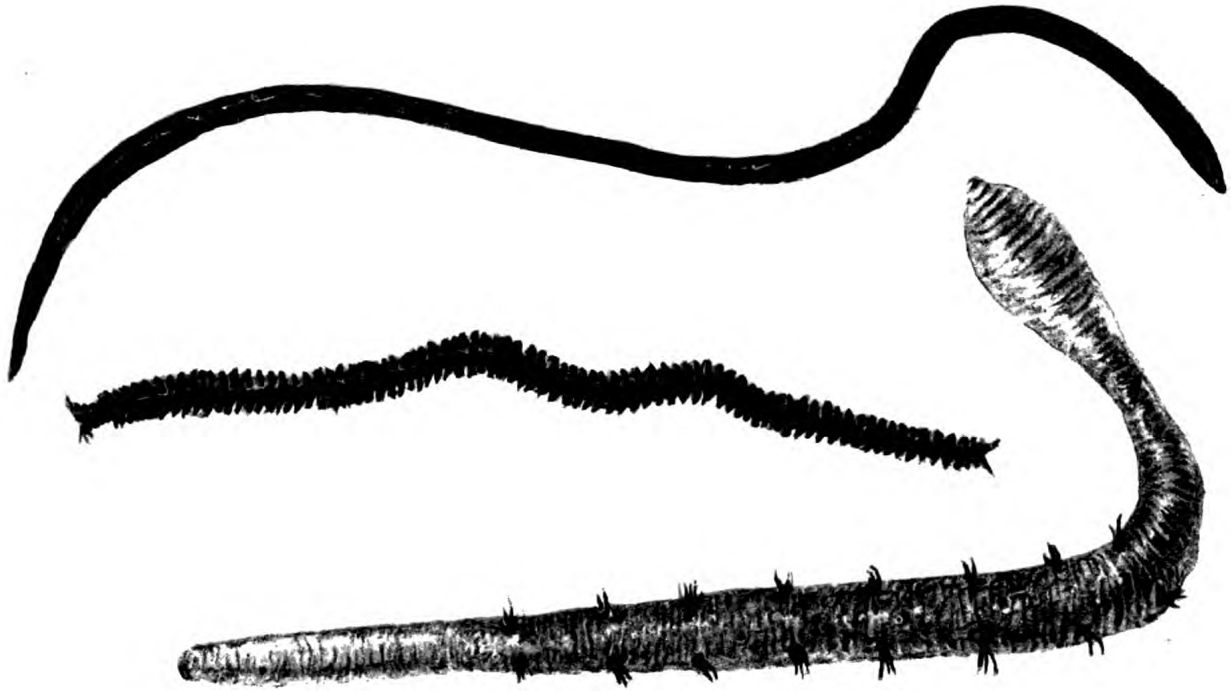
Bico — Extremo do focinho dos peixes.

—— Extremos da prôa e poupa de algumas embarcações de pesca.

Bicos — Espinhos ou pontas aguçadas que têem alguns peixes e crustaceos.

Biqueirão — Peixinho com a bôca em bico.

Biscalongo — Nome que dão na costa de Peniche ao *cazullo* ou *cagon.*



J. Almeida

VERME da terra

VERME do lodo

CAZUL ou CAGON

Bispo (barra do)—Antiga barra, proxima do Cabo de Santa Maria, por onde podiam entrar as embarcações de pesca.

—— Nome que dão no Algarve a um peixe de agua salgada.

Bispo (Moinho do)—Localidade da costa ao norte da foz do rio Neiva, onde ha embarcações de pesca e jangadas para a apanha do sargaço.

Bisugo—Peixe de pouco mais de 1 palmo de comprimento, de côr prateada, tendo por caracteristico uma pequena mancha ou pinta escura na articulação das barbatanas peitoraes.

Bôca—Abertura por onde os peixes comem ou sugam a alimentação.

—— Abertura que têem alguns apparelhos de pesca, por onde o peixe póde entrar, por exemplo: as armações de pesca de atum e de sardinha, os botirões, os covos, as nassas, etc.

Bocáda—Bôca do sacco das artes de arrastar para a terra. Cabo da *bocáda* é aquelle onde entralha a rede da bôca.

Bôca-doce—Nome que no Algarve dão a um peixe de agua salgada.

Bôcas—Uma variedade de caranguejo pequeno.

Boças—Mãos dadas nos chicotes das tralhas das redes, e que servem para se aboçarem as redes umas ás outras.

Bodelha—Alga maritima.

Bódinho—Nome que os pescadores da Povoa de Varzim dão ao *peixe-cão* pequeno. (Veja-se *Peixe-cão.)*

Boga—Pequeno peixe do tamanho da sardinha, que abunda nas aguas dos nossos mares, azulado no dorso e prateado nos lados e barriga.

—— Pequeno peixe muito abundante nas aguas doces dos rios e lagoas do nosso continente. Côr um pouco amarellada e com pintas.

Bogardo—Pequenino peixe de agua doce, que apparece nos nossos rios e lagoas, com as barbatanas um pouco vermelhas.

Boia—Fluctuador de metal, madeira ou cortiça, que empregam os pescadores para assignalar ou aguentar os apparelhos de pesca dentro de agua.

Boirel—Pequena boia de cortiça.

Bolço—Seio que fórma a rede de pesca ou o panno da véla.

Bolo—Pedaço de barro de fórma espherica, que serve de lastro na tralha inferior de algumas redes.

Bolsa—Sacco de rede, com tripas de peixe dentro, que usam na ria de Aveiro para a pesca dos caranguejos.

Bonito—Nome que tambem dão no Algarve ao sarrajão. (Veja-se *Sarrajão.)*

Boqueirão—Peixe da costa do Algarve. (Veja-se *Biqueirão.)*

Boquilha—Abertura em fórma de funil, que têem as *nassas* de arame usadas nos açudes dos rios do norte.

Borda—Orla da margem junto ás aguas do mar ou dos rios.

—— Parte superior da amurada ou costado das embarcações: *chegar á borda, pescar á borda.*

Bordalo—Nome que dão no Algarve a um peixe de agua salgada.

Borregata—Peixe assim denominado pelos pescadores do Algarve.

Bósca—Rede em fórma de cone, que se usa na costa de Espozende, da Nazareth e Peniche, para pescar as lagostas e lavagantes.

Bosquejar—Manobra de suspender as *bóscas.*

Botão—Systema seguro de amarrar parallelamente, ou em cruz, duas cordas ou linhas, com uma corda delgada ou fio, empregado pelos maritimos: Diz-se *tomar um botão, passar um botão, fazer um botão.*

Bote—Pequena embarcação de pesca.

—— Moderna embarcação do Barreiro e Seixal que substituiu a *muleta.*

Botelha—Uma variedade de alga marinha, que no norte do paiz apanham para alimento de alguns animaes.

Botirão—Armadilha feita de arcos e rede, com a fórma pyramidal, ou prismatica, tendo uma abertura afunilada por onde entra o peixe. Ha o *botirão de deitar*, o *botirão de mão* e o *botirão fixo.*

Boto—Veja-se *Golphinho.*

Braça—Medida de comprimento de que usam os pescadores, tendo de grandeza a distancia que vae de uma a outra mão, es-

tando os braços abertos em cruz. A braça ingleza tem 1m,83.

Braço — Ramo das aguas do oceano ou das rias, rios e lagoas que se encrava na terra, constituindo um prolongamento em fórma de golpho ou canal.

Braços — Mandibulas dos crustaceos.

—— Bandas ou pannos lateraes das redes de cercar.

—— Ramificações dos rios, esteiros, rias e canaes.

Branqueira — Rede de tres pannos de enmalhar, que usam na costa de mar proximo da terra.

Branqueta — Vestuario dos sargaceiros do norte do paiz entre o Lima e o Douro. É feito de uma fazenda branca a que dão o nome de *branqueta*.

Breamante — Nome que dão no Algarve a um peixe.

Breca-bica — Peixe similhante ao bisugo que frequenta as aguas maritimas do Algarve e que ali tambem denominam *dentão*.

Breta — Pequenino peixe de agua salgada, que anda entre as pedras muito proximo da terra. É de côr amarellada. Dão-lhe este nome no norte do paiz.

Broeiro — Rochedo ao SW. das Estellas.

Bruxa — Nome que dão os pescadores do Douro a um peixe do mar.

Buarcos — Porto de pesca do alto e costeira, pelo sul do Cabo Mondego.

Bucheira — Gancho de ferro com que fisgam os polvos no norte do paiz. Veja-se *Bicheiro*.

Bucho — Parte de uma armação de pesca de atum e de sardinha para onde entra o peixe depois de passar a bôca.

—— Nome que os pescadores dão ao estomago dos peixes.

Buço — Nome que dão no alto Minho ao laço ou rede da bôca da *cabaceira*.

Budião — Nome que dão em Lisboa, Setubal e Algarve a um pequeno peixe de agua salgada de côr esverdeada. (Veja-se *Tentelhão.)*

Bugiganga — Rede de cerco.

Bulideira — Pequenino peixe, quasi transparente, que se encontra nas poças de agua e por baixo das pedras quando a maré deixa a descoberto o fundo proximo das margens. Dão-lhe este nome no rio Minho.

Buques — Nome das embarcações que coadjuvam o galeão no lançamento da rede e copejadura do peixe.

Burgau — Varadouro de embarcações de pesca situado entre a ponta de Sagres e a ponta da Piedade.

—— Pedrinhas miudas que constituem o fundo em algumas regiões maritimas e fluviaes.

Burrié — Pequeno mollusco univalve, com a concha pyramidal, que é muito vulgar no mercado de Lisboa. (Veja-se *Caramujo.)*

Burro — Nome que dão em Gontinhães, Peniche e ainda em alguns outros pontos, a uma especie de crustaceo muito grande com a fórma de caranguejo. (Veja-se *Caranguejola* e *Sapateira.)*

Burruiço — Nome que dão no norte do paiz aos agglomerados de mariscos que povoam a linha da costa.

Busca-vidas — Pequena fateixa de pontas aguçadas que se emprega para tirar de dentro de agua ou do fundo qualquer objecto. Os pescadores empregam-o para suspender os *covos* e tirar os apparelhos de pesca que se afundam.

Buzio — Concha univalve de fórma conica e espiral, que serve de resguardo e que envolve o mollusco.

C

Cabaça — Fluctuador feito da casca de uma abobora especial, e que serve para suspender os apparelhos de pesca ao lume de agua.

Cabaceira — Rede que se deita nos rios com o auxilio das *pesqueiras*. É uma rede de sacco com armadilha na bôca.

Cabeça — Pyramide geodesica, proxima da foz do rio Guadiana, que serve de marca aos pescadores.

—— Parte anterior do corpo dos peixes, crustaceos e molluscos, que liga com o tronco.

—— *de agua* — Grande preamar, trinta e seis horas depois da lua nova e lua cheia.

LIBELINHAS *(demoiselles)*

Cabeceira — Topo ou testa das redes sardinheiras.

Cabeço — Grande cunho ou cepo, que tem o galeão a meio da borda de estibordo para n'elle dar volta o *retador*.

—— O vertice de um monte destacado.

—— Porção do fundo que é muito baixo ou que fica a descoberto em uma extensão não muito grande.

Cabedêlo — Ponta de areia que da margem esquerda da embocadura dos rios, que desaguam na costa occidental do continente, avança para o norte.

—— (Ponta do) — Porto de apanha de sargaço na foz do rio Minho.

Cabo — Nome generico que os maritimos dão a qualquer corda.

—— Ponta de terra, umas vezes alta e grossa, outras vezes raza, que avança para o mar. No continente de Portugal ha os cabos seguintes: Vianna, Mondego, Carvoeiro, da Roca, Razo, de Espichel, de Ares, de Sines, Sardão, de S. Vicente, Carvoeiro do Algarve, e de Santa Maria.

—— dos Curraes — Ponta de rocha alta que fica na parte occidental da enseada do Belixe, em frente da qual se lançava antigamente uma armação de pesca de atum.

Cabos a dentro — Termo maritimo que tem por fim classificar a navegação costeira.

—— **a fóra** — Termo maritimo que serve para classificar a navegação feita para fóra das aguas costeiras.

Cabra — Peixe pequeno parecido com o ruivo.

—— *franceza* — Nome que dão no Algarve a uma outra variedade de cabra.

Cabrão — Nome que no norte dão a um pequeno peixe esverdeado que vive entre os rochedos. Em Setubal chamam-lhe *Alcabroz*.

Caça — Rede da armação de pesca da sardinha que liga com o extremo de dentro da testinha, e que serve para amparar o peixe que segue pelo norte da rabeira, fazendo-o dirigir-se para a bôca.

Caçarete — Rede das artes de arrastar que liga com as *alcanellas* e os *regallos* e que faz parte das *mangas*.

Cação — Peixe de pelle aspera, côr acinzentada, de corpo alongado e bôca na face inferior da cabeça, muito vulgar na nossa costa. Tem dois espinhos nas barbatanas dorsaes. Em Setubal dão-lhe o nome de *galhudo*. (Veja-se *Cascarra, Melca, Caneja, Feiticeira, Peixe-gata, Lixa.)*

Caceia — Totalidade das redes amarradas entre si, que lançam os barcos de pesca maritima do alto.

Cacella — Forte situado proximo da barra de Tavira que fica em 37°.9'.21'',26 N. e 1°.35'.12'',07 E. de Lisbôa.

—— Forte e praia da costa meridional do reino adjacente á margem do norte da barra de Tavira.

Cachiço — Nome que dão, no portinho de Gontinhães, ao roballo pequeno.

Cacho — Pequeno golpe feito á faca no lado direito da cabeça da pescada, para servir de marca aos pescadores.

Cachoça — Nome que dão á *bósca* na Ericeira e Nazareth.

Cachoceira — Nome que dão á *bósca* em Peniche.

Cachorro — Pedra grande que serve para fundear os apparelhos de pesca.

Cachucho — Peixe de côr avermelhada que attinge uns 30 centimetros de comprimento e que é muito frequente na costa de Portugal.

Caco — Pedaço de barro com dois furos que se usa na costa do norte do reino para substituir os chumbos ou pedras na tralha inferior das redes de arrastar.

Caçonaes — Rede de enmalhar cações usada na costa do Algarve.

Cadeira — Compartimento dos barcos de pesca de sardinha que usam no norte, onde colhem as redes.

Cadellinha — Mollusco bivalve que apparece no mercado de Lisbôa.

Cadoura — Cabo de linho, com 0m,05 a 0m,07 de bitola, amarrado nos punhos das redes da pescada e preso a uma boia, que serve para alar acima estas redes.

Cadoz — Pequeno peixe, com uma ou duas barbatanas dorsaes espinhosas, que anda nas proximidades das barras e das embocaduras dos rios.

Cagaçal — Cerco que as toninhas fazem á sardinha quando a perseguem.

Cágado — Peça de madeira dos remos que tem o furo por onde passa o *escalamão.*

Cagon — Nome que dão no rio Minho a uma minhoca que vive enterrada na areia e que serve para isca. (Veja-se *Cazullo.)*

Cahide — Porto de apanha de sargaço situado entre Moledo e Gontinhães.

Cahique — Embarcação de pesca usada de Peniche para o sul, tendo dois mastros e duas vélas latinas ou *bastardos.*

Caixas — Rede que fica entre a *bóca* e as *mãos* da arte de *chavega.*

Cala — Cordas de esparto de alar ou arrastar a arte de *chavega. Cala dos traçanos. Cala do arribadeiro.*

Calão — Embarcação de pesca usada na costa do Algarve para as armações. Diz-se: o *calão da testa de uma armação,* á embarcação que está amarrada na testa da armação.

—— Pau do extremo das bandas onde amarram as *calas.*

Calabrete — Nome que dão no Minho ao cabo que puxa a rede de arrastar denominada Algerife.

Calador — O tripulante que deita a rede ao mar. Tambem se denomina *safador.*

Calamar — Peixe da costa do Algarve.

Calamento — Cordas de esparto de alar ou puxar para a terra em alguns apparelhos de rede de arrastar, como por exemplo: a *lavada.*

Calar — Denomina-se assim o lançamento á agua da rede de galeão.

Caldeiro — Vasilha de cobre onde vae ao lume a infusão de casca para preparo das redes.

Calimba — Primeira rede do sacco da arte de *chavega.*

Calimeira — Pequena lancha que acompanha o copo da *chavega.*

Camara — O espaço para onde entra o peixe depois de passar o vão da bôca das armações de pesca.

Camarão — O mais pequeno dos crustaceos que se aproveita para consumo e que é muito abundante nas aguas do nosso mar, rias e rios do continente. Na costa de Buarcos dão o nome de *pichas* aos camarões pequenos.

Camaroeiro — Apparelho de rede, em fórma de sacco, tendo na bôca um arco de ferro ou madeira, que serve para a pesca do camarão.

Cambadas — Enfiadas de peixes que fazem os pescadores de Peniche.

Cambôa — Dão este nome no norte a um muro de pedras soltas, fechando um determinado espaço para onde póde entrar o peixe quando as aguas alteiam, mas que lhe impede a passagem na baixamar, facilitando a sua captura.

Cambos — Nome que no Minho dão ás enfiadas de quatro a seis peixes pequenos que apparecem nos mercados.

Caminha — Villa situada na margem esquerda do rio Minho e do rio Coura, junto á confluencia d'estes dois rios. É porto de pesca do alto, costeira e fluvial.

Canastra — Cesta de transporte de peixe.

Canastras — Quantia que cabe á companha das armações redondas de Peniche por cada canastra de peixe que se vende.

Canastreiro — Nome que os pescadores da costa de Buarcos dão a um *cesto* ou *canastra* que empregam na conducção do peixe.

Candeio — Luz de archote ou lanterna que serve para chamar o peixe durante a noite a fim de facilitar o emprego da fisga. Diz-se *pesca ao candeio.*

Candil — Nome que os pescadores dão á phosphorescencia das aguas. Para a pesca da pescada do alto, usam os pescadores de Setubal collocar proximo do anzol um pedaço de peixe esfregado com figado do peixe-rato a que chamam candil, e que tem a propriedade de produzir phosphorescencia, attrahindo o peixe para a isca.

Caneiro — Varadouro e porto de sargaço junto ao Forte do Cão, pelo sul, no extremo meridional da enseada de Ancora.

Caneja — Peixe parecido com o cação, mas que não tem espinhas nas barbatanas dorsaes.

Canellas — Torre que fica na margem esquerda do rio Guadiana, proximo da embocadura, e que serve de marca para

LIBELINHAS *(demoiselles)*

a entrada da barra e da gollada. Fica em 37°.11'.39",25 N. e 1°.45'.9",68 E. de Lisbôa.

Cangalha—Peça de madeira que abraça a pedra da *poita* de encontro ao *sacho*.

Canhamo—Materia vegetal fibrosa com que se fazem cabos para os apparelhos de pesca que têem de fluctuar sobre as aguas.

Canna de pesca—Apparelho de pesca vulgar, que consta de uma canna tendo no extremo uma linha ou arame, com anzol no chicote. Ha a *canna da cavalla* e a *canna do peixe branco*.

Canôa—Embarcação de pesca, usada de Lisboa para o sul, a que dão o nome de *canôa da picada*. Emprega-se mais vulgarmente na conducção do pescado, ainda que tambem sirva para a pesca do alto e da *tarrafa*.

Cantarilho—Nome que dão os pescadores de Setubal a um peixe pequeno, vermelho, com espinhos nas barbatanas e com uma cabeça ossea parecida com a do ruivo.

Canto—O angulo que formam as redes do corpo de uma armação fixa de pesca.

Caparica—A costa de Caparica é um porto de pesca maritima costeira, situado pelo sul da foz do Tejo.

Capatão—Grande *pargo* com uma bossa bastante saliente na fronte. (Veja-se *Pargo-mouro, Pargo de catula, Corcunda* e *Sâmo.)*

Caramujo—Pequeno mollusco univalve, com a concha em fórma de espiral ao qual em Lisboa dão o nome de *burrié*.

Caranguejo—Pequeno crustaceo de couraça quasi circular, com cinco pares de pernas, muito abundante nas nossas aguas. (Veja-se *Pilado, Patelo, Navalheira, Seixa, Gáfa, Mexoalho* e *Escasso.)*

Caranguejola—Grande caranguejo de fórma elliptica com quatro pares de pernas e dois pares de antenas muito fortes com torquezes nos extremos, muito vulgar nas nossas aguas. (Veja-se *Burro* e *Sapateira.)*

Carapau—Pequeno peixe muito vulgar na nossa costa, tendo por caracteristico uma serrilha de um e outro lado do rabo.

Caravelha—Pequena peça de madeira que se emprega para ligar uma á outra as redes denominadas *barga da tona*. O systema de ligação consta de *alça* e *caravelha*.

Cardume—Reunião de muitos peixes pairando ou navegando conjunctamente. Aos grandes cardumes dá-se o nome de *bancos*; diz-se *bancos de sardinha*. Á linha de peixes que seguem em uma determinada direcção, como acontece com os emigrantes, chama-se *fio*, assim, *fios de atum* na costa do Algarve. (Veja-se *Banco* e *Fio.)*

Carnada—Isca de cabeças e tripas de sardinha que se emprega em alguns apparelhos de pesca.

Carocho—Nome que dão na costa do Algarve a um peixe da agua salgada.

Carochos—Barcos da Nazareth, como as bateiras.

Carrão—Nome que dão na costa de Fão a uma especie de berço feito de madeira, que collocam por baixo dos barcos para mais facilmente os deitarem á agua ou varar na praia.

Carreço—Pequeno porto de pesca maritima e apanha de sargaço, que fica pelo norte da Ponta de Montedor, entre o Minho e o Lima.

Carreira—Linha de malhas do panno de uma rede qualquer. (Veja-se *Murada* e *Fiada.)*

Carreiro—Passagem ou varadouro estreito frequentado pelas embarcações de pesca.

—— **do mosteiro**—Varadouro da costa E. da Berlenga que serve de salva-vidas ás pequenas embarcações de pesca.

Carro—Rolo ou cylindro com movimento de rotação, que se emprega para suspender as redes da pescada, rasca e sardinheira. (Veja-se *Polé.)*

Carvalha—Porto de pesca do rio Minho, situado entre Villa Nova de Cerveira e S. Pedro da Torre.

Carvoeiro—Cabo da costa occidental do reino, fronteiro á Berlenga.

—— Cabo da costa meridional do reino entre Portimão e Pera. O marco que assignala a posição para onde está projectado um pharol de costa, fica em 37°.5'.6",31 N. e 0°.41'.24",99 E. de Lisboa.

Carvoeiro — Praia a oeste do cabo do mesmo nome.

—— Nome da armação de pesca que lança proximo do cabo do mesmo nome.

Casca — Os pescadores empregam a casca do salgueiro para com ella fazerem uma infusão em agua quente, e depois mergulhar as redes, operação que denominam *encascar as redes.*

Cascarra — Variedade de cação com pintas acastanhadas e amarelladas no corpo. Tambem lhe chamam *feiticeira* na costa occidental e *peixe-gata* no Algarve.

Casco — A parte da embarcação que constitue propriamente o systema fluctuante, sem mastros, vergas, apparelho, etc., etc.

—— Nome que dão os pescadores ao revestimento duro do corpo de alguns crustaceos e molluscos.

Castro-Marim — Povoação situada na margem de um dos braços do rio Guadiana que inflecte para W. ao norte e proximo de Villa Real de Santo Antonio.

Catraia — Embarcação de pesca da Nazareth.

—— Sardinha entorpecida que fica dentro de agua junto á praia quando rebenta o sacco de uma rede de arrastar muito cheia. Apanha-se com cestos, baldes, á mão, de qualquer maneira. Em Buarcos uma catraia produziu uma vez mais de 1:000$000 réis.

Catula (Pargo de) — Nome que dão em Buarcos ao *capatão.*

Cava — Depressão entre duas vagas, a que os maritimos dão o nome *cava da vaga.*

Cavadeira — Pequena enxada de cabo curto que se emprega para apanhar os vermes que servem de isca em alguns apparelhos de pesca.

Cavádo — Diz-se do mar quando se apresenta em vagas alterosas e curtas, que apresentam uma grande cava de vaga. *Mar cavádo.*

Cávado — Rio que nasce em Portugal e que desagua no oceano, depois de ter banhado Barcellos, Fão e Espozende proximo da embocadura.

Cavalete — Local da costa E. da Berlenga onde deita uma armação redonda.

Cavalla — Peixe de 20 a 30 centimetros de comprimento com o corpo de côr azul esverdeado em listas transversaes.

Cavar — Cortar e revolver a terra, o lodo, ou a areia, com uma pequena *enchada* ou *cavadeira,* para apanhar os vermes que servem de isca em alguns apparelhos de pesca.

Cebeiro — Pedra untada de cebo e amarrada a uma linha com que os pescadores sondam o fundo, a fim de conhecer se é de pedra, areia ou lodo, antes de largarem os apparelhos de pesca.

Cega — Nome que tambem dão no Algarve á rede miuda situada entre as alvitanas dos tresmalhos. (Veja-se *Miuda.)*

Cenhir — Systema especial de deitar muitas artes de *chavega* umas por fóra das outras, fazendo todas lanço no mesmo local, sem se prejudicarem.

Cercar — Circumdar o peixe com as redes denominadas de *cerco.*

Cerco — Rede que se emprega nas armações de atum.

—— Nome generico de todas as redes que circumdam ou cercam um determinado espaço das aguas, não permittindo a fuga do peixe. Antigamente para encaminhar os peixes para as armações de pesca usavam-se os *cercos de correr.*

—— **americano** — Moderna rede de cerco para a pesca da sardinha, que se emprega na costa do Algarve.

Cerra cabos — Systema especial de deitar duas artes de *chavega* a par uma da outra, lançando uma terceira arte no meio das duas, ficando com as suas calas mais unidas.

Cerveira (Villa Nova da) — Porto de pesca do rio Minho acima da Insua da Boéga.

Cesto ou **Cesta** — Utensilio feito de verga que serve para o transporte do peixe e do sargaço. Em algumas localidades serve o cesto de medida, dizem: *tantos cestos de carangueios.*

Cezimbra — Porto de pesca maritima situado a leste do cabo de Espichel.

Chaliço — Nome que em Espozende dão ao robalo pequeno.

Chão — Rede do fundo do copo das armações de atum e sardinha á valenciana, denominada *chão do copo.*

Chaputa — Peixe vulgar na nossa costa tendo por caracteristico a fórma do rabo da andorinha e o corpo azulado escuro com reflexos metallicos. (Veja-se *Freira.)*

Chapuz — Peça de madeira que assenta sobre a borda para o remo trabalhar em cima.

Charneira — Pesqueiro das aguas de Peniche.

Chata — Pequena embarcação de fundo chato.

Chavega — Rede de arrastar para a terra muito usada na costa meridional do Algarve. Compõe-se de duas bandas lateraes ligadas á bôca de um sacco, denominado *copo da rede.* (Veja-se *Xávega.)*

Cherne — Grande peixe, muito vulgar na nossa costa, que tem por caracteristicos a côr escura do corpo, a fórma em leque das barbatanas, dois espinhos dos lados da cabeça rematando os operculos, e muitos espinhos miudos orlando as guelras.

Chicharro — Nome que os pescadores da costa occidental dão ao carapau grande. No Algarve *chicharro* é o carapau pequeno.

Chicote — Extremo de um cabo, linha ou rede.

—— Nome de uma armação de pesca de sardinha da costa da Galé.

Chincha — Rede de arrastar de pequenas dimensões muito empregada nas rias e rios do continente do reino.

Chinchorro — Rede varredoura de 40 a 45 metros de comprimento, que usam os pescadores de Aveiro e Murtoza.

Choco — Mollusco de corpo oval e oito pernas implantadas na cabeça, que é muito frequente nas nossas aguas.

Choupa — Peixe da costa, de fórma oval, rabo delgado, com 25 a 30 centimetros de comprimento.

Chuço — Peixe da costa do Algarve.

Chumbada — Pedaço ou pedaços de chumbo que guarnecem os apparelhos de pesca, para os fazer mergulhar.

Chumbeira — Rede circular que se arremessa da margem ou de bordo, em sitios onde a agua tem muito pequena profundidade. No Guadiana dão-lhe o nome de *tarrafa de mão.*

Chumbeiro — Chumbo ou fiada de chumbos que fazem mergulhar os apparelhos de pesca.

Chumbo — Pedaço de metal que serve para afundar os apparelhos de pesca.

Chuxo — Nome que dão os pescadores do Algarve a uma variedade de raias.

Cinto — Tira de lona ou corda que os pescadores passam a tiracollo e que prende no extremo do cabo de alar as redes de arrastar.

Cirrar — Systema de pesca com *amostra* indo a embarcação seguida e o *pesqueiro* deslisando sobre as aguas. (Veja-se *Corripo.)*

Claros — Rede das mangas das artes de arrastar onde prende no chicote a corda de alar.

—— Fundos limpos de espaço a espaço em paragens pedregosas.

Cóa — Pequena rede envolvente, de um panno, que se usa nos rios para a pesca junto ás margens. Ha a *cóa de um,* manejada por um unico homem, e a *cóa de dois,* um pouco maior, para dois homens.

Coador — Rede que se emprega nas armações de pesca para cercar e conduzir o peixe da camara e bucho para o copo. Antigamente empregava-se sempre esta rede antes de copejar, mas actualmente, com o emprego das armações á valenciana, é ella dispensada.

Coada — Lado da rede denominada *coador* opposto á testa das armações de pesca, quando se lança esta rede para conduzir o peixe para o *copo.*

Cobrada — Nome que dão no rio Minho a um grupo de pescadores munidos de uma unica rede, que alternam os lances com outros grupos de pescadores nacionaes ou estrangeiros, chamados *cobradas,* segundo as disposições do regulamento de pesca.

Cobro — Peixe da costa do Algarve.

Colher — Enrolar ou dispôr em aduxas a linha dos apparelhos de pesca quando estes se suspendem. Levantar a rede puxando por ella, arrumando-a, acondicio-

nando-a ao mesmo tempo dentro do barco. Em geral colher um cabo é enrolal-o de maneira que fique claro e que occupe pouco espaço.

Colhér — Pá do remo recurvada que se usa em alguns remos das embarcações de pesca, que por isso se chamam *remos de colhér*. (Veja-se *Pajões.)*

—— Apparelho de rede usado na pesca fluvial do rio Guadiana.

Colinas — Cordas de esparto que prendem na rede *sacada* das armações de pesca de atum, e que servem para a suspender á altura conveniente para a *copejação.*

Collector — Nome da *copejada* no apparelho da *barca volante.*

Comedorias — Generos destinados para a alimentação dos tripulantes de qualquer embarcação de pesca.

Comedouro ou **Comedoiro** — Local onde o peixe afflue por ahi encontrar alimento mais abundante, ou mais apropriado á sua voracidade. Os pescadores procuram os *comedouros* para tirar maior proveito da sua industria.

Companha — Tripulação ou guarnição de uma armação de pesca ou arte de arrastar.

Companheiro — Homem pertencente á companha de uma armação de pesca.

Compromisso — Termo usado no Algarve para designar as associações de soccorros mutuos formadas pelos maritimos e pescadores.

Conducto — Sardinha ou qualquer outro peixe cozinhado, com que os pescadores acompanham o pão ou brôa. Dizem geralmente *conduito.*

Congro — Peixe de fórma cylindrica, muito comprido, similhante á serpente, e que é muito frequente nas aguas da nossa costa. (Veja-se *Safio.)*

Contas — Calculo e registo da distribuição do producto da pesca em *partes, quinhões, percentagem* ou *salario.*

Conto — Apparelho de rede usado na pesca fluvial do rio Guadiana.

Contra-Calimba — Segunda rede do sacco da arte de *chavega.*

Contratador — O que ajusta pescaria para revender.

Copejada — Parte da rede de galeão onde se reune o peixe para ser *copejado.*

Copejadura — Faina ou manobra de *copejar.*

Copejar — Tirar ou fisgar o peixe que cáe nas armações de pesca ou na rede de galeão.

Copo — Parte da armação de pesca de atum e sardinha onde se apanha o peixe.

—— Pequena rede usada em Buarcos para apanhar camarão.

Côrcho — Nome que dão em algumas localidades á *cortiçada* que faz fluctuar os apparelhos de pesca.

Corcunda — Nome que no mercado de Lisboa dão ao *pargo-mouro* ou *capatão.*

Corda — Cabo grosso que se emprega em alguns apparelhos de pesca.

—— *da mão* — Cabo que parte da sardinheira e dá volta no barco.

—— *da arte de sardinha* — Cabo com **24** braças de comprimento.

—— *de anzoes* — Apparelho de anzoes que se usa no rio Minho e que se lança da margem.

—— Medida de **21** e **22** braças de comprimento empregada nas armações de pesca de atum. Assim: o *rabo* tem onze cordas; o *bucho*, oito e nove cordas; *guia de revez*, nove cordas, etc.

Cordão — Chama-se assim a cada comprimento de **35** braças da entralhação do rabo de uma armação de pesca de sardinha. Cada cordão leva dois ferros.

Cordel — Nome que os pescadores dão ao cordão de linho.

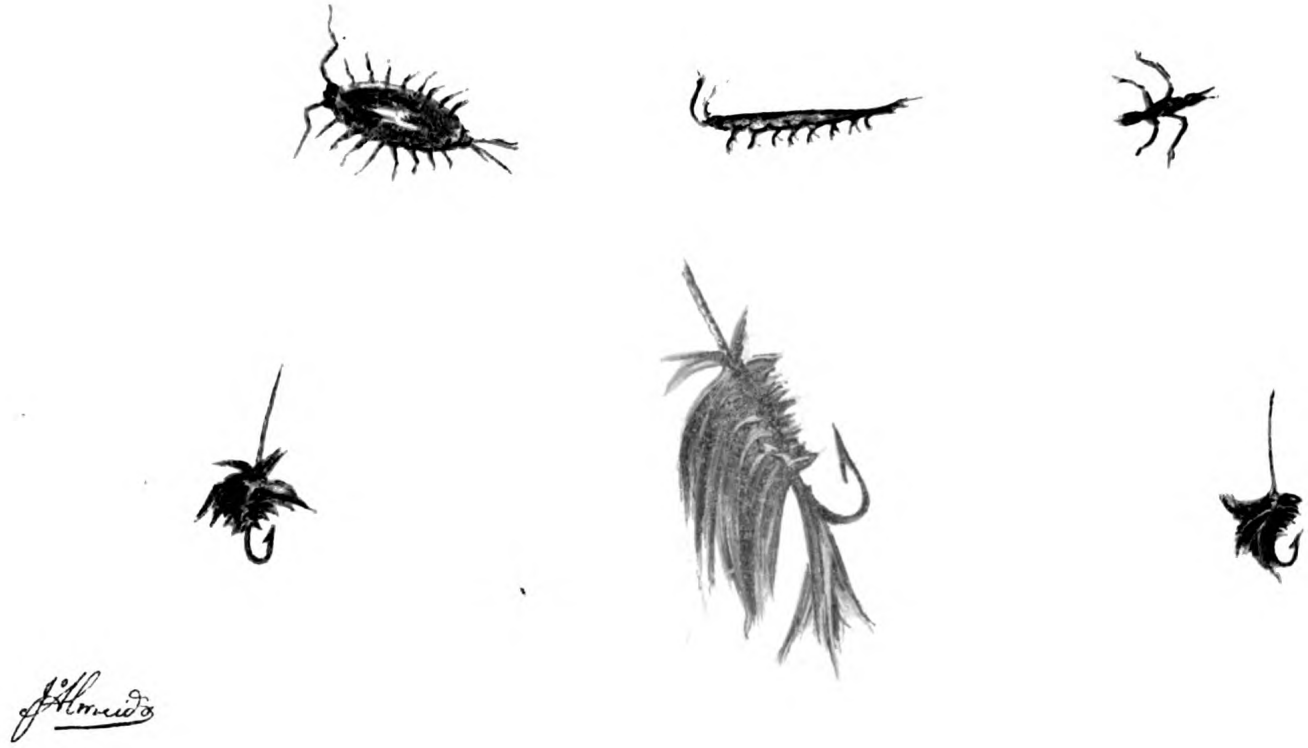
Cordoeiro — Nome do cabo que serve para alar as redes de arrastar.

Corneta — Nome que dão no norte a um pequeno mollusco univalve, com a concha pyramidal.

Cornuda — Peixe da costa do Algarve.

Corôa — Marca que os pescadores fazem na cabeça da pescada, levantando com a ponta da faca um bocado da pelle, para a conhecerem quando procedem á divisão da pescaria.

—— Nome que tambem dão ao copo da arte de chavega.



MOSCA DE AGUA

CABRA-CEGA

Anzoes para a pesca do salmão e trutas

Corôa (Entre) — Rede da arte de chavega que liga com a contra-calimba e a segunda dezena.

—— **de areia** — Porção de areia circumdada de agua, ou que cobre e descobre com as marés. Nos rios costumam os pescadores armar a rede de estacada contornando as corôas de areia que cobrem e descobrem.

Corpo de uma armação — O systema de cabos e redes que compõem o copo, bucho, camara e bôca de uma armação.

Corredoura — Canal situado entre a Berlenga e O da Velha.

Correr — Encaminhar o peixe por meio de redes, forçando-o a seguir uma determinada direcção vantajosa para entrar nos apparelhos de pesca.

—— Dar a poupa ao vento e á vaga, quando a tempestade torna impossivel executar qualquer outra manobra.

—— **na vaga** — Seguir sobre a crista da vaga, acompanhando-a no seu movimento.

Corrente — Amarra delgada de ferro, feita em cadeia de anneis ou fuzis.

—— Movimento das aguas do mar e dos rios em uma direcção determinada, com uma velocidade apreciavel pela força que exerce sobre as embarcações e apparelhos de pesca.

Correnteza — O alinhamento de armações redondas que amarra na Pedra dos Córvos em Peniche.

Corrião — Nome que dão no norte a uma alga marinha em fórma de fita ou correia, que vem dar á costa em grande quantidade e que é apanhada pelos lavradores para adubo das terras.

Corripo — Termo que exprime o systema de pesca com *amostra*, indo a embarcação seguida e o *pesqueiro* saltando á flor da agua. Diz-se *pesca ao corripo*. (Veja-se *Cirrar* e *Variar.)*

Corso — Pequena vaga de maré que bate junto á costa ou que entra pela embocadura dos rios.

—— Cardume de sardinha que passa ao largo.

Côrte dos Farrilhões — O espaço contornado pelos rochedos dos Farilhões e que serve de ancoradouro e abrigo ás embarcações de pesca de Peniche.

Cortegaça — Porto de pesca maritima da costa de Esmoriz.

Cortiça — Casca de sobreiro preparada que serve de fluctuador nos apparelhos de pesca.

Cortiçada — Linha de cortiças dos apparelhos de pesca.

Cortiçaes — Barranco a W. da cidadella de Peniche, onde foi permittida a construcção de um viveiro permanente para lagostas.

Córva — Peixe que vive nas regiões pedregosas e que na costa do Algarve pescam com anzol.

Corvina — Peixe de grandes dimensões, maior do que a *pescada*, muito vulgar na nossa costa.

Corvineiro — Denominação que os pescadores do Algarve dão ao *roaz* mais pequeno que persegue as corvinas. *Roaz corvineiro.*

Costa de Fão — Primeiro varadouro de embarcações de pesca situado pelo sul da foz do rio Cávado.

—— **Nova do Prado** — Porto de pesca maritima situado na costa do sul da barra de Aveiro.

Costaneiros — Redes lateraes da copejada do cerco americano.

Costinha — Porto de pesca maritima situado pelo norte do Cabo Mondego, passado o porto de Quiaios.

Conquilha — Marisco muito agradavel ao paladar, que se encontra nas proximidades de Cacella na costa do Algarve.

Coura — Rio affluente do rio Minho que desagua junto a Caminha. É navegavel para bateiras e pequenos barcos de fundo chato até um pouco acima da ponte de Villar de Mouros. É muito abundante de trutas, bogas, bogardos, escalos e enguias.

Cova — Porto de pesca maritima situado pelo sul da foz do Mondego.

—— **da Rapoza** — Posto de sacada dos Farilhões.

Covão — Nome que dão na costa do Algarve ás armadilhas de verga empregadas na pesca. (Veja-se *Covo, Muregona* e *Nassa.)*

Covo — Armadilha de fórma conica, que se usa de Lisboa para o sul e em toda a costa do Algarve, para apanhar o peixe que entra por uma abertura afunilada que está disposta na parte superior. (Veja-se *Muregona.)*

Cravar — Enterrar as varas ou estacas das embarcações, ou apparelhos de pesca, de maneira que fiquem seguras no fundo ou na margem.

Creação — Os cardumes de peixes, crustaceos e molluscos, nas primeiras idades, antes de attingirem as dimensões proprias para o consumo. (A *creação* deve-se poupar tanto quanto possivel, pela escolha e aperfeiçoamento dos apparelhos e pela defeza das temporadas de pesca, sem comtudo trazer embaraço ao livre exercicio da pesca).

Croque — Gancho de ferro no extremo de uma vara, que serve para atracar as embarcações.

Cruz — Golpe em *fórma de cruz*. Pequenos golpes prependiculares entre si que os pescadores fazem nas pescadas para as conhecerem. Ha *cruz no peito; cruz na faceira; cruz no lombo;* e *cruz de rabo á banda.*

Cutellos — Redes lateraes da bôca do sacco das artes de arrastar.

D

Dala — O cabo da caça das armações redondas de Peniche.

Darque — Povoação marginal do Lima, situada na margem esquerda, um pouco acima da ponte do caminho de ferro, onde habitam quasi todos os pescadores do rio.

Dar volta — Amarrar de uma maneira especial uma linha ou cabo. Em geral os maritimos usam d'este termo para significar a conclusão de qualquer faina ou trabalho.

Degolar — Faina de alliviar ainda dentro de agua as redes de arrastar para a terra, do peixe que excede ao peso que ellas pódem supportar sendo arrastadas. Quando o peixe é muito, os pescadores «degolam fóra» e só depois arrastam.

Dentão — Nome que dão no Algarve a um peixe que tem os dentes muito salientes.

Dente — Cada uma das hastes do garfo que fórma as fisgas de pesca.

Dentelha — Nome que dão a um peixe da costa do Algarve.

Dentes — As peças osseas mais ou menos fortes e ponteagudas, que guarnecem a bôca dos peixes.

Dentoneira — Typo de embarcações de pesca do alto, usadas antigamente na costa do Algarve, geralmente tripuladas por dez homens, e que pescavam com os *palangres.*

Dentro — Lado da terra das armações ou apparelhos de pesca.

Dentudo — Pargo de dentes salientes.

Deposito — Grande armazem para pescaria salgada.

Desafogada — Diz-se tambem da primeira terra que se avista do largo, quando ainda as baixas estão *alagadas* ou *afogadas.*

Desafogado — Amplo, vasto. Diz-se de um local de pesca desobstruido de rochedos e baixos.

Desenmalhar — Tirar o peixe que ficou enmalhado na rede.

Desenrascar — Pôr claro um cabo, uma linha de pesca ou uma rede que tem voltas e está enmaranhada ou que se prendeu a qualquer objecto que embaraça o seu levantamento ou modo de funccionar. Em geral os maritimos empregam este termo quando se trata de resolver qualquer difficuldade.

Desova — Postura ou lançamento dos ovos ou da materia fecundante dos peixes, crustaceos e molluscos.

Direito — Denomina-se *de direito* o atum que marcha ao longo da costa do Algarve do poente para o nascente, na epocha em que este peixe procura o Mediterraneo. Por este facto tambem se chamam *de direito* as armações de pesca que estão dispostas de modo que possam embaraçar esta marcha do atum, dirigindo-o para local conveniente para a sua pesca.

Dois rabos — Marca que usam os pescadores para distinguir os peixes colhidos

pelas redes de um determinado companheiro e que consiste em partir as pontas, superior e inferior, da barbatana da cauda.

Dorna — Tina grande para a salga do peixe.

Dourada — Peixe da costa de Portugal assim chamado pelos reflexos dourados das escamas.

Douradinha — Dourada pequena.

Douro — Rio que atravessa o paiz e que desagua no oceano perto da cidade do Porto, no qual a pesca é muito importante em determinadas epochas.

Draga — Apparelho de pesca de arrastar pelo fundo, usado pelos pescadores da ria de Aveiro e do Algarve.

Duas aguas — A posição comprehendida entre a superficie e o fundo. « Arriar um apparelho de pesca de modo que fique entre duas aguas ».

E

Eiroz — Nome que em algumas localidades dão á *enguia*.

Emballos — Rede de um só panno de arrastar com sacco a reboque de duas embarcações, usadas no norte para a apanha do mexoalho e todas as especies de peixes.

Embarcação — Nome generico de qualquer typo de navio ou barco.

Embolçar — Formar *seio* ou *bolço* onde o peixe possa ficar envolvido.

Emendar — Acrescentar umas ás outras as linhas ou redes dos apparelhos de pesca.

É meu — Signal dado na lota em Peniche para arrematar o peixe.

Empatar — Atar a linha de pesca á pata do anzol.

Emprenhador — Nome que na Povoa de Varzim dão a um peixe de fórma oval e achatada.

Encalas — Nome que em algumas localidades dão á cosedura das redes da pescada nas tralhas.

Encapellar — Enfiar a encapelladura no mastro ou na verga. Em geral, empregam os maritimos este termo para exprimir a acção de enfiar qualquer objecto em um outro. Diz-se do mar quando a vaga levanta para quebrar.

Encascar — Metter as redes na infusão da casca de salgueiro ou pinheiro manso, para as conservar e dar-lhes uma côr acastanhada escura.

Encerado — Resguardo de panno convenientemente preparado para não deixar passar a agua aos objectos que com elle se cobrem.

Enchelevar — Pequena rede de fórma cylindrica ou de sacco, que serve para transportar o peixe ou para o expor na praia para a *lota*.

Enchente — Phase da maré durante o fluxo.

Encher — Movimento successivo das aguas durante o fluxo da maré.

—— Dizem os maritimos *encher a marca*, quando attingem a posição conveniente para essa *marca* lhes servir de orientação.

Enchova — Peixe de passagem que durante o verão cáe algumas vezes nas armações fixas da costa e nas redes de arrastar.

Encinho — Utensilio de madeira com que se apanha sargaço na costa do norte.

Encoadura — Deposito provisorio de pescaria ainda viva dentro de agua.

Encontro — O systema de amarra e ferro que nos extremos do *travessão da testa* de uma armação de pesca aguentam este retesado. Ha o *encontro do mar* e o *encontro de terra*.

Encorpado — Termo que designa o fio mais grosso que se emprega nos apparelhos de pesca.

Encosto — Systema de pescar com os botirões e nassas.

Endiches — Redes verticaes que guarnecem a *bóca* de uma armação de pesca, dirigindo a entrada do peixe e difficultando a sua saída.

Enferrolhar — Deitar a sardinheira junto á terra com as cortiças ao lume de agua.

Engaço — Nome que em algumas localidades dão ao *encinho* de apanhar sargaço.

Engalar — Forrar com fio mais ou menos grosso.

Engenho — Apparelho automatico de pesca, que se usa nas levadas das azenhas dos rios do norte.

Engodado — Diz-se do peixe que engole o engodo e que fica pendurado na linha, ou que paira no local onde se deita o engodo, quando este é solto.

Engodar — Enganar o peixe attrahindo-o por meio do *engodo*. Systema de pescar enguias com alguns vermes da terra atados no extremo de uma linha.

Engodo — Mistura de substancias diversas, ou apenas uma substancia apropriada, que os pescadores arremessam á agua para chamar o peixe áquelle ponto.

Enguia — Peixe esguio e comprido, de corpo cylindrico, muito vulgar nas nossas aguas.

Enmalhar — Prender o peixe na malha da rede. Ha um grande numero de redes que pescam por esta maneira.

Ensacar — Navegar para dentro da linha das pontas de uma enseada, bahia ou em geral de qualquer concavidade da costa.

Ensejo — Momento azado para a pesca. Ha o *ensejo da noite* e o *ensejo do alvor*.

Entralhação — O conjuncto de cabos de superficie, onde amarram as redes que constituem uma armação, ou apparelho, de pesca.

Entralhar — Rematar a rede, cosendo-a a um cabo ou fio grosso, denominado *tralha*, onde se amarra a *cortiçada* sendo a tralha superior, ou os *prumos* sendo a tralha inferior.

Entralho — Fio ou cabo delgado que faz a cosedura da rede á tralha.

Entre-corôa — Panno de rede da arte de chavega, que fica comprehendido entre a *contra-calimba* e a *amalhadeira*.

Envernizar — Cobrir de verniz os cabos e linhas de um apparelho de pesca, que tem de permanecer dentro de agua, para que se não deteriore tão facilmente.

Enviadeira — Uma das embarcações que acompanham a *chavega*.

Envolvente — Systema de rede que envolve o peixe.

Envolver — Limitar o peixe em um espaço fechado por meio de rede.

Enxada — Utensilio de ferro com cabo curto de pau, de que se servem os pescadores para cavar a areia, lodo ou terra onde estão enterrados os vermes que servem de isca.

Enxarroco — Nome que mais geralmente os pescadores dão ao *xarroco*.

Enxova — Peixe muito pouco vulgar na nossa costa.

Ericeira — Porto de pesca maritima, situado na costa entre o cabo da Roca e Peniche.

Escassez — Falta de pescado.

Escalado — Maneira de preparar e conservar o peixe, dando-lhe a fórma achatada.

Escalamão — Nome que tem o *toléte* dos barcos saveiros.

Escalar — Abrir o peixe pela barriga e dar-lhe a fórma achatada, seccando-o ou salgando-o assim.

Escalo — Pequeno peixe de agua doce muito vulgar nos nossos rios.

Escasso — Nome que de Aveiro, para o sul, até á Figueira da Foz, dão ao caranguejo que serve para adubo das terras. (Veja-se *Pilado, Patelo, Mexoalho.)*

Escolar — Nome que os pescadores da costa do Algarve dão a um peixe da fórma do *anequim*.

Escorpião — Pequenino peixe com a primeira barbatana dorsal munida de espinhos, cuja picada é venenosa. No Minho dão-lhe este nome e no resto da costa chamam-lhe *aranha do mar*.

Escorxar — Tirar os intestinos ao peixe para o amanhar. Termo usado no Algarve.

Escrivão — Uma das entidades que faz parte da companha de uma armação de atum da costa do Algarve.

Esgueirão — Barco pequeno terminado em dois bicos, muito vulgar na ria de Aveiro.

Esguio — Diz-se de um barco de fórma muito alongada e adelgaçada.

Esmoriz (Barrinha de) — Lagoa litoral, situada proximo de Esmoriz, onde se exerce alguma pesca.

—— Porto de pesca costeira.

Espadarte — Peixe munido de um prolongamento osseo no focinho, em fórma de

espada, e que persegue a baleia para lhe dar combate. É pouco vulgar na nossa costa, onde passa ao largo.

Esparto—Vegetal fibroso com que se fazem cabos para os apparelhos de pesca de fluctuação.

Espia—Cabo, geralmente de cairo ou esparto, que se emprega para aguentar uma embarcação amarrada ou para reboque.

Espinel—Apparelho de pesca que consta de uma linha comprida, tendo de distancia em distancia uma outra linha mais curta com anzol. Usa-se nos rios do norte do paiz e na enseada de Setubal com este nome. (Veja-se *Palangre*, etc.)

Espinho—Adelgaçamento osseo terminado em bico que alguns peixes e crustaceos apresentam nas barbatanas, no casco e na cauda.

—— Porto de pesca costeira, situado na costa ao sul da foz do rio Douro.

Esponja—Genero de polypo que vive nas aguas do mar, pouco frequente na nossa costa.

Espozende—Porto de pesca maritima e fluvial, situado da margem direita junto á foz do rio Cávado.

Estaca—Haste curta de madeira que se crava no fundo ou na margem, para aguentar alguns apparelhos de pesca.

Estacada—Rede de cerco fixo que se emprega em aguas pouco profundas, para dirigir o peixe para os apparelhos de pesca, ou para o impedir de se escapar quando as aguas descem de nivel e deixam o fundo a descoberto.

Esteira—Apparelho de pesca, que se emprega em alguns rios para apanhar os peixes saltões.

—— Rasto que as embarcações deixam nas aguas.

Estrella—Echinoderme em fórma de estrella que vive nas aguas do mar e que existe na nossa costa.

Estremalho—Nome que em algumas localidades, como na Figueira da Foz, dão a uma rede de um unico panno, que se emprega na pesca fluvial. É differente do *tresmalho* e talvez corrupção d'este termo.

Estronca—Annel de barro que serve para correr ao longo da linha e desenrascar os anzoes, quando estão presos no fundo.

Estrovaduras—Nome que em algumas localidades dão aos *estrovos*. (Veja-se *Estrovo.)*

Estrovo—Linha que liga o anzol á linha de pesca.

—— Cabo que segura o remo ao tolête.

F

Faca—Utensilio cortante de que usam os pescadores para prepararem as iscas, amanharem os peixes, etc., etc.

Faceira—A face ou lados da cabeça dos peixes.

Facho—Signal feito das armações de pesca para avisar para terra de que entrou pescaria.

Facia—Rede das armações de pesca que fica de um e outro lado do *vão da bóca*.

Faina—Trabalho nautico.

Fálca—A parte superior da borda de qualquer embarcação miuda.

Fanéca—Pequeno peixe de agua salgada, muito vulgar na nossa costa e embocaduras dos rios.

Faniqueira—Linha de pesca usada pelos pescadores do Douro.

Fão—Povoação situada na margem esquerda do Cávado, proximo da foz, onde residem pescadores do alto, costa e rio.

—— (costa)—Porto de pesca e apanha de sargaço a W. de Fão.

Farilhão—Ilhote, ou escolho, pontagudo que está sempre descoberto fóra de agua.

Faro—Porto de pesca da costa do Algarve, situado pelo N. do cabo de Santa Maria.

Farol—Luz que serve de orientação para os maritimos.

Farpa—As barbas do anzol ou fisga.

Farpear—Veja-se *Harpoar*.

Fataça—Nome que dão á *tainha* grande. (Veja-se *Tagána.)*

Faticeiras—Nome que no Douro dão ás redes solheiras, empregadas na pesca da solha, linguado, savelha, mugem, etc.

Fazer agua—Passagem da agua atravez do casco, inundando a embarcação.

Fazer aguada — Abastecer de agua.

Feiticeira — Peixe do alto da fórma do cação, mas com pintas acastanhadas e amarellas em todo o corpo.

Feixe — Mólho de troncos e ramagens, juntos e atados, que serve para formar as barragens de pesca.

Femea — Olhal onde engata o *macho*.

Fermentellos — Alargamento do rio em fórma de lagôa denominada *Pateira de Fermentellos*, proximo de Aveiro.

Ferrado — Tinta negra que a *ciba* deita para se escapar ao pescador.

Ferragudo — Porto de pesca da costa do Algarve, situado na margem esquerda da foz do rio de Portimão.

Ferrão — Nome que dão os pescadores do Douro a um peixe do mar.

Ferrar — Colher o panno da véla e atal-o convenientemente.

—— Morder o anzol, ficando preso n'elle.

Ferreira — Peixe da costa do Algarve.

Ferro — Ancora pequena que serve para fundear as embarcações e os apparelhos de pesca denominados *armações*.

Ferver — Agitação que a sardinha produz á superficie da agua quando anda em cardume.

Fiada — Uma carreira de malhas.

Ficiras — Fios atados em alguns anzoes grandes para amarrar a isca.

Figueira da Foz — Porto de pesca situado na margem direita da foz do rio Mondego.

Filar ao vento — Aproar ao vento sem guinadas.

Fio — Linha de algodão, linho, crina, sedéla, etc., que se emprega na feitura dos apparelhos de pesca.

Fios — Cardumes alongados que os atuns formam algumas vezes, quando passam ao longo da costa. Diz-se *fios de atum*.

Fisga — Apparelho de pesca em fórma de garfo com haste de pau e pontas farpadas. A fisga póde ser de ferro ou de pau. Ha a fisga das solhas e das lampreias.

Fisgado — Seguro ou preso na fisga.

Fisgador — O que fisga.

Fisgar — Pescar com fisga, enterrar a fisga.

Focinheira — Typo de embarcação de pesca da costa da Ericeira.

Focinho — A extremidade da cabeça dos peixes superior á bôca.

—— A extremidade de um cabo ou promontorio.

Foice — Utensilio de que se servem no norte do paiz para cortar o sargaço que nasce sobre os rochedos que orlam a costa.

Folga — Descanço — Comprimento a mais que se dá a um cabo ou linha.

Fonte do Mar — Porto de pesca maritima e de apanha de sargaço, situado pelo sul de Montedor.

Fóra — O lado do mar dos apparelhos de pesca.

—— A grande distancia da costa.

Forcada — O cabo que, na rede *majoeira*, segura a *estaca*.

—— Systema formado pelas duas tralhas de uma rede, cosidas pelas mãos dos chicotes.

Forcadella — Pequeno barco do alto Minho, feito na povoação hespanhola d'este nome.

Forcado — Marca de que usam os pescadores para conhecer as pescadas, e que consiste em partir a meio a barbatana do rabo, ficando este em fórma de forcado.

Fôrma — Peça de madeira que serve de molde na feitura das malhas de uma rede.

Fornellos — Porto de apanha de sargaço que fica situado pelo sul de Montedor.

Forquetas — Hastes de madeira bifurcadas que usam nas embarcações de pesca para collocar a palamenta, mastro e verga, emquanto lançam ou suspendem as redes.

—— Hastes de metal terminadas em meia lua ou em *U*, onde trabalha o remo das embarcações.

Forrar — Cobrir com fio, cabo, lona, etc.

Foz — O espaço da embocadura do rio comprehendido entre os extremos das margens.

—— Porto de pesca situado na embocadura do Douro (S. João da).

—— **de Arelho** — Porto de pesca situado na margem da lagôa de Obidos.

Foz de Souza—Porto de pesca fluvial, situado na confluencia dos rios Douro e Souza.

Frade—Porto de pesca costeira, situado entre a foz do rio Cávado e a praia da Apulia.

Freira—Nome que dão no Minho a um pequeno mollusco univalve em fórma de espiral.

—— Nome que em Lisboa dão á *chaputa*.

Freirinha—Nome que dão no Minho a um mollusco univalve em fórma de espira.

Fresca—Nome que dão no Minho aos sitios mais agradaveis pela sua diminuta temperatura, durante as horas de calor e calma.

Frossos—Lagôa, ou *pateira*, proxima de Aveiro.

Fundear—Largar a ancora, ferro, fateixa de uma embarcação, ou os apparelhos de pesca que assentam no fundo.

Fundo—O solo submergido pelas aguas do mar, rios, rias e lagôas. Quasi sempre os maritimos empregam *fundo* em logar de *profundidade*, 7 braças de fundo. Tambem usam de *fundo* por *profundo*, quando dizem: aqui é fundo.

Furada—Porto de pesca na margem esquerda do rio Douro. (Veja-se *Afurada.)*

Furadoiro—Porto de pesca costeira, situado a W. de Ovar.

Fuzeta—Porto de pesca da costa do Algarve, situado entre Olhão e Tavira.

G

Gácha—Rede que forra os lados do copo nas armações de pesca.

Gáfa—Pequeno caranguejo de côr preta.

Gaitas—Nome que antigamente davam ás lampreias. *Sabe que nem gaitas.*

Galé—Costa que se estende para o sul da foz do rio Sado, onde lançam muitas armações de pesca da sardinha.

Galeão—Arte de cerco, feito de rede, que se emprega na pesca costeira da sardinha. Consta de *copejada*, *rainheta* e *mangas*. Para a manobra d'esta arte são precisas seis embarcações e sessenta a oitenta homens de companha.

Galeão—Embarcação de coberta e véla latina, empregada na costa do Algarve, e de Lisbôa para o sul, para a pesca da arte de *galeão*.

Galeonete—Embarcação da fórma do galeão, mas de menores dimensões, e que acompanha este nos trabalhos de pesca da arte do mesmo nome.

Gálha—Nome que dão os pescadores á primeira barbatana dorsal dos peixes que se vê algumas vezes á flôr da agua.

Galhudo—Nome que dão de Lisboa para o sul ao cação, que tem dois espinhos nas barbatanas dorsaes.

Galveta—Parte de uma armação de atum.

Gamélla—Taboleiro de madeira de fórma especial, que se usa nas costas de Buarcos para dentro d'elle encascar as redes.

Ganapão—Pequena rede no extremo de uma vara, que serve para apanhar a sardinha, que depois de desenmalhada cáe á agua, perto da borda da embarcação.

Gancheta—Nome que dão no Minho a um gancho atado no extremo de uma vara, e que serve para a collocação de alguns apparelhos de pesca nas *pesqueiras*.

Gancho—Arame, ou varão, de ferro, ou aço, em fórma de *U*, que se emprega em alguns apparelhos de pesca.

Gánho—Lucro que os pescadores auferem da venda do peixe.

Garamanha—Nome que dão em algumas localidades do norte ao *encinho* ou *graveto* de apanhar o *sargaço*.

Garoupa—Peixe do alto mar.

Garranto—Peixe da ria de Aveiro similhante á tainha.

Gata—Peixe da costa do Algarve.

—— Ancora de uma unica pata que se emprega, conjunctamente com os ferros, para fundear uma armação de pesca.

Geito Velho—Porto de pesca fluvial, situado na margem esquerda do rio Minho, no sitio de *Córtes*, entre Monsão e a Lapella.

Gingleta—Porto de pesca fluvial do rio Minho, situado na margem esquerda para montante de Valença.

Goláda — Canal de navegação aberto sobre o extremo dos bancos de areia de uma barra, por onde podem entrar e sair as embarcações de menor porte.

Golazeira — O mesmo que *gorazeira*.

Golfinho — Cetaceo do alto mar da fórma da *toninha*.

Gondarem — Porto de pesca do rio Minho, situado na margem esquerda, entre Villa Nova de Cerveira e Lanhellas.

Gontinhães — Porto de pesca maritima costeira e do alto, situado na enseada de Ancora, entre Caminha e Vianna do Castello.

Goraz — Peixe do alto, cujos caracteristicos são duas malhas pretas uma de cada lado do corpo, proximas da cabeça, e as barbatanas de côr encarniçada.

Gorazeira — Apparelho de linha e anzoes que se emprega na pesca do goraz, pargo, cachucho, bisugo, etc. (Veja-se *Golazeira.)*

Gorazeiro — Muito abundante de *gorazes*. Diz-se: *Janeiro, gorazeiro.*

Goyan — Porto de pesca fluvial hespanhol, fronteiro a Villa Nova de Cerveira, no rio Minho.

Grade — Quadrado de madeira formado com quatro reguas, que se emprega para colher a linha de pesca.

Gramadoira — Praia situada entre a foz do rio Cávado e a Apulia, onde costumam varar as embarcações de pesca do porto de *Frade*.

Granja — Pequeno porto de pesca costeira, situado na costa occidental, entre a foz do Douro e Espinho.

Graveto — Encinho de apanhar sargaço.

Guadiana — Rio que separa a provincia do Algarve da Hespanha até ao Pomarão, e que segue para o norte, servindo algumas vezes mais de fronteira do reino.

Guelra — Nome que os pescadores dão ao apparelho respiratorio dos peixes.

Guelrichos — Armadilha das nassas e botirões.

Guia — Parede de rede, que constitue uma das partes que compõem as armações de pesca do atum.

Guias — Cabos delgados que aguentam os *botirões*.

Guinada — Desvio que a prôa da embarcação faz, devido geralmente á acção do mar, da corrente, do vento ou do leme.

Guinar — Desviar a prôa da embarcação do rumo em que segue para um outro rumo. A embarcação póde *guinar* pela acção do leme ou do motor, convenientemente manobrados, ou por causas estranhas dependentes do estado do mar e da atmosphera.

Guita — Fio torcido feito de estopa.

H

Harpão — Fisga de cravar nos cetaceos.

Harpoar — Arremessar o *harpão*.

Hiate — Typo de navio pequeno de coberta, apparelhado com dois mastros para latinos e gaff-tops, pau da bujarrona e estae, que no porto da Figueira da Foz se emprega para a pesca do bacalhau.

RADCLIFFE.

I

Ilha — Porção de terra destacada do continente, que fica cercada de agua na baixamar de aguas vivas e que póde ser habitada ou cultivada. (Veja-se *Insua, Ilhote, Ilheu, Farilhão, Leixão* e *Cavallo.)*

Ilhavo — Povoação de pescadores da ria de Aveiro.

—— Barco usado pelos pescadores da ria de Aveiro.

—— Peixe saltão da ria de Aveiro, similhante ao mugem.

Ilhéu — Ilha pequena.

Ilhote — Ilha pequena que não é susceptivel de ser habitada ou cultivada.

Imperador — Nome que dão em toda a costa a um peixe de fórma achatada e oval e côr avermelhada.

Injector — Uma das redes que compõe o apparelho de pesca denominado *barca volante*.

Insua — Ilha rasa que existe em alguns pontos da nossa costa, e nos rios que sulcam o paiz, e que é susceptivel de ser habitada ou cultivada.

Isca — Qualquer das substancias que se empregam para pôr nos apparelhos de pesca, a fim de attrahir os peixes.

Iscar — Pôr a *isca* ou *isco* no anzol.

Isco — Pedaço de peixe que se põe no anzol para despertar a voracidade dos peixes.

J

Jangada — Systema fluctuante feito de madeira ou cortiça, que se emprega em alguns pontos da costa do norte do paiz para substituir as embarcações de pesca e para a apanha do sargaço.

Jardins — Nome que antigamente davam na costa do Algarve ás redes de cerco volante.

Judeu — Peixe da costa e do alto.

Junco — Filamento delgado e flexivel, de origem vegetal, que os pescadores empregam para amarrar alguns apparelhos de pesca e para atar os *cambos* ou *enfiadas*.

L

Laço — Rede de armadilha collocada na bôca dos botirões.

Lagosta — Crustaceo muito abundante das aguas maritimas da costa de Portugal.

Lama — Denominação que os pescadores dão ao lodo barrento.

Lampreia — Peixe de corpo cylindrico e alongado que emigra para os rios do nosso paiz na epocha da desova.

Lampreeira — Rede de enmalhar, com tres pannos, fluctuante, que se emprega na pesca da lampreia.

Lampreinha — A creação da lampreia emquanto é de dimensão mui pequena.

Lançamento — Faina de deitar um apparelho de pesca á agua.

Lançar — Deitar os apparelhos de pesca á agua de modo que fiquem convenientemente dispostos para pescar.

Lanchinha — Pequena embarcação de fundo chato que se usa no rio Tejo para a pesca do camarão.

Lagos — Porto de pesca maritima costeira da zona de barlavento da costa meridional do Algarve.

Lance — Operação completa de lançamento e levantamento de um apparelho de pesca. Tambem se diz *lanço*.

Lancha — Grande embarcação de bôca aberta, geralmente empregada na pesca do alto e nas armações fixas.

Lanchas — Praia situada pelo sul do rio Cávado, em frente dos Cavallos de Fão, onde existe uma estação salva-vidas.

Lanço — Veja-se *Lance*.

Lanhellas — Porto de pesca fluvial, situado na margem esquerda do rio Minho, entre Villa Nova de Cerveira e Caminha.

Lanhos — Golpes dados ao comprido no corpo dos peixes, para os amanhar ou introduzir o sal, a fim de os conservar melhor.

Lapa — Pequeno mollusco univalve muito vulgar em todas as rochas e penedias da costa do reino.

Laparão — Nome dado pelos pescadores do norte do reino ás grandes lapas. (Veja-se *Lapa.)*

Lapella — Logarejo situado na margem esquerda do rio Minho, entre Monsão e Valença, junto do qual ha um porto de pesca fluvial.

Larache — Estação de pesca da costa marroquina, para onde nos mezes de verão vão os pescadores do Algarve exercer a sua industria.

Larada — Communidade immoral em que vivem os pescadores *unhantes* da pesca da enguia na ria de Aveiro.

Largar — Desatracar a embarcação que vae partir para o largo da margem, da praia, do caes, ou de outra embarcação.

Lavada — Rede de arrastar pelo fundo para a terra, usada pelos pescadores da costa do Algarve.

Lavadores — Pequeno porto de pesca maritima costeira, situado pelo sul da embocadura do rio Douro.

Lavagante — Crustaceo das aguas maritimas da costa, um pouco mais pequeno do que a lagosta, e munido de duas torquezes fortes nos braços, a que tambem dão o nome de *Lobagante* e *Navegante*.

Lavos — Porto de pesca maritima costeira situado um pouco ao sul da foz do rio Mondego.

Lavra — Pequeno porto de pesca maritima costeira, situado entre o rio Ave e o rio Douro.

Leça — Pequeno porto de pesca maritima costeira, encravado no rio do mesmo nome que desagúa dentro do porto de Leixões.

Legitima — Porção da guia de uma armação de atum, que parte do canto de dentro da camara e segue por espaço de uns 415 metros, na direcção do corpo da armação.

Leichão — Pedra alta e destacada da costa.

Leirosa — Pequeno porto de pesca maritima costeira, com redes de arrastar para a terra, situado entre o rio Mondego e o rio Liz.

Leitas — Ovas que não apresentam a estructura granulosa, mas sim leitosa e molle.

Leixão — Veja-se *Leichão.*

Letrache — Apparelho de rede usado na pesca fluvial do rio Guadiana.

Levantar — Suspender os apparelhos de pesca depois do lanço estar feito, ou quando por qualquer circumstancia seja preciso retirar esses apparelhos.

Lévas — Cabos delgados que servem para começar a faina do levantamento das redes ou apparelhos.

Lima — Rio do norte do paiz onde se exerce a pesca fluvial da lampreia, solhas, robaliços, etc.

Limento — Peixe parecido com a tainha na fórma e côr.

Limo — Vegetal que se dá nas aguas e que em certas temporadas é arrojado á costa e aproveitado para adubo agricola.

Limpo — Fundo de areia, sem pedras nem lodo.

Linguado — Peixe em fórma de folha achatada, muito vulgar na nossa costa e aguas interiores.

Linguas — Pannos de rede que formam o vão da bôca nas armações redondas da pesca da sardinha, usadas na enseada de Peniche.

Lingueirão — Pequenino peixe das aguas maritimas da costa.

Linha — Cordão que se emprega na pesca para amarrar o *pesqueiro* dos apparelhos.

—— Fio de algodão, linho, estopa, seda, etc., com que se fazem as redes ou linhas de pesca.

Linhavão — Apparelho de linha e anzol, usado pelos pescadores da costa do Algarve.

Linhol — Apparelho de pesca, composto de linha e tres estrovos com anzoes.

Lirio — Peixe das aguas maritimas do alto, muito similhante ao peixe-espada, mas menos vulgar.

Lisbôa — Capital do paiz, pelo sul da qual fórma o rio Tejo um vasto porto de pesca longinqua, do alto, costeira e fluvial.

Livramento — Nome da primeira armação de atum de revez na costa de Tavira, vindo de oeste.

Lixa — Grande peixe de pelle aspera, depois de secco, muito vulgar nas aguas maritimas do alto.

Liz — Rio situado pelo norte do porto de pesca maritima da Vieira.

Lobagante — Veja-se *Lavagante.*

Lodo — Materia vasosa que constitue o fundo e as margens de alguns receptaculos hydrographicos.

Lombo — A parte carnuda e espessa do corpo dos peixes ao longo do dorso de um e outro lado da linha media.

Longueirão — Mollusco com conchas da fórma de duas meias cannas, a que tambem chamam longueirão de canudo e navalhas.

Lóro — Estrovo que abotôa na extremidade da linha da pescada e que prende o anzol.

Lota — Praça ou leilão para a venda da pescaria em primeira mão.

Lote — Porção de pescaria para ser vendida em globo.

Lóto — Amarra que se deita nos cantos da testa das armações fixas á valenciana, na direcção dos lados do corpo da armação.

Lucinha — Pequeno peixe das aguas maritimas da costa do reino.

Lucio — Peixe das aguas maritimas do alto.

Lucros — Denominação dada pelos pescadores ao producto liquido da venda da pescaria, que dividem entre si a partes, quinhões ou percentagem.

Lula — Mollusco vulgar nas aguas maritimas da costa de Portugal.

Luz — Porto de pesca maritima costeira, situado a oeste da bahia de Lagos, na praia e costa de Nossa Senhora da Luz.

—— Nome vulgar que os maritimos dão a um pharol, phanal, pharolim ou lanterna.

Luzerna — Termo empregado pelos pescadores para designarem uma grande luz.

M

Maceda — Porto de pesca maritima costeira, situado na costa occidental do reino, proximo de Esmoriz.

Maceira — Pequena embarcação com a fórma de taboleiro, usada na pesca costeira na costa occidental do norte do paiz.

Maço — Instrumento com que se bate o repuxo que crava as estacas da rede majoeira.

Madre — Linha principal dos apparelhos de muitos anzoes.

Mága — Tripa de sardinha que serve de isca.

Magistral — Cabo da « Barca volante » que funcciona como o *retador* dos galeões.

Mangas — Os braços ou bandas de arrastar para a terra, que ligam com a bôca do sacco, e que se compõem das *alcanellas, caçarêtes, regalos, mizenas* e *claros*.

—— Redes lateraes dos saccos das redes de arrastar. (Veja-se *Bandas.)*

Majoeira — Rede tresmalho fluctuante, que se colloca na pancada do mar, para a pesca do robalo, sargo, etc.

Malha — Espaço limitado pelos fios que formam a rede.

Malhagem — A bitola, padrão ou medida das malhas de uma rede.

Malheiro — Rede construida com fio e malha apropriada a enmalhar os peixes.

Mama Gorda — Região maritima piscosa da costa meridional do Algarve, em frente de Tavira.

Mandador — Nome antigo dado aos mestres das armações fixas do atum.

Manjua — Nome que dão na costa do Algarve á sardinha de passagem.

Manoios — Nome que dão no Algarve ás *talas* ou porções iguaes de linhas que formam os espineis.

Mão da barca — Cabo que prende a rede sardinheira ao barco.

Mãos — Os extremos dos braços das redes de arrastar ou de cerco.

Mar — A grande massa liquida salgada que cobre a terra, das embocaduras dos rios para fóra.

Mar da Canna — A região maritima que corre ao longo da costa de Portugal, entre 4 e 6 leguas de distancia á terra, sobre a aba do solo sub-marino, que pende para o valle do oceano.

Margota ou **marabota** — Pequeno peixe das aguas maritimas costeiras.

Marca — Signal que os pescadores fazem nos peixes para os distinguirem.

—— Enfiamento tomado em terra para assignalar uma determinada direcção.

Maré — Movimento regular e periodico das aguas do ocecno, elevando-se e abaixando-se alternadamente duas vezes em cada *dia lunar*. Os pescadores tambem denominam *maré* a corrente de enchente e de vasante.

—— Momento asado para a pesca.

Marisca — Denominação que os pescadores dão á truta de agua salgada.

Marisco — Nome vulgar dos crustaceos e molluscos de conchas.

Marim — Canal situado entre Olhão e a Fuzeta.

Marinhas — Porto de pesca maritima costeira, situado na praia da costa do norte da embocadura do rio Cávado.

Mariquita — Nome que dão na costa do Algarve á sardinha pequena como folhas de oliveira.

Mata-fiões — Atilhos da rede sardinheira (Vianna do Castello).

Matar — Fazer mates.

—— Retirar o peixe da agua.

Mate — Ponto que se dá com o fio da rede para diminuir o numero das malhas.

Material — Empregam os pescadores este termo para designar os barcos, apparelhos, utensilios, etc., que se empregam na pesca.

Mathosinhos — Pequeno porto de pesca maritima costeira, situado na margem do rio Leça, encravado no porto de Leixões.

Mecate — Nome que dão em Vianna do Castello á tralha inferior de esparto da rede sardinheira.

Medo das cascas — Denominação que tem a terceira armação de atum de revez, da costa de Tavira, vindo de oeste.

Meia lua — Embarcação de pesca costeira, de fundo chato e terminada em dois bicos á proa e á poupa.

—— Peça de madeira ou metal que enmecha na cabeça do leme, e que conjunctamente com os gualdropes, serve para mover o leme.

Meinhos — Veja-se *Meios-meinhos.*

Meio-rabo — Marca que os pescadores fazem no rabo da pescada para a poderem distinguir entre muitas.

Meios-bastos — Rede do sacco das artes de arrastar para a terra, que liga com o fundo do sacco ou cuada.

Meios-meinhos — Rede do sacco das artes de arrastar para a terra, que liga com os *meios-bastos.*

Melca ou **Melga** — Peixe das aguas maritimas do alto.

Melfurado — Porto de sargaço, situado na costa occidental do norte do reino, entre Moledo e Ancora.

Melga — Veja-se *Melca.*

Melgaço — Porto de pesca fluvial, situado na margem esquerda do rio Minho.

Melides — Porto de pesca maritima costeira e lacustre, situado entre o rio Sado e Sines.

—— Lagôa litoral da costa occidental, situada entre Setubal e Sines.

Mercaço — Divisoria que separa o copo do bucho, nas armações fixas de pesca.

Mergulhar — Introduzir um corpo dentro de agua, ficando totalmente coberto.

Merlim — Linha delgada com que se fazem alguns apparelhos de pesca.

Merlo — Nome que alguns pescadores dão ao méro.

Méro — Peixe das aguas maritimas do alto.

Mestre — O que governa a companha, e dirige a faina da pesca.

Mestras — Denominam-se assim as duas fiadas das malhas da rede, que cosem ás tralhas superior e inferior por meio do entralhe.

—— As tiras que formam o encanastrado do fundo dos cabazes da venda do peixe.

Mertola — Porto de pesca fluvial, situado na margem direita do rio Guadiana, a 66 kilometros da foz.

Mexilhão — Mollusco bivalve das aguas maritimas da costa.

Mexoalho — Nome que dão no norte do reino ao caranguejo «pilado».

Milfontes — Porto de pesca maritima costeira e fluvial, situado na margem direita do rio Mira em frente de Villa Nova de Milfontes.

Milheras — Nome que dão no norte do reino ás ovas granulosas dos peixes.

Minhoca — Nome vulgar dos vermes da terra.

Minhocada — Engodo de pescar enguias que se faz com um mólho de minhocas.

Mira — (Ria de) — Denominação da região situada ao sul da ria de Aveiro.

—— (Lagôas de) — Idem.

—— (Palheiros de) — Idem.

—— (Costa de) — Idem.

—— (Rio) ou rio de Villa Nova de Milfontes.

Miudo — O panno de rede com malha mais estreita dos tresmalhos e outras redes.

Mizenas — Redes das mangas das artes de arrastar para a terra.

Moinho do Bispo — Porto de pesca maritima costeira, situado pelo norte da embocadura do rio Neiva.

Moledo — Porto de sargaço, situado entre a embocadura do rio Minho e a do rio Ancora.

Moleira — Pedra do fundo da rede cabaceira.

Mólho — A quartelada, ou porção de rede, que constitue a unidade de um apparelho.

—— Feixe de varas, cabos, linhas, fios, etc.

Mondego — Rio que desagua no oceano pelo sul da enseada de Buarcos.

Mondéo — Cerco fixo de redes, que remata as estacadas ou tranqueiras de pesca fluvial, nos rios do norte do paiz.

Monsão — Porto de pesca fluvial, situado na margem esquerda do rio Minho, entre Melgaço e Valença.

Montante — Posição relativa, que designa a parte de cima da corrente.

Monte Gordo — Porto de pesca maritima costeira, situado a oeste da embocadura do rio Guadiana.

Montemór o Velho — Porto de pesca fluvial, situado na margem direita do rio Mondego, entre Coimbra e a Figueira da Foz.

Mórca — Pequeno peixe das aguas do rio Minho.

Mosca — Conjuncto de pennas e plumas, formando uma mosca artificial para disfarçar o anzol na pesca por este processo.

Móta — Massiço de terra ou alvenaria, que contém as aguas de um rio, fazendo um caminho marginal.

Movel — Que está em movimento, ou se póde mover com facilidade, por não estar ligado a um outro corpo fixo.

Muchama ou **Muxama** — Tiras seccas do lombo do atum.

Mucharra ou **Muxarra** — Pequeno peixe que frequenta o rio Guadiana nos mezes de verão. Ha duas qualidades: a *alvar* e a *branca*.

Mugem — Pequeno peixe das aguas interiores do paiz.

Muleta — Antiga embarcação de pesca do Barreiro e Seixal, que arrastava a rede tartaranha.

—— Espeque para aguentar a roda da poupa dos saveiros.

Murada — Fiada de malhas em toda a largura da rede.

Murcacho — Nome que antigamente davam ao *mercaço* das modernas armações. (Veja-se *Mercaço.)*

Murêa — Peixe das aguas maritimas costeiras.

Muregona — Armadilha de verga com a fórma espheroide.

Murgeira — Rede de arrastar para a terra que se usa na ria de Aveiro.

Muro — Nome dado em algumas localidades do norte a uma fiada de malhas em toda a largura da rede.

Muros — Redes de malhas differentes, que formam a bôca do sacco das artes de arrastar para a terra.

Murtosa — Porto de pesca fluvial situado no braço de leste da ria de Aveiro.

Musgo — Vegetação marinha.

Musuar — Nassa de arame usada nos rios do norte do paiz.

N

Nassa — Armadilha de verga com a fórma conica truncada, que se emprega na pesca fluvial.

Navalhas — Nome que em algumas localidades dão ao *longueirão de canudo.*

Navalheira — Uma variedade de caranguejo pequeno.

Nazareth — Porto de pesca maritima do alto e costeira, situado na enseada da Pederneira.

Negrão — Nome que dão na ria de Aveiro a um pequeno peixe do genero mugem, correspondente ao *Negrete* do rio Minho.

Negrete — Pequeno peixe das aguas fluviaes, do genero mugem, a que dão este nome no rio Minho e que corresponde ao *Negrão* da ria de Aveiro.

Neiva — Rio do norte do paiz, situado entre o Lima e o Cávado, onde se exerce a pesca fluvial.

Netas — Nome que na Nazareth dão ás artes de arrastar para a terra de grandeza media.

Netinhas — Nome que na Nazareth dão ás artes de arrastar para terra, mais pequenas.

Nosso-mar — Nome por que os pescadores de Olhão designam a zona maritima piscosa em frente da villa.

O

Obidos — Lagoa situada entre a villa de Obidos e o mar, onde se exerce a pesca.

Odre — Fluctuador das cordas das artes de arrastar para a terra.

Olhos de Agua — Paragem de pesca costeira entre Albufeira e Quarteira.

—— Armação fixa de pesca da costa do Algarve, em frente da costa do mesmo nome.

Orla — A zona exterior que limita um banco.

Ostra — Mollusco bivalve das aguas maritimas.

Ostreira — Viveiro das ostras.

Oura — Armação de pesca, situada em frente de Albufeira.

—— Praia do arraial da armação do mesmo nome, a leste de Albufeira.

Ourêga — Variedade de raia das aguas maritimas do alto. (Veja-se *Teiroga.)*

Ouriço — Echinoderme das aguas maritimas costeiras. Ha o *ouriço do mar* e o *ouriço da ribeira.*

Ova — Nome vulgar do ovario dos peixes.

Ovação — Conjuncto dos ovos e leitança.

P

Paçô — Pequeno porto de pesca e apanha de sargaço, situado pelo norte da ponta de Montedor.

Paço d'Arcos — Pequeno porto de pesca fluvial, situado na margem direita do rio Tejo, entre Oeiras e Algés.

Padióla — Apparelho proprio para o transporte de redes e pescaria.

Paião — Peixe das aguas maritimas.

Pailona — Peixe das aguas maritimas.

Painel — Porção de rede com que se construem os apparelhos de pesca. Uma rede tem um certo numero de *paineis.*

—— A face posterior da poupa das embarcações.

Pairar — Conservar-se, durante um certo tempo, em uma determinada paragem.

Paixões — Varas empregadas na installação dos botirões fixos.

Palama — Nome que dão em Buarcos á pescada moida.

Palangre — Variedade de espinel usado na pesca maritima.

Palmatorres — Parte da *rabeira* da armação de atum, proxima da *bóca.*

Palmo — O comprimento maximo entre os extremos dos dedos pollegar e minimo, estando a mão completamente aberta. Equivale a 0^{m},22.

Palmonete — Peixe das aguas maritimas.

Pampano — Pequeno peixe das aguas fluviaes.

Pancada do mar — Zona da costa ou da embocadura dos rios e portos, onde começa a sentir-se com mais acção o choque e agitação das vagas e ondulação.

Panda — Boia de cortiça da tralha superior das artes de arrastar.

Pandulho — Lastro da tralha inferior das redes, composto de panno e pedrulho.

Pandulhar — Faina de levantar successivamente a tralha dos pandulhos da lampreeira, para tirar os peixes que estejam enmalhados.

Panno — A teia de uma rede considerada como um tecido feito de malhas, com uma determinada largura e comprimento. Os apparelhos de rede compõem-se de pannos convenientemente dispostos e cosidos.

Paramos — Porto de pesca costeira, situado 3 kilometros para o sul de Espinho.

Parcel — Região maritima com pequena profundidade e fraco declive de fundo para fóra.

—— Nome que dão os pescadores do Seixal e Barreiro á região maritima comprehendida entre os parallelos dos cabos da Roca e de Espichel, até 4 leguas de distancia da terra.

Pardella — Ave maritima que pesca a sardinha e que serve de indicio da presença do cardume em uma determinada posição.

Pardelhas — Povoação de pescadores da ria de Aveiro.

Pargo — Peixe das aguas maritimas costeiras.

Parguete — Pargo pequeno.

Parreira — Rede tresmalho fixa, destinada a enmalhar os peixes fóra da agua, que se usa na ria de Aveiro.

Partes — Quantias iguaes em que se divide a importancia total do producto da pesca. Um *quinhão* póde ter 1/4, 1/2, 1, 1 1/2, 2 e mais partes.

Passadeira — Cabo delgado que se emprega nos apparelhos de pesca.

Passaros (Lagôa dos) — Pequena lagôa situada proxima de Alvallade.

Passe — Tributo que antigamente cobravam os governadores das fortalezas maritimas, sobre a pescaria entrada nos portos. Foi abolido por decreto da regencia de 6 de novembro de 1830.

Pata-roxa — Variedade de cação com pintas de côr roxa.

Patêlo — Nome que dão no norte ao caranguejo *pilado*.

Patrucia — Peixe da fórma do redovalho, mas mais branco e menos saboroso.

Pé da rede — A extremidade de uma rede, que fica do lado da terra.

Peça — Quantidade de rede de uma sardinheira completa: 30 a 60 braças.

Peças — Porções completas de rede, que, reunidas umas ás outras, formam a caceia de um apparelho de pesca.

Pedorido — Porto de pesca fluvial do rio Douro.

Pedra — Fundos pedregosos ou de restinga rochosa, sobre os quaes os pescadores exercem a sua profissão. Dizem elles: *pescar na pedra*.

Pedras — Lastro que os pescadores põem na tralha inferior das redes de enmalhar de fundo.

Pedras Negras — Local da costa do Algarve, onde antigamente lançava uma *almadrava*.

Pedrógão — Porto de pesca costeira, situado ao norte da embocadura do rio Liz.

Pedrulho — Pedrinhas pequenas que dão peso aos *pandulhos*.

Pegador — Pequeno peixe que se fixa ao corpo de outros peixes.

Pégo — Parte da armação de atum, que fica no extremo do quartel de fóra.

Peiráu — Declive forte, que apresenta o fundo quando passa da zona marginal ou costeira para o fundão do largo.

Peito — A parte anterior e inferior do corpo dos peixes.

—— Signal que os pescadores fazem no peito dos peixes para os distinguirem.

Peixão — Pequeno peixe da fórma do bisugo.

Peixe-agulha — Veja-se *Agulha*.

Peixe-anjo — Peixe das aguas maritimas do continente do reino.

Peixe-branco — Nome que dão em alguns portos do norte do reino ao robalo pequeno.

Peixe de caixa — Os peixes que têem uma cartilagem como os chocos e lulas.

Peixe-cão — Esqualo das aguas maritimas do continente do reino. Os poveiros denominam *bodinho* ao peixe-cão pequeno.

Peixe-coelho — Peixe das aguas maritimas, pouco vulgar na nossa costa.

Peixe-escolar — Veja-se *Escolar*.

Peixe-espada — Peixe em fórma de espada, que habita as aguas maritimas do alto.

Peixe-gallo — Peixe com as barbatanas em fórma de rabo de gallo, que habita nas aguas maritimas do alto.

Peixe-pau — Pequeno peixe da ria de Aveiro.

Peixe-penna — Variedade de ruivo.

Peixe-porco — Peixe das aguas maritimas da nossa costa.

Peixe-prego — Peixe das aguas maritimas da nossa costa.

Peixe-rato — Pequeno peixe do alto.

Peixe-rei — Pequenino peixe das aguas maritimas costeiras.

Peixe-roda — Peixe das aguas maritimas de fórma redonda.

Peixe-sapo — Nome que dão no norte do reino ao *tamboril*.

Peixe-zorra — Peixe das aguas maritimas.

Peniche — Importante porto de pesca do alto e costeira, situado a leste do cabo Carvoeiro da costa occidental.

Penedim — Pequeno porto de pesca e de apanha de sargaço, situado ao sul da embocadura do rio Ancora.

Peneira — Apparelho de pesca para apanhar camarão.

Penha d'Aguia — Ancoradouro dos barcos de pesca fluvial do rio Guadiana, entre Mertola e Pomarão.

Pensão — Quantia paga pelo comprador de cada batel de peixe em Peniche, alem do valor da pescaria.

Penso — Linha que prende na rede e é aguentada na mão do pescador, para lhe dar signal da entrada do peixe, accusada pelos estremecimentos que este transmitte á linha.

Penteado — Signal que os pescadores fazem na parte superior ou inferior do rabo dos peixes, para os distinguirem.

Pera (Armação de) — Importante porto de pesca da costa meridional do Algarve.

Percebe — Marisco vulgar das aguas salgadas.

Pernada — A reunião de dois cabos, por uma das extremidades, a um unico, ficando os chicotes oppostos fixes a um outro cabo, formando com este um triangulo.

Pesca — Arte de pescar.

Pescada — Grande peixe das aguas maritimas do alto.

Pescador — Qualquer individuo que exerce a pesca.

Pescado — O resultado ou producto da exploração das aguas.

Pescar — Exploração das aguas com o fim da apropriação dos animaes e vegetaes que ellas contêem.

Pescarejo — Referente a pesca.

Pescaria — Um ou mais animaes que vivem nas aguas, sem designação de qualidade.

Pesqueira — Construcção de alvenaria ou madeira, que se installa na margem ou leito do rio, para o estabelecimento de apparelhos de pesca.

Pesqueiro — Fio com alça, tendo na extremidade o anzol.

—— Local que serve de comedouro, viveiro ou abrigo para os peixes, crustaceos e molluscos.

Petinga — Sardinha pequena.

Petisqueira — Rede tresmalho que usam os pescadores de Buarcos, para lançar pelo systema das rascas.

Piarda — Nome que dão em Vianna do Castello a um pequenino peixe do rio.

Picha — Nome que dão na Figueira da Foz ao camarão pequeno.

Pica d'el-rei — Pequeno peixe de côr vermelha.

Picar — Estremecimento ou esticão que experimenta a linha de pesca quando o peixe pretende devorar a isca.

Pilado — Caranguejo muito vulgar das aguas maritimas costeiras, que se emprega como adubo agricola.

Pilhas — Montões de pescaria arrumada uma sobre a outra.

Pilrão — Peixe das aguas maritimas.

Pincho — Nome que dão no norte do paiz ao palangre.

Pintada — Boga com pintas do rio Minho.

—— Com pintas.

Pintas — Pequenas manchas que tornam caracteristico o aspecto exterior dos peixes, crustaceos e molluscos.

Pioneiro — Cabo com uma pedra amarrada na extremidade, que se deita dentro de agua pela poupa, a fim de evitar as guinadas das embarcações fundeadas em correntes fortes.

Piscatorio — Que se refere á pesca.

Piscoso — Fertil em pescaria.

Poço — Fundão que se encontra em algumas regiões maritimas e fluviaes.

Poita — Corpo pesado que as pequenas embarcações de pesca usam para fundear, em logar da fateixa.

Poitada — Veja-se *Poita*.

Poitão — Grande poita.

Polé — Especie de gaviete que serve para a suspensão das redes.

Polvo — O mollusco maior das aguas maritimas costeiras e do alto da nossa costa.

Pomarão — Porto de pesca fluvial, situado na margem esquerda do Guadiana, entre Mertola e Alcoutim.

Pombo de chumbada — Linha com alça e prumo, onde encapella o loro do apparelho da pesca.

Pontal — A extremidade mais avançada das pesqueiras fixas dos rios.

Pontal — A altura da embarcação, medida entre a face superior da caverna mestra e a face inferior do vau ou da bancada.

Pontas — As extremidades dos apparelhos de rede e de anzol.

Pontuada — Ponto da *guia* de uma armação de atum, onde começa o *quartel de fóra*.

Porceiro do covo — Amarração do extremo do segundo cordão do rabo das armações fixas de sardinha á valenciana.

Porfiada — Cosedura que reune as testas das redes umas ás outras por meio de um fio passado nas malhas.

Porfiar — Guarnecer com fio um cabo ou linha. Coser dois cabos ou tralhas por meio de um fio ou cabo mais delgado.

Porfio — Amarração do canto da testinha das armações de sardinha á valenciana.

Por mão — Arriar ou largar completamente um cabo ou linha de pesca.

Porta-rede — A embarcação que nas artes de sacada do alto, ou na barca volante, conduz a rede.

Portas — Redes das armações fixas que fecham o copo do lado do bucho.

—— Tampas das nassas, covos e muregônas.

—— O canal de accesso de alguns carreiros e portos, como em Vianna, Buarcos, etc.

Portimão — Porto de pesca maritima costeira e fluvial, situado na margem direita do rio Odelouca ou Portimão.

Porto — Importante centro de pescaria, situado na margem direita do rio Douro.

Porto Covo — Pequeno porto de pesca costeira, situado entre Sines e Villa Nova de Milfontes.

Por de Moz — Pequeno porto de pesca maritima costeira, situado um pouco a oeste da ponta meridional da bahia de Lagos.

Porto Novo — Pequeno varadouro, situado pelo norte do portinho de Gontinhães.

Posta — Porção do corpo dos peixes que se corta por golpes parallelos entre si e perpendiculares á columna vertebral.

Poste — Construcção de alvenaria, estabelecida no leito dos rios, que serve para a installação dos apparelhos de rede.

Pota — Peixe das aguas maritimas.

Poveira — Lancha do typo usado pelos pescadores da Povoa de Varzim.

Poveiro — Pescador da Povoa de Varzim.

Povoa — Porto de pesca maritima do alto e costeira da Povoa de Varzim.

Preamar — Phase da maré em que as aguas attingem o maximo de elevação.

Prega — Dobra que a rede forma quando uma porção do panno sobrepõe sobre outra.

Pregádo — Variedade de rodovalho que apresenta umas asperezas na pelle como cabeças de pregos.

Pregar — Afundar dos *alcatrazes* em procura das sardinhas.

Preguiceiro — Empregado especial das armações de atum.

Preparo — Tinta que se dá nas redes e nas linhas de pesca.

Prezigo — Nome que os poveiros dão ao *conducto* com que acompanham o pão. O *prezigo* é constituido quasi sempre por peixe secco, salgado e escalado cru. São os pescadores poveiros muito gulosos pela *linguiça de porco*. Pronunciam *languiça*.

Prumada — A vertical da linha do prumo.

Prumo — Apparelho composto de uma linha com um peso na extremidade, que serve para determinar a profundidade das aguas e a natureza do fundo.

Pulga — Pequenino animal que se vê vulgarmente saltando sobre a areia, e que dentro de agua devora as iscas dos anzoes.

A *pulga* tambem fura o casco dos crustaceos, causando-lhes a morte.

Q

Quadro — Espaço comprehendido pelas redes que limitam o corpo de uma armação fixa de pesca.

Quarta — Vasilha para agua que os pescadores trazem a bordo.

Quarteira — Porto de pesca costeira da costa meridional do Algarve.

Quarteirão — Numero de anzoes que se collocam nas linhas de pesca. Um quarteirão tem vinte e cinco anzoes.

Quartel — Rede das armações de atum, que se dirige para fóra no extremo da *guia*.

Quartelada — Uma parte componente das redes que formam os apparelhos symetricos da pesca.

Queimadas — Nome que os pescadores do norte dão aos cardumes de sardinha.

Quiaios — Porto de pesca costeira, situado pelo norte do cabo Mondego.

Quinhão — O numero de *partes* ou fracção da *parte* que corresponde a cada pescador pela distribuição do producto da pesca.

R

Rabeira — A rede das armações fixas de pesca que se dirige para o lado de terra.

Rabo — A extremidade posterior dos peixes e crustaceos.

—— A rede das armações fixas que se dirige para o lado da terra.

—— O cabo do enchelevar.

Raia — Peixe achatado das aguas maritimas do alto.

Rainha — Rede triangular que fórma a parte inferior do panno central da arte de *galeão*. Ha o *corpo da rainha* e a *saia da rainha*.

Rainheta — Rede de fio grosso, em fórma de segmento, que cose a *copejada á rainha* na arte de *galeão*.

Ranha — Nome que dão no rio Minho aos pequenos rapidos ou desnivelamentos que existem no leito do rio.

Rapadoira — Pá de ferro no extremo de uma vara, que serve para desagarrar o sargaço de cima dos rochedos.

Rasca — Antiga embarcação de pesca.

—— Rede de enmalhar de fundo de um unico panno, empregada na pesca maritima. Ha a *rasca das raias* e a *rasca das lagostas*.

Rascasso — Peixe das aguas maritimas costeiras.

Rasco — Garfo de ferro na extremidade de uma vara, que se emprega na apanha do mexilhão.

Rascões — Nome que em algumas localidades dão ás *cadouras das redes*.

Ratão — Variedade de raia que tem a cauda em fórma de rabo de rato.

Rebarba — Extremidade superior da farpa dos anzoes e das fisgas.

Rebocar — A faina de dar *reboque*.

Reboque — Arrastamento de um corpo dentro de agua por meio de um cabo alado por uma embarcação ou puxado de terra.

Receptor — Sacco de rede da *barca-volante*, onde se accumula a pescaria.

Recoveira — A vara que sustenta os cabazes da venda do peixe.

Rede — Apparelho de pescar feito com fio mais ou menos grosso, formando malhas, que, deixando passar a agua, retêem os peixes que procuram atravessal-o.

Rede-esteira — Rede de cêrco, ao centro da qual se colloca uma esteira, para receber os peixes saltões na sua quéda.

Redefolle — Pequeno copo de rede, com a fórma conica, que se emprega na pesca dos caranguejos.

Redeiro — Pequena rede de enmalhar de um unico panno, que se emprega na pesca fluvial. Ha o *redeiro de margem* e o *redeiro derivante*.

Redenho — Apparelho de rede para a apanha do sargaço.

—— Apparelho de rede para a pesca do camarão.

Rede-pé — Rede de arrastar para a terra que póde ser manobrada por dois homens.

Regallo — Rede das *mangas* da arte de arrastar, comprehendida entre o *caçarête* e a *mizena*.

Rego de Fontes — Porto de apanha de sargaço, situado pelo norte da embocadura do rio Lima.

Remanso — O espaço tranquillo comprehendido entre a corrente de vasante e a contra-corrente de enchente, ou entre a corrente de enchente e a contra-corrente de vasante.

Repichel — Nome que tambem dão ao *ganapão* na costa occidental do norte.

Repuxo — Haste de madeira com aro de ferro em uma das extremidades, que serve para cravar as estacas da rede *majoeira*.

Resto do sacco — Rede do *sacco* das artes de arrastar que liga com a *bóca*.

Retador — Cabo principal da arte de *galeão*.

Retenida — Cabo que passa nas argolas da tralha inferior do *cerco americano*, e que é destinado a franzir a rede.

Retesar — Esticar um cabo ou rede.

Revezes — Quantia que, em cada 100$000 réis livres da venda da pescaria em Peniche, dá o proprietario das armações a cada homem da companha.

Roaz — Cetaceo, cujo comprimento não excede 9 a 10 metros, e que persegue o atum, causando prejuizos consideraveis quando entra em uma armação fixa.

Robaleiras — Redes de tres pannos, empregadas na arrebentação da barra do Douro, ao largo, e dentro do rio, funccionando como os tresmalhos.

Robalete — Nome que dão em Buarcos e Figueira da Foz ao robalo pequeno.

Robaliço — Nome que dão no norte ao robalo pequeno.

Robalo — Peixe das aguas maritimas da costa.

Roçoeiro — Cabo inferior da tralha das redes de arrastar que roça pelo fundo.

Rodovalho — Peixe chato e grande das aguas maritimas da costa.

Rolim — Peixe das aguas maritimas.

Rolo — Pedaço de madeira de fórma cylindrica, que se colloca por baixo da quilha ou do fundo das embarcações, para as deitar ao mar ou varar em terra.

Romeiro — Peixe das aguas maritimas que acompanha outros peixes.

Roncador — Peixe de fórma da corvina que faz um ruido similhante ao ronco ou grunhido do porco.

Ronquear — Operação de abrir o atum.

Rozario — Enfiada que se faz com as *minhocas* para o apparelho de pescar as enguias. (Veja-se *minhocada, sertelha, rosulho.*)

Ruivo — Peixe das aguas maritimas do alto muito vulgar na nossa costa.

S

Saboga — Peixe pequeno.

Sacada — Rede de arrastar para a terra usada no Minho.

—— Rede de suspensão que se emprega nas armações redondas de Peniche.

Sacada — Arte de pesca do alto usada pelos pescadores de cabos a fóra de Peniche.

Sacco — A rede em fórma de cone, que serve para recolher a pescaria nas artes de arrastar e de cerco.

Sacho — O estribo de madeira da poita de fundear os barcos.

Safata — Peixe das aguas costeiras.

Safio — Peixe cylindrico e comprido das aguas maritimas.

Saguncho — Veja-se *peixe-pau.*

Saia — Rodado que têem algumas redes de pesca, por exemplo a *saia da rainha.* (Veja-se *Rainha.*)

Salema — Peixe das aguas maritimas da costa.

—— Porto de pesca da costa meridional do Algarve.

Salga — Operação de deitar sal no peixe para se conservar.

Salgação — Veja-se *Salga.*

Salmão — Peixe que emigra para as aguas fluviaes, muito vulgar no rio Minho na epocha da desova.

Salmoira — Dissolução do sal em agua, na qual se mergulha a pescaria para se conservar.

Salmonete — Pequeno peixe com manchas acarminadas que frequenta os baixos das embocaduras dos rios.

Salto — Nome que tem a rede de *parreira* usada na ria de Aveiro. (Veja-se *Parreira.*)

—— Passagem subita de um fundo baixo para uma grande profundidade.

Samo — Nome que dão no norte ao *capatão* ou *pargo de catula.*

Santo André (Lagôa de) — Porto de pesca costeira e lacustre, situado na costa ao sul da embocadura do Sado.

Santóla — Nome que dão em algumas localidades á *aranhóla.*

Sapateira — Grande caranguejo, a que tambem dão o nome de *burro* e *caranguejola.*

Sapeira (truta) — A truta de agua doce.

Saramôna — Rede velha das pescadas.

Sarda — Peixe das aguas maritimas similhante á *cavalla,* mas de côr mais azulada e olhos mais pequenos.

Sardinha — Pequeno peixe muito abundante nas aguas maritimas.

Sargaceiro — Homem que se emprega na apanha do *sargaço*.

Sargaço — Nome que dão no norte ás algas e limos.

Sargo — Peixe das aguas maritimas da costa.

Sarguete — Sargo pequeno.

Sarrajão — Nome que os pescadores do Algarve dão ao *bonito*.

Saval — Rede de enmalhar.

Savel — Peixe que entra em abundancia nos rios e rias do continente do reino na epocha da desova.

Saveiro — Barco de fundo chato e duas prôas em bico, que se usa para deitar as artes de arrastar para a terra, na costa occidental do reino.

Savelha — O savel pequeno.

Savelhinha — A *savelha* pequena.

S. Bartholomeu do Mar — Porto de pesca e de apanha de sargaço, situado na costa comprehendida entre o rio Neiva e o rio Cávado.

Secco — Baixo de areia que descobre na vasante ou baixamar.

Sedéla — Fio muito rijo feito da seda por um processo muito especial.

Sedovem — Porto de pesca costeira situado entre Espozende e Apulia.

Segadães — Porto de pesca fluvial do rio Minho.

Seima — Peixe das aguas maritimas.

Seixa — Variedade de caranguejo com o casco amarello e azulado.

Seixal — Zona marginal formada de *seixos*.

—— Porto de pesca situado ao sul do Tejo.

Seixas — Porto de pesca fluvial do rio Minho, a montante de Caminha.

Seixo — Pedra arredondada e lisa.

Senhorio — O proprietario dos barcos e redes.

Serrilha — Linha de espinhas que tem o *carapau* de um e outro lado do rabo.

Sertelha — Apparelho usado na pesca das enguias.

Setubal — Importante porto de pesca, situado na margem direita do rio Sado.

Senrada — Nome que dão em Peniche ao *casul*.

Sineiras — Pequenas boias de cortiça ligadas ao chicote de um cabo delgado, que amarra de distancia a distancia na tralha superior das vandas ou tresmalhos.

Sines — Porto de pesca costeira, situado entre o rio Sado e o rio Mira.

Singelo — Simples. Sem difficuldade.

S. Jacinto — Porto de pesca costeira, situado pelo norte da barra nova de Aveiro.

S. Martinho — Porto de pesca, situado ao norte de Peniche.

Sobresalentes — Artigos do material de pesca, que os pescadores possuem para substituir os que se inutilisam ou perdem.

Soldada — Retribuição fixa e diaria que o proprietario paga aos homens da companha.

Solha — Pequeno peixe chato das aguas costeiras e fluviaes.

Solheira — Rede empregada na pesca das solhas.

Solho — Peixe chato da fórma do linguado.

Solho-rei — Peixe comprido que entra em alguns rios do continente. É o *esturjão*.

Sonda — A altura e natureza do fundo coberto pelas aguas.

Sondar — Operação de deitar a *sondareza*, e determinar a *sonda*.

Sondareza — Apparelho para determinar a *sonda*.

Sopé — Posição relativa do lado de jusante.

Sorêlo — Nome que dão no Minho ao *carapau*.

Soutello — Zona piscosa do rio de Ancora, nas proximidades da ponte de Soutello.

S. Pedro — Porto de pesca fluvial do rio Minho — *S. Pedro da Torre*.

Sul da bôca — O lado da armação fixa opposto á *bóca*.

T

Tagána — Nome que antigamente davam no Ribatejo á *tainha*.

Tagárra — Peixe das aguas maritimas da costa. (Veja-se *tainha*.)

Tainha — Peixe muito vulgar nas nossas aguas costeiras e fluviaes.

Tala — Uma parte do espinel.

Taloeira — Apparelho de fisgar as lulas e chocos. Ha a *taloeira de chumho* e a *taloeira de madeira.*

Tambor — Nome que em algumas localidades dão ao *goraz* (Minho).

Tamboril — Nome que em algumas localidades dão ao *peixe-sapo.*

Tamiça — Cabo delgado feito de esparto.

Tanchar — Systema de pescar fundeando a *sardinheira.*

Tarrafa — Rede de cerco, munida de sacco ou bolço, que se emprega na captura da sardinha.

Tarrafa de mão — Veja-se *Chumbeira.*

Tarrafar — Andar pescando com a *tarrafa.*

Tartaranha — Rede de arrastar pelo fundo a reboque de uma embarcação. Ha a *tartaranha* das antigas muletas e dos modernos botes e bateis do Seixal e Barreiro, e a pequena *tartaranha do camarão,* usada pelos pescadores da Alfama.

Tartaruga — Animal amphibio que rarissimas vezes passa nas aguas da nossa costa.

Teia — O tecimento de malhas e fios do *rabo* de uma armação fixa. Não é propriamente uma rede, mas sim uma *teia.*

Teiroga — O mesmo que *ourega.*

Temporada — Periodo do anno que dura a pesca de uma determinada especie.

Tenca — Peixe das aguas doces.

Tendal — Varas onde se estendem as redes a seccar.

Tentaculos — Os appendices implantados na cabeça do polvo, lulas e chocos.

Tentelhão — Peixe pequeno e esverdeado das aguas maritimas da costa.

Tesão — Antiga rede de pesca.

Testa — A extremidade exterior do *copo* das armações fixas de pesca.

—— O lado das redes perpendicular ás tralhas, onde amarram as forcadas, calões, varelas, etc.

Testinha — A extremidade do corpo da armação fixa, opposta á *testa.*

Tezime — Denominação antiga da rede de *sacada.*

Ticum — Fibra vegetal com que se fabrica o fio de algumas redes.

Tilha — Especie de meia coberta que têem a meio as lanchas da pesca do alto de Caminha.

Tintureira — Grande peixe das aguas maritimas do alto.

Tocha — Porto de pesca costeira situado pelo norte do Cabo Mondego.

Toldo — Compartimento fechado de uma embarcação de pesca, situado á prôa ou á poupa, e que serve de resguardo a parte da tripulação.

—— Lona, brim ou encerado para abrigo do sol ou da chuva.

Tona — A superficie da agua.

Tonina — Veja-se *Toninha.*

Toninha — Cetaceo, cujo apparecimento é muito frequente nas aguas maritimas da nossa costa.

Torquez — A pinça forte que têem alguns crustaceos, por exemplo, o *lavagante* e a *sapateira.*

Torre Alta — Denominação da armação fixa de pesca de Porto de Moz.

Torre Altinha — Denominação que tem a armação de atum da bahia de Lagos.

Torre d'Aspa — Local ao norte do Cabo de S. Vicente, onde antigamente lançava uma armação de atum.

Torreira — Porto de pesca costeira situado ao norte da barra nova de Aveiro.

Torre Velha — Porto de pesca costeira situado entre Cacella e o Guadiana.

Trafaria — Porto de pesca fluvial e maritima, situado na margem esquerda do Tejo, proximo da embocadura do rio.

Tralha — O cabo onde a rede cose em volta ou nos lados maiores.

Trancada — Estacada que atravessa o rio de um lado a outro.

Trancas — Nome que os pescadores do rio Minho dão ao salmão magro depois de ter desovado.

Tranqueira — O mesmo que *trancada.*

Trave — A parte ossea ou cartilaginosa que prende o peito dos peixes á parte inferior da cabeça.

Travessão — O cabo da entralhação de uma armação fixa que aguenta a *testa* e a *testinha* do apparelho.

Través — Direcção prependicular ao rumo que segue, ou a que está aproada, uma embarcação. Posição relativa perpendicular aos lados maiores de um apparelho de pesca em referencia ao eixo maior.

Tremelga — Variedade de raia.

Tresmalho — Rede de tres pannos de enmalhar. Os pannos de fóra denominam-se *alvitanas*, e o *medio*, *miudo* ou *cèya*.

Tripulante — Homem pertencente á tripulação de uma embarcação.

Tripulação — O numero de individuos necessarios para a manobra de um barco de pesca.

Truta — Peixe que frequenta as aguas fluviaes dos nossos rios. Ha a *truta sapeira*, a *truta marisca* e a *truta salmoneja*.

Tubarão — Peixe de grande voracidade, muito raro nas aguas da nossa costa.

Turnos — Grupos de pescadores que systematicamente se succedem no lanço de pesca.

U

Uje — Peixe pequeno da fórma da raia.

Unha — A extremidade dos braços das fateixas e ancoras.

Unhante — Pescador da ria de Aveiro que apanha as enguias á mão.

V

Valbom — Porto de pesca maritima, situado na margem direita do rio Douro.

Valar — Espantar os peixes com as varas para irem de encontro ás redes de enmalhar.

Valença — Porto de pesca fluvial do rio Minho.

Valenciana — Systema de armação fixa de pesca, munida de *chão do copo*.

Vallongo (Forte de) — Armação de pesca do atum da costa meridional do Algarve.

Válo — Rede de enmalhar de cerco.

Vandas — Nome que dão no Douro aos tresmalhos. Veja-se *Tresmalho*.

Vão — O espaço desprovido de redes da entrada das armações de pesca: *vão de boca*.

Vara — Haste de madeira comprida.

Varadouro — Local onde encalham as embarcações de pesca.

Varaes — Varas onde os pescadores estendem as redes a enxugar.

Varar — Encalhar as embarcações de pesca na praia (accepção mais vulgar).

—— Deitar as embarcações de pesca ao mar (Buarcos).

Varélas — Paus das testas das redes de mão.

Varestilha — Apparelho de anzoes.

Variar — Pescar ao anzol com *amostra*.

Varinha — Vara pequena de pesca.

Varino — Pequeno barco de fundo chato e prôa em bico, que se emprega na pesca fluvial.

Varredoura — Rede de arrastar pelo fundo.

Varrer — Systema de pesca, deixando a embarcação derivar com a corrente, emquanto as redes estão dentro de agua, ou os pescadores manobram a fisga.

Vasante — A corrente de refluxo da maré.

Vendagem — Percentagem que recebe o vendedor quando a pescaria é vendida nos armazens (Peniche).

Verdelho — Musgo aquatico.

Verga — Haste cylindrica de madeira, onde amarra a véla das embarcações de pesca.

—— A vaga quando dobra para quebrar. Diz-se: *verga de mar*.

Verniz de gaz — Substancia com que revestem grande numero de cabos de uma armação fixa de pesca, a fim de que não se deteriorem tão facilmente dentro de agua.

Vezugo — Veja-se *Bisugo*.

Vieira — Porto de pesca costeira ao sul da embocadura do rio Liz.

—— Molusco bivalve de conchas frisadas.

Vigia — Homem da tripulação ou da companha que está alerta.

Villa-Chã — Porto de pesca maritima ao norte do Douro.

Villa do Conde — Porto de pesca maritima na margem direita do Rio Ave.

Villa Real de Santo Antonio — Porto de pesca maritima e fluvial, situado na margem direita do rio Guadiana.

Viola — Peixe das aguas maritimas da costa.

Viveiro — Local onde os peixes, molluscos e crustaceos fazem creação.

Voador — Peixe que salta fóra da agua, percorrendo grandes distancias.

Volante — Rede de enmalhar pescadas, de um unico panno. Veja-se *belanta* e *rede das pescadas*.

Volanteira — Rede que se manobra successivamente de uma para outra posição.

X

Xaimão — Cabo que faz fixe na forcada da sardinheira e amarra a outra extremidade á fateixa de tanchar a rede.

Xarnal (mar de) — Região maritima piscosa da costa do Algarve.

Xarrasca — Apparelho especial de linha e anzol para a pesca dos peixes que têem beiços carnudos.

Xarrôco — Peixe das aguas maritimas.

Xávega — Rede de arrastar para a terra usada na costa do Algarve.

—— Embarcação de fundo chato empregada na arte do mesmo nome.

Xilréu — Pequena rede triangular usada na ria de Tavira, Fuzeta, Olhão e Faro para a pesca das lulas e chocos.

Xolra — Antiga rede usada na pesca costeira do Algarve.

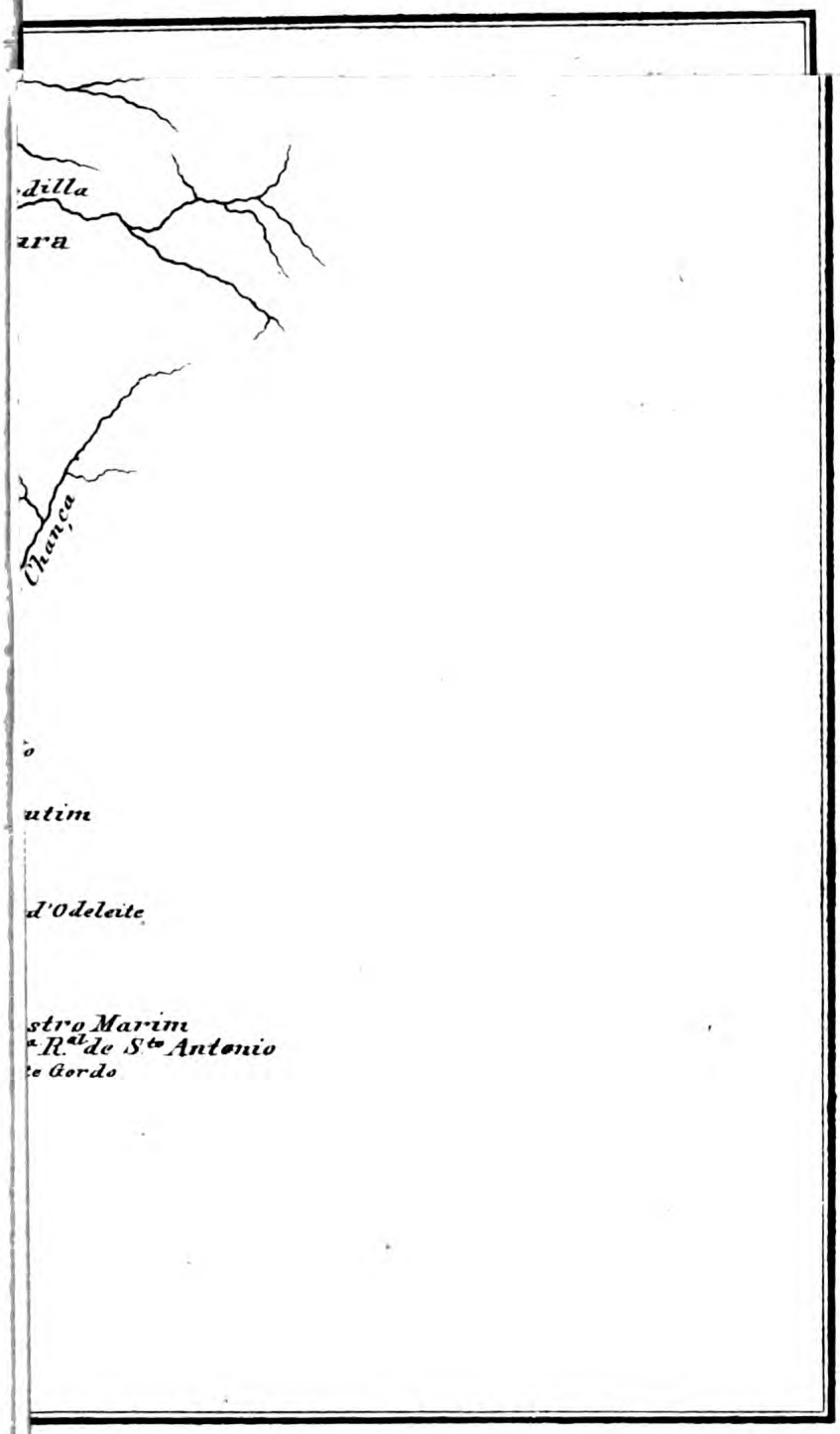
Z

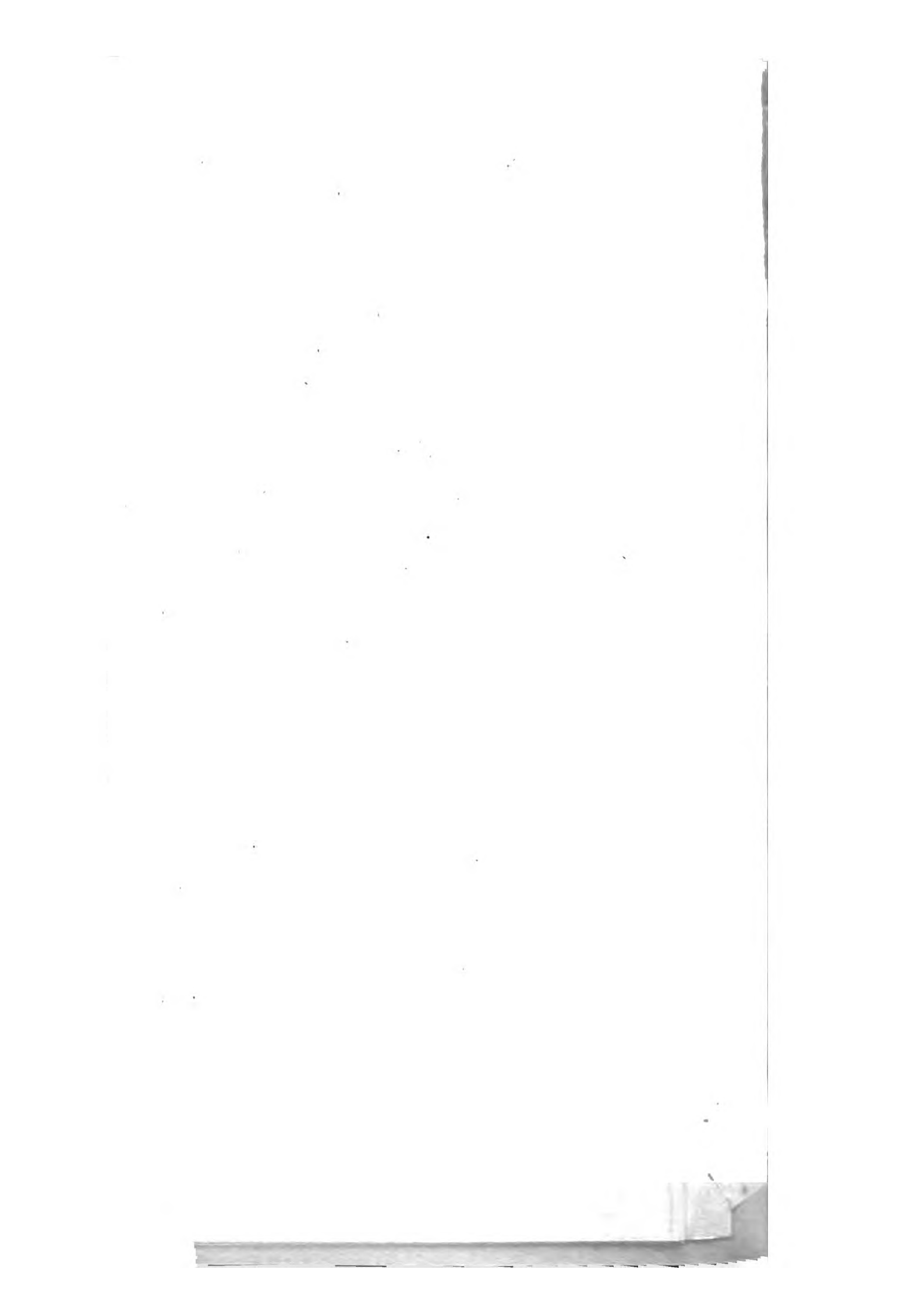
Zangarelha — Nome que os ilhavos dão á *tarrafa* de arrastar.

Zangarelho — Rede de enmalhar de um unico panno, que se deita como a rede das pescadas.

Zimbral — Local da costa do Algarve, onde antigamente se lançava uma armação de atum.

Zorra — Pequena rede de arrastar que se emprega na pesca do caranguejo.


dilla
ura
Chança
o
utim
d'Odeleite
stro Marim
a R.al de S.to Antonio
te Gordo

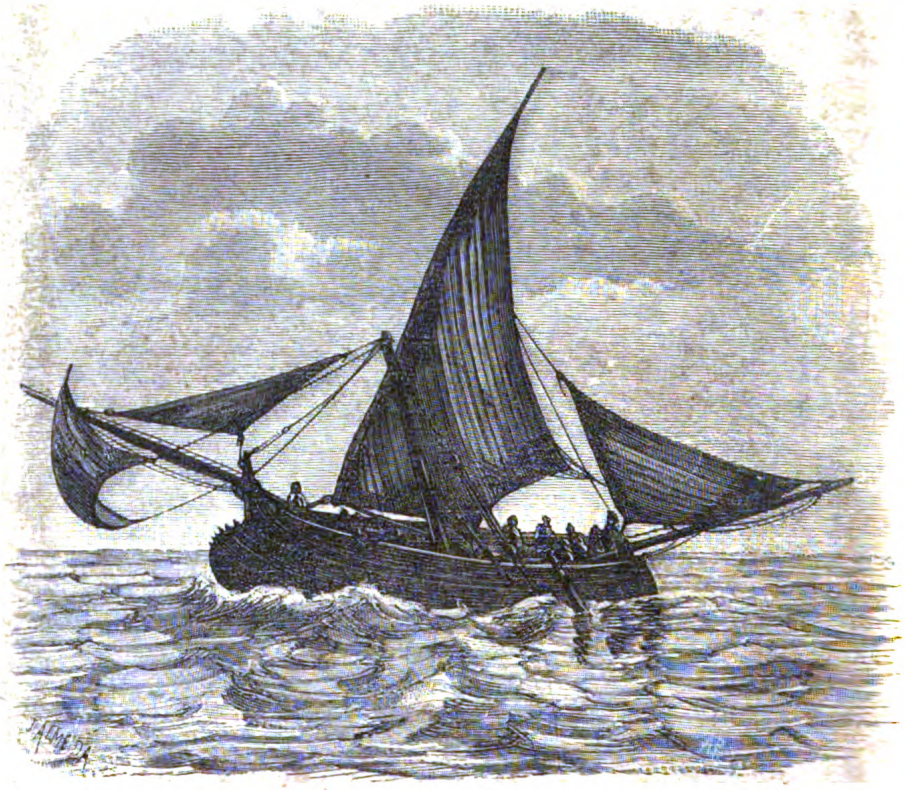


INDICE DOS CHROMOS

	Opp. a pag.
Atum *(scomber thynus)*	4
Corvina *(sciaena aquila)*	6
Pescada *(gadus merlucius)*	10
Teiroga ou ourega *(raja lintea)*	12
Raia espinhosa	16
Raia córva	18
Ratão *(myliobatis aquila)*	22
Tremelga *(raja torpedo)*	24
Peixe-sapo ou tamboril *(lophius piscatorius)*	28
Tubarão *(squalus carcharius)*	30
Cação ou galhudo *(mustelus vulgaris)*	34
Pata-roxa *(scyllium canicula)*	34
Ova do salmão	36
Ovo da caneja	36
Caneja	40
Peixe-agulha	40
Cação recemnascido (tamanho natural)	42
Esturjão ou solho-rei *(acipenser sturio)*	46
Congro ou safio *(muraena anguilla)*	48
Enguia *(muraena)*	48
Lirio *(trichiurus lepturus)*	52
Peixe-espada *(lepidopus caudatus)*	52
Rodovalho *(rhombus laevis)*	54
Pregado *(pleuronecte maximus)*	58
Pargo *(pagrus vulgaris)*	60
Capatão ou samo *(dentex filosus, C.)*	64
Cherne *(polyprion cernium)*	66
Badejo *(gadus pollachius)*	70
Choupa *(cantharus lineatus)*	74
Dourada *(crysophis aurata)*	78
Sargo *(sargus fasciatus)*	80
Goraz *(pagellus centrodontus)*	84
Cachucho *(dentex macrophthalmos)*	86
Besugo *(pagellus acarne)*	90
Peixão	92
Ruivo *(trigla hirundo)*	96
Almuinha (gen.° *trigla)*	98

	Opp. a pag.
Cabra de Argel	102
Cabra *(trigla lyra,* Lin.)	104
Robalo *(labrax lupus,* C.)	108
Lampreia *(petromizon marinus)*	110
Mureia *(muraena helena)*	110
Peixe-gallo *(zeus faber,* Lin.)	114
Cavala *(scomber colias,* Lin.)	116
Sarda *(scomber scomber,* Cuv)	120
Carapau *(caranx trachurus)*	122
Chicarro *(caranx trachurus)*	126
Sardinha *(clupea spratus)*	128
Imperador *(beryx decadactylus,* Cuv.)	132
Judeu *(thynnus thunnina,* Cuv.)	134
Sarrajão ou bonito *(thynnus pelamis)*	138
Chaputa ou freira *(brama raii)*	140
Abrotea *(physis blemiodes)*	144
Peixe-anjo	146
Peixe-porco	150
Vermelhinho	152
Boga do mar *(box vulgaris,* Cuv.)	156
Salmonete *(mullus surmuletos)*	158
Faneca *(gadus luscus)*	162
Tainha ou fataça	164
Bacalhau *(gadus merlangus,* Lin.)	166
Alvor	200
Mugem	202
Linguado *(solea vulgaris)*	218
Carta *(solea azevia)*	220
Solha *(pleuronecte flexus)*	226
Charrouco *(batrachus dydactylus)*	228
Bodião *(labrus turdus)*	240
Escorpião *(trachinus vipera,* Cuv.)	246
Bica *(pagellus erythrinus)*	252
Peixe-pica *(julis vulgaris)*	258
Verdelhão *(crenilabrus Bailloni)*	264
Salmão	278
Savel *(clupea alosa)*	280
Barbo fluvial	316
Truta marisca *(salmo fario,* Ausonii)	342
Boga	346
Pintada	350
Boga do rio Coura	356
Escalo	358
Bogardo	422
Roaz *(delphinus maximus,* Lin.)	426
Peixe-cão	432
Agulhão *(xiphias gladius)*	434
Escolar *(ruvettus pretiossus)*	436
Alcaboz ou cabrão	438

	Opp. a pag.
Peixe-voador	440
Bulideira	442
Piarda	442
Pulga da areia	442
Lagosta *(palinurus vulgaris,* Latr.)	444
Lavagante *(homarus vulgaris,* Edw.)	446
Lagostim *(nephrops norwegicus,* Lin.)	448
Caranguejola *(cancer pagurus,* Lin.)	450
Santola *(maja squinado,* Roudelette)	452
Caranguejo	454
Pilado *(portunus puber,* Lin.)	456
Caranguejo molle	458
Caranguejo gafa	458
Camarão mouro *(crangon vulgaris,* Fabr.)	460
Camarão do rio *(palaemon serratus,* Penn.)	460
Polvo *(octopus vulgaris)*	462
Lula *(loligo vulgaris)*	464
Choco *(sepia elegans)*	466
Ostra	468
Percebes	468
Ameijoa *(tapes decussatus,* Lin.)	470
Berbigão *(cardium edule,* Lin.)	470
Cadellinha *(donax trunculus)*	470
Mexilhão *(mytilus edulis)*	470
Buzio *(murex brandaris)*	474
Caramujo *(littorina littorea)*	474
Corneta	474
Freirinha	474
Lapa *(patela vulgata)*	474
Vieiras da costa do norte	478
Ouriço do mar *(echinus)*	480
Ouriço da ribeira	480
Estrella do mar *(astereas rubens)*	482
Cazul ou cagon	484
Verme do lodo	484
Verme da terra	484
Libelinhas *(demoiselles)*	486
Libelinhas *(demoiselles)*	488
Anzoes para a pesca do salmão e trutas	492
Cabra-cega	492
Mosca de agua	492

APPENDICE AO INDICE DAS GRAVURAS

	Opp. a pag.
Vista prespectiva de uma armação de atum	224
Encoadura	232
Arrastão — *chalut* ou *trawl*	256
Almocreve de Peniche	314
Estacada para a pesca da lampreia	318
Sargaceiros da costa do norte	362
Rasca de pesca	380